RB160, 555

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

GARRETT

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Conservador da Bibliotheca e Museu de Antiguidades Navaes, socio correspondente
da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
da Academia Real das Sciencias da Belgica, da Real Academia de Historia de Madrid,
do Instituto Historico do Brazil, do Instituto de Coimbra,
laureado com a medalha de ouro da Academia Hespanhola no concurso poetico
do segundo centenario de Calderon de la Barca, etc., etc.

OBRA COROADA PELA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

TOMO III

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1884

GARRETT

GARRETT

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Conservador da Bibliotheca e Museu de Antiguidades Navaes, socio correspondente
da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
da Academia Real das Sciencias da Belgica, da Real Academia de Historia de Madrid,
do Instituto Historico do Brazil, do Instituto de Coimbra,
laureado com a medalha de ouro da Academia Hespanhola no concurso poetico
do segundo centenario de Calderon de la Barca, etc., etc.

OBRA COROADA PELA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

TOMO III

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1884

Racontez tout : la postérité fera son choix.

ALEXANDRE DUMAS.

Les détails intimes y abondent. Les détails sont la physionomie des caractères ; c'est par eux qu'ils se gravent dans l'imagination.

LAMARTINE, *Hist. des Girondins*, tom. I, pag. 6, 1851.

À

MINHA PATRIA

AOS QUE EU AMO E AOS QUE ME AMAM

DEDICO E CONSAGRO ESTE LIVRO

T. G. A.

No tomo II d'estes estudos (pag. VIII), escrevi que «seria imperdoavel falta, se, n'um trabalho em que deixo parte da vida, não deixasse indelevel memoria do meu reconhecimento para com todos os que directa ou indirectamente me honraram e auxiliaram». Não julgo demasia repetir aquellas palavras, no acto de largar das mãos o último volume, que, como os dois primeiros, entrego confiadamente á justiça e imparcialidade dos leitores honrados. Agradeço pois novamente do íntimo do coração ás pessoas que por qualquer modo contribuiram para que estas *Memorias* se publicassem:

Ás que solicitamente corresponderam aos meus pedidos, com documentos de qualquer especie, noticias authenticadas, trabalhosas investigações nos archivos e bibliotheças, copias, conferencias, revisões, e conselhos sensatos e affectuosos;

Aos generosos amigos que fizeram acquisição de porções de exemplares; aos que, desejosos de me alcançar o auxilio da nação, pela compra de outros, andaram muitos mezes em vãs solicitações a ministros; aos que promoveram a venda, angariaram assignaturas, ou as tomaram, entre os quaes ha alguns que eu deveria pôr em primeiro logar, se podesse nomeál-os sem ferir a sua modestia, ou sem faltar ao respeito devido ás altissimas posições de uns e ás recatadas virtudes de outros;

Á administração da imprensa nacional, e aos empregados e artistas que ali me auxiliaram, sempre com inexcedivel boa vontade, intelligencia e delicadeza;

E, finalmente, aos criticos benevolos que se occuparam dos meus trabalhos. A todos protesto a gratidão mais profunda e affectiva, deixando-a aqui consignada, para que a memoria d'ella seja ao menos tão duradoira como este livro.

Em alguns d'esses escriptos ha breves reparos, de que tomei nota, e que só poderão ser corrigidos, nos respectivos logares, em futuras edições, se por acaso esta obra as tiver, do que duvido. Felizmente, que eu saiba, nenhum me accusa de erros, com

relação a Garrett[1]. Por serem muito numerosos, e alguns bastante longos, não posso, como desejava, continuar a transcripção que principiei no tomo II de todos os artigos que se publicaram ácerca d'estas *Memorias*. Profundamente sensivel á benevolencia da crítica, entendi que o melhor meio de mostrar-me digno d'ella seria tornar o estudo sobre Garrett tão completo quanto m'o permittissem as poucas forças; e n'este intuito resolvi applicar as despezas destinadas a reproducções de escriptos, que, geralmente, louvavam os meus esforços, á reproducção, por meio da lithographia, de cinco *fac-similes*, que o leitor encontrará no fim d'este volume.

Prometti, no tomo I, que publicaria o catalogo manuscripto das obras de Garrett, por este feito para meu uso; reflectindo, porém, na esterilidade do acto, deixo de o praticar. Seria sem dúvida utilissimo, até como complemento das *Memorias biographicas*, um catalogo do grande escriptor; mas não catalogo banal ou relação inutil de titulos, lardeados de frivolidades, sem interêsse para os estudiosos. Precisa-se de um CATALOGO CRITICO, dando substanciosa noticia de tudo quanto escreveu o nosso auctor, em prosa e verso; não deixando esquecido um unico de seus discursos, por mais pequeno que fosse; as suas cartas; o menor de seus versos ineditos (tudo isto deveria estar desde muito collecionado, e entregue á publicidade, sem exceptuar os fragmentos que pareçam menos valiosos). Infelizmente, similhante estudo exige um volume igual aos tres que escrevi; e eu não tenho já saude, vida, paciencia nem dinheiro sufficientes para mais 'cavallarias altas'. Se esta idéa me occorresse quando comecei a trabalhar, ha trinta e dois annos, provavelmente a teria aproveitado. Agora, é tarde.

Cintra, Villa Estephania, 15 de setembro de 1884.

F. Gomes de Amorim.

[1] Accuso-me eu, porém, de ter dito, a pag. 84, do tomo I, que Antonio Bernardo da Silva tivera por berço a ilha Terceira, quando é sabido, como se vê a pag. 34 do mesmo volume, que nascêra na Horta, ilha do Fayal! D'estes equivocos é difficil escapar.— Já agora, acrescentarei que o meu erudito amigo sr. Joaquim Martins de Carvalho, no seu jornal *O Conimbricense*, de 20 de maio de 1884, assevera que o lente Barjona (no caso que referi a pag. 501 e 502 do tomo II), chamou aos laços miguelistas 'tomates' e não 'morangos'. E diz que possue tambem um exemplar dos estatutos da associação de Saldanha (de que trato a pag. 559 do citado tomo II), no qual, além dos que publiquei, ha mais um artigo addicional, *manuscripto*, para nomeação de socios honorarios; e que a letra d'este é de Antonio Cardoso de Faria Pinto, que foi um dos redactores do *Constitucional*, de Lisboa. Julga o meu amigo que a redacção dos estatutos é do sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde d'este titulo. Não affirmo, porém penso que se engana.

I

Reabertura do parlamento. — A proposta para presidencia annual reaccende a guerra. — Ao nosso auctor importam mais que tudo as formulas constitucionaes. — Inexactidão da acta. — Contra a validade das eleições do Alemtejo. — Rejeita, com outros, a nomeação para rever a lei eleitoral. — Padroados das ordens militares, nunca foram considerados leigos. — Magreza e gordura das leis. — Grande discurso contra o pedido de *bill de indemnidade*. — Verrinas e Verres. Apoia Silvestre Pinheiro. Pede que o advirtam, quando saír dos limites que se impõe. Direito de legislar. Boa pintura do estado da nossa sociedade politica. O poder executivo violou a constituição. Em que caso podia ser perdoado. Diz que approva algumas das reformas. O paiz está farto de banalidades e generalidades, e só quer melhoramentos materiaes. Suppõe nos ministros sómente o instincto da conservação. Caminha-se para o despotismo. Não contradisse o ministro, quando este negou ter ido ao Porto com proposito reaccionario. Absolutistas. Os partidos não morrem. Não o cega a ambição. Salvar o partido, e não a carta. Porque não propõe a accusação dos ministros. Absolutismo velho e novo. — Bello movimento oratorio sobre a liberdade que vae morrer. Proposta com que termina.

I

Julgára-se que o adiamento das côrtes de 1842 restituiria a tranquillidade de que tanto careciam os animos, para dentro em pouco entrarem serenamente no debate das medidas urgentes que reclamava a reorganisação da fazenda pública. Mas, contra toda a espectativa, esse interregno como que deu maior alimento á colera dos partidos. A opposição proseguia na imprensa, taxando de violenta e inopportuna a restauração da carta; e logo que se reabriu o parlamento reconheceu-se, pela renovação das discussões irritantes, que se tinham refeito as forças para combates odientos, e não para as pugnas pacificas da civilisação e do progresso. Entre os membros da

opposição que diligenciavam manter-se firmes sem ira, e fortes sem rancor, occupava Garrett um dos primeiros logares.

II

Por causa da proposta para se approvar a presidencia annual ou não annual da camara, se travára de novo a lucta na sessão de 3 de janeiro. O nosso auctor, que substituíra essa proposta por outra, apoiada tambem por Mousinho de Albuquerque, fallou muitas vezes, algumas com ironia. «Eu não quero senão a historia, mais nada; o direito façam-n'o os srs. deputados como quizerem; são senhores d'elle, teem o seu gesto mudo de se assentarem e levantarem para constituirem as leis d'este paiz e as regras d'esta camara...» «...que queriamos nós, insistindo por esta proposta? Era que a camara, decidindo sobre ella, formasse a these antes de ir á hypothese. Em que tempo do mundo se quiz regular uma hypothese por uma lei, sem querer estabelecer a these d'essa lei? E que nos importa a nós o modo por que depois os homens que teem de pôr em execução essa lei, a hão de cumprir? Eu declaro, em nome de tudo quanto ha santo e verdadeiro, que não me importa depois para nada; o que me importa, porque é grave, porque é importantissimo, porque é o systema representativo que nos interessa, são as fórmulas constitucionaes, que devem ser respeitadas por todos: o governo constitucional, a constituição, a carta, não são senão fórmulas. Por consequencia, é necessario primeiro saber em que lei vivemos; e depois os srs. deputados dirão como querem entender regular a hypothese actual. Quanto a mim, se a questão for pessoal, eu hei de pegar no meu chapéu, e sair para fóra da sala».

III

Indo a pôr-se á votação a sua proposta, pediu José Maria Grande a palavra para que se consultasse a camara sobre se podia resolver, antes da mesa constituida, a materia que em si envolvia a moção do deputado eleito por Extremadura. Depois de José Estevão e Silva Sanches terem fallado, tornou Garrett: «Peço perdão á camara, eu estou caído das nuvens! Peço á camara que deixe tornar a ler aquella proposta, porque quero ver se a entendo. *(Leu-se.)* Ó sr. presidente, realmente não sei aonde estou! Sessão para sempre memoravel nos fastos parlamentares! Sessão em que se propoz um adiamento, depois de estar em discussão o modo de propor a questão á votação! Sessão, em que se propoz uma questão prévia, depois de se ter votado sobre trinta questões da mesma natureza! Sessão, em que se apresentou uma questão prévia no acto de se ir recolher votos sobre a primaria, se apresenta agora como de grande monta e importancia, mas da qual se não fez caso na discussão! Questão que não foi tratada por ninguem, combatida por ninguem! Ó ditoso chefe da maioria, que apenas o verbo saíu da sua bôca, achou logo onde incarnar! Eu faço os meus respeitosos cumprimentos ao sr. ministro do reino; a palavra saída de seus labios fez-se homem, e cobrou corpo; até ahi ninguem sabia o que isto era. *(Susurro.)* Esta é a verdade, estes são os factos, todos nós os presenciâmos, e com isto não faço mais do que exaltar a gloria do sr. ministro pelo disciplinado da sua maioria...»

«... O facto é da historia; n'ella ficará de padrão perpetuo.»

A maioria resolveu que a proposta opposicionista não podia ser tomada em consideração antes de constituida a mesa. E indo a votar-se outra, de José Cabral, que não

passára pelos tramites legaes por que passou a sua, pegou elle no chapéu, declarou que não votava e saíu da sala.

IV

No dia seguinte varios jornaes accusavam a maioria de ter falsificado a acta para encobrir ou negar a authenticidade dos factos. João Baptista, em seguida á leitura da acta, reclamou na camara contra a redacção d'ella, por omissões a respeito da sua proposta da vespera; disse que não se mencionava que passára pelos tramites do regimento para ser admittida á discussão; e notou outras faltas, que considerava graves. Levantou-se discussão; e o secretario Carlos Bento, em defeza do que tinha escripto, fez allusões que desagradaram a Garrett. Esta fallára já duas vezes, quando lhe coube a palavra pela terceira:

«A regra estabelecida pelo regimento, para só fallar duas vezes, é para outras questões; mas quando se trata de liquidar se houve ou não erro na acta, não sei que se possa usar com rigor d'esta mesma regra...

«O sr. *Presidente:*—Eu entendo o que está escripto no regimento...

«O *Orador:*—E eu entendo que essa regra prescripta no regimento não é applicavel quando se trata de justificar e impugnar a inexactidão de uma acta que não interessa a um nem a outro deputado em particular, interessa á camara toda.

«O sr. *Presidente:*—Muito bem; eu peço ao sr. deputado que entre na materia.

«O *Orador:*—V. ex.ª deu-me o exemplo, e eu segui-o: entro na materia. Sr. presidente, o projecto de acta (por ora só projecto) que está na mesa é inexacto; se se persistir em o não corrigir, a acta fica falsa. Isto é o que eu disse; eu sei bem a significação das palavras; sei o uso

que devo fazer d'ellas, e não preciso que m'o ensinem. Eu disse que o sr. secretario, por engano ou esquecimento, tinha omittido isso que eu queria que se declarasse; mas declarei que, querendo a camara insistir que ficasse a acta como estava, disse, e tinha e tenho direito de dizer, que ficava falsa. E não só direito, mas até necessidade e obrigação de fazer esta declaração. As minhas palavras nunca são ditas para offender alguem; mas se me fizerem o contrario, hei de fazêl-o sentir e pagar ao aggressor gratuito. Repito, a acta, se persistirem em a querer como está, é falsa. É um erro chronologico, que fica na nossa historia parlamentar; erro, que não se conhece outro peior. Aqui não ha interêsse de partido; o sr. secretario fez isto com toda a boa fé. Eu não contei com a sua docilidade (allusão a uma phrase de Carlos Bento), mas com a sua honra, com a sua probidade, com a certeza de que não era capaz de ter o pensamento de trazer para aqui interêsses de partido...»

V

A 7 de janeiro, combatendo a validade das eleições do Alemtejo, disse:

«Eu peço a Deus que a illustre commissão (a que déra parecer sobre a eleição) não tenha de se occupar de examinar a reforma judiciaria; porque se acaso fosse incumbida d'esse exame, talvez lhe acrescentasse algum artigo em que se determinasse, que as questões judiciaes fossem decididas pela maioria de votos das testemunhas...»

«... Sr. presidente, custa-me realmente a fallar n'estas miserias; mas como vejo que ellas são sobre um objecto de muita consideração, que eu não escarneço (como alguem), porque tenho a infelicidade de não ter chegado a ponto de illustração tal que trate estas coisas de resto,

por isso é que tomei parte n'esta questão. Quando na carta se auctorisam os empregados publicos, e sobretudo os amoviveis, a serem classificados como habeis para votar, dá-se o remedio para estes fugirem ás iras do governo, estabelecendo o segredo do escrutinio; e por consequencia, apenas se altera esta disposição, está violada a constituição: quebrada esta garantia não é possivel haver liberdade na votação...»

«... Ora não havendo segredo no escrutinio, não está nulla a eleição? Por certo que está. Não obstante isso, a camara ha de approvar esta eleição. Saiba-se porém que d'estas portas para dentro houve quem dissesse que não se devia approvar: e saibam os nossos constituintes, que este não é o systema constitucional. Faço esta declaração porque estas scenas vão augmentando os odios, a ponto que quando se tornar ás nossas instituições naturaes, quando os povos saudosos declararem altamente, que não podem aturar tal systema constitucional, saibam desde já que este não é o systema constitucional da carta, e que eu protesto contra elle; porque é uma illusão, um sophisma posto ás idéas constitucionaes, de que a carta não póde ser accusada: nem ella tem culpa alguma; quem a tem toda são os homens que se intitulam hoje seus defensores. Sei muito bem que isto é inutil; mas é aqui para dentro d'estas portas, não o é manifestamente para fóra d'esta casa, onde essas idéas apresentadas pelos proclamadores da carta podem produzir resultados funestos, que eu desejo afastar mais do que aquelles senhores que tanto dizem advogar a causa constitucional.»

Tendo sido nomeado em 16 pela mesa da camara para a commissão da revisão da lei eleitoral, disse: «É para declarar que não acceito a nomeação; não vou lá, nem funcciono, nem coisa nenhuma d'isso; e se v. ex.ª não substitue o meu nome por outro, fará com isto muito mal; porque eu de certo não vou á commissão para que

a mesa me nomeou». Fizeram iguaes recusas José Estevão, Cesar de Vasconcellos, Avila e Faustino da Gama.

Em 17, fallou largamente sobre direitos do padroado e de outros assumptos que com esse prendiam. Explicou que nunca os padroados das ordens militares foram considerados como padroados leigos: «... em Portugal sabe-se muito bem, que a mesa da consciencia, em regra, mandava pôr a concurso os beneficios das ordens militares. E se pelo rescripto do principe alguma vez se postergava esse direito, e se offendia, não é de certo na epocha em que nós vivemos que se ha de vir argumentar com rescriptos singulares do principe, para constituir direito: — o direito que nós reconhecemos é, e só póde ser, o que os usos e leis do reino, ecclesiasticos e civis, estabelecem. Já se vê portanto que a sua doutrina não póde prevalecer».

VI

E mais adiante: «Eu não sei se deva responder a um nobre orador, que disse uma coisa, em que envolvia uma certa accusação ao systema representativo; a magreza das suas leis, e a gordura, e farto recheio, que elle acha nas leis antigas. Se as nossas leis sáem magras, não é culpa do systema em que vivemos; porque elle manda que ellas venham engordar, nutrir e polir ao parlamento. Se os srs. ministros as mandam magras para a gazeta, em todo o caso não temos nós, não tem o pobre systema representativo culpa d'isso. Seja-lhe a terra leve: não calumniemos os mortos».

Discutindo-se a 23 o *bill de indemnidade* pedido pelo governo, e tendo sido proposta substituição ao artigo 1.º por Silvestre Pinheiro Ferreira, disse, após curto exordio: «... eu não hei de fazer, nem desejo fazer verrinas, posto que não entendo que fazer verrinas seja um

grande peccado, nem deshonra: a deshonra é merecêl-as; o auctor das verrinas foi o maior orador do mundo, o que as mereceu um dos mais infames caracteres publicos que teem existido. Mas o discurso com que se abriu esta discussão póde chamar-se vehemente, poderá taxar-se de injusto por aquelles a quem feriu até á alma, porque nós achàmos injusto tudo quanto é dito contra nós: póde ser uma ardente philippica a favor da liberdade e contra os que a ameaçam: quem a reconhece verrina suspeita-se de Verres [1]. Quanto a mim, protesto que não tive outro empenho em tomar a palavra, n'esta tão grave quanto simplicissima questão, senão o de lançar de mim agora, e para sempre, a mais leve suspeita de que, já não digo pelo meu voto, mas nem ainda pelo meu silencio, concorri na minima parte para sanccionar um acto que acho altamente criminoso na sua essencia, e que não posso considerar desculpavel pelas rasões que até agora tenho ouvido.

«Desejo portanto combater o parecer da commissão; e como entendo que não é justo combater qualquer proposta d'esta gravidade sem a substituir, declaro desde já que hei de pugnar pela substituição de um sr. deputado que se senta proximamente a mim, e que ha tanto tempo é, que será para sempre uma das maiores honras da litteratura portugueza [2]. *(Apoiados.)* Quando eu me julgasse capaz de substituir por outra melhor a fórmula d'aquella substituição, por mais confiança que eu tivesse em minhas tão fracas luzes quanto fortes desejos, eu cederia das minhas pretensões, eu trataria de me convencer a mim mesmo de que era falso amor proprio o que me dominava em querer substituir um trabalho elaborado por quem tanto conhece o systema representa-

[1] O discurso, a que se refere, é dos melhores de José Estevão.
[2] Alludia a Silvestre Pinheiro Ferreira.

tivo, por quem tanto tem mostrado que o conhece, e que tantas provas tem dado e continúa a dar de que não é dominado pelo espirito vertiginoso das paixões, nem pela cegueira de nossos miseraveis partidos, em todos os seus actos e luminosos escriptos. *(Apoiados.)* Ha de porém permittir-me o illustre deputado, cuja substituição eu venho sustentar com meu fraco e timido brado, que, pelas proprias doutrinas n'ella conteúdas, e pelos proprios principios n'ella exarados, e na sua exposição, breve, concisa, mas inconcussa, ha de permittir-me, digo, que eu acrescente, no fim do meu discurso, áquella substituição mais uma ou duas linhas, que me parece hei de demonstrar serem corollario necessario d'aquelles mesmos principios.

«Desejo pois, com toda a sinceridade, não sair d'esta ordem que me prescrevi: considerarei, e com toda a verdade o digo, que, se, por qualquer motivo estranho á minha vontade, eu saír dos limites, que a mim proprio demarquei e que espero manter inviolaveis, considerarei meu amigo, de qualquer dos lados da camara que elle seja, aquelle que me advertir e fizer entrar no recto caminho.

«A questão era, em sua origem, simplicissima. E qual é ella? Digâmol-o em poucas palavras, se podér ser. Os ministros da corôa, os agentes do podèr executivo violaram a constituição do estado, usurpando a auctoridade das côrtes. Debaixo do governo representativo, e em causa ordinaria não ha crime maior nem tamanho. É a violação da lei escripta da carta, é a subversão do direito público natural, que as varias leis das diversas nações podem formular differentemente, mas cuja essencia nenhuma altera porque não póde. Onde quer que a lei social colloque o direito de legislar, ahi fica sagrado, inalienavel, indelegavel. É réu de lesa magestade o que lhe toca. No governo absoluto, assim como na re-

publica, o preceito é o mesmo, igual á severidade da sancção. O que diremos na monarchia representativa, n'este systema de perpetua lucta de principios, esta machina, bella e maravilhosa sim, mas complicada, e de difficil e continuamente arriscado equilibrio, em que é da viciosa natureza humana, e da irremediavel natureza das coisas, que todos os podères do estado na porfiada tenção de manterem sua independencia, de moderarem a acção dos outros, naturalmente propendem sempre a exceder a orbita de sua propria acção, naturalmente inclinam a passar da defeza de seus direitos á conquista dos alheios? O crime é maior e menos perdoavel, porque é mais facil de se commetter, porque ha mais tendencias para elle, porque os seus resultados são mais perigosos, e de mais largas consequencias.

«Que diremos n'uma sociedade como a nossa em que para a massa dos cidadãos nem as idéas constitucionaes estão bem definidas, nem os habitos formados, nem a força da opinião organisada? Cujas recordações todas são ainda absolutistas, e que, nos embaraços inevitaveis que nos offerece esta infancia tão longa, tão impotente e tão dolorosa do systema representativo, por uma natural reacção de sentimento, appellàmos para a antiga e relaxada facilidade do systema velho — que d'esse systema — para sempre impossivel — e ainda bem que impossivel! — estamos já tão longe que lhe não vemos os horrorosos defeitos, mas tão perto ainda que ainda lhe vemos as vantagens?

«Aqui o attentado é muito maior porque é muito mais perigoso, porque assustando e horrorisando menos, póde mais facilmente e com menos obstaculos levar de repente á subversão completa da ordem pública, á destruição da liberdade.»

VII

Quasi sem tomar folego, prosegue, elevando-se sempre:

«Que o senado de S. Petersburgo promulgue uma lei sem receber ukase do imperador — iam para a Siberia os illustres membros d'essa chancellaria — mas a machina forte e inteiriça d'aquelle simplicissimo dos governos não sentia o menor abalo, não corria o menor risco a constituição do estado.

«Que os secretarios d'estado do presidente da União americana fizessem uma lei, ria-se toda a União, desde o golfo do Mexico até ao lago Eyries, os ministros ou talvez o presidente iam provavelmente para um hospital de doudos, e o senado ou a camara dos representantes em Washington podia, sem grande inconveniencia, passar á ordem do dia, depois de alguns momentos de innocente hilaridade sobre o estado do cerebro dos pobres agentes do executivo.

«Mas nós, senhores, nós, que ainda hontem eramos vassallos, e ainda não aprendemos a ser cidadãos, nós, educados no dogma do principio divino, que ainda o outro dia reconheciamos no principe o direito — sempre usurpado sim, mas sempre consentido de nos legislar por cartas, alvarás, decretos e avisos, nós que pretendemos ser, e virtualmente somos, representantes de um povo que ainda não conhece nem os limites da obediencia quando vê a força, nem os termos da resistencia quando a não vê, nós temos dobrada obrigação de ser graves, e escrupulosos no exame d'este grande processo, severos até á dureza no pronunciar da sentença.

«O podèr executivo violou a constituição: e não foi em nenhum de seus accidentes, em nenhuma de suas regras governamentaes, em nenhum de seus preceitos,

foi na essencia mesma do principio constitucional: legislou. O corpo do delicto está feito, os réus confessos. Aos procuradores do povo não se pergunta hoje n'esta solemne discussão se ha crime ou quem são os réus; isso é já feito: pergunta-se-lhes sómente se hão de dar perdão aos culpados ou perseguil-os perante o tribunal.

«Diz-nos a commissão especial no primeiro paragrapho do seu projecto, que perdoemos. Porque? — Póde entrar n'esta questão o favor pessoal dos culpados? É caso este em que as cores de partido, as amisades politicas, nenhumas considerações humanas devam influir? Repare a camara que se deve despir de todas as considerações humanas quanto mais das partidarias. Em um caso sómente se póde dar perdão por tal crime — é o da velha e trilhada doutrina das collisões, que todos sabem: é preciso que os ministros provem, que a illustre commissão provasse e deduzisse, que de não se fazer este mal, outro mal maior se teria seguido.

«A constituição do estado, repito, foi violada no seu ponto capital, essencial, na base mesma do systema representativo, na unica, na mais positiva e essencial, n'aquella que caracterisa a differença entre o systema representativo, e o absoluto. Não se póde pois denominar este facto pela expressão geral de violação da constituição, é a destruição da constituição: não é violada a letra da carta sómente; é violado o principio unico, e transcendente de todo o governo constitucional: ainda digo mais: são violados os principios absolutos de todo o governo, da monarchia representativa, do governo absoluto, do governo republicano, de todas as fórmas politicas possiveis. Não ha governo nenhum, não o houve nunca, não é possivel havel-o, em que não estejam fixadas as pessoas ou corpos do estado a quem compete o poder legislativo.

«Nenhuma auctoridade póde amnistiar similhante cri-

me. Os srs. ministros podem deduzir as rasões que quizerem, a camara póde pronunciar que perdoa: elles não ficam perdoados, porque não havia poder para isso. Em que parte das nossas procurações acham os srs. deputados, de que principios, de que factos deduzem a excepção de necessidade para perdoarem aos ministros? Pois a constituição que auctorisa os poderes do estado a suspender as garantias (o que é violar a constituição), porque não aponta tambem os casos em que violada ella pelos mesmos podères possam elles desculpar-se pela excepção de conveniencia ou da necessidade? Mostremme o artigo da carta em que está tal doutrina? Mostremm'o nas constituições de outros paizes...»

VIII

Depois de demonstrar que a constituição fôra scientemente violada e que não podiam valer ao governo as rasões adduzidas, prosegue:

«... Mas, sr. presidente, se não é possivel sustentar um acto d'estes, a que um celebre ministro da Gran-Bretanha chamaria grossa e grosseira violação da constituição (foram as palavras que eu ouvi pronunciar no parlamento inglez, a respeito de um acto inferior a este), se esta grossa e grosseira violação da constituição se não póde acolher a esses calculos, por mais largos que sejam, como poderá justificar-se o encerramento de um parlamento, cuja espantosa e admiravel maioria s. ex.ª o sr. ministro do reino ainda ha pouco admirou e engrandeceu, sem que antes d'esse encerramento s. ex.ªs viessem á sua compacta maioria pedir um voto de confiança para tomarem essas medidas?!... *(Apoiados.)* Onde hão de ir buscar desculpa para isto? Eu supplico a s. ex.ªs em nome do governo representativo, que apresentem

uma rasão para impor silencio a este brado tremendo, que se ha de levantar de todas as consciencias d'este paiz, que se ha de levantar de todos os partidos e opiniões; porque não é nem póde ser jamais esta uma questão de partido. Emquanto a mim, declaro solemnemente que não sei, não posso, nem hei de nunca olhar uma questão d'esta gravidade com olhos de partido; sei que tenho força bastante para abstrahir de todas as considerações partidarias em questões d'esta magestade...»

«... Não se tinham dado aos ministros anteriores auctorisações para reformar, diminuir e cercear as despezas de todas as repartições? Essas administrações que obtiveram essa auctorisação tinham ellas porventura sido menos combatidas no parlamento do que s. ex.as? Tinham ellas porventura uma maioria tamanha e tão disposta (por motivos que eu não quero analysar, e dos quaes os mesmos srs. deputados são melhores juizes) a conceder tudo quanto os srs. ministros pedirem? Então porque não vieram pedir essa auctorisação?»

«... As reformas são boas — dou-lhes de barato que o sejam; algumas approvo eu, mas nenhuma d'ellas é de uma magnitude tal que justifique a violação da constituição, ou que desculpe o governo de não vir pedir ao parlamento a auctorisação necessaria para a fazer... Mas não foi nada d'isto; sou eu o proprio que o quero conceder; foi (esta é a minha persuasão, e a de toda a gente fóra e dentro da camara) a louca pretensão do governo de querer apparentar de reformador, de se querer justificar, para com os seus defensores, da geral accusação de desperdicio, de dar esse documento de confusão aos seus contrarios politicos; não direi *inimigos*, não sei se s. ex.as os teem (seu contrario politico sou eu, inimigo não), mostrar emfim que acudiram pelo que realmente não zelam nem podem — não, não podem zelar...»

«... Mas o paiz não quer saber d'essas coisas, o paiz está farto d'essas banalidades, d'essas generalidades; o paiz só quer melhoramentos materiaes. Como assim! Pois o paiz que ainda o anno passado se representára aqui alvoroçado, a clamar pela carta constitucional, no que não clamava por mais que por um nome *(Apoiados)*, nome respeitavel, nome santo para mim, e que sempre o foi; esse paiz hoje abandonou tudo isso — não lhe importando que se violem os pontos capitaes d'esse codigo? Já não lhe importa com a carta constitucional, essa carta constitucional que, a risco de tantas calamidades, á custa de tamanho e tão grave prejuizo para os interêsses nacionaes, elle paiz (dizem esses senhores) por força quiz restaurada? Este paiz, repito, já hoje não lhe importa com a carta constitucional, já se lhe não dá de se ver melhorado de instituições, uma vez que se lhe dêem os melhoramentos materiaes! Por este argumento (que querem os srs. ministros que nós digamos?) por este argumento está demonstrado o absolutismo; não querem os srs. ministros que digamos isto, querem chamar-nos a nós absolutistas, porque empregâmos este argumento? Mas, sr. presidente, em que paiz estamos nós? É no Portugal de hoje, no de hontem, ou no de ámanhã? Não é por este modo que se vae impreterivelmente ao absolutismo?

«E já que a palavra, talvez sem muita ordem, mas com mui stricta connexão de idéas, já que a palavra me trouxe a um ponto que tantas vezes tem sido advertido, e ultimamente com tanto calor, permitta-me a camara que diga alguma coisa sobre elle. Eu não accuso os srs. ministros de caminharem ao absolutismo, declaro solemnemente que não penso tal; elles devem fazer-me esta justiça, e os srs. deputados tambem, e que o não digo porque o não entendo, que se o entendesse, o diria com a mesma franqueza; não lhes supponho essas intenções, o que eu

supponho aos srs. ministros é intenções nenhumas *(Riso)*, o que supponho aos srs. ministros é o instincto da conservação e nada mais; mas o instincto da conservação ministerial, e mais coisa nenhuma; este instincto que não é dirigido por nenhuma operação ideologica, este instincto que não é governado por faculdade racional nenhuma acima do instincto, é o que os fez invocar a carta; e uma vez a carta, outra a constituição de 38, alguma vez será a de 20 pura, outra a impura, àmanhã os fará invocar seja o que for, comtanto que vivam mais uma hora, porque não ha nada predominante ahi, senão o amor da conservação ministerial. Fazem-lhe uma grande injustiça os que lhe suppõem outras intenções malignas: fazem-lhe muita honra de mais, os que lhe suppõem outras intenções beneficas.»

IX

«... Mas esta declaração que sinceramente faço, absolve porventura os srs. ministros da accusação de nos levarem ao despotismo? Não absolve; a accusação permanece. Se a tendencia das coisas é para ahi, vae, marcha, caminha, vamos. E uma vez que nós temos de para lá ir (se esta ordem de coisas continuar) melhor fôra que fossemos levados por quem essas tenções podesse formular e encaminhar. Não ha, não sabem; os que o querem nem sabem, nem podem; vamos para Villa Franca aos encontrões, marchando por todos os caminhos mais pedregosos, mais absurdos e mais incongruentes por que se tem marchado ainda para coisa nenhuma: não são os srs. ministros que nos levam; os srs. ministros são empurrados pelas suas proprias obras, que elles não sabem em que sentido vão construindo, organisando e pondo em movimento. Quando ha dois

annos a minha fraca voz, e outras poderosas vozes se levantaram d'este lado da camara, e disseram: «Nós ca-«minhàmos para uma restauração, nós caminhàmos para «uma reacção, os factos levam-nos, as coisas levam-nos, «não ha forças que nos tirem de lá, é necessario mudar «de rumo: porque n'este que levàmos vae-se lá ter.» Que nos responderam? Não soou alto o brado dos srs. ministros, o brado de um dos mesmos ministros, que hoje tambem se senta n'aquelle banco? Que nos diziam? «Havemos de morrer abraçados com esta constituição; «porque nós a queremos, porque o paiz a sustenta, porque as conveniencias o pedem: não ha tal espirito «reaccionario». E eu quero conceder que o não havia na mente, mas havia-o nas obras que se faziam; e esse mesmo espirito, essa mesma tendencia é a que julguei do meu dever denunciar hoje ao paiz, que ha nos conselhos (que não são conselhos), nos desconselhos da soberana: e que para lá nos leva com maré e vento. Sim, estou convencido d'isso, está-o toda a gente que abre os olhos em Portugal, porque não esqueceu ainda o que se passou ha tão pouco... Não, tão cedo não podemos esquecêl-o.

«Accusou alguem o sr. ministro do reino, que era então dos negocios de justiça, de ter ido com deliberadas tenções para o Porto, fazer uma reacção contra o systema que o governava, e pelo qual era ministro. Respondeu s. ex.ª: «Não fui tal». Apoiaram-n'o todos os seus amigos: eu não o apoiei, mas não o contradisse, porque não entro nas intenções de ninguem. Sustentou que não tinha ido com essas tenções. Dobrada rasão para nós nos convencermos hoje de que no estado de coisas actual, no estado de incerteza que todas as situações teem, e d'essa irregularidade com que se tratam todos os negocios, tal desconcerto e imprevidencia levarão, quando menos o esperem, os seus proprios auctores além

d'aquillo que elles desejam. O mesmo foi então, o mesmo é hoje: a vertigem reaccionaria não acalmou, exasperou-se.—«Mas se nós quizessemos acclamar o des-«potismo—disse ainda agora um dos srs. ministros—«iriamos juntar-nos com os defensores do governo abso-«luto, como fez a opposição!»—Sr. presidente, vamos a fallar n'este ponto susceptivel, e eu *sei*, e *posso* fallar sem offender ninguem.

«Em Portugal havia um partido muito grande pelos principios do governo absoluto; o partido constitucional começou por pouco, cresceu, formou-se, e elevou-se a uma magnitude tal que hoje está dividido não sei em quantos partidos, mas em um consideravel numero d'elles. Em todos os partidos ha gente de todas as qualidades, que professam e que seguem a mesma fé por differentes convicções. No partido que sustentava em Portugal os principios de governo absoluto havia muita gente tão amiga do seu paiz, tão zelosa da independencia nacional, tão respeitadora de todas as utilidades públicas, e com tanta auctoridade para se chamar patriota, como qualquer outra que o seja. Mas havia o que tambem ha em todos os partidos, gente que nenhuma consideração d'essas tinha, mas que seguia aquelle partido porque era o mais forte, porque lhe parecia o mais forte, e que o sustentava porque lhe satisfazia, ou promettia satisfazer, ambição, cubiça, todas as paixões boas e más da natureza. Entre os muitos homens que havia n'esse partido, que nos guerreavam, que me teriam sacrificado a mim tambem se me apanhassem, d'onde me vieram, assim como a nós todos, padecimentos, perseguição e exterminio: entre esses homens ha muitos a quem eu hoje e sempre daria a minha mão, a quem hoje e sempre desejaria chamar ao gremio da que supponho melhor communhão portugueza, e estaria prompto a entrar com elles em qualquer negociação politica. Esses homens

foram fieis aos seus principios, porque eram seus principios, na honra d'esses homens tenho a garantia de sua probidade politica, que é a base de toda a associação. Mas com aquelles, sr. presidente, que defendiam a usurpação, não por estarem capacitados dos direitos do principe, que tinham posto no throno, mas porque esse principe tinha força; mas com aquelles que nos dizem hoje que já então professavam outras doutrinas, e que assoalhavam doutrinas oppostas, a estes nem a minha mão, nem o meu braço, nem coisa alguma; tenho horror d'elles; tenho mais, tenho nojo. — O ministerio que veja aonde estão estes homens: não é do nosso lado. *(Apoiados.)* O ministerio que examine, que veja, que declare debaixo de que bandeira estão os homens sinceramente realistas, e aonde os deshonrados apostatas. O realista é homem que professa os principios monarchicos como eu, mas que lhe não admittiu até agora as modificações que lhe impõe o pensamento do seculo, que defendeu sinceramente porque sinceramente prezava a monarchia; esse é um homem de bem: posso estimál-o e desejo honrál-o; o renegado miguelista é um infame com quem não quero nada. *(Apoiados.)*

«Cessem pois, se teem juizo, essas recriminações que os ridicularisam, que podem figurar estupida e chochamente nas columnas d'esses tristes jornaes que por ahi ha, mas que são indignas do parlamento. Deixem os srs. ministros essas accusações miseraveis e banaes para os seus scribleros, mas não venham dizêl-as ao parlamento. Se lhes cumpre, se lhes é util, deixem lavar essa roupa suja no brejo commum, pelas suas lavandeiras do numero; mas não a venham trazer aqui: a casa do parlamento não é estendedoiro para esses farrapos. Que coisa é miguelistas? Que coisa são estas accusações, que continuamente se estão aqui a fazer, porque homens que se achavam opprimidos, injustamente opprimidos só por-

que tinham seguido principios politicos diversos, mas que não tinham inquinado as suas mãos nas torpezas da usurpação — se chegaram naturalmente para aquella parte do partido constitucional que menos acre se mostrava contra elles, que mais prompta se mostrava a estender-lhes a mão, a esquecer os odios civis, a querer a paz da familia portugueza? — Unimo-nos a elles; e porque não, quando se apresentava de um lado a força toda do governo, a força toda de uma revolução recente (e sabem o valor que ella tem, e sabem-n'o á sua custa porque já estiveram do lado dos vencidos), de uma revolução militar que arrasoava com bayonetas e discorria com o murrão acceso? Porque rasão os homens que se achavam destituidos d'essa força, não haviam de estender as suas mãos a outros homens honestos, e que por seus principios o eram, quando se tratava de combater nas eleições os homens que tinham todo o poder e toda a força á sua disposição? Aonde está o crime?... Aonde está o peccado?...

«... Os partidos não morrem, a perseguição é que os fórma, a perseguição é que lhes dá força. Eu que tive o ânimo de o dizer então, posso ter a liberdade de o repetir hoje a estes senhores: e qualquer que seja a minha nullidade, os srs. deputados são obrigados a respeitar em mim o homem que diz hoje o que está dizendo ha sete annos. Os partidos não morrem; não é com perseguições que elles se acabam; pelo contrário: com ellas estão augmentando, estão crescendo, estão dilatando e fermentando debaixo dos pés que indignamente os querem esmagar, estupidamente, loucamente. Eu posso dizêl-o porque não tenho, nunca tive parte em nenhuma d'essas reacções, nem de um lado, nem de outro[1]; tenho-as observado, visto, e lamentado muitas vezes; te-

[1] Quantos poderiam dizer o mesmo de si?!

nho visto vibrar por lei constante, social, infallivel esse pendulo oscillante que ninguem fixa, que agora levaram tanto além, e que ha de reverter, que os ha de escarmentar, que os ha de castigar de tantos erros e loucuras, de tantas injustiças e injurias, porque é uma grande injustiça, é mais que injustiça, é injuria, estar continuamente vituperando um partido que em phrase vulgar *está debaixo;* não se fez impunemente nunca. Estas expressões não são ameaça: eu não me avilto a fazer ameaças impotentes — e em coisas politicas eu verdadeiramente sou o homem mais impotente que ha, porque nunca estive, nunca hei de estar á frente de nenhuma força bruta[1]. Lembro-lhes o que infelizmente é, e cada vez se torna mais inevitavel, se continuâmos a ser dirigidos, — dirigidos, não! — transviados, perdidos por um ministerio, que não tem presente, que não tem futuro, que não tem politica, que não tem principios, que tem só o instincto de viver, que ha de dar o último arranco agarrado ás pastas, como o afogado á cordagem do navio que sossobra e que mais depressa o afunda.

«E pensarei eu isto porque me cegue a ambição, dil-o-hei porque inveje aquelles logares, e me queira approximar d'elles? Appéllo para o proprio testemunho dos srs. ministros, de todas as pessoas que ha sete annos teem tido parte em negocios publicos: nenhum interêsse pessoal, nenhum espirito de partido despertou ainda em mim o menor desejo, fez nascer a menor tentativa de me aproveitar de tantas occasiões em que o podia fazer. Será resentimento, ou vingança? Aqui ha muita gente que me conhece, e que sabe quanto eu sou incapaz d'essas paixões ignobeis — que todavia por nenhum dos srs. ministros podia ser despertada: nenhum me é conhecido por injúria, mais do que um por obsequios — antigos

[1] Verdades incontestaveis, e incontestadas.

e não politicos — se entende. Se eu me lembrasse de offensas, não estaria hoje nos bancos da opposição. Se interêsses, ou considerações humanas me guiassem, os srs. ministros tambem sabem onde eu podéra estar. Não, senhores: agora, como sempre, vou para onde entendo que me manda a causa da liberdade cujo filho sou, a d'esta terra em que nasci, a dos principios que sinceramente professo.»

X

Devia ter legitimo e nobre orgulho, fazendo taes affirmativas. Não me é possivel acompanhál-o, transcrevendo todo este discurso, que dá quasi um livro. Saltemos todavia algumas columnas do *Diario* e ouçâmol-o ainda um pouco:

«A exposição de mais boa fé que se tem apresentado sobre esta questão, no parlamento, foi a que fez um sr. deputado da maioria, pela Beira Alta. É necessario salvar o nosso partido (disse elle), não se trata da carta, de que se trata é de salvar o partido cartista! Oh! sr. presidente, esta é a verdade toda, dita com a maior sinceridade! Santo Deus, onde estamos? A camara quando vota, os srs. da maioria, que são os unicos responsaveis por tudo o que faz a camara, lembram-se de que partido são, e não se lembram que devem velar pela observancia da constituição, em virtude da qual aqui foram reunidos? E é assim que se representa a nação?! E é assim que se promovem os interêsses do paiz?! Pois eu hei de conceber que a maioria da camara, quando vae votar, vae só com o ponto de vista fixo em sustentar o seu partido, e não olha para o que está na constituição?! Pois é para isso que os nossos constituintes nos mandáram aqui?! Mas ainda quando fosse possivel ao legislador, em objectos d'esta magnitude, ter só em vista sustentar

o seu partido, ainda quando esta theoria fosse admissivel, pensam estes senhores que assim é que salvam o seu partido? Aqui não ha meio termo; aqui ha de acontecer por força o que muito bem notou o sr. Silvestre Pinheiro: ou deshonrar o ministerio ou deshonrar-se a camara; ou o ministerio ha de ficar culpado pelo que fez, ou a camara, porque o absolveu. A camara está habilitada para julgar; a camara, se absolver os actos do ministerio, pronuncia-se contra a sua propria condição, suicida-se, trahe-se a si mesma, profere a sentença de morte do seu partido. *(Apoiados.)* Mas dirão: Vós, deputados da opposição, se assim julgaes estes actos, se assim entendeis a constituição, porque não propondes a accusação dos ministros?—Eu espero ainda que appareça este argumento; mas desde já previno os srs. deputados, de que tal não fazemos, porque sabemos qual havia de ser a sorte da accusação: a sua rejeição já está pronunciada. Nós respeitâmos mais o systema representativo, do que os nossos interêsses de partido; não queremos sujeitar a constituição a esse ludibrio; não queremos gastar esse meio constitucional; e já que não podêmos fazer respeitar e temer a lei do estado, ao menos não a queremos ver ludibriada. *(Muitos apoiados do lado esquerdo.)* Sim, sr. presidente: mas eu espero que este estado não ha de durar sempre; parlamentos virão em que os representantes do povo possam usar de seus direitos, e cumprir sem desar sua obrigação; em que, libertas estas cadeiras da usurpação do officialismo, cada um dos que aqui entrarem se colloque na sua verdadeira posição de deputado; em que crimes d'esta natureza sejam julgados como merecem, e por juizes rectos, que saibam desempenhar o seu logar; *(Apoiados.)* por juizes que decidam á vista da lei e do facto, e não pelos mesquinhos e forçosamente torpes interêsses de partido. *(Apoiados.)*

«Dirão agora os srs. ministros: «Mas se vós confiaes «n'esse futuro para o nosso paiz, n'esse futuro de liber-«dade e constancia de instituições, como é que nos ar-«guis de caminharmos para o absolutismo?» E este mesmo argumento já me parece que o ouvi do banco dos ministros. Ninguem diz que o caminho que o governo segue seja para o absolutismo da velha monarchia: esse é impossivel, porque ainda que lhe não falte a vontade, faltam-lhe os meios, os habitos, todo o apparato e rodas da machina destruida, e que muitas d'ellas caíram de pôdres. Mas não é impossivel que um governo despota, fraco, mas violento, temeroso e perseguidor da liberdade, por algum tempo, e de passagem nos atormente: não durador, não o antigo; isso não é possivel: d'esse não receiâmos nós; mas um absolutismo *a la moda*, um despotismo *petit-maître, parvenu*, de *villão ruim*, que é o mais insupportavel de todos. E tambem é o mais curto: sim, mas não o menos intenso no mal que faz, no mal que após d'elle ha de vir, porque as mordeduras da liberdade hão de ser terriveis, hão de ser tanto mais acres quanto mais lhe açaimarem a bôca, segundo a bella expressão do historiador moralista: *acrioris sunt morsus intermissæ libertatis quam retentæ*. Eu confio n'este melhor futuro, mas porque confio n'elle, não se segue que não trema, que não veja, que não presinta já o que esta pobre terra vae soffrer na passagem do despotismo, que nunca vem sem fazer victimas, que nunca se vae sem as levar. Os innocentes e os culpados, os amigos e os inimigos! (*Apoiados.*) D'esse despotismo é que todos nós receiâmos; não é do absolutismo da antiga monarchia, é do novo, que trazendo-nos todos os males, que n'aquelle existiam — não nos dá uma só das garantias que as antigas instituições formulavam.

«Sim, mil vezes sim, que, obrigado a escolher, eu sem hesitar optaria antes por esse governo absoluto,

que fosse regulado por leis e costumes, por um absolutismo que não fosse d'este, que se faz por portaria e decreto nas secretarias do Terreiro do Paço. Não tenho medo que me accusem de absolutista; rio-me e escarneço d'essa accusação.»

XI

Veja-se como é bello o que se segue!

«Não ha pois incoherencia nas nossas asserções: ambas dizem a mesma coisa: sim, nós choràmos a liberdade que vae morrer; mas temos fé que ella ha de resuscitar ao terceiro dia. Sim, senhores, ella tem força, ella tem qualidades divinas bastantes para resuscitar: mas nem por isso deixa de ser passivel de affrontosa paixão e morte. Já suou sangue no Horto, já soffreu as apupadas e o escarneo da gentalha, já a soldadesca a saudou de galhofa, já os consentidores no crime se estão hypocritamente lavando as mãos, já aqui lhe mandam que tome a sua propria cruz e caminhe para o Calvario: por que ruas da amargura ella aqui passa! Cuidam que ha de faltar no Calvario quem a crucifique? Não digo que sejam estes senhores, mas nunca falta quem desempenhe esse bello encargo. E seremos nós tão covardes que na hora do perigo reneguemos vilmente do mestre? Evitàmos seguir com essa infamia que no dia tremendo da resurreição se não torne a derramar o mesmo sangue, mais sangue? Se não renove esta guerra e divisão de partidos, estas hecatombes de homens e principios? Não, mil vezes não: e havemos de fazêl-o com maior encarniçamento, com mais furor, porque é da natureza das coisas, e dos homens. Oh! eu não quizera, para que os meus bisnetos sejam felizes com um governo constitucional que ha de vir, obrigar-me, a mim e a todas estas tres gerações, a passar por esses tormentos

que nos esperam. E como será isto remediavel? Da maneira que o governo marcha, não é possivel.

«Os srs. ministros disseram que tinham feito estas reformas para afugentar o agio, que batia ás portas do thesouro. Oh! sr. presidente, então é a carta um absurdo, se para a defender de argentarios é preciso *descontál-a* a preço tão vil n'esse torpe mercado?! Ora pois, sou eu mais cartista do que estes senhores defensores da carta de agora, e por isso entendo que a camara não tem podèr contra a carta, e não póde portanto absolver similhantes actos. O que a camara póde fazer é tomar o arbitrio que lhe propoz o sr. Silvestre Pinheiro, declarar que renuncia a mandar proceder por emquanto contra os ministros, e passar á revisão dos decretos como propostas de lei.

«Não me opponho a nenhuma, sustento todas as partes d'esta proposta pelo modo e fórma que estão explicadas pelo seu proprio auctor. Mas entendo poder e dever acrescentar-lhe um indispensavel corollario. Eu mandarei por escripto uma proposta ou antes emenda ao parecer da commissão, para que uma muito humilde e respeitosa mensagem, seja enviada a sua magestade. Os ministros de sua magestade pediram o *bill de indemnidade*, o chamado *bill de indemnidade:* eu argumentei contra a possibilidade de o conceder, no sentido em que elles o pediram: n'este não duvido fazèl-o. A camara não fica deshonrada, e aos ministros ainda fica logar de penitencia[1]».

[1] *Diario da camara dos deputados,* 1843. tomo I, pag. 220 e seguintes.

II

Advertencias inuteis. — Emenda não admittida. — Triumpho para os seus principios. — Tem que aprender a lingua outra vez. — Ainda as leis das dictaduras. — O facto é o Pantheon. — Representar scenas, na camara. — Má vontade do presidente. — José Estevão prova que Garrett está na ordem. — Em 1835 ainda não tinha inquinado o pensamento nas miserias dos partidos. — Simas qualifica-o de abalisado jurisconsulto. — Symptomas de descontentamento popular. — Urbanidade com o governo. — Um «Ora, ora!» bem castigado. — Não quer que o seu nome fique marcado com o stygma de barbaro, de fomentador e mantenedor de odios e inimisades civis. — A politica não tinha aridez para Garrett. — Pedido de Silvestre Pinheiro. — Pequenina aventura. — Talvez a inconstancia seja doença e não defeito. — Reflexões repetidas. — Repentina paixão pela 'Outra Banda'. — Denunciam-n'o os *badauds*. — Dançarina V. — Requerimento do filho, nota. — Amores que dominaram a vida do poeta. — Sobre instrucção pública. — Diz que, não sendo grande coisa, se atreve a fazer quatro discursos, que durem quatro dias. — Absurdo, ácerca da escola de Sagres. — Não quer causar estorvos. — Additamento, para que os habilitados pelas escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto recebam o grau de bachareis. — Apoia a reacção religiosa, não no sentido retrogrado mas no de combater o materialismo. — Bello discurso contra a idéa de se dar a estrangeiros a direcção do ensino. — Como queria o conselho de instrucção pública. — Presidencia e maioria facciosas. — A minoria sáe da sala. — Louvavel prudencia de Avila. — Pés de lã para voltarem os frades. — Nicho das *deixas*. — A favor do povo da capital, e da gente saloia. — Contra o imposto. — Opinião sobre morgados. — A que o obriga a procuração de deputado. — Questão de ordem. — Como e quando o povo deve pagar. — Discurso prophetico. — Ora pelos estudiosos. — Subsidio dos deputados. — Conselho de estado. — Indemnisação ao contrato do tabaco. — Não quer ser do regimento de bonifrates. — Prisão de dois deputados. — Censura as violencias praticadas pela força armada. — Livraria do bispo do Porto. — Homenagem ao bibliothecario de Braga. — Combate de novo o orçamento do ministerio do reino. — Proposta admittida, sem elle saber. — Contribuições e contribuintes. — Não restitue os discursos. — Consequencias da prisão dos deputados. — Noticia dada por Bulhão Pato. — Joaquim Bento Pereira. — Carta de Garrett, no *Diario do governo*. — Outra, de Joaquim Bento. — Resposta do poeta. — Duello.

I

Nem o governo nem o paço attenderam ás eloquentes advertencias, feitas no discurso com que termina o anterior capitulo. Não eram ameaças: o proprio orador o

disse; mas foram prophecias, que, realisando-se, mostraram quanto iam longe as previsões do genio. Só annos depois reconheceram que tivera rasão, quando não podiam já aproveitar-se dos seus conselhos!

Voltemos ás discussões da camara, que a natural divisão do meu trabalho me obriga a cortar, para não tornar os capitulos demasiado fastidiosos pela sua extensão. Basta que o sejam pela multiplicidade dos factos, para quem se não interessar pela historia da sua patria, e pela gloria do homem que tanto a illustrou com os seus talentos.

A 24 de janeiro, apresentando a emenda ao parecer da commissão, disse, que comquanto a minoria quizesse abster-se de procedimento legal contra o ministerio, entendia comtudo que se devia expressar ao chefe do podêr moderador, que a camara sentia a maneira inconstitucional por que o governo procedêra desde o adiamento das côrtes. Que este era o sentido de todas as suas emendas, e que protestava, quando lhe chegasse a palavra sobre a materia, demonstrar que se ha parlamentos estranhos, e proprios, em que se tem concedido o *bill de indemnidade*, ha parlamentos tambem em que se tem manifestado ao soberano o desejo das camaras, fazendo-lhe conhecer o procedimento do ministerio, e pedindo-lhe que escolha outro, que mereça a confiança real e a pública. A emenda não foi admittida.

II

Dando no dia seguinte explicação de facto, disse:

«... no outro dia, pela maneira por que fui combatido, obtive o maior e mais insigne triumpho para os principios que professo. E se dos triumphos de principios se podessem tirar reflexões de amor proprio, eu teria saido

d'aqui mais vaidoso do que nunca. Graças a Deus que não é esse o meu defeito! Entenderam tão mal os meus argumentos, traduziram tão mal a exposição dos meus principios, que elles foram apresentados ao juizo d'esta camara, como sendo logares communs de que me tinha servido para combater hoje um partido, do mesmo modo que n'outro tempo me serviam para combater outro partido contrário. Ahi está um triumpho, não meu, mas triumpho dos meus principios; combato de qualquer lado, uma vez que n'elle se dê justiça, rectidão e utilidade pública, triumpho para os meus principios, nenhuma gloria para mim! Estou satisfeito. A sinceridade com que o fiz então, é a mesma com que o faço hoje, oxalá que para bem do paiz (e não de nenhum partido) os resultados não sejam os mesmos; oxalá que se não cerrem os ouvidos a esses principios, como já se cerraram em outro tempo!...»

Attribuindo um discurso ao ministro da fazenda, advertiram-n'o de que não era d'esse, mas do dos estrangeiros: ao que volveu: «Ou dos negocios estrangeiros; s. ex.ª da fazenda ainda se não pôde ouvir n'esta questão tão financeira». Convidado pelo presidente para que se limitasse áquellas partes da sua oração, que foram entendidas incorrectamente, exclama, de modo que faz rir a camara: «Jesus, meu Deus! Eu tenho de aprender a lingua outra vez!» N'outro logar, referindo-se ás leis da primeira dictadura, de D. Pedro:

«Eu, sr. presidente, tinha tido a fortuna de dar a minha pequena parte de cooperação para a confecção d'estas leis; porque eu tinha sido chamado por ordem expressa de sua magestade imperial, para concorrer na confecção d'ellas: n'esta casa ha mais de um testemunho (O sr. Aguiar: — *Apoiado*), de que eu prestei fracos e debeis serviços, mas muitissimos e zelosissimos n'esse trabalho. Cumpria-me portanto defender a obra,

cujo pensamento geral tinha sido do grande homem, que libertou o paiz, que tinha sido desenvolvido por um homem, a quem respeito muito, a quem Portugal deve muitissimo, e contra o qual a opinião tem sido tão ingrata, e a favor do qual, comquanto se lhe deva tanto, ainda um clamor se não tinha levantado!... Tinha eu obrigação stricta de o fazer; porque esse homem teve a firme tenção, o proposito santo de libertar a terra de seus paes. *(Apoiados.)* E se ella ainda está liberta, deve-se a elle».

III

Continuou, dizendo que pelo seu proceder de então se lhe não podia reclamar o voto a favor das leis de agora; porque as outras foram feitas para salvar a liberdade e o throno. Descreveu o estado em que se achava o paiz, quando se deu a revolução de setembro; e defendeu os actos dos ministros que a fizeram: «Eu podia agora aproveitar, de soslaio, como se diz, esta occasião para fazer reverter contra aquelles que em suas imbelles mãos tomaram as armas do ridiculo, cuidando offender os ministros meus amigos, que n'aquella epocha tanto e tão bem mereceram da patria e da soberana. Esteja a camara descansada; não o faço. O Pantheon!... E o que é o Pantheon? É alguma lei ou operação? Quanto custa? Quanto teem gasto com elle?...»

Interrogado pelo presidente, sobre se estava dando explicação de facto ou fazendo rectificação ao seu discurso anterior, volveu que o facto era o Pantheon. O riso provocado por este dito obrigou o presidente a pedir-lhe que se restringisse simplesmente ás explicações. Declarou, após breve discussão, que estava restricta e legitimamente na ordem, com todo o seu sangue frio, e que ninguem o faria sair d'esse estado quando elle

não quizesse; que era miseravel resuscitar-se a questão do Pantheon, para lançar sobre ella o ridiculo. Chamado á ordem pelo deputado Rebello Cabral, leu o artigo do regimento, provando que estava n'ella. Pediu-lhe o presidente que não o obrigasse a tomar resoluções, das quaes se originassem scenas que podessem compromettêl-os.

«Se os srs. deputados — volveu — querem representar scenas, não é minha a culpa; eu não lh'o peço nem agradeço, porque não sou emprezario de nenhum theatro...»

«O sr. *Presidente:* — O regimento diz que mande saír da sala o deputado que não obedecer...»

«O *Orador:* — V. ex.ª póde fazer o que quizer. A decencia das minhas expressões, a delicadeza com que estou expondo as minhas opiniões, a moderação das minhas phrases, e o modo recto e curial, com que tenho explicado factos que eu julgo terem sido apresentados indevida e injustamente no parlamento, farão justiça entre v. ex.ª e mim.»

Dizendo isto, sentou-se, protestando que não continuava; e foi dada a palavra ao deputado Rebello Cabral para provar que Garrett não estava na ordem. O discurso d'este orador irritou José Estevão, que pediu a palavra sobre o incidente. Seguiu-se grande susurro; Xavier da Silva quiz abafar a discussão, porém o ardente tribuno, que estava já de pé, gritou com vehemencia, que a palavra lhe fôra concedida e que havia de fallar. Effectivamente, depois de grande confusão e balburdia, trocadas phrases pouco amenas entre o orador e o presidente, demonstrou José Estevão que Garrett estivera na ordem; e concluiu, dizendo que a camara, accusando-o do contrário, não tinha rasão, nem justiça, nem regimento.

Assim terminou o incidente. Garrett, referindo-se, da

última vez que fallára, a um dos decretos de 1835, proferira estas palavras: «Eu nem estava em Portugal, nem tinha, graças a Deus, então, e oxalá que a minha innocencia durasse ainda hoje, eu não tinha inquinado o meu pensamento (as minhas mãos nunca) o meu pensamento nas miserias dos partidos, quando esse decreto foi feito».

IV

Em 1 de fevereiro, o deputado Simas, combatendo opiniões do nosso auctor, chama-lhe abalisado e insigne jurisconsulto, opinião que até pela competencia de quem a manifesta, contrasta singularmente com as absurdas idéas dos que deram fé aos ditos dos contínuos do tribunal do commercio, a que n'outro logar me referi.

A proposito de um projecto sobre vinhos do Douro, disse João, a 3, que estava justificada uma preposição feita por elle dias antes, na camara, de que a administração não tinha principios nem pensamento algum governativo: e que talvez por causa d'isso, áquella mesma hora estivessem sendo acutilados nas ruas do Porto milhares de cidadãos. Alludia ao facto da agitação popular ali começada, por occasião de se publicarem as listas de novos impostos. O ministro do reino, entrando, deu explicações sobre esses acontecimentos, que provocaram novo discurso de Garrett, o qual terminava assim: «Faço votos, como elle (o ministro do reino), e faço-os sinceros, para que estes symptomas de levantamento se accommodem; mas continúo a estar persuadido, como estava quando fallei, de que estes symptomas de geral descontentamento são devidos á má governação do paiz, e que a má governação do paiz vem da má constituição do gabinete. Isto é que eu disse, e é minha opinião».

A 4, depois de ter advogado generosamente a causa

de umas pobres senhoras, pensionistas do estado, dirigiu cumprimentos ao ministro da marinha[1], qualificando de mui sinceras e leaes explicações as que este acabava de dar sobre classes inactivas. Expoz as suas dúvidas ácerca do projecto do governo, confessando que não lhe instaurava verdadeira questão preliminar, para não crear embaraços, mas que julgava sufficientes as declarações dos ministros para a camara se poder decidir na materia.

Pedindo explicações a respeito da lei de cereaes, em 7, e referindo-se ao artigo 4.º, respondeu-se-lhe com a materia do 3.º Elle tornou: que «não fôra esse o ponto da sabbatina», nem sabia se esta se dera dentro dos limites da urbanidade. Depois de breve discussão, propoz um additamento que tornou mais claro o artigo, e que a commissão acceitou.

V

A 11, exprimindo desejos de que se désse melhor fórma aos trabalhos parlamentares, ouviu varios deputados pedir a palavra, e um: «Ora, ora!...» Respondeu: «Quem unicamente com o fim do bem público, com o fim da utilidade pública trabalha por conseguir algum proveito, deve ter paciencia de ouvir as reflexões que se lhe fazem; estamos tratando uma questão de methodo; não é possivel deixar de haver discordancia; e quem não tem paciencia para ouvir uma contradicção de suas opiniões, realmente está pouco organisado para os trabalhos da discussão parlamentar...»

Doutrina excellente, raras vezes seguida, antes e depois d'aquelle grande orador ter dito essas verdades!

[1] Joaquim José Falcão.

Do seu discurso de 3 de maio extráio os seguintes paragraphos, a proposito de certo subsidio proposto n'um projecto de lei. São pincelladas que dão cada vez maior relevo ao seu retrato moral e politico:

«Sincero defensor como sou, e tenho sido desde a mais tenra idade, da causa da liberdade, não quero, mais por honra d'ella do que pela minha, que nunca o meu nome, por pouco que dure n'esta terra, fique marcado com o stygma de barbaro, de fomentador e mantenedor de odios e inimisades civis. A guerra civil não tem clarins de victoria; nas contendas entre cidadãos, ninguem é vencedor nem vencido. São guerras sem triumpho, disse um escriptor romano; eu digo mais: nas suas victorias não ha vencedor nem vencido; porque, se alguem vence, são os principios, ninguem mais...» E n'outro periodo: «Eu não me reputei nunca vencedor, nunca hei de reputar-me vencido. Reconhecerei, com mais ou menos gôsto, por triumphantes aquelles principios que obtiverem o predominio; homens, não reconheço que vençam outros homens, dentro dos limites do mesmo paiz...»

Conclue: «São passados dez annos, depois que succedeu isso a que se chama victoria; são passados dez annos; e parece que muita gente se esquece de que estamos no anno de 43, para conservar ainda resentimentos que podiam ser, que eram de certo desculpaveis, pela fraqueza da natureza humana, em 1833; mas que são imperdoaveis dez annos depois».

Nobre e generoso exemplo, tão digno de ser seguido e que o foi tão pouco!

VI

Não se julgue que a politica tinha para elle a aridez que tem para tantos outros. A satisfação de concorrer

para o desenvolvimento da civilisação da patria, e os triumphos que diariamente obtinha na tribuna, deviam satisfazêl-o. Além d'isso, amenisava sempre essa existencia tumultuosa com os seus trabalhos de poesia e de litteratura. Nem só os principiantes ou os talentos já viris recorriam aos seus conselhos; tambem o procuravam os homens de maior intelligencia e mais vasta reputação no mundo das letras e das sciencias. Nos seus papeis abundam as provas. Citarei outro exemplo notavel: A 20 de janeiro de 1843 lhe escrevia Silvestre Pinheiro Ferreira, pedindo-lhe que cooperasse com elle na feitura de uma encyclopedia para uso da classe culta mas não scientifica da sociedade portugueza[1]. A carta é um documento honrosissimo para o poeta.

Em abril d'este mesmo anno, uma senhora, apaixonada pelas suas obras, lhe dirigiu do Porto varias cartas anonymas, que, provavelmente, lhe dariam não pouco trabalho á imaginação, de seu natural propensa para esta especie de romances. Pedia-se-lhe um pensamento para album, e ateava-se-lhe a curiosidade, que tinha em excesso. Felizmente, desvendou-se logo o mysterio, não sem que elle tivesse escripto, como lhe pediam, para o correio do Porto. É possivel que o calor das suas expressões assustasse a pessoa que lhe escrevêra. Esta apressou-se a depor a venda, confessando ser irmã de um seu protegido e amigo. Imagine-se como elle andaria no ar, durante essa pequena aventura, sabendo-se que escreveu a José Gomes Monteiro, dizendo-lhe que breve ía ao Porto dar-lhe um abraço, e visitar o irmão Alexandre!

Já disse que o acoimavam de voluvel: a inconstancia talvez seja menos um defeito que uma doença; e acaso nascerá mais das circumstancias do que do caracter das

[1] *Catal. Guim.* – CARTÃO C. – I.

pessoas. Conheci alguns dos que lhe assoalhavam as fraquezas do coração, os quaes fizeram mil vezes mais peccados, sem terem tido uma só das suas virtudes!

Como não é meu proposito — assás o tenho provado — occultar-lhe as fragilidades, seguirei até o fim o processo que lhe instaurei desde o principio da vida. Aos que desapprovem o systema, observarei que nenhum viajante se póde lavar bem lavado da poeira ou da lama dos caminhos, sem que o dispam inteiramente. E se eu não tivesse certeza absoluta, antes de começar estas memorias, de que debaixo das pequenas nodoas mundanas que vou descobrindo ía tirar uma alma vestida de luz, nunca a minha penna faria este trabalho.

Nas salas mais frequentadas pelo poeta, espalhou-se, em 1842 para 1843, que elle manifestára paixão repentina pelos botes cacilheiros, e pelos burrinhos da 'Outra Banda'. Das suas janellas da rua do Alecrim avistava uma grande nesga do Tejo, e um pedaço de Cacilhas; lembrar-se-ía dos seus tempos de rapaz, e das burricadas que tanto amára, sobretudo d'aquella ida a Odivellas, de que falla no prefacio da *Lyrica*. N'uma hora de desenfado, atravessou o rio, experimentou, viu que ainda gostava, e repetiu. Mas... todos os dias?! Pareceu inacreditavel. Espreitado pelos *badauds*, vieram estes dizer que havia mysterio em taes passeios. Submettido por certas pessoas a inquisitorial interrogatorio, respondeu:

— Bem se vê que estamos em tempos de conspirações de farça! Já um homem se torna suspeito, por ir aspirar os ares sadios dos pinhaes do Alfeite e de Corroios! Tranquillisem-se, que não vou lá para fazer caír o ministerio. Vou visitar uma familia de minha particular amisade.

— Bem sei — lhe respondeu com riso sardonico uma das interrogadoras. — Essa familia chama-se... a dansarina V.

— Pobre mulher, coitada!... Fortes linguareiros! É verdade que me pediu, e lhe dei, cartas de recommendação para o Brazil... Partiu hontem[1].

Depois do amor de Deus, do da liberdade e da patria, que foram os da sua trindade santa, outros tres amores lhe dominaram a vida: as mulheres, as letras e a politica. Quando não se entregava simultaneamente a estas tres paixões, é porque uma subjugára momentaneamente as outras duas; mas pouco tempo reinava exclusiva no seu coração. A sua especialidade era... repartir-se. Por mais que ralhasse da politica, tornára-se-lhe tão impossivel passar sem ella como sem aquell'outras duas partes de si mesmo. A poesia servia-lhe para fortalecer todos os amores; as mulheres, para fazer poesia; e a politica... a politica... além das applicações sabidas, para se esquecer de desgostos e picardias. Se não por estas mesmas palavras, gracejando o ouvi expressar a mesma idéa final. Não se estranhe portanto que andemos sempre a entrar e a saír com elle da camara.

Na sessão de 6 de maio, tratando-se do modo de discutir o projecto da reforma da instrucção pública, encontrámol-o a sustentar que aquella materia era gravissima, que a julgava a mais importante que podia ser levada ao parlamento. N'esse discurso disse que não cria nada na geração presente, que as suas esperanças eram

[1] Depois da morte de Garrett, veiu ou mandou a Lisboa um filho d'ella, requerer, pelo ministerio do reino, para poder usar do seu appellido, asseverando ser filho do grande poeta.

Não sei se lhe concederam o que pedia, nem se cabe nas attribuições do ministerio do reino fazer concessões similhantes. Todas as pesquizas a que procedi para achar noticia do requerimento e despacho, foram inuteis. Ao meu bom e velho amigo o graciosissimo poeta Francisco Palha, tão amigo de Garrett, agradeço reconhecido todo o auxilio que me prestou, n'esta e n'outras diligencias mais interessantes.

na futura. E sobre se deveria discutir-se o projecto da commissão de instrucção pública, só, ou com o parecer da commissão ecclesiastica, acrescentou: «Eu fiz meu tambem — e n'isso tenho muita honra em aproveitar os sobejos do meu amigo — fiz meu, e tenho muito gôsto de fazer meu o requerimento do sr. conselheiro esmoler-mór. O ensino ecclesiastico, o ensino dos mestres da religião não póde ser nem absolutamente separado, nem promiscuamente ligado com o ensino do povo. Deus me livre de querer uma classe de pastores que não se una em coisa alguma, que se acostume da infancia a não ter nada commum comnosco, que não tenha os mesmos elementos de educação».

Depois de ter tomado larga parte na discussão, perguntou, após um requerimento, quantas vezes era permittido fallar sobre a materia. Julgava-a muito complexa, e fazia a pergunta por não achar solução para o caso nas regras ordinarias do regimento, que só determina que cada deputado possa fallar duas vezes sobre cada artigo. Suscitaram-se dúvidas; e, acabando de fallar José Maria Grande, tornou: «Quem está a suppor má fé sempre, arrisca-se a ser presumido de má fé». Interrogado pelo outro, acrescentou: «Se eu pretendesse realmente demorar a discussão, ou fazer aquillo que se chama um discurso para brilhar, melhor o podia fazer n'um conjuncto, n'uma massa de idéas, formando sobre ella um longo discurso, usando de todos os recursos que podesse fornecer-me a logica, a dialectica, e até a oratoria, se a tivesse...» «... Eu, que não sou grande coisa, atrevo-me a fazer quatro discursos que durem quatro dias: se querem apostar commigo, faço-os...» «... Ora se nós estivessemos aqui de boa fé, e como deviamos estar todos, e se dissesse que se não usaria de todo o rigor do regimento, inapplicavel a este caso, tudo estava remediado; mas eu estou a receiar o regimento que é duro, e

v. ex.ª que é mais duro que elle (e faz muito bem) a cair sobre nós...»

Tendo tido discussão demorada o adiamento da reforma da instrucção pública, proposto pela opposição, fallou muitas vezes, mostrando que o governo apresentára a lei, acompanhando-a do relatorio que não era mais do que censura, injúria acerba ás leis que estava encarregado de executar e não executou; manifestação de que não entendia o que queria reformar. «Os srs. do governo vieram aqui com o relatorio, do qual se prova que não estavam certos na antiga historia da instrucção do paiz; do qual está provado, que não conhecem a sua historia contemporanea.—Até nos disse, até escreveu que a escola mais antiga de instrucção superior do reino fôra a escola de *Sagres*[1]».

Em 13, propondo a substituição ao mesmo projecto, declarou que, cabendo-lhe fallar duas vezes sobre a materia, a camara o impedíra de dizer uma unica palavra, alterando a ordem natural das coisas por modo revolucionario. Na mesma sessão protestou que não queria causar estorvos; que os deputados da opposição ali estavam dando d'isso documento insigne; porque podiam ir-se embora e tornar impossivel a votação: «Quando se fazem aggravos revolucionarios a uma minoria, ella fica no seu direito de usar de um meio revolucionario para se desforrar.»

Observando-lhe o presidente que não estava fallando sobre a ordem, respondeu que sim e que a opposição estava de boa fé na discussão; mas que fôra aggravada pela camara: «Vamos adiante; isso já me esqueceu». A 15 sustentou e mandou para a mesa alguns additamentos ao projecto de instrucção pública, que Rodrigo da Fonseca acceitou em nome da commissão respectiva. Um

[1] *Diario da camara dos deputados*, vol. v, pag. 183, maio 1843.

d'elles era para que os habilitados pelas escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, segundo o novo programma de estudos, recebessem o grau de bachareis; e que pelo modo que os regulamentos marcassem podessem igualmente obter a classificação de bachareis formados. Os graus de licenciado e doutor, sómente seriam conferidos pela universidade de Coimbra. Fez ainda outro discurso que não restituiu.

VII

Apesar de sentir-se bastante doente, segundo affirmava, compareceu á sessão de 16, porque queria fallar a respeito da organisação da instrucção do clero. Foi com effeito notavel o seu discurso, que encerra os mais elevados principios liberaes. Declarou que apoiava a reacção religiosa, começada a manifestar-se, não no sentido retrogrado, mas no de combater o materialismo que se havia apossado dos espiritos. Quando affirmára que a reacção do sentimento religioso era devida á civilisação do seculo, não negára o que havia de santo na religião, cujo podêr e divina natureza obra constantemente no coração humano; mas tambem sabia que emquanto se prégára que a religião era boa, porque era santa e divina, o seculo fugíra d'ella; e logo que a moderna civilisação, invertendo o argumento, provou que ella era divina por ser boa, o seculo caíra aos pés do Crucificado. Condemnou o facto de se ter dado o ensino inferior ecclesiastico exclusivamente ás auctoridades clericaes; mostra como no ensino superior da universidade de Coimbra não vae a auctoridade ecclesiastica metter-se na instrucção dos ecclesiasticos, e que apesar d'isso teem saído d'aquella escola os mais distinctos prelados que teem honrado a patria e a igreja. Termina dizendo que o governo, para

ser coherente, devia mandar desde já um delegado, algum bispo nacional ou estrangeiro, para a universidade, fiscalisar as escolas nacionaes que lá estão, e pôr-se á frente da faculdade de theologia, a qual tem pugnado sempre pelos fóros da igreja portugueza e pela integridade do dogma catholico: «Não serão absolvidos se lhe não entregarem a instrucção superior ecclesiastica (a qualquer delegado estrangeiro); entreguem-lh'a depressa, levem-lh'a com a alva vestida e a corda ao pescoço; entreguem-lhe não só a instrucção inferior mas a superior, porque na superior ha homens que teem sustentado as immunidades da igreja portugueza, as prerogativas da corôa; e esses homens ainda não estão debaixo do jugo, é preciso submettêl-os a elle, e já!... Eis aqui porque eu não entro na questão e entrego-a á decisão estrangeira; eu não sei votar, porque eu sou portuguez, e não voto nenhuma lei para estrangeiros!...[1]» *(Apoiados da esquerda.)*

Incansavel patriota, volta a fallar, em 17, a proposito da creação do supremo conselho de instrucção pública, proposto por Fonseca Magalhães. N'este discurso ha excellente doutrina. Louva, merecidamente, a universidade, e propõe que de cada faculdade d'ella fosse eleito um professor para membro do conselho. N'este sentido termina o discurso, com uma emenda, que foi admittida. A opposição era pequena em numero, e grande pela in-

[1] Quasi dez annos depois, encarregado das negociações com a curia, sustentou esta doutrina contra o nuncio. Desde annos que as nossas relações com Roma andavam muito embrulhadas. Em 17 de outubro de 1842 dizia a *Revolução de setembro* «que o governo fôra cedendo sempre á curia até introduzir no paiz o germen da desordem, com o schisma que se levantára nas provincias do norte». Mas aquella apreciação era apaixonada. Não foi só o governo d'esse tempo, foram todos, os anteriores e os que se lhe seguiram. A concordata que poz termo ás divergencias das côrtes de Portugal e de Roma, era tambem um remendo, filho de tristes necessidades.

telligencia. De dia para dia aggravava-se a situação do gabinete, apesar da sua immensa maioria, e mais ainda talvez por causa d'ella do que dos membros do governo. Accusava-se o presidente da camara de ser mais governamental que os ministros, deixando fallar os deputados da maioria quando e quanto queriam, e negando a palavra aos outros.

João requereu que, para se não cortar a discussão, se prorogasse a sessão de 17. A camara, consultada de improviso, assim resolveu. Mas logo em seguida propoz alguem que se consultasse sobre se a materia estava discutida. Garrett observa que não podia ser, pela votação que acabava de fazer-se. A maioria, porém, e o seu presidente, pronunciam-se em sentido contrario! O poeta pede repetidas vezes a palavra sobre a ordem e sobre o modo de propor; imitam-n'o os correligionarios, estabelecendo-se discussão entre elles e a presidencia. Insta Garrett por que se não vote em globo, e sim por quesitos; que a minoria deseja votar segundo a sua consciencia; approvar umas coisas e rejeitar outras; e que não quer ser embrulhada. Depois de alguma discussão, e tendo fallado Rebello Cabral contra os pedidos da esquerda, declara que não cede da palavra, que pretendem recusar-lhe. José Estevão ergue-se, protestando que o regimento é igual para todos, e que o presidente se constituia dispenseiro de palavras. Affirma este, tambem com vehemencia, que cumpria o seu dever. Garrett volve: «Eu peço a palavra, e tenho direito a fallar, pelo mesmo modo por que o fez o sr. deputado d'aquelle lado; se o regimento manda que se conceda a palavra aos srs. deputados d'aquelle lado, tambem manda que se conceda a palavra aos deputados d'este lado; a lei é igual para todos». *(Apoiados do lado esquerdo.)*

A presidencia chama os deputados da esquerda á ordem. João observa-lhe que era elle, presidente, o que

primeiro faltava a ella. Ouvem-se vozes do lado esquerdo, exclamando: «Vamo-nos embora». Outras vozes dão apoiados; muitos deputados da esquerda sáem da sala. O deputado Faro e Noronha, instado pela presidencia para explicar o sentido de um requerimento, declara que, quando propozera votação nominal, não tivera em vista o modo de votar por quesitos; tendo-se agora decidido que a votação fosse por quesitos, a exigia nominal para cada quesito. Em seguida saíu tambem da sala.

VIII

Um membro da maioria requer que se faça a chamada e se lancem no *Diario do governo* os nomes dos deputados que saíram. A camara, falta de benevolencia, assim o resolve.

— «Que é, que é?» — interroga Peres da Silva.

— «Que vão ao *Diario* os nomes dos deputados que saíram da sala» — respondem algumas vozes.

— «Sim!... Pois ponham lá tambem o meu.» — E saíu igualmente.

Fez-se a chamada e deu-se conta dos que faltavam. Deveu-se á prudencia de Antonio José d'Avila a solução pacifica do incidente. Avila, fallando com louvavel moderação, pediu que não se fizesse obra por nenhuma das decisões que acabavam de ser tomadas, rogando ao presidente que levantasse a sessão. O seu discurso foi digno e elevado.

João esteve alguns dias sem ir á camara, mandando participar por Silva Sanches que não ía por incómmodo de saude. Comparecendo a 22 de maio, e discutindo-se o projecto dos seminarios e lyceus, apresenta a emenda para que os seminarios a que fosse feita doação entre vivos, ou por causa de morte, ou por qualquer outro

modo, podessem impetrar do corpo legislativo a necessaria dispensa de lei para cada caso singular. Faz sentir que no projecto havia um artigo que se referia ao alvará de 10 de maio de 1806, suppondo outro systema politico; e que por consequencia quem o approvasse approvava coisa que não existia. Em seguida combate a idéa de se encorporarem as aulas primarias nos seminarios, porque os educandos seculares só aproveitariam as migalhas que deixassem os ecclesiasticos. Os seminarios, pelo modo por que os íam estabelecendo, eram os pés de lã para voltarem os frades; a permissão para as deixas e legados bem o demonstravam: «... elles cá veem, e veem mais cedo do que eu esperava: isto é claro, e não ha aqui ninguem que o não veja; muitos d'estes senhores, que estão aqui a conceder estas coisas, mal sabem que estão dando corda para se enforcarem... mal sabem o que estão fazendo; hão de querer recuar depois, mas ha de ser tarde; hão de ir pelo despenhadeiro abaixo...» «Agora veem os padres da doutrina; depois hão de vir os congregados, e no fim de certo tempo o ovo choca-se, e apparece o fradinho!... *(Riso.)* Riem-se? Veremos quem chora depois; eu hei de chorar tambem, se viver!... mas porque eu vejo isto claro; porque não tenho obrigação de fechar os olhos ao que estou vendo por toda a parte do mundo; porque não tenho precisão de ser tolo, lavo as minhas mãos de tudo isso; o ponto de que agora se pretende lançar mão, é o capital; é o da instrucção da mocidade[1].

«Outro nicho lá está arranjado que é o das *deixas;* e a esse respeito já eu mandei uma emenda para a

[1] Accusaram-n'o igualmente de ter querido que voltassem os frades e os jesuitas! Nos seus protestos em favor da reacção religiosa, contra o materialismo e não contra a liberdade, quizeram vêl-o ultramontano! E o mesmo disseram de Herculano, que protestou pelo mesmo modo, e que era tão *reaccionario* como Garrett.

mesa...» «Se os devotos tiverem juizo e virem as coisas como ellas são, não devem deixar nada aos seminarios; porque elles sabem o que succedeu aos bens de tantas corporações, e bem sabem que ainda hoje se acabou de vender o resto da escola polytechnica: portanto bem sabem que deixando bens a essas casas ha de vir um dia em que tornem a ser absorvidos.»

Ainda não voltaram os frades; mas já se teem feito profissões de freiras, á capucha; e só Deus sabe se não virá coisa peior que os frades!

Tratando-se de augmento de direitos nas alfandegas, na sessão de 24, mostrou largos conhecimentos economicos, pugnando a favor da capital e seus arredores, que julgava já muito sobrecarregada de tributos. Queria que o povo soubesse que na commissão de fazenda houve quem duvidasse assignar a sua sentença, assim como havia ainda representantes da Extremadura que oravam pelos interêsses d'essa desgraçada gente: «... e já que o povo vae ser horrendamente sangrado, conheça ao menos quem foram os seus sangradores». «... Não ha hoje na superficie da terra gente mais vexada do que uma proscripta casta de gente chamada *saloia!*... São as alcavalas, os tributos uns sobre os outros, os vexames continuos, as gallinhas com trambolho e sem trambolho *(Riso)*, as vaccas que teem leite e que não teem leite... finalmente o *saloio* anda continuamente a pedir que lhe façam pagar, que lhe tirem o sangue, porque não basta tirar-lh'o, obrigam-n'o a pedir que lh'o tirem!» Mostrou quanto era defeituosa a pauta das sete casas, e que essa é que devia ser melhorada e reformada para produzir resultados efficazes.

IX

Cabendo-lhe a palavra sobre a ordem, em 29, combateu de novo, e vigorosamente, o augmento do imposto,

demonstrando que o guerreára sempre, até mesmo no tempo em que os seus amigos foram governo. Chamou ao projecto 'abominavel e horroroso' acrescentando que se havia coisa ou exemplo a que podesse assimilhar-se, era o d'aquelle famoso decreto de 1808, quando o imperador Napoleão, assumindo a si a propriedade de todos os portuguezes, concedeu que a podessem resgatar pagando parte do seu valor. Já n'essa epocha se fizera o mesmo argumento que hoje fazia a commissão: «tomaram todos ter muito que pagar; porque é signal que mais lhes fica! Pois é bellissimo argumento, mas saibam os illustres deputados que o empregam que elle é roubado ao Junot e ao maneta». *(Riso.)*

Em 30, manifesta as suas opiniões sobre a instituição dos morgados. Declara que a minoria nada mais pretende senão que os bens vinculados sejam postos nas mesmas condições dos allodiaes. Convinha na necessidade inquestionavel dos tributos, mas não em que se votassem cegamente os que fossem propostos: «... não basta que se demonstre a necessidade, é necessario primeiro que tudo provar que a sociedade póde pagar isso, e depois de mostrado isto é necessario mostrar a justiça distributiva com que esse tributo é lançado». Fallou largamente, e como se as questões de fazenda tivessem sido até ali os seus principaes estudos. Concluiu, dizendo que nunca argumentava com a menor esperança de vencer, que a sua procuração, bem como as dos seus collegas da opposição, os mandavam ir ali aturar tudo aquillo, e que não aturavam pouco! «Cumpro com a minha obrigação; argumento, sei que não faço nada, ouço as coisas desagradaveis que me querem dizer, recolho-me com ellas, e tudo isto em virtude da minha procuração. Tendo satisfeito a ella, não me importa mais nada, porque por ora ainda existe a imprensa, por onde se publicam as opiniões que cada um segue, e ficam consignadas

para o futuro. Faço esta declaração para se conhecer que me não agonio quando se rejeita uma idéa minha».

Agoniou-se, comtudo, no dia seguinte (31) com a proposta do ministro do reino, ácerca do projecto de lei que estava em discussão. Fez sentir que essa proposta atacava a carta, mas que elle não devia admirar-se d'ella, pelas espantosas reformas que estava costumado a ver fazer no regimento e nas praticas da camara. Que apesar de ter pedido a palavra com grande calor, reflectindo, conseguíra que lhe esfriasse o sangue, que naturalmente lhe fervia quando ouvia atacar e destruir todos os principios constitucionaes e todas as garantias de liberdade. Contrariamente á sua affirmativa, ía d'esta vez aquecendo, á medida que fallava, entre risadas ironicas ou protestos de desapprovação da direita, e apoiados da esquerda. Tendo crescido o rumor, protestou que podiam continuar porque não o affligiam: «todo este meu enthusiasmo é da cabeça; não é possivel fazerem-me crear odio, nem fazerem-me irritar; sou incapaz de odio, e não me irrito, não me estimúlo...» Instado pelo presidente para continuar, observando-lhe que se tratava de uma questão de ordem, proseguiu assim:

«V. ex.ª diz muito bem que estamos n'uma questão de ordem; mas na questão mais grave, que ainda se tratou no parlamento: hoje se decide aqui, se ha ou não systema representativo *(Apoiados da esquerda);* hoje se decide aqui, se esta camara é camara; hoje se decide aqui, se o governo tem direito á obediencia do povo; hoje se decide aqui, se o povo tem obrigação de pagar tributos; hoje se decide aqui, se é o governo quem vota impostos, ou se são os representantes da nação; hoje se decide aqui, se o povo é obrigado a pagar tributos aos intrusos, ou aos ministros legitimos... *(Apoiados da esquerda*—Vozes da direita:—*Ordem, ordem.)* Ordem?... A camara não decidiu ainda nada; e a minha opinião fir-

me e inabalavel é, que do modo de decidir esta questão depende a obrigação que tem o povo de pagar: lembrem-se que o povo de um paiz constitucional não tem obrigação de pagar, porque lhe mandam pagar *(Apoiados da esquerda)*; lembrem-se que o povo só tem obrigação de pagar, querendo aqui os seus representantes, e pelas fórmulas... *(Muitos apoiados da direita)*; sim, senhor, sim, senhor... e pelas fórmulas que a constituição prescreve, e pela livre deliberação dos seus representantes *(Apoiados)*; lembrem-se mais os srs. deputados que rasgam a sua procuração, quando votam com podêres que n'ella não estão exarados; queimam o mandato, e absolvem os mandatarios da obrigação. *(Apoiados da esquerda.)* Eu não sou provocador, nem nunca fui; nunca lancei mão de meios extra-legaes para remediar o vicio, que está dentro dos limites legaes; mas, quando esses limites legaes forem quebrados, e por aquelles que primeiro são obrigados a guardál-os, entendo em minha consciencia que o direito redobra da parte contrária.

«Concluo, sr. presidente, declarando que pela minha parte, se a moção do sr. ministro for vencida do modo por que elle a propoz, sem mais alteração nem modificação, não tomo parte n'esta discussão; o meu fraco voto não tem nada com estas leis; lavo as minhas mãos das injúrias que o paiz vae soffrer com ellas, e lavo as minhas mãos de outra coisa peior ainda, que é dos resultados que ellas hão de ter, e que infelizmente não vão recaír só sobre as cabeças dos culpados; oxalá que o fossem!...»

Estas palavras pareciam propheticas; se bem que a revolução do Minho se demorasse ainda tres annos, a excitação que a provocou proveiu do lançamento de tributos. Alguem tomou nota d'ellas, mas não foi por amor a quem as disse. Depois, quando chegou o dia do arre-

pendimento, sempre tardio em coisas politicas, reconheceu-se que o poeta tivera rasão e que se fez mal em não lhe dar ouvidos.

X

A 6 de junho fez outro discurso excellente, combatendo diversas disposições do projecto de lei do sêllo, pugnando para que as classes litterarias fossem, senão de todo isentas, muito alliviadas do tributo que se lhes impunha. Propoz differentes emendas, tendentes a beneficiar os estudiosos, algumas das quaes a camara approvou. No dia seguinte esclareceu ainda varios pontos d'essa lei, e conseguiu eliminar d'ella a palavra «capellas». A 8 explicou como entendia que se dirigisse a mensagem á rainha, para agradecer-lhe o ter cedido para as urgencias do Estado parte da sua dotação. E não sendo admittidas as propostas da minoria, votou esta contra a emenda do ministro do reino, approvando comtudo a proposta originaria, para que se mandasse a mensagem. Para tornar mais claro o voto, Garrett e os seus collegas declararam, na sessão seguinte, que, apoiando as propostas rejeitavam a redacção do ministro, votando que fossem a uma commissão que as redigisse de modo solemne e digno. Declararam tambem que votaram contra a fórma do agradecimento á imperatriz, e mais membros da familia real, que fizeram iguaes cedencias de dotação, segundo a proposta do deputado Simas.

Propondo-se que se diminuisse o subsidio dos deputados, disse João que lhe parecia má a idéa, porque podia vir outra camara que propozesse augmento. Votava por que se reduzisse a verba, por acto proprio e individual ou collectivo, mas sem necessidade de acto legislativo. Declarava, não por merito ou por virtude, que nunca recebêra subsidio como deputado, porque recebia o ordena-

do que lhe competia como juiz, sem examinar se era mais ou menos; e que entendia que assim devia proceder para a liberdade da emissão do seu voto. Fez sentir que os juizes de segunda instancia, como elle, quando estavam no parlamento, não recebiam emolumentos porque não eram contados como presentes nas relações, ainda que deixassem trabalhos feitos. E que dizia isso por ser um facto e não por outra coisa. Expoz habilmente a conveniencia de se dar subsidio aos deputados; e confessou com a maior lealdade que nas côrtes constituintes sustentára opiniões contrárias, porém que a reflexão e a experiencia o tinham feito mudar de parecer. Não achava util uma camara de funccionarios, e tambem seria inutil sem elles, pela sua experiencia dos negocios. O deputado empregado público podia, no fim de uma votação, ser demittido, visto que os ministros já tinham dado exemplos d'isso; e perdido o ordenado, que era o rendimento que a lei lhe exigia para poder ser deputado, perdia tambem o logar; era portanto indispensavel que houvesse subsidio para as funcções legislativas. Fallando de si, disse:

«E se tivesse a fortuna de ser grande proprietario, que não sou; de ter uma industria, que não tenho; de ter uma independencia que absolutamente não tenho, nem tive, nem tenho arte para formál-a, eu cederia do subsidio; não estou n'esse caso, e até certo ponto louvo-me de não estar».

No último paragrapho, alludindo ao subsidio para a presidencia, disse que fallava n'isso com certo escrupulo e delicadeza, porque poderia suppor-se, fazendo-se tão pouco cabedal da sua generosidade, que aproveitasse a occasião para ter disputas com alguem: «não sou capaz d'isso, peço que me acreditem, e as pessoas que me conhecem de perto de certo me fazem essa justiça».

Julgava ter motivos de queixa do presidente, no modo por que este distribuia a palavra, e a isso alludia.

A 14 de junho, discutindo-se o orçamento das despezas, e tratando-se do conselho d'estado, demonstrou ser absurdo o que existia com tal nome, porque quatro ou cinco cavalheiros estão em suas casas, sem se occuparem de negocios publicos, sendo chamados de vez em quando para dar voto sobre questões que não estudaram, e das quaes lhe não cabe nenhuma responsabilidade; que o conselho d'estado que elle desejava deveria ser organisado como uma grande secção administrativa, para resolver os pontos capitaes da administração. O que existia era conselho aulico; não tinha outro nome.

XI

Tratando-se no mesmo dia da questão de indemnisação de setenta contos de réis ao contrato do tabaco, protestou energica e eloquentemente contra isso, sem lhe importar com o podêr quasi omnipotente dos contratadores, e provando a sua constante independencia de caracter. Perguntou á camara como é que havia de votar tributos, votando aquelle esbanjamento do governo. Esse discurso, por vezes vehemente, é digno de ler-se pela excellencia da doutrina. Referindo-se á facilidade com que se atacavam principios estabelecidos na carta constitucional, fazendo ou desfazendo leis para servir empenhos, exclamou: «Não sei o que hei de dizer sobre isto. Eu sinto-me, perdôe-se-me, *dépaysé;* cuidei que as leis do paiz eram revogadas só pelo podêr legislativo, cuidei que os males causados por ellas era o podêr legislativo que os devia sanar... Remetto-me ao silencio; suppra elle a intelligencia; haja votos, não ha mais nada».

Do orçamento do ministerio do reino fallou largamen-

te, protestando que, em vista do modo por que se faziam as votações em globo, devia renunciar ao direito de fallar, reputar a sua obrigação satisfeita e declarar aos seus constituintes que lhe era impossivel exercer a procuração que lhe deram. Que similhante methodo, reduzindo a camara a regimento de bonifrates, que se puxa por cordel, o obrigava a fazer a sua profissão, não só para que a camara o desculpasse nos erros e faltas que commettesse na analyse de tamanho trabalho, mas tambem para que os seus committentes soubessem que se elle não cumpria rigorosamente o seu mandato, não era por sua culpa, mas em consequencia do methodo ali seguido. Fallou por vezes com ironia e acrimonia; e dando a hora, ficou com a palavra reservada para a sessão seguinte.

Tendo-se participado á camara, em 16, que n'essa noite haviam sido presos ás duas horas, e soltos ás seis da manhã, os deputados Alves Martins e Vieira de Magalhães, pediu a palavra para censurar o acontecimento e propor que se nomeasse uma commissão especial para inquirir sobre o facto e indicar os meios de ser dada á camara e aos deputados offendidos a devida satisfação. Notou que o caracter de deputado era tão sagrado e respeitado, que até em occasiões de guerra civil se víra elle Garrett coberto e protegido por essa lei de inviolabilidade; que fôra testemunha presencial de diversas violencias, praticadas nos ultimos calamitosos tempos pela força pública; que ainda na vespera, ao pé da casa da sua residencia, viu espancar ás coronhadas, por soldados, cidadãos inermes e pacificos, e entre elles um pobre velho! Que no mesmo dia, estando a uma janella, na rua dos Fanqueiros, a ver uma procissão, os soldados espancavam o povo que não retirava immediatamente, dando-lhe coronhadas e tocando-lhe com as bayonetas na cabeça; que víra um soldado atirar um bayonetaço a

uma creança que estava ao collo de um homem; que o golpe não seria talvez dirigido á creança, mas a pessoa que se esquivára, e que a victima ía sendo aquella; que estes factos recentes recordavam a memoria de antigos e infelizes tempos de governo absoluto, quando a auctoridade militar se reputava superior a todas; e que accusavam as tendencias que tudo levava em Portugal.

Estabeleceu-se controversia que durou muito tempo, não sendo por fim admittida á discussão a proposta de Garrett, e atabafando-se o debate, como era costume [1].

XII

Ainda n'esta sessão apresentou o governo proposta para se pagarem aos herdeiros do fallecido bispo do Porto, D. João de Magalhães e Avellar, 24:000$000 réis, valor julgado e liquidado por sentença, da livraria de que o governo se tinha apropriado, e que por esta lei era doada á bibliotheca pública do Porto. Entrou o nosso poeta na discussão, fallando largamente, e concordando ser inquestionavel a obrigação de se pagar; notou, porém, que havia outra grande questão, que era a da preferencia. O caso da livraria fôra expropriação como outras muitas feitas por causa da guerra, e que talvez devessem ser pagas primeiro do que aquella. Muitos cidadãos da cidade invicta viram arrazadas e destruidas as suas propriedades rusticas e urbanas, e por promessa feita então, da

[1] Bemdigamos o progresso, e o muito que temos caminhado desde então! Prohibia-se (tal era a desgraça dos tempos!) estarem duas pessoas paradas a conversar na rua, de verão depois das onze horas, e de inverno depois das dez! Por isso prenderam os dois deputados; e, talvez por serem da opposição, ficaram no Carmo até ás seis horas da manhã! Adiante veremos o resultado do discurso de Garrett sobre aquellas prisões.

qual elle tinha sido redactor, se assegurou que seriam immediatamente indemnisados; que além da promessa, que era solemne contrato fez-se proclamação, publicada na *Chronica constitucional do Porto,* dizendo-se aos habitantes que tivessem paciencia com as ruinas que o governo era obrigado a fazer nas suas propriedades, porque seriam satisfeitos immediatamente. «Esta proclamação foi falsa; esta promessa não se cumpriu; e é grande questão, seguramente, se deveriam ser preferidas as indemnisações áquelles cidadãos ou a da livraria.» Referiu-se tambem ás ruinas que se viam em volta da capital, aos proprietarios das quaes se fizeram identicos promettimentos, que igualmente deixaram de cumprir-se. Propoz que o governo pagasse metade da livraria, e a camara municipal do Porto a outra metade. Provou a sua generosidade, referindo-se ao bibliothecario da bibliotheca de Braga (Manuel Rodrigues da Silva Abreu), dizendo ser este o homem mais competente que conhecia em Portugal para bibliothecario, e que a camara de Braga preferíra um chafariz a uma bibliotheca, e por isso não concorria para a manutenção d'esse cidadão distincto. Quando ía escrever a emenda, acrescentou: «note-se, que eu vou escrevêl-a, e que, quando escrevo, faço todas as diligencias para que o que escrevo tenha principio, meio, e fim; não sou improvisador de artigos de lei; mesmo em verso nunca fui improvisador, quanto mais em prosa, e em objecto tão grave, que deve ser meditado, e que uma palavra impropria produz um sentido differente».

Não se lhe admittiu a emenda.

Entrando-se na segunda parte da ordem do dia, continuou o discurso da vespera, combatendo o orçamento do ministerio do reino. Esse discurso, de quatro columnas do *Diario da camara,* é modêlo de saber e de bom senso. Fallou por differentes vezes nas sessões immediatas, como fizera em outras anteriores, que não cito, advo-

gando sempre os interêsses do paiz e os da justiça; e na de 20 de junho propoz que em vez de se lançarem 4 por cento nos predios urbanos de Lisboa e Porto, que julgava já assás duramente taxados, se estabelecesse percentagem mais diminuta, que abrangesse os de todo o reino. Tendo esta proposta sido admittida á discussão, sem elle o saber, tomou a palavra para declarar que o facto da não adopção das emendas apresentadas pela minoria era documento claro e positivo de que ella não podia tomar parte nas discussões, nem propor coisa nenhuma para bem do paiz; e que elle orador acceitava em nome dos seus constituintes essa declaração franca e singela. Sendo-lhe observado que a sua emenda fôra admittida, volveu: «Então isto fica para as outras vezes.» *(Riso.)*

Continuou a sustentar a emenda, fazendo largas considerações ácerca da decima predial. E quando se tratava do tempo em que deviam ser arrecadadas as contribuições, disse, entre outras muitas coisas, que achava duro de mais *que cada um désse a corda para se enforcar,* sendo o contribuinte obrigado a ir levar ao cofre a sua parte. Que estava persuadido, a exemplo de outras nações, que era o fisco quem devia ir bater á porta do contribuinte, e não o contribuinte á porta do fisco; que não se devia obrigar o collectado a largar os seus trabalhos, a sua industria, os seus que fazeres para ir pedir ao fisco que lhe acceitasse a sua quota; os collectores são os que deviam andar por casa dos contribuintes, tendo epocha marcada em que fossem receber, porque já eram bem pagos para isso. Como não tinha esperança de que este methodo se adoptasse, o não propunha; mas que mandaria para a mesa uma modificação por escripto, para que ao menos quando os contribuintes não podessem trazer a sua quota aos cofres do fisco, nos prasos marcados, se lhes não impozesse immediatamente a pena de 6 por cento; que se lhes dessem quinze dias mais,

durante os quaes o collector fosse em pessoa pedir o pagamento, pagando o collectado a multa apenas de 1 ou 2 por cento, para os passos do collector. «Eu espero que a camara, descendo da altura da sua inexpugnabilidade fiscal, quererá lembrar-se um momento de que é principalmente procuradora dos contribuintes, e que se dignará de fazer-lhes este favor».

A emenda foi rejeitada.

Na mesma sessão pediu que fossem isentos de decima certos estabelecimentos industriaes que montassem machinas, ao menos nos primeiros dois annos; porque esses faziam enormes sacrificios «para elevarem os seus machinismos alguma coisa mais acima dos machinismos do nosso pae Adão, que ainda hoje são geralmente empregados na maior parte das nossas industrias».

Tanto no fim d'esta como na sessão seguinte, propoz varias emendas para melhorar a redacção dos artigos que se discutiam, e para que fossem isentos de todo o imposto os creados e cavalgaduras das carruagens-omnibus, etc. E nas ultimas sessões d'este mez (junho) fallou tambem, mas, como de tantas outras vezes, não restituiu os seus discursos.

XIII

Reservei para o fim do presente capitulo referir as consequencias que ia tendo a proposta feita á camara pelo nosso auctor, na sessão de 16 de junho, a proposito das prisões dos deputados Vieira de Magalhães e Alves Martins.

Lê-se a paginas 63 do interessante livro do meu prezado amigo e distincto poeta Raymundo Antonio de Bulhão Pato — *Sob os cyprestes*[1]:

[1] Lisboa, livraria Bertrand, 1877.

«Fallei já, n'este livro, no valor e no sangue frio de Garrett em meio das luctas da tribuna; — em todos os outros lances da sua vida apresentava a mesma serena coragem.

«Tenho aqui diante dos olhos uma prova d'esta verdade.

«São umas palavras escriptas no album do nosso primoroso poeta e meu honrado amigo, Antonio Pereira da Cunha, no dia em que Almeida Garrett devia bater-se com um bravissimo soldado — Joaquim Bento, barão do Zezere[1].

«Aqui estão as palavras que mandou ao seu amigo e illustre poeta no dia em que devia realisar-se o combate, 24 de junho de 1843.»

Transcrevo do artigo de Garrett estes dois paragraphos: «Os homens da prosa baixa e villã riem-se d'isto, «mas quando morrem choram... porque tudo o que ti«nham lhes fica na terra[2].

«O poeta leva tudo comsigo, e sorri para a eternida«de, que é sua[3].»

Eis como os factos se passaram:

Joaquim Bento Pereira, depois barão do Zezere, quando Garrett censurava as demasias da força armada contra cidadãos inermes, disse, de modo que o ouviram differentes pessoas, referindo-se ao orador:

—... Tira-se-lhe o chinó e dá-se-lhe com elle na cara.

Passados dois dias, alguns amigos contaram ao poeta que o commandante da guarda municipal se queixára do excesso da sua linguagem na camara. Garrett, amigo pessoal d'elle, foi ler os extractos dos seus discursos,

[1] Ainda não o era. Foi-lhe dado o titulo, a pedido de Saldanha, em virtude da sua adhesão ao movimento regenerador, em 1851.

[2] A allusão ao momento é bem clara. (Nota de Bulhão Pato.)

[3] *Sob os cyprestes*, pag. 64, *in fine*.

e não os julgando claros mandou ao *Diario do governo* a seguinte carta, que se publicou em 20 de junho:

«Illmo sr. redactor do *Diario do governo.* — O modo por que no *Diario,* e nos outros jornaes, foi extractado o meu discurso de sexta feira sobre a prisão de dois senhores deputados, induz em confusão e erro: e desejo muito rectificál-o porque parece que eu quiz fazer grave censura e accusação a um dos mais distinctos officiaes do nosso exercito, que por nenhum modo a merece. Eu não sei, nunca sube facto algum praticado pela guarda municipal de Lisboa que mereça censura, e que portanto do minimo modo reverta em desabono de seu bravo e nobre commandante: o actual caso da prisão dos dois deputados não póde ser caracterisado ainda emquanto as circumstancias d'elle não forem averiguadas.

«Eu disse, e repito, que via com mágoa e indignação que por todos os modos se procurava inspirar aos soldados um espirito de arrogancia, uma idéa de auctoridade que eram verdadeiras sementes de despotismo. Disse, e repito, que eu proprio fôra testemunha de factos que indicavam esta funesta e terrivel propensão. Os factos que citei são succedidos, um na quarta, outro na quinta feira da semana passada. Na procissão dos Martyres vi dar uma coronhada de arma em um pobre velho; e na do Corpo de Deus vi á esquina da rua da Magdalena para a dos Fanqueiros atirar uma bayonetada a outro homem desarmado, a qual ía dando em uma creança de quatro a cinco annos que estava ao collo de um homem.

«Nenhum d'estes atrozes modos de manter a tranquillidade e a ordem foi praticado pela guarda municipal. Se eu soubesse o contrário havia de dizêl-o: mas havia-me de custar muito sempre ter de dizer a minima coisa de que resultasse censura a um amigo. E eu prezo-me de estimar como tal ao digno commandante da guarda mu-

nicipal, fidalgo que junta ás suas outras qualidades a de uma exemplar moderação no desempenho de sua difficil auctoridade, e a quem eu, de mais a mais, sou ha muitos annos obrigado por muitas provas de estima e consideração.

«Resta-me declarar, para que se não tirem d'estas palavras de justiça e de amisade as illações maliciosas do costume, que me não foram por nenhum modo pedidas estas explicações; mas que sou eu, que em justiça e lealdade, e em dever para commigo mesmo, o que as deseja dar.—Saiba que eu sou, etc.=*J. B. de Almeida Garrett.*[1]»

Joaquim Bento, ou porque se doesse das referencias ao despotismo ou porque alguns intrigantes lhe tivessem ido levar a resposta de Garrett, quando a este referiram que o outro dizia que se lhe tirava o chinó e se lhe dava com elle na cara, ficou ainda mais avinagrado do que estava com esta carta. E no *Diario do governo* de 22, a paginas 1:065, publica esta outra:

XIV

«Illmo sr. redactor do *Diario do governo.*—Li hoje a carta, que o sr. Garrett dirigiu a v. s.ª, e que vem inserta no *Diario* de hontem. Não me surprehendeu essa carta; nem trato agora de oppor as palavras, que s. s.ª proferiu na sessão de sexta feira passada, ás palavras que *elle diz* ter em verdade proferido. Appéllo para o testemunho de todas as pessoas que ouviram o sr. Garrett, e deixo em paz os trabalhos tachygraphicos que esses não os tenho eu por documento irrecusavel: todos nós sabemos que os discursos, que se lêem no *Diario das côrtes,*

[1] *Diario do governo,* pag. 1:051, 1.ª col.

nem sempre são os discursos que ahi se pronunciam[1]. Não me surprehendeu, repito, a carta do sr. Garrett, porque o conheço ha muito tempo, e porque sei avaliar os motivos que o determinaram a dar a sua tão franca como *espontanea* explicação. Tinha um illustre deputado referido o facto que occasionou a sua prisão, e a de um collega seu; e o sr. Garrett, que hoje se nos apresenta como exemplar de prudencia, e que já confessa que tal facto *não póde ser caracterisado, emquanto as circumstancias d'elle não forem averiguadas,* pediu a palavra com a maior alacridade; qualificou o facto; injuriou a guarda municipal, que deu como instrumento de certas tendencias, que só elle descobre; pintou Lisboa em estado de quasi completa anarchia; e até pretendeu (que riqueza de imaginação!) offerecer-nos para modèlo a epocha das presigangas, das prisões arbitrarias, e dos assassinios.

«Obrigado o sr. Garrett, segundo elle diz, por um dever *de consciencia, de justiça e de lealdade*, a rectificar as palavras que lhe foram attribuidas, desfaz-se em bajulações ao digno commandante da guarda municipal; levanta a censura que dirigiu a este corpo; e volta-se contra os outros do exercito, que dá como *inspirados por um espirito de arrogancia, por uma idéa de auctoridade, que são as verdadeiras sementes da anarchia.* D'estas palavras, que eu copio com toda a fidelidade[2], só se póde tirar uma illação — a de que os commandantes e officiaes do exercito são os instrumentos (não importa se voluntarios, se involuntarios) d'essa sonhada inspiração.

«O sr. *Garrett* perde o seu tempo quando procura desacreditar os commandantes e officiaes do exercito por-

[1] Fólgo de aproveitar este testemunho, em apoio do que por vezes tenho asseverado no meu trabalho.

[2] Não tanta, que não transcreva *anarchia* por despotismo.

tuguez, e com muita particularidade os dos corpos estacionados na capital. Todos elles sabem respeitar o artigo 115.º da carta; e todos rejeitariam com indignação qualquer proposta, que tendesse a destruir a subordinação dos soldados[1]. Muita gente, é verdade, trabalha por desvairál-os, por inspirar-lhes esse espirito de arrogancia, por conduzil-os a fazer e desfazer ministerios[2]; mas similhante gente não a confunda o sr. *Garrett* com os commandantes e officiaes do exercito.—Não a confunda, torno a dizer; porque, se o praticar, dá mais uma prova da sua tão conhecida *sinceridade*. Quem melhor do que s. s.ª conhece a gente a que eu me refiro? Quem mais do que elle lhe segue as pisadas?... Quem?...— A disciplina dos corpos estacionados em Lisboa é verdadeiramente admiravel; está acima, não digo dos improvisos do sr. *Garrett,* mas de toda e qualquer censura, por mais auctorisada que seja. Os officiaes, que teem mantido a disciplina e subordinação dos soldados, desprezam as invectivas do sr. *Garrett,* ou antes as consideram como um testemunho que os abona: nenhum d'elles deseja ser elogiado por s. s.ª Quando o sr. *Garrett* contar *historias* como as que se diz haverem occorrido nas procissões dos Martyres, e do Corpo de Deus, e appellar só para a sua auctoridade, creia que, em vez de excitar attenção, excitará riso, desprêzo, e nada mais. Concluo, sr. redactor: e se alguem me perguntar porque me contento com esta declaração, responderei em duas palavras: porque satisfações de outra natureza só se exigem de quem as quer e sabe dar.—Sou, sr. redactor—De v. s.ª amigo, v. e c.=*Joaquim Bento Pereira,* major do regimento de infanteria n.º 7.

«Lisboa, 21 de junho de 1843.»

[1] Quantas vezes provou o contrário, tirando sempre d'isso as *legitimas consequencias,* como é sabido?!

[2] Dito por elle, tem graça!

XV

Se quizesse fazer dos meus estudos sobre Garrett pelourinho onde expozesse todos os que o aggravaram e offenderam injustamente, seria necessario addicionar-lhe muitos centenares de paginas; mas nunca foi esse o meu intento. Demais, é conhecida a historia e vida d'este aggressor, para que me seja preciso demonstrar aqui as suas incoherencias. Garrett, pelo contrário, foi constante sempre na sua fidelidade aos mesmos principios, e de uma lealdade incomparavel. Joaquim Bento, então cabralista, que passou a vida a mudar de partido, pertenceu ao numero dos que depois ajudaram a derrubar o conde de Thomar! Está tudo dito.

No *Diario* de 24, a paginas 1:079, responde Garrett áquellas insolencias do seguinte modo:

«Ill.mo sr. redactor do *Diario do governo*.—Rogo a v. s.ª o favor de inserir estas linhas na sua folha de ámanhã, lembrando-lhe que n'estes tres dias não haverá outra folha pública em Lisboa, e que, a não serem ámanhã insertas, eu seria condemnado, por todo esse tempo, a um silencio que não quero nem devo guardar sobre a carta inserta no seu numero de hoje, e assignada pelo sr. Joaquim Bento Pereira.—Se tanto é preciso, requeiro-o em nome da lei.

«Eu dei explicação das minhas palavras a uma pessoa de quem sou amigo—principalmente porque me *não foi exigida*. Se o fôra, não a dava.

«O que na referida carta se diz e o que se quer dar a entender, n'este ponto e nos outros todos, *é falso*.

«Mas *é falsissimo* sobretudo que um homem de bem *não saiba* ou *não queira* dar *satisfação* de outra natureza.

«Eu sei o que basta, quero sendo preciso, e estou

prompto a dar satisfação de qualquer natureza que se me peça, e que se julgue dever eu dar.

«Sou devéras, etc.=*J. B. de Almeida Garrett.*

«Quinta feira de manhã, 22 de junho de 1843.»

No *Diario do governo* tiveram o inqualificavel procedimento de não publicar a carta senão no dia 24!

N'esse dia, porém, já Garrett tinha mandado desafiar Joaquim Bento, por não lhe soffrer o ânimo ficar tanto tempo sem desaffrontar-se. A *Revolução de setembro,* de terça feira 27 de junho de 1843, na primeira pagina, refere os factos occorridos. Diz que «ambos os contendores se apresentaram no campo com decentissima presença. Nem odio, nem susto resumbravam nos seus semblantes. Estavam dispostos a cumprir o accôrdo dos seus padrinhos sem se recusarem ás condições mais duras, e sem as desejarem taes para satisfação de más paixões...» «...Os contendores rivalisaram em generosidade, e concluiram a lucta inevitavel, a que foram levados, por um modo que agradou aos amigos de um e de outro, e aos mesmos, que só se interessavam no caso, pelo muito que n'elle se podia perder.

«Terminado o combate, os padrinhos fizeram reconciliar os contendores, e um ao outro trocaram então phrases, que de certo os honram muito. Um vinha defender a honra militar, que julgou ultrajada; o outro veiu mostrar que não sabia recusar-se a nenhum meio de defender a sua propria.»

E mais abaixo, uma especie de acta:

«Hontem (25) ás cinco horas da tarde bateram-se em duello a pistola, junto ao arco grande das aguas livres, os srs. Joaquim Bento Pereira, e João Baptista de Almeida Garrett.

«Depois de avaliarem bem a importancia da offensa, que dava origem ao duello, accordaram entre si os padrinhos e testemunhas, por parte do sr. Joaquim Bento

Pereira os srs. Domingos Manuel Pereira de Barros e D. Miguel Ximenes, e por parte do sr. João Baptista de Almeida Garrett os srs. Antonio Cesar de Vasconcellos e José Estevão Coelho de Magalhães, que os dois cavalheiros se batessem a vinte passos, e á sorte.

«Chegados ao campo, e cumpridas as formalidades do estylo, caíu ao sr. Joaquim Bento Pereira a sorte de atirar primeiro. Dado o signal, o sr. Joaquim Bento Pereira disparou para o ar — e o sr. Garrett, atirando depois, seguiu este exemplo.

«O sr. Joaquim Bento Pereira requereu ao saír-lhe a sorte, e depois de disparar, um tiro livre para o sr. Garrett, o que lhe foi recusado pelos padrinhos, e dispensado pelo seu contrário[1].»

Por este final de agua morna, não se julgue que Joaquim Bento era fraco, e que armára assim á generosidade do adversario. De inconsistencia politica ha sobeja rasão para accusál-o muitas vezes; de cobardia, nunca.

Foi soldado valorosissimo: jámais o viram voltar a cara ao perigo, fosse de que natureza fosse. N'esta occasião mostrou-se digno e brioso. Tinha insultado Garrett, e duvidára de que este tivesse ânimo para desaffrontar-se; vendo-o no campo, com tanta resolução e sangue frio, apadrinhado por dois homens dos mais valentes do exercito liberal, nobremente reparou o seu erro, atirando para o ar. E provavelmente a consciencia lhe estaria dizendo que, se elle fosse morto pelo adversario, o paiz perdia apenas um soldado; mas que a perda de Garrett seria irreparavel, por este ser insubstituivel. Apesar de 'calças de coiro', segundo então lhe chamaram, teve medo, não do homem, da responsabilidade.

[1] Loc. cit.

III

Elogio historico do barão da Ribeira de Sabrosa. — *Memoria historica de Vieira de Castro.* — *Frei Luiz de Sousa.* — Primeira representação; pessoas que n'ella entraram, nota. — Juizo critico, de Rebello da Silva. — A advertencia. — A traducção allemã, e a mulher do traductor. — Trabalhos do *Romanceiro,* em Campolide. — Prefacio. — Sempre a promessa de escrever *Vinte annos da historia de Portugal.* — Nota a essa promessa, nove annos depois. — Carta a D. Jeronyma Deville. — Tumulo de Adelaide. — Epitaphios. — Como nasceram as *Viagens na minha terra.* — Pedidos de Castilho, nota. — Elogio a si. — A obra que melhor o retrata. — Extractos demonstrativos. — Pintou-se no Carlos, e conheceu Joanninha. — Opiniões de Pato, de Ramalho Ortigão, e do auctor d'estes estudos. — Ainda os Hadley. — Descreve Carlos, nas *Viagens,* como se descreveu a si, no *Entre-acto.* — Frades. — Mude-se-lhe a côr dos olhos, e fica perfeito. — Pensamento de Chateaubriand. — Desculpa as volubilidades do seu heroe. — O coração predominou n'elle mais que a imaginação. — Foi o que o matou. — Carta a Gomes Monteiro. — Reabre-se a camara. — Começa a combater o governo na lei das misericordias e outras. — 'Coisa emendada pela emenda'. — 'Se isto é fallar!' — Pune Felix Magalhães de o aggredir. — Explicações attenciosas d'este. — Mais chicanas com a presidencia. — Começo do anno de 1844. — Substituição ao projecto de resposta ao discurso da corôa. — Accusação infundada. — Revolta de Torres Novas. — Scena de costumes parlamentares. — Appella para a nação e para os seus constituintes. — Suspensão de garantias, perseguições e visitas domiciliarias. — Derrota e fuga dos sublevados. — Prisões. — Garrett fica retido em casa do ministro do Brazil. — Assaltos á sua morada. — Violencias incriveis. — Violação das cartas, no correio, nota. — Carta de J. Estevão. — Novas advertencias salutares, não attendidas.

I

Com as sessões das côrtes, com as catilinarias, como por vezes se podem qualificar esses famosos discursos parlamentares, admiração e exemplo de todos os que os lêem e estudam, ia o nosso auctor entremeando sempre os seus trabalhos litterarios.

Em 1841 lêra no conservatorio real de Lisboa o *Elogio historico do barão da Ribeira de Sabrosa*[1]. Além de

[1] *Memorias do conservatorio,* Lisboa, imprensa nacional, tomo II, (sem primeiro) 1843, de pag. 60 a 68. E tomo XXIII das *Obras,* Lisboa, 1871, pag. 381 e seguintes.

impresso, n'este anno de 1843, na collecção do conservatorio, distribuiu-se em separado. N'este primor de estylo, recheiado de moral e de philosophia, dá excellente lição de historia, com as noticias biographicas de Rodrigo Pinto Pizarro. Ahi diz quanto é indispensavel a indissoluvel alliança de toda a politica com a litteratura e com as artes, porque sem isso a civilisação é impossivel, o progresso falso e frustrados os fins da sociedade humana: «D'aqui vem que nenhum principio ainda foi grande e glorioso, nenhuma republica feliz, nenhum povo livre devéras se esta alliança não foi perfeita — e decairam os maiores estados, e vieram á servidão as mais livres nações onde quer que o podèr, de alliado se fez tyranno, e opprimiu, ou — o que ainda é peior — desprezou as suas auxiliares[1]».

Tambem n'este anno escreveu e publicou a *Memoria historica do conselheiro Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro*[2]. Seu condiscipulo e amigo intimo desde a universidade, e mais tarde seu collega na camara, outra vez revelou n'este trabalho a excellencia do seu coração, e o seu amor de justiça e de verdade. A essa memoria chamou o proprio auctor capitulo de historia contemporanea: «A vida dos homens publicos é parte da historia do seu paiz», disse elle, escrevendo de Vieira de Castro; é foi seguindo o exemplo do mestre que o discipulo humilde toscamente lhe ornou a biographia com os principaes successos da historia contemporanea de Portugal, que de facto são inseparaveis d'ella. Oxalá que me fosse dado imitar-lhe do mesmo modo a concisão e elegancia d'essas paginas eloquentes! Quem quizer tomar perfeito conhecimento dos successos politicos, occorridos desde

[1] Garrett, *Obras*, tomo XXIII, pag. 386; Lisboa, 1871.

[2] Lisboa, typographia de José Baptista Morando. 1843. 8.º de 34 pag. com um retrato, sem nome do auctor. E *Obras*, tomo XXIII. Lisboa, 1871, pag. 405 e seguintes.

1836 até á morte do venerando sacerdote, em 20 de setembro de 1842, encontra-os compendiados n'esse bello estudo, a rapidos traços, sim, mas com pasmosa clareza [1].

II

Retido em casa, pela ferida resultante de forte canellada, desde principios de março até fim de abril d'esse anno de 1843, começou e concluiu o maior monumento que existe no theatro portuguez — *Frei Luiz de Sousa* [2].

Na conferencia do conservatorio, em 6 de maio, apresentou o drama, e leu a memoria que lhe serve de prologo, explicando as suas opiniões e ponto de vista ao traçar aquella obra tragico-dramatica: «Para ensaiar estas minhas theorias d'arte, que se reduzem a pintar do vivo, desenhar do nú, e a não buscar poesia nenhuma nem de invenção nem de estylo fóra da verdade e do natural, escolhi este assumpto, porque em suas mesmas difficuldades estavam as condições de sua maior propriedade [3]». Diz que fizera o seu primeiro estudo sobre o homem antigo na antiga sociedade, com o *Catão;* que *D. Branca* fôra apenas tentativa, encolhida e timida, para espreitar o gôsto do público portuguez, e ver se nascia o genero, se os nossos escriptores moços adoptavam aquella bella fórma, entravam por nossa antiga

[1] Veja a noticia do fallecimento de Vieira de Castro a pag. 703 do tomo II d'estas *Memorias.*

[2] Só se imprimiu no anno seguinte: Lisboa, imprensa nacional, 1844, 4.º, de VIII-236 pag., com retrato do auctor. Tiraram-se alguns exemplares em formato grande.

[3] *Obras,* tomo V, 1869, pag. 11 e 12. É pena que isto não seja lido pelos que trinta annos depois se proclamaram creadores do realismo e do naturalismo. Verdade seja que a penna elegantissima e casta do poeta do *Frei Luiz de Sousa* jamais lhes disputaria a invenção do genero immundo.

historia a descobrir campo, a colher pelas ruinas de nossos tempos heroicos os typos de uma poesia mais nacional e mais natural. O *Camões* levou o mesmo fito e vestiu as mesmas fórmas, bem como os ensaios de poesia popular na *Adozinda* — fallar ao coração e ao ânimo do povo pelo romance e pelo drama. «Este é um seculo democratico: tudo o que se fizer ha de ser pelo povo e com o povo... ou não se faz[1]».

Depois de ter exposto bem as suas idéas, termina, declarando que provavelmente seria aquelle o seu último trabalho litterario, porque protestára consagrar o resto da vida a escrever a chronica de D. Pedro IV; e que se despedia com saudade da amena litteratura, que fôra o mais querido folguedo de sua infancia, o mais suave enleio da sua juventude, e o passatempo mais agradavel e refrigerante dos primeiros e mais agitados annos da sua hombridade[2].

Frei Luiz de Sousa foi lido em casa de D. Maria Kruz, e logo ali se resolveu a sua representação, distribuindo-se os papeis e tendo logar a primeira récita no theatro da quinta do Pinheiro, em 4 de julho de 1843[3]. Só se imprimiu porém no anno seguinte. Prologo e notas são interessantissimos estudos litterarios, dos melhores que possuimos em lingua portugueza. Ha ali muitissimo que aprender, para quem quer e sabe estudar. No fim das notas vem um juizo critico de Luiz Augusto Rebello da Silva, extrahido da *Revista universal lisbonense*. Garrett corrigiu esse estudo, e alguns outros do mesmo escri-

[1] Loc. cit., pag. 18.

[2] Idem. pag. 21.

[3] Fez-se assim a distribuição: *Magdalena*, D. Emilia Krus de Azevedo; *Maria*, D. Maria da Conceição de Sá; *Manuel de Sousa*, Joaquim José de Azevedo; *Frei Jorge*, Antonio Pereira da Cunha; *Romeiro*, Duarte Cardoso de Sá; *Prior*, Antonio Maria de Sousa Lobo; *Miranda*, Duarte de Sá Junior; *Telmo*, J. B. de A. Garrett.

ptor, então bastante moço, e que por seu grandissimo talento foi muito querido do mestre[1].

A 'advertencia', datada de 31 de dezembro de 1843, de Lisboa, precede a memoria lida ao conservatorio. É mais uma d'essas pequeninas peças, que elle por vezes dava sob a responsabilidade dos seus editores, algumas das quaes são admiraveis e denunciam sempre o verdadeiro auctor. N'esta fallou de si com vangloria, mas fel-o d'esta vez para rasgar sem piedade as faces dos que o offenderam: «Na tribuna e no fôro, nos theatros e nas academias, nas assembléas do povo e nos palacios dos reis, em toda a parte lhe teem cortado d'essas palmas que verdejam um dia, que hoje dá o favor, que ámanhã tira a inveja; que, emquanto estão no viço, fazem curvar o joelho

[1] Apesar dos numerosos artigos que depois se escreveram ácerca de *Frei Luiz de Sousa*, o de Rebello da Silva sobreleva a todos, dando testemunho irrecusavel da immensa superioridade da sua critica em tão verdes annos. O drama acha-se hoje traduzido em varias linguas europeas, e d'elle se teem occupado, sempre com o maximo louvor, os sabios estrangeiros. Citarei um facto curioso da influencia exercida pelo drama de Garrett no coração de uma espectadora. O conde de Luckner, ministro da Dinamarca em Lisboa, traduziu *Frei Luiz de Sousa*, auxiliado pelo auctor. O conde divorciára-se da mulher, e esta casára com outro, em Dresde. Ficando viuva do segundo, viu annunciada a representação da peça traduzida pelo primeiro, e teve curiosidade de conhecêl-a. Imagine-se a sensação produzida sobre os nervos da sensivel viuva, em presença d'aquella situação terrivel e pathetica, descripta com a singeleza mais sublime! Fulminada pelos pontos de similhança, e enternecida até ao arrependimento, mandou chamar o conde, reconciliou-se com elle, e recasaram-se d'ahi a pouco!...

É claro que o caso fez bulha; mas nem por isso os noivos viveram menos felizes d'ali por diante. O erudito visconde de Porto-Seguro (Varnhagen), que teve relações intimas com o marido, refere esta curiosa historia no seu *Estudo sobre os livros de cavallaria*; e o distincto folhetinista e meu amigo Julio Cesar Machado extensamente a contou tambem, no *Diario de noticias*, de 14 de fevereiro de 1884, com interessantes promenores.

ao vulgo dos pequenos, e ao vulgo — muito mais vulgo — dos grandes; mas que em seccando, no outro dia, são açoite que empunha logo a vileza d'esses covardes para se vingarem nas costas do que os humilhou, e a quem não perdoam o tempo que estiveram de joelhos... coitados![1]»

Quasi todo o verão d'esse anno foi consumido em excursões de artista e de poeta: ora em Bemfica, ora em Campolide, em Belem, Linda-a-Pastora, na Cruz Quebrada, Oeiras, Cascaes, e Cintra, por toda a parte andou procurando fragmentos de romances populares, conservados pela tradição oral do povo. A pretexto de ares e de banhos, proseguia n'essas buscas, retemperando-se constantemente no amor das coisas nacionaes, que inspiraram todas as suas obras.

III

Em Campolide preparou a segunda edição do tomo I do *Romanceiro,* que dera em Londres com o titulo de *Adozinda,* juntando á collecção já apurada a lindissima rapsodia *Rosalinda,* composta de tres fragmentos diversos: reconstruiu o *Chapim d'el-rei,* a *Miragaia,* e outros[2]. No prefacio diz que reuniu quantos documentos pôde para a historia da nossa poesia popular, desde onde memorias ou conjecturas ha, acompanhando-as de explicações e glosas, que sejam como liaça ou nastro que áte estes pergaminhos.

[1] Obra citada, pag. VII.

[2] *O romancinho de Gaia e do rei Ramiro,* que em Londres lhe tinha emprestado Duarte Lessa, e que elle se lastima de não ter copiado antes de o restituir, por ser um codice rarissimo, foi-lhe dado mais tarde pelo dr. Pereira Caldas, e hoje pertence ao auctor d'estas *Memorias.*

Repete que vae pôr ponto em toda a occupação litteraria propriamente dita, para se occupar da conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurou acabar: «*Vinte annos da historia de Portugal*». Era a promettida chronica de D. Pedro. Data o prologo de Lisboa, a 12 de agosto de 1843; e na 3.ª edição, feita um anno antes do seu fallecimento, poz esta nota ás palavras que acabam de ler-se: «Dez annos são passados e a promessa nem começou a cumprir-se. Suppomos o A. receioso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporaneo». É claro que isto vem dito por conta dos editores. O 1.º tomo do *Romanceiro* saiu no fim do citado anno de 1843 [1]. Além das antigas, outras traducções novas se teem feito, em quasi todas as linguas da Europa, dos romances d'esta collecção preciosa.

IV

No começo de junho escrevia a D. Jeronyma Deville:

«Minha senhora. — Ainda que a afflija a leitura d'esta carta, entendo comtudo lh'a devo escrever. Acabo n'este momento de fazer as últimas honras funebres aos restos mortaes da minha Adelaide. Foram trasladados com toda a solemnidade, do cemiterio dos Prazeres para o de S. João, aonde com elles (?) e meus dois filhos que juntos lá estavam, ficaram collocados em um monumento de marmore, á esquerda da porta principal, entrando. Lá ficou tambem logar para mim.

«E espero e desejo que minha filha saiba, se eu não viver até lh'o poder dizer, que a minha vontade inalteravel e o meu ardente desejo é que as minhas cinzas ali

[1] Lisboa, typographia da sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, 1843, 8.º de XXIII-216 pag.

sejam postas ao pé das de meus filhos e da minha Adelaide.

«A 26 do mez que vem se ha de dizer na capella do cemiterio uma missa resada a que iremos assistir minha filha e eu. E se algum outro parente dos defuntos que ali estão quizer tambem assistir, nos dará muita consolação.

«Sabe, minha senhora, quanto devêras eu sou — at.º e v.or obgd.º = *Almeida Garrett*. — 2 de junho de 1843[1]».

Logo que se rompeu o laço que o prendia á mulher amada, mandou construir o tumulo a que se refere. É monumento singelo, tal como convinha á sinceridade do sentimento que o dominára. Tem o n.º 134, sendo o 11.º, á esquerda, indo da porta principal do cemiterio para a capella.

Na face principal se lê esta inscripção:

NUNO
—
JOÃO
—
ADELAIDE
—
A. SUA. MÃE
E. A. SEUS. DOUS. IRMÃOS
POZ. ESTE. MONUMENTO
D. MARIA. ADELAIDE
DE. ALMEIDA. GARRETT
ROGA-LHE. SEU. PAE
QUE. O. FAÇA. INTERRAR
AQUI
QUANDO. DEUS. O. CHAMAR
1843

[1] Esta cópia foi mandada tirar por favor do meu amigo dr. Paulo Midosi, a quem agradeço todo o auxilio que me prestou n'estes trabalhos. Nunca vi o original; não tómo por isso a responsabilidade do copista, visto que elle põe na assignatura V.e (visconde) de Al-

Do lado da entrada, lê-se est'outra:

NUNO
N. A. 25. DE. NOVEMBRO
DE 1837
M. A. 9. DE. FEVEREIRO
DE 1839

—

JOÃO
N. A. 6. DE. NOVEMBRO
DE 1839
M. A. 16. DE. DEZEMBRO
DO. MESMO. ANNO.

—

ADELAIDE
N. A. 24. DE. NOVEMBRO
DE 1819
M. A. 26. DE. JULHO. DE 1841

E do lado da capella:

OS. RESTOS. MORTAES
DE
ANTONIO. BERNARDO. DA. SILVA
DE ALMEIDA-GARRETT
N. NO. PORTO. A. 14. DE. JUNHO
DE 1806
M. EM. LISBOA. A. 9. DE. NOVEMBRO
DE 1838
FORAM. TRASLADADOS
PARA. ESTE. MONUMENTO
POR. SEU. IRMÃO
J. B. DE. ALMEIDA-GARRETT
1843 [1]

meida Garrett. Sabe toda a gente que só em 1851 lhe foi dado esse titulo; e que é portanto inadmissivel suppor-se que o usasse oito annos antes.

[1] As cópias epigraphicas foram feitas pelo meu excellente amigo, o insigne pintor José Ferreira Chaves, ao qual agradeço o constante auxilio que me prestou para estas *Memorias*, sempre com inexcedivel boa vontade e paciencia.

V

Não sei se seria possivel que a 26 de julho se resasse a annunciada missa, saindo o nosso auctor de Lisboa para Santarem nove dias antes, e resultando d'esta jornada as *Viagens na minha terra*. O certo é que no começo da obra diz elle: « São 17 d'este mez de julho, anno de graça de 1843, uma segunda feira, dia sem nota e de boa estreia. Seis horas da manhã a dar em S. Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro do Paço». Mais atraz tinha escripto: « Era uma idéa vaga; mais desejo que tenção, que eu tinha ha muito de ir conhecer as ricas varzeas d'esse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais historica e monumental das nossas villas. Abalam-me as instancias de um amigo, decidem-me as tonterias de um jornal, que por mexeriquice quiz encabeçar em designio politico determinado a minha visita. Pois por isso mesmo vou: *pronunciei-me*[1]».

Em rigor, nove dias de viagem para homem de taes faculdades davam á vontade aquelles dois preciosos livros, modelos de estylo e de graça incomparavel. Deve acreditar-se pois que não deixaria de estar de volta em Lisboa no praso dado para a missa funebre.

Comquanto as *Viagens* só se publicassem, a primeira vez, e d'ahi a tempo, na *Revista universal lisbonense*, e depois, em dois volumes separados, no anno de 1846[2],

[1] *Viagens na minha terra*, tomo I, pag. 2 e 3. Lisboa, 1870.

[2] Lisboa, typographia da *Gazeta dos tribunaes*, 1846, 2 vol., 8.º O primeiro capitulo foi publicado como amostra no tomo II da citada *Revista universal lisbonense*, a pag. 593 e seguintes, em o numero de 17 de agosto d'esse mesmo anno de 1843. Prova de que o auctor escreveu logo em seguida á excursão. Precedia-o um artiguinho de Castilho, que se verá adiante. Escrevêra-lhe este duas cartas, pedindo que lhe désse o itinerario da jornada para a *Re-*

occupar-me-hei agora d'ellas, porque n'este anno foram feitas, e principiadas a escrever. De quantos elogios accusam o auctor de ter tecido a si proprio, e posto ás costas dos seus editores, se o prologo da segunda edição das viagens foi escripto por elle, nenhum revela maior vaidade, segundo o juizo dos contemporaneos; em meu humilde conceito, porém, está ali a mais cabal pintura que de tamanho engenho se podia obter em tão pequena téla. Tudo que diz de si é de uma verdade tão indiscutivel, que só ha a lastimar o não ter sido de outra penna aquelle elogio merecidissimo, se com effeito o produziu a sua. Ahi se confessa que a obra das *Viagens* é talvez a que mais descuidadamente escreveu, mas tambem aquella em que melhor mostra os seus immensos poderes intellectuaes, erudição vastissima, espantosa flexibilidade de estylo, philosophia transcendente, e, por fim de tudo, o natural bom de um coração recto, puro, amigo da justiça, adorador da verdade, e inimigo declarado de todo o sophisma.

Chamavam-lhe sceptico; e ali responde que poderia tomar facil vingança de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e aos quaes por cada dicterio insulso e ephemero, podia condemnar ao eterno opprobrio de um pelourinho immortal como as suas obras, etc.

Passemos, porém, do prefacio ao texto.

Estas *Viagens,* verdadeiro monumento levantado ao podêr da lingua portugueza, teem, para quem conheceu intimamente o grande mestre, outro merito incomparavel: retratam o homem, o poeta e o artista com tal acabamento e verdade, que deixam os seus biographos a perder de vista. Exemplifiquemos:

No começo do capitulo XI: «Este é o unico privilegio

vista «fallando com franqueza, não só pelo merecimento da coisa, mas tambem pelo nome do auctor». «Se não podér ser todo, parte; se nem parte póde ser, uma pequena carta, promettendo condescender com os desejos da redacção.» *(Catal. Guim.* – CARTÃO C. – I.)

dos poetas: que até morrer podem estar namorados. Tambem não lhes conheço outro. A mais gente tem as suas epochas na vida, fóra das quaes lhe não é permittido apaixonar-se... Anacreonte cantou, de cabellos brancos, os seus amores, e não se estranhou. Aristoteles mal teria a barba russa quando foi d'aquelle seu último namôro, porque ainda hoje lhe apoquentam a fama. Ora eu philosopho seguramente não sou, já o disse; de poeta tenho o meu pouco, padeci, a fallar a verdade, meus ataques assás agudos d'essa molestia, e bem podéra desculpar-me com elles de certas fragilidades de coração... mas não senhor, não quero desculpar-me como quem tem culpa, senão defender-me como quem tem rasão e justiça por si...»

«O coração humano é como o estomago humano, não póde estar vasio, precisa de alimento sempre... Ora o que não ama, que não ama apaixonadamente, seu filho se o tem, sua mãe se a conserva, ou a mulher que prefere a todas, esse homem é o tal, e Deus me livre d'elle. Sobretudo que não escreva: ha de ser um massador terrivel.

«Talvez seja este o motivo da indefinida permissão que é dada aos poetas de andarem namorados sempre...» «...Como hei de eu então, eu que n'esta grave Odysséa das minhas viagens tenho de inserir o mais interessante e mysterioso episodio de amor que ainda foi contado ou cantado, como hei de eu fazêl-o, eu que já não tenho que amar n'este mundo senão uma saudade e uma esperança — um filho no berço e uma mulher na cova?...»

VI

O filho é força de estylo: era filha; e a saudade chamava-se Adelaide. Tamanha era, todavia, a mobilidade

d'esse coração de poeta, que, mal acaba de carpir-se, diz logo adiante: «E posto que hoje, faz hoje um mez, em tal dia como hoje, dia para sempre assignalado na minha vida, me apparecesse uma visão, uma visão celeste, que me surprehendeu a alma por um modo novo e estranho, e do qual não podia dizer de certo como a rainha Dido á mana Annica:

Reconheço o queimar da chamma antiga
Agnosco veteris vestigia flammæ;

posto que a visão passou e desappareceu... mas deixou gravada n'alma a certeza de que... Posto que seja assim tudo isto, a confidencia não passará d'aqui, minhas senhoras: tanto basta para se saber que estou sufficientemente habilitado para chronista da minha historia.»

Estava já n'esta afinação! Dir-se-hia que para elle fôra feita a nota de bandoleiro e galanteador universal, como Castilho declara que se classificavam no tribunal da opinião os antigos poetas[1]. E quem sabe se Antonio Feliciano, que por esse tempo lhe ouviria ler as *Viagens*, mandou escrever aquellas palavras pensando n'elle!

Por emquanto limita-se a fallar da côr dos olhos da incognita beldade: «Eu, que professo a religião dos olhos pretos, que n'ella nasci e n'ella espero morrer... que alguma rara vez que me deixei inclinar para a herectica pravidade do olho azul, soffri o que é muito bem feito que soffra todo o renegado... eu firme e inabalavel, hoje mais que nunca, nos meus principios, sinceramente persuadido que fóra d'elles não ha salvação, eu confesso todavia que uma vez, uma unica vez que vi dos taes olhos verdes, fiquei allucinado, senti abalar-se pelos fundamentos o meu catholicismo, fugi escandalisado de mim mesmo, e fui retemperar a minha fé vacillante na con-

[1] *Excavações poeticas*, Lisboa, 1844, pag. 92.

templação das eternas verdades, que só e unicamente se encontram aonde está toda a fé e toda a crença... n'uns olhos sincera e lealmente pretos».

VII

Creio que elle se comprazeu emprestando algumas das suas feições ao Carlos, das *Viagens;* que as duas formosas inglezas, descriptas com tanto esmero, não foram creações ideaes. Convenci-me, porém, de que não eram, como primeiro julguei, as suas graciosas hospedeiras da placida vivenda de Edgbaston, em Warwick, onde elle esteve em 1823, 1828 e 29[1].

[1] Affirmou-se isso, quando appareceram as *Viagens;* mas adquiri depois certeza do contrario.

No seu bello livro *Sob os cyprestes,* a pag. 59, diz Bulhão Pato: «Aquellas inglezas que apparecem nas «Viagens», aquellas tres irmãs, que todas tinham amado tanto d'alma o singular academico, não eram apenas uma ficção do poeta. Haviam existido; tinha-as elle admirado entre as brumas da Inglaterra, graciosas como as virgens d'Ossian.

«Uma d'ellas, a arrebatada Georgina, fez delirios pelo emigrado portuguez, e acabou por fim n'um convento, não podendo vencer a primeira e última paixão da sua vida!

«Aquella menina de «olhos verdes», como duas esmeraldas das mais finas aguas, tambem não era um mero capricho da imaginação. Pela primeira vez a viu o poeta, n'um dia de Corpo de Deus — e esteve na casa onde ella estava, e o dia e a noite correram como por encanto!»

Quanto a esta, parece-me haver confusão com as noticias que se espalharam ácerca do seu conhecimento com Adelaide, que não tinha olhos verdes. O poeta recompoz sem dúvida o quadro com figuras suas conhecidas: amára talvez na juventude certa Joanninha, realmente sua prima; e, pelo modo por que descreve os sitios, onde põe a das *Viagens,* me parece referir-se a essa. (Veja *Garrett, memorias,* tomo II, pag. 239).

Com relação ás inglezas, tambem o distincto critico sr. Rama-

Não sei quem foram as galantes *misses*, se realmente viveram sem ser na sua imaginação, nem como pôde captivar-lhes a attenção, sendo pobre, emigrado, e tendo quasi sempre comsigo a mulher legitima. Proponho-me unicamente levantar de sobre a sua memoria a accusação calumniosa, que se lhe fez, de ter abusado da hospitalidade com que generosamente o acolhèra a familia Hadley, dando-se ali por solteiro, e inspirando paixão, ou paixões, a quem solteiro o julgasse.

No primeiro tomo d'estes estudos se viu que elle se demorou apenas um mez, entre ida e vinda, na sua primeira viagem a Inglaterra; que veiu a Lisboa buscar a mulher, e que foi com ella para casa da hospitaleira familia Hadley. E acrescento agora, que, durante annos, depois de finda a emigração, manteve cordiaes relações com essa familia. Revendo novamente os seus papeis, achei entre elles uma carta de Augusto Hadley, escripta em Londres a 9 de abril de 1835, dirigida para Bruxellas, a Garrett, ali encarregado de negocios de Portugal. Esse documento respira o mais sincero affecto, respeito e estima; por elle se vê que seu auctor, perfeito *gentleman*, guardava do ex-emigrado seu hospede as mais gratas memorias. Se Garrett houvesse *mentido*, ou tivesse procedido menos dignamente, não só com a familia Hadley, mas com qualquer outra, e que isso constasse, acredita alguem que um homem honrado lhe daria as provas de consideração manifestadas n'esta carta? É absurdo pensál-o. Garrett fizera a Hadley varios pedi-

lho Ortigão, escrevendo sobre o tomo I d'estas *Memorias*, em folhetim do *Diario da manhã*, de Lisboa, de 5 de abril de 1881, diz, referindo-se á carta de Carlos a Joanninha: «É com effeito essa carta uma auto-biographia levemente delineada n'uma ficção de romance? Gomes de Amorim nol-o dirá de certo no II tomo da sua obra». Não posso satisfazer com provas os desejos do illustre critico; porém é minha convicção que sim, como digo no texto.

dos e encommendas, de que este lhe dá conta; e termina com as mais calorosas expressões e lembranças do pae e suas, para João e sua mulher[1].

Mostrada, portanto, a falsidade das imputações que se lhe fizeram, voltemos ás *Viagens*, onde me parece indubitavel que elle pretendeu retratar-se, pelo menos em parte; do mesmo modo que ali deixou outras physionomias de mulheres, cobertas apenas com véu demasiado transparente.

VIII

«Saí de Portugal — diz Carlos, escrevendo a Joanninha — e posso dizer que não tinha amado ainda. Inclinações de creança, galanteios de sociedade, ligações que nasceram da vaidade, ou que só os sentidos alimentam, não merecem o nome de amor. Eu não tinha amado. Ha tres especies de mulheres n'este mundo: a mulher que se admira, a mulher que se deseja, e a mulher que se ama... — Eu vivi poucos mezes em Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino — a minha estrella, porque eu ainda creio nas estrellas, e em pouco mais d'este mundo creio já — levou-me ao interior de uma familia elegante, rica de tudo o que póde dar distincção n'este mundo. Estranhei aquelles habitos de alta civilisação, que me agradavam comtudo; moldei-me facilmente por elles; afiz-me a vegetar docemente na branda atmosphera artificial d'aquella estufa sem perder a minha natureza de planta estrangeira. Agradei: e não o merecia. No fundo da alma e de caracter eu não era aquillo por que me tomavam. Menti: o homem não faz outra coisa. Eu detesto a mentira, voluntariamente nunca o fiz, e to-

[1] *Catal. Guim.* – CARTÃO E. – II.

davia tenho levado a vida a mentir. Menti pois, e agradei porque mentia. Santo Deus! Para que sairia a verdade da tua bôca, e para que a mandaste ao mundo, Senhor?»

Quereria dizer, se fallava de si, que a mentira consistiu em ter encoberto que era casado, e que se fez amar emquanto o suppozeram solteiro? Onde foi isto, se aconteceu com elle? Não sei. Repito que não foi com as Hadley, apesar de com ellas ter aprendido e adquirido (porque os tinha) «os mais difficeis e delicados apices da perfeição de sua tão caprichosa e tão expressiva lingua, as bellezas mais sentidas de seus auctores queridos, o espirito e tom difficil de sua sociedade tão desdenhosa e fastienta, mas tão completa e tão calculada para sublimar a vida e a desmaterialisar — isso tudo, e um indefinivel sentimento do *gentil*, que só com natural tacto se adquire, é verdade, mas que se não alcança com elle só — isso tudo o aprendi ali das suaves lições que insensivelmente recebia a cada instante».

Veja-se este trecho: «Oh! de quê e como é feito o homem, para quê e porque vive elle? Que vim eu, que vimos nós todos fazer a este mundo?» «... Oh! eu sou um monstro, um aleijão moral devéras, eu não sei o que sou. Se todos os homens serão assim? Talvez, e que o não digam».

Quando Carlos está referindo a historia dos seus amores a Joanninha, forçoso é confessar que nada ha mais similhante á dos do poeta, á das suas affeições, passageiras umas, duradouras outras, repetidas e variadas sempre. Em todos esses dois livros me parece que elle se retratou por vezes sinceramente, como homem, como artista, como poeta, como amante, como politico, como tudo: «E eu que escrevo isto serei eu demagogo? Não sou. Serei fanatico, jesuita, hypocrita? Não sou. Que sou eu então? Quem não entender o que eu sou, não vale a

pena que lh'o diga...» «...De que e como sou eu feito, que não posso estar muito tempo n'um logar, e não posso saír d'elle sem pena?[1]»

Todos sabem com que graça e verdade e até com que sentimento ali tratou dos frades, e dos barões que lhe succederam... «quando vejo os conventos em ruinas, os egressos a pedir esmola e os barões de berlinda, tenho saudade dos frades — não dos frades que foram, mas dos frades que podiam ser». Estas idéas, que tambem eram então as de A. Herculano, protestavam contra o espirito destruidor que se apossára da revolução liberal, e levára tudo na onda a torto e a direito. «E sei que me não enganam poesias; que eu reajo fortemente com uma logica inflexivel contra as illusões poeticas em se tratando de coisas graves...» «...Já me disseram que eu tinha o genio frade, que não podia fazer conto, drama, romance sem lhe metter o meu fradinho». Faz a conta aos que tem mettido nas suas obras e diz que tem ás costas nada menos de quinze frades e quarto, e que, com o fr. Diniz das *Viagens*, era um convento inteiro.

IX

N'outro ponto torna ás descripções intimas: «Os olhos pardos e não muito grandes, mas de uma luz e viveza immensa, denunciavam o talento, a mobilidade do espirito — talvez a irreflexão... mas tambem a nobre singeleza de um caracter franco, leal e generoso, facil na ira, facil no perdão, incapaz de se offender de leve, mas impossivel de esquecer uma injúria verdadeira. A bôca, pequena e desdenhosa, não indicava comtudo soberba,

[1] Compare-se com a pintura que de si fez no jornal *O Entreacto* (tomo I d'estas *Memorias*, pag. 315) e veja-se a similhança dos retratos!

e muito menos vaidade, mas sorria na consciencia de uma superioridade inquestionavel e não disputada. O rosto, mais pallido que trigueiro, parecia comprido pela barba preta e longa que trazia ao uso do tempo[1]. Quando calado e serio, aquella physionomia podia-se dizer dura; a mais pequena animação, o mais leve sorriso a fazia alegre e prazenteira, porque a mobilidade e a gravidade eram os dois pólos d'esse caracter pouco vulgar e difficilmente bem entendido. D'aquelle busto classico e verdadeiramente moldado pelos typos da arte antiga, podia o estatuario fazer um philosopho, um poeta, um homem d'estado ou um homem do mundo, segundo as leves inflexões de expressão que lhe désse».

Mudem-lhe a côr dos olhos, rasguem-lhe um pouco mais a bôca, e digam se não é esse o seu retrato. Se não lhe deu todos os toques de absoluta similhança, foi para melhor poder pintar-se por dentro, sem que o exterior o denunciasse. Chateaubriand, com quem o nosso auctor tinha muitos pontos de contacto, disse, no *Genio do christianismo:* «Estamos persuadidos de que os grandes escriptores pozeram a sua vida nos seus escriptos. Ninguem pinta bem senão o seu coração, attribuindo-o a outrem».

Repare-se tambem no empenho com que tenta justificar as volubilidades do seu heroe, o modo por que umas imagens vão empallidecendo e descorando na descripção, á medida que outras tomam vulto; e não se esqueça que elle estudára muito Chateaubriand: «Anneis doirados, tranças de ebano, faces de leite e rosas como de cherubins, outras pallidas, transparentes, diaphanas como de princezas encantadas, olhos pretos, azues, verdes... todas estas feições, confusas e indistinctas mas de estre-

[1] No periodo a que se está referindo, usava Garrett a barba, como aqui a descreve.

mada belleza todas, lhe passavam diante da vista, e todas o enfeitiçavam. O desgraçado... — porque não hei de eu dizer a verdade? — o desgraçado era poeta».

Se tivesse sido dominado sómente pela imaginação, teria morrido velho como Homero e Goethe, Sophocles e Voltaire; mas n'elle predominava mais o coração — o sentimento; por isso morreu relativamente moço, como Byron e Schiller, Camões e Tasso: «Bemaventurado o que póde graduar, como Goethe, a dóse de amphyão que quer tomar, que poupa as sensações e a vida, e economisa as potencias de sua alma!» Infeliz do que póde amar sinceramente duas mulheres a um tempo, como Carlos dizia e julgava amar Joanninha e Georgina! «O monstro amava-as ambas: está tudo dito». «... Horror, horror! como dizem os dramaticos romanticos: horror e maldição! — Horror seja, horror será... e horror é, sem dúvida. E maldição que deitaram ao pobre homem. Mas immoralidade! Immoralidade é enganar, é mentir, é atraiçoar: e elle não o fez. Desgraça grande ter um coração assim; mas não me digam que é prova de o não ter. Eu digo que elle tinha coração de mais: o que é um defeito e grande, é um estado pathologico anormal. Physicamente produz a morte; e moralmente póde matar tambem o sentimento. Bem o creio: mas é molestia commum, e com que vae vivendo muita gente, até que um dia... — Um dia, um orgão, que progressivamente se foi dilatando, não póde funccionar mais, cessa a circulação e a vida. Deve ser horrivel morte!»

Tal foi a sua. Tão bem se descreveu, que até a prophetisou, nove annos antes! O coração matou-o. Porque, é elle que o diz, que nos proprios discursos politicos o confessa, tinha coração de mais.

No jornal *A Época* (1848, pag. 421 e seguintes) vem a melhor de quantas analyses se fizeram então das *Viagens na minha terra*. É de Rebello da Silva.

X

Em agosto d'este anno de 43 complicaram-se de modo desagradavel os negocios do honradissimo José Gomes Monteiro, como se vê por esta carta de Garrett:

«(Lisboa?) 26 de setembro de 1843.

«Meu am.º — A sua carta era de 10 do passado. Ha portanto mais de um mez que a tenho sem resposta. Vou explicar-lhe porquê. — Entregou-m'a o sr. Moré com réis 48$000 que recebi sem a ler bem, ou antes, sem a entender bem. Custar-lhe-ha a acreditar que ande tão fóra d'este mundo que só muitos dias depois soubesse que o meu bom e verdadeiro amigo J. G. Monteiro tinha tido compromettimentos graves e serios na sua casa. Mas é verdade, verdade pura e sincera. Só então entendi a sua carta, só então entendi a indelicadeza com que eu recebêra o liquido de uns malditos folhetos com que o fôra importunar e que não estavam realisados. — Do instante em que o entendi, faltou-me o ànimo para responder á sua carta. Como eu, que lhe sou já e ha tanto tempo tão obrigado e devedor, lhe preguei esta massada, posto que involuntaria, e em plena ignorancia do que fazia!...

«Tenho (estado) afflicto devéras com isto; tenho querido dizer-lh'o todos os dias, e todos os dias me acanhava por não saber como. — Hoje resolvi-me a fazêl-o chã e prosaicamente sem mais voltas. Sobretudo o mais não me tóme tambem por egoista.

«Sei que vem a Lisboa; assim m'o asseveraram ao menos. Diga-me se é verdade e quando vem. Isto não custa: põe-se n'um papel, fecha-se, e manda-se deitar no correio.

«Adeus, não me tarde aqui; e sobretudo não esteja duas horas em Lisboa sem eu o saber. — Amigo verd.º do c. e para sempre = *J. B. de Almeida Garrett.*»

No mez de outubro se publicou em Lisboa o *Jornal de bellas artes*, publicação para a qual deu a idéa. Ahi escreveu, além da introducção, a noticia do quadro *O folar* (costumes do Minho), de A. Roquemont; um artigo ácerca do claustro de Belem; e o romancinho *Miragaia*, illustrado com desenhos e gravuras de Bordallo Pinheiro e Coelho. D'este romance tiraram-se exemplares em separado para o auctor brindar os seus amigos, com as mesmas quatro gravuras, que deu o jornal[1]. No artigo que acompanha a estampa do claustro dos Jeronymos, diz que Belem e os *Lusiadas* são as coisas mais indisputavelmente portuguezas e originaes que ha em Portugal, apesar de todas as suas tão variadas reminiscencias. Deu ao estylo da igreja de Belem a designação de *Manuelino*. Em algumas notas do poema *Camões*, e n'outros bosquejos similhantes, como elle mesmo declarou, lançára esta idéa, que depois foi seguida e adoptada pelo conde de Raskzinski, na sua obra *Les arts en Portugal*, e por outros estrangeiros distinctos.

XI

Reaberta a camara, ali o vemos, em 25 de novembro, advogar calorosamente a causa do commercio de Lisboa; combater o voto de confiança absoluta, que se queria conceder ao governo para rever a legislação das misericordias, assumpto que o poeta estudára, segundo provou em differentes occasiões. Tendo de novo a palavra, demonstra que a misericordia «virtude eminentemente

[1] Reimprimiu-se no anno seguinte com o titulo de *Miragaia, romance popular, pelo A. de Adozinda, Bernal-Francez*, etc., Lisboa, typographia da sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, 1844, 4.º de 19 pag., com as mesmas gravuras das edições anteriores.

christã, se acha representada em Portugal melhor que em parte alguma do mundo, pelas nossas antigas irmandades e instituições». Dava o seu voto de confiança moral á commissão, mas não o voto politico á administração.

A 27, propoz que se remediasse o mal de querer a camara funccionar sem numero legal; mostrou que se alterára a arithmetica legislativa; que dois e dois já não faziam quatro e que convinha propor-se lei para a camara trabalhar em circumstancias não previstas pelo regimento. Convidado pelo presidente para a propor, volveu: «Proposto por mim é absolutamente impossivel; é preciso considerar o caso; estava-se propondo, e a camara decidiu que havia de funccionar legislativamente, quer tivesse quer não numero legal; eu sei cá dar veto a isto?!... Deus me livre!... Mas alguns dos senhores, que entendem este modo de legislar é que lhe devem dar o veto». Mais adiante, tratando-se da emenda do ministro do reino ao artigo 6.º da mesma lei das misericordias, fez muitas considerações a esse artigo. E sendo-lhe observado que era a emenda que estava em discussão, estabeleceu dialogo com o presidente, no fim do qual, sendo-lhe prohibido fallar no artigo, acrescentou: «Eu não fallo mais no artigo. Esta coisa emendada pela emenda *(Riso)* a coisa que ha de ser emendada pela emenda, quando for approvada; estas phrases são boas? Não se póde usar de outras...»

O sr. *Presidente:* — Eu creio que o sr. deputado interveiu na confecção do regimento, que determina isso.

«O *Orador:* — Quando v. ex.ª acabar, eu terei tempo de reunir as minhas idéas... Não tenho a cabeça tão firme que possa resistir a estas contínuas interrupções de uma parte tão respeitavel como é a mesa.» Continuou ainda a fallar até ao fim da sessão, e no dia seguinte,

28, advertindo-se-lhe que já tivera duas vezes a palavra sobre a emenda, disse: «Eu perguntei se havia alguma emenda; responderam-me que sim; sentei-me. Se isto é fallar...»

XII

Sobreveiu nova discussão entre elle e o presidente, concedendo-lhe este por fim a palavra. Queixou-se então de Felix Pereira de Magalhães: «Quando ha pouco um orador usou de uma phrase que, sendo dita n'um discurso proferido proximamente depois do meu, podia entender-se que o fôra com o intento de me faltar ao respeito, senti-me: não no meu amor-proprio, que não é susceptivel, mas em outra coisa, que em mim sente as coisas feias e pouco generosas. Não estou costumado a dirigir sarcasmos a nenhuma d'aquellas pessoas com quem tenho tido relações de amisade e consideração; sentiu-se em mim essa faculdade, que eu tenho extremamente sensivel de aborrecer tudo que é villão, e rompi d'aqui, não em uma phrase propriamente formada, mas em uma especie de declamação, que não era curial, e pela qual peço perdão á camara». Depois de perguntar o que se diria se alguem ali mandasse um professor illustre ou outro qualquer especialista distincto aprender a sua arte ou profissão, no fim de qualquer discurso que esse homem tivesse feito, continúa: «E o que será, quando isso foi feito por um deputado que fallou depois de um pobre juiz, que logo disse que não tinha pretensões a ser mais letrado que elles; e o disse com todo o respeito, com que trata todos, que exagera talvez a deferencia com elles? Disse-se-lhe que fosse aprender as leis do seu paiz, que não sabia. E porque? Porque tinha censurado a expressão — *encorporar nos proprios da corôa!* — é preciso ser um grande jurisconsulto para saber o que é en-

corporar nos proprios da corôa! Qualquer estudantinho, que frequenta as primeiras aulas da universidade, já sabe o que isso quer dizer: é uma phrase tão velha, que vem em todos os compendios, que está em qualquer pagina do Pascoal. Pelo amor de Deus! em outras coisas nos argúam; mas em coisas d'estas!... Senti-me pois, e senti-me amargamente; e a qualquer medianamente dotado de certas qualidades nobres e generosas, lhe teria subido o sangue ao rosto e á cabeça, depois de similhante expressão. O que será, sr. presidente, se a isto se acrescentar que a pessoa que a empregou tinha tido commercio intimo, commercio de trabalhos serios e graves com esse a quem se quiz desvirtuar, e deshonrar publicamente, quando elle o tinha auxiliado com suas fracas luzes?»

Felix Magalhães explica que só agora percebe que isto é comsigo; e Garrett volve-lhe que não se fallasse mais em tal: «... eu não quero satisfações, não as peço».

Felix Pereira insistiu: «Eu preciso dar uma explicação; eu tenho tanta amisade ao nobre deputado, que as suas allusões me chocam; declaro que nem me lembrou de que tinha fallado n'esta materia; o nobre deputado sabe a intima amisade que tenho com elle, temos concorrido em diversos trabalhos, e sempre ouvi com todo o acatamento as illustrações e os bons conselhos do nobre deputado».

Querendo José Estevão explicar o caso, o presidente impediu-lh'o, proseguindo Garrett: «... o meu amor proprio não se sentiu em coisa alguma; nem differença de partidos, nem opposição manifesta me fizeram faltar ao respeito devido ás pessoas com quem tenha tido relações de amisade, nunca usei de expressões como estas. Só uma vez, em oito annos, n'esta casa, e com a maior justiça, castiguei com energia de pala-

vras a quem me desacatára». Referia-se ao discurso contra Avila.

Não restituiu os discursos de 29 de novembro nem de 1 de dezembro. Acham-se no respectivo *Diario* os de 4, 15 e 16 de dezembro, dignos, como todos, de serem lidos, tratando alguns com toda a proficiencia de estabelecimentos pios: n'outros, sobrevieram as sabidas chicanas da presidencia, que elle repelliu, dizendo estar armado da maior paciencia, e que com esta nenhum poder humano o poderia impedir de cumprir a sua missão de deputado. Na última d'essas orações, alludindo á phrase 'a alta sabedoria da camara', diz que os contribuintes tambem tinham a sua — «a baixa sabedoria dos contribuintes, que ás vezes sobe bem acima d'aquella».

XIII

Principiava o anno de 1844 com os ares politicos muito carregados. Quando se abriram as côrtes, eram geraes os queixumes do povo contra o governo; e este accusava a opposição de conspirar para destruir o podèr constituido.

A 15 de janeiro, combatendo o projecto de resposta ao discurso da corôa, offereceu o poeta uma substituição em nome da minoria, sustentando-a n'um discurso de oito columnas do *Diario da camara*. Ahi diz ser de necessidade, no governo representativo, que a corôa tenha o direito de dissolver os corpos legislativos e de consultar de novo o voto da nação: «D'este direito resulta necessariamente que se não póde admittir como principio que qualquer camara eleita seja absolutamente, sempre e em todo o caso, a legitima e unica interprete do voto da nação». N'estas palavras combatia o artigo 1.º do projecto do ministerio, que declarava encerrar doutrina

eminentemente demagogica, e que elle reprovava em absoluto, como inimigo da demagogia.

A substituição é de sua penna [1]. Sem exceder os limites da dignidade e das conveniencias parlamentares, póde considerar-se modelo de opposição energica e desassombrada, como raras vezes se tem feito n'este paiz [2]. Na seguinte sessão, tendo ficado com a palavra reservada de vespera, proferiu novo discurso, de nove columnas do *Diario da camara*, e n'elle reclamou a reforma da carta, promettida em 1842. É digno de ler-se por muitos motivos. Accusado de ter trazido á discussão o nome da rainha, e de affirmar que ella quebrára a sua palavra real, provou com as notas dos tachygraphos a falsidade d'essa accusação. N'esse discurso, tambem de sete columnas, referiu a historia da carta, honrando o nome de D. Pedro IV, e defendeu, explicando-o, o direito de petição.

XIV

Nos primeiros dias de fevereiro rebentou em Torres Novas, e em outros pontos, o grito de desapprovação contra o ministerio. Este pediu ás côrtes, no dia 6, po-

[1] Quando não se revelasse pelo estylo, denuncia-a o auctor nas phrases que proferiu na sessão de 20 de janeiro, queixando-se de que a camara lh'a rejeitasse *in limine*.

[2] Acha-se a pag. 99 e 100 do *Diario da camara dos deputados*, vol. I, janeiro, 1844. E foi assignada por A. Cesar de Vasconcellos, Antonio José d'Avila, Antonio Alves Martins, Francisco de Paula de Aguiar Ottolini, J. B. de Almeida Garrett, Joaquim Antonio de Aguiar, Julio Gomes da Silva Sanches, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, Manuel Joaquim Cardoso Castel-Branco, Rodrigo de Castro Menezes Pitta, Antonio Caetano Pacheco, Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, Faustino da Gama, Manuel Duarte Leitão, Joaquim Vieira de Magalhães, José Estevão Coelho de Magalhães.

dêres extraordinarios e discricionarios, suspensão de garantias em todo o reino, o direito de mandar prender sem culpa formada e a suppressão de todos os jornaes, com excepção dos scientificos, *Diarios das camaras* e *do governo,* etc. Garrett propoz a seguinte questão prejudicial: «Podem as côrtes ordinarias da nação dar ao governo podêres extraordinarios não definidos na proposta, nem incluidos na carta?»

Não tendo sido admittida, seguiu-se a discussão da proposta do governo, abafando-se toda a discussão da minoria. E quando ia votar-se o artigo 1.º, pediu João a palavra sobre o modo de votar. O dialogo seguinte é a photographia dos costumes politicos d'aquelle tempo.

«O sr. *Presidente:* — Tem a palavra.

«O sr. *Almeida Garrett:* — Vou concluir com uma moção de ordem, e hei de justificál-a. *(Rumor.)* Se não querem que os representantes do povo fallem, expulsem-n'os d'aqui, venham soldados, venham janizaros... *(Gritos:* — Ordem, ordem.)

«O sr. *Presidente:* — Chamo o sr. deputado á ordem; o sr. deputado só tem a palavra sobre a ordem de votação.

«O sr. *Ministro do Reino:* — Peço a v. ex.ª, que note bem se o sr. deputado vae com a ordem da votação; porque, não indo, v. ex.ª e a camara conhecerão que ha uma firme intenção de perturbar esta discussão.

«O *Orador:* — Quero fazer uma moção sobre a ordem da votação, sobre o modo de votar, hei de documentál-a...

«O sr. *Presidente:* — Não póde, não é occasião; é apresentar simplesmente a moção.

«O *Orador:* — Hei de dar as rasões por que quero propor um certo modo de votar.

«O sr. *Presidente:* — Não consinto.

«O *Orador:* — Hei de dar as rasões da moção...

«O sr. *Presidente:* — A moção só.

«O *Orador:* — Em que regimento está, que uma moção não ha de ser arrazoada?... Venha o artigo do regimento onde isso está...

«O sr. *Presidente:* — É o estylo d'esta camara.

«O *Orador:* — Hei de propor um modo de votar, hei de combater outro; hei de dar as rasões por que um deve ser preferido ao outro.

«O sr. *Presidente:* — Não é occasião para isso. Chamo á ordem o sr. deputado; só tem a palavra para propor um modo de votar differente, só isto restrictamente.

«O *Orador:* — Eu tómo a confiança de pedir a v. ex.ª que entre na ordem do regimento; não digo que o chamo á ordem por attenção á sua pessoa e logar; mas tómo a confiança de lhe pedir, que entre na ordem do regimento; não ha artigo algum do regimento, que impeça um deputado, que faz uma moção de ordem, de justificar essa sua moção: uma moção que eu faça não é nada sem eu dar a rasão d'ella. Eu quero propor á camara, que não vote em uma só votação uma materia tão complexa, hei de dar as rasões d'isso; esta materia é muito complicada, este projecto contém umas poucas de determinações de diversa natureza...

«O sr. *Presidente:* — Não ha senão tres meios de votar indicados pelo regimento, o sr. deputado não póde propor senão um d'elles; esta é a questão restricta.

«O *Orador:* — E quando eu propozer um, não hei de dar as rasões por que os outros não prestam?...

«O sr. *Presidente:* — Não é possivel.

«O *Orador:* — Não é possivel!... Em que regimento está — em que artigo está tal doutrina!...

«O sr. *Presidente:* — É a prática da casa, é o uso constante da camara.

«O *Orador*: — Eu appéllo para a camara n'este caso.

«O sr. *Presidente:* — O sr. deputado ha de esperar que a camara decida e resolva.

«O *Orador:* — Appellar para uma votação é appellar para uma força, quem não quer ouvir a rasão, é porque desconfia d'ella.

«O sr. *Presidente:* — O sr. deputado não tem a palavra; vou consultar a camara.

«O *Orador:* — Teem a consciencia das injustiças atrozes que estão praticando...

«*(Clamores:* — Ordem, ordem. *O sr. presidente chama o sr. deputado á ordem, e toca a campainha.)*

«O *Orador:* — Os cidadãos são agarrados em suas casas e levados para a cadeia...

«*(Novos brados de:* — Ordem, ordem: é indecentissimo.)

«O *Orador*: — Auctorisam o governo a destruir a carta constitucional, e não nos deixam fallar...

«*(Vozes:* — Á ordem, ordem.)

«O sr. *Silva Cabral:* — Mande v. ex.ª lançar o nome do sr. deputado na acta.

«O *Orador:* — Commettem-se as maiores atrocidades, e não querem que se diga. *(Ordem, ordem.)* Eu appéllo para o povo *(Gritos:* — Ordem, ordem); appéllo para a nação portugueza. *(Ordem, ordem.)*

«O sr. *Silva Cabral:* — Se quer conspirar, vá lá para fóra, não conspire aqui.

«O *Orador:* — Appéllo para os meus constituintes. *(Sensação.)*

«O sr. *Presidente:* — Vou consultar a camara.»

Votou-se em seguida a proposta do governo, que foi approvada, e no dia seguinte adiaram-se as côrtes até 20 de fevereiro!

XV

A suspensão das garantias constitucionaes, e a scena que acabo de transcrever do *Diario da camara* eram advertencias sufficientes para que Garrett se pozesse em guarda. Começaram immediatamente as visitas domiciliarias, as buscas vexatorias, as suspeições odiosas — todos os horrores que servem de cortejo ao podêr despotico e aos governos absolutos. Foram presos, deportados e perseguidos por differentes modos muitos cidadãos, e só escaparam, dos que guerreavam o ministerio, os que poderam fugir. Que o governo reprimisse a revolta e punisse os culpados, era logico e devia fazêl-o. Accusaram-n'o porém de ter querido achar cumplices nos innocentes, abusando da força para praticar violencias contra os que eram seus adversarios unicamente no campo das idéas, e que se mostraram sempre inimigos da anarchia e da desordem. Nem me julgo eu competente nem é aqui logar para desenvolver a historia d'esses successos. Oxalá que quem a escrever não possa repetir a sentença de Plutarcho, referindo a covardia com que Cesar entregou Cicero a Antonio: «Não ha féra mais cruel que o homem, quando reune o podêr á paixão!»

A ida de Garrett a Santarem, segundo elle conta nas *Viagens*, fôra taxada pelos jornalistas do governo de viagem politica. Para esse passeio, puramente recreativo, recebêra convite de Passos Manuel, que tinha casa em Alpiarça, e o acompanhava com o conde da Taipa e outros amigos, partidarios todos da revolução de setembro, e por consequencia opposição ao ministerio. D'ahi as bisbilhotices da imprensa, as accusações de conspiradores, e por fim a quasi coacção dos deputados opposicionistas. Já vimos como se recusou a palavra ao poeta, e

como este, em altos e solemnes brados, appellou para o povo, para a nação e para os seus constituintes. Parte d'estes antecipára-se a correr em auxilio dos seus representantes. A lucta, porém, foi breve. Apesar do valor de alguns dos insurgentes, succumbiram ao numero, terminando a revolta em Almeida. José Estevão e Cesar de Vasconcellos, promotores d'ella, poderam esquivar-se a tempo, fugindo para Hespanha, com muitos dos seus companheiros. Os menos felizes, ou mais ingenuos, foram, uns, encarcerados em terra, outros postos a bordo de navios do estado, e os considerados perigosos, deportados para o ilhéu da Madeira ou para Africa.

Ao mesmo tempo diligenciavam os espiões da policia apoderar-se das pessoas que tinham opiniões politicas iguaes ás dos vencidos, embora essas pessoas houvessem ficado estranhas á insurreição. Assaltaram por differentes vezes a casa de Garrett, para o prender e deportar, por ser dos condemnados, sem culpa formada. Salvou-o porém o ministro do Brazil, Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond, em casa de quem jantára, no dia do primeiro assalto. Drumond, informado a tempo, não o deixou saír, e ali esteve, protegido pela bandeira do Brazil, até as perseguições terminarem.

Furiosos por lhes ter escapado a prêsa, os esbirros do governo, procederam, no dizer do perseguido, como bando de beduinos. Revolveram-lhe a casa toda, arrombaram-lhe as gavetas, sequestraram-lhe os papeis, e até (oh! *politica!...)* obrigaram a saír da cama, onde estava gravemente doente, a filhinha do immortal poeta! Abriram-lhe os colxões e enxergões com as bayonetas, em procura de provas de cumplicidade revolucionaria, que não appareceram, e que seus inimigos não ousaram forjar! Este periodo da historia contemporanea de Portugal foi dos mais tristes e deploraveis! Faz pena saber-se que entre os membros do gabinete havia homens de su-

perior intelligencia, que, apesar das suas tendencias para as arbitrariedades, não podem deixar de ser considerados como estadistas notaveis[1].

XVI

José Estevão, que conseguíra a tempo arranjar dinheiro para viajar, escrevia d'ahi a pouco a Garrett:

«Cadiz, 23 de junho (1844).

«Am.º — Tenho feito uma viagem politica, litteraria e... olhe que tudo é peta. Estou aqui á espera do vapor do sul para ir por Marselha para París. — Lá encontrarei o Leite, e Deus dirá o que será de nós.

«O mundo politico está muito revolvido. Diga ao conde da Taipa, que o fogo vae ser em toda a linha. Não faltará por que combater, e conto que me não neguem uma espada, e um cavallo para o fazer.

«Tudo o que se diz, e crê ahi a respeito da Hespanha deve ter um grande desconto. — Ninguem faz tão má figura sendo tão grande. Não ha (nada?) tão ridiculo como a reacção, que aqui se está passando. — Narvaes anda a papar missas, e a acompanhar procissões em Barcelona, e agora estabeleceu-se uma formal perseguição aos... (não se entende) constitucionaes.

[1] Mas é tão cega a paixão politica, que ainda antes de estarem as garantias suspensas, já no correio geral de Lisboa se abriam as correspondencias vindas para deputados da minoria, e se lhes punha um V (visto)! Antonio José d'Avila, accusando o respectivo ministro d'essa violação da lei, disse que recebia as suas cartas nove e dez horas depois de se ter feito a distribuição, que o systema politico do governo tornava odioso o regimen constitucional, justificava a revolução de Torres Novas, e que elle Avila se tinha separado do partido a que anteriormente pertencia, e do ministro Costa Cabral, porque não quizera tornar-se cumplice d'este na revolta da restauração da carta!

«Tambem tenho visto os litteratos.— Teem as mesmas caras e as mesmas manhas que os d'ahi.— Acharam, que o Parnaso é no orçamento, e afadigam-se para subir a elle. Aqui teem os litteratos dinheiro, porque teem muito a quem vender, e elles sabem-se pagar. Serve-lhe muito a paixão das exagerações, que em Hespanha nenhuma revolução modifica. Aqui qualquer Silva Leal em sendo hespanhol é um émulo de Lamartine...

«—... Os homens que mandaram em Almeida eram muito inferiores á situação, em que se viram — e muito superiores aos seus cumplices de outras partes. Estou farto de andar atado a cadaveres.

«Não se esqueça d'aquelles homens, que estão em Burgo d'Osma; muitos d'elles queriam morrer, e não deixou por causa d'elles de ter um desfecho mais sanguinolento esta revolução modèlo. Faça uma peça para se representar em beneficio dos emigrados. Se lhe pagarem regularmente podem comer, mas não teem que vestir, nem que calçar.

«Adeus am.c= *José Estevão*[1]».

A letra de José Estevão devia ser dada para exame paleographico. Nenhum escriptor dos seculos XIV e XV se esmerou nunca em escrever tão mal. Se a carta não fosse interessante, protesto que preferia em vez d'ella ensaiar-me a traduzir um documento mozarabe! O drama que elle encommendava, estava já publicado: era o *Alfageme*, que effectivamente se representou, mas só mais tarde, como veremos, em beneficio dos emigrados.

Parece que n'esta occasião fizera Garrett, pela segunda vez, algumas advertencias salutares á rainha, por intermedio do padre Marcos; não foram porém attendidas. Algumas d'ellas prophetisavam a revolução, que estalou no Minho, em 1846.

[1] *Catal. Guim.* – CARTÃO C. – I.

IV

Sae o nosso auctor do esconderijo. — Entra na camara e reclama a palavra. — Associação para a reforma da carta. — Discurso violento. — Confronto dos ministros com os de D. Miguel. — Ao duque da Terceira. — Vota contra tudo, propondo a accusação dos ministros. — Põe de vez em quando sua pedra no caminho historico. — Antes offender a camara que a carta. — Penitenciarias e pena de morte. Sophismas e remendos. A ver em que param as modas. 'É poesia'. A passarola. — Competencia da camara. — Renova a iniciativa da propriedade litteraria. — Explicações a Rodrigo. — Termo da legislatura. — *Carta aos auctores do opusculo ácerca da origem da lingua portugueza.* — Opinião sobre as differenças da lingua castelhana e da nossa. — Lopes de Mendonça, na quinta de Faustino da Gama, e o chinó de Garrett. — Recordação de 1832, a proposito da cabelleira. — Fallecimento de D. Maria Amalia de Almeida Garrett. — *Natal de Christo.* — Carta-pedidos, de Antonio Feliciano de Castilho. — Tomo I do *Arco de Sant'Anna.* — A banca e a cadeira do ministro do Brazil. — Dedicatoria. — Criticas. — Resposta de Garrett a uma d'ellas. — Protestos, no tomo II. — O coruscante, e a ode. — Carta de John Adamson, traductor do *Romanceiro.* — Seria o Bernal-Francez, Bernardo de Ventadorn? nota. — Quarta edição do *Catão.* — *Flores sem fructo.* — Outra vez as datas. — Quando lhe nasceram *'As minhas azas'*.

I

Terminada a revolta, serenados os animos, quanto era possivel em tão calamitosas circumstancias, e não havendo já motivo plausivel para continuar a suspensão de garantias, pôde Garrett saír do seu carcere hospitaleiro com a boa vontade que se lhe devia suppor de pedir contas aos seus perseguidores. Como deputado que era, voltou logo ao parlamento, e em 19 de outubro, entrando-se em explicações sobre se devia conceder-se a palavra aos que a não tinham tomado na última materia discutida, e o presidente consultasse a camara a respeito d'elle, que estava n'esse caso, disse:

«A camara peze bem sobre que vae votar. Eu reclamo a palavra para me explicar e desaffrontar de graves ar-

guições que me foram feitas, a mim pessoalmente, na discussão. Attenda a camara que a sua decisão vae recaír sobre um deputado que foi perseguido, cuja casa foi assaltada tres vezes pelos esbirros da policia, e que é a primeira vez que aqui apparece depois d'estes desacatos.»

Permittiu-se-lhe que fallasse. Custa a crer, lendo-se o seu discurso, que é dos mais violentos, como se lhe consentiu o que disse!

II

Em 1838 tivera elle o primeiro pensamento para se reformar a carta. E por essa idéa pugnou até 1851. No anno de 1843, o visconde de Sá da Bandeira, Faustino da Gama, e outro amigo do poeta, foram a sua casa pedir-lhe o plano para que, associando-se certo numero de homens notaveis, das mesmas opiniões politicas, encetassem os trabalhos eleitoraes d'esse anno, já sob o ponto de vista da citada reforma. Organisou-se a commissão, installou-se e fez programma publicando-o nos periodicos, e discutindo-o publicamente. Fez-se tudo, emfim, por meios legaes e constitucionaes, para encaminhar a opinião do paiz a um centro que guiasse á reforma da carta. A sociedade tomára o titulo de 'associação eleitoral', e o ministro do reino, Costa Cabral, segundo Garrett affirmou, já em 1838 conhecia o pensamento do poeta. Agora, em 1844, o governo de que este ministro faz parte, accusa a associação de ser nucleo de rebellião, foco de desordem e centro conspirador.

No seu discurso, Garrett refere tudo isto, asseverando ter sido a associação mais pacifica e mais constitucional que existíra no paiz. O orador negava, contrariava por negação todas as accusações do ministro:

«Ao governo cumpre provar á associação aquillo de

que a accusa, e para isso tem uma vantagem que nós não temos, porque nos roubou todos os nossos papeis, porque os tem em seu podèr, porque violentamente nos esbulhou, e se mantem no roubo da nossa propriedade mais sagrada. Eu fallo sem nenhum resentimento pessoal; escapei milagrosamente ás iras ridiculas, mas atrozes, d'estes Sejanos pigmeus: digo milagrosamente, porque eu não tinha a menor idéa de me esconder; um amigo, em cuja casa jantei, me prendeu para eu não ser preso n'essa noite, que recorda os bellos tempos das setembrisadas, das abriladas, de tudo o que ha bello na torpeza do absolutismo, que o actual governo tomou para seu modêlo. Graças ao zêlo d'esse amigo, não gosei de todas as paternaes e carinhosas bençãos do governo que felizmente nos rege.

«Escapei-lhe; faço de conta que escapei a bandoleiros na estrada; já me não lembro d'isso. Importa, porém, pouco, que eu perdôe ou me esqueça. Ninguem mais se esquecerá n'este mundo de que houve ministros de um paiz livre que ousaram exarar o decreto da custodia nos presidios de Africa! Essa infamia é eterna, vae para a historia, já lá está em letras tão negras como as almas dos ministros. N'este atrocissimo e infame decreto a materia ainda é o menos. Concebêl-o é horrendo: mas ousar offerecêl-o á assignatura de uma senhora, de uma princeza, de uma rainha, da filha de D. Pedro IV!... Illudiram a religião da soberana, e deixaram no seu reinado um perpetuo rasto de sangue.»

Prosegue sempre com igual vehemencia: e tendo-lhe o presidente observado que o decreto que mandava deportar para o ultramar as victimas da insurreição já estava votado e lhe não era pessoal, replicou: «Pois se estes senhores me apanhassem, para onde iria eu?» Ao que o presidente volveu: «Mas não o apanharam».

Que tempos! Gracejava-se com a atrocidade! Quando

a regeneração não tivesse feito mais do que livrar-nos d'esses desgraçados costumes politicos, merecia só por isso as bençãos da nação portugueza. «A minha opinião na associação eleitoral — continúa o poeta — aquillo por que nós trabalhámos sempre, foi para conseguir que a opinião do paiz se encaminhasse por todos os modos legaes e constitucionaes, para o que nós reputâmos indispensavel, a reforma da carta; isto foi o que nós fizemos. Nós queriamos, nós desejavamos, e desejâmos e havemos conseguir que a constituição que se proclama no paiz seja possivel no paiz; e tenho fé que estes mesmos sacrificios, estas mesmas perseguições que soffremos estão concorrendo para firmar a liberdade.»

III

Quando fazia o confronto dos ministros da rainha com os de D. Miguel, accusando aquelles de se mostrarem peiores do que estes, gritou-lhe uma voz: «A questão». «A questão é esta, e nenhuma é superior a esta. Trata-se da gloria da rainha, da honra da nação, do credito do systema representativo que os ministros assassinaram. Eu sou um dos perseguidos, e não conservo resentimento nenhum, não faço caso d'isso. Não: nem virei aqui dizer d'aquellas memoraveis palavras que hontem ouvi d'aquellas cadeiras, e que Longino citaria no seu Tratado se tivesse conhecimento d'ellas. — *Esse homem é meu inimigo,* elle tinha filhos e eu não me vinguei n'elles.»

Alludindo ao duque da Terceira, presidente do conselho de ministros, e sem deixar de o tratar com deferencia, diz-lhe todavia que a sua espada nunca adquiriu gloria verdadeira senão quando pelejou á frente do povo pela causa da liberdade. Isto depois de lhe ter lembrado que em 1823 marchára com o despotismo, e que em

1827 mandára carregar o povo: que este se esquecêra em 1825, vendo-o combater pela liberdade: e em 1829, pelejando debaixo das suas ordens na Villa da Praia. Que o povo se esquecia dos aggravos, mas não dos bons serviços que o duque lhe fizera: «Tenho dado a minha explicação muito *invicta Minerva,* porque estes senhores não querem ouvir senão o que lhes apraz: mas aquillo que tenho a dizer não me faltará occasião em que lh'o diga[1]».

A 26 combateu com igual energia o *bill de indemnidade,* pedido pelo governo para as leis que tinha feito na ausencia das côrtes. Explicou o que na Inglaterra se entendia por *bill de indemnidade:* como em Portugal se tinha entendido tambem até ali, e as vezes em que fôra usado; e demonstrou que não podia ter logar no caso presente. Fallou dois dias, e terminou por estas palavras: «Eu voto contra todo o parecer: eu voto contra o *bill de indemnidade,* eu voto contra as leis, eu voto simplesmente que se decrete a accusação dos srs. ministros; voto por ella, proponho-a, não preciso de ser apoiado por ninguem. Voto pela accusação dos srs. ministros, e espero que se este meu voto, esta minha proposição, não é attendida hoje, um dia virá em que ella o seja.» Este discurso deita quatorze columnas do *Diario da camara.* O da sessão seguinte (28), quinze columnas e meia! O governo accusava os deputados da esquerda de representarem a revolução permanente, por quererem a reforma da carta, promettida em nome da rainha pelos restauradores de 1842. Taes são em todos os tempos as contradicções dos partidos!

Garrett nunca deixava passar erros de doutrina, ou a falta de qualquer fórmula, dizendo que «no systema con-

[1] *Diario da camara dos deputados,* outubro, 1844, pag. 214 e seguintes.

stitucional a fórmula é doutrina, e a doutrina fórmula[1]». Por isso, sem embaraçar as discussões, asseverava que se contentava com pôr de vez em quando sua pedra «no caminho historico das nossas coisas[2]». Confessava que sempre fôra cartista, que pela carta padecêra; mas que o fizeram pugnar pela reforma d'ella muitos cartistas que nada padeceram. Zelando os principios da carta, lastimava-se de que ella manquejasse na sua redacção... «porém eu, como antes quero pedir perdão á camara do que á carta, posto que não queira nunca offender nenhum dos meus collegas, comtudo antes quero offendêl-os a elles do que a ella...[3]».

O seu discurso de 13 é modelo de logica, de bom senso, de verdades applicadas ás coisas da nossa terra; e contém as suas opiniões sobre pena de morte e penitenciarias.

José Maria Grande apresentára em 1840 um projecto de lei ácerca de penitenciarias. Em 1844 deu a commissão parecer, approvando-o com modificações. Na sessão a que me refiro propoz alguem o adiamento. Rodrigo da Fonseca acabava de fallar a favor da discussão com a proficiencia propria de tamanho estadista. N'um dos ultimos periodos do seu discurso dizia: «Á vista d'isto, que talvez enunciei tambem um tanto poeticamente, do que peço desculpa, confessando que não sou tão inimigo das musas como Xenocrates o era das graças, e na persuasão de não haver offendido nem a delicadeza do nobre deputado, nem tão pouco a rasão da camara, o que muito me custaria me acontecesse, parece-me, digo, á vista do que exprimi, que não se póde deixar de entrar na discussão d'este projecto. Se se mostrar que não é possivel haver mais que um estabelecimento, ainda que um ou

[1] Sessão de 30 de outubro de 1844.

[2] Ibidem.

[3] Sessão de 12 de novembro de 1844.

mesmo dois não sejam sufficientes, espero que a camara não prive o paiz de uma instituição que tem tido as bençãos da humanidade em toda a parte onde se acha estabelecida».

IV

Tocando a vez a Garrett, fallou largamente. Destaco alguns paragraphos do seu discurso:

«...Um criminalista distincto e de primeira ordem disse que a religião era o supplemento aos codigos criminaes. Eu digo, que o estabelecimento das penitenciarias é o melhor supplemento ao codigo criminal que se póde estabelecer.»

Qualificando de sophisma a allegação de despeza:

«A bibliotheca pública de Lisboa e a academia das bellas artes, que estão no mesmo local, teem gasto mais de oitenta e tantos contos de réis ao estado n'aquelle casebre, nas cellas e dormitorios de S. Francisco; porquè? Pelo mesmo sophisma. Quando alguem diz: é necessario fazer uma bibliotheca, outros dizem: não senhor, faça-se um concertinho que custa 6:000$000 réis, e um remendinho que custa 2:000$000 réis, e depois muda-se para outra parte, e n'estas contradanças andam os estabelecimentos publicos, e teem gasto contos e contos de réis com isto só na capital.»

«...Agora a incerteza em que está a sciencia e a experiencia sobre o melhor methodo d'estes estabelecimentos, perdôe-me o illustre deputado se o combato n'este ponto, porque vi que a sua argumentação fez força na camara. Este é outro sophisma, sophisma que o illustre deputado apresentou aqui vestido de todas as galas da sciencia e copiosa leitura, mas que é um perfeito sophisma. E, pois que elle me deu exemplo em alguns dos seus modos de argumentar, permitta-me que diga, que as fei-

ções ora altas e ora baixas dos vestidos incommodaram um dia um homem a tal ponto que endoideceu e andava com uma peça de panno á cabeça, perguntando *em que parariam as modas*, como se fosse possivel as modas pararem, para então fazer um vestido. A moda dos estabelecimentos penitenciarios, o melhor methodo de os dirigir, e até que ponto são proveitosos, está *sub judice* das experiencias, dos estudos e das questões litterarias. Mas porque ainda não parou a moda dos vestidos, porque ainda se não fixaram as cinturas altas ou baixas, segue-se que nos não vistamos? Porque se não fixou ainda o melhor methodo de estabelecer o regimen constitucional, segue-se que nos deixemos governar por o systema absoluto?!...» «... Porque a prisão solitaria, isolada e com silencio é uma pena dura e cruel, cruelissima, segue-se que não queiramos o systema penitenciario? Essa pena não se tem substituido senão á de morte, que eu saiba, e ainda bem, porque eu por ora ainda não acreditei nem na efficacia da pena de morte, nem creio no direito de a impor, o que é mais alguma coisa[1].» «...Os

[1] A abolição da pena de morte por crimes politicos foi proposta pelo distincto liberal Manuel José Mendes Leite, na camara dos deputados, em 10 de março de 1852, e introduzida no acto addicional, sendo o seu additamento igualmente assignado pelo illustre poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. N'um opusculo intitulado *Manuel José Mendes Leite, esboço biographico*, por Marques Gomes (Porto, 1881), lê-se, a pag. 27: «Alguns deputados approvaram a proposta, outros combateram-n'a, entrando n'este numero os ministros». Os ministros não a combateram, nem podiam combater, porque tinham o mesmo pensamento, assim como toda a camara, sem excepção de um unico voto, conforme se póde ver nas discussões. *Dois* ministros, unicamente, duvidavam se devia ser a doutrina objecto de lei especial, ou entrar, como entrou, no acto addicional. É claro que Garrett não discutiu, porque, como acima se vê, a elle cabia a gloria de ter mais cedo levantado a voz no parlamento para protestar contra a pena de morte, negando até o direito de a impor!

primeiros protestantes, quando se organisou a igreja protestante, um dos pontos em que divergiam mais do nosso dogma era na crença do purgatorio que elles rejeitavam, e nós catholicos sustentavamos. Hoje, observe o illustre deputado, que tão versado é na leitura corrente e no progresso que fazem as sciencias, e sobretudo todas as idéas moraes, que devemos melhor estudar que as mesmas sciencias, se é licito dizêl-o, observe, digo, que todo o protestantismo está inclinado para a crença do purgatorio, que é uma especie de penitenciaria, porque nem o Creador crê nem á creatura é licito crer que o homem não seja corrigivel.

«Ha muitos factos para nos conduzirem a essa fatal desanimação, haja muito embora... (O sr. *A. Albano:*— Isso é poesia.) O *Orador:* — Seja; mas olhe o illustre deputado que cáe em outro sophisma. Essa tambem é uma das sophismações que escaparam a *Jeremias Bentham*. Quando uma idéa se não póde combater por outro modo, diz-se que é poesia: e quando um pensamento é nobre, quando uma expressão sae do coração, quando toda a logica arguciosa do materialismo o não póde destruir, diz-se: *é poesia*. Eu creio na perfectibilidade dos homens, creio na perfectibilidade do homem, creio que elle póde ser aperfeiçoado e melhorado. Deus me livre que não cresse! Desde logo fugia do meu paiz, era o primeiro d'onde fugia, ainda não sei para onde... Creio que os homens são corrigiveis, e creio que a penitencia os póde corrigir...» «... aquelles que construiram canaes, abandonariam as suas construcções, porque algum propheta lhes annunciasse que um dia se descobririam os caminhos de ferro e as machinas de vapor? Abandonariam os navegadores antigos os systemas das vélas, porque um dia podia vir a descobrir-se a navegação por vapor? Não é rasão. E quem sabe se um dia os barcos de vapor e as estradas de ferro

não serão vencidos por essa *passarola* que se inventou em Londres, e que foi engulida em Lisboa?...[1] *(Risadas.)* Quem sabe se um dia navegaremos pelos ares com a mesma certeza, e com a mesma força com que hoje se navega nas aguas? Não havemos nós de tratar do melhoramento da nossa navegação sobre estes elementos só pela possibilidade de vir talvez a navegar n'outro? O assumpto é immenso, o illustre deputado sabe melhor do que eu que é immenso. Baste por ora este dedo do gigante.

«Eu voto contra o adiamento; e se os srs. ministros, quando por curiosidade e divertimento se mettem a fazer leis, fizessem uma leisinha d'estas n'um intervallo da sessão, vinha eu aqui dar-lhes dez *bills de indemnidade*. Era d'aquellas coisas em que não fazia escrupulo nenhum[2].»

V

A 13 foi apresentado á camara um memorial, pedindo a readmissão de certo empregado que a mesa demittira. A petição ia assignada por cincoenta e oito deputados. Suscitou-se discussão, sobre se o negocio seria ou não da competencia da camara. Garrett sustentou essa competencia[3]. A 18, renovou a iniciativa do projecto da propriedade litteraria e artistica, apresentado em 1841, que fôra então approvado, e subíra ao senado. Alterada a constituição do estado, fecharam-se as côrtes; succedêra ao senado a camara dos pares, e esta, entendendo que

[1] Allude á nova fórma que n'esse tempo se pretendeu dar a um aerostato com vélas, procurando-se a direcção dos balões; mas que ficou sem resultado como todas as demais tentativas que no mesmo sentido se teem feito.

[2] *Diario da camara dos deputados*, vol. III, pag. 105, 1844.

[3] Idem, pag. 120.

não podia continuar a dar seguimento ao projecto, reenviára-o para a secretaria da camara dos deputados[1]. Agora voltára á commissão de instrução pública e de commercio e artes, onde readormeceu até 1851.

Na mesma sessão discursou contra o imposto, tomando oito columnas do *Diario da camara;* e na do dia 10 de dezembro, discutindo-se o projecto de lei para abolição das conservatorias das nações estrangeiras em Portugal e seus dominios, proferiu algumas palavras, das quaes se aggravou Rodrigo da Fonseca. Voltando a fallar, explicou-as, declarando que dava por não dito o que podesse parecer offensivo, não só a Rodrigo, como a qualquer outro: «Eu sou muito amigo e muito obrigado ao illustre deputado, que acaba de fallar; sou seu amigo ha muitos annos, tenho-o sido sempre em todas as epochas, e mesmo no meio das mais oppostas contradicções politicas, e nunca em circumstancia nenhuma, em tempo nenhum, deslisei um momento d'esta amisade e das deferencias, a que ella me obriga, mesmo quando os mais rigorosos deveres politicos me teem obrigado a estar em opposição com o illustre deputado; elle sabe-o muito bem. (O sr. *Fonseca Magalhães:* — É verdade.)»

Em 11 leu o parecer da commissão especial encarregada de fixar o termo legal em que, segundo a carta, deviam expirar os quatro annos improrogaveis d'aquella legislatura. Esse parecer diz que em 1842 não chegára a haver tres mezes de sessão, que a sessão ordinaria se não completára, nem houve intervallo legal para a extraordinaria; que o governo violou a carta, impedindo o cumprimento dos tres mezes, que ella exije; mas que um facto, embora illegal, do governo, não podia dar nem

[1] Fôra publicado a primeira vez no *Diario da camara,* na sessão de 18 de maio de 1839, pag. 568. Veja tomo II d'estas *Memorias.*

tirar á sessão das côrtes a natureza que lhe dá a carta. Que por consequencia a sessão de 1845 seria a última d'aquella legislatura. Esse documento, de quatro columnas do *Diario*, demonstra que aquella camara não podia consentir que se procedesse a novas eleições, sem ter feito primeiro outra lei eleitoral. Escripto e assignado por Garrett, traz tambem os nomes de Manuel da Silva Passos, Francisco de Paula Aguiar Ottolini, Manuel Joaquim Cardoso Castel-Branco e Faustino da Gama.

No outomno d'este anno mandaram dois socios do conservatorio ao nosso auctor, dedicando-lh'o, um estudo sobre as origens da lingua portugueza, pedindo-lhe opinião ácerca do assumpto. Estava elle a banhos na Boa Viagem, proximo de Algés, e d'ali datou, a 18 de setembro de 1844, a erudita *Carta em resposta á que lhe dirigiram os auctores do opusculo ácerca da origem da lingua portugueza*. Essa interessante critica publicou-se, no mesmo anno, de paginas VII a XV do referido opusculo[1]. É documento de historia litteraria, rico de noticias, e muito instructivo. Por elle se vê que o auctor professava idéas que diversificavam um tanto, segundo confessava, das geralmente seguidas com respeito ás origens da nossa lingua. «Tal é, meus senhores, a opinião que eu tenho em geral sobre este tão controverso ponto da nossa questão: opinião que vae, como todas as minhas, por meio dos batalhões disputantes, sem agradar a nenhum, e havida por inimiga de todos. Não o é, á coitada, eu lh'o asseguro: mas quer talvez o impossivel, que é congraçar opiniões inimigas[2]».

As suas convicções datavam de longe e eram sabidas desde a publicação do *Parnaso lusitano*, onde, pela pri-

[1] E ultimamente no tomo XXIV, pag. 163 e seguintes das *Obras* de Garrett, Lisboa, 1877.

[2] *Obras*, tomo XXIV, pag. 172.

meira e unica vez, em sua vida, se publicou o *Bosquejo da historia da lingua e da poesia portugueza*. Ahi disse que as linguas castelhana e portugueza, embora filhas dos mesmos paes, foram diversamente educadas, teem distinctas feições, vario genio, porte e ademan diversos. Conservam todavia o ar de familia, que enganou os estrangeiros, levando-os a suppor que o portuguez não era lingua propria.

VI

Na quinta de Faustino da Gama, na Boa Viagem, se reuniam por vezes os amigos de Garrett. Um d'estes levou ali n'esse anno o ainda mui joven Antonio Pedro Lopes de Mendonça, então aspirante a guarda-marinha, e d'ahi a pouco tempo litterato distinctissimo, arrebatado pela morte antes de ter dado todos os fructos que promettia o seu formosissimo talento.

Depois de jantar foram passeiar pela quinta, attrahidos por João Baptista, alma de todas aquellas reuniões alegres. Debaixo de uma arvore copada pararam, ouvindo-o recitar versos admiraveis. Mendonça, rapaz endiabrado como a maioria dos da sua idade, descobrira que o poeta usava chinó; e vendo-lhe por cima da cabeça, em conveniente altura, um ramo apropriado para realce de boa judiaria de estudante, deitou-lhe o gancho da bengala, curvou-o por detrás do recitador, que estava sem chapéu; engatou-o com cautela na cabelleira, e, largando-o de repente, esta voou pelos ares!

Á admiração e prazer que estavam sentindo os ouvintes do cantor de Camões, succedeu, primeiro o espanto, e logo em seguida gargalhadas capazes de assassinar os mais ardentes enthusiasmos. Garrett, menos irritado pelo desacato á cabelleira, do que por lhe ter sido cortada a recitação, correu atraz de Mendonça, conseguiu

apanhál-o, trouxe-o prêso pelo cós das calças para junto da arvore, e obrigou-o a marinhar por ella, para lhe ir buscar o chinó, que se baloiçava ainda graciosamente! Foi assim que Mendonça julgou escapar á grande sova, que em consciencia sabia ter merecido. Garrett não era homem para vinganças, nem se agoniava por tão pouco. Já no anno de 1832, na ilha de S. Miguel, em casa da familia Joyce, á hora da despedida, estando Bartholomeu dos Martyres, Casimiro Parrella e Aufdiner a zombar do seu sentimentalismo poetico, diante das senhoras, commovidas pela separação que se julgava ser, e foi, eterna, arrancára o chinó, dera com elle na cara dos amigos, e cumprimentando as damas, não tornou a pôl-o na cabeça, senão depois de estar na rua e de o ter mostrado aos circumstantes com grandes mesuras comicas.

VII

De vez em quando, as leis fataes que subjugam a humanidade, vinham lembrar ao nosso auctor que havia alguma coisa bem mais dolorosa que os odios dos politicos: era a morte, que um a um lhe ia levando os do seu sangue. A 26 de novembro d'esse anno de 1844 fallecêra nos Açores sua irmã D. Maria Amalia, senhora de grandes virtudes, que elle extremosamente amava.

No estudosinho que precede o solão *Cuidado e desejo*, de Bernardim Ribeiro, publicado no tomo III do *Romanceiro*, dissera João, que nenhum poeta portuguez escrevêra tanto com o sangue do seu coração como o supposto amante de Beatriz. Se me fosse possivel publicar algumas cartas do meu biographado, escriptas a mulheres, provar-se-ia que elle deixára muito atraz de si Bernardim Ribeiro. Mas não foi só nos amores d'esse genero que mostrou *ter mais coração do que cabeça*. Era

amicissimo dos parentes: até mesmo dos que não duvidaram lesál-o em seus interesses materiaes; e d'esta irmã, sobretudo, talvez por ser unica, e a que mais o estremeceu sempre entre todos os outros irmãos, era tão amigo, que nunca o ouvi fallar d'ella sem viva saudade[1].

Na *Revista universal lisbonense*, d'esse anno de 44, publicou o *Natal de Christo*, formosa peçasinha, que depois juntou á collecção das *Flores sem fructo*. A proposito d'essa composição, escreveu que «onde a liberdade se não abraçar com a cruz, onde o povo não derivar os seus direitos immediatamente de Deus e do Evangelho, ahi, liberdade verdadeira, não a ha de nunca haver. As theorias philosophicas valem para o espirito; e o espirito é menos para os povos. O coração é tudo, e ao coração só a religião póde chegar».

VIII

Com aquellas lisonjas e encarecimentos, que tanto o caracterisaram, lhe escrevia Antonio Feliciano de Castilho, em 24 de dezembro d'esse anno de 44, uma extensa carta, agradecendo o *Natal*, e pedindo para os Reis e para tudo.

«... Diz-me v. ex.ª que lhe peça prosas e não versos: eu a v. ex.ª hei de lhe sempre pedir versos e prosas, porque em minha consciencia digo que não sei qual d'essas duas coisas, em sendo feitas por v. ex.ª, me agrada mais. D'esta vez fiquei tão bem servido, que já d'aqui declaro que lhe hei de pedir uma poesiasinha para cada festa do anno, *sauf le droit de refuser*. Assim peço-a já

[1] D. Maria Amalia casára em Angra com D. Francisco de Menezes Lemos e Carvalho, e d'esse consorcio existem descendentes que pela sua illustração e virtudes honram a memoria do grande poeta.

para os Reis; peço-a para o carnaval, peço-a para a Paschoa; peço-a para a entrada da primavera, para a do estio, para a do outomno, para a do inverno: peço-a para o S. João; peço-a para o Santo Antonio; peço-a para os finados; peço-a em summa para cada uma das coisas em que podem caber poesias. É necessario estimular esta rapaziada com o exemplo; quando não acaba de se prosificar de todo.

«J. de Lemos saíu-se optimamente com o seu presepio, ¿pois não saíu? para esse não é que é necessario o exemplo, porque é poeta de alma e coração, mas os outros quando fazem algum versito é com um tom e com uns taes protestos quasi como de quem se envergonha de tal: ora como essa mingua e pequice é muito para sentir e se lhe procurar remedio, claro é que tem v. ex.ª obrigação de lhe applicar todo o que póde e o seu exemplo de certo é um efficacissimo: prosa tambem eu a desejo, e não é sem grandissima pena minha que a *Viagem na minha terra* tem estado interrompida por tanto tempo. Qualquer dia d'estes terei o gôsto de o procurar para lhe agradecer novamente todos os favores já feitos e obter por importunação, quando não possa ser por meros rogos, os novos favores que solicito. Por agora não fallo senão dos Reis. Se v. ex.ª tiver a extrema condescendencia de querer fazer para elles alguma coisa, convem que o original fique em meu podêr até 3 de janeiro: são nove dias para uma coisa que a v. ex.ª nem nove quartos de hora póde levar.— De v. ex.ª — admirador m.to e m.to devéras amigo e cr.º obrigd.mo — S. C. 24 de dezembro de 1844 = *Antonio Feliciano de Castilho*[1]».

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – I.

IX

Nos principios de 1845 se publicou em Lisboa, sem nome de auctor, o volume I do *Arco de Sant'Anna*[1]. A 14 de dezembro do anno anterior escrevêra o auctor o prefacio da primeira edição, que é, como tudo seu, lição elegante, instructiva e graciosa. N'elle dá de si curiosas noticias biographicas, assim como as dá do estado da nossa litteratura e da renovação litteraria por elle encetada. A proposito de ter voltado a moda dos prefacios, que acha boa, diz:

«Aqui te estou eu escrevendo a uma banca, amigo leitor, e sentado n'uma cadeira que, pelo menos, são do tempo dos Philippes... e seguro-te que não ha mais leal portuguez que eu».

A banca pertencêra a Drumond, e n'ella escrevia Garrett quando esteve homisiado em casa d'aquelle amavel diplomata brazileiro. No acto de saír de lá, e de lhe agradecer a hospitalidade, deitou uns taes olhares á mesa, que o outro provaria ser pessimo diplomata, se não os tivesse entendido.

— Confessa que levas mais saudades d'ella que de mim...

— Não; isso não... É bonita, não ha dúvida... Tenho varias nigromancias d'este estylo, e nenhuma se parece com ella. Todavia...

— Pois leva-a, que me dás gôsto; e peço-te que acceites tambem a cadeira.

Delicado e escrupuloso, resistiu, emquanto pôde fazêl-o sem parecer soberbo; mas cedeu por fim ás instan-

[1] *O Arco de Sant'Anna, chronica portuense. Manuscripto achado no convento dos Grillos do Porto, por um soldado do corpo academico.* Lisboa, imprensa nacional, 1845, 8.º de XXIV-215 pag.

cias ou antes violencia amigavel de Drumond. N'essa banca prefaciava o *Arco*[1].

X

Escreveu n'aquelle bello estudo contra a oligarchia ecclesiastica, dizendo que é util e proveitoso lembrar como os povos e os reis se uniram para debellar a aristocracia sacerdotal e feudal; que não havia medo que ella voltasse, mas certeza de que tentava voltar; e que essa tentativa só por si, e só em si, era uma revolução terrivel. Grande lição e exemplo proveitosos para hoje, e para sempre, contém, tanto o prefacio como o texto do citado volume.

A dedicatoria d'elle ao coronel João Pedro Soares Luna, commandante que foi do corpo academico, não é menos digna de ler-se e de meditar-se. N'ella diz o auctor que a escreve de uma aldeia do Minho, onde vive: e assigna-se — O Numero 72. — Fingia não querer que se soubesse de quem era o romance, dando a entender que este vinha de tão longe[2].

Alguem lhe insinuára que dedicasse o livro a uma alta personagem. Elle, porém, preferiu o seu ex-commandante Luna, dizendo: «Meia volta á direita, e marcha para o caldo de unto da santa independencia[3]».

[1] Pela cadeira fez depois outras parecidas, que se venderam no leilão da sua mobilia. Nenhuma, porém, era como a banca, de estylo gothico. Aquella a que se refere no prefacio devia ser a que pertencêra ao tio bispo, e que Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando se dignou depois dar de presente ao auctor d'estes estudos.

[2] Estava escondido, quando escrevia, embora a data discorde do tempo em que tiveram logar os successos politicos de 1844.

[3] *Arco de Sant'Anna*, tomo I, pag. XXIV, Lisboa, 1871.

Começára no Porto o tomo I, em agosto de 1832, no convento dos Grillos, onde estivera aquartelado: continuou-o em agosto de 1841, e concluiu-o no fim de 1844. De todas as suas obras, é talvez esta a que encerra maior numero de recordações da sua infancia, e de memorias interessantes para a sua biographia. O apparecimento d'esse volume suscitou varias discussões litterarias: uns o accusaram de combater as tendencias contrárias ao philosophismo encyclopedista, que tudo derrancou, ao passo que outros o defenderam com enthusiasmo. No *Diario do governo* de 27 de janeiro de 1845 saiu um artigo-annuncio do livro; e d'ahi a pouco publicou a mesma folha a primeira critica, da penna de Carlos Bento. Respondeu-lhe Teixeira de Vasconcellos, na *Revolução de setembro*, de 24 de fevereiro. No mesmo jornal, a 19 de março, saiu um folhetim a favor da obra, com a assignatura P. da C. (Pereira da Cunha), e outro em 8 de abril, por Oliveira Marréca. Na *Revista universal lisbonense*, tomo V, 1845 a 46[1], se publicaram tambem excellentes artigos. E quando cinco ou seis annos depois se imprimiu o volume II do *Arco*, e a segunda edição do I, renovaram-se as controversias. A *Revista universal*[2] advogou novamente a causa da obra. Tanto estes escriptos como os do tomo V eram assignados por F. L. de A. V. da F. (Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, 1.º visconde de Azevedo). A *Revista academica*, de Coimbra, n'uma pequena noticia, ácerca do tomo I do romance, provocára o que se lê a paginas 19 do tomo V da *Revista universal*. A introducção a esta resposta parece do proprio Garrett, comquanto se publicasse em nome da redacção.

[1] Pag. 19, 22, 212 a 215.

[2] Tomo III, da 2.ª serie, pag. 317 a 322.

XI

Transcrevo alguns trechos:

Arco de Sant'Anna: — «... Vimos com pezar e tristeza na *Revista academica* da semana passada, um artiguinho de pouca extensão e menos fundamento em que, começando por nos dizer que a *discussão andára desvairada porque deixára o fundo pela fórma, e antepozera a questão d'arte á questão social*, continúa e conclue sem tratar nem uma nem outra das taes questões, asseverando-nos por fim duas coisas que nós, francamente e por muito que nos custe, temos obrigação de declarar que são falsas.

«Uma é — que o facto em que se funda o romance é mera ficção da phantasia do poeta. Outra — que vistas as tendencias do seculo não ha que ter receio das tentativas do clero.

«A auctoridade de Duarte Nunes em que se estriba a primeira d'estas asserções, é das mais fracas e suspeitas da nossa historia. Com a *España sagrada*, e com argumentos e auctoridades de outra polpa lh'o mostraremos quando queira disputar. A tão laconico dizer basta por ora esta resposta.

«Mais curta é ainda, porém mais terminante, a resposta que damos á segunda. Remettemos o A. do artigo á leitura dos jornaes francezes do mez passado, *signanter* á sessão da camara dos deputados de França de 2 de maio ultimo.

«E por emquanto fiquemos aqui.

«Ha porém no mesmo artigo um periodo que precisa correcção: não pretendemos dar-lh'a, estamos certos que lh'a dará o público; mas desejariamos antes que a corrigisse a redacção d'aquelle esperançoso jornal, como de certo lhe fará muita honra.

«Eis-aqui o periodo:

«O A. do *Arco de Sant'Anna* julgou que... devia ir «revolver as chronicas á cata de um facto escandaloso... «atirar com elle ás turbas... e dizer-lhes: *Ahi tendes o «que é o clero, odiae toda essa classe...*»

«Estas coisas não se escrevem, accusações d'estas não se fazem — desde o P. Alvito Buella de saudosa memoria. E nós conhecemos tanto alguns dos redactores da *Revista academica,* sabemos tanto que elles são incapazes do vilissimo officio de calumniador, que estamos certos foram illudidos por quem lhes mandou o artiguinho, e não repararam no alcance d'estas descomedidas palavras. No artigo que hoje inserimos na *Revista*, com muita decencia e boa fé se allude a uma accusação parecida com esta — accusação muito menos grosseira, posto que não mais fundada. O A. d'este elegante e primoroso artigo, que nós publicâmos com muita satisfação, mais refere de que faz sua a dita accusação: e n'isso mostra sua boa fé e delicadeza. Diz-se que o A. do *Arco de Sant'Anna* pretende oppor-se á reacção religiosa do seculo presente e fazer com que voltemos ao philosophismo do seculo passado. A asserção parece-nos de todo infundada.

«O A. do romance bem claro e positivo se expressa sobre essa reacção religiosa e moral que elle tanto applaude, tanto approva, e, sem receio de muito aventurar, cremos podèr dizer que bastante ajudou entre nós. Ou nos erram muito bem fundadas conjecturas, ou a pessoa que suppomos ser, pelo menos, *editor* do 'Arco de Sant'-Anna' é a mesma que em outras obras bem conhecidas levantou o pendão d'essa reacção, que a dirigiu, que a excitou, que fez mudar os que já estavam n'outro caminho, que instigou a começar n'elle os que ainda não tinham começado. E se a historia litteraria d'este seculo em Portugal forçosamente tem de confessar (ainda que

a escrevam os mais invejosos inimigos) que a reacção, que a revolução moral da nossa litteratura foi capitaneada pelo A. de *Camões*, de *Catão*, de *Adozinda*, do *Alfageme*, do *Gil Vicente*, de *Fr. Luiz de Sousa*, do *Tratado da educação*, do *Portugal na balança da Europa*, e de tantas obras em tantos e tão diversos generos — a critica contemporanea tambem não poderá, sem injustiça, accusar o A. ou pelo menos o editor do 'Arco de Sant'Anna' de querer obstar a essa reacção.

«... Para nós é claro que o A. do 'Arco de Sant'Anna', tão bom christão como bom patriota, o que quer é que a reacção religiosa não seja sophismada. Tambem para nós é claro que elle não teve a louca pretensão de suppor que com um romancinho se fazem ou desfazem reacções: mas que sabe, conhece e crê que a reacção moral e religiosa do principio d'este seculo foi em grande parte trazida pela poesia e pela litteratura, que a não trouxeram em nenhuma parte, e *em Portugal menos que em parte alguma*, nem as prégações dos padres, nem os seus escriptos — e quasi que tinhamos vontade de dizer, nem os *seus exemplos*.

«Não quer, não quer de certo — nós o jurâmos por elle — não quer o A. do 'Arco de Sant'Anna' que voltemos ao *philosophismo* que tudo derrancou. Como o ha de querer elle, elle que o denunciou, elle que o escarnece, que o accusa, que o fustiga, elle, *primeiro homem liberal* de Portugal que ousou fazêl-o, e conservar-se liberal, e protestar que a liberdade, que a sã philosophia, que a verdadeira sciencia e a verdadeira politica o renegavam e expulsavam?...

«Est'outro artigo, que inserimos, responde a si mesmo e responde ao jornal de Coimbra. Ficâmos que esta será a opinião de quantos o lerem como elle merece porque é modelo de estylo, de elegancia e de cortezia: é critica como a sabem fazer pessoas de bem

quando para a honrarem e se honrarem a si, tomam a penna[1]».

XII

É claro que não pararam aqui as criticas.

Disse-se tambem que o auctor fizera obra de seculos passados, recomposta com scenas da vida moderna, por vingança politica; que mettèra no quadro homens da actualidade trajados á antiga, mas deixando ver através das mascaras transparentes as physionomias que a satyra denunciava ao riso público; que Gil Eannes era Agostinho Albano, a quem pozeram a alcunha de *europeu;* e que talhára ainda outras carapuças para cobrir de ridiculo os seus adversarios. É possivel que isto assim fosse. No que, porém, não ha duvidas, é que o *Arco de Sant'Anna* e as *Viagens na minha terra* são os mais graciosos livros de prosa que se tem escripto em lingua portugueza: aquelles discursos de Briolanja, de Martin-Rodrigues e de Gil-Eannes são inimitaveis. Que fina satyra aos governos, ás maiorias parlamentares, e aos nossos costumes politicos! Com que prazer se lê tudo aquillo e como se tem pena de que tão depressa acabe!

No tomo II protesta o auctor que não quizera esconder-se como Phedro detraz de seus apólogos para satyrisar os mandões, porque era covardia que deshonra o homem público n'um governo livre, etc. No decurso d'este trabalho se tem visto que não lhe faltou nunca o ânimo para se defender frente a frente dos seus adversarios: por isso me parece que elle tomou mais calor n'esta justificação do que pedia o caso. Caricaturar os que não faziam ceremonia em calumniál-o[2], não me pa-

[1] *Revista universal lisbonense*, tomo V, pag. 18, 1845-46.

[2] Não me refiro a Agostinho Albano, que sempre tive por homem honrado.

rece que fosse covardia nem deshonra. Peior foi o que elle escreveu na dedicatoria, referindo-se a ter sido feito consul o cavallo de Caligula, quando disse que os consules andavam aos coices pela nossa terra. Esta phrase destôa da sua usual urbanidade e delicadeza, sempre mantidas severamente, ainda nos momentos de maior paixão e colera politica.

Confessa que o seu romance é d'este seculo: que, se tirou o argumento do decimo quarto, o escreveu sob as impressões do decimo nono; e não o póde nem o quer negar; que todas as coisas humanas teem o seu lado torpe, ou feio ou ridiculo. E que é permittido á arte virál-as de um ou de outro, quando quer 'rir castigando'; mas que d'ahi ás vespas da comedia antiga vae muito. «De boamente imitára Cervantes se podesse, Aristophanes jamais. Pena é que sejam precisos estes protestos e declarações; mas a terra é pequena, e a gente d'ella não é grande».

Isto pertence ao prefacio da segunda edição do tomo I (1851), que termina dizendo que juntára ás notas alguns documentos, para provar toda quanta verdade historica um romance póde supportar sem caír em pedante e massador; que esses documentos lhe foram communicados pelo illustre reformador da nossa historia (A. Herculano), em tempos e expansões de boa amisade. «Juntos lemos grande parte dos capitulos, e se emendavam aqui, ali, e se consultavam alfarrabios. — Tenho verdadeira satisfação de o dizer aqui».

Datou-o de Belem, em setembro de 1851, tempo em que já andava á bulha com Alexandre, por causa da lei de propriedade litteraria e da convenção com a França. As leituras a que se refere tinham sido feitas na Ajuda, em 1849, quando o auctor ali esteve, como depois se verá.

Entre as allusões que mais doeram, citou-se a que se

julgava referir-se ao visconde de Laborim. «Dansemos a polka e viva o progresso! Inda assim: o *progresso* do nosso *regresso* como diz aquelle grande e coruscante orador nosso, cuja eloquencia, de parenthesis seja dito, tambem dansa a polka [1]».

Qualificavam Laborim de poeta campanudo; tornando-se inimigo politico de Garrett, recitava este alguns versos, guindados e *coruscantes*, que dizia serem de uma ode attribuida áquelle. O certo é que tal poesia rendeu a Laborim a alcunha de *Coruscante*. Garrett asseverava ser a ode obra de Rodrigo; este jurava que a fizera João; e, por fim, ambos a punham ás costas de Laborim, que talvez nem soubesse que ella existia!

XIII

Em 17 de fevereiro d'este mesmo anno lhe escrevia o seu amigo e admirador John Adamson, de New Castle, enviando-lhe parte da traducção do *Bernal-Francez* e dizendo-lhe que gostára muito da *Miragaia*, e que tencionava traduzil-a e publicál-a juntamente com aquelle, acompanhadas de pequena introducção. Acrescenta ser-lhe mui difficil fazer a versão, por não encontrar nos diccionarios todas as palavras antiquadas. E que por isso lhe parecia util que o auctor juntasse aos seus romances os glossarios d'essas phrases [2].

[1] *Arco de Sant'Anna*, tomo I, pag. 178.

[2] *Catal. Guim.* – CARTÃO B. – II. — A proposito do *Bernal-Francez*, occorre-me submetter aqui ao juizo dos criticos, e sobretudo ao do meu sabio amigo D. Victor Balaguer, a opinião, para que me sinto inclinado, de ter sido a xácara ou romance do *Bernal* feita sobre a historia dos amores de Bernardo Ventadorn (ou Ventadour, como dizem hoje os francezes) com a bella Iguez de Montluro. Conquanto n'esta nos falte o mar, onde passava e repassava a leve barca aventureira, e sejam differentes as circumstancias tra-

Publicou-se tambem em 1845 a quarta edição do *Catão*, na qual disse o auctor, em nome dos editores, que essa tragedia lançára os fundamentos em Portugal do theatro contemporaneo: e que o *Gil Vicente*, o *Alfageme* e o *Fr. Luiz de Sousa* o iam edificando «por um estylo que nos não deixa caír nas extravagancias e exagerações do romantismo ephemero, que já vae passando na Europa [1]».

O livro de versos, destinado primeiro a intitular-se 2.ª parte da *Lyrica de João Minimo*, igualmente se publicou em 1845, sob o formoso titulo de *Flores sem fructo*. A advertencia d'essa collecção é datada de Lisboa, em 10 de junho de 1844: e o prefacio, que traz por epigraphe o titulo do livro, de 3 de novembro de 1843. A politica, absorvendo-lhe todo o tempo e attenções, retardou quasi dois annos a publicação. No prologo começa por declarar que emquanto foi poeta se affrontou de que lh'o chamassem: e que agora tinha pena e saudade de o não poder já ser.... «Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo; mas quando a alma chegou a enrugar-se, não ha hygiene que a desfranza. A minha está velha: e a todos os achaques da velhice, junta essa fatal e matadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como via e sentia quando pensava pouco e sentia muito! Quem me dera ser o louco, o

gicas do final, é de suppor que o poeta as mudasse de proposito, no caso de ter sido o romance composto por occasião dos acontecimentos que narra. Que o *Bernal-Francez* é antiquissimo, não póde duvidar-se: e que a vida da mulher do visconde Ebles IV faz lembrar a de Violante, attesta-o o tomo II da *Historia politica y literaria de los trovadores*, por D. Victor Balaguer (Madrid, 1879), no artigo biographico de Bernardo de Ventadorn, que começa a pag. 230 (1.ª edicion).

[1] *Catão*, Lisboa, 1877, pag. 6. — A quarta edição, de 1845, foi feita pela casa Bertrand, e d'ella se tiraram 1:000 exemplares, como consta de uma carta no *Catal. Guim.* – CARTÃO C. – I. — Bertrands queriam tirar maior numero, mas o auctor oppoz-se.

doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser!» Depois de dizer que até então fizera mais prosas que versos; quando não devia, fizera prosa em annos de versos, e que não sabia se a estulta vaidade o levaria d'ali por diante a fazer versos em annos de prosa — acrescenta: «Não é minha tenção, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser embarcadiço; um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo, que se vae um homem por esses mares fóra, e só no meio do temporal se lembra de que já não é para similhantes folias». A que distancia ficava o protesto feito no *Camões!*

XIV

Tudo que se segue é bellissimo, como estylo poetico e elegante, trabalhado por uma imaginação viva e pelo matiz das illusões, que o auctor dizia não ter já. Quando deixou elle de ser poeta?!... Este prefacio é dos mais bellos trechos que escreveu. As peças das *Flores sem fructo*, no livro II, trazem as seguintes datas: 1829, 1831, 1832, 1833, 1836, 1837, 183..., 1841, 184..., 1842, 184..., 1843, 184..., 182..., 184...— Com estas vagas designações de tempo, termina o livro! Cada reticencia representa aqui talvez um capricho, mysterio do coração, segredo de amor que se quiz velar, esquecimento verdadeiro do tempo em que se escreveu, ou, como tantas outras, serão tambem estas datas de phantasia? Não me é permittido passar de conjecturas. N'este livro ha composições admiraveis, e tambem ensaios das suas traducções de Sapho, Anacreonte, Horacio, Alceu, uma imitação de Ossian, e a versão da peçasinha de Paulina de Flaugergues, *L'Alcyon au Cap*, de que já fallei[1].

[1] Tomo II, pag. 238.

E claro que não se lhe devem acceitar as datas de 1815 a 1823, a que se refere na advertencia, como sendo dos seus doze aos vinte e um annos, porque são dos dezeseis aos vinte e quatro. Entre as peças mais bellas d'esta collecção, cabe o primeiro logar á *Victoria da Villa da Praia*. Penso que a que se intitula *As minhas azas* se gerou sob a influencia d'aquelle deus desconhecido *(Ignoto Deo)*, que inspirou as *Folhas caídas*. Pelo menos, nasceu no periodo em que essa influencia funesta começou a accentuar-se.

V

Idéa de baile a beneficio dos emigrados. — Pedido de versos. — Intriga. — Carta de Garrett a Pedro Antonio Borges. — A Rossi-Caccia. — Enthusiasmo, pelos versos, que durou mais de trinta e tantos annos. — Jornal *A Illustração*. — *Metamorphose*.— *O inglez*.— *Ordem do Banho*.—*Bernal-Francez*.— *Esopo e o burro*.— *O castello de Dudley*. — *Album de um emigrado portuguez*. — *O brazileiro em Lisboa*. — Traducção hespanhola do *Bernal*. — Não era iberico. — *Os Figueiredos*, e *Guesto Ansures*. — *Memoria historica do conde de Avilez*. — *Da antiga poesia portugueza*. — *Mr. Sheridan Knowles*, nota. — Doença. — Volta á camara, e ora pelas classes pobres. — Más traducções das instituições francezas. — Grandes homens, feitos pelos ministros, ás costas da nação. — Projecto 'monstro de Horacio'. — A camara diz mais, rejeitando, do que elle fallando duas horas. — Dizeres da *biographia manuscripta*. — Preparativos eleitoraes. — Trecho de uma carta de José Passos a Garrett. — Garrett ao dr. Antonio Moniz Barreto Côrte Real. — Illusões, nota. — *Exposição de motivos e principios dos eleitores reunidos em Lisboa*. — Observação de Mousinho de Albuquerque. — Juizo de D. João de Azevedo ácerca de Garrett, no *Quadro politico, historico e biographico do parlamento de* 1842. — Mixto de verdade e mentira. — Septicismo e vaidade. — Anathema sobre o tomo I do *Arco*. — A Gomes Monteiro. — Silva Abreu a Garrett. — Fallecimento de Joaquim Antonio Garrett. — Herança, nota. — Tentativa de assassinato? Aviso anonymo. — Dito, em resposta, na *Revolução de setembro*. — Apesar de nova aggravação da doença, trabalha nas *Viagens*, na impressão começada da *Philippa de Vilhena*, *Tio Simplicio*, e *Fallar verdade a mentir*. — Nota, sobre esta última.

I

Nos principios de 1845 resolveram os correligionarios dos emigrados de Torres Novas e de Almeida dar em Lisboa um baile de subscripção, a favor d'aquellas victimas politicas. Desejosos de que a celebre cantora Rossi-Caccia os auxiliasse, lembraram-se de pedir versos a Garrett, dedicados á prima-dona. Encarregou-se da missão Pedro Antonio Borges, que fôra muito setembrista e por vezes auxiliára o poeta na sua eleição. Não havia comtudo intimidade entre elles; e João recusou-se, pretextando pouca saude. Sobreveiu a intriga, Bor-

ges zangou-se e escreveu-lhe muito despeitado e azedo. Não transcrevo a carta d'elle, limitando-me á de João Baptista, por necessidade de me restringir ao mais importante.

«Sabbado, 22 de fevereiro (1845).

«Illmo sr. Borges. — Apresso-me a responder á sua carta que agora me chega; e não é por me desculpar, é para me queixar (para o accusar gravemente do que não esperava do seu juizo) de uma irreflexão e precipitação que não devia ter; e que não convinha a um negocio que, de ligeiro que era á nascença, se tornou serio e importante. — Todavia agradeço-lhe que me dissesse a mim directamente o que na nossa santa e intriguenta terra se costuma dizer por detraz. E este proceder franco seu é que mais me obriga a responder-lhe, e a fallar-lhe, como eu costumo sempre e em tudo, rasgada e claramente. — Não é pois o queixar-se e repetir-me um dito que lhe deram por meu, é acreditál-o logo sem mais exame nem reflexão, o de que me eu queixo e de que o accuso — o que devéras e altamente me offendeu.

«Se o sr. Borges, vizinho, comparochiano, e consocio na mesma causa politica me tivesse dito, por palavra ou por escripto: *Repetiram-me estas palavras suas: são ellas assim?* Em vez de me offender d'isso, não tinha senão a louvar a sua franqueza. Mas não fez isso: deu por exacto o *dicterio,* e discorreu sobre elle com a mais clamante injustiça. — E aqui está a offensa.

«Pois o facto é assim. Veiu uma carta sua; estava eu ainda na cama escrevendo, porque ando doente. É-me muito conhecido o seu appellido *Borges,* mas não todo o nome. Não percebi de quem era a carta. Não quero porém ser descortez com ninguem, e mandei entrar o portador. Conheci então de quem era a carta. Mas primeiro nunca fiz nem sei fazer versos em francez; segundo nunca fiz versos na minha vida em *lingua nenhuma,* ver-

sos em louvor de *damas* ou de *heroes* nenhuns, para lisonjear ou engrandecer ninguem. As minhas escrevinhaduras em prosa e verso, por meus peccados, estão impressas. Em me citando uma só coisa que seja feita n'este genero, dar-me-hei por convencido de tudo o que quizerem. Algum amigo muito intimo e familiar, algum namorico de rapaz, e as grandes acções ou grandes meritos é que só me fizeram fazer versos. Veja se eu dediquei nunca sequer coisa minha a algum grande senhor. Para se imprimir então e dar em theatro, a artista, por mais distincto que fosse, e por mais que me enthusiasmasse, nunca o fiz. Veja se descobre alguma coisa d'essas que eu fizesse, e então não me creia.— Fiz uma vez, quando era muito creança[1], uns versos a madame Catalani em Londres, e outros outra vez ao pintor Sequeira em Paris, que nenhum d'elles viu nunca: e uns e outros versos eram mais sobre a causa pública da minha patria do que sobre os meritos artisticos d'elles. A meritos de gente viva não fiz nunca louvores porque ha perigo de lisonja, e eu tive sempre presumpção de que me não tratassem de *poeta*. Já hoje eu estou mais domesticado: mas d'antes desconfiava com quem m'o chamava, porque não queria que m'o applicassem no sentido vulgar. Ora pois, quem quer que tenha vivido commigo sabe isto que é pura verdade. E confesso-lhe, estranhei o seu pedido: estranhei-o, como tenho estranhado outros de pessoas que lhe não quero citar para que me não julgue basofio, mas que eu estranhei igualmente, e que *nunca satisfiz*. Não disse tudo isto ao seu emissario porque era uma historia muito comprida: não me pareceu preciso contál-a. Digo-lh'o agora para o convencer de injusto, porque o é e o foi para commigo.

«Vamos á historia do camarote na rua dos Condes.—

[1] Muito creança, com vinte e cinco ou vinte e seis annos!

Fallou-se em certa phrase no fim da dedicatoria do *Arco de Sant'Anna:* phrase que é um facto historico e que se refere a uma alta *personagem* na ordem do mundo.— Vieram versos á Rossi etc., etc. E eu disse (lembra-me bem) *ha muito que me não perseguem por versos: já se desenganaram que eu não faço versos a ninguem. Mas hoje é* (tão) *notavel o interesse pela Rossi que até a mim me foram pedir versos em francez — e pessoa com quem nenhuma intimidade tenho.* Quizeram todos os ouvintes saber quem era; e eu *não o disse.* Se alguem disser o contrário, mais ou menos do que isto, MENTE como um *villão ruim* que é, e sou eu que o digo e mantenho.

«Ora já vê que não ha offensa nenhuma ao sr. Borges no que eu disse; e muito grande a mim em me attribuir, e suppor capaz de dizer, o que acreditou.

«Conheço-o por um homem honrado e zeloso na causa pública, estimo-o por isso. Creio que ninguem póde duvidar de que não *cortejo* alturas sociaes, e aprecio só os *valores* sociaes. Mas não tenho tido relações intimas com v. s.ª e d'isto só fallei. — Ainda mais uma palavra sobre os versos da Rossi. — Póde-se fallar, n'esses versos, alludir ao menos á sua acção generosa a respeito dos emigrados? Se me diz que póde, *faço-os eu,* não quero que os faça mais ninguem senão eu. No baile dos emigrados (se se dér) querem dar-lhe versos em que se falle na sua acção bonita de os ajudar? *tambem os faço eu.*—Versos só á cantora Rossi, pelo seu talento (aliás que eu admiro) não os faço, *estou doente.* — Está claro agora o negocio e a questão? — Para este último caso e modo, é o sr. Borges mais *que intimo* commigo, não só para m'os pedir, até para os *exigir* de mim. Exige com direito e rasão. — Creio que entenderá agora depois d'esta explicação, e que ha de reconhecer que foi precipitado e injusto.

«Conchúo esta carta, já tão longa que me faz pejo ser

tão seccante — com duas coisas: 1.ª, que tenho muita pena das expressões últimas da sua carta de hoje, porque não cuide que *são ellas* que me fazem escrever-lh'a. Não me conhece, não tem tido commigo intimidade bastante, aliás saberia que não faço côrte, *nunca* fiz a nenhum podêr, seja qual for; 2.ª, que lhe peço para fazer eu os versos á Rossi, quando *se lhe podérem* fazer como eu sómente os sei fazer.

«Eu desprézo e detesto, mais talvez que nenhuma coisa, intrigas. Desfaço-as e gósto de as desfazer com a verdade. Estimo que me désse occasião de desfazer esta.

«Conheça que se deixou levar de dicterios; não faça nunca tal, nem commigo, nem com ninguem. Agora mais que nunca assim é preciso. E creia que não ha *nenhum* motivo, senão este, que me obrigasse protestar-lhe que realmente sou, porque aprecio as suas qualidades — De v. s.ª am.º e v.º c.do = *J. B. de Almeida Garrett*[1]».

II

Retirando Borges as expressões de que se queixava o poeta, este fez os versos, que teem por titulo: Os EXILADOS — *á senhora Rossi-Caccia*, se publicaram na *Revolução de setembro* de 30 de março de 1845[2].

[1] Ao meu amigo velho e distincto poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro agradeço o ter-me proporcionado ensejo de copiar esta carta; e ao filho do sr. Pedro Borges o brinde que me fez do original, bem como os de outros, igualmente importantes, depois do fallecimento de seu honrado pae.

[2] E no volume das *Folhas caídas*, pag. 230 e seguintes. Aqui, trazem a nota explicativa do porque se fizeram. A récita em favor dos emigrados teve logar a 29 de março, na casa dos srs. Pinto Basto, no antigo largo das Duas Igrejas, que hoje faz parte da rua Garrett.

Começam assim:

«Elles tristes, das praias do desterro,
Os olhos longos e arrasados de agua
Estendem para aqui... cravado o ferro
Da saudade teem n'alma; e é negra magua
A que lhes rala os corações afflictos,
É a maior da vida — são proscriptos.»

Foi tal o enthusiasmo que causaram, que quasi toda a gente os decorou; e trinta e cinco annos depois ainda o conselheiro Nazareth repetia parte d'elles em minha casa, com tanto fogo como se os tivesse ouvido na vespera! O genio tem podèr para conservar até aos que com elle communicam a força e a juventude da alma e da memoria!

No dia 1 de abril publicou-se em Lisboa o primeiro numero da *Illustração, jornal universal*, que o nosso auctor ajudou a fundar, e para o qual escreveu o prologo. A paginas 6 publicou, com o titulo de *Metamorphose*, os versos que no livro das *Fabulas e contos*, junto ás *Folhas caídas*, traz a designação de *O casquilho (janota) fabula*. Começou na pagina 11 o gracioso artigo *O inglez*[1], continuado nos seguintes numeros. É estudo muito verdadeiro e curioso dos costumes inglezes. A paginas 21 escreve sobre a ordem do Banho, pintando com vivas cores o estado da burguezia e as suas aspirações a ennobrecer-se; diz que a classe media invade tudo, que não deixa subir a plébe, e quer elevar-se a si mesma a par da antiga nobreza, que mofa do passado que não ouviu o seu nome, e do futuro que a não ha de conhecer; que quer o pergaminho, a fita, a cruz, o titulo «... se elles podessem comprar a historia, tambem!»

[1] Reproduzido tambem no tomo XXIV das *Obras*, pag. 257 e seguintes.

Publica o *Bernal-Francez*, com o estudo de que depois o acompanhou no tomo II do *Romanceiro*, a paginas 22; a fabula de *Esopo e o burro*, que no livro das *Fabulas e contos* traz a data de 1820, e dedicatoria a Th. da Silva Quintanilha, em paginas 30; a paginas 46, o *Castello de Dudley*, com a seguinte nota, da redacção: «Com o titulo de: *Album de um emigrado portuguez*, temos em nossa mão uma obra curiosissima, e nova para Portugal — um livro de viagens. O auctor visitou a Inglaterra, a Escocia, a França e parte da Allemanha. O estylo varía como o assumpto, é quebrado, e mais parece uma collecção de fragmentos do que outra coisa; como tal daremos d'elle extractos destacados».

Esse artigo segue nos numeros seguintes do jornal. Além d'elle, tudo que escapou das suas viagens na Inglaterra, ficou apontado ou extractado no tomo I d'estas *Memorias*.

A pag. 53 dá outro trabalho, no delicioso genero de folhetim, que elle iniciou entre nós, mas que nenhuma penna fez ainda subir a tamanhas alturas. Intitula-se *O brazileiro em Lisboa*. Já o tinha publicado, com pequenas differenças, e sob diverso titulo, no jornal *Entre-acto*, em 1837. Agora deu-lhe a fórma de carta, escripta de Lisboa por um brazileiro á sua amada. Eis como principia: «Cajú da minha vida, banana da minha alma, beija-flor dos meus pensamentos, oiro-preto de minha saudade!» Descreve com fina critica alguns costumes de Lisboa, os janotas do tempo, os banhos, vapores para Almada, omnibus para Bemfica e para o Lumiar, e diz que ha já duas ou tres lojas onde se vende neve... «É quasi como no Rio de Janeiro». Assigna-se *Jacaré-Paguá*. A paginas 59 insere a traducção hespanhola do *Bernal-Francez*, feita por Isidoro Gil, que acompanha de pequena introducção, pondo-lhe esta nota final:

«Quando será que duas linguas, duas litteraturas, duas nações tão feitas para se entenderem reciprocamente, para se darem mutuo auxilio no grande e santo empenho de regenerar a nossa peninsula, a nossa commum patria hespanhola, quando será que o possam... que lh'o deixem fazer? — Não é para aqui a resposta, nem o era talvez já a pergunta».

III

Não se julge por isto que elle pendia para o iberismo, segundo o entende muita gente: todas as suas obras, todas as suas palavras e actos attestam opiniões contrárias á união iberica. A paginas 62, começou, seguindo-a nos numeros immediatos, a historia dos Figueiredos, ou de Guesto Ansures e do tributo das cem donzellas; ahi propõe a questão se seria o mesmo Guesto, como alguns pretendem, que nas trovas dos *Figueiredos* celebrou o seu generoso feito [1]. Diz que não o crê, mas crê que o thema popular de sua heroica resolução viveu por muitos seculos na lembrança dos povos agradecidos, e que posto n'esse ou n'outro parecido canto pelos singelos poetas dos primeiros tempos, assim foi passando de geração em geração, traduzindo-se insensivelmente de dialecto para dialecto, segundo elles se foram alterando na successão dos tempos até o decimo sexto seculo, em que se imprimiu.

Teixeira de Vasconcellos, que adquirira a propriedade do jornal *A Illustração*, fazia os maiores esforços para que o poeta não deixasse de collaborar n'elle; mas depois dos escriptos que acabo de citar, nada mais encon-

[1] É digno de ler-se o romance publicado ultimamente pelo sr. visconde de Figanière, sob o titulo de *Guesto Ansur*, que representa um excellente quadro da historia e dos costumes do tempo.

trei, senão as *Péyas de Cintra* (em 1846), que possa authenticar-se como obra sua [1].

Na *Revolução de setembro* de 15 de abril publicou a *Memoria historica do conde de Avilez*, que, apesar de pequena, é excellente como tudo quanto saia da sua penna. Tem por unica assignatura A. G.: n'um dos numeros seguintes do jornal se poz uma errata ácerca d'ella, que os colleccionadores das obras do poeta devem ter em vista. *Da antiga poesia portugueza* é outro estudo que n'esse mesmo anno inseriu na *Revista universal lisbonense* [2], attestando, com o grande saber, a sua constante actividade e amor das letras.

IV

Todo o mez de janeiro d'esse anno, e ainda parte de fevereiro, esteve doente. A sua vida, cortada de perseguições e desterros, e as miserias e luctas inherentes a ella o tinham tornado muito cedo valetudinario. A força de vontade nem sempre podia suffocar-lhe a ira, apesar do que elle affirmava em contrário, quando adversarios odientos o aggrediam sem rasão no parlamento. E a colera aggravava mais que tudo as suas enfermidades. Não cedia, porém, nunca o campo: e, bastante enfermo ainda, eil-o nas discussões da camara, já em 11 de fevereiro,

[1] Os artigos citados foram colleccionados no tomo XXIV das *Obras*, onde se acha tambem o artiguinho que tem por titulo *Mr. Sheridan Knowles*, dando noticia das tres leituras por elle feitas n'aquelle tempo em Lisboa, ácerca de Shakespeare. A 4 de maio de 1852 este distincto litterato escreveu a Garrett uma carta affectuosissima, felicitando-o pela sua entrada no ministerio, e recordando-se com o mais vivo reconhecimento do modo por que João o acolhêra e tratára em Portugal. (*Catal. Guim.* – CARTÃO C. – I.)

[2] Tomo V, pag. 453, 465, 479, 488, 499. E, recentemente, no tomo XXIV das *Obras*, pag. 173 e seguintes.

advogando os interêsses das classes pobres. Quando ia conceder-se por contrato o estabelecimento de caixas economicas, pediu que se marcasse o maximo das quantias que deviam entrar n'essas caixas, e perguntou que applicação teria o dinheiro, e em que circumstancias podia ser retirado por seus donos. Queixando-se do silencio do contrato n'estes pontos, exclama:

«Em nome de tudo quanto ha sagrado, lembrem-se que esta terra é de todos, que não é só de uma companhia, quer seja confiança, quer desconfiança; é de todos os portuguezes esta terra: é do setembrista, do cartista, do ordeiro, do miguelista. Lembrem-se de que se trata dos interêsses de uma classe, a favor da qual tão brilhantes, tão catholicas declamações se fizeram aqui.» E mais adiante: «... Isto são tanto caixas economicas como eu sou papa. Pelo amor de Deus, por misericordia, peço que se faça alguma coisa mais do que está no projecto para tornar realisavel o seu fim». As suas idéas foram acceitas, introduzindo-se na lei modificações mais favoraveis.

A 28, tratando-se da organisação do conselho d'estado, chamou-lhe «imitação, ou melhor traducção da organisação franceza, mas pessima traducção: e eu como sou traductor posso dizêl-o: é como são quasi todas as nossas traducções do francez». Sobre este thema discursou largamente, demonstrando o uso constante, seguido ainda hoje, de se transportar de Paris para Portugal qualquer instituição nova, sem primeiro se examinar se ella póde aqui ser boa e ter applicação aos nossos usos e costumes, tão diversos em tudo dos francezes. Em 1 de março, sobre o mesmo assumpto, depois de ter dito como entendia que deviam fazer-se as nomeações, acrescenta: «Póde um ministro na sua alta intelligencia fazer de um homem qualquer um grande homem, porque a lei deixa-lhe uma latitude tal, que por fim está a nação com mais uma, não

direi notabilidade, porque está safada esta palavra; mas com um grande homem ás costas».

Fallou ainda, n'outras sessões, ácerca d'essa materia, propondo emendas, que não se lhe admittiram; e na discussão do artigo 4.º, declarou que não se oppunha ao artigo, nem aos additamentos, nem ás emendas, porque esse artigo não era mais que symptoma do projecto; que este era um monstro de Horacio que ninguem podia entender. «Uma vez é conselho d'estado de França; outra vez é o conselho d'estado da carta.» Disse que do conselho que devia ser administrativo se queria fazer conselho aulico, e que não ficaria uma coisa nem outra, mas o tal monstro de Horacio «com cabeça não sei se de cavallo, com pés não sei de quê...» *(Riso.)*

Accusando-se a maioria da camara de subserviente, tolhendo a liberdade de discussão aos deputados opposicionistas, e tornando-lhes difficil o desempenho do mandato, clamava o nosso orador, a 3 de março, a proposito da urgencia de um requerimento e da impressão do parecer sobre a lei eleitoral que se projectava:

«... Eu não quero fazer injúria á camara... eu não quero dizer nada... aquillo que aqui se diz é inutil, perfeitamente inutil; e se nós consultassemos a nossa posição individual, se nós consultassemos tão sómente o nosso capricho, se nós consultassemos tão sómente uma coisa que se chama ponto de honra pessoal, ha muito que não deviamos pôr aqui os nossos pés. Mas estamos preenchendo a nossa missão: debaixo de grandes sacrificios continuâmos a fazer este sacrificio.» «... A camara rejeita esta proposta, porque rejeitando-a tem dito mais do que eu poderia dizer em duas horas de discurso.»

V

A *biographia manuscripta*, na parte acrescentada ao que se publicou no *Universo pittoresco*, diz:

«Excitando a minoria da camara, em 1845, a grave questão ácerca do termo d'aquella legislatura, foi o sr. Garrett acintemente nomeado pela maioria para a commissão que devia dar o parecer a respeito d'este importante objecto, com o intuito de o tornar contradictorio, de o comprometter com o seu partido, com a camara, e até com o seu paiz, porém o illustre deputado, como relator da commissão, zombando dos ardis de seus adversarios, formulou aquelle memoravel parecer que fará epocha nos fastos parlamentares do paiz».

Isto refere-se a fins de 1844: e já atraz se citou esse parecer. A biographia acrescenta:

«Em 1845, o governo, rendendo menagem á doutrina da constituição, sustentada por aquella minoria da camara que compoz a commissão de que foi relator o sr. Garrett, procedeu a nova eleição de deputados, empregando todos os meios e tropelias para que a opposição não tivesse accesso á urna nem assento no parlamento; o paiz, porém não pôde ser completamente subjugado pelo partido dominante. Em Evora triumphou a causa da rasão e da liberdade: sairam d'aquelle collegio os poucos deputados que deviam sustentar na camara os principios da boa causa: um d'estes foi, nem podia deixar de ser, o sr. Garrett, que pelos seus serviços, talentos e elevada eloquencia se fazia necessario não só ao paiz mas ao partido que se achava tão contrariado e abatido.»

Muito tempo antes de se fecharem as camaras, preparava-se a opposição para as novas eleições; trabalhava, comtudo, mais por descargo de consciencia e dever

politico do que por convicção de poder triumphar na urna. Em 1 de março escrevia José da Silva Passos a Garrett, accusando o recebimento do *Arco de Sant'Anna* (1.º), fallando-lhe de eleições, e dizendo que as auctoridades do Porto tinham conferenciado muito nos ultimos dias: «Desconfio que é para alguma *infamia* que d'ahi lhes recommendam[1]».

Aconselhava-o a que se aproveitasse da grande influencia de Macario de Castro, e que escrevesse ao morgado (depois visconde) de Azevedo. «Espera-se muito da carta de v. ex.ª».

É singular que José Passos mostrasse tanta solicitude n'esta occasião, sabendo-se, pela affirmativa de Garrett, que este nunca fôra eleito deputado pelo Porto em consequencia da guerra injustificavel que, occultamente, lhe fazia aquelle!

A 7 de março escrevêra Garrett ao dr. Antonio Moniz Barreto Côrte Real, para a ilha Terceira, a seguinte carta:

«Lisboa, 7 de março de 1845.

«Ill.mo sr. — Não tenho a satisfação de ser conhecido de v. s.ª, a quem só conheço de reputação, muito honrosa certamente e que me anima a escrever-lhe sobre um assumpto que estou certo lhe não póde ser indifferente, porque os bons portuguezes, seja qual for a diversidade de suas opiniões, todos teem pontos communs em que por força os accorda a santa religião da patria, que é de nós todos.

«Um governo justo e economico, sem exclusivo de partidos, que entenda que Portugal não é dos cartistas nem dos setembristas, nem dos miguelistas, mas dos portuguezes todos, é inquestionavelmente o unico possivel hoje na nossa terra, que só podem desejar os ho-

[1] *Catal. Gaim.* — Cartão c. — 1.

mens de bem de qualquer partido. Este governo não é o que nós hoje temos no actual ministerio, nem o que sustentam as actuaes côrtes. Felizmente as boas e rectas doutrinas teem feito progresso, e as provincias do continente estão animadas do melhor espirito: as antigas discordias tem-se conciliado, as antigas injurias esquecido, e pela primeira vez estou persuadido a nação portugueza, não de facções, irá á urna. Apesar das fraudes do governo todas as probabilidades são que a opposição nacional ha de vencer em grandissima parte; e talvez muito provavelmente na nossa ilha Terceira se decida a final a grande questão, por que os seus tres deputados determinem a da maioria na futura camara[1].

«Rogar pois a v. s.ª, não por mim nem para mim, mas por nós e para nós, é o objecto da presente carta; rogar-lhe que empenhe a sua valiosa influencia, sua e dos seus, para que os manejos do ministerio não vençam nem illudam os povos, e que ahi triumphe a causa da opposição nacional.

«Eu, certo, me lisonjeio sempre muito quando os patricios da minha patria adoptiva, onde me criei, e que amo tanto ou mais do que aquella em que nasci, onde tenho os ossos de meus paes, e os mais caros dos meus parentes, certo, digo, me lisonjeio sempre muito quando elles me confiam a sua procuração. Mas protesto-lhe que agora sobretudo nem esta nobre ambição me inspira se for preciso prescindir do meu nome e da minha candidatura para vencer, não me custa nada o sacrificio. O que desejo é que, em geral, se salve a nação do abysmo a que a levam, e quanto á nossa ilha que ella

[1] Pelas illusões, assimilha-se aqui ao mais vulgar dos homens! Por um lado, accusa o governo de tyrannico e despotico, e por outro parece crer que elle se deixará vencer nas eleições como pacovio! Breve se desenganou, vendo a opposição representada apenas por quinze deputados, incluindo os das ilhas.

seja dignamente representada por quem a honre e defenda.

«Perdoe-me importunál-o assim: o motivo desculpa-me. Eu quizera fallar-lhe nas nossas letras em que v. s.ª é tão distincto e benemerito. Espero fazêl-o com mais repouso. E peço que me creia agora—De v. s.ª am.º obr.º=*J. B. de Almeida Garrett*[1]».

As camaras tinham fechado a 20 de abril, mas já em 24 de março publicára a *Revolução de setembro* a *Exposição de motivos e principios dos eleitores reunidos em Lisboa*. Esse documento, escripto e assignado por Garrett, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque e A. A. Teixeira de Vasconcellos, foi discutido na rua do Alecrim, em casa do poeta, e feito por este. A primeira phrase do último paragrapho dizia: «Não tenhaes medo das facções nem do podêr dos facciosos». Mousinho, ouvindo-a ler, levantou-se e disse, indo para a janella com maior furia do que pedia o caso:

—Eu não assigno isso. É ridiculo que tres homens digam ao reino inteiro que não tenha medo.

Garrett picou-se do modo pouco comedido d'esta reflexão, levantou-se tambem, deu volta á roda da mesa, e passando perto de Teixeira de Vasconcellos, disse-lhe em voz baixa:

—Mude-lhe isso ao gôsto d'elle.—E foi ao quarto buscar um cigarro[2].

[1] *O Heroismo*, periodico angrense, de 8 de janeiro de 1865. Esta copia foi-me remettida pelo sr. dr. Côrte Real em 29 de maio de 1883, citando o jornal de que diz ser extrahida. Muito tempo antes me tinha eu dirigido a s. ex.ª: e aqui lhe agradeço o favor recebido. O sr. dr. Côrte Real diz, em nota, que Garrett, então deputado pelo Porto e pela Terceira, optára por esta, por ter n'ella os ossos de seus paes. Como verá do meu trabalho, o cantor de Camões nunca foi deputado pelo Porto.

[2] Apontamentos de Teixeira de Vasconcellos.

VI

Appareceu por este tempo o opusculo intitulado: *Quadro politico, historico e biographico do parlamento de 1842, por um eremita da serra d'Arga*[1]. O auctor era D. João de Azevedo. Pela raridade d'essa publicação, transcrevo o que ali se diz do meu biographado:

Garrett

«Quel est cet homme, dont le regard est fier et parfois ironique, et qui, se confiant dans la haute opinion qu'il a de lui-même, regarde en pitié ses semblables?

Portrait de M. de Lamartine.

«Figurae-vos um homem que a toda a eloquencia de Demosthenes, a toda a arte comica de Talma, a toda a sciencia de Salomão, e a toda a apparente severidade de evangelista, reuna, tomando a palavra nas côrtes, o mais composto exterior de impressionado, de convencido dos factos, e de profundamente repassado da idéa de que elle é o verdadeiro *missus a deo, cui nomen erat Joanes*, e tereis, se a isto quizerdes ajuntar uma pequena dóse de sorriso sarcastico a roçar-lhe levemente pelos labios, o mais imitativo desenho que se vos poderá offerecer do nosso muito prezado, e a muitos respeitos inimitavel poeta, João Baptista de Almeida Garrett.

«Talento monstro, reputação europêa, primeiro orador portuguez, primeiro poeta peninsular, e litterato quasi encyclopedico, Garrett é o sceptico mais desalmado que seguramente se tem sentado em cadeira de parlamento!

«Ninguem como elle maneja o pró e o contra, ninguem como elle sabe affirmar e negar, ninguem como elle as-

[1] Lisboa, 1845.

sume, se as circumstancias o reclamam, o inflexivel aspecto de archanjo celestial, enviado por Deus ao paraizo a enxotar com a espada de fogo os miseros filhos do anathema!

«E acreditará Garrett na sua missão? Só elle o póde dizer.

«Ouvil-o e não ficar-lhe pendurado dos labios, é dar a mais evidente prova de que ou o coração é de bronze, ou a cabeça de marmore. Mal porém que remata, adeus impressões produzidas! adeus moral da escriptura! adeus magnetismo poetico! De tudo quanto se lhe ouviu, o que apenas sobrevive ao discurso é a lembrança caustica do Rabelais, que assassina a do S. Chrysostomo.

«Entrae-lhe bem pelo cerebro, descei-lhe do cerebro ao peito, sondae-lhe todas as visceras, catae-lhe todo o escaninho, ide até onde poderdes ir, até onde for o homem íntimo, e vinde depois dizer-nos se encontrastes por lá a fé? A fé!... que tempo não ha que a perdeu!...

«Seria amor que o fez sceptico? — seria a ruindade dos homens? — seria o bafo pestilencial da politica? — Estamos que foi o último.

«De todos os venenos da alma não ha nenhum que mais arruine, nem tão depressa converta em cadaver. É uma especie de acido prussico obrando sobre o moral. Dois mezes de parlamento correspondem exactamente a duas gotas d'aquelle toxico.

«Mas Garrett não está ainda tão corrompido que perdesse toda a especie de crenças. Tem uma que muito o afaga, e que n'elle é mais forte do que nos outros. — a de que effectivamente é gigante, e talvez precisára curvar-se para atravessar o colosso de Rhodes.

«Que as suas dimensões são immensas ninguem póde ter n'isso dúvida; mas encontrar-lhe objecto de comparação só se for com a idéa que fórma de si.»

VII

Este juizo, mixto de verdade e de mentira, se em parte lisonjeou Garrett, doeu-lhe mais do que o consolou. Sem a accusação de immoral e de sceptico, e sem tanto exagero no conceito que diz formar de si o poeta, o retrato estava perfeito. A epigraphe, extrahida do *Retrato* de Lamartine, parece-me desacertada, apesar de ter havido entre esses dois homens muitos pontos de similhança, como veremos mais tarde. O nosso poeta, embora conscio da sua immensa superioridade, não desprezava nem sequer os pequeninos, como eu era: assás o tenho demonstrado. Em varias de suas obras, allude elle, indirectamente, a essas immerecidas accusações de scepticismo. É certo que por vezes, nos seus discursos parlamentares, protestou não crer já nos homens nem nas reformas; porém, n'essas occasiões mesmo, declara esperar tudo do porvir e da mocidade. E muitas vezes os seus actos protestaram contra as suas palavras de descrença. Accusál-o de fazer *pose* na camara é injustiça clamante. Fallando em público, ou escrevendo, serviu-se dos recursos da arte, alliados aos da natureza, sem comtudo armar aos effeitos, como fazem as mediocridades. Exprimiu convicções, sustentou principios, pelos quaes nenhum homem padeceu tanto como elle até á morte. Os scepticos não costumam sacrificar os commodos da vida, e a vida mesmo, por crenças fingidas, por esperanças no futuro ou por opiniões de parada.

Não ha dúvida que foi vaidoso dos seus enormes talentos; ainda não o encobri: que uma vez ou outra, nas salas, nas conversas familiares, e até na maior intimidade se comprouve de alardear forças que não tinha, gabar-se de amores que talvez nunca existiram. Porém este último papel, representado, como elle dizia, para os frivolos do mundo, no intuito de não os assanhar com

a sua superioridade, papel que outros nunca largam, era posto de parte, logo que se tratava da patria, da liberdade, da poesia, da litteratura, de todas as coisas sérias, grandes e bellas. Só descria da politica partidaria, que na maioria dos casos não é mais que facciosismo; acreditava porém, e demonstrou-o constantemente, na politica generosa, que não se inspira nas pequenas paixões, que não questiona de homens, engrandece os estados, illustra e torna prosperos os povos.

Nas *Viagens na minha terra* se refere aos que o accusavam de sceptico: «O final do capitulo antecedente é, bem o sei, um terrivel documento para este processo de septicismo em que me mandaram metter certos moralistas de *requiem* de quem tenho a audacia de me rir, d'elles e da sua querella e do seu processo, protestando não me aggravar nem appellar, nem por nenhum modo recorrer da mirifica sentença que suas excellentissimas hypocrisias se dignarem proferir contra mim[1]».

Parece que as críticas feitas ao *Arco de Sant'Anna*, e as allusões que todos viam ou julgavam ver no primeiro volume d'este romance, tornavam difficil a entrada do livro em algumas casas, aliás respeitaveis. Havia muito quem o desejasse ler, mas que receiava malquistar-se, se lh'o vissem em cima da mesa da sala. A tal ponto chegou o ridiculo, resultante das animadversões politicas! Até ao seu honradissimo amigo José Gomes Monteiro temeu Garrett indispor com alguem da situação, porque lhe mandou o exemplar da obra com as precauções que indica na seguinte carta:

«Lisboa, 14 de março (1845).

«Meu am.º — Ahi foi o *Arco de Sant'Anna* para o Porto. E uma das primeiras pessoas — a primeira de certo —

[1] *Viagens na minha terra*, edição de 1870. Lisboa, tomo II, pag. 135 e 136.

a quem desejei mandál-o e recommendál-o foi o meu antigo e provado e obsequioso amigo Monteiro. Mas não sei até que ponto o podia fazer sem o incommodar muito e sobretudo sem causar alguma complicação de genero *politico*.

«Desejava comtudo muito offerecer-lhe um exemplar e que me dissesse—muito em segredo—como o acha. Condicionalmente pois, isto é, para o caso que se queira servir d'elle, vae no sobrescripto uma ordem para lh'o entregarem do pequeno deposito que ahi encommendei ao bom José Passos, e que elle poz nas mãos do sr. José Joaquim Gonçalves Basto.

«Responda—uma linha ou duas ao menos—ao seu am.º velho do c. sempre, sempre.=*J. Baptista*.»

No sobrescripto ía a ordem, pedindo para se entregar ao portador um exemplar da obra *Arco de Sant'Anna*, assignada por Garrett, mas sem indicação do nome da pessoa para quem era!

VIII

Tinham-se tornado tão desgraçados os tempos, que o proprio Silva Abreu, cartista intransigente, escrevia a Garrett d'este modo, reinando o que se chamava 'carta pura':

«Ex.mo sr. e meu amigo d'alma. — Faz logo um anno que, por mão propria do nosso querido José Gomes Monteiro, recebi aqui mesmo um exemplar do mimosissimo romance da—Miragaia[1]—com o qual v. ex.ª quiz brindar o pobre velho Rodrigues. Nem Monteiro, nem seus amigos sabiam então onde parava o egregio auctor de tão lindo poemeto, e só em geral se ouviam rugir contra

[1] Veja pag. 70 d'este volume.

elle sentenças ameaçadoras que felizmente se não verificaram. O tempo e as circumstancias foram depois amainando delirios, e já v. ex.ª apparecia em côrtes, sem que eu ainda ousasse endereçar-lhe uma carta — eu, que não sei como não tenho enlouquecido á força de injustiças e insolencias de homens. Resolvi agradecer em carta, incluida em outra para o nosso Alheira, mas este, voltando ao Porto, improvisamente para mim, tirou-me aquelle recurso, que todavia agora me dá, e que eu aproveito, antes que elle de novo se desgoste da companhia. Digne-se pois v. ex.ª acceitar-me, embora demorados, os meus agradecimentos por aquella dadiva tão meiga; e acceite-me tambem, que são d'alma, os votos que faço pela saude e fortuna do nosso primeiro litterato, que ha tantos annos me honra com a sua amisade prestantissima e aturados favores.

«Adeus, meu querido senhor. Peça a Deus paciencia, que tão necessaria é n'estes tempos, e creia na dedicação e gratidão invariavel de quem é — De v. ex.ª — cr.º ob.mo e am.º d'alma para sempre — Braga, 10 de março 1845. = *Manuel Rodrigues da Silva Abreu.*»

N'este anno perdeu o poeta outro de seus irmãos, Joaquim Antonio, que em 1831 estivera no Porto com Alexandre. Tendo voltado de Angra, para Lisboa, e d'aqui para o Porto, logo depois de ter assistido ao fallecimento da mãe, demorou-se por cá algum tempo; e regressando á Terceira, em fins de 1843, falleceu repentinamente em 21 de maio de 1845. João trazia ainda o lucto de sua irmã D. Maria Amalia[1].

[1] Os bens moveis e immoveis de Joaquim Antonio subiram ao valor de 11:534$961 réis, que foram divididos pelos irmãos, cabendo a João Baptista a quinta de Santo Antonio, em Angra, além de uns quatrocentos e tantos mil réis em dinheiro, e um alfinete ou annel de brilhantes, que fôra a prenda dada em casamento por seu pae a sua mãe e que elle muito desejava possuir. Essa quinta, com ou-

IX

Parece que por meados d'este anno se fizeram varias tentativas para o assassinar ou, mais provavelmente, para amedrontál-o. Que não lhe faltavam inimigos, sabe-o toda a gente ainda hoje; os que o temiam, odiavam-n'o; e não ousando atacál-o de frente, por terem certeza de que seriam esmagados, recorriam aos meios baixos e covardes da calúmnia, e, talvez que por fim, ao punhal dos sicarios! O recente apparecimento do tomo I do *Arco de Sant'Anna*, que teve enorme successo[1], tornaria acaso mais rancorosos os que já o detestavam? Não sei. O certo é que lhe escreveram, depois de um simulado incendio em sua casa, a seguinte carta anonyma:

«Illmo sr. G. — Duas tentativas se teem feito contra o domicilio e existencia da vida de v. s.ª, a primeira feita por um esp. (espião?) da associação da malvadez... a 2.ª pela compra de um creado de v. s.ª que recebeu em premio trinta e tantas moedas, e foi o primeiro a gritar que havia fogo. — A 3.ª ha de ser feita por uma perversa a quem v. s.ª ha tanto alimenta e vale em todas as afflicções — já recebeu parte d'esse vil metal que ha de exolar (?) a v. s.ª da privação da vida e tudo o mais que d'ahi provier — já comprou capote novo, e mais alguma coisa — será bom que v. s.ª pesquise esta infame, que bem merece ser immolada... e tambem será bom o

tras propriedades que herdára d'aquelles, constituiam os unicos haveres do poeta (afóra os moveis da sua residencia) e por sua morte tocaram em partilha á sua viuva.

[1] José da Silva Passos dizia ao auctor, em carta de 1 de março, que ao abrir-se na alfandega do Porto o caixote dos exemplares mandados para vender n'aquella cidade, muita gente correu logo a casa da pessoa a quem iam destinados para não ficar sem um.

perguntar-lhe o n.º do bilhete em que lhe saíu a sorte com que comprou esses trastes. — Este aviso faz a v. s.ª uma victima encarcerada pela tyrannia da mesma associação... um simples reconhecimento de v. s.ª a esta victima que o avisa para saber da entrega d'este é na *Revolução de setembro* duas linhas em que digam — Gratidão e Agradecimento — a quem quer for — porque n'este sentido se farão mais alguns avisos que possam ser uteis a v. s.ª — Vigilancia..... com a perfida que isto está por poucos dias a acontecer.

« $\frac{13}{7}$ 845 [1]. »

Repito que ignoro se isto seria sério, se para o intimidar ou para brincar com elle. Quem sabe se foi simplesmente algum pretendente, cioso, da creada, que tentou malquistál-a com o amo? O que sei é que este não teve medo. Foi tranquillamente tomar os seus banhos para Caxias; e ali visitava a miude a imperatriz, viuva, que tambem lá estava. Na *Revolução de setembro,* de 17 de julho de 1845, no fim da 2.ª pagina e principio da 3.ª, mandou todavia publicar o seguinte:

«*Aviso.* — A pessoa que se dirigiu anonymamente ao sr. conselheiro J. B. de Almeida Garrett, dando-lhe importantes avisos, se deseja effectivamente servíl-o deve dar informações mais positivas e indicar os nomes dos que suppõe implicados no negocio grave de que trata a sua carta. Se quizer fazêl-o assim, não só se lhe promette gratidão, mas se offerece um premio avultado.»

X

Não se tentou o caridoso anonymo, nem deu mais signal de si. Como as eleições estavam proximas, podia

[1] *Catal. Guim.* – CARTÃO C. – II.

tambem ser isto alguma das mil tricas empregadas pelos fautores d'ellas, para afastál-o da urna. Em todo o caso, aquelle triste periodo não se prestava muito a gracejos!

No começo do outomno se aggravaram novamente os seus padecimentos, conforme se vê da carta que a 5 de outubro escreveu para o Pará ao auctor d'estas *Memorias*[1]. Mas nem por isso deixava de trabalhar na conclusão das *Viagens na minha terra*, apromptando igualmente para a impressão já começada a *Philippa de Vilhena*, que saíu d'ahi a pouco, e as duas comedias que completam esse volume (3.º do seu theatro) *Tio Simplicio*, e *Fallar verdade a mentir*. Deu-as como ensaios, do mesmo modo que a *Philippa*. Tirou a idéa de ambas do repertorio francez; mas «se a nacionalidade de uma peça dramatica está principalmente no estylo, nos caracteres, nos costumes, é perfeitamente original portugueza» a comedia *Tio Simplicio*. Ella foi composta para a abertura do theatro da sociedade Thalia, de que o auctor era vice-presidente; e ali se representou, obtendo geral applauso, a 11 de abril de 1844. Subiu depois bastantes vezes á scena, n'esse mesmo theatro, e diz o auctor, no prefacio da 1.ª edição, escripto no fim de 1845, que era tempo que descesse dos circulos exclusivos da nobreza para a exposição popular.

Fallar verdade a mentir, que os espectadores do theatro de D. Maria II tanto teem admirado e applaudido, foi tambem composta para o theatro de Thalia, e n'elle representada a 7 de abril do dito anno. No prefaciosinho explica que o pensamento é, como o da outra, do repertorio francez, porém, que «a idéa é o menos aqui, apesar de galante e engenhosa. O estylo, os modos, a phrase, o tom do dialogo, a verdade dos costumes são

[1] Veja no tomo I, pag. 4.

tudo. Este é um verdadeiro e 'portuguezissimo' quadro de *genero*, como se diz, em que não ha caricatura, mas tão naturaes similhanças que ninguem deixa de conhecer os originaes e de rir com elles... são as feições de uma parte da sociedade, mas não as de nenhuma pessoa d'ella[1].» É claro que taes opiniões veem por conta dos editores.

Rasão teria D. João de Azevedo, se d'estas e similhantes debilidades fallasse. E ainda assim, até ellas provam contra a accusação de septicismo, porque mostram que elle cria em si — e ninguem dirá que não tinha motivos para isso.

[1] Na correspondencia de Lisboa para o *Commercio portuguez*, do Porto, devida á penna elegante do dr. Sousa Viterbo, se lê o seguinte: «A proposito de Garrett, lembra-me dizer-lhes que n'um dos ultimos numeros da *Revue du monde latin*, de 25 de fevereiro de 1884, vi a traducção da comedia *Fallar verdade a mentir*. Não saberia o traductor francez que o nosso poeta traduzira ou imitara a sua comedia de outra franceza, que, se me não engano, é o *Menteur véridique*, de Scribe?» (Transcripto do *Economista*, de Lisboa, de 28 de março de 1884.)

VI

Começo do memoravel anno de 1846. — Eleito deputado, protesta na camara, que fôra o governo e a tropa e não o povo e a nação, que fizeram as eleições. — Elogio á ilha de S. Miguel. — Bello discurso ácerca das minorias e maiorias. Sophismas de invenção ministerial. A opposição não é obrigada a addir legados de erros. A ordem e a liberdade são divindades que colloca no mesmo altar. Vista retrospectiva. Triste condição do systema representativo. — É impossivel transcrever tudo. — Os adversarios taxaram este discurso de declamatorio. — Prognostico. — Repartição de contribuição directa. — Mais conselhos inuteis. — Extracto: Portugal, reino de milagre. Cria em si, era invencivel. Contaram-nos e varejaram-nos como mercancia, queimaram-se os livros da Sybilla. *Sem pão nem palavra.* — Não quizeram attendêl-o. — A nação escutava-o e meditava. — Revolução do Minho. — Anna Maria Esteves, dita 'Maria da Fonte', nota. — Mensagem, da opposição, á rainha. — É rejeitada. — A torrente fez-se rio. — Quéda do ministerio. — Procedimento da maioria. — O conde de Villa Real não consegue organisar gabinete, e é chamado o duque de Palmella. — Proclamação da rainha, assignada por Palmella e Terceira. — Encerramento das côrtes, pelo unico ministro existente. — Representação da minoria, em nome da nação. — Documentos da ex-maioria. — Nomes que assignam. — José Bernardo da Silva Cabral e o conde de Thomar. — Os novos ministros. — Nota, ácerca de Saldanha. — Garrett, pacificador. — Seus serviços. — Commissão eleitoral. — Relatorio. — Os dois methodos de eleição. Propõe o directo. — Publicação da lei eleitoral.

I

Somos chegados ao memoravel anno de 1846. Segundo o extracto da *Biographia manuscripta*, o ministerio tentára afastar a opposição da urna, como se o governo constitucional e o systema parlamentar fossem possiveis sem opposição! Entre os poucos deputados eleitos, adversarios do gabinete, contava-se o nosso poeta, que, mal se abriu a camara, apesar de doente ainda, foi logo tomar o seu posto, com o valor civico de que sempre deu testemunho nos momentos mais graves. A 8 de janeiro apresentou numerosos documentos e protestos dos elei-

tores da ilha de S. Miguel; e em 16, fallando após o ministro do reino, dizia:

«Nós que por parte da opposição viemos a esta casa, principalmente para protestar contra a violação da liberdade da urna e contra a fraude dos recenseamentos, que sós por si, quando mais não fosse, infirmam e annullam todo o processo eleitoral desde o principio até ao fim; nós que temos este dever a preencher, difficil de sustentar por termos de arrostar sós, e poucos, com tantos senhores, que por isso mesmo que são muitos deviam ser generosos, pois teem a força na mão, nós deviamos por certo esperar que nos dessem o exemplo da urbanidade e da tolerancia.» Depois de affirmar que fôra o governo e não o povo, a tropa e não a nação, que fizera as eleições, termina: «...o silencio deve ser a unica resposta que devemos dar a todas essas negações, e devia sêl-o, talvez desde que aqui entrámos até que nos mandem saír ou que nós sáiamos, porque já prevejo que outro não póde ser o termo de uns debates assim começados».

II

A 17 combateu a legalidade das eleições de Ponta Delgada n'um discurso de dezesete columnas do *Diario da camara*. Eis alguns trechos:

«Vou fallar das eleições de S. Miguel, d'essa rica, importante e valiosa provincia que, em sua limitada extensão, inclue todavia uma das mais interessantes partes da monarchia portugueza. Toda a deferencia, toda a consideração deve ser tida com aquella população sempre liberal, sempre strenua defensora das instituições constitucionaes, respeitavel pela sua industria, pela sua independencia, por uma coragem civica até de seus proprios inimigos elogiada...»

«Nós somos poucos aqui, e o nosso cargo é immenso: a nossa missão, posto que nobilissima, dura de exercer, e por muitas circumstancias com que todos os dias aggravam esta posição, até ás vezes odiosa. Fomos mandados aqui para dizer ao podèr verdades que lhe desagradam, que lhe custam a ouvir a elle e a seus adherentes; fazemos o último esforço para as dizer o mais suavemente que é possivel; mas ellas são acres de si e cortantes, hão de ferir por força. Nós somos procuradores dos opprimidos, não podèmos, nem devemos fallar de joelhos diante dos seus oppressores.

«Eu não sou capaz — nenhum dos meus collegas na opposição o é — de faltar intencionalmente á consideração devida ao logar e ás pessoas dos cavalheiros que aqui estão na maioria. Mas a deferencia que em outras circumstancias se podia e devia ter, muita da indulgencia que em outros casos fôra aconselhavel, e que a mim me pede sempre o ânimo naturalmente contrário a convicios e a arguições violentas, essa deferencia mesma, nem sempre a podèmos ter nós, nós opposição em tão diminuta minoria no parlamento, nós rodeados de contrarios que se não contentam de ser adversarios, e que a todo o momento por palavras, por obras, por gestos mesmo, se estão proclamando irreconciliaveis inimigos!

«Não, não podèmos: tomal-o-íam por covardia! Não podèmos, não, porque a opposição, primeiro que tudo o mais — e depois sómente da verdade e da justiça — deve respeitar e fazer respeitar as suas pessoas, deve respeitar e fazer respeitar nas suas pessoas a magestade augusta da missão que tomou. Deve-o a si, aos generosos esforços dos seus constituintes, a todo o paiz que tem os olhos n'ella, e que, menos que tudo, lhe perdoaria o fraquear diante dos ameaços e das ostentaciosas iras da auctoridade.

«Deixem, porém, os senhores da maioria as preven-

ções partidarias, não attendam ás suggestões acintosas com que os excitam aquelles que não são menos inimigos seus do que nossos — não por certo, e o tempo lh'o mostrará. Não interpretem as palavras ainda antes de proferidas, não torçam as phrases ainda antes de completas, não se deixem induzir no calumnioso êrro de chamar injúria a tudo o que desagrada, insulto a tudo o que contraría a opinião, offensa a tudo o que censura o acto público, dominio incontestavel da opinião, e necessariamente passivel de accusação, porque o é de julgamento.

«Sim, senhores: ha coisas que uma maioria não póde, e que uma minoria é obrigada a dizer. Os deveres de generosa indulgencia são muito mais estrictos para os que estão em maioria numerica n'uma assembléa; a esses incumbe dobradamente ser attenciosos e deferentes, para que lhes não cáia a justa censura de outra covardia muito maior e muito mais deshonrosa. E agora, pergunto a esses senhores: Será digna de se ouvir n'esta casa, será honrosa para a maioria a linguagem que hontem se ouviu no banco dos ministros? Será parlamentar esse estylo de requisitorio e querella de accusador público que a primeira commissão da junta aqui nos mandou ler n'um parecer sobre eleições? Foi isso provocado por nenhumas palavras similhantes ou iguaes d'este lado da camara? Não tem a opposição dado um insigne documento de rasão, de força, de resignação, e de virtude em as ouvir tranquillamente, em lhes responder com ânimo socegado? Pois d'esse lado ainda se não proferiu a palavra *opposição* sem lhe juntar os epithetos de anarchista, de revolucionaria, desordeira, inimiga do throno, das instituições, e não sei que mais. Que palavras correspondiam a estas no nosso desforço, se o tomassemos na mesma medida? Bem o sabeis. Pois nós ainda não chamámos á maioria nem liberticida, nem inimiga do povo,

nem absolutista, nem usurpadora, nem fautora da tyrannia.

«Não, não o fizemos: e todavia se alguma hora póde permittir-se n'um parlamento tal linguagem, permittir-se não póde, mas desculpar-se; é quando similhantes provocações excitam. Não será, todavia, assim, que nos havemos de desforçar; mas temos de fazêl-o d'essas accusações inauditas e calumniosas, cuspidas com tão acerba lingua na face honrada dos homens livres d'esta terra, pelo ministerio e pela primeira commissão da junta. Temos de fazêl-o, não por nós, mas por desaggravo de partidos inteiros, de populações inteiras, de uma tamanha parte do povo portuguez, de toda *a grande nação dos opprimidos,* que em tantos sentidos... em todos os sentidos! é maior que a dos oppressores.

«Não me quero justificar a mim, nem aos meus collegas; rebella-se o meu orgulho contra a baixeza de uma justificação. Mas quero desaffrontar os que aqui me mandaram, de injúrias tão violentas, de imputações tão absurdas com que se estão calumniando os nobres, os generosos esforços de um povo avexado.

«Nem o faço por desaggravo só d'elles, senão porque n'essas calúmnias, tão atrozes como gratuitas, fundou o governo *os dois grandes sophismas* sobre que apoiou a alavanca da força, da compressão e da violencia com que deslocou a opinião nacional, removeu o seu peso tão importuno para elle, substituiu a sua vontade pessoal á vontade do povo, e infirmou assim de insanavel nullidade todas ou quasi todas as eleições que se fizeram, ainda n'aquelles proprios districtos em que, por motivos que não examino agora, mas de cujo exame não recúo, o ministerio e os seus adherentes poderam talvez ter vencido sem recorrer a taes meios. Mas a cegueira do medo e os estimulos da consciencia deram de mão a toda prudencia, e lançaram o ministerio n'esse cahos de illegalidades

que espantam. Do alto de suas pretensões olhou para a voragem que estava no fundo, tomou-o a vertigem, e lançou-se de cabeça abaixo no abysmo.»

III

«Dois são esses grandes sophismas de invenção ministerial a que me refiro, sophismas atrozes e crueis, porque d'elles derivaram os mais crueis consectarios de oppressão, de tyrannia, e de nunca vista violencia.

«Vamos ao primeiro. Consiste este em imputar á opposição nacional todos os erros, todas as faltas commettidas por individuos que estiveram n'outro tempo em todas as opposições, muitos dos quaes hoje se acham com os ministros, e bem junto d'elles alguns. Quer a maioria que nós lhe façamos igual imputação? Quer que a façamos responsavel pelos erros, pelas faltas de todas as maiorias, de todos os ministerios que a precederam? Quer responder por todas as leis que se fizeram em 34, 35, 36, em 39, em 40, muitas das quaes já revogaram as últimas camaras, muitas das quaes asperamente censuraram os seus oradores? Quer responder agora pelas administrações da fazenda que tem reprovado? Pelas revoluções que stygmatisou? Pelas instituições que primeiro creou, depois aboliu? Quer ser solidaria com os seus provedores de 1834? Quer responder perante a nação e o credito público pelos bens nacionaes que se sumiram, pelos titulos azues em que se evaporaram tantos milhões? Por todos os emprestimos, por todas as antecipações, por todas as operações financeiras que outros partidos ministeriaes, outras maiorias cartistas approvaram ou consentiram?

«De palavra n'esta casa, por actos publicos e officiaes dentro e fóra d'ella, por seus escriptos mesmos, a maio-

ria actual tem renegado muitas d'essas coisas, tem-se juntado á opposição para as reprovar. Seria justo da nossa parte se a accusassemos d'isso agora? Não, nem o fazemos; mas queremos igual justiça para nós. A opposição é formada de homens que, alguns pertenceram, é verdade, a diversos partidos; a opposição não differe n'este ponto da maioria da camara, que dos mesmos elementos é composta. Mas essa está concorde em defender o ministerio, nós estamos concordes em o impugnar. Essa está concorde em defender as instituições, em conservar a ordem ainda apesar do arbitrio. Nós estamos concordes em sustentar as instituições vigentes: queremos a ordem, mas com liberdade; queremos a ordem, mas sem arbitrio. Mas não somos obrigados a addir esses legados de erros e excessos que outros tenham commettido, que o nosso partido renuncía, e que só nos querem fazer acceitar os que são interessados em que recebamos essa funesta herança.

«Não, a herança dos partidos a nossa opposição não a acceita senão a *beneficio de inventario*. Só por este modo a acceitàmos, só por este modo a acceita toda a opposição, assim como todo o ministerio que quer ser nacional. O que o faz por outro modo é faccioso.

«E n'essa herança que assim addimos, porque só assim o devemos fazer, ha todavia muita riqueza, muita nobreza, muita abnegação virtuosa, muita probidade desinteressada, muito serviço á patria, ás instituições, ao throno, muito amor de liberdade, muito exemplo de ordem, muita indulgencia e muita generosidade com inimigos, muita severidade contra os proprios amigos, muita gloria parlamentar, muita illustração em armas, em letras, muita virtude pública e privada, muito valor, muita constancia, muita dedicação, muita coisa emfim, nobre, grande e gloriosa. D'essa tomàmos conta para a grangear em proveito da patria. Os erros, as faltas de alguns

individuos fiquem para pagar as dividas a esses credores politicos tão exigentes e tenazes. Não são poucas, nem menores as d'esse lado da camara que as d'este.»

«...Não sou eu que negue, e muito menos que defenda os erros e excessos commettidos por alguma parte dos liberaes; sou de todos os homens o menos proprio para isso, porque os meus principios repugnam a todo o excesso, porque, como deputado, como homem, como cidadão, me declarei sempre contra todo o excesso. Quando essas exagerações eram perigosas, quando era nobre e valente combatêl-as, combati-as. Em nome da ordem pugnei contra as exorbitações da liberdade, assim como hoje em nome da liberdade pugno contra as exorbitações da ordem. A ordem, a liberdade! São duas divindades que eu colloco no mesmo altar, a quem dou culto igual e simultaneo, que não sei como se possa adorar uma sem outra. Mas conheço que o zêlo pela ordem é mais descansado e reflectido, e que por isso tem menos desculpa quando se deixa cegar do que o inflammado zêlo de liberdade. Demais, as consequencias dos excessos da ordem são mais fataes porque mais duradouras.

«Mas erro, como é, exagerar a liberdade, e confessando eu, como confesso, não por mim, mas por alguns do partido liberal, esse peccado, hoje remido por tanto martyrio, mas com que os algozes não cessaram ainda de esbofetear as victimas, nem depois de as ter exhaustas e sanguinolentas a seus pés, não devo consentir que elle seja calumniosamente augmentado agora, desfigurado e vituperado o espirito de acções que nasceram mais do êrro que da intenção. Sim, senhores, um estrangeiro que ignore a nossa historia contemporanea, e ouça declamar os vossos oradores, cuidará que no anno da graça de 1836 resuscitou aqui Robespierre e Saint Just; que os nossos deputados dansaram a *carmagnole*, que os nossos ministros pozeram o *bonnet-rouge*, que nadou tudo

em sangue e lagrimas, até que o ministerio actual nos veiu salvar, acabou com a republica, restaurou o throno, reedificou o altar,

> ..... *Ordinem*
> *Rectum et vaganti frœna licentiæ*
> *Injecit, amovit que culpas.*

IV

«E será isto verdade? Não. Qual é ella? É esta.

«Que os erros do governo trouxeram uma revolução em 1836, que esta revolução (que eu não approvei, nem a approvo, porque a julguei prejudicial principalmente á liberdade), que esta revolução foi todavia pacifica, incruenta, moderada. Que proclamou as antigas instituições populares da monarchia, porque julgou — erradamente de certo — mas julgou, que assim remediava as desgraças públicas. Que os fautores da carta reagiram em Belem, que foram vencidos; e que se o povo armado commetteu alguns excessos, o procedimento do governo foi unico na historia em generosidade e conciliação. Que tornou a reagir o mesmo partido, que tornou a ser vencido, e que a mesma generosidade se seguiu. Que durante esta última lucta foram presos alguns cidadãos, mas nenhum deportado, nem confiscado, nem perseguido. Que reformada a constituição e jurada, o governo se absteve de toda a influencia na urna, violencias, nem por sombras as imaginou possiveis. Que d'ahi resultou ter o partido vencido tão livre accesso á urna como o vencedor: o que bastava para fazer o elogio d'aquella administração. Que isto repugnára, é verdade, a algumas pessoas d'esse partido vencedor, e que d'ahi nasceram revoltas; mas que a ordem triumphára sempre; e que só a revolução de 1842 a compromettêra seriamente, ras-

gando o *auto de conciliação* que entre as duas secções do partido liberal fôra celebrada. Que a essa revolução se oppozera outra em 1844, não contra as instituições, mas contra os abusos do governo; que falhou, e que as perseguições e crueldade exercida então pelo governo em nome da ordem, e desde então até hoje, não teem comparação com coisa alguma que fizessem em nenhuma epocha os mais exagerados das effervescencias populares.

«Tal é a verdade: comparae-a com a linguagem, com os actos, com o espirito do ministerio e de seus adherentes cegos. Mas, sobretudo, dizei em consciencia se não era tempo de acabar com recriminações tão pouco fundadas. Não é para a direita, e ha de sêl-o para a esquerda? A missão do ministerio actual devia ser a que tão elegantemente compendiou o texto que citei. Tem-n'a elle cumprido? Foi elle que restabeleceu a ordem, ou quem a perturbou? Foi elle quem enfreou a licença, ou que a soltou desmandada? Foi elle quem arredou as culpas? Oh! santo Deus! Tudo serão esses senhores, menos generosos; tudo deixarão de ser, menos vingativos.

«E, se isto assim é, como se falla aqui similhante linguagem? Que se use lá fóra, que por occasião das eleições os partidos se accusem uns aos outros com severidade, com exageração embora, não sei se é justo, nem o louvo; mas é uma condição do systema representativo: uma triste condição, e uma d'aquellas talvez por que elle repugna a muitos animos rectos, a muitas consciencias timoratas; mas é condição indispensavel da sua existencia. Os homens e os seus actos, os parlamentos e as suas leis, os ministros e a sua gerencia, tudo e todos são accusados e são julgados na epocha das eleições. As leis tambem? Tambem as leis, sim. Só os principios fundamentaes da lei do estado é que não podem ser censurados, nem controvertidos; tudo o mais póde sêl-o.»

V

É impossivel transcrever tudo, apesar de tudo ser optima doutrina, elegante e eloquentemente exposta. Referiu-se á união do partido setembrista com os miguelistas no acto eleitoral; condemnou severamente a intervenção da tropa nas eleições de S. Miguel, e em algumas partes do continente; accusou o governo de ter impedido que a opposição se reunisse para combinar os seus trabalhos eleitoraes, emquanto que o podèr tinha plena liberdade de fazer o que quizesse: explicou como entendia que os empregados publicos podiam e deviam votar, narrando que na sua freguezia, S. Paulo, appareceram centenares d'elles, que lá não residiam, a votar com o ministerio; e concluiu que, como homem de opposição, fazia votos para que a junta approvasse a eleição, irregular e nulla, de S. Miguel; mas que primeiro que tudo era constitucional, e que por isso desejava que a junta fizesse justiça, annullando-a, para assim provar que o systema que proclamava era realidade.

Este discurso, digno de meditação e estudo, foi taxado de declamatorio por alguns dos seus adversarios. Que admira? A mais bella oração de Demosthenes, a favor de Cthesiphon, considerada por Cicero como a sua obra prima, tambem mereceu as censuras brutaes de Eschynes. Mas o grande orador atheniense, reconhecendo que, quando se encaram a sangue frio as mais fogosas expressões, podem ser mettidas a ridiculo, respondeu ao censor, gracejando, que a salvação da Grecia não dependia da boa ou má escolha das palavras, nem da regularidade dos gestos[1].

Se os nossos Eschynes reflectissem de boa fé sobre o discurso de Garrett, reconheceriam que fôra prophetico:

[1] M. Tullii Ciceronis, *Orator*, c. IV, 26, 27.

«Desarmaram a tropa, exclamava elle. Oxalá (e acreditem que fallo sinceramente) que este modo de governar não aperte tanto com os povos, que esse seja um dia o grito geral, o desarmamento da tropa». D'ahi a tres mezes se realisava o prognostico.

VI

É igualmente notavel o que disse a 3 de março contra o projecto da repartição do imposto, apresentado por elle proprio em 1841, e depois alterado nas commissões até o ponto de ficar com idéas inteiramente contrárias ás suas: «Quando em 1841 fallei aqui pela primeira vez na repartição da contribuição directa, lembrem-se dos clamores que se levantaram n'esta casa. Lembrem-se dos convicios que se disseram, dos discursos enormes em extensão, e não menos pasmosos na profundez, que se fizeram para provar a impossibilidade absoluta de estabelecer similhante methodo. De maneira que a opposição não teria hoje mais do que mandar tirar traslado d'aquelles discursos, e apresentál-o em resposta aos senhores que sustentam o projecto».

Enche oito columnas do *Diario*, e contém prudentes conselhos, que se não seguiram. Mostrava que era má a occasião de operar no paiz a revolução financeira que resultaria da lei de repartição do imposto; que os animos estavam excitados pelas recentes eleições; que o sangue não tinha seccado ainda nas ruas; e que cheirava ás escorvas queimadas: «que triste epocha, que funesta epocha para convidar um povo a concorrer para uma revolução financeira d'esta ordem, que transtorna todos os seus habitos, que substitue uma coisa nova e desconhecida a outra velha e sabida, embora pessima, censuravel, criminosa mesmo pelo modo por que se fazia a distribuição; mas que era antiga e tinha por si os habitos

em seu favor! E todos sabem o que são os habitos de um povo: não é legislador quem o ignora[1]». «...Senhores, Portugal não é um paiz como os outros, é um reino de milagre, uma nação de prodigio. Sem limites naturaes, sem força material, desproporcionado para a grande possança e extensão de seus vizinhos, Portugal tem existido pelos seus brios, pela sua fé, pela protecção visivel da Providencia...

«D'aqui a piedosa crença de nossos maiores n'esses mythos verdadeiramente allegoricos da nossa existencia, fabulas que a rasão e a crítica não supportam; mas que a religião patriotica tem consagrado. D'aqui as maravilhosas illiadas dos nossos chronistas, poetas que fizeram deuses os avós para fazer heroes os netos. Foi assim pequena e cheia de mysterios a terra dos Helenos, foram assim todas as terras e nações pequenas que deram grande brado no mundo. E porque? Porque o homem não *vive só de pão,* nem as nações vivem só de dinheiro, só de força bruta, só de braços e de pernas. Pela cabeça e pelo coração hão de viver. A imaginação e o sentimento são elementos de vida, tambem tão essenciaes como os outros, e mais precisos, mais indispensaveis ás organisações sociaes menos robustas. Assim como o homem de menos força physica póde ser superior ao gigante pelo espirito que o eleva, assim a nação menor arrosta com o grande imperio. É David em frente de Golias, mas a pedra da funda póde saír com fé. Tirae-lhe a fé, o colosso ri-se do anão.»

VII

Embora se avolume enormemente o meu trabalho, como resistir á transcripção d'estas sublimidades?! Como

[1] *Diario da camara dos deputados*, vol. III, março, 1846, pag. 14.

deixar de fóra o bellissimo trecho que se segue, em que parece reviver aquelle grande orador, tão injustamente esquecido hoje, e que devia andar sempre na memoria e no coração de todos os que amam esta terra?!

«Portugal unido, e forte nos seus prestigios, cria em si e era invencivel: os nossos inimigos não nos podiam contar, viam a frente das batalhas portuguezas quando nos provocavam, e não viam mais nada. Quando eram precisos sacrificios, faziam-se; na paz vivia-se com o pouco da familia, e cá nos arremediavamos sem dizer as nossas miserias a ninguem.

«Vós destruistes tudo isto, vós desunistes-nos, dilacerastes-nos a nós e ao véu com que nos cobriamos; contastes-nos como rezes para nos vender, cabeça a cabeça, no mercado da agiotagem. Amigos e inimigos nos contaram, nos varejaram como mercancia, pozeram-nos preço, numeraram-nos. Sabem quantos somos e o que valemos. Assim é pouco, é nada; o grande valor de Portugal foi-se, o mysterio nacional está decifrado, queimaram-se os livros da Sybilla.

«Esta pobre terra já não é senão um pedaço de terra como qualquer outra, uma provincia para um reino — reino, nação, paiz, não torna a ser. Não vos illudaes; acabou, e acabou ás vossas mãos. E se o fizesse a ambição este desbarato fatal, era ao menos um nobre motivo. Mas não, fêl-o a cubiça, a vulgar e sordida cubiça. Tanto gastar, tanto esperdiçar, tanto enthesourar de uns, tanto jogar de outros, aqui nos trouxeram. Portugal está pobre, desanimado, sem fé, e na phrase da escriptura, *sem pão, nem palavra*. E é n'esta occasião que se quer estabelecer um tributo d'estes, é quando assim estamos que nos pedem um sacrificio tal! Ninguem, que se lembre ainda de que é ou foi portuguez, ninguem que tenha ainda na alma as recordações de que esta terra era Por-

tugal, póde votar por tal lei. Eu rejeito-a por impia, sacrilega e parricida.

«Devia concluir aqui. Que hei de eu dizer mais? Depois da accusação do parricidio, o orador romano não achava mais que dizer. *Matrem tuam occidisti: quid dicam amplius?* Mas quero aproveitar em favor da lastimosa causa que defendo, uma verdadeira observação que do lado contrario se fez hoje aqui, e da qual todavia se não deve concluir o que estes senhores concluem. Diz-se, e diz-se com rasão, que esta affluencia dos capitaes á metropole, este estado apoplectico da cabeça do reino ha de cessar, porque os capitaes hão de refluir, e o giro normal do numerario se ha de restabelecer. Assim o creio e espero, e sei que ha de succeder, se o paiz tiver vida que dure até lá. Pois, senhores, para esse dia esta lei. Não agora, que a molestia está no seu auge; não agora, ir tirar sangue d'onde o não ha, e augmentar o mal no momento em que mais se queixam d'elle. Tenho concluido[1].»

VIII

Esta oração, verdadeiramente ciceroniana, quasi que annunciava já a revolução imminente das provincias do norte, que o espirito obcecado dos adversarios não queria ver. Os paragraphos, que por vezes reuno, pela fatal necessidade de espaço, eram pequenos, os periodos curtos, energicos, concisos, como os versiculos dos prophetas e dos apostolos, como os de S. Paulo entre todos. Mas os ouvidos da maioria estavam endurecidos. Os homens que em grande parte a compunham, não tinham alcance para comprehender Garrett. O povo, menos instruido, porém mais intelligente, entendeu-o comtudo.

[1] Loc. cit.

O poeta, que presumia bastante de si, é certo, porém, que não se julgava todavia tão grande como em verdade era, foi incansavel em quasi todas as sessões do começo d'este anno, a protestar contra os erros do governo, aconselhando-o, advertindo-o, sem colera, e predizendo-lhe o futuro que o aguardava. Esforço inutil! Ministros e maioria não quizeram, ou não souberam ler o tremendo *Mane, Thessel, Phares,* sobre os muros da sua condemnada Babylonia politica. Só a nação escutára, meditativa, as palavras do orador eloquente, e resolveu por fim fazer suas as queixas d'esse filho illustre.

IX

No mez de abril, a provincia do Minho, mais insoffrida sempre do que as outras do reino, começou a insurgir-se, allegando ser vexatoria a lei do imposto, e protestando que não pagaria o *cruzado para as estradas* [1]. Affirmou-se que uma camponeza chamada Maria da Fonte, soltára o primeiro grito revolucionario, correndo sobre os exactores do governo, armada de fouce roçadoura. Juntaram-se-lhe outras mulheres, igualmente armadas, e quando a força pública se lhes quiz oppor, acudiram os maridos, os filhos, os irmãos e os paes, e travou-se a lucta. Verdade ou mytho, chamou-se a esse movimento 'revolução da Maria da Fonte' [2]. A musa popular consagrou-lhe cantos, e fez-se-lhe um hymno...

[1] Testemunha d'estes protestos, reproduzo textualmente a phrase popular.

[2] O auctor viu tantas Marias, brandindo fouces, forcados e outras armas, que julga possivel ter sido alguma d'ellas a heroina citada. Em todo o caso, parece que a revolução se não inspirára n'um mytho, como depois se asseverava. No *Commercio de Portu-*

O governo pediu logo ás côrtes podêres extraordinarios e discricionarios para atalhar a revolta. E, concedidos elles, não deu mais informações ao parlamento do estado da provincia insurreccionada. A 7 de maio propoz Joaquim Filippe de Soure, na camara dos deputados, que se mandasse mensagem á rainha, dizendo que o ministerio não merecia a confiança do paiz, e que os meios violentos empregados para suffocar a sublevação tinham convertido esta em guerra civil, augmentando a irritação dos povos; que se deviam examinar os aggravos e queixas d'elles, e que o gabinete «pelos erros da sua administração, pelos abusos do podêr supremo, pela desorganisação systematica em que tem posto o paiz, pela inalteravel pertinacia com que tem fomentado e exacerbado as rivalidades, os odios, e o espirito exclusivo e perseguidor dos seus fautores contra todos os que não são affectos ás pessoas dos ministros», era a causa principal, e quasi unica, d'este calamitoso estado a que chegou a nação, etc.

Com Soure assignavam Garrett, Aguiar, Derramado, Silva Sanches, Lopes Branco, e José Maria Grande. E apenas os quinze deputados da opposição a approvaram,

gal. de Lisboa, de 15 de março de 1883, se lia o seguinte, em o noticiario:

«Maria da Fonte. — Fez no dia 12 do corrente cincoenta e seis annos que nasceu em S. Thiago de Oliveira (Povoa de Lanhoso) Anna Maria Esteves, muito conhecida no paiz pela denominação de *Maria da Fonte*. Esta famigerada mulher falleceu na noite de 7 para 8 de dezembro de 1874, na freguezia de Verim, naturalidade de seu marido Antonio Joaquim Lopes da Silva, que provavelmente ainda vive.»

Os politicos, que se aproveitaram e colheram os fructos da insurreição, deixaram a iniciadora d'ella morrer esquecida, e consentiram que fosse enterrada em campa obscura, sem lhe darem sequer um Padre Nosso por alma! Aviso a revolucionarias minhôtas.

«Que exemplos a futuras lavradeiras!»

sendo rejeitada por 65, além dos que na sessão seguinte foram declarar que a teriam rejeitado tambem, se tivessem assistido á votação. Apesar d'isso, a revolta do Minho não era gracejo. Vencendo por toda a parte as tropas do governo, reunira em Vallongo forças populares formidaveis, e dispunha-se para avançar sobre o Porto, quando a cidade invicta declarou que adheria ao movimento, abrindo as suas portas. Só então reconheceram os ministros que a torrente se fizera rio, a que não podiam já pôr diques. Participando os acontecimentos á soberana, resignaram o podêr, declarando ás camaras a sua destituição. No dia 18 de maio foi encarregado de formar nova administração o conde de Villa Real.

X

Ao communicar a sua demissão e a dos seus collegas, o ministro do reino saíra da sala com a maioria. O presidente da camara quiz imitál-o, sendo chamado aos seus deveres pela opposição. Pediu-se que a camara continuasse aberta, como era de estylo constitucional, e mandou-se aviso a casa dos que tinham desamparado as cadeiras, para que voltassem a occupál-as; tempo perdido! A paixão partidaria cega ás vezes até os mais cordatos. Alguns nem sequer se consideravam deputados da nação: pertenciam á maioria de certos e determinados ministros[1]. Não se tendo, pois, reunido numero legal, saíram todos.

[1] Nunca houve em Portugal nenhum estadista que fanatisasse tanto os seus partidarios como Costa Cabral. Não eram só correligionarios, eram amigos fidelissimos, sectarios, que cegamente criam n'elle, como se fôra um Deus! Para um homem apaixonar outros a tal ponto, é preciso que, fossem quaes fossem os seus erros politicos, tivesse grandes qualidades. Nunca vivi na sua intimidade, mas

Resignando o conde de Villa Real, depois de varias combinações frustradas, o encargo de formar ministerio, deu-se essa incumbencia ao duque de Palmella.

XI

No dia 21 proclamava a rainha 'aos portuguezes', dizendo que «o estado da nação imperiosamente exigia a applicação de remedios promptos e efficazes, de que o seu governo ia immediatamente occupar-se. Que as côrtes seriam encerradas, abolidas as leis de saude pública e tributarias (origem da revolução); que a opinião pública illustrada, o melhor conselheiro nos governos representativos, serviria de pharol ao seu governo; e que a imprensa livre ficava em exercicio desde já». Este documento trazia após a assignatura da rainha as do duque de Palmella e duque da Terceira.

Em 23, o presidente do futuro conselho de ministros encerrou as côrtes, em nome da soberana, dando por finda a sessão ordinaria d'esse anno. No mesmo dia, os pares e deputados adversos ao governo caído representaram a D. Maria II, protestando, por si e em nome da nação, «que nenhum espirito vertiginoso de revolta entrou no ânimo dos povos, que em justa defeza de sua propriedade e de seus direitos tomaram as armas contra a oppressão...» Pediam representação nacional verdadeira e livre, suspensão immediata e revogação opportuna das leis contrárias á carta, annullação de todos os actos governativos que peccassem nos mesmos vicios, e a auctoridade pública e a força nacional depositadas em mãos de homens probos, não manchados no sangue do

sei, por amigos meus e d'elle, que juntava a outros meritos a mais rara das virtudes: não era ingrato para os que o serviam com lealdade. Isto explica tudo.

povo, e que tivessem dado documento de o não trahir. nem faltar á soberana, etc. Este documento, feito para oppor a outro identico, da maioria da camara dissolvida, do qual vou já fallar, é escripto por Garrett, que tambem o assignou. Foi mandado ao duque de Palmella, em carta firmada pelos condes de Lumiares e de Rio Maior, e por José Ignacio Pereira Derramado, dando a sua adhesão e a dos signatarios da representação ao gabinete que o duque formasse.

É extremamente curioso este periodo da nossa historia politica: o duque fôra chamado ao paço no dia 20, para se encarregar da organisação do ministerio. Na vespera reuníra-se a maioria da camara e assignára uma mensagem, tambem caracteristica, entregue no referido dia 20 á rainha, e publicada, em papel avulso, no dia 25, estando já nomeado o novo ministerio, que em 26 tomou posse. Tudo é singular: Palmella encerra as côrtes, sem haver governo, tendo elle só todas as pastas; e a maioria, que já o não é, apresenta a sua mensagem, depois de caído o seu partido! Eis a prova historica.

XII

«Lisboa, 25 de maio de 1846.

«No dia de hoje appareceu no *Diario do governo* o decreto pelo qual sua magestade ha por bem dissolver a camara dos deputados. É pois este o momento de dar publicidade a um importante acto, em tão grave crise como a que pesa sobre o paiz, sem risco de que a calúmnia possa d'elle apoderar-se para o desfigurar, ou de que aos seus auctores se attribuam reprehensiveis intenções.

«Tempo virá, e talvez cedo, em que a historia dos actuaes acontecimentos será imparcialmente narrada.

Ficará este papel para uma das suas importantes paginas, e desengano dos que injuriaram com ignobeis supposições os seus adversarios politicos.

«No dia 19 do corrente, reunidos em assembléa a quasi totalidade dos membros da maioria da camara dos deputados, foi unanimemente resolvida a apresentação a sua magestade de uma breve e respeitosa exposição de principios, em tão delicada conjunctura. Acto contínuo foi redigida, approvada e assignada por todos os deputados presentes aquella exposição, sem que uma só opinião contra ella se manifestasse, nem um só individuo duvidasse subscrevêl-a.

«Alguns dos membros da camara, cujos nomes não figuram n'este documento, achavam-se fóra da capital; outros, por circumstancias independentes da sua vontade, deixaram de concorrer áquella grande conferencia. Os nomes do maior numero d'estes appareceriam entre os dos signatarios, se, annuindo ao desejo por elles posteriormente manifestado, fosse licito acrescentar coisa alguma ao papel depositado nas régias mãos.

«No dia 20 dignou-se sua magestade receber uma grande deputação de quatorze membros, encarregada de submetter-lhe aquella patriotica mensagem. Verificou-se esta recepção antes de haver ministerio algum organisado, antes que pessoa alguma houvesse recebido do throno a nomeação para dirigir os negocios publicos nos diversos ministerios.

«Quaesquer que sejam de futuro as circumstancias, póde afoutamente asseverar-se que os signatarios da exposição a sua magestade permanecem inabalaveis no seu proposito de dar apoio franco e leal a todo o governo que sustente as idéas fundamentaes do seu programma. Representantes de uma opinião politica, representantes de principios, nem consentirão que estes se deprimam ao nivel das questões de homens, nem que um nobre es-

forço seja por mal intencionados convertido em censuravel acção.»

XIII

Segue-se a mensagem:

«Senhora. — Os abaixo assignados, deputados da nação portugueza, consideram dever seu correrem hoje aos pés do throno de vossa magestade, renovando os juramentos de lealdade a vossa magestade, e de fidelidade ao codigo venerando das nossas liberdades.

«Aguardam submissos os abaixo assignados, que vossa magestade em sua alta sabedoria ponha um termo á crise, que todos os bons portuguezes lamentam, e que não póde protrahir-se sem anciedade dos animos, e grave perturbação dos interesses nacionaes.

«O effeito d'essa terminação, senhora, só será estavel e duradouro, emanando do uso pleno e liberrimo das altas prerogativas da corôa de vossa magestade. — Mantêl-as illesas não é só interêsse de um throno, que assenta nos corações de todos os portuguezes, mas tambem o unico penhor do restabelecimento da paz, a unica demonstração de que o regimen representativo não é entre nós um simulacro vão.

«Não póde vossa magestade depositar a sua confiança senão em homens dignos de tão eminente honra. O ministerio que a merecer alcançará desde logo a firme e leal cooperação dos abaixo assignados; porque na sua bandeira terá inscripto as bases de toda a nossa organisação, que se cifram nas palavras — *throno — carta — ordem — tolerancia para todas as crenças — respeito a todos os direitos — exame dos clamores de todos os cidadãos.*

«Digne-se pois vossa magestade de acolher benevola a expressão dos sentimentos, que trasbordam em todos

os corações, e o offerecimento a qualquer administração, que preencha aquellas condições, do apoio dos abaixo assignados no parlamento; do seu sangue, e da sua vida, se tanto for necessario, para cimentar o throno constitucional.

«Lisboa, 19 de maio de 1846. = *Bernardo Gorjão Henriques* = *Agostinho Albano da Silveira Pinto* = *Antonio Dias de Azevedo* = *Antonio Felisberto da Silva Cunha* = *Antonio Homem Monteiro Machado* = *Antonio Pereira dos Reis* = *Antonio José da Silva Leão* = *Antonio Vicente Peixoto* = *Antonio Xavier Cerveira e Sousa* = *Arcebispo de Mitylene* = *Augusto Xavier da Silva* = *Ayres Augusto Pinto* = *Barão de Leiria* = *Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa* = *Bento Cardoso de Gouveia Côrte Real* = *Bispo Eleito de Malaca* = *Faustino de S. Gualberto Lopes* = *Fernando da Costa Cardoso Pacheco e Ornellas* = *Francisco Antonio da Fonseca* = *Francisco Manuel da Costa* = *Henrique Manuel Ferreira Botelho* = *Jacinto Paes de Mattos Falcão* = *Jeronymo José de Meyrelles Guerra* = *João Antonio Ribeiro Pessoa* = *João da Costa Carvalho* = *João da Costa Xavier* = *João Ferreira dos Santos Silva* = *João Rebello da Costa Cabral* = *João de Sande Magalhães Mexia Salema* = *João Tavares de Azevedo Lemos* = *Joaquim José da Costa Simas* = *Joaquim José Dias Lopes de Vasconcellos* = *Joaquim José Pereira de Mello* = *Joaquim de Queiroz Machado* = *José Antonio de Almeida* = *José Antonio de Castro Pereira* = *José Antonio Ferreira Vianna* = *José Caldeira Leitão Pinto* = *José Faria Gomes de Oliveira* = *José Feliciano de Castilho* = *José da Fonseca Veiga* = *José Ignacio de Andrade Nery* = *José Joaquim de Almeida Moura Coutinho* = *José Joaquim Lopes de Lima* = *José Lourenço da Luz* = *José Manuel Botelho* = *José Manuel Chrispiniano da Fonseca* = *D. José Maria Corrêa de Lacerda* = *José Maria Ribeiro Vieira de Castro* = *José Pereira Pinto* = *José Pinto Sa-*

raiva Meyrelles Falcão = José Pinto Tavares Osorio Castello Branco = José Quintino Dias = José Ricardo Pereira de Figueiredo = Luiz de Almeida Menezes e Vasconcellos = Luiz Vicente de Affonseca = Matheus Antonio Pereira da Silva = Marcos Pinto Soares Vaz Preto = Sebastião Corrêa de Sá Brandão = Visconde de Tilheiras.»

XIV

Ahi fica o documento: analyse-o quem quizer. Publiquei-o, omittindo o que fôra escripto por Garrett, em nome do partido triumphante, para testemunhar quanto desejo ser imparcial.

A revolução, no dizer dos que a fizeram, tivera por fim especial derrubar os Cabraes. José Bernardo da Silva Cabral, dois annos mais velho que o conde, dirigia os negocios da justiça, desde 3 de maio de 1845. Homem de grande saber e intelligencia, tinha-se tornado politicamente tão antipathico ao partido dito popular, como seu irmão. Fizeram-se-lhe por esse tempo muitas accusações, que assanharam pró e contra os jornaes politicos. Penso que a maior parte, se não todas, seriam, como muitas das que se assacavam aos seus adversarios, filhas da imaginação dos inimigos. Sabe-se que a musa da politica se inspira mais no odio do que na generosidade.

Antonio Bernardo tinha sido elevado ao titulo de conde de Thomar poucos mezes antes (em 8 de setembro de 1845). É cedo, como já se disse, para se escrever com imparcialidade a historia d'esses notaveis politicos. Quando vemos discutir ainda hoje com tamanha paixão os factos relativos á administração do marquez de Pombal, como ousariamos tratar de quem está vivo, e vivendo tambem alguns dos que então se diziam seus adversarios?! Deixemos que o tempo gaste, como as aguas fa-

zem ás pontas agudas dos seixos, as duras apparencias dos factos. A distancia suavisa os contornos, torna menos asperas as linhas da perspectiva, faz com que sejam mais harmoniosos os tons do quadro, menos cruas as tintas, mais sympathicas as figuras. Quando chega o verdadeiro dia de justiça da historia, todas as sombras desapparecem ante a luz pura da verdade.

XV

Compoz-se assim o novo governo: duque de Palmella, presidente do conselho e ministro da fazenda; Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, reino; Joaquim Filippe de Soure, ecclesiasticos e justiça; marquez de Saldanha, guerra[1]; José Jorge Loureiro, marinha e ultramar.

Basta ler estes nomes para se reconhecer que simi-

[1] Saldanha, que estava em Vienna d'Austria desde 1840, como ministro de Portugal, e não chegou a vir exercer o cargo, tinha querido retirar-se d'ali em 1845, por occasião de lhe ter morrido um filho, em Carlsbad. Então se fixou em Bruxellas para ahi passar o inverno, porque o governo de Lisboa, receioso de que elle viesse tomar o commando da opposição, satisfazia-lhe todas as exigencias, mandando-lhe na volta do correio quanto dinheiro pedia. O contemporaneo de quem côlho estas noticias, dizia que Saldanha era omnipotente porque o ministerio achava pequenos todos os sacrificios feitos para o reter fóra do paiz. O barão da Torre de Moncorvo, nosso ministro em Londres, e o visconde da Carreira, ministro em Paris, tremiam ambos das velleidades de Saldanha, que, segundo o primeiro, não pozera este fóra de Londres, em 1840, porque achára a vida ali carissima. (*Carta do barão da Torre de Moncorvo a Ildefonso Leopoldo Bayard*, Londres, 6 de dezembro de 1845. — Collecção Biker.) A final, conseguiram reencaixál-o na sua missão de Vienna; e fôra a fama da sua supposta opposição aos Cabraes que levára Palmella a nomeál-o collega. Mas enganavam-se sempre com elle.

lhante combinação não podia ser duradoura. Desde a vergonhosa fugida para o *Belfast* e das discussões azedas, travadas depois sobre isso, com todas as mais intrigas da emigração, havia entre Saldanha e Palmella manifesto antagonismo e antipathia politica. Saldanha, que sempre teve ciumes dos que via acima de si, e não achava ninguem digno de ser seu superior, não podia tolerar por muito tempo que Palmella o fosse, na presidencia do conselho. Por isso nunca chegou a exercer o cargo, servindo interinamente em seu logar José Jorge Loureiro. Palmella escolhêra Saldanha, talvez por deferencia para com a corôa. Julgára dar-lhe garantias n'essa escolha, porque a esse tempo ainda aquelle sympathico mas inconsequente homem não tinha assaltado com mão armada o palacio do seu soberano, para se lhe impor como ministro[1].

[1] Quando se publicou o tomo I d'estes estudos, fizeram-me a injúria de suppor que eu tivera o proposito covarde de offender a memoria do fallecido duque de Saldanha, sem rasão e sem necessidade. Eu podia ter respondido com a publicação de documentos, que attestariam o contrário; mas como o aggravo tinha sido particular e não público, e eu estimava a pessoa que m'o fez, calei-me. Agora, aproveito o ensejo para declarar uma vez mais que não invento a historia: relato, muito de passagem, os factos que se relacionam mais ou menos com a vida do meu biographado, apoiando-me no testemunho dos contemporaneos, e com documentos á vista. Pretender-se que o escriptor, referindo successos verdadeiros, se circumscrevesse aos limites caprichosos da opinião de cada leitor, é absurdo que nem merece discutir-se. O que se lhe deve exigir é que não falte á verdade ou, se isso lhe succeder involuntariamente, mostre que o fez de boa fé, convencido da authenticidade das provas de que se servíra. Condemnál-o por apreciar os homens e os acontecimentos, que encontra no seu caminho, seguindo o plano que traçou para a sua obra, afigura-se-me tyrannia insustentavel no tempo em que vivemos.

Depois do processo que faço a Garrett, salta aos olhos que nem sou panegyrista nem tenho em mente denegrir a memoria de ninguem. Os meus erros e faltas provêem de entendimento e não de

José Jorge Loureiro, esse, sim, era soldado leal da realeza, cartista puro e honrado, verdadeiro penhor de segurança para a rainha. Palmella tinha as idéas que já vimos no tomo I d'estas *Memorias;* não deveria, pois, lo-

vontade, porque é o amor da verdade, e não a malevolencia, que move a minha penna.

Posto isto, porque rasão havia de ser o duque de Saldanha exceptuado das apreciações que faço com igual liberdade dos outros homens, que pertencem como elle á historia do meu paiz?! D'aquelle bom e sympathico marechal dependia deixar de si memoria politica tão respeitada, como, por exemplo, a que deixaram o duque da Terceira e o marquez de Sá da Bandeira. Se elle o não fez ha de o historiador elogiál-o?! Não lhe contesto as grandes qualidades de general, o inexcedivel valor, nem a bondade do coração: mas quem póde esquecer-se jamais do sangue generoso derramado por causa das suas tantas vezes inexplicaveis leviandades? Estudando-se friamente a historia da emigração, talvez se chegue a pensar que a elle e a Palmella poderá attribuir-se a divisão do partido liberal, depois da inolvidavel fuga do *Belfast.* Os papeis que então se escreveram deram nascimento aos odios, que separaram até á morte homens que d'antes eram amigos. Acaso se ignora que os saldanhistas quizeram revolucionar a ilha Terceira, assassinar Palmella, expulsar José Antonio Guerreiro, e chamar Saldanha para lhe dar só a elle o mando supremo, eterna origem dos seus irrequietos despeitos e transformações politicas? Sem a denúncia dada pelo capitão Antonio Ferreira Borges, que frustrou esses planos horriveis, ter-se-ia aniquilado ali de vez a causa da rainha e da liberdade portugueza. Disse-se, e ha ainda hoje muitas pessoas d'essa opinião, que foi providencial para essa causa o terem os inglezes impedido o desembarque de Saldanha na ilha Terceira; e todavia abstive-me de alludir a isso, no logar competente. Se, ainda assim, acham que fui demasiado severo, leiam a *Historia da guerra civil de Portugal,* etc., por Simão José da Luz Soriano, terceira epocha, tomo III, parte I, pag. 459 e seguintes (Lisboa, 1883), e parte II, a pag. 167; e digam depois se teem rasão os que me accusam. Penso que alguma coisa do que ali se diz é bem mais grave que tudo quanto escrevi sobre tal assumpto. E se eu quizesse proseguir, teria muito que acrescentar, porque não me faltam documentos, alguns bem preciosos: mas o meu fim está preenchido.

gicamente, ser mal visto do paço; mas, porque então se inclinava mais para os homens de setembro do que para os da restauração da carta, ía perdendo a confiança; e d'ahi a pouco até o suspeitavam de conspirador! Mousinho de Albuquerque, liberal sincero, leal á monarchia, com idéas rasgadas, como cumpria á sua grandissima illustração e intelligencia, tambem não estava muito em graça, apesar de ter sido, como Palmella, ministro de D. Pedro, e de ter prestado relevantes serviços á causa da rainha. Joaquim Filippe de Soure não podia igualmente agradar, como setembrista confêsso, apesar da sua provada honestidade e amor ás instituições monarchicas.

Estes cinco homens difficilmente concordariam por muito tempo nas mesmas idéas. Garrett, que Palmella estimava e ouvia frequentemente, e a quem consultou por mais de uma vez na organisação do ministerio; amigo tambem de Mousinho, e que fôra por meio dos seus discursos energicos e eloquentes, talvez sem o querer nem pensar, o principal fautor da revolução do Minho, como já em parte o fôra da de setembro, era agora o maior e mais zeloso conciliador. Na *biographia manuscripta,* parte não publicada, escreveu elle ou fèz escrever:

«N'este mesmo anno de 1846, presenceou Portugal, e a Europa viu não sem admiração, um acontecimento que fará epocha nos fastos d'este paiz, a revolução do Minho, que tendo por origem os erros da administração e as malversações do executivo, foi secundada, applaudida e abraçada por toda a nação, collocando-se á sua frente muitos cavalheiros notaveis, entre os quaes não avultou pouco o sr. Garrett, já como escriptor dos papeis mais importantes que a opposição produziu para bem dirigir a revolução, já como influente pacificador, trazendo á ordem e ao caminho legal a junta que se installára em Santarem; já finalmente como homem d'estado, fazendo

papel mui conspicuo na confecção da lei para as eleições, na commissão de fazenda e na organisação do ministerio, mostrando sempre uma não vulgar abnegação e desinterêsse pessoal.»

Vemos que confessa ter escripto os papeis mais importantes para bem dirigir a revolução; e devemos portanto acreditál-o, quando affirma tambem que foi pacificador influente, trazendo á ordem e ao caminho legal a junta que se installára em Santarem. Essa junta pretendia continuar a sua obra, depois de nomeado o novo governo, porque não limitava talvez as suas vistas á simples mudança de homens; conseguiu-se porém restabelecer de novo a tranquillidade e a ordem, por meios brandos e suasorios, cabendo ao nosso auctor grande parte d'esta gloria.

Foi ainda elle que redigiu alguns dos mais importantes documentos d'aquella administração, prestando-lhe valiosos serviços, como membro da commissão extraordinaria de fazenda[1]; e apoiando com as suas luzes os ministros seus amigos, que vinte annos antes foram seus chefes e que agora se empenhavam em têl-o por guia.

XVI

Por decreto de 27 de maio fôra nomeada a commissão eleitoral, composta de Rodrigo da Fonseca Magalhães, Joaquim Antonio de Aguiar, Jervis de Athouguia, Julio Gomes, Garrett, José Maria Grande, e Derramado. A incumbencia que se lhe deu era propor instrucções para a convocação das côrtes extraordinarias[2]. João Baptista fez o relatorio, optimo documento de historia eleitoral, que adiante se transcreve. Tem a data de 28 de junho,

[1] Nomeado em 15 de junho de 1846.

[2] *Diario do governo*, n.º 124, de 28 de maio, pag. 585.

comquanto só se publicasse no *Diario do governo* de 1 de agosto, em seguida ao decreto que mandava dissolver a commissão, e «louvar o zêlo e intelligencia que ella empregou no bom desempenho dos trabalhos que lhe haviam sido incumbidos, cuja importancia é reconhecida por mim (falla a rainha) e pela nação inteira, que igualmente interessâmos em que se consiga, da maneira a mais livre, e a mais verdadeira, a eleição da representação nacional[1]».

Garrett lembra habilmente, por serem identicas as circumstancias, o decreto de 10 de fevereiro de 1842, que providenciou sobre as eleições que se seguiram á restauração da carta, determinando que os deputados viessem munidos dos mais amplos poderes. Os seus collegas da commissão eleitoral com elle adheriram, d'ahi a cinco annos, á regeneração, e tiveram então ensejo de applicar mais desenvolvidamente as suas theorias. Tantas vezes propheta, diz-nos elle no relatorio, que «um dia chegará, não tarde, que toquemos a proposta meta da perfeição». Não a tocaram, porque não é isso permittido ao homem; porém, em muitos dos ensaios que fizeram, attingiram o ponto mais elevado a que, até ali, tinham subido os nossos politicos.

A *Revolução de setembro,* de 4 de agosto, transcrevendo o documento do *Diario* de 1, precedeu-o das seguintes palavras:

«Publicàmos o relatorio da commissão eleitoral. Não o encarecemos porque não precisa d'isso para ser exaltado. É a linguagem do sr. Garrett, sempre bella, sempre brilhante, mas mais brilhante e mais bella quando elle, defendendo os direitos do povo, se entrega ao genio da liberdade que o domina. Eis ahi o relatorio:

«Senhora! — Foi vossa magestade servida mandar-

[1] *Diario do governo,* de 1 de agosto de 1846.

nos ouvir (sobre?) o mais grave e difficil ponto em que, nas actuaes circumstancias, a vossa magestade incumbe prover.

«Ha vinte e seis annos que o systema representativo foi proclamado em Portugal: ha vinte que o augusto pae de vossa magestade nos restituiu a liberdade pela outorga da carta; e ainda não temos uma lei de eleição, porque as feitas pelos congressos constituintes de 1821 e de 1837, hoje se não poderiam guardar inteiramente; e muito menos poderiam observar-se os decretos provisorios de 1820, de 1826, de 1834, de 1836, e de 1842.

«A mesma suprema rasão que em 10 de fevereiro d'esse anno de 1842 pesou na alta sabedoria de vossa magestade, para haver de transpor, em circumstancias difficeis e extra-constitucionaes, alguns dos limites de sua real prerogativa, mandando immediatamente consultar o voto nacional sobre a revisão e reforma do pacto fundamental da monarchia, essa mesma rasão agora pede que vossa magestade, attendendo unicamente aos principios do systema que determinou reformar com o concurso da nação, regule por um acto real o modo de consultar essa vontade e de obter esse concurso, pela sincera e verdadeira expressão d'aquelle voto na mais livre escolha dos representantes da nação.

«Este entendemos nós que era o desejo, que era a obrigação, e por consequencia necessaria, o direito e o podêr de vossa magestade, quando se dignou mandar ouvir o nosso parecer. D'este unico principio o derivámos e, fundados n'elle, ousámos cortar por todas as difficuldades, propondo, como no presente projecto propomos a vossa magestade, uma completa e radical reforma do nosso direito eleitoral.

«Em presença de tão altas considerações, pomos de parte examinar o merito relativo dos dois methodos de eleição, directo e indirecto. O último pelos abusos e cor-

rupções que n'elle se acoitaram, pelas violencias com que ultimamente se poz em pratica, fez-se odioso, está condemnado entre nós, e não era possivel rehabilitál-o na presença da maior revolução que ainda viu o reino. Foi preciso todo o bom senso, toda a admiravel generosidade d'este inclito povo portuguez, para que no seu justo odio a esse methodo, ou bem fatal, ou bem infeliz, se não levantasse, em meio de tamanha commoção, uma unica voz contra o codigo que o estabelecia.

«É que nunca foi tenção, nem ànimo dos portuguezes desacatar a augusta obra de D. Pedro IV. Reformál-a no que se mostrou que havia mister correcção, é e foi sempre o unico empenho dos que verdadeiramente, e sem hypocrisia, respeitam o seu nome saudoso, e adoram a sua boa memoria.

«Hoje melhor e mais explicitamente se formúla a expressão unanime e espontanea d'este voto geral, porque a experiencia e a reflexão amestram os povos, assim como ensinam os reis; mas o sentimento foi sempre o mesmo, e os documentos presentes valem mais do que tudo para explicar o passado.

«Apesar, portanto, do nosso respeito e obediencia ás menos importantes disposições da carta, emquanto não forem reformadas, não duvidâmos, firmados em tão altos principios, e segundo vossa magestade os proclamou no seu providente decreto de 10 de fevereiro de 1842, que tantas vezes foi invocado no parlamento, e pela nação portugueza toda, em tantos, tão solemnes e tão repetidos actos publicos, não duvidâmos propor a vossa magestade que se digne mandar estabelecer o methodo directo para as proximas eleições.

«Pela mesma rasão propomos que a prova do censo do eleitor seja unicamente deduzida da collecta com que contribue para as despezas do estado, pela sua proprie-

dade ou industria, e nunca por vencimentos em retribuição de nenhum serviço público.

«O censo, porém, não é senão um mero indicio, presumpção de capacidade e independencia, e onde, sem elle, ou apesar d'elle, a capacidade ou a incapacidade podérem provar-se, deve ser desprezada a presumpção. Tal é o indisputavel motivo por que de um lado estabelecemos algumas inhabilidades e incompatibilidades electivas, e que, por outro lado, dispensámos de toda a prova de censo para a elegibilidade, aquelles cidadãos que pelo desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes e moraes dão abonos superiores ás presumpções censiticas.

«Feitas estas reformas radicaes na base do systema, reformas cuja theoria a urgencia do tempo nos não permitte que desenvolvamos perante vossa magestade, mas que basta enunciar para se entenderem e approvarem; restava-nos só prover á cura dos vicios e immoralidades que se tinham introduzido no processo do recenseamento e no da eleição, e evitar as violencias e fraudes com que o abuso da força e da auctoridade tinha escandalisado o reino.

«Dividir o paiz em pequenos circulos eleitoraes de um só deputado cada um, é na opinião da commissão o mais perfeito; mas confessàmos que não é applicavel o systema senão onde mais geral a instrucção em todas as classes, o facil transito das pessoas e das opiniões, a permutação prompta das coisas e das idéas, o resalvam dos perigos que a intriga, os preconceitos e os manejos facciosos lhe podem trazer.

«Adoptàmos desde já a divisão por circulos eleitoraes, alguns d'elles menores ainda que os districtos administrativos, e um dia chegará, não tarde, que toquemos a proposta meta da perfeição.

«Acautelaram-se n'este projecto as ambulancias de

vergonhosa recordação, exige-se prova da collecta, e não prova do pagamento para o censo; ordenam-se as qualificações designadas nos recenseamentos, estabelece-se recurso dos conselhos de districto para os tribunaes judiciaes, arreda-se a força armada para longe da urna, mandam-se apurar os votos em cada dia de eleição, e, finalmente, dão-se garantias iguaes á maioria e á minoria dos eleitores, mandando formar de uma e de outra as mesas da eleição.

«Todas estas providencias são roboradas e sanccionadas com penas correspondentes para os infractores, a fim de que a lei, e unicamente a lei, appareça armada no meio dos cidadãos, no grande dia do juizo nacional, em que todas as outras armas devem depor-se, desapparecer, e não ser vista senão a grande espada da justiça, igualmente independente sobre o governado e o governante.

«Não nos lisonjeâmos, senhora, de levar á presença de vossa magestade um regimento perfeito de eleições: temos confiança de que seguimos a verdade, de que fomos fieis, depois da victoria dos nossos principios, ás doutrinas que proclamámos quando soffriamos perseguição e calúmnia.

«Dar-nos-hemos por bem pagos se vossa magestade se dignar approvar os principios que propomos, corrigindo, em sua alta sabedoria, o defeito das applicações. A nação abençoará um dia, como plenamente confiàmos, os generosos esforços de vossa magestade, para lhes restituir a paz e a liberdade, e estabelecer devéras o systema representativo que só póde felicitál-a.

«Deus guarde a vossa magestade como todos havemos mister. Sala da commissão em Lisboa, aos 28 de junho de 1846. = *Rodrigo da Fonseca Magalhães* = *Joaquim Antonio de Aguiar* = *Antonio Aluisio Jervis de Athouguia* = *Julio Gomes da Silva Sanches* = *João Baptista*

de Almeida Garrett = José Maria Grande = José Ignacio Pereira Derramado[1].»

Todos convieram em chamar a este documento 'Relatorio da lei eleitoral'. Esta, porém, publicou-se antes d'elle, no *Diario do governo* de 28, 29 e 30 de julho, em que termina. Acompanhou a publicação um decreto da mesma data, mandando adiar para 1 de dezembro a reunião das côrtes, convocadas para 1 de setembro, «por não ser compativel o primeiro praso com o processo que devia seguir-se á eleição dos deputados».

[1] A *Revolução de setembro*, de 4 de agosto de 1846: *Diario do governo*, de 1 do mesmo mez.

VII

Chegada do auctor d'estes estudos a Lisboa. — Visitas no pateo do Pimenta. — Mousinho de Albuquerque e Palmella. — Interessante carta do padre Marcos. — Garrett nunca representou o papel de Mirabeau com o povo nem com a corôa. — Carta de Rodrigo, sobre a entrada no conselho d'estado. — Relações do poeta com Palmella. — Opinião sobre os poetas moços. — Carta de Palmella. — Justiça que se faz a este diplomata, nota. — Outra carta de Rodrigo. — O que tornou mais impopular o governo cabralista. — Regresso dos emigrados de Almeida. — Jantar, no theatro de D. Maria. — Discurso-brinde, de Garrett. — Saude, a Sá da Bandeira. — Espectaculo com que fechou o festim. — Reintegração no logar de chronista mór. — Carta de Carlos Bento da Silva. — Ainda o livro e as opiniões de Edgar Quinet. — *Camões e o Oriente.* — *As pêgas de Cintra.* — Graças do gavião, a certa pêga. — Reuniões a favor dos progressos e melhoramentos da imprensa. — *Neutralidade litteraria.* — 'Parecer', de Garrett, para que não haja distincção de côr politica em trabalhos de arte, de sciencia e de litteratura. — Segunda edição das *Viagens na minha terra.* — Carta á 'associação eleitoral'. — Idéas avançadas, na reforma que propõe a varios artigos. Educação do clero e manutenção do throno e da dynastia. — Outras reuniões politicas. — Carta a Silva Abreu. — Recomposição do gabinete. — Porque não se recommendaria a candidatura do poeta?

I

Em 6 de julho chegou a Lisboa o auctor d'estas *Memorias,* attrahido pela generosidade do mestre, e foi encontrál-o no pateo do Pimenta, como se referiu no tomo I [1].

N'essa casa vi pela primeira vez o duque de Palmella, Mousinho de Albuquerque, e varias das notabilidades politicas que influiram nos destinos da nação portugueza. Mousinho tinha tambem physionomia nobre, aberta e leal. Mas a do duque de Palmella era das que mais attrahiam a attenção, exactamente por ter ares de não querer attrahil-a: cara rapada, cabello ainda abundante,

[1] Pag. 7.

pelle mui fina e branca, apparencia de burguez bonachão, porém maneiras distinctas, naturaes, e o olhar finissimo. Á primeira vista, dir-se-ía mortiço e somnolento esse olhar; todavia, quando nos fitava, era como braza a que o vento assopra a cinza; sentiamol-o entrar penetrantemente dentro em nós, e basculhar-nos os mais reconditos escaninhos da alma. Quem encarasse superficialmente aquelle homemsinho, julgal-o-ía insignificante; mas reparando duas vezes n'elle, mudava-se logo de opinião. No gabinete, folheava os corações como se fossem livros. Sagaz como Talleyrand e Metternich, incorreu, como elles, em faltas e erros; mas prudente como Ulysses, impediu que se perdesse em Londres a causa da rainha e da liberdade portugueza com rara habilidade.

Como não se fazia quasi caso de mim, conversavam á vontade na minha presença a respeito de tudo. O duque parecia-me preoccupado. Só d'ahi a muitos annos, examinando os papeis de Garrett e as correspondencias de outros contemporaneos, descobri que a causa d'essa preoccupação provinha de se desconfiar d'elle no paço. A não vinda de Saldanha inquietava-o igualmente. Segundo documentos que tenho á vista, o poeta tambem não estava já a este tempo satisfeito com a marcha que íam tomando os negocios publicos, e dizia-o a Palmella. Por vezes discutiam calorosamente sobre isso. Muito mais tarde soube eu que João suspeitava, talvez sem fundamento, e porque algum falso amigo abusasse da sua boa fé, que Palmella se assombrava com a sua influencia e auctoridade, porque, não tendo sido nunca ministro, quasi todos os governos recorriam aos seus talentos e saber, collocando-se sempre mais ou menos na dependencia da sua penna e dos seus conselhos. Parte d'esta suspeita proviria de não ter sido ainda reintegrado no logar de chronista-mór, justiça que devia fazer-se-lhe sem ser solicitada. Pedindo-se-lhe por esta occasião, nas Necessi-

dades, o seu parecer sobre a marcha dos negocios politicos, parece que se queixou de que alguem pretendia dar-se ares demasiadamente protectores.

Parece-me haver provado assás a sua constante lealdade e odio a intrigas; por isso devemos acreditar que teve graves motivos de queixa para dizer o que disse. Não consegui alcançar as suas cartas escriptas ao padre Marcos. Reproduzindo algumas d'este, confesso que me é impossivel esclarecer todas as circumstancias a que ellas se referem. Esta não é de todo obscura. Garrett pozlhe por fóra: «sem resposta».

«T. C. 26-7-46.

«Meu am.º — Tive hontem occasião de saber tudo.

«1.º Gostaram muito de que apparecesses, e não foi casual a participação e convite, que se te fez para o acto que havia ali, o que fez ciumes. 2.º Está gravada na memoria a communicação que fizeste em outra casa, ha dois annos, e não só na memoria de a quem a fizeste, mas de outras duas, o que muito me admirou, e dizendo eu, que soubera isso por ti hontem mesmo, me responderam, que a ninguem o haviam revelado, ao que acudi, que d'isso não te queixavas[1]. 3.º Convem-se comtigo de que os fins d'aquella pessoa, os principaes, são o poder apresentar geral protecção na casa e no reino, lançando para isso mão de todos os meios que, ou sejam ou não harmonicos com a moral, é indifferente para quem segue a vida que essa pessoa tem seguido, principalmente tendo vivido uma serie de annos tão abundantes de factos. 4.º Espantam-se de não se ter trazido o papel que te faz reparação, e se não apparecer, pede-se[2]. 5.º Não ha aqui a mais leve indisposição, os obstaculos são estrategicos,

[1] Refere-se talvez á advertencia feita em 1844, pelo poeta, de que se não se pozesse côbro aos excessos do podêr, a revolução do Minho viria vingar a derrota de Torres Novas e Almeida.

[2] A reintegração, no logar de chronista mór do reino.

e formados no cerebro do politico. Vi o Derramado, e gostei muito de ouvil-o. É bom homem. Disse-me, e é verdade, que a salvação de tudo está nas eleições proximas. Cuida muito n'isso, nada de bota fogos, nada de visionarios, nada de arlequins, que não entendem fazer coisa alguma senão aos pulos e saltos. Este o campo que se te offerece, e é opinião minha, filha da cordial e independente amisade que nos liga, que appareças sem receio de enfadar, toques este ponto, e digas, porque se o disseres, é verdade que n'este sentido trabalhas, e não receies o futuro.

«Eu não quiz escrever esta carta tão delfica, que te désse trabalho a decifrál-a, nem tão clara que todos a podessem entender. Mas convem, para bem teu, que a queimes. Esquecia-me dizer, que no tempo que fizeste a revelação deu-se credito, e erras no juizo que fazes, mas tratou-se muito de minorar a impressão recebida, todas as vezes que levemente se tocava na possibilidade do facto. Não te deve esquecer que, tocando n'este ponto, limites a possibilidade dos factos desgraçados que necessariamente hão de acabrunhar o paiz, mas sem possibilidade de triumpho. Não esqueça que, n'esse caso, o unico em que o Varão deve por todos os direitos desembainhar a espada para defender tudo quanto a elle e á nação é mais caro[1]. — Ad.s — Teu do c. = *M.*»

«Eu fico hoje na Boa Morte, casa do Aboim, n.º 39, para descansar dos incommodos e respirar livre d'aquelle beliche. Disseram-me hoje confidencialmente que o Pal-

[1] Parece que Garrett dissera ao esmoler mór, que a rainha não dera credito á communicação que elle fizera, de que a revolução se preparava, e que emquanto era tempo a conjurasse. No intuito de evitar maiores desgraças ao paiz, e qualquer perigo serio á propria D. Maria II, avisava-a da alliança com os miguelistas, e dizia que, pondo-se estes em campo, el-rei devia collocar-se á frente do exercito. Isto explica o porque elle não tomára posição na revolução.

mella em uma reunião que teve hontem com os ministros, dissera que não podia continuar no ministerio por não ser possivel satisfazer a tantas exigencias, nem supportar tantas contradicções. Dize-me o que ha de verdade sobre isto, ou em relação á administração. E se não estiveres em casa, manda pela manhã aqui resposta por escripto, na certeza de que fica tudo em segredo[1].»

II

A realisação da prophecia feita dois annos antes pelo poeta assombrára o paço; mas, quando elle, desejoso de salvar as instituições, revelára o perigo que as ameaçava, não se fazendo as concessões que aconselhára, deu-se pouco peso aos seus conselhos. Apesar do que diz o auctor da carta acima transcripta, penso que só um oraculo poderia hoje decifrál-a completamente. Ha ali pontos que julgo arriscado querer explicar. Quaesquer que fossem as revelações feitas por Garrett, elle não acceitou jamais o papel de Mirabeau, se alguem pretendeu darlh'o. Nunca atraiçoou o povo por amor do paço, nem o paço por amor do povo. Estas advertencias, feitas por intermedio do seu amigo padre Marcos, tinham por fim salvar a rainha e a liberdade, os principios por que pugnára sempre.

A alliança miguelista repugnava-lhe, apesar de a ter defendido na camara, quando fallava como homem de partido; e mais lhe repugnava ainda a guerra civil resultante das divisões dos constitucionaes. D'aqui o facto de nunca se ter associado á revolução armada, entre estes. Na imprensa, na tribuna, tudo quanto quizessem; para derramar sangue de irmãos e amigos não contas-

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – I.

sem com elle. «Salvem-me a rainha e a liberdade, que eu sou latitudinario, e tudo mais acceitarei». Escreveu e disse isto toda a vida.

Quanto ás queixas contra Palmella, não nasciam sómente de não o reintegrar o duque no logar de chronista mór do reino, logar que nem tinha vencimentos; Garrett aspirava tambem a entrar no conselho d'estado; e nem aquelle ministro, nem os que se lhe seguiram, o julgaram digno d'esse tribunal, onde todavia tiveram sempre accesso alguns sujeitos sem valia, nem merito. Como era cargo bem retribuido, recusou-se-lhe! N'uma carta de 21 de julho diz-lhe Rodrigo, referindo-se ao proceder leal com que João, apesar de despeitado, se houvera com o paço:

«Sei e sabia já que te tinhas havido com franqueza e generosidade, o que estimei, e entendo que não ha rasão para desesperar. Nem tudo vae do primeiro bote. Se ha o que dizes da parte do D. de P., então sou eu tambem *joué,* porque em minha presença é elle bem outro.

«O que dizes do Julio me anima — eu mais que ninguem quero ver-te no C. de E., faça-se tudo para isso...

«Tu sempre que desabafas commigo me dás verdadeira prova de amisade. — Sou o teu do C. = *Rodrigo*[1].»

III

Se havia rasão para as queixas de Garrett, como parece certo, não achei em que basear a má vontade do duque. E admira que este conseguisse embaçar tambem Rodrigo, o mais fino matreiro que tem havido, em habilidades e manhas politicas. Palmella visitava a miude o poeta e parecia lisonjear-se de apparecer com elle em

[1] *Catal. Guim.*

público; convidava-o para todos os seus jantares de apparato, e para as reuniões intimas. Poderia julgar-se que o fazia para exhibir a maior personalidade litteraria portugueza do seu seculo; mas não era assim, porque muitas vezes jantava só com elle. Lembro-me de que em duas occasiões assisti, muito encolhido, a estes obsequios affectuosos, uma na sua casa de Lisboa, outra na quinta do Lumiar, pouco menos de um anno antes da morte do velho diplomata. Estava elle então já bastante caido, ainda que sempre amavel, benevolo, verdadeiro homem distincto. Palmella e Loulé foram, da gente que eu conheci n'aquelle tempo, os que, depois de Garrett, que não era nobre por nascimento, me pareceram mais dignamente e legitimamente fidalgos.

Eu não queria achar ninguem tamanho como o auctor de *Camões*, e tinha por impossivel que houvesse no mundo genio maior; por isso, apesar das maneiras com que o duque se impunha ao respeito dos que se lhe approximavam, só me senti tomado de admiração por elle, quando vi Garrett, que não era de zumbaias, tratál-o com singular deferencia. E o outro correspondia-lhe perfeitamente, com a maior gentileza. Sentindo-me pequenissimo, dominado por opiniões e idéas ainda muito cruas ácerca dos individuos e das coisas, se bem que dando culto ardente a tudo quanto me parecia bom e bello, contemplava, entre timido e enthusiasmado, esses dois grandes patriotas, sem comprehender inteiramente o alcance das suas palavras e vistas, mas um tanto vanglorioso, por me persuadir que pensava como elles, e e por poder gabar-me de que ambos elles pertenciam *ao meu partido*. O meu partido, segundo eu julgava, da melhor boa fé, era o da Maria da Fonte, ao qual eu, por minha conta, juntava então meia dóse de republica!

Quando d'ahi a pouco tempo, na *Revolução de setembro* e no *Patriota* espantei o senso commum, e aterrei

os meus proprios correligionarios com muitos versos errados, Garrett teve a generosidade de explicar ao nobre duque, que nem já se lembrava de mim, nem tivera o mau gosto de me ler, a theoria por que os rapazes da minha idade eram todos republicanos facinoras, em poesia mais facinorosa ainda.

— Os poetas moços — esclarecia elle — são como o vapor. Uma vez accesa a caldeira do enthusiasmo, começam a devorar espaço, ferve-lhes o sangue, e é preciso dar-lhes saída ao gaz, senão estoiram. Abre-se a valvula, silva a machina, vomita fogo, fumo, escorias, tudo que lhes fazia mal ao cerebro, e depois voltam a funccionar regularmente, etc.

Deixemos divagações. Eis uma carta que prova quanto Palmella amava a companhia do seu dilecto poeta:

«4 de julho 1846.

«Illmo e ex.^mo sr. — Meu am.^o e sr. — Quando lhe pedi que viesse hoje jantar commigo não me lembrou que n'este dia faz annos a sr.^a infanta D. Isabel, e que não posso dispensar-me por isso de ir á noite a Bemfica.

«Ora, como eu desejo gosar mais um pouco da sua companhia depois do jantar, peço-lhe que o favor que me tinha promettido para hoje, fique adiado para ámanhã, se isso lhe não causar incommodo. — De v. ex.^a — Am.^o e fiel c.^do = *Palmella* [1].»

[1] Visto que me alonguei a fallar, com justos louvores, d'este fidalgo, devo acrescentar que não me esqueci das suas faltas, nos primeiros tempos da emigração, desde a fuga do *Belfast*. Praticou então graves erros, conforme referi, cabendo-lhe, como a Saldanha, grande parte na responsabilidade das tristes dissidencias do partido liberal, e toda a que resultou da má distribuição do dinheiro recebido do visconde de Itabayana, por conta da divida do Brazil a Portugal. Mas, corrigindo algumas apreciações, fundadas em juizos de contemporaneos seus, confesso que fui demasiado severo com elle a pag. 188, nota, e 504 e 505 do tomo I d'estas *Memorias*. Sem o absolver das larguezas feitas a uns e da miseria em que dei-

Apesar d'estas amenidades, e das diligencias que Rodrigo affirmava fazer para se metter João no conselho d'estado, nunca lá entrou. Tres dias depois d'esta carta do duque, lhe escrevia Rodrigo:

«7. — Meu caro João. — Chego ao anoitecer, e por isso não respondi cedo como merece a tua carta, de cujo importante conteúdo estou bem certo. Nada do que trato comtigo me parece menos grave, nem ainda a historia do bilhete, que terás de certo ámanhã: isso já eu sei.

«Emquanto ao mais importante, justo e indispensavel é que fallemos e obremos. Apesar da minha indolencia, que por falta de que fazer se tem tornado habitual, o valor do objecto me tem despertado do somno, e por mim nem um instante tenho faltado.

«É força que francamente te confesse, que acho um certo empecilho no andamento do negocio; mas afigura-se-me que o poderemos vencer.

«Tu pódes crer em mim como teu verdadeiro e leal amigo — e sem cumprimento — ainda mais como dos poucos que n'este paiz te avaliam. Não me reconheço outro merito, e este não o tenho em pouco, porque lealdade e justiça na apreciação dos homens aqui são coisa rara.

xava viver outros. adquiri, em publicações recentissimas, a convicção de que Palmella começou a mandar auxilios para a ilha Terceira, logo que teve conhecimento de que ella pretendia resistir ao usurpador. E se, mais tarde, a regencia, de que era membro, não chamava todos os emigrados, era por não haver sufficientes recursos para sustentar os defensores da ilha, quanto mais para os paizanos que para lá fossem augmentar o numero dos que comiam.

As difficuldades com que luctou a causa da rainha e da liberdade, durante a emigração, accumularam-se todas, por muito tempo, sobre Palmella, que até esteve por vezes em risco de ir parar á cadeia, por dividas contrahidas para sustentar essa causa. Se elle tivesse faltado em Londres com a sua influencia e auctoridade, ainda que não acceito officialmente pelo governo inglez, teria este reconhecido D. Miguel; e jámais se conseguiria depois a restauração do throno de D. Maria II.

«Não quero que estejas ao pé de mim, mas sim ambos, e senão ambos, então a rasão pede que esteja eu ao pé de ti.

«Meu João, eu tenho a cabeça fria para dar uma opinião, mas os annos pesam-me e a ti não. Além d'isso, os teus recursos são immensos, e os meus, sem falsa modestia, estão extinctos, se já alguns tive. Sim, meu João: são poucos os que podem, querem, ou sabem conduzir isto pela estreita e unica vereda da salvação. Isso me faz descorar. Emfim, escolhe um dia, *brevemente*, em que fallemos, e vamos emquanto é tempo a fazer alguma coisa. Veremos se temos com quem.

«Adeus. — Teu do C. = *Rodrigo.*»

O empecilho no andamento do negocio seria a admissão no conselho d'estado, ou a reintegração no cargo de chronista mór? Esta fez-se em agosto; d'aquella nunca mais se tratou. A outra parte da carta refere-se aos trabalhos sobre a lei eleitoral, em que Rodrigo e Garrett eram collegas.

IV

Uma das coisas que tornou impopular no paiz o partido que se denominou a si mesmo cartista, e que desde 1842 a 1851 o povo chamava cabralista, foi a perseguição que movia aos adversarios. Quando os vencia, deportava-os, ou os obrigava a emigrar para escaparem a peiores penas. Mal constou em Hespanha que o duque de Palmella subíra ao poder, regressaram d'ali os emigrados portuguezes, fugidos por occasião das revoltas de 1844.

Desde a raia até Lisboa, a marcha dos repatriados tornou-se em ovação constante. Despovoaram-se villas e aldeias para ir ao encontro d'elles. Em Castello de Vide formaram-lhes alas, receberam-n'os com vivas, foguetes

e repiques de sinos, hospedando-os e agasalhando-os como se fossem todos filhos d'aquella boa e formosa terra, e prestaram as mais distinctas honras funebres a um d'elles que lá falleceu, o capitão João Cesario de Oliveira Sampaio. Abrantes, Barquinha, e sobretudo Torres Novas, deram-lhes as mais solemnes demonstrações de sympathia. N'esta última villa o enthusiasmo foi inexcedivel. A capital, não querendo ficar atraz das provincias, preparou-lhes tambem recepção condigna. Abriu-se uma subscripção, destinada a celebrar-lhes o regresso com jantar de gala no salão nobre do theatro de D. Maria II.

No dia 11 de julho os emigrados desceram o Tejo, desde Villa Nova, em vapores, que na manhã d'esse dia tinham ido esperál-os, armados festivamente. Immensa multidão encheu o Terreiro do Paço, onde desembarcaram, recebendo-os com as maiores demonstrações de alegria. Foi a primeira vez que presenciei a volta de proscriptos aos seus lares, e nada do que vi me esquecerá nunca. As mulheres, os filhos, os irmãos, os paes, a familia, emfim, saía a cada instante do meio do povo, procurando o seu membro entre os recemchegados; descobriam-se, abraçavam-se, confundindo as lagrimas de jubilo. Os espectadores, commovidos, tiravam os chapéus, choravam tambem, e levantavam vivas delirantes aos emigrados e á liberdade.

Muitos vinham mal vestidos, com as barbas crescidas, magros, queimados pelo sol e pela dor do exilio, de chapéus de feltro, pardos, de abas largas, que se chamavam *á Garibaldi*, e que d'ahi por diante muita gente usou como distinctivo de partido, e se ficaram denominando *chapéus á patuleia*. Era o nome por que começavam a ser conhecidos os partidarios da revolução de setembro e da do Minho: «patuleias e pés frescos» allusão a ser o partido do povo, que nos campos anda muitas vezes descalço.

A bordo dos vapores se dera excellente jantar aos emigrados; por isso estes foram indo para suas casas, logo que desembarcaram, mais desejosos de occultar as suas miserias no seio das familias, do que de as dar em espectaculo. Muitos seguiram pela rua do Oiro até ao Rocio, e quer no transito quer na praça, até ao theatro, era difficil romper a multidão que os acclamava.

A commissão do jantar no theatro de D. Maria tivera tantos subscriptores que lhe foi forçoso rejeitar a maior parte d'elles, por não caberem no salão. Essa festa, segundo se lê na *Revolução de setembro*, do dia 20, celebrava o feliz successo das armas populares, e a restituição á patria de tantos illustres proscriptos. Foram convidados, unicamente, como representantes da emigração, José Estevão Coelho de Magalhães, Manuel Mendes Leite, Cesar de Vasconcellos, e conde do Bomfim.

Quando estes entraram no salão, já ali estava reunida a parte mais selecta do seu partido, em saber e intelligencia. Renovaram-se os abraços, as saudações e as lagrimas. O povo, que se apinhava ao pé do theatro, não cessava de dar vivas enthusiasticos. No terraço tocavam duas bandas marciaes. Entre os convidados da commissão achavam-se os dois generaes hespanhoes emigrados, Facundo Infante e Iriarte, em signal de gratidão pelos obsequios que os nossos compatriotas tinham recebido no seu paiz. Os redactores dos jornaes liberaes, Passos Manuel, e o major Montenegro, representavam a revolução; fôra igualmente convidado o dr. Madden, correspondente em Lisboa da imprensa liberal britannica. Ás seis horas e meia começou o banquete, presidido pelo visconde de Sá e por Almeida Garrett.

V

Todo o jantar correu animadissimo. Ao *dessert,* fez o visconde de Sá a primeira saude. á rainha, rei, familia real, e instituições livres da nação portugueza. Ao pequeno mas correcto discurso do heroico soldado, seguiu-se o de Garrett, vice-presidente da mesa:

«Senhores. — Muito me regosijo e muito mais me honro de ser aqui hoje o segundo a propor um brinde em tão illustre reunião. Depois de termos saudado a rainha dos portuguezes, o immediato brinde não podia ser senão á nação portugueza. *(Apoiados.)* É o que vou propor-vos.

«Mas, senhores, quando o nobre visconde de Sá, o veterano da nossa liberdade *(Apoiados)* vos propoz a saude da rainha de Portugal, quando nós a acceitámos e bebemos com tanto enthusiasmo, além dos sentimentos de estima, de consideração, de amor e de respeito que temos pela augusta pessoa da soberana, da filha do nosso libertador immortal, tinhamos, sim tivemos um pensamento mais transcendente ainda, mais patriotico, se é possivel. Saudando o chefe do estado, o chefe do governo, nós saudámos tambem um governo bom, justo e verdadeiro. *(Muitos apoiados.)* Quando um povo livre saúda o seu soberano, saúda um governo justo *(Muito bem)* saúda um governo recto, paternal, um governo segundo a lei. É este o pensamento de nós todos; é este o pensamento transcendente da saude que primeiro se propoz.

«Mas, senhores, o nosso Camões disse — *Um fraco rei faz fraca a forte gente;* e eu, invertendo o pensamento, direi com a mesma verdade que — Um fraco povo faz fraco o forte rei. — *(Apoiados.)* Um povo servil, um povo indigno da liberdade faz o rei mau e tyranno.

(*Apoiados.*) Só de si se devem queixar, como as rãs da fabula, as nações que soffrem reis de pau ou reis serpentes.

«Graças á Providencia não é este hoje o caso da nação portugueza; e, digamos com emphase, que raras vezes o tem sido: porque, de entre todas as nações do mundo, nenhuma tem luctado tanto com os seus governos para ser grande, para ser livre, como a nossa; e sempre que fomos infelizes, sempre que nos humilhámos na presença da Europa, sempre que nos degradámos á face do mundo, é porque succumbimos primeiro diante de um mau governo.

«Senhores, nós somos poucos no meio do mundo civilisado; e a nossa importancia decresce na proporção em que se estende a civilisação, que ha pouco se continha na pequena Europa, mas que hoje abrange um vasto tracto de terreno n'esta e na America. Somos poucos, somos pequenos; necessidade maior de termos um governo grande, um governo generoso, que faça d'estas poucas cifras uma quantidade grande, collocando-as em posição vantajosa, para que cresçam e multipliquem assim como a unidade cresce e se multiplica a centenas e a milhares, ainda que não sejam senão zeros que lhe marquem a posição.

«Senhores, Portugal civilisou-se, Portugal cresceu, e deu brado na terra sem ter mais gente do que hoje tem. Com menos talvez foi descobrir novos mundos, passar por mares (perdoe-se-me o dito já trivial, mas sempre grande) nunca d'antes navegados. — Portugal, quando acabar, faz o que poucas nações ainda fizeram: deixa por herdeira da sua lingua e nome, da sua historia e de sua grandeza, uma grande nação, que occupa uma das mais vastas porções do globo.

«Muitas nações grandes e populosas terão de morrer sem deixar herdeiro de seu nome, nem legatario de suas

obrigações na terra. Mas nós não podèmos morrer; não devemos morrer, emquanto entre nós houver homens como ha pouco se manifestaram; muito menos ainda emquanto entre nós houver mulheres como agora as vimos *(Muitos apoiados)* como essas que ha pouco surgiram no norte de Portugal, renovando todas as glorias que pareciam fabuladas, de Aljubarrota, de Diu e de Chaul.

«Senhores, nós acabàmos de presencear uma grande revolução, uma revolução que tem (perdoe-se-me repisál-o) que tem, além de todos os outros caracteres brilhantes, o magnifico, o transcendente caracter de ser verdadeiramente popular, porque começou pelas mulheres. *(Apoiados.)* Quasi que ainda não houve uma revolução verdadeiramente grande, verdadeiramente nacional, que ahi (?... assim?) não começasse; desde a expulsão dos Tarquinios até hoje.

«Senhores, os nossos velhos portuguezes foram obrigados a dizer a um rei seu: «E senão, não!» Felizmente nós não precisàmos de vir a esse extremo. Graças a Deus! tinhamos ânimo para os imitar, mas felicitemo-nos de que não é necessario, de que temos uma rainha que soube conhecer ainda a tempo que os seus inimigos eram os nossos. Felicitemo-nos por tudo isto; felicitemo-nos por ter chegado mansa e pacificamente a este grau eminente de civilisação; felicitemo-nos porque a nossa revolução não tem sido manchada; felicitemo-nos porque o não ha de ser; e reunamo-nos todos para que o não seja e para que esta saude que hoje aqui fazemos seja verdadeiramente á nação portugueza, e não a nenhuma fracção, não a nenhum partido, mas a todos os portuguezes!

«E quando digo isto, não se pense que eu quero um governo tibio, vacillante e cambiante, por não dizer inepto; que siga hoje uma opinião, ámanhã outra, que não tenha

principios, nem doutrina. Não, senhores, eu quero um governo forte, resoluto, igual á situação; que adopte sincera e rasgadamente o programma do partido que segue as doutrinas progressivas. E quero que esse partido governe, não em seu beneficio exclusivo, mas em beneficio de todos. Por isso mesmo que é um partido progressista, é que lhe incumbe a natural tutela dos outros, pondo-se á frente das reformas e dos melhoramentos, e formulando leis que elevem o paiz ao grau de civilisação a que deve chegar. Exerça sim a tutela, mas faça que os tutores sejam abençoados pelos pupillos, e não apedrejados; como ha pouco o foi um partido, talvez mais desgraçado que outra coisa.

«Bebamos pois a este grande pensamento, que é verdadeiramente grande e nacional: *Á nação portugueza!*» *(Prolongados applausos.)*

VI

Tocou-se o hymno de D. Pedro, seguindo-se logo outros oradores. Fizeram-se quatorze discursos de saudes! Os mais notaveis foram os de Garrett, Passos Manuel e José Estevão. Garrett encerrou a sessão, dizendo: «Senhores. Esta assembléa não se póde dissolver sem darmos os devidos agradecimentos ao nosso presidente, o antigo general da liberdade, o amigo de nós todos, e sobretudo dos principios do justo e verdadeiro governo. Ao nosso presidente! *(Prolongados vivas e applausos.)*

«Tal foi este festim, que verdadeiramente se póde considerar o primeiro jantar público que em Portugal se tem dado. As vastas galerias do salão estavam cheias de senhoras da primeira sociedade, e de muitas outras pessoas de ambos os sexos[1].»

[1] *Revolução de setembro*, de 20 de julho de 1846.

A presença das senhoras explica a feição que deu o poeta a parte do seu discurso. Depois do jantar passaram os convivas para os camarotes do theatro, e ali assistiram á representação, a beneficio das familias dos emigrados pobres [1]. Não se póde descrever o enthusiasmo com que o público acolheu os exilados! A peça escolhida era o *Alfageme*, de Garrett. Imagine-se o effeito que produziria, sendo das que melhor pintam as revoluções! Poeta e actores tiveram ovação enorme. O espectaculo terminou ás tres horas da manhã de 12 de julho. Eu nunca tinha imaginado a possibilidade de ver festa similhante!

VII

Em 10 de agosto foi o nosso auctor, finalmente, reintegrado no logar de chronista mór do reino; porém não renovou os cursos de historia [2].

N'este anno se publicou o livro de mr. Edgar Quinet,

[1] Fôra por intervenção do poeta que L. da S. Mousinho de Albuquerque, ministro do reino, até 19 de julho, mandára dar na fronteira sessenta moedas aos emigrados, para poderem vir até Lisboa. *(Catal. Guim.* – Cartão c. – 1.)

[2] «Hei por bem reintegrar ao conselheiro João Baptista de Almeida Garrett no logar de chronista mór do reino, de que fôra provido por decreto de 20 de dezembro de 1838, em attenção ao seu distincto merecimento e serviços litterarios, e subsequentemente exonerado pelo de 16 de julho de 1841. O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Belem, em 10 de agosto de 1846. = Rainha. = *Duque de Palmella.*»

Por uma carta de Sá da Bandeira, de 24 d'esse mez, vê-se que João chegára a despeitar-se a ponto de pedir a sua reforma de juiz. Diz-lhe o amigo que só os velhos se reformam, e que sentira não ter sabido a tempo da sua pretensão (a de ser reintegrado), esperando que elle tivesse certeza de que não lh'a impugnaria. *(Catal. Guim.* – Cartão c. – 1.)

a que de passagem me referi a pag. 553, do tomo I d'estas *Memorias*. Carlos Bento da Silva apresentára o viajante ao poeta, quasi dois annos antes:

«Exmo am.^o e sr. — Está em Lisboa mr. Edgar Quinet, litterato distincto francez, collaborador da *Revista dos dois mundos*, que desejava ser apresentado ao meu amigo. Se por acaso não tem objecção a que á meia hora depois do meio dia ahi lh'o leve, queira mandar-m'o dizer pelo portador. — De v. ex.^a — att.^o v.^or am.^o e cr.^o = *Carlos Bento da Silva*[1].»

Quinet escreveu no seu livro: «O chefe do renascimento litterario (em Portugal) é o sr. Almeida Garrett. Começando por soldado razo, deputado hoje, costumado ás prisões e ao desterro, perdendo aqui e ali os seus manuscriptos em viagens de mar, continúa, na sua vida aventurosa, as provações dos poetas portuguezes. No dia em que o visitei estava para ser lançado n'uma masmorra (1844). Estas alternativas de amargura não impedem que trabalhe na creação de um theatro nacional portuguez. Na sua peça *Gil Vicente* conseguiu apaixonar a impassivel Lisboa. O espectaculo da côrte de el-rei D. Manuel, com tantas recordações de poesia e de conquistas, repentinamente lembradas, commoveu profundamente a cidade que se julgava morta. Desde então não cessou o sr. Garrett de revolver as cinzas de Portugal[*].

«Na sua ultima peça tocou as fibras mais íntimas da nação, pondo em scena uma d'essas historias populares que só respiram paixão e poesia.» Segue a descripção do entrecho, e pintura das personagens de *Frei Luiz de Sousa*. «Na sua surprehendente simplicidade, este drama

[1] *Catal. Guim.* — Cartão c. — I.

[*] «Bem quizera eu inspirar aqui a alguem a idéa de traduzir os seus dramas: *Gil Vicente, A espada do condestavel*, e *Frei Luiz de Sousa*.» (*Mes Vacances en Espagne*, Bruxelles, 1846, pag. 332 e seguintes.)

representa o fundo intimo da vida portugueza, com a mistura de expectação, de saudade, de esperança, conjuncto de felicidade apparente e impossivel, que conduz a essa viva melancolia para a qual a lingua de Camões tem uma palavra sem equivalente em nenhuma outra*. O effeito é tanto mais pungente, que a esperança realisada não serve aqui senão para despedaçar todos os corações: no final, quando as personagens principaes dizem adeus ao mundo para entrar n'um convento, parece que a nação inteira se inclausura[1].»

Fallando do estado do paiz, acrescenta: «N'essa mesma noite, aquella ingenua assembléa (as côrtes) era dissolvida violentamente; e muitos dos seus membros mettidos no porão da fragata *Diana*, que no Tejo servia de prisão de estado. Ao mesmo tempo chegava a noticia da insurreição das provincias. Suspenderam-se com a constituição todas as garantias; e promulgou-se a ordem de fusilar os suspeitos, *sem culpa formada*[2]».

Referia-se aos acontecimentos, já descriptos, da insurreição de Torres Novas: «No meio d'estes successos extraordinarios, parecia-me inacreditavel a inercia de Lisboa. Emquanto se agitava convulsivamente todo o corpo de Portugal, só a cabeça se diria morta. Nenhum signal de colera, de sympathia, nem mesmo de temor. Se eu não soubesse já que Lisboa, segundo a phrase do sr. Herculano, é uma *Palmyra moral*, ficál-o-ia sabendo desde esse dia. Singular inversão das leis da vida! São as provincias que levam após si a capital**».

* «Saudade. Solidão, desejo, pezar, tudo isto a um tempo.» (Obra citada.)

[1] Idem.

[2] É grande exagero. Fizeram-se em Lisboa muitas prisões, e outras violencias dignas de censura; mas não se fusilou, nem se deu ordem para isso.

** «Isto acaba de ser plenamente affirmado pela revolução (do Minho).» (Obra citada.)

Quinet, que tão amavel foi com Garrett, apesar d'este se ter offendido com a phrase *'d'abord simple soldat'*, esqueceu-se, dez annos depois, do que tinha dito, e publicou o artigo *Camões e o Oriente*. N'esse escripto, honrosissimo para Portugal e para o nosso primeiro epico, se lê o seguinte: «Este povo (o portuguez) não apparece na historia senão por um momento, para realisar aquelle milagre (o descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança). Terminada a obra, recáe no silencio. Assim como não teve senão um instante de esplendor, tambem não teve senão um poeta, um livro».

O celebre pensador, que morreu agarrado a teias de aranha, julgando-se creador de melhor philosophia do que aquella que na sua mocidade ajudára a destruir, teve muito superficial conhecimento da obra de Garrett; do contrário teria sido mais justo com a nação portugueza, avaliando a sua poesia e a sua litteratura. Poucos paizes da Europa tiveram tão grande numero de poetas epicos, de poetas distinctissimos, como teve o nosso. A Hespanha, e a Italia sobretudo, seriam mais ricas na variedade; nenhuma nos excedeu, nem mesmo igualou na especialidade. E, para não fallar em Sá de Miranda, Bocage, Filinto, e tantos outros, depois de Camões, tivemos Garrett.

VIII

Em julho de 1846 escreveu João Baptista *Por bem, (As pêgas de Cintra)* que mandou a Teixeira de Vasconcellos, a 22 d'esse mez, para a *Illustração*[1]; e reproduziu depois no tomo I do *Romanceiro*, com pequena advertencia, a que juntou a carta escripta ao redactor do citado jornal, explicando o conto, que é muito gracioso.

[1] Tomo II, n.º 5, 1 de agosto de 1846.

Ahi diz que não sabe se é romance, apologo, fabula ou cantiga. «Se soubesse, meu caro senhor, todas as circumstancias d'essa composição! Se soubesse de certa pêga ou pêgas que me perseguiram com seu maldito palrear, e me queriam, ainda em cima, assacar, a mim gavião, ellas pêgas, as manhas que só ellas teem! Mas ficou lograda a pêga e...»

Pobre gavião! Foram exactamente as pêgas que o desazaram; mas não sei se as manhas eram d'ellas se d'elle. Sei só que por esse tempo havia no predio que habitava, no pateo do Pimenta, n.º 13–B, certa pêga, que lhe mereceu as seguintes finezas, n'um serão em que palrava com outras diante do citado gavião:

«Morro pelos mais lindos olhos que ainda vi.

«Este papel não merece ser rasgado; mas se o queres rasgar, rasga, ingrata, que é o mesmo que rasgar o coração de quem o escreveu.» Era-lhe impossivel estar ao pé de mulheres moças e formosas sem afinar logo por este tom, que as captivava! Por isso os semsaborões, que se mordiam de inveja, o calumniavam.

Foi tambem n'este tempo que elle e José Estevão, desejosos de promover a diffusão dos escriptos publicados pela imprensa periodica e não periodica, convidaram todos os homens de letras e jornalistas de qualquer côr politica para se reunirem no gremio litterario e discutir esses assumptos. A primeira sessão teve logar em 1 de agosto, sendo muito concorrida. José Estevão apresentou ali o *memorandum*, que devia servir de base aos trabalhos. A assembléa resolveu que as reuniões se fizessem aos domingos, e assim succedeu até ao memoravel dia 6 de outubro.

A regeneração da imprensa em Portugal, e todos os progressos que prendem com os seus melhoramentos materiaes e moraes, foram o objecto das discussões, concluindo-se por sanccionar como principio fundamental

d'esses estudos a independencia dos escriptores. Muitas das aspirações manifestadas por aquella illustre sociedade estão ainda hoje á espera de realisação, trinta e oito annos depois![1]

Garrett, nomeado presidente, e considerado sempre por consenso unanime, até dos proprios que lhe mordiam a sombra, como mais auctorisado em tudo, encarregou-se de escrever o documento que vae ler-se, no qual estão as idéas do tentamen. É um codigo que, infelizmente, não vigora ainda em todas as suas partes, e que devia ser lei desde muito!

IX

A *Revolução de setembro*, de 5 de setembro de 1846, publicou-o, precedendo-o das seguintes palavras:

«Leu-se hontem no gremio litterario a declaração sobre a *neutralidade litteraria*. Essa declaração ficou sobre a mesa para ser assignada pelas pessoas que se julgarem competentes para isso, e são-n'o aquellas que teem de executar o *accordo*. Entendemos que é este um passo que damos na estrada da civilisação, e que a sociedade em geral interessa n'esta fraternidade. Esperâmos que ninguem se recusará a assignar esse documento da nossa mutua tolerancia, com a qual tanto se honram as letras. Eis ahi o parecer e declaração:

«*Parecer*. — Senhores: A commissão encarregada de dar seu parecer sobre o artigo do *memorandum*, thema dos nossos trabalhos, em que se trata da neutralidade litteraria, entende que este grande meio moral seria um dos mais conducentes ao fim proposto da regeneração da imprensa portugueza.

[1] Veja-se o bello artigo da *Revolução de setembro*, de 28 de agosto de 1846, que julgo ser da penna de Antonio Rodrigues Sampaio.

«Effectivamente, e com raras, posto que bellas e generosas excepções, nós temos sido traidores á republica litteraria *una e indivisivel*, como tacitamente o jurámos todos os que, mais ou menos, temos feito por nos recensearmos cidadãos seus.

«Nas mais barbaras idades da Europa no meio do fraccionamento das nacionalidades modernas, os homens de letras, os homens de arte, não quizeram reconhecer nunca soberania de principe, nem de povo. Desde uma pobre irmandade de menestreis até á opulenta *alma mater* de uma universidade, tudo fraternisava e era commum. O trovador de Provença, ou de Catalunha, e o meinesinger de Allemanha, o menestrel de Normandia, de Sicilia, ou de Inglaterra, fosse elle rei, ou pedisse pelas portas, todos eram irmãos. O doutor de Coimbra ia ler n'uma cadeira de Salamanca ou de París, o de Bolonha em Lovaina.

«Nascidas no gremio maternal do catholicismo, a sciencia, a litteratura, a arte christã, tinham o mesmo pensamento sublime, regenerador, grande e divino — o de unir os homens pelos vinculos intellectuaes e moraes, de os fazer marchar hombro com hombro na estrada do aperfeiçoamento e da civilisação.

«O protestantismo, que foi uma reacção necessaria, e permittida talvez, sinceramente o creio, nos altos juizos de Deus, para regenerar a verdadeira igreja, o protestantismo, trazendo, como todas as reacções, grandes bens á humanidade, tambem lhe causou grandes males: do schisma na republica catholica nasceu o schisma na republica litteraria.

«Ás divisões em crença religiosa succederam as divisões em crença politica. D'aquellas veiu a reforma da governação da igreja, d'estas a reforma dos governos do estado. Mas uma e outra estão quasi conseguidas, e é preciso que estas divisões acabem de povo a povo, de

lingua a lingua. Hão de acabar, e o principio catholico, o grande principio e pensamento da civilisação moderna, que invoca a *gloria a Deus nas alturas, para trazer a paz aos homens na terra*, ha de triumphar cedo, realisando pelos suaves meios da força moral o pensamento ambicioso dos Cesares, que pretendiam unir o mundo com a força bruta da espada.

«Demos, pois, nós, por nossa parte, o primeiro passo n'este caminho, que é destruir, dentro de nossos limites, todas essas mesquinhas divisões de seita. Seja a profissão e os professores das letras sagrados para os partidos, e não lhes paguem tributo como os descendentes de Harmodio e de Aristogiton entre os athenienses o não pagavam á republica.

«Certo, não podèmos querer que os homens de letras se evadam ás obrigações e abdiquem os direitos que teem no estado; que renunciem ao seu quinhão na terra promettida para viver de um dizimo que lhes paguem os outros, como a tribu de Levi. É diverso o pensamento da unidade, que nos parece ainda melhor chamar-lhe assim, do que neutralidade litteraria. Consiste em que, tanto nos jornaes, como em quaesquer outras publicações, em todo o ponto de arte, de sciencia, de litteratura, trabalhem promiscuamente todos, sem distincção de côr politica, ainda que os jornaes sejam politicos, e do mais opposto partido á pessoa que escreva.

«Não pareça estranho que a este *desiderandum* se junte outro que, mais intimamente do que apparenta, está ligado com elle, e cooperará efficazmente para o mesmo fim, vem a ser que todo o emprêgo e encargo litterario, ou quasi litterario, se declare inamovivel para que não venha desunir a cubiça o que a generosidade se esforça a ligar.

«Este último ponto precisa de uma lei, e é parecer da commissão que se faça um requerimento ás côrtes, assi-

gnado pelo maior numero de assignaturas, e mais respeitaveis que se possa conseguir, pedindo e propondo a dita lei.

«Quanto ao primeiro, julga a commissão que se poderá conseguir por uma declaração solemne feita e assignada n'este gremio por todas as pessoas mais notaveis e influentes de todos os partidos. E por aproveitar tempo, e interpretar assim o seu mandato, a commissão propõe a formula annexa que vós examinareis e corrigireis na madureza de vossas deliberações. — Sala da commissão, em 27 de agosto de 1846. — (Assignados, o sr. Almeida Garrett e mais membros da commissão.)»

«Os abaixo assignados, escriptores publicos e homens de letras, solemnemente declaram que entendem ser inteiramente alheio ás questões materiaes e positivas do governo da nação, e ás dos partidos em que ella se divide, o mister das letras, das sciencias e das artes, e que por isso não reputam quebra do proprio pundonor e lealdade a livre cooperação do escriptor em qualquer publicação periodica, empreza ou sociedade, para fins puramente litterarios, embora o espirito d'essas publicações, emprezas, ou sociedades, represente idéa diversa das suas nas questões politicas da actualidade.

«Declaram tambem que consideram esta nobre tolerancia como um meio adequado a proteger o desenvolvimento da civilisação, e como uma prova de ànimo generoso; que, finalmente, se honrarão sempre de assim pospor mesquinhas preoccupações ás conveniencias do progresso moral e intellectual do paiz, não reconhecendo em ninguem o direito de os taxar, a elles ou a outros quaesquer escriptores que se associem ao seu pensamento, de mera constancia politica.=*Rodrigo da Fonseca Magalhães*=*Visconde de Juromenha*=*A. Herculano*=*João Baptista de Almeida Garrett.*»

X

N'este mesmo anno, segundo referi mais atraz, publicou em dois volumes a segunda edição das *Viagens na minha terra*, contando-se como primeira a da *Revista universal lisbonense*. Embora não fosse de constituição mui robusta, trabalhava sempre com pasmosa actividade. N'este mez começaram as reuniões da associação eleitoral de que elle era membro. Discutia-se ali o programma de principios que os deputados que fossem eleitos deviam obrigar-se a defender na camara. Garrett, que estava em Oeiras, não pôde assistir ás sessões, por ter sido acommettido de violento ataque de cholerina. Desejando, porém, expor as suas opiniões antes de se entrar nos debates e se tomarem resoluções definitivas, escreveu a notavel carta que adiante transcrevo, dirigida ao dr. Alberto Carlos de Cerqueira e Faria.

Achando-se reunidos a 17 de setembro os delegados das freguezias do municipio de Lisboa, leu-se o projecto do programma que n'uma das reuniões immediatas deveria ser discutido por todos os eleitores que quizessem concorrer a ella. Alberto Carlos, depois do citado documento, leu a carta do poeta, resolvendo-se n'uma das sessões immediatas que, independentemente da publicidade nos jornaes, se imprimisse em separado, conjunctamente com o trabalho da commissão, para ser discutida ao mesmo tempo.

Além do seu valor historico, é mais uma prova da generosidade e largueza de vistas de seu auctor. Eil-a:

«Illmo sr. — Agradeço a v. s.^{a} o obsequio de me mandar aqui o projecto de programma para os candidatos do nosso districto. Eu estava esperando que o ataque de *cholerina*, que me começou na segunda feira em Lisboa, me permittisse hoje ir ahi, porque está passado, mas eu ainda muito debil com effeito.

«Aproveito-me, pois, d'este favor, para dizer por escripto o que teria desenvolvido melhor de viva voz.

«Dou o meu pleno assenso á generalidade do referido projecto, que acho providente e previdente, habilmente redigido, e segundo no relatorio se diz, fiel aos principios que proclamou este grande movimento nacional, que é nosso principal dever interpretar, consolidando os seus resultados com firmeza e prudencia.

«Devo, porém, dizer a v. s.ª com a sinceridade de que faço timbre e de que tenho dado constantes e perigosas provas nas crises mais arriscadas por que temos passado, que me não parece conveniente á santa causa que defendi em cinco annos de constante e inabalavel opposição, o consignar desde já por um programma solemne o principio exarado no artigo 3.º do projecto [1]. Nem me repugna, nem o julgo impraticavel, esse modo de constituir a segunda camara das nossas côrtes; mas nas actuaes circumstancias da Europa e do mundo civilisado, receio que nos singularise de mais. Além d'isso tenho professado na tribuna, consignado em meus taes quaes escriptos outras opiniões; e firmada esta agora por mim, nada ganhava, perdendo eu por inconsistente e capaz de variar de doutrina, segundo as circumstancias; accusação que nunca mereci, nem espero merecer. Tenho seguido constantemente a regra de não ser mais exigente no dia da victoria do que na vespera da batalha; e persuado-me sinceramente que o partido que seguir esta regra será o que constantemente ha de exercer a supremacia no paiz.

«Quasi os mesmos motivos me fazem igualmente desejar que em vez de *abolir* se diga *reformar* (no artigo 17.º) o conselho d'estado e o tribunal de contas, duas visceras essenciaes, em minha opinião, no corpo do es-

[1] Dizia esse artigo 3.º: «Que se organisem duas camaras, sendo a dos pares ou senadores de eleição por categorias».

tado constitucional, e que, sendo eliminados de direito, são anormalmente substituidos de facto, com prejuizo irremediavel da harmonia da vida pública[1].

«No artigo 18.º, quereria do mesmo modo que a restituição do administrativo municipal e local ás camaras fosse mais positivamente promettido[2].

«Rasões de delicadeza e de generosidade que v. s.ª, como cavalheiro ha de avaliar, e que a nobreza de ànimo (caracter distinctivo dos nossos portuguezes) de toda a reunião por certo entenderá devidamente, me fazem igualmente impossivel proclamar o conteúdo no artigo 22.º do programma. Justo e santo o principio, como é, dar-se-lhe-ia uma traducção ignobil de vingança em um homem offendido, perseguido e calumniado como eu tenho sido[3].

«Observarei tambem que o previsto no artigo 25.º me parece assegurar-se melhor pelo artigo correspondente no decreto eleitoral d'este anno, em que a pena sancciona o preceito. Demais, tendo a experiencia do que se praticou sob o regimen da constituição de 38 mostrado como estes preceitos se illudem e sophismam, quando são desacompanhados da sua sancção natural e já experimentada[4].

[1] O artigo 17.º dizia: «Que sejam abolidos o conselho d'estado, e os tribunaes do thesouro, e contas; substituindo-lhes o que for indispensavel, com simplicidade e economia».

[2] Artigo 18.º: «Que os administradores dos bairros, e concelhos, emquanto existirem, sejam escolhidos pelo governo de listas triplices, formadas por eleição popular».

[3] Artigo 22.º: «Que se promova que a educação dos principes e todo o serviço da casa real sejam encarregados exclusivamente a portuguezes».

[4] Artigo 25.º: «Que seja prohibido ao governo nomear para qualquer emprêgo algum membro do corpo legislativo, desde que for eleito até que cessem as suas funcções; ou fazer-lhe graça, ou mercê, fóra dos casos que por escala lhe compitam, etc., etc.» Quem desejar conhecer todo o programma, encontra-o a pag. 2 da

«Por último, pediria que no programma se additassem dois artigos: um que proclamasse a necessidade da reforma e educação do clero e da sua constituição em geral, outro que manifestasse a unanime opinião do paiz de manter o throno e a dynastia da senhora D. Maria II.

«Certo não era necessaria esta declaração, se não tivessem occorrido as tentativas absurdas d'estas últimas semanas, porque o grande movimento nacional bem explicito foi em suas acclamações[1]. Mas depois d'ellas, é decoroso e de dever para a capital do reino dar este documento de adhesão e approvação aos esforços espontaneos e geraes com que a população do paiz por toda a parte tem reprimido e castigado as tentativas dos discolos, reprovadas e estygmatisadas por todos os partidos e nomeadamente pela mais sensata e mais distincta parte do antigo partido realista.

«Eis aqui o que eu desejára dizer na reunião dos nossos amigos eleitores de Lisboa, a quem peço que v. s.ª tenha a bondade de apresentar esta minha carta, escripta bem á pressa, e menos desenvolvida do que eu desejava; mas nem o tempo, nem o meu estado de saude me permittem fazêl-o melhor.

«Peço que acceite os protestos da minha estima verdadeira e amisade certa. — De v. s.ª attento venerador = *J. B. de Almeida Garrett.* — Oeiras, 18 de setembro de 1846[2].»

Era grande n'este periodo a actividade politica dos partidarios da revolução popular, excitada ainda pelos

Revolução de setembro, do dia 19 de setembro de 1846, sob o titulo: «*Capitulos principaes, que os deputados do circulo eleitoral de Lisboa devem sustentar nas proximas côrtes*».

[1] As tentativas eram do partido absolutista, que proclamava D. Miguel. E o movimento do Minho não fôra tão «explicito em suas acclamações» como Garrett affirma.

[2] *Revolução de setembro*, de 19 de setembro de 1846.

esforços dos miguelistas, que julgaram opportuno o ensejo para tirar partido das dissidencias dos liberaes. De par com as reuniões da commissão eleitoral havia outras em casa do marquez de Vallada, inauguradas no dia 20 de setembro por pares e deputados da opposição (diz a *Revolução de setembro*), asseverando-se que o seu fim era sustentar a revolução do Minho, e que não contrariava, nem era hostil a nenhuma associação ou programma que tendesse áquelle ponto. N'esta primeira reunião, igualmente se nomeára commissão para fazer um manifesto ao paiz, proclamando os seus principios. É claro que Garrett foi dos membros escolhidos.

N'esta azafama eleitoral os delegados populares esqueciam-se de que os seus adversarios não eram unicamente os miguelistas, e que Saldanha já estava em Lisboa.

XI

Garrett, ao que parece, perdêra quasi inteiramente a confiança em alguns dos novos ministros: andava tratando da sua eleição, e escrevia a Manuel Rodrigues da Silva Abreu, em resposta áquella tocante carta, que transcrevi a pag. 689, e seguintes, do tomo II.

«Lisboa, 26 de setembro de 1846.

«Meu amigo. — Tenho aqui defronte de mim uma carta de 11 de julho de 1842, que começa: = ha n'este mundo um homem por nome Rodrigues, etc. = E eu tenho guardado esta carta quatro annos sem lhe querer responder, porque não queria comprometter o dito Rodrigues com a minha correspondencia. Desde os feitos de dama Maria da Fonte já o não compromettia, mas não tinha eu tempo. Hoje tenho uns pobres minutos, e vou responder-lhe que bem sabe que os partidos politicos, as circumstancias, etc., nada influem nas minhas affei-

ções. Vou-lhe pedir que me escreva agora muito, e que disponha de mim sempre e em tudo.

«Tambem quero que diligenceie por ahi votos para a minha eleição, porque se trama para eu não ir á camara, e não deve ser, mesmo por honra e proveito dos que tramam.

«Adeus. Saude e muitas saudades do seu — Amigo velho do C. = *J. B. de Almeida Garrett.*»

Em 19 de julho recompozera-se o ministerio, entrando Joaquim Antonio de Aguiar para a justiça, Julio Gomes da Silva Sanches para a fazenda, visconde de Sá da Bandeira para a guerra, passando Mousinho para a marinha, e Palmella para o reino. Talvez que a entrada de Aguiar explique o porque se tramava contra a eleição do nosso auctor. Parece que Palmella deveria recommendar-lhe a candidatura, primeiro que a de nenhum outro; porque não o fazia?! Vimos que levou tempo, e que foram necessarios empenhos, para reintegrál-o no logar puramente honorifico de chronista mór, e que agora pretendia tambem fechar-lhe o parlamento; não quero, comtudo, attribuir taes factos senão á reconhecida falta de docilidade do poeta para deputado de maioria ou de partido. Quer fosse por medo da sua independencia e probidade intransigente, quer por alguns dos muitos segredos, nem sempre dignos de publicidade, com que os chefes politicos encobrem as suas ingratidões, depressa vieram os acontecimentos annullar as intrigas de uns e as aspirações de outros.

VIII

Chegada de Saldanha a Lisboa. — A historia escreve-se com documentos e não com boatos. — Nas revoluções, a acção é mais eloquente que a palavra. — Emboscada de 6 de outubro. — Hesitação de artilheria n.º 1 e de Joaquim Bento Pereira. — Patriotas á porta do castello de S. Jorge. — Ministro-capitão. — 'Á ultima hora', da *Revolução de setembro*. — Guerra civil. — Explicações proclamadas. — Documentos falsos. — Pretextos com que se invoca intervenção estrangeira. — A alliança miguelista. — D. Miguel, em Londres, nota. — Auxilio das potencias. — Facto historico ainda mal esclarecido. — D. Maria II, e os setembristas. — Estado da capital. — Fuga dos presos do Limoeiro. — Nota, historica. — Ministerio inglez parcial da junta do Porto. — Correspondencia do barão da Torre de Moncorvo. — Carta de Rodrigo a Garrett. — Opinião de Palmella ácerca do conde de Thomar. — O poeta não toma posição na lucta. — Porquê. — Carta do padre Marcos. — Outra, de Rodrigo. — Estylo. — *Inauguração da capella dos marquezes de Vianna*. — Allusão ao momento historico. — Depois da victoria. — Testemunho insuspeito. — Palavras do duque reinante de Saxe-Coburgo. — Periodo esteril na vida do nosso auctor. — Sua influencia nos gostos e na illustração do seu tempo. — Porque não foi mais decisiva nos costumes. — 'Astro sem luz'. — *O noivado no Dáfundo*. — *A sobrinha do marquez*. — Linda-a-Pastora. — Inscripção mysteriosa. — Carta de A. Herculano, a proposito de *D. Branca*. — Criticos. — Carta de D. Fr. Francisco de S. Luiz. — *Memoria da duqueza de Palmella*. — Ainda sobre a emboscada, nota.

I

Saldanha, que não viera tomar conta da pasta de ministro da guerra, fôra substituido n'essa repartição a 19 de julho pelo visconde de Sá. Depois da recomposição, moveram-n'o as saudades, e em 23 de agosto chegou ao Tejo a bordo do vapor inglez *Pachá*. O partido da opposição, temendo talvez que lh'o empalmassem, associou-o desde logo á sua fortuna, e elle começou a urdir o plano para derrubar Palmella. Com a promessa da presidencia do conselho, isto é, com a certeza de que acima d'elle só estaria a soberana, foi facil conquistál-o ou conservál-o.

Affirmou-se que D. Maria II dera pleno assentimento aos projectos do irrequieto general: mas a historia escreve-se com documentos e não com boatos. Nas referencias que faço dos successos que prendem mais ou menos com a vida do nosso auctor, esforço-me quanto posso para que ellas não sejam o echo remoto das paixões dos partidos. Evito seguir o exemplo de Tacito, que dizia o maior mal possivel dos homens, para se enganar menos vezes com elles.

O que se demonstrou, pois, ainda outra vez, foi que nas revoluções a acção é sempre mais eloquente do que a palavra. Desde o cruel concerto de Lépido com Antonio, e Augusto, até Robespierre, Danton e Marat; desde Cicero a Vergniaud, dos girondinos até os deputados portuguezes de 1822, se tem visto a inefficacia da rhetorica contra a força bruta, posta em movimento pelo despotismo. Os oradores mais eminentes são mandados para a guilhotina ou para o exilio pelos que fallam pouco, deixando-se-lhes todavia o recurso de fazerem bellos poemas na terra do desterro, ou sublimes discursos, ácerca da immortalidade da alma, na vespera de subir ao cadafalso.

Emquanto a associação eleitoral republicava, na *Revolução de setembro* do dia 5 de outubro, o seu programma, corrigido, Saldanha retocava, tambem um tanto artisticamente, o seu projecto reaccionario; e na noite de 5 para 6 armava a emboscada ou golpe d'estado, que ás cinco horas da madrugada se ostentou sob os mais auspiciosos resultados no Terreiro do Paço. Ali appareceram todas ou quasi todas as tropas da guarnição da capital formadas, com os seus competentes chefes á frente, e Saldanha, muito risonho, dando a todos aquelle bom *cavaco* com que sabia angariar adhesões e affectos.

Foi mais do que assombro o sentimento que se apo-

derou dos habitantes da cidade, a começar pelos ministros. Artilheria n.º 1, não adherindo desde logo ao movimento, carregou as peças, accendeu os morrões, e dispoz-se a marchar ao encontro do 'inimigo'. Joaquim Bento Pereira, que no castello de S. Jorge commandava caçadores n.º 5, igualmente negou a sua cooperação immediata.

Tinha o ministerio Palmella creado o simulacro da nova guarda nacional, tão bem disciplinada que nunca se reunira toda nos respectivos quarteis. Ás chamadas e avisos reiterados apenas compareciam raros officiaes, e ainda mais raros soldados, com grande gaudio dos jornaes opposicionistas, que mettiam a instituição a riso, não sem graça e rasão. Porém os chistes e epigrammas dos adversarios não tiveram nunca podêr de despertar os brios da força popular improvisada.

Varios patriotas, mais ardentemente repassados de ardor patuleia, temendo-se da reacção, que preadivinhavam, haviam arregimentado muita gente, considerada setembrista, nos diversos bairros da capital. Promettiam os inscriptos comparecer armados ao primeiro annuncio de perigo. E apenas se espalhou na cidade, ao romper da manhã de 6, a noticia da emboscada, algumas d'essas pessoas de boa fé, informadas de que o castello se mantinha pelo governo, correram para lá, no intuito de se reunirem aos caçadores, e formar com elles e artilheria o nucleo da resistencia.

Joaquim Bento, aproveitando utilmente as primeiras horas que Saldanha lhe deixou livres, reflectira sobre o caso, mandára fechar as portas do castello e intimára a multidão, reunida do lado de fóra, para que se retirasse, sob pena de ser metralhada. Responderam-lhe gritos de indignação e ameaços impotentes; as palavras 'traidor' e 'transfuga' foram muitas vezes pronunciadas com raiva. Mal, porém, os soldados fizeram do alto da muralha

menção de apontar as armas, sumiram-se os gritadores como por encanto[1].

Terminaram ao mesmo tempo as hesitações dos artilheiros; e Saldanha recebeu no mesmo dia, com a presidencia do conselho, o premio da sua façanha[2]. Entrou para o reino o visconde de Oliveira; José Jacinto Valente Farinho, para a justiça; José Antonio Maria de Sousa Azevedo, interino da fazenda (no dia 13), e interino da guerra (em 4 de novembro). D. Manuel de Portugal e Castro, marinha e ultramar e interino dos estrangeiros.

II

Saldanha era o ministro-capitão, é claro. Para servir o paço atraiçoára os que tinham querido associál-o a si, do mesmo modo que depois desamparou o paço, quando este lhe tirou o mando e o deu ao conde de Thomar. A volubilidade d'este general, tão illustrado, tão amavel, tão verdadeiramente bravo e brioso no campo de batalha, mereceu-lhe n'esse tempo, dentro e fóra do paiz, o cognome de 'marquez das caras'.

O que tem graça é que, ainda no dia 6 de outubro á noite, se fez na associação progressista do Sacramento o apuramento dos votos para os candidatos a deputados!

[1] *Me me adsum!* Ai de mim! Antes que me accusem, eu confesso ter pertencido ao numero d'esses infelizes patetas!

[2] Em 13 de setembro escrevêra elle extensa carta á rainha, fazendo largas considerações sobre o estado da politica, mostrando-se mui desgostoso de tudo, e declarando que para não concorrer directa nem indirectamente para os males do seu paiz, se resolvia a desamparar a politica interna e por isso renunciava ao logar de conselheiro d'estado effectivo! (*Catal. Guim.* – CARTÃO D. – II, por cópia.) Era assim que elle subjugava os animos dos que governavam e se deixavam adormecer pelo canto de tão singular sereia!

Eram 68 actas, e Garrett tivera maioria absoluta, alcançando 63 votos, com outros collegas. A *Revolução de setembro,* dando essa noticia, fechava d'este modo a última columna da última pagina d'esse dia (7):

«*Á última hora.* — A rainha está coacta. O marechal Saldanha impoz-lhe um ministerio. O duque de Palmella foi retido no paço para assignar os decretos do novo ministerio. A contra-revolução é completa, o direito e a obrigação do paiz são manifestos. É preciso que elle os não esqueça.»

Tudo isto em letras muito grandes, por despedida. E Antonio Rodrigues Sampaio fugiu para as trapeiras, d'onde ia soltar os foguetes incendiarios que tanto incommodaram os triumphadores. Como era natural, concitaram-se logo todos os animos do partido popular contra o novo governo. Os homens notaveis de setembro e do Minho foram saindo aforrados de Lisboa, emquanto lhes davam tempo de poder fazêl-o sem perigo. Nas provincias do norte organisou-se rapidamente a resistencia, formou-se a celebre junta do Porto e começou a guerra civil com todos os seus horrores.

III

A revolução tomou proporções que abalaram o throno e ameaçaram a dynastia. A rainha asseverou a Saldanha que antes queria perder a corôa do que ser insultada no podêr. Na proclamação dirigida ao paiz, acompanhando os decretos de demissão do ministerio Palmella, dizia que a mudança da administração não constituia reacção contra o movimento popular do Minho, mas unicamente contra os excessos a que elle serviu de pretexto. Que o povo pedira só a derogação do systema tributario e da lei de saude, bem como a demissão dos ministros, e que

essas concessões foram feitas e seriam mantidas. Terminava, affirmando que a inflexibilidade da justiça caíria indistinctamente sobre todos quantos quizessem substituir o imperio do terror ao da moralidade.

Dois annos depois, o duque de Palmella, na sessão da camara dos pares, de 6 de junho de 1848, desmentindo Saldanha, sustentou que se faltára á verdade em alguns documentos publicos d'este tempo. E a resposta do marechal parecia querer lançar á soberana o odioso dos successos occorridos. Todavia, sobre a memoria de quem acceitou o primeiro papel na emboscada é que deve recaír o sangue derramado em Torres Vedras, no Alto do Viso, e n'outros pontos do paiz. Essa nodoa indelevel não alcança os que, pela carta, são irresponsaveis.

Tendo sido preso no Porto o duque da Terceira, mandado ali como logar tenente da rainha, José Passos teve grande difficuldade em salvar-lhe a vida. Esse facto, a organisação da junta, e a presença dos miguelistas ao serviço d'ella, levaram o presidente do conselho de ministros de Lisboa a communicar ao ministro inglez que o governo do Porto proclamára D. Pedro V, a destituição de D. Maria II, e que ameaçava esta senhora com a sorte de Maria Antonietta! Com taes asserções, e com a de que se acclamava D. Miguel, invocou-se o tratado de 22 de abril de 1834, pedindo a intervenção das côrtes de Madrid, París e Londres para debellar a revolução. O conde das Antas protestava debalde a sua fidelidade á pessoa reinante: fingia-se não o acreditar. Era rebelde e alliado dos absolutistas.

Este último partido, que já anteriormente quizera tentar fortuna nas provincias do norte, fazendo crer que D. Miguel estava em Portugal, appareceu agora em campo, com grande força, unido ao setembrista. Á medida, porém, que a insurreição ganhava terreno, e que

esses auxiliares augmentavam de numero, começou a lavrar a vaga suspeita de que elles pretendiam colher os fructos da victoria, que se considerava infallivel sobre o governo de Lisboa. Nas portas de varias igrejas do Minho leu o auctor d'estas *Memorias* proclamações impressas, que terminavam dando vivas á religião, á independencia, e ás instituições de el-rei D. João VI![1]

IV

Deu-se a infeliz batalha de Torres Vedras, onde correu muito do mais puro sangue liberal, sendo uma das victimas Mousinho de Albuquerque; o combate do Alto do Vizo, após outros menos mortiferos: e n'este último appareceu o coronel inglez Wylde, levantando a bandeira de Inglaterra, quando as forças da rainha começavam a debandar em completa derrota. Ao mesmo tempo era tomada pela esquadra ingleza a flotilha da junta, que vinha desembarcar nos arredores de Lisboa parte das suas tropas; dirigia-se sobre o Porto um corpo do exercito hespanhol; emfim, a guerra terminava por

[1] As aspirações miguelistas chegaram a levar D. Miguel a Londres, e pretendiam que d'ali viesse a Portugal. «... Este paquete ahi lhe levará portanto a noticia de que el-rei chegou: e que Londres gosa a incomparavel fortuna de possuir dentro dos seus muros o senhor D. Miguel! Aqui se acha elle desde o dia 2. Mas tão agachado e escondido esteve que foi sómente no meado da semana passada que se fez a descoberta de tamanha fortuna. Creio que para aqui veiu meio illudido, e que bem arrependido já se acha. Os setemburros mexem céu e terra para que elle parta para o Porto; mas elle arruma os pés á parede e diz que não; e a sorte do seu *locum tenens* Macdonnell, tem-lhe feito grande impressão». (Carta, de Londres, de 17 de fevereiro de 1847, do barão da Torre de Moncorvo a Ildefonso Leopoldo Bayard. — *Collecção Biker.*)

meio do pedido auxilio das nações alliadas (julho de 1847)[1].

Este facto historico carece ainda de ser melhor averiguado e esclarecido. Muita gente se persuadiu de que a junta do Porto, que não tinha o projecto de que a accusavam, de querer depor a rainha, receiou não poder depois da victoria satisfazer as exigencias dos miguelistas, ou temeu que os resultados da guerra fossem a volta de D. Miguel para o throno portuguez. Aterrados com similhante perspectiva, não querendo que a historia marcasse com o labéu de liberticidas homens que tantas vezes tinham exposto a vida pela causa da rainha e da liberdade, a si proprios instauraram processo; e, horrorisados com a sentença da propria consciencia, resolveram deixar-se vencer para evitar maior desastre. Assim, fizeram saír a sua esquadrilha, com parte do exercito, tendo certeza quasi absoluta de que ía ser tomada pelos inglezes. As leis fataes da guerra determinaram as batalhas que se deram, porque a junta não podia já evitál-as, ainda que quizesse, sem se expor a representar com o proprio governo de Lisboa o mais desairoso papel, ou a romper com o partido miguelista, collocando-se entre dois fogos. Preferiria, pois, o sacrificio, embora dolorosissimo, de algumas vidas, a deixar que continuasse a fortalecer-se o exercito do absolutismo, que acabaria por esmagar todos os constitucionaes.

Ha ainda hoje quem seja de opinião que as forças da junta proscratinaram de proposito as suas operações militares, para dar tempo a que chegasse a intervenção estranha; que se entregaram n'um ponto, embora

[1] O marquez (então visconde) de Sá da Bandeira, que dirigíra a expedição vinda do Porto a Setubal, e commandava a acção no Alto do Vizo contra as forças do governo, publicou, depois da capitulação, um opusculo muito curioso sobre esses successos.

protestando, para salvar as apparencias, e se expozeram a ser vencidas n'outro, unicamente pelo perigo em que julgavam ter posto com a sua alliança a existencia da liberdade, da carta, que, apesar de tudo, queriam salva. Não sei se então o ministerio de Lisboa, os seus partidarios, e o proprio paço viram as coisas d'este modo. Parece-me que não. Mas, repito, que a diversos homens illustrados, d'esse tempo, que apoiavam o ministerio, ouvi dizer que estavam convencidissimos de que a patuleia procedêra assim para demittir de si a tremenda responsabilidade de entregar novamente Portugal aos miguelistas.

V

A rainha era intransigente; e dava-se com ella a singularidade de que, sendo a primeira pessoa que reinava em Portugal com a carta, tinha as tendencias dos soberanos despoticos, sem amar o absolutismo como fórma de governo. Esposa e mãe admiravel, diziam-n'a, politicamente, teimosa, pertinaz, inimiga de concessões, ainda que estas só parecessem cercear, mas de facto não cerceassem a sua auctoridade. Detestava os setembristas. Parecia-lhe que d'aquelle partido não podia vir nada bom, quando é dever confessar-se que elle fôra iniciador de muitas das instituições que mais illustram os estados, e que tivera no seu seio o maior numero dos homens celebres do seu reinado.

Saldanha, que estava á frente do exercito, dirigira-se para o Porto, depois do combate de Torres Vedras; e escreveu ao ministerio, pedindo-lhe que fizesse com que as tropas hespanholas evacuassem aquella cidade. O paço tambem se incommodava com ellas ali, e o general Concha, que as commandava, dizia ter muita vontade de se ir embora; mas deixava-se ficar, allegando que o

governo da rainha não cumprira o que se havia tratado.

Como a junta do Porto pedíra simplesmente a substituição do gabinete, que accusava de cabralista, os ministros das tres nações que intervieram na causa, exigiam a nomeação de governo no sentido da mesma junta. N'esta parte, porém, nada conseguiram.

VI

Não se imagina qual tinha sido, entretanto, o triste estado da capital em similhante conjunctura. Edgar Quinet perfeitamente o descrevêra, pintando outro similhante, dois annos antes. O governo, precisando de todas as tropas de linha, e até da guarda municipal (!) para mandar combater o paiz, revoltado pela sua estada no podêr, armára os habitantes, obrigando-os arbitrariamente a servir em batalhões nacionaes. No dia 29 de abril, anniversario da outorga da carta, fugiram os presos da cadeia do Limoeiro, tanto os que ali estavam accusados por crimes politicos, como os facinorosos. Toda Lisboa sabia do dia e hora em que elles tencionavam fugir, e devia portanto sabêl-o o governo. Mas, com essa suprema indifferença que caracterisa os moradores da capital do reino, governo e governados se deixaram ficar socegadissimos, sem que aquelle tomasse a menor providencia, nem se inquietassem estes por não a ver tomar[1].

[1] Dizia-se que a fuga teria logar pela uma hora da tarde: das tres para as quatro, não se tendo realisado, foi o auctor d'este estudo, com dois amigos, ao pateo de D. Fradique, de onde se dizia que sairiam os que tinham de abrir a cadeia. Depois de investigar todos os recantos d'esse pateo, sem ter notado nada que lhe parecesse suspeito, desceu pelo Limoeiro e foi ver os diversos

No principio da lucta, o ministro portuguez escrevia de Londres para Lisboa successivos officios, e numerosas cartas particulares, referindo que o gabinete britanico se mostrava partidario intransigente da junta do Porto, e que censurava os actos e a politica do governo da rainha. Na correspondencia dirigida a Bayard, dizia-lhe que

quarteis dos corpos nacionaes, que se estavam enfeitando com os classicos buxo e louro para as illuminações d'essa noite. Voltava já pela rua do Arsenal, em direcção ao largo do Pelourinho, quando ouviu as cornetas do batalhão dos empregados publicos tocarem a reunir, no Terreiro do Paço, respondendo logo as dos outros corpos que por ali perto se aquartelavam. Ao mesmo tempo via-se correr muita gente em todas as direcções, e o alarme alcançava toda a cidade.

— São os presos do Limoeiro! São os presos, que arrombaram as prisões, e vão pôr tudo a sacco!

É indescriptivel o espectaculo que n'esse resto de dia offereceu a cidade! Ao passo que as companhias dos diversos batalhões limpavam as ruas, prendendo a torto e a direito, visitando as casas de gente infeliz, e levando para a cadeia todas as pessoas que se lhes afigurava quererem fugir ou esconder-se, os presos politicos tomavam a estrada de Sacavem, depois de trocados alguns tiros com os soldados do castello de S. Jorge e com os do quartel da Graça *. Escaparam-se alguns, ainda que poucos, facinoras, que foram reapanhados n'essa noite ou nos dias seguintes. E houve outros, mais raros ainda, que não quizeram fugir. Um ou dois politicos igualmente desdenharam aproveitar-se da abertura das portas da cadeia.

A fuga dos presos não teve influencia na lucta entre o ministerio da rainha e a junta do Porto. Foi, politicamente, um acto nullo; e policialmente, facto vergonhoso, que só podia dar-se em terra de parranas, governada por quem, sabendo-o, o não acreditou ou não quiz prevenir, pela nossa natural incuria e desmazêlo, deixando passar a população inoffensiva da capital pelo maior dos terrores!

* Os soldados dos batalhões de segunda linha não se limitavam a prender. Um dos da carta, atirou tão furiosa bayonetada ao auctor d'estas linhas, unicamente pelo ver correr pela rua Nova do Almada, a fim de se ir metter em casa, que, tendo-o errado, enterrou a bayoneta na porta da escada do predio onde está hoje a casa de modas em frente da Boa Hora, e lá ficou muito tempo a arrancál-a, emquanto o aggredido fugia. Este facto insolito não foi unico.

muita gente não calculava as consequencias que podiam resultar da zanga do ministro dos negocios estrangeiros inglez, atrabiliario, que sentia o seu amor proprio offendido em mais de um ponto, e que não podia sequer ouvir fallar das coisas de Portugal sem se irritar [1].

VII

Os meios propostos por Palmerston, para terminar a lucta, não agradavam, é claro, ás pessoas que prepararam a emboscada de 6 de outubro. A correspondencia do barão da Torre de Moncorvo sobre este assumpto é muito importante. Foram taes as semsaborias por que o fez passar em Londres o gabinete de Lisboa, que, diz elle a Bayard e a Dietz, se não tivera sete filhos, que viviam do seu emprêgo, teria dado a demissão desde muito.

A nomeação de Bayard para ministro dos negocios estrangeiros, em 28 de abril de 1847, modificára a severidade e proceder de Palmerston, que o estimava. Palmerston aconselhava, por meio do barão da Torre de Moncorvo, a reconciliação da rainha com Palmella, que n'essa occasião chegára a Londres, e que o paço accusava de ter ido ali conspirar. Moncorvo, vendo-o muito festejado, empenhava-se por attrahil-o para o partido cartista, e escrevia para Lisboa, que 'toda a Europa o respeitava'. Apesar de ter satisfeito o pedido da intervenção, o inglez, que reputava dois dos ministros portuguezes cabralistas, exigia que se formasse gabinete que não tivesse nenhuma affinidade com aquelle partido. Ainda mezes depois, sendo grandes as difficuldades para a nova reorganisação, Rodrigo, que tudo combinava com

[1] *Collecção Biker.*

Garrett, escrevia a este, em resposta a carta particular: «... o que dizes é de eterna verdade, é a firme opinião de S. H. S. (Sir Henry Seymour) com quem estive hontem á noite e de quem já hoje recebi um cartapacio. Mas o Saldanha quer ser presidente, e disse a el-R. que assim sim, senão não. Vae-lhe logo fazer um terrivel sermão. O inglez é de opinião decisiva de que não deve entrar o homem, e voltou ao meu expediente de agosto como tu. Veremos. Os embaraços crescem com a ronha de... que, emquanto a mim, é auctora de tudo o que se nos oppõe agora... Fallei ao Beef em ti. Muito bem, muito bem... N'estas difficuldades é preciso muita perseverança para não ceder a combinações vergonhosas. Não cederei».

Mas Rodrigo não entrou, e tiveram de conformar-se com as exigencias de Saldanha.

A 6 de junho d'esse anno, o mesmo diplomata, que chamava mariola a Sá da Bandeira, pastelleiro a Rodrigo da Fonseca, e negreiro a Ribeiro dos Santos (que estava em Hamburgo), explicára como a intervenção ingleza fôra preparada por elle, Isturiz e Palmerston; e em 13 do mesmo mez acrescentava, n'outra missiva, que aquelles dois ministros instavam por que se mandasse o conde de Thomar para Vienna ou Berlim, em vez de Madrid, onde era inconveniente que estivesse. N'essa carta elogia Torre de Moncorvo o talento do conde de Thomar, dizendo que ouvíra o proprio duque de Palmella em conversa fazer-lhe inteira justiça, apesar de ser seu inimigo[1]. A politica de aguas turvas, feita pelos partidarios d'estes homens notaveis, é que os trazia sempre malquistados, e a outros não menos illustres. Para satisfazer muitas vezes as paixões e ambições dos insignificantes, serviam elles de instrumentos... aos seus instrumentos!

[1] *Collecção Biker.*

VIII

Vejamos o que é feito do nosso auctor, a cuja vida estes successos servem de moldura. Tendo previsto pela politica do ministerio Palmella a duração ephemera d'esse governo, e sendo contrário á guerra fratricida do partido liberal, absteve-se de entrar na lucta, não tomando posição por nenhum dos contendores. Eram taes, porém, as circumstancias do tempo, que a sua permanencia na capital tornava-se quasi impossivel, querendo ficar neutro. Nos dias que se seguiram á emboscada, escondeu-se, negando-se ás visitas que o procuravam. E a 14 escreveu ao padre Marcos, e ao visconde de Oliveira, ministro do reino, manifestando desejos de permanecer estranho aos acontecimentos, e perguntando se poderia contar que não seria perseguido. Não vi nenhuma d'essas duas cartas, talvez escriptas na minha presença, nem a resposta do ministro do reino; a do esmoler mór é esta:

«Illmo ex.^mo^ amigo. — Fiz da tua carta de 14 do corrente todo o uso que me pareceu conveniente, para obter o fim que te propozeste, escrevendo-a, e tenho a satisfação de dizer-te que foi bem acceito, e immediatamente te diria que viesses fazer verbalmente os teus protestos na fórma declarada na mesma carta, se eu não temesse que algumas providencias se houvessem tomado a teu respeito, e acontecesse que, vindo aqui por meu aviso, eu tivesse um dissabor que poria termo a meus dias.

«Não sabendo, nem podendo perguntar quaes as pessoas escriptas na lista como suspeitas, e sabendo que tinhas escripto no mesmo sentido a alguem do ministerio, fallei ao marquez de Saldanha e lhe mostrei a tua carta, e me deu signaes de saber da outra carta tua, e satisfeito me prometteu responder em poucas horas. Disse-me que viesses ter com elle a sua casa ou ao logar

que melhor te conviesse, que, ouvindo-te, faria tirar da lista o teu nome, se n'ella estivesse escripto, e depois irias ao paço, onde suas magestades recebem sempre de manhã ás onze, e de tarde ás oito horas.

«Este modo por que procedi teve unicamente por fim segurar a tua pessoa contra qualquer ordem ou mandado, e mostrei a tua carta, porque sabia que ao visconde de Oliveira tinhas escripto outra. Portanto, procura o marquez qualquer dia em sua casa, ás oito horas da manhã, e depois vem por aqui ás onze, ou ás oito da tarde.

Acredita, meu amigo, que muito te amo e respeito, e que sou muito devéras — Teu antigo amigo — T. C. 16 de outubro 1846. = *M.*[1]»

Dada a sua palavra de que não tomava parte na contenda, o ministerio deixou-o em paz, e até, segundo se deprehende da última carta de Rodrigo da Fonseca, atraz transcripta, que o mandava ralhar com Saldanha, parece que se attendia o seu voto. Todavia, nem inspirava confiança absoluta, nem a tinha no governo. Inimigo de extremos, não podia amar os auctores da emboscada, nem os que, alliados aos adversarios da liberdade, assolavam o paiz com a guerra civil. Ora em Lisboa, ora em Oeiras, e na Cruz Quebrada, passou o tempo da lucta quasi todo entregue á leitura, sem poder dar-se aos seus queridos trabalhos litterarios, pela preoccupação e cuidados com que esperava os acontecimentos. Indo um dia procurar Rodrigo, que igualmente se abstivera de tomar posição por qualquer dos lados, e vivia com identica reserva, negaram-lhe que estivesse em casa, como se vê da seguinte carta:

«Segunda feira.

«Meu João. — Ainda hoje soube, porque o perguntei lendo o teu bilhete, que estiveste aqui sexta feira, e creio

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – 1.

que estupidamente disseram que *not at home*, porque jantou aqui o Larcher. Repito, só hoje m'o confessaram; não foi senão estupidez, por não entenderem quaes são as figuras que não quero ver, principalmente á hora do jantar.

«Que te hei de dizer sobre o que perguntas? Affirmaram-me que ia ser governador civil o Trigueiros. Ahi tens resposta a quasi tudo.

«Estou callejado. Não creio em boa fé, antes a suspeito muito má — então que queres?

«Não creias que sei mais do que tu — porque sou excluido como parcial a favor dos patuleias. Isto foi assim dito a quem de mim fez menção. Á vista d'este juizo de mim feito, vê lá o que se quer. Desgraças essas virão aos montes, ainda mal que chegarão a todos.

«O Fernando não queria o combate de antes de hontem, nem o Mello; mas foram forçados a isso: o Bernardo portou-se como sempre. Tenho uma carta em que isso se me diz. Elle não tinha apresentava (apresentado?) senão escassos 2:000 homens. O mais vive para comer e gritar.

«Veremos se os do Porto fazem coisa que seja boa, ao menos para haver alguma segurança no futuro, o que me custa a crer.

«Adeus. — Teu do C. = *R. F. Mg.*[s] [1].»

Tal era a desconfiança que dominava todos os animos que até a porta de Rodrigo se não abria facilmente ao seu Garrett! Note-se, porém, que o auctor da carta não perde o ensejo de fazer estylo, dando-se como suspeito de parcial a favor dos patuleias! Que artista! Garrett, que realmente era tido, e com fundamento, como affeiçoado áquelles, não se deixava lograr por elle; ria-se das

[1] Deve ser de 3 de maio, porque o combate do Alto do Vizo foi no dia 1.

confissões ingenuas do manhoso politico, e perdoava-lh'as pela graça que lhe achava.

A 14 de dezembro d'esse anno de 1846, pela manhã, houve solemne festa e sermão de inauguração da capella dos marquezes de Vianna, ao Rato, edificada em cumprimento de um voto. Tres annos antes, na altura do cabo de Finisterra, estiveram aquelles fidalgos em perigo de vida, e prometteram fazer a capella citada. O nosso poeta, que assistiu á festividade, escrevêra, para se publicar com o sermão, a noticia que se lê no tomo XXIV das suas obras, de pag. 295 a 298 (Lisboa, 1877).

No começo d'esse escripto allude ao estado da humanidade, dizendo que Deus nos abrira os olhos para ver o erro «e combatêrmol-o; ainda nol-os não abriu para ver a verdade e nos abraçarmos com ella. Por isso estamos assim como os escapados do diluvio: o que era já não é, porque Deus o mandou destruir; o que ha de ser ainda não é, porque Deus o não mandou construir.

«Esperemos.

«E quando a vontade de Deus se manifestar, construiremos. No emtanto, já vemos que o corvo que saiu da arca não voltou; e que a pomba descobriu nos cimos das oliveiras os rebentos novos que promettem a paz desejada.»

A allusão ao momento historico é clarissima.

IX

Depois da *victoria* vieram á capital alguns dos corpos que se julgavam vencedores, comquanto realmente o não fossem. O povo foi tratado com a maxima insolencia por alguns d'esses *heroes*, que, conscios de seus meritos, entravam nos botequins e casas de pasto, onde comiam

e bebiam sem pagar, dando-se os roubados por felizes em não serem esfaqueados. Julgue-se do estado em que ficou o paiz por este excerpto, que copio de uma carta de 7 de agosto de 1847, escripta do Porto, a Bayard:

«Hontem, pelas oito horas da manhã, partiu o resto da força hespanhola, que aqui existia (coisa de 2:500 homens) excellente tropa, e em nada inferior á melhor da Europa. A sua conducta exemplar deixa saudades aos habitantes d'esta cidade. Dizem que José Passos, e varios outros, seguiram os hespanhoes, a fim de fugirem á vingança dos seus inimigos, que não são poucos. O descontentamento é geral, ninguem está satisfeito, de tudo se ralha. A nomeação do conde do Casal não agrada a ninguem, e ha receio que a tropa d'esta guarnição, bem como muitos dos habitantes d'esta cidade, levados do seu enthusiasmo, commettam algum excesso contra os *patuleias*...» «No Alto Douro tem havido desordens graves e mesmo mortes, e se não for para aquelles sitios uma força militar, para conter os espiritos, de certo augmentará o mal[1].»

O mesmo succedia por toda a parte, sendo necessario andar a força armada a correr as provincias *para conter os espiritos!*

Em 6 de março de 1848 ainda o barão da Torre de Moncorvo escrevia de Londres para Lisboa ao seu amigo Bayard, além de outras noticias, o seguinte:

«... Se os Cabraes, os Gorjões, Laborins *et reliquæ* podessem ouvir o que na quarta feira passada me disse o principe Alberto, e seu irmão o duque reinante, talvez que nem assim mesmo abrissem os olhos e reconhecessem o precipicio á borda do qual se acha esse desgraçado paiz.» O duque reinante de Saxe Coburgo dizia

[1] *Collecção Biker.*

que se não fosse immediatamente indispensavel a sua presença na Allemanha, partiria logo para Lisboa, «porque havia coisas que só podiam e deviam dizer-se na presença das pessoas». D'ahi a um anno, segundo affirmava o mesmo diplomata, até o ministerio inglez se fez cabralista[1].

X

Após diversas scenas de violencia, foi-se restabelecendo lentamente a ordem, tornou-se effectiva a amnistia[2], e Garrett retomou os seus habitos de vida. Mas a duração e incertezas da guerra, o temor das perseguições, e o aborrecimento de andar meio escondido, adormeceram-lhe o engenho durante esse desgraçado periodo. Serão talvez d'este tempo apenas alguns versos das *Flores sem fructo*. As noticias da quadra que se seguiu á guerra não são comtudo tão destituidas de interêsse para as suas memorias. Se não reentrou no exercicio parlamentar, que se tornára uma especie de estimulante das suas faculdades; se parecia cansado, e se conversava mais com as mulheres do que com os homens, nem por isso gastava o tempo esterilmente. Repartindo-o pelas familias Krus, Palha, Farrobo, Sá, Rodrigo da Fonseca, Larcher, Jervis, marquezes de Vianna, e varias outras, enriquecia o espirito dos que sabiam ouvil-o; lia, nas casas das pessoas mais intimas, coisas suas ou alheias; dava conselhos litterarios, lições de gôsto, em tudo, aos rapazes, que morriam por elle: discutia modas com as mulheres, que cegamente acatavam a sua auctoridade; accentuava,

[1] *Carta do barão da Torre de Moncorvo a Ildefonso Leopoldo Bayard*, em 6 de julho de 1849. — *Collecção Biker*.

[2] Publicada muito antes do fim da lucta, promettendo perdão e esquecimento aos que depozessem as armas, etc.

emfim, por todos os meios e modos, a sua influencia, sem sombra de intenção de o fazer, como quem não dava por isso.

Havia vinte annos que, pela omnipotencia do talento, João exercia o podêr supremo na litteratura da sua patria. Como grande poeta, como chefe revolucionario, como reformador dos abusos e excessos da escola romantica, que implantára no paiz, o seu predominio ficára indiscutivel e indiscutido. Mas a fama do seu nome glorioso só chegára ao conhecimento do sexo amavel, quando o poeta regressára da Belgica. Precedêra-o a reputação da sua elegancia e da de sua mulher: soubera-se que na côrte de Bruxellas houve modas á 'Garrett', e a noticia de que este ía frequentar as salas da capital, commoveu profundamente a maioria das bellas lisbonenses. Tomaram informações: as circumstancias do seu casamento e separação, em vez de o prejudicarem, tornaram-n'o mais interessante. As pessoas que até ali não liam senão alguma novella desenxabida, em lingua mascavada, julgaram necessario acautelar-se, lendo as suas obras, para podêrem fallar-lhe d'ellas e captar-lhe assim as sympathias. Gostaram, recommendaram os livros aos paes, aos irmãos, aos maridos, e a todos os conhecidos; e como o podêr da mulher é decisivo na familia, quando o auctor de *Camões* appareceu na capital, em 1836, encontrou os seus poemas em todas as casas que se prezavam de distinctas.

A physionomia social não tinha ainda perdido inteiramente o ar fradesco, os restos das velhas feições portuguezas, tristes, casmurras, sorumbaticas — beatas e hypocritas.—A rainha, muito creança, e de caracter naturalmente severo, não podéra, no curto reinado de dois annos, completar a transformação da vida nacional. A acção das côrtes, por mais bem intencionada que seja a pessoa reinante, é sempre lenta na modificação que

traz aos costumes, salvo quando essa acção é dissolvente. O genio, mais poderoso que a vontade dos reis, operou rapidamente o milagre. Foram as obras de Garrett que crearam e arraigaram o amor da leitura. Vulgarisadas pelo sexo amavel, que o admirava, que o acolhèra com enthusiasmo, e ao qual elle acabou de educar o gôsto começado a formar pelas leituras d'esses escriptos formosissimos, actuaram fortemente no espirito de toda aquella geração apaixonada. Os homens de talento, sem excepção, ou com uma unica, se a houve, nas letras, na politica, na sociedade em geral, voluntaria ou involuntariamente, com consciencia ou sem ella, se subordinaram á sua influencia e concorreram para se completar a mudança. Os proprios inimigos, os invejosos, os calumniadores, todos os que o odiavam, pautavam o seu viver pelo d'elle, imitavam-lhe os gestos e modos, e penso que até a barba e a cabelleira[1]. Copiavam-lhe os trajos, o talhe da casaca, a feição do fraque, os folhos da camisa e as côres dos estofos. Os que o detestavam pela sua superioridade, occultavam na sua presença a grosseria nativa, as expressões vulgares, e as tendencias baixas, com medo de algum correctivo doloroso; e assim se iam tambem melhorando. N'estas exterioridades, que á primeira vista parecem mas não são pueris, prestou elle relevantes serviços: deu-nos ares de povo moderno, livrando-nos da apparencia ordinaria e grotesca que geralmente nos caracterisava antes da restauração. Generalisou o bom gôsto. Auxiliado pelas mulheres, e sem tomar ostensivamente o papel de reformador, que tivera na litteratura, concorreu como ninguem para a civilisação da gente do seu tempo, ainda que, por circumstancias

[1] Tenho visto varios retratos em miniatura, pintados por Guilielmi, que, pelo talhe da barba, e até pelo modo do cabello e do penteado, imitando o chinó de Garrett, lembram os retratos d'elle! Póde ser acaso, mas é extraordinario.

independentes da sua vontade, contribuisse mais para melhorar as maneiras do que para moralisar os costumes. A culpa não foi, porém, sua: operava sobre uma sociedade corrompida pelo servilismo; era o alfageme, polindo aço carcomido de ferrugem. E isto explica a origem impura dos seus ultimos amores. O aço, apesar de poluido, attrahe o iman.

Aos quarenta e oito annos, embora já cansado, se bem que querendo illudir-se, dominava nas mais elegantes salas de Lisboa. A sua presença era estimulo de attracção. Todos se honravam com recebêl-o e se gloriavam de poder exhibil-o. Conservava, entre outras velleidades, a de andar a cavallo; porém não ia além de Bemfica, quinta do Pinheiro e das Laranjeiras, e ao Dáfundo. Com as familias que habitavam essas propriedades, e com as já citadas, na cidade e no campo, entretinha, em alegre e instructiva convivencia, o tempo que lhe deixava a sua exclusão dos negocios publicos. Tres ou quatro annos antes tivera occasião de dançar n'uma d'essas casas com pessoa que o captivára, tanto pela belleza plastica, como pelas graças do espirito. A sua alma, costumada ás eminencias luminosas da rasão, enervada agora no remanso da paz e da ociosidade, reviu, rebuscou talvez o 'astro sem luz' que devia acorrentál-a. As suas 'azas brancas, azas que um anjo lhe deu', de tal modo lhe pesaram para a terra que o cegou a 'luz funesta de enfeitiçados amores'. Uma paixão louca avassallou então essa bella e sublime intelligencia...

No outono d'esse anno de 1847 foi tomar banhos para a Cruz Quebrada. D'ali fazia repetidas excursões a Oeiras e a Cascaes, attrahido por podêr invencivel. Na quinta da familia Palha, no Dáfundo, passava tambem muitas horas, e ali escreveu o pequeno proverbio *O noivado no Dáfundo,* ou *cada terra com seu uso, cada roca com seu*

fuso[1], que, depois de copiado, mandou de Caxias com a graciosa epistola, que se lhe juntou na impressão, dirigida a Francisco Palha, e que começa:

«Oh tu que as praias do Dáfundo habitas
E abertos olhos na ventura fitas[2].»

Dos seus varios passeios d'este anno lhe ficaram impressões indeleveis, que ajudaram a compor o livro das *Folhas caídas*. A peça intitulada *Cascaes*, é evidentemente recordação d'esse outono, assim como a outra que se lhe segue, *Estes sitios!* Opportunamente se tratará do livro que as contém.

XI

Em 4 de abril de 1848 se representou, pela primeira vez, no theatro de D. Maria II, a formosa comedia *A sobrinha do marquez*. Começada dez annos antes, fôra posta de parte, tendo apenas as primeiras scenas. No fim de 1847, resurgindo do torpor que o avassallára no funesto periodo da guerra civil, refêl-a, sem se afastar da idéa primitiva, e n'esse inverno a concluiu. O prefacio da primeira edição[3] é datado de Lisboa, do mesmo mez de abril. N'elle assevera têl-a refundido, para a escrever de um jacto. Todavia, quem a lê suppõe que o terceiro acto nasceu muito depois dos primeiros. N'aquelles os desenhos são correctos e acabados, nunca affrouxa o interêsse, tem vida a acção e corre com naturalidade; n'este ha frouxidões que o prejudicam, e

[1] *Obras*, tomo x, Lisboa, 1877, pag. 91 e seguintes.
[2] Idem.
[3] Lisboa, imprensa nacional, 1848, 8.º de XI-176 pag.

parecem indicar largo intervallo entre a feitura de uns e a do outro. A composição é graciosa, bem concebida, e excellente o retrato do marquez de Pombal «typo de si mesmo, e que sómente por si podia ser representado», diz o auctor. As idéas expostas no prefacio merecem ser lidas e meditadas, como estudo da sociedade portugueza e das phases por que ella passou, desde que nossos paes e avós travaram a guerra da classe media com a aristocracia até meados d'este seculo.

Entre os varios juizos criticos que se fizeram da *Sobrinha do marquez,* parece-me o de Rebello da Silva superior a todos. Vem no jornal *A Epocha*[1]. «... O estylo realça com a graça natural que é o segredo da musa familiar do auctor, e muitas scenas são de uma correcção e verdade bellissimas[2]». Mr. Ortair Fournier traduziu-a para francez, e n'essa lingua se representou no theatro de D. Maria II, publicando-se a traducção na *Revue lusitanienne,* do mesmo escriptor[3].

XII

Na primavera de 1848 andava o nosso auctor, como de costume, em procura dos seus sempre desejados romances populares pelos arredores de Lisboa. Veja-se como é graciosa a pintura que n'uma d'essas excursões fez para introducção do que tem por titulo *Linda-a-pastora*[4]. Descreve-nos o quadro, parando extasiado sobre a ponte que atravessa a ribeira de Jamor:

«... A varzea que d'ahi se estende, recurvando-se

[1] Lisboa, 1848-49, pag. 26 a 28.

[2] Loc. cit.

[3] Lisbonne, 1852, pag. 282, 345 e 426.

[4] *Romanceiro,* III, pag. 200 e seguintes, Lisboa, 1875.

pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor até os altos onde vellejam centenares de moinhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta provincia *dendroclasta,* rodeavam melancolicamente, no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodizio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas em socalcos, seu presbyterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreiraes, jardinsitos quasi pensis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil de encontrar tão perto de uma grande capital.»

Na gruta onde appareceu a Senhora da Rocha, ao pé de Carnaxide, existia ainda ha poucos annos uma inscripção em cifra com a assignatura de Garrett. N'ella alludia talvez á pessoa que o acompanhava nas peregrinações em que foi ali muitas vezes; mas nunca ninguem soube decifrál-a. O oraculo d'aquella Delphos emmudeceu para sempre.

Em agosto data da Cruz Quebrada o prefacio da nova edição de *D. Branca,* que só veiu a publicar-se dois annos depois[1]. O poema foi acrescentado com mais tres cantos, e muito melhorado em tudo. Illustremos a noticia com esta carta de Herculano, escripta ao auctor dias antes da data do prefacio:

«Ajuda 7 de agosto.

«Exmo amigo e sr.—Pediu-me v. ex.^{a} lhe désse algumas notas ácerca da infanta D. Branca, no que toca ao filho, que se diz tivera de um cavalleiro castelhano; fa-

[1] Lisboa, imprensa nacional, 1850.

cto de que v. ex.ª tomou aso para, sem receio, a fazer apparecer como amante de Aben-Afan, no seu mui excellente poema, intitulado *D. Branca*, o que de certo não ousaria tentar se a memoria d'aquella infanta fosse incorrupta; porque não põe tão alto sua risca a liberdade poetica, que lhe seja licito calumniar um nome puro e honrado.

«Na auctoridade de Duarte Nunes se estribou v. ex.ª para admittir este facto, e deduzir d'elle as consequencias litterarias que lhe importava tirar d'ahi; isto é, o pintar a infanta como menos honesta, e entregál-a nos braços do rei de Silves. Favor, me parece, fez v. ex.ª á infanta; porque (posto de parte o credo) um rei mouro, gentil homem, namorado, e valente vale bem um cavalleiro castelhano, de cujos feitos não sabemos, e de cujos meritos nada podêmos dizer. No que v. ex.ª não acertou (fallo sinceramente e por isso o digo) foi em valer-se de tão fraca auctoridade como a de Nunes de Leão, que, em historia, orça pouco mais ou menos pela de Brito. Todavia, ninguem que tenha experimentado desterros por terras estranhas ousará culpar v. ex.ª, porque por lá não ha torres do tombo, cartorios, nem livros, onde facilmente se averiguem e achem coisas portuguezas. Muito tinha v. ex.ª em ter um Duarte Nunes, quando, desterrado, escreveu o seu poema. Póde-se, pois, attribuir a má auctoridade que v. ex.ª buscou a desgraça; mas o lançál-o em conta de culpa, parece-me que seria parvoice.

«Mas era sobre o facto que v. ex.ª me pedia lhe mandasse alguma coisa tirada do meu limitadissimo cabedal historico, e eu ía-me perdendo apoz o poema. Volto atraz, e ahi vae o que pude tirar da minha pobreza. Se v. ex.ª queria fonte mais caudal, lá a tinha em si proprio, e em tantos amigos nossos que valem mais do que eu.»

Seguem cinco paginas de esclarecimentos historicos, tudo por letra de Herculano; e termina:

«Moído estou já de aturar os criticos, e v. ex.ª o estará provavelmente de me aturar a mim. Côlho, pois, aqui as vélas, confessando-me — De v. ex.ª — amigo e c. = *A. Herculano*[1].»

XIII

No prologo da referida 2.ª edição de *D. Branca* faz Garrett allusões aos criticos «tartufos que invocaram a historia para accusar o poeta de não respeitar a fama da senhora infanta!» E acrescenta que tinha vontade de dizer que até um seu particular amigo, cardeal da santa igreja romana, entrára n'essas vilanias. Refere-se a certo artigo que apparecêra no *Panorama* sobre *D. Branca;* e é a isso que allude Herculano, dizendo ser parvoice a culpa que imputam ao poeta. Esse artigo attribuia-se a D. Fr. Francisco de S. Luiz, não sei se injustamente. Entre os papeis de Garrett *(Catal. Guim.*–Cartão B.–I.) acha-se o fragmento de um caderno que tem cinco paginas, escriptas por letra de S. Luiz, de observações ácerca do *Retrato de Venus*. São todas de pouca monta, e por isso Garrett as não adoptou, o que deu causa á supposta má vontade do que depois se chamou cardeal Saraiva, e foi patriarcha de Lisboa.

Em 10 de abril de 1840 escrevêra aquelle erudito prelado a João Baptista: «... Tive a honra de receber em tempo a obsequiosa carta de v. ex.ª de 24 de março com o eloquente, e *triumphante* discurso que v. ex.ª pronunciou na camara dos deputados. Já duas vezes tinha eu lido este bello discurso, primeiro em extracto, e depois na integra, agora terceira vez no exemplar que

[1] *Catal. Guim.* – Cartão B – I.

v. ex.ª me mandou, e sempre com gôsto por ver posta em boa luz a verdade, defendido victoriosamente o partido da ordem e da lei, desmascarada a má fé dos nossos inimigos, e ridiculisadas com *sal attico* as suas argucias e a sua vaidade. V. ex.ª deu-lhes um golpe mortal, e a elle attribuo em grande parte os effeitos que agora se observam nas eleições. — Bem haja v. ex.ª! V. ex.ª não devia ter outro modo de vida, senão escrever para nos instruir e acreditar. — Isto penso, e isto tenho dito muitas vezes com toda a sinceridade da convicção.

«Não quero que v. ex.ª venha fazer-me cumprimentos, nem que me peça perdão de os não fazer. Escreva, escreva, escreva, e publique. — Em materia de cumprimentos sou eu o mais miseravel peccador de Lisboa, e o que mais necessito de indulgencia. Os meus amigos devem-me disfarçar este defeito, estando certos de me acharem quando o caso for serio.

«V. ex.ª me achará sempre que queira servir-se de mim, e que eu tenha a fortuna de poder prestar-lhe para alguma coisa; porque sou e fui sempre — De v. ex.ª — Am.º fiel, obg.mo e m.to respeit.or — S. Vicente, 10 de abril 1840. = *Patriarcha Eleito*[1].»

XIV

Tendo fallecido a duqueza de Palmella, Garrett, seu devotado admirador, e, apesar de tudo, sempre amigo do viuvo duque, publicou a excellente *Memoria* sobre a vida d'aquella illustre dama, que começa: «Sei que faço um verdadeiro serviço á historia do meu paiz escrevendo estas breves memorias de uma vida illustre por tan-

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – I.

tos titulos. Circumscripta, no que era da terra, ao circulo exclusivo das affeições e interêsses domesticos, consagrada em tudo o mais ás duas unicas virtudes em que o evangelho se resume — a piedade e a caridade — esta vida, toda da sua familia e do seu Deus, foi, não obstante, e por singular destino ligada aos mais distinctos caracteres e mais notaveis factos d'este último meio seculo, tão cheio de historia, tão aventuroso e tão extraordinario. É, além d'isso, um grande exemplo de moral social e christã que tanto precisam os nossos tempos, abundantes de sublimes theorias, tristemente minguados na prática d'ellas[1].»

N'esse memoravel escripto compendiou, a rapidos traços, os successos da nossa historia, désde o casamento da duqueza até á sua morte, que teve logar em 20 de abril de 1848, dia de quinta feira santa. Referindo-se á revolução do Minho, de 1846, diz que não quer encetar discussão alguma politica, historiar nem avaliar o proceder de ninguem nas últimas deploraveis luctas, «em que o nome portuguez, a propria existencia da nação teem sido jogados. Indifferente quem póde sêl-o em taes contendas? Mas o dia da historia não chegou ainda. Nenhum partido, nenhuma facção tem os olhos feitos já para soletrar os severos caracteres com que um buril imparcial deve ir gravando em silencio os espantosos factos d'esta epocha tremenda e unica. Póde estar escripto o livro — mas deve estar, e está, fechado a sete sellos. Por ora, e para aqui muito menos, nem uma linha d'elle. Se menciono um facto politico, é como o algarismo de uma data: digo que em tal ministerio foi isto, que em tal revolução succedeu aquell'outro, como se dissesse

[1] *Obras,* tomo XXIII, pag. 289, Lisboa, 1871. Saíu primeiro: Lisboa, imprensa nacional, 1848, 4.º grande de 40 pag. com um retrato. Não foi exposta á venda.

na olympiada quarta ou quinta, no consulado de Manlio ou de Sempronio [1].»

Interessantissimas notas completam a memoria. Lendo aquellas paginas eloquentes, o duque, commovido, e profundamente grato ao biographo affectuoso, mandou fazer na casa Déjant, que era então a primeira de Lisboa em trabalhos de alta marcenaria, duas primorosas estantes de pau santo, com outros moveis iguaes para escriptorio, e com essa mobilia mimoseou o poeta.

[1] *Obras,* tomo XXIII, Lisboa, 1871, pag. 323. — A historia dos acontecimentos que se seguiram á emboscada de 6 de outubro de 1846, bem como a dos que prepararam esse golpe d'estado, ainda não se escreveu, nem talvez se escréva nunca. Eu citei apenas os factos, em grosso, pela rama, sem investigar as origens, porque nem isso cabia no meu plano, nem eu sou competente para tal empreza. Garrett, que sabia talvez melhor que ninguem *as causas* e os *segredos,* está mudo; e se ainda existe alguem que possa levantar parte do véu mysterioso (do que duvido), não saberá comtudo revelar inteiramente o arcano. O poeta, antes de morrer, queimou os livros da sybilla.

IX

A D. Helena Aranha. — Carta de Gomes Monteiro. — Resposta de Garrett, sobre a *Carta a Norton*, e ácerca do *Arco*. — *Memoria historica de Mousinho da Silveira*.— Outra carta de Gomes Monteiro, qualifiçando o poeta como 'principe' das letras portuguezas. — Resposta. — Porque não despegava de Lisboa. — Carta de A. Herculano, ao auctor. — Garrett na Ajuda. — Papel imposto pelo grande poeta ao grande historiador. — Bulhão Pato, e o seu livro *Sob os cyprestes*. — Passeios. — Rebello da Silva e Caldas Aulete. — O Portico, sob os arvoredos. — Ainda outra reminiscencia do jantar litterario. — Mudança para a rua do Salitre. — Jardim, e jardineira. — Pedido de flores a Gomes Monteiro. — Serões dos marquezes de Penalva. — A noite de leitura. — Garrett absorve todas as attenções nas salas. — Tomo II do *Arco de Sant'Anna*. — Retratos mal velados. — Profissão de fé, sobre mulheres. — Fallàmos grego, desde que o não sabemos. — *Necrologia de Francisco Krus*. — Carta, ácerca de Sá de Miranda e Bocage. — *Necrologia de D. Maria Midosi Mazarem*. — Fallecimento do duque de Palmella. — Commissão para se lhe erguer um monumento. — *Programma*, de Garrett. — Carta de Rodrigo. — Quéda do ministerio Saldanha, e nomeação de outro, presidido pelo conde de Thomar. — 'Lei das rôlhas'. — *Protesto dos sessenta*. — Os que faltariam hoje á chamada. — Vogal da commissão para o monumento a D. Pedro IV. — Plenipotenciario para tratar com a França a convenção litteraria. — Opiniões do *Annuario da Revista dos dois mundos*. — Grande official da Legião de Honra.

I

Comprazia-se o cantor da saudade, como temos visto, e continuaremos a ver, em perpetuar a fama e as virtudes dos que julgava dignos de serem respeitados n'este mundo. Ainda ha pouco honrára a memoria da duqueza de Palmella: e no comèço d'este anno de 1849, em janeiro, encontràmos na *Revista universal lisbonense* algumas linhas consagradas á morte de D. Helena Feo de Sousa e Menezes Aranha: «Um momento só — e voltaremos ao cansado tumulto d'essa vida afadigada em que nos gastàmos. Mas um momento, para deixar caír estas flores de saudade, e dizer duas palavras de despedida a

esse pequeno tumulo onde acabam de sumir-se dezenove annos de graça e de gentileza, um coração de oiro e a mais querida esperança de toda uma familia[1].» É bella prosa, amenissima, sentida, como elle a sabia fazer.

II

A 24 de fevereiro escrevia-lhe o seu velho amigo Gomes Monteiro, que pouco antes lhe mandára um exemplar da *Carta a Norton,* remettendo-lhe agora a traducção de poesias allemãs, como «homenagem de homem ligio para seu suzerano». N'essa carta lhe diz que tem lido e relido as inimitaveis *Viagens;* e pergunta porque não apparecerá «aquelle tão appetecido 2.º volume do *Arco de Sant'Anna?*» Faz votos porque acabe essa obra «que já é de *caridade*. Mas não; hão de encaixál-o novamente em S. Bento, e ahi ficará Pedro Crú eternamente alapado em Grijó, sem nos vir fazer a suspirada visita. Permitta Deus que estas lamurias o achem n'aquella branda disposição em que ha dezenove annos o acharam outras iguaes em favor d'aquelle infeliz *Magriço,* que a final teve tão desastrado fim[2].»

Na primavera, responde elle:

«Lisboa, 7 de março de 1849.

«Am.º do c. — As novas da quinta Amarella chegaram aqui verdes e viçosas como tudo quanto me vem d'essa velha e boa amisade do meu Monteiro, que um só dia não passo que me não lembre d'elle com saudade.—Não sei de que ramas se deve coroar a frente dos geographos poeticos. Todos nós os amantes de Camões lh'a devemos decretar seja ella qual for. Tem rasão o meu

[1] *Obras,* tomo XXIV, Lisboa, 1877, pag. 301.

[2] *Catal. Guim.* – CARTÃO C. – I.

amigo. O Cosmos foi *microcosmos* na sua censura. A botanica poetica não é a de Linneu nem de nenhum herborisante seja elle qual for. — O argumento da ode a Garcia da Orta é triumphante.

«Quanto ao Sismondi esse é um grande insignificante.

«Viva o meu Monteiro que os ensinou[1]. Peço-lhe que escreva duas linhas ao Adamson e lhe mande um exemplar da sua bella carta.

«Saudades do coração ao Norton, a quem vou escrever todavia um d'estes proximos dias.

«Recebi sim os *Echos da lyra theutonica* e me deram um grande prazer; estava fóra da terra e fóra de saude, por isso não escrevi logo a agradecer. Depois metteu-se tanta coisa que me passou. — E diga-me: recebeu um exemplar da *Necrologia da duqueza de Palmella* que lhe mandei por via de Isidoro Guedes, um dos caixas do Tabaco?

«Sim senhor. O *Arco*[2] está quasi acabado. Mas antes d'isso, quero que me diga alguma coisa sobre o remate d'elle. Lembre-me alguma coisa bem *nossa,* bem do Porto, bem *tripeira,* porque esta obrita é toda das reminiscencias da minha infancia, da minha terra natal. Ajude-me a concluil-a bem assim.

«Sabe que *Frei Luiz de Sousa* foi traduzido em allemão pelo conde de Luckner, e em inglez pela celebre Mrs. Northon? — O meu pequeno *Romanceiro* (1.º vol.) tambem o foi em inglez por John Adamson (o do *Ca-*

[1] Veja-se a *Carta ao ill.mo sr. Thomás Norton, sobre a situação da ilha de Venus, e em defeza de Camões, contra uma arguição, que na sua obra intitulada 'Cosmos', lhe faz o sr. Alexandre de Humboldt,* por José Gomes Monteiro, Porto, 1849.

[2] Ponho em italico os titulos das obras para tornar uniforme o trabalho typographico, e não porque esteja assim nas cartas do nosso auctor. Elle preoccupava-se tão pouco com isso que até aqui escreveu o titulo do romance com — a — pequeno, e em redondo — arco!

mões). O romance de *Gaia* está tambem em francez e (não mal) não sei por quem.

«Adeus, tenha saude e tudo o que merece. Ponha-me aos pés de sua mulher minha senhora. E creia sempre que sou do c. e para sempre seu — am.º do c. = *J. B. de Almeida Garrett.*»

Estas consultas e pedidos de tal engenho a Monteiro, fazem o elogio d'este, que foi tambem dos raros que amaram devéras a sua terra e a sua gente.

III

Em 4 de abril d'este anno falleceu em Lisboa o grande cidadão José Xavier Mousinho da Silveira. E logo Garrett escreveu a *Memoria historica* da sua vida, que é talvez o melhor dos seus estudos n'este genero de litteratura. Vejam-se os seguintes paragraphos:

«Já que, n'este babel em que vivemos, tudo passa inapercebido no meio da confusão de todo o pensar e sentir; já que esta é a terra classica da ingratidão, regada pelo Lethes do Desmazèlo e do Não-se-me-dá da mais estupenda caducidade em que póde caír um povo — quero eu pôr sobre a sepultura d'este bom patriota um *memento* ao menos, dos que em tantas sepulturas tenho posto, para que no dia em que os nobres sentimentos acordarem em Portugal, não succeda procurar-se onde jaz — e não o saber já ninguem[1].

«Menos feliz do que o pobre puritano escocez de W. Scott, que andava avivando as inscripções obliteradas dos seus martyres, eu apenas posso ír pondo estas cruzes de madeira tosca nas mal-assignaladas covas dos bons portuguezes que nos vão deixando. E devo de ser

[1] Oxalá que não venha a succeder o mesmo com elle!

mais ridiculo personagem: o caso é para isso, e o paiz tambem.

«Demais que nem fanatico sou: conheço os erros, discordo em doutrinas d'aquelles mesmos cuja memoria venero e a desejo ver acatada, não como proselyto ou correligionario que seja, mas como portuguez a quem doe o culposo descuido dos seus. Seja qual for o juizo que d'elles se forme, e o sentimento com que se considerem os muito notaveis actos da vida pública de certos homens superiores, não é possivel deixar de reconhecer n'elles essa superioridade que lhes fez crear uma epocha transformando a sociedade, e determinando, na vida de um povo, crises graves, de onde lhe começa nova existencia[1].»

A *Memoria* foi publicada em n.º 52 do jornal *A Epocha*, e tirada em separado n'um folheto de 8.º grande de 24 paginas[2]. Todos os jornaes do tempo se referiram com louvor a esse precioso trabalho, sem exceptuar os de opiniões politicas contrárias a Garrett.

IV

Gomes Monteiro respondeu á última carta e ao pedido do poeta pelo seguinte modo:

«Porto, 18 maio 1849.

«Meu bom am.º do c. — Poucos dias depois de receber a sua preciosa carta de 7 de março, adoeci gravemente e até hoje ainda não recobrei esse pouco vigor que tinha. Vou passar algumas semanas nas Caldas de Taipa, em busca de saude; mas não quero saír da Quinta Amarella, sem lhe agradecer aquella corôa que decretou

[1] *Obras*, tomo XXIII, pag. 350 e 351, Lisboa, 1871.

[2] *Memoria historica de José Xavier Mousinho da Silveira*, Lisboa, imprensa da *Epocha*, 1849.

para o meu pequeno opusculo. Apesar do desconto que se deve dar ás expressões de um amigo e á nobre generosidade do principe das letras portuguezas, estimo em mais aquella preciosa cartinha de 7 de março do que se fosse o diploma de uma academia.

«Vi, mas não tive o prazer de receber a *Necrologia da duqueza de Palmella*. Para eu não ficar privado por mais tempo do seu favor, peço-lhe que faça entregar, quando podér, um exemplar a meu irmão Henrique, que tem de me remetter alguns livros com brevidade.

«Que posso eu suggerir-lhe para o *Arco de Sant'Anna?* A minha imaginação é ronceira como um carro d'este nosso Minho, e a memoria não me fornece incidente algum de que se podesse formar um episodio picante. Parece-me que o meu amigo podia tirar um bello partido da procissão do Corpo de Deus. No meu livro de apontamentos do Porto acho que em 1560 D. Catharina expediu uma provisão á camara do P. ordenando a reforma de certos abusos antigos que se praticavam, especialmente, diz a rainha, de se tomarem em cada um anno para a dita procissão cinco ou seis moças as mais formosas que se acham, filhas de officiaes mechanicos — uma que vae por Santa Catharina, com sua donzella, outra que vae por Dama do Drago, e outra que vae por Santa Clara, com duas freiras, e muitos mouros com ellas, que lhes vão fallando muitas deshonestidades e que dois mezes antes do dito dia de *Corp. Ch.* se occupam em buscarem as ditas moças e em as enfeitarem, e que os paes e mães d'ellas clamam que lhes tomam as filhas sem lhes poder valer.

«Esta provisão e disposições subsequentes em que se descreve esta pittoresca procissão vem nas *Dissert. Chronol.*, tomo IV, parte II, pag. 184-201.

«Ha dias que um amigo meu me veiu pedir a sua intercessão com o barão da Luz para elle ser servido no

que pretende no memorial que incluso remetto. Não escrevi logo porque nem forças tinha para isso. Se for possivel obter-se o que elle pede teria n'isso grande satisfação. Não posso ser juiz das suas habilitações especiaes, mas punge-me ver um homem bravo varado por umas poucas de balas e esquecido por aquelles por quem jogou a vida. Se podér escrever-me duas linhas a este respeito far-me-ia especial favor. Escreva quando tiver vagar para as Caldas da Taipa — Guimarães. Não faz idéa do esforço que fiz para escrever estes rabiscos. — Seu am.º do c. e obg.mo = *José Gomes Monteiro*[1].»

V

Pela leitura do *Arco de Sant'Anna* se vê o que o auctor aproveitou dos conselhos do amigo. Obtido o despacho porque este se interessára, escreve-lhe:

«Lisboa, 28 de maio (1849).

«Meu am.º — O seu empenho pelo sr. Serpa Pinto está feito, não é o melhor que eu desejo e tambem o B. da Luz; mas diz elle que é o que cabia nas possibilidades da sua acanhada auctoridade. Darei a papeleta ao seu mano. Espero que estas linhas o achem já recobrado de saude, meu bom amigo. Que inveja lhe tenho do seu *tour* na nossa provincia do Minho! Parece-me que tambem eu recobrava saude e juventude se me visse no meio dos carvalhos e castanheiros do nosso querido Minho. Mas para mim é coisa impossivel despegar-me d'esta maldita e arida terra onde se derrete o corpo e alma sem o menor viço de agua ou de flor para refrescar a gente!

«Ad.s meu am.º, mande sempre o seu — am.º velho do c. = *J. Baptista*[2].»

[1] *Catal. Guim.* – Cartão B. – I.

[2] Idem.

O que o impedia de despegar da maldita e arida terra de Lisboa, o que lhe derretia o corpo e a alma eram as fataes cadeias em que se prendêra, a paixão funesta, que n'esse periodo fazia terrivel crise, despertando-lhe ciumes insolitos e espantosos, que por pouco íam dando cabo d'elle ou da sua rasão, n'esse anno de 1849! Em logar de referir as causas que suscitaram ao allucinado poeta a pouco duradoura idéa de se retirar para sempre da capital, darei aos leitores, como doce compensação, a seguinte carta que me escreveu Alexandre Herculano, quando eu andava á cata de documentos para estes estudos.

«... Queria ver se achava a carta de Garrett, que precedeu a sua vinda para minha casa, porque desejava mandar-lh'a. Outras occupações mais instantes obstavam á busca pontual que pretendia fazer. Fil-a emfim, e quasi estou desenganado de que já não está em meu poder. Como isso foi não sei.

«Essa carta foi resultado de um vivo desgosto com... O homem fazia dó. Bem sabe que o Garrett morreu (em certas relações) com os mesmos vinte e cinco annos que tinha trinta annos antes. Queria vir preparar-se aqui para a solidão; queria ir viver no campo, dizer *vale* a Lisboa; mas sobretudo desabafar commigo. Veiu. Fui tão asno que andei com elle a procurar uma vivenda rustica. E o desabafo? Nunca me disse uma palavra sobre as causas d'aquelle excesso. Começou a saír á tarde e a vir alta noite, a ficar em Lisboa e a reapparecer inesperadamente; depois, a obrigar-me a ir com elle passeiar, o que me incommodava soberanamente, porque eu trabalhava então muito (prova real de que era um chapado asno, como acima disse). Nos nossos passeios (por via de regra sobre a estrada de Pedrouços) tinhamos quasi sempre a *fortuna* de encontrarmos... O carrinho parava, o nosso eremita em projecto punha o pé no estribo

do carro, e eu fartava-me de passeiar sósinho, até que o meu Santo Antão futuro acabasse o colloquio. No fim de tres ou quatro mezes voltou para Lisboa sem me dizer nunca nem porque tinha vindo nem porque se ia.

«A carta se apparecesse tinha este rabo-leva historico. Já vê que provavelmente teria de omittil-a porque não poderia explicál-a...

«Entretanto se ainda por casualidade apparecer lá lh'a mando; porque, tendo a chave do negocio, não póde deixar de se rir... de uma afflicção assim! — Am.º do c. — Janeiro 23-67. = *Herculano*.»

VI

Salta aos olhos porque perdeu a idéa de se fazer ermitão. Reconciliára-se. Só quem conheceu bem o caracter de Herculano póde imaginar as coleras tempestuosas que o agitariam, durante as horas em que o divino Garrett, representando tão pouco invejavel papel, dava outro peior ao amigo, obrigando-o a servir-lhe de pau de cabelleira! Só a desmedida admiração do auctor de *Eurico* pelo cantor de *Camões*, o faria tolerar similhantes desvios, acceitando a parte ridicula que lhe era imposta n'aquellas scenas! Se isto se passasse em annos de descuidosa juventude, facilmente se desculpava; mas com cincoenta annos feitos!... Herculano entrava nos quarenta. Pobre humanidade!

Felizmente, para o austero bibliothecario da Ajuda, nem sempre os passeios se faziam pela estrada de Pedrouços! Encaminhavam-se ás vezes para as bandas de Monsanto, desciam o trilho tortuoso que d'ali conduzia ao valle das Romeiras ou íam para os lados de Carnaxide e Linda-a-Pastora, voltando depois pela Cruz Quebrada, estafados, e, o que mais pesava a João, a

horas a que não se podia já encontrar o carrinho fatidico.

Havia pouco tempo que Herculano chamára a si um poeta juvenil, que principiava a balbuciar os primeiros versos e a revelar o bello talento que depois lhe deu tão distincto logar no Parnaso portuguez contemporaneo. Chamava-se Raymundo Antonio de Bulhão Pato. E muitos annos depois, no seu excellente livro *Sob os cyprestes*, commemorou a ida de Garrett para Ajuda e o modo por que ali se passava o tempo na companhia dos dois grandes mestres. Outro escriptor, possuindo já a bem merecida reputação de litterato e de orador parlamentar, Rebello da Silva, estava tomando ares, com Francisco Julio Caldas Aulete (igualmente estudioso distincto, e tambem já hoje ceifado pela morte) no pittoresco valle das Romeiras. Algumas occasiões reuniam-se todos nos passeios campesinos; os discipulos provocavam a conversação dos mestres, e estes, fazendo dos arvoredos Portico, ora Socrates e Platão ora Rabelais e Aristophanes, os illustravam com deliciosos dialogos, prelecções amenas, bons ditos e crítica engraçada sobre toda a especie de assumptos.

Bulhão Pato reproduz muito bem o quadro, no seu apreciado livro. Em pouquissimas coisas o trahiu a memoria, no que diz respeito a Garrett: este não voltou para a Ajuda; nem começou a gisar as scenas do romance *Helena*, senão dois annos depois. Unicamente aos sabbados, comparecia alguma vez aos jantares de Herculano, quando o insigne historiador reunia os rapazes d'aquelle tempo. Em tudo o mais, o livro de Pato é verdadeiro, e as suas recordações desenham com fidelidade o auctor de *D. Branca* [1].

[1] O estojo descripto a pag. 36, pertence-me desde muitos annos; depois da cadeira monumental, é o que mais estimo entre os objectos que do poeta tenho adquirido.

VII

Foi no domingo, 26 de agosto d'este anno, que teve logar o jantar litterario, offerecido ao auctor d'estes estudos por todos os litteratos, poetas, oradores, e publicistas, que se achavam então em Lisboa. Garrett presidiu á festa, segundo se referiu n'outro logar [1]. N'um folhetim do *Patriota* [2] commemorei o facto, juntando-lhe alguns versos, feitos ao estylo de então, com muita caramunha e muita falta de grammatica, porque era assim que nós nos faziamos immortaes, emquanto tinhamos fé viva; depois que a perdemos, julgando corrigirmos-nos, ficámos peior e mais semsabor. Na segunda estrophe alludi ao poema *Camões;* e no dia seguinte recebi a visita do grande mestre, que pela primeira vez honrou com a sua presença soberana a minha humilde residencia.

Da casa do pateo do Pimenta se mudára João, no começo d'este anno, para a rua do Salitre n.º 180. Era predio pequeno, independente, que ainda conserva a mesma physionomia, com as suas tres janellas de frente no primeiro andar, grades de ferro nas duas do rez do chão e o velho portão ao centro. A casa agradára por ter quintal. O poeta amava as flores, quasi tanto como as mulheres; e gostava que estas lhe dessem voto, ácerca da escolha e disposição d'aquellas. Com a sua habilidade, não era difficil conseguil-o. O quintal da rua do Salitre fôra ajardinado com gôsto, porque o tinha, e muito, a pessoa que me disseram ter sido auctora do plano: gôsto, intelligencia, e vaidade, sobretudo vaidade, que é a rasão suprema de muitas mulheres, e que, apesar de ser defeito, por acaso as leva muitas vezes a fazer coisas boas.

[1] *Garrett, memorias biographicas,* tomo I, pag. 15 e 16.
[2] De 31 de agosto de 1849.

N'esse vergel em miniatura passavam-se manhãs deliciosas: ali almoçavamos muitas vezes, discutindo flores, que então não abundavam ainda em Lisboa, e lembrando nomes de quem as tinha, para se pedirem. Duas duzias de arbustos encheriam o terreno; todavia, até para o Porto escrevia o poeta ao seu Gomes Monteiro:

«Lisboa 27 de setembro (1849).

«Am.º velho do c. — Na quinta Amarella deve haver muitas flores, e entre ellas, rosas de trepar da côr da quinta e umas pequenitas que não trepam e são da mesma côr amarella, e rosas brancas de musgo, e camelias e canelleiras etc., etc. De tudo o que podér, vasos, estacas, pés com raiz etc., etc. mande fazer um caixotinho para ficar um *só volume* no vapor e mande ao seu amigo que está com a mania recrudescida da jardinagem. Não lhe esqueça um bem fornido e sortido mólho de estacas de craveiro que é o tempo, algum jasmineiro raro e quaesquer outras plantas proprias para vestir paredes de jardim — exceptúo as bignonias capensis e jasminoides porque as tenho.

«Não sei se já lhe disse que M. Fournier o consul francez aqui, traductor do *Camões* que se publicou em 1841, deseja que lhe diga algumas das muitas coisas que tem estudado sobre os *Lusiadas*, suas edições, seu auctor, etc. O mesmo pedido se faz ao nosso amigo Norton a quem separadamente escreverei; mas não tira de que lhe dê este recado.

«Ad.s am.º, desculpe a sécca e mande sempre o que é seu devéras, do coração e com toda a alma e mil saudades. — Am.º velho e certo = *J. Baptista.*»

Havia, effectivamente, ao fundo do jardim, do lado do norte, um bello exemplar de bignonia jasminoidea grandiflora, que dava sombra sufficiente para ali se estar sem sol. As capensis *(tecoma)* floresciam em dois canteiros, tratadas como arbustos. Mandei vir do Brazil varios jas-

mins. raros, mas não se deram bem, morrendo, com grande magoa do proprietario, ao cabo de poucos mezes.

VIII

Davam por este tempo agradaveis reuniões os illustres marquezes de Penalva, que moravam á Patriarchal, hoje praça do Principe Real. O marquez actual, então na força da mocidade, amava a litteratura e cultivava a poesia. Tudo quanto havia de mais celebre nas letras e nas sciencias frequentava assiduamente aquella residencia fidalga. Apesar de obscuro e humilde, tive eu tambem a honra de assistir a esses serões instructivos e deleitosos, e de jantar algumas vezes com os amabilissimos donos da casa. A marqueza, senhora tão distincta pelas qualidades do coração e pelos dotes do espirito, como pelo nascimento, acolhia todos com igual bondade, e fazia as honras de sua casa com distincção suprema. Lhano, affavel, delicado e instruido, o marquez sabia conciliar de tal modo os animos, que concorriam ali pessoas de todas as côres politicas.

N'uma d'essas noites, de saudosas recordações, annunciou-se que na seguinte quinta feira Garrett iria ler uma comedia ou qualquer capitulo inedito.

No dia aprazado, as salas encheram-se das senhoras mais illustres da sociedade lisbonense, e dos homens mais notaveis pelo saber e intelligencia. Ás oito horas entrou o poeta, sereno, grave, olympico, de irreprehensivel elegancia: casaca e gravata preta, bello, d'essa belleza ideal do genio, que ainda quando lhe falte a belleza physica, fascina e impera. Estavam presentes sabios, nobres de velha e provada origem, damas formosissimas: e, comtudo, não se olhou para mais ninguem emquanto durou o serão! Se houve alguem que se doesse

com esta absorpção absoluta de todas as attenções — circumstancia rara, e digna de notar-se! — não foram as mulheres! Mais ainda do que a parte selecta dos homens que o admirava, a ponto de lhe ter posto a alcunha de divino, ellas acceitavam tacitamente o despotismo d'essa individualidade poderosa, unica indiscutivel, quando lhes lia, quando lhes fallava e quando as amava. Terrivel, no parlamento, fulminando os adversarios com o *Porto Pyreu* e a *Discussão da lei da decima;* sublime, na poesia, cantando Camões e Adozinda ou expondo na scena Frei Luiz de Sousa, nas salas era o semi-deus para o sexo amavel e delicado, que não julgava humilhar-se, curvando-se na sua passagem, e offerecendo-lhe sorrisos benevolos.

Depois de saudar todos affectuosamente, o poeta sentou-se, instado pelos donos da casa; abriu os papeis que trazia, e começou a leitura. Não me lembro já se era comedia, se capitulos do tomo II do *Arco*. Recordo-me, porém, que o enthusiasmo foi indescriptivel. Lidas por elle, até as coisas menos valiosas nos pareceram sublimidades. Fez-se-lhe uma ovação; e, depois do chá, a maioria dos homens acompanhou-o a casa. Os que eramos rapazes, tivemos idéa de o levar em charola, dando-lhe vivas: mas desistimos, receiosos de que a policia nos julgasse revolucionarios, e que elle proprio não gostasse.

Já lá vão trinta e cinco annos! Vivem ainda, felizmente, os amaveis donos d'aquella hospitaleira e nobre casa; mas de tantos que a ella concorriam n'aquelle tempo, quantos desappareceram, levados no rolo da onda mortuaria!...

No mez de outubro prefaciava o tomo II do já celebre *Arco de Sant'Anna,* que publicou em 1850. Apesar do que diz na advertencia, para se justificar das allusões politicas, fervilham ellas por todo o livro. «Gilianes, uma

especie de 'europeu' d'aquelles tempos e d'aquelle senado, conhecido pelo maior massador da cidade invicta, e por possuir no mais alto grau a difficil arte de moer palavras em sêcco, sem lhes espremer o mais leve chorume de sentido, Gilianes, costumado a triumphar de puro cansaço, em muitos casos difficeis, estafando, moendo, adormecendo e fazendo fugir o seu auditorio, Gilianes entendeu que n'aquelles apertos só elle[1]».

O discurso de Gilianes, monumental no seu genero, designava claramente a victima votada ao sacrificio. No livro ha muita e boa lição de outra especie. A paginas 233 declara que facilmente adopta a palavra 'calimburgo' «apesar de gaffa de mal-francez; mas antes isso, antes naturalisál-a mesmo assim doentita, e dar-lhe terminação portugueza, accordando-a de boa mente a nossos modos e aos sons habituaes de nossa lingua, do que dizer pretenciosa e espevitadamente: *calembourg!* som inhospito, difficil, que resalta hybrido e rispido, no meio de nossas palavras redondas e cheias, como um guincho dissonante que repugna». A 183, fez engraçadas considerações, a proposito do nosso tão legitimo, tão classico e proverbial portuguez de: ÁMANHÃ VEREMOS. «Muitas vezes chega a dita manhã, o ministro almoça, mette-se na sege de aluguel, vae para a sua secretaria mui tranquillamente, seguido do seu lictor posterior, que choita ministerialmente no rocim official de traz do corriculo excellentissimo, — chega ao Terreiro do Paço e acha a bernarda acampada ali com outros ministros já feitos, que lhe tiram a pasta debaixo do braço, e lhe dão dois pontapés no trazeiro — sem lhe acudir nem o lictor do chimpelim, porque immediatamente o abandonou e se foi postar detraz da outra sege de aluguel do outro

[1] *Arco*, tomo II, pag. 199.

ministro.» Seguem muito comicas considerações sobre o 'ámanhã'.

Não é menos gracioso a respeito da aristocracia: «não fallo aqui do nosso sexo feio, senão do bello sómente — a aristocracia era uma instituição admiravel, se houvesse todos os annos um jury selecto e imparcial para regular quem havia de entrar para ella e saír d'ella. Peço para ser vogal do jury... mas declaro desde já que não voto em gordas, nem tolas, nem beatas — nas devotas sim — nem nas donzellonas que affectam quinze annos, nem nas invejosas, nem nas mexiriqueiras, nem nas que vão ao banho de calcinhas e josésinho curto... nem nas que polkam depois dos trinta bem feitos, nas que cantam a 'saloia', que lêem o visconde de Arlincourt ou versos de... Alto! de versos não fallo por causa d'aquelle telhado de vidro que todos sabem.» (Pag. 72).

Ellas não haviam de ter medo d'elle, e de desejar agradar-lhe!...

Da democracia diz, a pag. 198, que pelo geito que as coisas hoje levam, antes de muito, o povo terá outra vez de estreitar mais fortemente a sua alliança com a monarchia, para se defender do omni absorvente despotismo dos senhores das burras, dos alcaides móres, dos bancos e de todo este feudalismo agiota, que é a fatal lepra da democracia, que a róe e a carcome, «e que não vejo forças nem meios — na democracia só — para os combater. As vagas theorias do socialismo, os sonhos do communismo não me parecem provar senão a impotencia da fórma contra o poder da materia.»

A quem se dirigiria este pungente epigramma, de pag. 197? «Burguezes d'aquelle bom tempo innocente, em que tendeiro nem especieiro não sonhava ainda com os baronatos, os viscondados e as gran-cruzes — nem com a mão encebada de pesar manteiga aspirava a tomar a pasta de secretario, ou a assentar a nadega lus-

trosa da calça de coiro no velludo das cadeiras do conselho d'estado...»

Tambem ali delineou em firmes e finos traços as feições da mulher, que já agora terá de passar á posteridade, nem sempre envolta no véu de mysterio com que eu cautelosamente a vélo. Fazia, para os leitores, o retrato de Esther: «E ella era bella, de uma belleza toda judaica, toda arabe. A figura alta e esbelta, as fórmas severas, sem molleza nenhuma nos contornos, o rosto oval, a tez morena, os olhos negros, faiscantes, a testa breve, mas perfeitamente desenhada, os sobr'olhos um tanto juntos, o cabello longo, preto, fino — fino de uma fartura e formosura surprehendente[1]».

As velaturas são tão leves, tão transparentes as tintas, que por baixo d'ellas se vê o retrato verdadeiro. Mas antes d'este se desvelára com o de Gertrudes, e ali asseverou que os olhos eram negros «tristemente negros — negros e longos, como uma longa noite de inverno...[2]» «... Não vão agora pensar por isto que era morena a minha Gertrudes. Eu não sou forte em morenas; professo a regra de que — mulher branca, e homem preto... —[3]».

Para se apreciarem todas as graças d'este livro, a sua critica fina e a linguagem portuguezissima com que está escripto é necessario lêl-o. Rematarei as citações com est'outro epigramma, que ainda hoje tem applicação, embora já não haja quem falle grego — falla-se porém francez, mais grego ainda: «... que nós démos furiosamente em fallar grego desde que o não sabemos. Quando mandavamos os Teives e os Gouveias ensinál-o a París, fallavamos portuguez».

[1] *Arco*, tomo II, pag. 135 e 136, Lisboa, edição 1871.
[2] Idem, pag. 71.
[3] Ibidem.

IX

Eil-o volta ao necrologio, honrando as cinzas do probo negociante Francisco Kruz, fallecido em Lisboa, no pateo do Duque, a 27 de outubro de 1849. Alludindo ao facto com que o morto, para satisfazer escrupulosamente á sua honra e dar credito a seu nome, perdêra, em certa conjunctura, metade de seus cabedaes, que já eram consideraveis, diz que «ainda quando a probidade e a honra não fossem tamanhas virtudes como são, ainda assim se deviam cultivar e adorar por mero interesse; maxima verdadeira para todos, duas vezes verdadeira para o negociante[1]».

Nos principios de março de 49 um homem intelligente e estudioso, que quasi só para si tem cultivado as letras, e é familiar com os nossos escriptores antigos e modernos, encetára discussão com outro amigo, ácerca do merecimento dos dois grandes poetas Sá de Miranda e Bocage. J. M. Antonio Nogueira bem sabia que não era possivel o parallelo entre esses dois engenhos; não o ignorava tambem o seu contendor; mas Nogueira, que foi sempre dos mais convictos admiradores de Garrett, desejou ouvir o voto auctorisado do mestre, e escreveu-lhe ácerca do assumpto. O poeta responde assim:

«180, Alto do Salitre ao Rato, 10 de novembro.

«Illmo sr. — Não me incommodou por nenhum modo a pergunta que v. s.ª fez favor de me fazer. A minha pena só é que me eu não possa occupar já com o mesmo gôsto e vagar que d'antes, das boas letras a que ella se refere. Unico estudo que não cansa, e que faz bem ao coração, illustrando o espirito.

«Respondo com toda a singeleza o que sei — isto é, o

[1] *Obras*, tomo XXIV. Lisboa, 1877, pag. 310.

que sinto. Sá de Miranda acho-lhe outro gôsto e sabor da antiguidade, grande instrucção, philosophia sublime, outro conhecimento do mundo, das grandes relações das coisas, e dos homens, profundo sentir d'alma, elevação de pensamento, e uma rara doçura de melancolia. Horacio, se fôra portuguez e vivêra no XVI seculo, não escrevêra melhor que elle as suas Cartas. E a fabula de Psichis, como a conta n'uma das Eglogas — não me lembra qual porque ha annos que não leio versos, é das mais lindas coisas que ha em lingua nenhuma.

«Bocage é poeta de outro genero inteiramente. Sublime no enthusiasmo, felicissimo no rythmo e na ryma, não tem nem o saber nem a rasão poetica do outro. Sá de Miranda era poeta de meditação e que se recolhia á sua alma para *commungar* com as suas inspirações. Bocage trasbordava todo na immensa abundancia de seu estro. É rio que se espraia, grande, tumultuoso, mas não profundo. Mais agua leva o outro mas com menos ruido.

«Não digo senão o effeito que a mim me faz um e outro d'estes dois grandes poetas. Póde ser que me eu engane. Só n'uma coisa sei que não — é em me parecer que não é possivel comparál-os bem, porque são genios e generos mui diversos.

«Creio tambem que os habitos de cada um d'elles determinaram mais que tudo esta differença. Sá de Miranda viveu dissipadamente no mundo primeiro, e depois recolheu-se á solidão, já maduro na vida, para poetisar. Bocage balbuciou, como elle nos diz, desde a infancia os seus versos — e com as musas, no tumulto e frequencia das cidades, evaporou a sua existencia — *em lida insana* (palavras suas). — Não será facil caracterisál-os e avaliál-os por isto?

«Não posso mais, e sinto não poder, porque é sem-

pre gôsto para mim fallar d'isto. Peço que me creia de v. etc. = *J. B. de Almeida Garrett*[1].»

Para completar esta apreciação, deve ler-se o que no *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza* escreveu ácerca de um e de outro d'esses dois grandes poetas. Ahi os julga com maior desassombro e severidade, censurando Sá de Miranda pelo muito que escreveu em castelhano, privando-nos assim do natural fructo de suas tarefas; e fazendo ver como a metrificação de Bocage, considerada por muitos criticos a melhor qualidade d'este poeta, foi a peior ou a que peiores effeitos causou; lamenta todos os exageros e desregramentos do vate Elmano, a que tambem já alludíra no prefacio da primeira edição da *Lyrica de João Minimo*.

X

Afastado das lides parlamentares, passou quasi todo o anno de 1850 entregue aos seus predilectos estudos litterarios, organisando o *Romanceiro*, e dando-se a outros trabalhos mais de seu gôsto do que os politicos, segundo affirmava, comquanto estes lhe absorvessem a melhor parte da vida.

Tendo fallecido em setembro d'esse anno D. Maria Thereza Midosi e Mazarem, filha do conselheiro Paulo Midosi, escreveu João, a 18 d'esse mez, e publicou no *Diario do governo*, n.º 221, a necrologia da fallecida. Esse escripto, que differe bastante do que se acha a pag. 317, 318 e 319 do tomo XXIV das suas *Obras*, começa d'este modo:

«Plantem sobre esse tumulo uma cruz singela; pen-

[1] Transcripta fielmente da copia que me deu o meu illustrado amigo J. M. Antonio Nogueira, ha mais de vinte e cinco annos, ao qual agradeço este favor.

durem-lhe a capella de rosas, porque ella era bella de alma e de corpo; e que lhe ponham tambem ahi as palmas da virtude, porque as ganhou n'uma vida pura e de recatada abnegação, repartida toda entre o amor de seus paes que a adoravam, do esposo a quem fez tão feliz, e dos filhos, seus derradeiros, seus maiores amores e cuidado.»

Tambem a 12 de outubro falleceu em Lisboa o primeiro conde, primeiro marquez e primeiro duque de Palmella D. Pedro de Sousa Holstein. Quaesquer que fossem os motivos politicos que por vezes tornaram Garrett queixoso d'elle, nunca se esqueceu da consideração e amizade que lhe devêra, desde a emigração. E ainda mesmo sem essas attenuantes, justo como era com todos, sabia que a morte de similhante homem enluctava a nação, e devia ser considerada como perda nacional.

Aos funeraes do velho duque acudiu como em pranto público toda a população de Lisboa, «rodeando seu féretro os homens mais eminentes de todos os partidos, mais distinctos pelo saber, poder e haver — as tres inevitaveis aristocracias de todos os tempos. Foi d'esta quasi unanimidade de sentir n'uma perda que todos choraram por sua, foi d'esta homenagem geral paga na morte do homem bom e do bom cidadão até pelos mesmos que lh'a recusaram em vida — que nasceu a lembrança entre alguns mais intimos amigos do fallecido de promover a erecção de um monumento público á sua memoria[1].»

Auctor d'esta patriotica idéa, convocou uma grande reunião preparatoria, na qual se nomeou a commissão executiva, sendo eleitos, além d'elle, Rodrigo da Fonseca Magalhães e o conde de Lavradio. Os collegas incumbiram-n'o do programma para a subscripção nacional. Transcrevo d'esse documento o seguinte paragrapho,

[1] Garrett, *Obras*, tomo XXIV, pag. 325. Lisboa, 1877.

que tem applicação ao modo por que se procedeu com o proprio auctor:

«Nós temos sido uma nação de ingratos. Monarchicos sempre, dir-se-ía que nos devora o ciume republicano e que proscrevemos com posthumo ostracismo até a memoria dos que bem nos mereceram[1].»

O parecer dividia-se em duas partes, propondo-se na primeira a fórma da subscripção e que o maximo d'esta se limitasse a 5$000 réis, acceitando-se todas as quantias d'ahi para baixo; e na segunda parte se tratava do monumento, estatua de grandeza mais que natural, em bronze fundido, e no estylo que chamam senatorio; sentaria em pedestal de granito do Porto, e seria collocado no largo das Côrtes «ou em qualquer outro logar que melhor convenha para se expor á veneração pública a imagem do grande homem e benemerito cidadão cuja perda deplorâmos[2]».

Apresentado o programma na grande reunião preparatoria, escrevia Rodrigo a Garrett, em 28 de novembro:

«Meu querido João. — Estive na reunião da mesa e commissão. Esta era eu, porque tambem faltou o c. de Lavradio. Notou-se que o chamamento, qual o propunhamos, por indicação da mesa, iria causar não sei que ciumes por causa do monumento de D. Pedro; e voltaram á primeira idéa de ser promovida a assignatura de subscriptores pelos amigos do duque, sem convite muito ruidoso aos tribunaes, corporações, etc.

«Lembraram que aqui os mesmos amigos do defunto fizessem uma ou mais reuniões das pessoas que escolhessem, e que se tratasse n'ellas de promover outras nas terras das provincias, em que se procurasse obter subscriptores.

[1] Loc. cit.
[2] Idem.

«Mas tudo isto se julgou que devia ser proposto na reunião seguinte dos figurões que appareceram nos Paulistas, aonde se fariam as considerações que occorriam a respeito do monumento do imperador. E por este motivo se assentou que seria bom lançar esta primeira parte do parecer como problema para resolver.

«Por muito occupado estes dias e até por muito aborrecido com coisas minhas não pude procurar-te para dizer-te isto, e pedir-te que fizesses as alterações que te parecesse na primeira parte do parecer; mas deixando a segunda intacta para que se possa ventilar a questão emquanto á conveniencia de tornar mais ou menos geral a formação de associações, e direcção de convites.

«Não me atrevi a mexer no parecer: rogo-te que tu o faças, e se quizeres m'o mandes ámanhã para o mandar copiar. A reunião ha de, como já saberás, ter logar sabbado no Calhariz ás duas horas.

Ad.s — Teu am.o velho. = *Rodrigo.*»

É sabido que foram vãos todos os esforços da commissão e que Lisboa espera ainda pelo monumento que a nação deve á memoria d'aquelle filho benemerito. Espera do mesmo modo, e esperará talvez em vão, emquanto existirem os ultimos homens influentes d'essa geração ingrata, a que pertenceu Garrett, pela estatua de bronze, igualmente devida ao immortal poeta.

XI

Em 18 de junho de 1849 fôra substituido o ministerio do duque de Saldanha por est'outro: conde de Thomar, presidente do conselho e ministro do reino; justiça e ecclesiasticos, Felix Pereira de Magalhães; fazenda, Antonio José d'Avila; guerra, Adriano Mauricio Guilherme

Ferreri; marinha e ultramar, visconde de Castellões; e estrangeiros, conde do Tojal.

Entre as medidas que então se consideraram vexatorias e anti-liberaes, apresentou este governo ás côrtes o projecto de lei contra a liberdade de imprensa. Repressões d'este genero são sempre odiosas e contraproducentes. Em Portugal, principalmente, se tem demonstrado isso nos ultimos trinta annos: a imprensa gosa da mais ampla liberdade, e encontra o correctivo dos proprios abusos no desprêzo com que a trata o público, quando ella se mostra indigna da sua missão.

Chamou-se *lei das rolhas* á de 1850. Feriu-a logo no berço o ridiculo d'este nome, e a indignação pública. Quando esta chegava ao seu cumulo, appareceu o famoso 'protesto dos sessenta', hoje rarissimo, e que por isso aqui transcrevo na integra. Apesar de sua pequenez, tem este documento grande alcance moral, e não é destituido de importancia para a nossa historia contemporanea. Alem d'estes motivos de interêsse, foi redigido por Garrett e Herculano. Diz assim:

«*Protesto contra a proposta sobre a liberdade de imprensa* [1].

«Os homens de letras, auctores e jornalistas, abaixo assignados, tendo visto no *Diario do governo* um projecto de lei relativo á imprensa, que se diz ter sido apresentado ás côrtes pelos ministros da corôa, entenderam não lhes ser licito, sem quebra do seu dever, deixar de protestar contra um grande numero de disposições contidas no mesmo projecto, não só revogativas de garantias, positivamente consignadas na actual lei politica do

[1] Lisboa, typographia da rua da Bica de Duarte Bello, n.º 55, 1850. — São 6 pag. in-8.º portuguez. A imprensa era a da *Revolução de setembro*.

paiz, mas tambem diametralmente oppostas aos principios mais triviaes e incontroversos de direito constitucional e até de direito commum. Abstendo-se de discutir e propugnar os principios incontestaveis, offendidos n'esse monstruoso projecto; os abaixo assignados limitam-se a um protesto simples, mas, quanto n'elles cabe, energico e solemne, contra todas as disposições do dito projecto de lei, em que são postergados os direitos e garantias inalienaveis da liberdade de pensamento, ficando assim seguros de que, se essa liberdade tem de perecer, ao menos os seus nomes não passarão deshonrados á posteridade com a mancha de covardia ou de connivencia em similhante attentado.

«Lisboa, 18 de fevereiro de 1850. = *A. Herculano* = *J. B. de Almeida Garrett* = *Antonio da Cunha Sotto Maior* = *A. P. Lopes de Mendonça* = *A. Fontes Pereira de Mello* = *J. M. Latino Coelho* = *Dr. Thomás de Carvalho* = *A. de O. Marreca* = *José Esterão de Magalhães* = *F. Gomes de Amorim* = *Luiz Augusto Rebello da Silva* = *Antonio de Mello Cesar e Menezes* = *Antonio Rodrigues Sampaio* = *Paulo Midosi Junior* = *Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos* = *Manuel Maria da Silva Bruschy* = *Antonio de Serpa* = *Luiz de Almeida e Albuquerque* = *R. A. de Bulhão Pato* = *José Vicente Barbosa du Bocage* = *Leonel Tavares Cabral* = *Carlos Bento da Silva* = *Joaquim Julio Pereira de Carvalho* = *Albino Francisco de Figueiredo* = *Roberto José da Silva* = *T. A. Velloso de Horta* = *Gilberto Antonio Rolla Junior* = *Francisco Maria de Sousa Brandão* = *Antonio José de Sousa e Almada* = *João de Andrade Corvo* = *Luiz Augusto Palmeirim* = *A. da Silva Tullio* = *B. Martins da Silva* = *José Maria da Ponte e Horta* = *Ernesto Biester* = *Julio Maximo de Oliveira Pimentel* = *José Maria do Casal Ribeiro* = *Daniel Augusto da Silva* = *Augusto José Gonçalves Lima* = *D. Sancho Manuel de Vilhena e*

Saldanha = Antonio Joaquim Barjona = José Maria Grande = Francisco da Ponte Horta = Alberto Carlos Cerqueira de Faria = Sebastião Frederico Rodrigues Leal = Pedro de Amorim Vianna = Augusto Freire de Carvalho e Macedo = S. Ribeiro de Sá = Dr. Procoro José de Gouveia = Dr. Antonio Damaso Guerreiro = Dr. A. J. de Figueiredo = Dr. Antonio da Costa Sousa de Macedo = João de Lemos Seixas Castello Branco = Fernando Maria de Almeida Pedroso = José Augusto de Sousa Queiroga = João Palha de Faria Lacerda = Paulo Romeiro da Fonseca = Estevão Xavier da Cunha = Gregorio Nazianzeno do Rego = Francisco José Pereira Palha.»

Trinta e tantos dos signatarios faltariam hoje á chamada!... O último de entre os que vivem aqui consigna, com esta memoria, a sua eterna saudade por todos esses mortos illustres, que se chamaram Garrett, Herculano, José Estevão, Rebello da Silva, Lopes de Mendonça, Daniel da Silva, Nazianzeno do Rego, Silva Bruschy, Leonel Tavares, Joaquim Julio, Sousa Almada, Biester, Rodrigues Sampaio, Silva Tullio... por todos os liberaes sinceros, emfim, que pozeram o seu nome n'esse protesto solemne, em defeza dos direitos da mais nobre instituição que nos trouxe a liberdade.

XII

Apesar das divergencias politicas, e do protesto atraz exarado, tão grande era o merito do nosso auctor, que seus proprios adversarios, quando acontecia serem tambem homens de talento, não hesitavam em nomeál-o para serviços em que as suas faculdades aproveitassem á gloria do paiz. Em 9 de dezembro o fizeram vogal da commissão para o monumento á memoria de D. Pe-

dro IV [1]. Foram deploraveis os resultados da subscripção, como é sabido; todavia, nenhuma responsabilidade cabe a Garrett, que raros dias foi á commissão, se é que lá chegou a ir.

Por indicação do conde de Thomar, o ministro dos negocios estrangeiros igualmente o nomeou, em 8 de março de 1851, plenipotenciario para tratar com o representante francez da negociação ou convenção litteraria, segundo em seu logar se referiu [2]. Agora, apenas acrescentarei que o *Annuario da Revista dos dois mundos,* referindo-se ao tratado disse: «Coisa singular, o sr. Almeida Garrett, que, primeiro como plenipotenciario especial e depois como ministro dos negocios estrangeiros, prestou á litteratura do seu paiz esse novo e luminoso serviço, para conseguir levál-o ao cabo teve que combater a preoccupação dos proprios a quem mais favorecia com elle [3].»

[1] «Attendendo ás circumstancias que concorrem na pessoa de João Baptista de Almeida Garrett, do meu conselho, ás suas luzes e distinctos merecimentos; e conformando-me com a proposta da commissão encarregada de promover a subscripção para o monumento de gratidão nacional para com o immortal duque de Bragança, meu muito amado e prezado pae: hei por bem nomear o referido João Baptista de Almeida Garrett para vogal da mencionada commissão. O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 9 de dezembro de 1850. = RAINHA. = *Conde de Thomar.*» (*Diario do governo,* n.º 296, de 16 de dezembro, pag. 1:442.) — O catalogo publicado no tomo XXII das *Obras,* de Garrett, pag. XLIII, diz ser o decreto de 13; a data é de 9, como acima se lê.

[2] A pag. 483 do tomo II. Por decreto d'esta mesma data (8 de março de 1851) foi Garrett declarado ministro plenipotenciario em disponibilidade, mas sem vencimento, quando por outro cargo o tivesse. E, não tendo, ficava o de ministro plenipotenciario dependente da approvação das côrtes. (Arch. dos neg. estrang.)

[3] *Annuaire des deux mondes,* 1851–1852.

Sobre o nosso auctor acrescenta ainda o mesmo jornal:

«O seu talento adapta-se com delicadeza admiravel aos mais diversos generos. Engenhosamente archaico no *Romanceiro* e na *Adozinda*, poeta de sentimento moderno na *D. Branca* e no *Camões*, creador do drama nacional n'*Um auto de Gil Vicente* e em *Frei Luiz de Sousa* (este último foi já traduzido em tres linguas), pintor de costumes no *Arco de Sant'Anna*, onde fez reviver o XIV seculo portuguez com tão verdadeiro colorido que lembra o toque poderoso de Walter Scott; finalmente, delicioso humorista nas *Viagens na minha terra*, o sr. Almeida Garrett é tambem dos mais brilhantes oradores parlamentares da peninsula[1].»

Conforme os usos diplomaticos, de agraciar os plenipotenciarios que concluem qualquer tratado, lhe foi conferido, em 29 de setembro de 1851, o diploma de grande official da Legião de Honra[2].

[1] Loc. cit.

[2] Que todavia não recebeu logo, por entender que lhe competia a gran-cruz, como adiante se verá.

X

Saldanha levanta o grito da regeneração, no Porto. — Carta da rainha, minutada por Garrett. — Marcha do vencedor. — Programma do novo governo. — Rapido bosquejo. — Garrett incumbido de dar as bases para a reforma da carta. — Consagração do seu pensamento. — Generosidade. — Extracto da *Memoria do barão da Ribeira de Sabrosa*. — Quatro homens, eram quatro partidos. — Acto addicional, remendo ou emplasto. — Quem o assignou. — Carta de Saldanha, nota. — Como morreram os odios politicos. — Vida nova da nação. — Honra e gloria aos regeneradores! — Porque me antecipei no juizo que fiz. — Os que rosnavam dos pagamentos em dia, nota. — Carta de Rodrigo. — Garrett faz os decretos de reintegração do marechal, a pedido d'este. — Bello papel. — Festas que Lisboa fez a Saldanha, no theatro. — Reorganisação ministerial. — A reconciliação abrange os miguelistas. — Plenipotenciario para tratar com a santa sé. — Resumo da historia da questão do padroado. — D. José Maria da Silva Torres. — Allocução de Pio IX, e memoria, de Bartholomeu dos Martyres. — Jurisdicção ecclesiastica e bulla da cruzada. — Batalha de tres contra um. — Garrett quer demittir-se. — Carta a Bartholomeu dos Martyres. — Quando resignou o encargo. — Vogal da commissão para a reforma da academia. — Titulo de visconde de Almeida Garrett. — Membro da commissão da lei eleitoral. — Da reorganisação dos serviços. — Do conselho ultramarino. — Dos caminhos de ferro, nota. — 'Faz tudo' ou 'pau para toda a obra'. — Recomposição. — Noticia, da *Revolução de setembro*. — Carta a este jornal. — Receio dos *amigos*. — Explicações de Saldanha. — Ditas de Rodrigo. — Porque quiz o titulo. — As duas vidas. — Opposição da rainha. — Extracto de outra carta de Rodrigo. — Dito, de outra, a Garrett. — Residencia em Belem. — Ministro sem pasta, e sem proveito. — Idéa de crear um jornal.

I

Vamos entrar n'um dos periodos mais notaveis da nossa historia politica contemporanea. Comquanto o plano que adoptei e o espaço de que disponho não me deixem occupar largamente dos successos, direi comtudo o sufficiente para illustração do meu assumpto.

O duque de Saldanha, sempre facil em despeitar-se com os que estavam no podèr, sobretudo quando estes não queriam ou não podiam satisfazer-lhe as constantes

exigencias, saíra de Lisboa, em fins de abril, para revolucionar o Porto contra o ministerio do conde de Thomar. Falhando a primeira tentativa, o duque fugia para a Galliza, quando outros mais felizes conseguiram o que elle desejava, e o chamaram a toda a pressa. Embora grande general, não hesitou em colher, como qualquer João Fernandes, os fructos da victoria alheia. Do Porto marchou sobre Coimbra; e, vencidas ou convencidas ahi as forças que quizeram oppor-se-lhe, dirigiu-se para Lisboa.

Logo que parte das tropas que deviam combatêl-o se passaram para elle, houve commoção no paço. Garrett, chamado ali, foi de parecer que a rainha dirigisse ao marechal esta carta:

«Sei que faço justiça aos sentimentos do marechal Saldanha, quando acredito que elle não é capaz de querer abusar da situação em que se acha. Está na sua mão impedir que as funestas illusões que ultimamente se dissiparam, não sejam substituidas por outras, que venham pôr em risco a independencia da nação e do throno. Tenho fé na sua honra, no seu pundonor de militar e de cavalheiro; e confiadamente entrego ao amigo e ao general de meu pae o futuro d'este paiz e d'esta corôa. É minha firme resolução que sejam extirpados todos os abusos, que se não sophisme o systema constitucional, e que o meu nome não sirva mais para cobrir injustiças. Deve crêl-o e póde assegurál-o a todos. E faça com que os inimigos da monarchia não contem por triumpho seu o que só deve ser a victoria da rasão e da moralidade pública.

«Assim o espero do duque de Saldanha, e lh'o agradeço de todo o coração [1].»

[1] *Catal. Guim.* – Cartão D. – II. — Ignoro se foi expedida. A minuta é letra de Garrett.

A marcha do vencedor e a sua entrada na capital tiveram ares de triumpho. Todos lhe conheciam a volubilidade politica, e poucos se fiavam n'elle. Porém o paiz estava tão cansado de revoluções, que, ouvindo-o prometter que daria cabo d'ellas com a reforma da carta, recebeu-o de braços abertos. 'Carta reformada', segundo os votos de Garrett, manifestados desde muitos annos, e já a este tempo apoiados por muita gente, era o programma da nova situação. Organisou-se o governo, entrando o duque para a presidencia, no dia 1 de maio; a pasta do reino, depois de varias saídas e entradas, desde esse dia até 7 de julho, passou para Rodrigo da Fonseca Magalhães, bem como ecclesiasticos e justiça, que primeiro teve Marino Miguel Franzini, e depois Joaquim Filippe de Soure; guerra, primeiro, barão de Francos, e depois Saldanha; marinha, barão de Francos, depois barão da Luz, depois marquez de Loulé; estrangeiros, barão da Luz, depois Antonio Aluisio Jervis de Athoguia; fazenda, Marino Miguel Franzini, e, em 21 de agosto, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Este gabinete, por vezes recomposto, creou o ministerio das obras públicas, commercio e industria [1], cuja pasta regeu por mais de tres annos, a contar da sua creação, Fontes Pereira de Mello; e foi o mais fecundo em resultados práticos, o mais liberal, emprehendedor e audaz nas suas reformas, que teve Portugal, desde a restauração do throno da rainha até áquelle tempo. A elle se deveram todos os progressos materiaes que operaram no paiz a grande e benefica revolução economica, que, restaurando-nos o credito, nos levantou ao nivel das nações cultas.

[1] Por decreto com força de lei de 30 de agosto de 1852.

II

É cedo para julgar os homens que fizeram tal mudança, um dos quaes, talvez o mais energico, e certamente o de mais audazes emprehendimentos, está vivo ainda. Mas quando chegar para elles todos o dia da justiça, como penso que chegou já para Garrett, a historia perdoar-lhes-ha as suas faltas, porque as tiveram — eram homens — em attenção aos immensos beneficios de que encheram a nação, embora com grandes sacrificios d'ella tambem.

O ministerio constituíra-se em dictadura para começar as transformações que tinha em mente. A primeira d'ellas devia ser a promettida reforma da carta, que não poderia fazer-se sem que a nova camara fosse eleita com podêres para isso. As idéas do governo, todas de conciliação, eram, segundo se tem visto, as de Garrett. Não podia, portanto, este deixar de ser consultado, e immediatamente o foi com effeito. Adherindo ao movimento regenerador, bem como a maioria dos homens illustrados, que pugnavam pela união do partido liberal, o poeta, ainda depois de mais tarde se ter declarado em hostilidade com alguns dos ministros, apoiou até á morte a politica inaugurada por esse movimento, embora nem sempre concordasse com todos os actos do governo. Tornára-se público o seu pensamento, e Saldanha adoptára-o, d'esta vez com sinceridade, encarregando-o de dar as bases do projecto, que depois se discutiu e converteu em lei. Boa ou má, d'essa obra, julgada já hoje insufficiente para acompanhar o desenvolvimento progressivo da sociedade politica [1], nasceu a paz

[1] Escreveu-se isto antes da apresentação ao parlamento das novas reformas, que vão discutir-se (1884).

no campo liberal. Ao acto addicional, pois, deve attribuir-se o exterminio das revoluções que nos flagellaram durante longos annos.

O mais ardente propugnador da reconciliação dos partidos, escrevêra, no *Elogio historico do barão da Ribeira de Sabrosa*, lido no conservatorio, em 1843: «Confessarei, senhores, que o meu natural indulgente, incapaz de longos odios, a minha crença na superioridade das forças moraes em materias politicas, me inclinou sempre a pensar que todas estas e similhantes desavenças deviam ser afogadas pela generosidade e apagadas pelo silencio e pelo esquecimento de quem mais rasão tivesse ou mais rasão julgasse ter. Não sei se me enganei — não sei se me engano, pois que ainda persisto na mesma theoria; mas, se assim é, hei de morrer enganado, porque até o último instante da minha vida hei de crer na generosidade e na indulgencia, hei de reputar cobardia as vinganças politicas [1].»

Na salinha da rua do Salitre achei um dia reunidos o dono da casa, Rodrigo, José Estevão, e Larcher. A sessão terminára quando eu entrei. Depois de sairem os tres, vi que o poeta ficára de mau humor, resmungando, e passeando pela sala. Como eu olhasse para elle, sem interromper-lhe a meditação, parou diante de mim, dizendo, entre outras coisas, que quem se votava á vida politica ou havia de viver só ou sacrificar a consciencia aos partidos, e aos homens que se diziam seus amigos.

— Partidos! — repetiu, ironicamente. — Estavamos aqui quatro homens, e eramos quatro partidos! No fundo, queremos todos a mesma coisa; mas não nos entendemos no modo, e é por isso que em Portugal tem morrido tanta gente!

[1] *Obras*, tomo XXIII, pag. 399 a 400.

Depois de largas discussões, terminou elle a redacção do que depois chamava «emplasto ou remendo deitado na carta». Não era porém só d'este trabalho que se occupava com os ministros [1]. O acto addicional foi até posto de parte, depois da entrada de Rodrigo, por causa dos negocios da concordata; e retomado em outubro ou novembro. Esse documento, além de providenciar sobre a regencia, regulou tambem quanto a deputados que acceitem empregos, modo das eleições, tratados internacionaes, cobrança de impostos, governação ultramarina, e introduziu na legislação do paiz um grande principio humanitario: a abolição da pena da morte por crimes politicos. Remendo ou não, esta unica disposição honra os legisladores que a votaram e os ministros que a levaram á sancção da soberana e com ella assignaram. Esses benemeritos da humanidade foram o duque de Saldanha, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Antonio Luiz de Seabra, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, visconde de Almeida Garrett (visconde desde 25 de junho de 1851 e ministro desde 4 de março de 1852), e Antonio Aluisio Jervis de Athoguia. As côrtes decretaram o acto addicional a 2 de julho de 1852, e a sancção régia é de 5 do mesmo mez e anno.

Garrett e os seus collegas persuadiram-se que as alterações introduzidas na lei fundamental preveniam ma-

[1] Ha coisas que me parece desnecessario documentar: todavia, para provar que não sendo elle ministro os ministros se reuniam em sua casa, para trabalhar e discutir — o que é evidente testemunho da superioridade que lhe reconheciam — aqui dou uma das cartas que lhe escrevia o presidente do conselho:

«Ill.mo e ex.mo sr. — Meu querido visconde. Se v. ex.ª permittir, ámanhã pelas duas horas se reunirão os ministros e o amigo Larcher em casa de v. ex.ª para tratarmos do acto addicional que primeiro que tudo devemos apresentar á camara de D. D. — De v. ex.ª — amigo verdadeiro — S. C. 24 de dezembro 1851. = *Saldanha.*»

les futuros, e evitariam para sempre novas desuniões. N'isto se enganaram; mas a culpa não foi d'elles, e as suas boas intenções merecem que a historia lhes dê agradecidos louvores.

III

Discutido, approvado e convertido em lei o acto addicional, e adoptadas pelo governo outras medidas de que adiante se dará conta, lentamente se foram diluindo os odios; e de tal modo se baralharam por fim os homens que compunham as diversas fracções do partido liberal, que seria hoje muito difficil, se não impossivel, separál-os. Causaria até espanto, a quem soube onde estavam n'esse tempo muitos d'elles, encontrál-os onde estão agora.

Eram ainda vivos quasi todos os que por amor da liberdade se tinham distinguido no exilio, nas prisões, nos campos de batalha, na imprensa e na tribuna. Conservavam a mesma fé, a mesma constancia, o mesmo afêrro ás suas crenças. A geração nova d'esse periodo admirava-os, mesmo quando discordava das opiniões d'elles; e perguntava-lhes como tinham podido ser a um tempo soldados e estadistas, poetas e oradores, profundos nas sciencias de gabinete e nas de campanha, capazes de affrontar a morte e de resistir ás pretensões da curia romana. Respondiam alguns, modestamente, que tudo se devia á constancia dos seus companheiros; que esses tinham sido grandes, porque amavam sinceramente a causa a que se devotaram. Que por meio de intrigas e de calúmnias os desuniram traidores, na esperança de ver destruida a grande obra; mas que, agora, reconhecido o fim com que se pretendia tirar partido das suas dissidencias, desejavam uma fusão

sincera; e chamar a si os proprios miguelistas, que quizessem prestar obediencia ás leis do progresso, sem quebra dos seus principios, para que se franqueiasse o parlamento a todas as intelligencias, a imprensa a todos os talentos, e cessassem de vez as discordias que ateiavam odios injustos e liberticidas. Que tendo sido creados na escola da adversidade, deviam fazer-se mutuas concessões, acolher e dirigir em commum a mocidade que havia de receber-lhes a herança, e cimentar, emfim, a gloria do partido liberal por esse acto de abnegação sublime.

Tal era o bello pensamento da regeneração, depois mal interpretado por uns, e quasi estragado por outros... Mas extirparam-se dos nossos costumes politicos as revoluções constantes; restabeleceu-se o credito; iniciaram-se os pagamentos em dia; cobriu-se o paiz de estradas; inaugurou-se a rede dos caminhos de ferro, e levou-se a civilisação e a vida a todas as provincias do reino, ás ilhas e ás colonias — com a navegação a vapor, com a extincção da escravidão, a abolição dos morgados, e o aniquilamento dos ultimos privilegios que prendiam ainda ao velho regimen os membros da nação.

Honra e gloria, pois, aos que nos trouxeram esses beneficios e progressos! Quaesquer que fossem os seus erros, por muito caros que nos custassem os melhoramentos que iniciaram, não lhes regateiemos os louvores, para que a historia — quando lhes fizer a justiça que ainda lhes negam as paixões — não nos chame parciaes e mal agradecidos. Todos, amigos e adversarios, estamos gósando os fructos da semente que elles lançaram á terra. A bandeira da regeneração cobriu generosamente os varios campos adversos: o governo que a hasteava não perguntou a ninguem d'onde vinha, nem hesitou em nomear para os mais altos cargos pessoas

que lhe eram desaffectas. Pela primeira vez, depois da restauração da liberdade e do throno da rainha, se viram ministerios procurar o merecimento, onde quer que estivesse, e não dar preferencias a correligionarios politicos, quando estes o não tinham. Quasi todas as grandes intelligencias e provados talentos adheriram ao movimento regenerador, embora não faltasse então quem maldissesse a arvore abençoada da qual comia os fructos[1].

IV

Antecipei-me n'este golpe de vista para não interromper com tanta frequencia o fio da narração. Todavia, não deixarei de nos logares competentes me referir aos factos mencionados n'este resumo. Retomemos pois a ordem chronologica dos successos.

Desde que o movimento do Porto abalára o ministerio do conde de Thomar, Garrett, que julgava Rodrigo capaz de pôr em prática o pensamento de reconciliação, que desde tantos annos tinha em mente, fez insinuar á rainha, que chamasse aquelle estadista para organisar o novo gabinete. Respondeu-se-lhe que sim, comquanto se mudasse logo em seguida de opinião, dando-se o encargo ao duque da Terceira. João preveniu Rodrigo,

[1] No ministerio da marinha, por exemplo, onde quasi todos os empregados pertenciam ao partido do governo caído, quando no dia 1.º de cada mez iam á pagadoria receber os seus vencimentos, entravam chasqueando, com os recibos na mão, e perguntavam ao pagador, entre muita chalaça grossa, se ainda durava a *melgueira*.— Com que então, estes marotos pagam em dia, hein?! Isto ha de durar muito!...—E mettiam no bolso o ordenado por inteiro, quando em muitos dos annos anteriores comiam por mãos de agiotas, que por vezes lhes davam apenas 5 por cento da totalidade do pagamento! A ausencia dos pontos, e da agiotagem, que os devorára, assanhava-lhes a paixão politica!

que lhe respondeu com a seguinte carta (não diz o mez, que deve ser abril):

«Meu caro João. — 26. — Agradeço-te mais esta prova de amisade que realmente me penhora de muita gratidão.

«Não tem vindo nem ha o menor indicio de que venham ter commigo. Estão ainda no campo dos Cabraes — *mutato nomine* e mais nada. V. de Castro foi insinuado para ir á R. e aconselhou-a a que não despedisse o C. de Th. Houve dissabores, etc., etc. O amigo Marcos é pela saída prompta pelo que os actuaes... o detestam.

«*Quid quod est* — pódes ter a certeza de que sinto todas as repugnancias do mundo — mas pódes ter a certeza de que se alguma coisa occorrer tu serás a quasi unica pessoa com quem combinarei ou não, mas descreio; e os teus conselhos serão os mais attendiveis comtanto que me não deixes só. — Teu m.to do c. = *Rodrigo.*»

Mais adiante se verá como e quando este amigo foi chamado, e a lealdade com que procedeu em relação a Garrett.

V

O barão da Senhora da Luz, ministro interino do reino desde 1 a 17 de maio, por ausencia de Saldanha, escreveu a João, antes da chegada d'aquelle, para que lhe fizesse as minutas dos decretos de reintegração do marechal nos logares de mordomo mór, e de ajudante de campo de el-rei. A carta prevenia que o pedido vinha do proprio marechal[1]. Como se vê dos documentos, não podia ser mais nobre nem mais bello o papel conciliador do poeta. Por um lado tenta salvar a dignidade da rainha,

[1] *Catal. Guim.* – CARTÃO C. – I.

dictando-lhe uma carta séria para Saldanha, e recommenda moderação e concessões, temperadas pela sabedoria; por outro, dirige, logo ao principio, a opinião do novo governo, e imprime na revolução o caracter de prudencia que a torna bemquista.

Durou dias successivos a festa que Lisboa fez ao duque. Dedicou-lhe um hymno — era de rigor — e cantou-lh'o em todos os theatros, com muitos versos mais ou menos felizes. No camarote dos ministros destacava-se a figura sympathica e attrahente do marechal, assistindo, de pé, aos cantos e recitações, e puxando de vez em quando pelo lenço branco, que levava aos olhos, com apparencias da maior sensibilidade, a cada phrase poetica mais frisante, produzindo com as suas verdadeiras ou suppostas lagrimas effeito verdadeiramente pathetico, e enthusiasmo indescriptivel. Elle era tão grande artista para estes lances como o proprio Rodrigo; hesito em descriminar qual dos dois seria mais mestre[1].

A 22 de maio teve logar uma das reorganisações ministeriaes, a que já alludi, entrando — para o reino, José Ferreira Pestana; justiça, Joaquim Filippe de Soure; fazenda, Marino Miguel Franzini; marinha e ultramar, marquez de Loulé; estrangeiros, Antonio Aluisio Jervis de Athouguia; presidencia e guerra, duque de Saldanha. E no dia seguinte deu este governo a prova mais incontestavel da sua generosidade com o decreto

[1] Apesar do meu cruel dever de historiador me obrigar por vezes a referir as fraquezas e leviandades de Saldanha, confesso que elle tinha todas as minhas sympathias, como homem. Embora não espontaneamente, porque era a pedido dos actores, instados pelo público, para recitar, fui eu quem n'essa occasião improvisou maior numero de versos, em seu louvor, citando os seus serviços á liberdade, e applaudindo o pensamento da reforma da carta. Esses versos, dados por mim a um amigo, então infeliz, publicaram-se, *pane lucranda,* n'um livrinho, hoje rarissimo, de que nem sequer me lembra já o titulo.

d'essa data, anullando outro de 1834, no liberalissimo intuito de restituir todos os direitos politicos aos que então os tinham perdido[1]. Facilitava-se a admissão no serviço aos officiaes que havia fóra d'elle, qualquer que fosse o seu partido, sem excepção dos miguelistas. Na sessão da camara dos deputados, de 2 de março de 1852, affirmava o presidente do conselho que entre todos esses officiaes não havia agora um unico «que não estivesse decidido a dar a sua vida pela rainha e pela carta».

Por decreto de 25 de maio, assumindo o ministerio a dictadura, dissolveu as côrtes, e convocou outras para 15 de setembro, com podères para reformar a carta. Completavam-se n'esse dia cinco annos que outras similhantes haviam sido dissolvidas pela gente que promovêra a revolução do Minho! A 26, foi nomeada a commissão que devia ordenar as instrucções para a lei eleitoral. Eram seus membros Garrett, Alexandre Herculano, Antonio Rodrigues Sampaio, Rebello da Silva, José Estevão, Fontes, Rodrigo da Fonseca, D. Christovão Manuel de Vilhena, Antonio de Azevedo Mello e Carvalho, etc., etc. A escolha d'estes nomes prova a sinceridade do proceder de Saldanha em tal conjunctura. Não se tratava só de unir toda a familia liberal, mas todos os portuguezes.

Todavia, se a reunião de tantos homens de partidos oppostos honrava os sentimentos do governo, havia grandissima difficuldade em pôr de accôrdo as opiniões d'elles. Garrett, principal auctor do generoso pensamento de reconciliação, e então confidente e conselheiro de Saldanha, luctou com os maiores embaraços no seio da commissão, e não conseguiu realisar a sua idéa, tão completamente como desejava.

[1] Veja-se *Diario do governo*, de 6, e *Regeneração*, de 7 de junho de 1851.

VI

No principio de junho o nomeou o governo plenipotenciario para proseguir as negociações encetadas com a curia romana[1]. É sabido que as relações de Portugal com a santa sé estiveram interrompidas, porque o governo da rainha não queria reconhecer os bispos nomeados por D. Miguel, os quaes o papa confirmára[2]. Depois de longas controversias, restabeleceram-se as relações em 1841, passando Portugal, segundo o seu triste costume, nos tempos modernos, por baixo das forcas caudinas. A curia, tambem seguindo as tradições da sua tortuosa e d'esta vez desaforada politica, aproveitára o interregno, nomeando vigarios apostolicos para o Oriente, com instrucções para ali nos espoliarem de muitas igrejas do padroado. Os agentes da *propaganda fide* illaqueavam os nossos missionarios na Asia, encarecendo com falsas côres o schisma que o desaccôrdo creára em alguns pontos das provincias do norte de Portugal; e quando não os convenciam a passar-se para elles, assaltavam-lhes os

[1] «Merecendo a minha real consideração a reconhecida illustração e vastos conhecimentos, zêlo, e lealdade de que tem constantemente dado as mais evidentes provas o conselheiro João Baptista de Almeida Garrett, meu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em disponibilidade, hei por bem nomeál-o meu plenipotenciario para conferenciar com o internuncio extraordinario e delegado apostolico de sua santidade n'esta côrte, e proseguir nas negociações já começadas entre a mesma côrte e a santa sé até á sua final conclusão. Paço das Necessidades, em 3 de junho de 1851. (O catalogo impresso no tomo XXII das *Obras*, pag. XXIII, diz 11 de junho, em vez de 3.) = RAINHA. = *Antonio Aluisio Jervis de Athouguia.*» (Arch. dos neg. estrang.)

[2] Quem quizer seguir essa historia veja *Supplemento á Collecção dos tratados*, etc., por Julio Firmino Judice Biker, tomo XXX, parte II.

templos, apoderavam-se das alfaias, e expulsavam-n'os á viva força, deixando-os a pedir esmola: porque a guerra dos papistas, em regra, é sempre feita ao dinheiro. Com as suas violencias e calúmnias estabeleceram na igreja do Oriente outro schisma de peiores effeitos que o de Portugal.

Reatadas as relações e confirmado arcebispo primaz do Oriente D. José Maria da Silva Torres, deu o governo instrucções a esse prelado para reivindicar todos os direitos do padroado, interrompidos pelas usurpações de Roma, restabelecendo os principios indiscutiveis da posse do padroeiro. Os propagandistas, privados por sua vez dos proventos extorquidos aos missionarios portuguezes, queixaram-se do arcebispo. Gregorio XVI enfureceu-se e escreveu a Silva Torres a celebre *monitoria* de 1 de março de 1845, censurando asperamente os seus actos, como se elle fosse empregado da curia e não funccionario subsidiado pela nação portugueza. O governo de D. Maria II, vergando novamente ás reclamações da santa sé, teve a fraqueza de ceder, transferindo o arcebispo, que foi obrigado a fazer *amende honorable* ao santo padre, e a trocar o titulo de primaz do Oriente pelo de arcebispo de Palmyra. acrescentado com a nomeação de coadjutor e futuro successor da sé de Braga e o cargo de commissario da bulla da cruzada.

Na allocução do consistorio secreto de 17 de fevereiro de 1851, Pio IX referiu estes factos, fazendo historia a seu modo e gôsto. Magoou-se o ministerio de Lisboa, e encarregou Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa de fazer uma memoria de resposta á dita allocução. Apesar de escripto com a erudição e intelligencia de que seu auctor deu sempre sobejas provas, mereceu-lhe esse trabalho a injusta qualificação de ultramontano, imposta por Alexandre Herculano e outros homens notaveis. Bar-

tholomeu escreveu com as melhores intenções e boa fé, e em circumstancias muito difficeis. Liberal sincero, póde ter peccado por erro de entendimento, mas nunca voluntariamente.

Achavam-se, pois, de novo suspensas as negociações, quando Garrett foi encarregado de as proseguir. Era internuncio monsenhor de Pietro, arcebispo de Beryto.

VII

A portaria, mandando remetter o pleno podêr ao poeta, tem a data de 25 de junho (dia da sua elevação a visconde), e é assignada por Jervis[1]. Em 6 de julho, recompondo-se o ministerio, escrevia Garrett ao nuncio, dizendo-lhe que se o novo governo entrasse no caminho que elle desejava, continuaria a esforçar-se por levar ao fim o seu empenho; e que no caso contrário renunciaria a tomar parte nas negociações[2]. O nuncio, que recusava vir a qualquer accôrdo, allegando que Portugal não cumprira os ajustes feitos em 1848 com o seu antecessor, declarou que só o respeito e sympathia que tinha pelo novo plenipotenciario — *una persona per merito letterario così distinta* — o demovêra d'esse proposito[3].

Os dois primeiros assumptos a tratar eram regularisar a jurisdicção ecclesiastica, mantida a suppressão do extincto tribunal da nunciatura; e a publicação immediata da bulla da cruzada. Em seguida se ligariam por uma concordata definitiva todas as outras providencias, tendentes a melhorar tanto na Europa como nas provincias ultramarinas o estado da igreja lusitana[4].

[1] *Catal. Guim.* – Cartão F. – III.

[2] Idem. —Veja adiante a carta de Rodrigo.

[3] Idem.

[4] Idem.

Em officio de 1 de agosto expõe Garrett minuciosamente aos ministros da justiça, estrangeiros e marinha os esclarecimentos de que precisa, para fixar n'uma conferencia decisiva com o internuncio os pontos da questão do padroado portuguez na Asia, e da organisação das igrejas na Africa. N'esse officio propõe uma serie de quesitos interessantes, alguns dos quaes se poderiam fazer ainda hoje[1]. A 10 do mesmo mez remette ao internuncio cópia do preambulo para o summario da bulla da cruzada, em cuja redacção procurou conciliar as dúvidas offerecidas pelo negociador romano «com o que pedia a verdade dos factos e o decoro da nação e da corôa portugueza[2]». Remette outra cópia na mesma data ao arcebispo de Palmyra, commissario nomeado, dizendo-lhe ter officiado ao ministro para que «se soltem immediatamente com o beneplacito regio o breve de v. ex.ª e o do seu vice-commissario, a fim de se installar em funcções e se organisar quanto antes a junta geral na fórma assentada[3]».

Eram taes e tantas as exigencias e meticulosidades do internuncio que até pretendia intervir na escolha dos empregados da bulla! E o caso é que alguns patrocinados por elle foram admittidos: é verdade que a sua admissão tornava-se conveniente, por terem sido da repartição da antiga bulla. A 24 de agosto officia este diplomata a Garrett, queixando-se de não estar nomeada a junta, que devia fazer com o commissario o respectivo regulamento, e diz que já não era cedo para irem os summarios para a India. Conclue, asseverando que se tambem d'esta vez fosse illudida a santa sé, não se regulariam os outros negocios pendentes.

A 22 de outubro participa Garrett ao arcebispo «estar

[1] Loc. cit.
[2] Idem.
[3] Idem.

emfim concluido o negocio da bulla, e occupado o commissario da organisação da junta e suas dependencias».

VIII

Proseguiram entretanto as negociações sobre os outros assumptos pendentes. Rodrigo, já a este tempo ministro interino da justiça, e Bartholomeu dos Martyres, official maior da mesma secretaria, assistiam muitas vezes ás conferencias, para prestarem os esclarecimentos exigidos pelos dois negociadores. As discussões, quasi sempre longas e fastidiosas, pareciam não poder terminar nunca, sobretudo na parte que dizia respeito aos direitos do padroado. Monsenhor di Pietro era tão manhoso, que se poderia suppor que accumulava em si todas as subtilezas e artificios da curia inteira para defender as usurpações dos padres da propagação da fé na India: a tudo punha objecções; e não queria ceder terreno, luctando com tres mestres, todos adestrados contra as finas argucias da côrte de Roma. Garrett podia dizer-se a intelligencia superior, o talento poderoso d'esse triumvirato illustre; Rodrigo, habil estadista, profundo sabedor da historia, era ao mesmo tempo o engenho matreiro e o actor inimitavel, que fazia damnar o internuncio — pelo achar da sua força em astucia, e muito superior a si na parte comica, com que o desnorteava; Bartholomeu, optimo latinista, tendo na ponta da lingua todas as letras pontificias, bullas, breves e rescriptos, servia como que de memoria aos dois, e era o auxiliar insubstituivel para citar ao delegado da curia os documentos e as datas que mais nos convinham, lembrando a todos os momentos, além do que estava clara e legalmente estatuido, as passagens de interpretação duvidosa, mas que podiam traduzir-se em pro-

veito das regalias da corôa, sem offensa do direito canonico.

O nuncio, quando se sentia encovar, saía pelo outro lado da questão. De uma das vezes, tratando-se das bases da concordata, e tendo dito que a religião catholica continuava a ser a da monarchia portugueza com todas as consequencias que d'ahi se derivavam, interrompeu-o Garrett, advertindo-o de que não se estava tratando d'isso; mas que, se elle queria sustentar discussões de tal ordem, se demittiria, visto ser a primeira consequencia, que se pretendia tirar, a inspecção da curia no ensino superior. Filho e apostolo da escola liberal, jamais annuiria a similhante concessão, e fez notar que a universidade de Coimbra ensinava livremente, desde seculos, sem que Roma tivesse tido motivos para queixar-se.

— Perdão — volveu o nuncio — a santa sé não admitte parte das materias que hoje se ensinam nas escolas superiores de Portugal, nem acceita a maioria dos compendios actualmente approvados para essas escolas.

— Fallemos do padroado — tornou Garrett. E foi insistindo sobre ser essa questão tão simples de tratar, e que Roma a tornava difficil, por continuarem as invasões dos vigarios apostolicos nas nossas igrejas do Oriente.

Trazido novamente para esse terreno, repizava o arcebispo que não cumpriamos os deveres que derivavam do nosso direito, e que não tinhamos padres sufficientes para lá exercer o culto. Replicava João, que o que tinha sempre complicado as negociações eram as dúvidas e pendencias de mais ou menos boa fé, suscitadas de uma e outra parte, sobre o cumprimento das obrigações mutuas. «Exageram-se de um lado as faltas que temos tido como padroeiros, negam-se do outro todas essas faltas. E eu creio, eu sei que a verdade está

no meio d'isto; e que o modo seguro e infallivel de tratar a questão era dizer lealmente a verdade[1]».

Quando iam quasi concluidas as negociações da bulla, recompoz-se o ministerio. E Garrett, que esteve para entrar n'essa recomposição, segundo logo veremos, sendo logrado por Saldanha e Rodrigo, quiz demittir-se. Rodrigo, habil como sempre, dissuadiu-o por então; mas não o contentou, como se vê d'esta carta a Bartholomeu dos Martyres:

«Setembro 25 (1851).

«Exmo camarada e amigo. — O nome do meu afilhado, que pede licença para se vir curar ao continente, por não haver na ilha Graciosa medico nem botica!! — é Antonio Maria de Albuquerque Couto e Brito. — Peço-lhe que me mande a licença (o requerimento está na secretaría); eu respondo do emolumento.

«Tambem me interésso pelo requerimento a que se refere o memorial junto, do bacharel Gallão. Peço-lhe que me diga sobre estes dois alguma coisa para eu dar conta de mim.

«E por tudo quanto ha livre-me do N. (nuncio) e livre-me dos pretendentes soltando esse infeliz negocio da bulla. Concluido isto, eu estou na certa resolução de (me?) exonerar de um encargo que nem (dá?) honra, nem proveito.

«No estado em que os meus predecessores deixaram as negociações, é difficil tirar honra de qualquer conclusão. E por outro lado vou-me desenganando de que o actual ministerio, como todos, em tudo cuida e cuidará muito bem, menos nos seus amigos.

«Ad.^{s}, perdôe este desabafo de antigo camarada, e

[1] *Obras,* tomo XXIII, 1871, pag. 241. Nos seus discursos de 10 de fevereiro e 4 de março de 1854, tratou estes assumptos do padroado de modo digno e honroso.

creia que sou — De v. ex.ª — am.º velho e certo = *Almeida Garrett.*»

Apesar d'este proposito, proseguiu com as conferencias. E nas vesperas da sua saída do gabinete, a 13 de agosto de 1852, lhe passou o internuncio uma nota verbal, dizendo que, segundo instrucções da santa sé, as negociações deviam d'ali em diante continuar-se em Roma. A 16, dia anterior ao da sua demissão de ministro, escreveu o projecto de resposta áquella nota, que em officio de 31 do mesmo mez remetteu ao seu antecessor Jervis, dizendo que d'esse projecto fizesse o uso que lhe parecesse conveniente, «porque eu não posso nem devo, em nenhuma qualidade, continuar a tomar parte n'essas negociações[1]».

A resposta de Garrett é digna e energica. Refuta as pretensões de Roma, sustenta os direitos da corôa, e demonstra o porque as negociações só em Lisboa podiam e deviam proseguir até terminarem[2].

IX

Vejamos agora a serie de nomeações que recaíram sobre o nosso auctor, galardoando os seus merecimentos durante os primeiros tempos da regeneração, que lh'os utilisou largamente. Além das já citadas, foi feito, por decreto de 23 de junho, vogal da commissão para a reforma da academia real das sciencias de Lisboa e re-

[1] *Catal. Guim.* – Cartão F. – III.

[2] No respectivo masso do *Catal. Guim.* estão muitos documentos, mas não todos os que se produziram com relação a estas negociações. Garrett foi por vezes plenipotenciario, porém guardou apenas a correspondencia trocada, quer official quer particularmente, com o arcebispo (depois cardeal) di Pietro, e com os ministros. E essa mesma não me parece completa.

dacção dos novos estatutos[1]. A 25 passou-se a portaria, enviando-lhe o pleno podêr para as negociações da bulla: d'essa mesma data é o decreto que o elevou a visconde de Almeida Garrett. De todos os documentos officiaes, tendentes a premiar-lhe os serviços, é este um dos mais honrosos pela referencia que faz aos seus *longos serviços, zêlo, probidade,* e, sobretudo, *desinterêsse não vulgar.* É digno de louvor o ministro justiceiro e probo que assim o mandou escrever e o referendou[2].

A 26, vogal da commissão para as bases da lei eleitoral; a 28, dito para a da reorganisação dos differentes ramos do serviço público. Por sua indicação se creou d'ahi a pouco o conselho ultramarino, do qual tambem foi membro[3].

[1] O decreto, redigido por Garrett, vem no *Diario do governo,* de 30 de junho de 1851, pag. 708, e tem a data de 23 e não 28 como se lê no catalogo do tomo XXII das *Obras,* pag. XLIII.

[2] «Querendo dar a João Baptista de Almeida Garrett, do meu conselho e fidalgo da minha casa, solemne testemunho do muito apreço em que tenho a sua illustração litteraria e os longos e valiosos serviços que, desde o principio da lucta em que esteve empenhada a minha corôa e a liberdade da nação até hoje, constantemente tem prestado, dando-me contínuas provas de superior intelligencia, zêlo, probidade, e desinterêsse não vulgar; hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de visconde de Almeida Garrett em duas vidas. O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 25 de junho de 1851. = RAINHA. = *José Ferreira Pestana.*» (Arch. do min. do reino.)

[3] Este decreto igualmente merece louvor, pelos termos em que é concebido. Diz assim:

«Attendendo ao merecimento do visconde de Almeida Garrett, juiz do tribunal do commercio de segunda instancia, á sua longa experiencia do serviço público, e aos seus grandes conhecimentos em administração e jurisprudencia: hei por bem, na conformidade do artigo 3.º do decreto d'esta data, nomeál-o vogal effectivo do conselho ultramarino. O ministro e secretario d'estado dos nego-

É claro que, exceptuada a do conselho ultramarino, todas as outras commissões eram gratuitas, rendendo-lhe apenas muito trabalho. Como no tempo da revolução de setembro, e em 1846, tambem agora o encarregavam da redacção dos documentos mais importantes, apesar da incontestavel illustração dos ministros. Tinham-n'o por assim dizer encartado nos cargos de relator e secretario, especie de 'faz tudo' ou de 'pau para toda a obra'. Nas discussões politicas da camara chamaram-lhe os adversarios poeta com intenção; mas, quando eram seus collegas nas commissões, unanimemente concordavam em que elle devia saber tudo, de tudo entender, e punham-lhe ás costas todo o trabalho. E o certo é que os factos lhes davam rasão, porque esse homem extraordinario, no modo por que se desempenhava dos serviços mostrava que realmente para tudo possuia faculdades[1].

Até para a reintegração de Saldanha nos logares de mordomo mór e primeiro ajudante de campo de el-rei fôra preciso que elle fizesse as minutas dos decretos, conforme já se referiu! Em 4 de julho o barão da Luz lhe escreveu confidencialmente, dizendo que, se fosse possivel, sem offender o melindre do marechal, modificasse n'alguns pontos a lei eleitoral. Alludia a varias das alterações (quem sabe se inspirado pelo proprio Salda-

cios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 23 de setembro de 1851. = RAINHA. = *Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.*» (*Diario do governo,* de 20 de outubro de 1851, pag. 1:091.)

[1] No *Diario do governo,* de 15 de novembro de 1851, encontro o seu nome assignando tambem o parecer da commissão sobre uma proposta de caminho de ferro! Esse documento, que devia ter sido exclusivamente feito por technicos, contém muitas das idéas de Garrett, porque os engenheiros as acharam excellentes, e não duvidaram adoptál-as.

nha?!) e terminava, insinuando que se inclinassem mais na escolha «á gente moderada—considerem Algés, Lourenço da Luz, sem comtudo deixarem de considerar Julios, etc.[1]».

X

Deve parecer singular que homem tão util e tão necessario ao ministerio não tivesse sido desde o principio aggregado a este. E o espanto subirá de ponto, sabendo-se que em differentes epochas elle aconselhára a entrada de Rodrigo, e os calorosos protestos que este fazia de o querer sempre ao pé de si, estando agora ministro sem elle!

Em principios de julho, tratando-se de nova recomposição do gabinete, diziam os jornaes que se fallava em Garrett, Rodrigo, e outros, para essa recomposição. A *Revolução de setembro,* do dia 4, alludindo aos indigitados, escreveu que elles estavam desde muito n'uma liga encoberta e que se tinham approximado do governo para o minar e trahir. Feita a recomposição em 7, sem que n'ella entrasse o poeta, tornava o mesmo jornal a dizer n'esse dia:

«Damos os parabens ao sr. Garrett por ser eliminado da combinação ministerial. Pouparam-lhe o maior desaire por que podia passar na sua vida. Entretanto esta lição deve aproveitar-lhe; teve occasião de conhecer os seus amigos, que o desampararam á menor objecção que se fez ao seu nome, e que até lh'as mandaram fazer por terceiras pessoas.»

Foram effectivamente os seus *amigos* que intrigaram para impedir-lhe a entrada. Só no dia 6 teve elle conhecimento das palavras da *Revolução de setembro,* e escre-

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – I.

veu esta carta, que o citado jornal publicou sem commentarios no dia 8:

«Lisboa, 6 de julho de 1851.

«Sr. redactor da *Revolução de setembro*. — Não me foi possivel reclamar antes contra uma phrase que appareceu no seu jornal de sexta feira, 4 do corrente; e que, não obstante ser por extremo absurda, é comtudo muito offensiva da minha honra.

«Diz-se ali «que eu estava em uma liga *encoberta* que se *approximou* do ministerio decaído para o *trahir* e *minar*».

«A liga que fez caír a última administração nunca foi encoberta: todos conhecem bem, um por um, os colligados. Se um só d'elles affirmar que eu concorri jamais ás suas conferencias, ou tomei a minima parte em suas deliberações, ou em seus actos, consinto em partilhar a immensa responsabilidade politica e moral que sobre elles pesa.

«Quando porém eu julgasse dever ou poder ligar-me a qualquer opposição que se fizesse ao ministerio passado, havia de fazêl-o lealmente, generosa e francamente, como sempre fiz com amigos e inimigos, em todos os tempos e circumstancias.

«Tinha e tenho as minhas opiniões, que podem ser mais ou menos favoraveis á politica da administração passada. Mas nunca era capaz de me approximar d'ella, como fiz, senão pelas sympathias politicas de amisade, e de reciproca benevolencia. Para a *minar* e a *trahir* não sei se alguem se approximou d'ella. Nunca tal fez, e sobejas provas tem dado, como amigo, e como contrário, de que não é capaz de tal fazer, quem é — De v. etc. = *J. B. de Almeida Garrett*[1].»

A publicação d'esta carta assustou alguns dos que não

[1] *Revolução de setembro*, n.º 2:783, de 8 de julho de 1851.

o tinham querido comsigo, mas que precisavam d'elle. No dia 9 escrevia-lhe Saldanha, dizendo que, desgraçadamente, circumstancias que elle não ignorava, não tinham permittido a sua entrada na administração que fôra ultimamente reconstruida, e que lhe participava a mágoa que com isso tinha, bem como os seus collegas[1].

João, mais irritado com estas desculpas, que qualificou de hypocritas, escreveu a Rodrigo, demittindo-se das negociações com Roma. Apesar de manhoso, a idéa de perder o auxilio d'elle em similhante conjunctura, assustou-o, e escreveu-lhe:

«11 (de julho).

«Meu João.—Tu pódes pensar dos outros (exceptuando Fontes e eu) o que te parecer: mas a verdade pura é que Saldanha e Jervis queriam sinceramente que tu fosses seu collega. Nada sei do que houve antes; mas desde o momento em que trataram commigo vi-os decididos e gostosos. Isto é justiça.

«Não creias que o público isto ignore: sabe-se tudo. Depois, não denotaria a tua devoção ao serviço do paiz, e aos teus amigos que o são, quanto te merecia pouco interêsse essa tua entrada como ministro? Meu João — Olha que os que hoje te fazem zumbaias foram os teus mais fortes detractores, e o serão ámanhã. Tu queres deixar-me, a mim que tão pouco o mereço: que esperas que te diga?

«Eu tinha esperanças de ainda vencer algumas difficuldades, mas se tu persistes em não querer, como te hei de obrigar a não fugir de mim?

«Não fujas. Entendo que deves fazer n'esta negociação um dos maiores serviços ao paiz. — Teu do C. = *Rodrigo*[2].»

[1] *Catal. Guim.* – Cartão I. – II.

[2] *Catal. Guim.* – Cartão C. – II.

Ignoro se este habil politico continuou a insistir pela entrada de Garrett, que, em similhante occasião, e depois do que se tinha passado, não podia decentemente acceitar nenhuma pasta. O que sei é que Saldanha e Rodrigo foram grandes mestres na arte de manejar os homens, e que o nosso auctor, ingenuo e sincero, apesar do seu enorme talento, se deixou convencer por elles e lhes fez tudo que quizeram, segundo iremos vendo.

XI

Logo que se publicou a sua nomeação de visconde, não faltou quem se lembrasse do modo por que elle tratára os barões nas *Viagens na minha terra*. O auctor d'essa obra igualmente se recordava, e com frequencia alludia a isso, explicando aos amigos que fizera o sacrificio pela filha. Sendo sabido o seu gôsto por condecorações e titulos, quasi ninguem queria acreditál-o. Acreditei-o eu, comtudo; e acreditál-o-hão facilmente todos os paes que não forem egoistas ou ricos. O homem de caracter mais integro e independente, logo que toma familia, se é pobre, tem de ir modificando lentamente a sua austeridade, para não tornar victimas d'ella aquelles que mais ama. Quando se é só, póde-se estalar em silencio, não tolerando humilhações: muitos succumbem, ignorados, n'essa lucta desigual da virtude desvalida e intransigente contra necessidades imperiosas. Os que não se dobram a exigencias que o seu modo de ver lhes faz parecer menos dignas, morrem, deixando os filhos na miseria; os que consideram dever indeclinavel procurar o bem estar d'aquelles a quem deram vida, transigem, suffocando sentimentos que fariam a sua gloria, e cuja perda forçada lhes abrevia a existencia. Felizes dos que nunca experimentaram a violencia de taes situações!

Garrett não estava n'este caso. Comtudo, a sua mocidade passára-se em longa e cruel batalha com as precisões materiaes; continuava a ser pobre; porque jamais vendêra a consciencia e a probidade por nenhuma especie de ganancia. Pela filha, perdeu o medo ao ridiculo de deitar titulo, depois de ter rasgado a pelle aos barões, nas *Viagens*. Qual será o pae que ouse condemnál-o?

No seu testamento refere que supplicára muito e mui instantemente para que esse titulo fosse concedido sómente a D. Maria Adelaide; isto é, que se verificasse desde logo n'ella, sem passar por elle; mas que não pôde conseguíl-o. Deu-se-lhe em duas vidas, e acceitára-o, por se persuadir que seria uma ajuda de dote para a sua herdeira. Isto prova-se por uma carta do barão da Luz, dizendo-lhe, da parte do marechal, que os collegas se oppunham a que o titulo fosse «conferido por agora em sua filha — eu tomei sobre mim dizer-lhes que o dessem a v. ex.ª com a condição depois de o darem a outra vida... elles dizem que eu é que carregarei com a responsabilidade[1]».

João não quiz acceitar o decreto, sem a declaração das duas vidas. Foram, comtudo, vãos todos os esforços que fez para que se verificasse desde logo tambem na segunda. Parece que isto se lhe prometteu, e que chegou quasi a conseguir-se[2]. Porém a rainha oppunha-se ao reconhecimento da filha, dando rasões que o magoavam profundamente. Rodrigo, desejoso de fazer-lhe esquecer a verdadeira ou supposta deslealdade, de que

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – I.

[2] No archivo do ministerio do reino, junto ao decreto do titulo de visconde de Almeida Garrett, está uma especie de projecto de carta régia, não assignada, ou alvará, de lembrança, em que se diz que a segunda vida se verificará em quem se mostrar habilitado no juizo competente para succeder no titulo.

elle o accusára, empenhou-se com D. Maria II, que de uma das vezes lhe respondeu muito irada:

— Esquece-se de que está fallando commigo?! É preciso não ter vergonha para me fazer tal pedido!

— Bata, minha senhora! — volveu o ministro, imitando o philosopho antigo. — Bata, que eu tenho hombros largos; mas para que serviriam as honras e as grandezas, se não se dessem aos que mais as merecem?

— Já se lhe deram a elle; que se contente. A segunda vida, depois se verá a quem pertence.

— É fortuna, minha senhora, que homem de tão peregrino engenho goste d'essas coisas...

— Ora essa! Porque diz isso?

— Porque se assim não fosse, onde acharia vossa magestade recompensa digna de galardoar João Baptista de Almeida Garrett, que desde a emigração está aureolando com obras immortaes o reinado da primeira soberana constitucional?! Faça-lhe, pois, vossa magestade o que elle lhe pede para a filha, dignando-se attender o meu humilde mas sincero voto.

A rainha conhecia o talento de Rodrigo para representar, mas avaliava-o tambem como estadista eminente. Vendo-o fallar-lhe com tanta convicção, cessou de contrariál-o, deixando-o duvidoso sobre se condescenderia em assignar a carta régia. Todavia, quando o ministro voltou á carga, recusou terminantemente[1]. Á data do fallecimento do poeta, já ella tinha ido tambem dar contas a Deus dos actos da sua vida na terra; e depois ninguem mais se preoccupou com que se verificasse ou não na filha do principe da lyra portugueza moderna o titulo de viscondessa de Almeida Garrett.

[1] Depois de Garrett ficar mal com Rodrigo, referia este os promenores acima, e varios outros, chamando ingrato áquelle. Era talvez manha para attrahil-o de novo, ou fazer-lhe suppor que haveria ainda possibilidade de se obter a annuencia de D. Maria II.

XII

Entretanto, os ministros que elle accusava de não o terem querido para collega, incessantemente o importunavam. De um lado era Saldanha, e o acto addicional: do outro, Rodrigo, com a lei eleitoral; entre os dois, Jervis e o nuncio, com os negocios de Roma. Ainda em julho, Rodrigo, que tinha uma netinha muito doente, escrevia a Larcher, mandando-lhe os papeis sobre a citada lei, para que os levasse a Garrett: «A minha querida netinha está ás portas da morte — meu filho ausente, minha nora chorando sem cessar, e eu só a ver fugir a luz dos olhos que tanto prazer me davam». E mais adiante: «Mando-te o papel dos artigos alterados. Peço-te por Deus que tu e o João façaes esse trabalho porque conto apresentál-o ámanhã... Será o ultimo que eu apresente em meu nome, porque não creio ter forças para continuar [1].»

Dois dias depois torna a escrever a Garrett: «Mando-te os papeis que terás a paciencia de rever com os teus olhos de lynce. Talvez ainda aches que debicar. A materia é tão grave que só tu eras capaz de fazer o que se fez [2].»

XIII

No primeiro andar da casa n.º 16, em Belem, na correnteza do cáes que vae do largo ou praça de D. Fernando para a actual ponte dos vapores, ao pé dos arcos, que olham para o rio, passou o poeta o fim do verão e parte do outono de 1851. Iam muitas vezes a essa ca-

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – I.

[2] Idem.

sinha os correios de alguns dos ministerios, com pastas cheias de papeis, e os seus collegas das commissões: estes quasi unicamente para assignar o que elle escrevia. Lá encontrei tambem, em dias successivos, os membros do gabinete que mais frequentemente o consultavam.

Sem eu o saber, tinha-me elle recommendado ao ministro da justiça para segundo official da secretaria da bulla. Mandando-me com uma carta a Bartholomeu dos Martyres, este me disse estar já assignada a minha nomeação. Organisada a secretaria, e trabalhando-se ali por vezes até alta noite, diminuia a minha frequencia em casa do poeta, sobretudo quando elle estava fóra de Lisboa; mas cada vez que eu lá ía, encontrava ministros ou empregados das diversas repartições. Notei-lhe por isso que elle fazia quasi por si só de ministerio, como o nuncio fazia de curia; e que seria mais simples darem-lhe uma pasta, com os honorarios d'ella, para lhe não tomarem gratuitamente o tempo...

—E se fosse só isso!—me volveu, rindo.—Pagam-me quasi sempre com semsaborias! Tenho todos os incommodos da *pastellaria*, sem nenhuma das vantagens.— Pelo correr da conversa notei que estava n'esse dia de mau humor com o governo. Disse-me que se precisava crear um jornal que désse força á opinião, esclarecendo-a. E que se os negocios não melhorassem de aspecto não duvidaria elle fundál-o, comtanto que tivesse quem o ajudasse,

XI

Tomos II e III do *Romanceiro*. — Carta do poeta. — *Historia politica de los trovadores*, nota. — Primeiros apontamentos. — Redactores da *Regeneração*. — Porque se despedem. — A entrada de Rodrigo para o ministerio irrita muita gente. — Porque não vinga o projecto jornalistico de Garrett. — Lei sobre misericordias. — Ordem regular para as missões ultramarinas. — A mais pomposa das homenagens. — Quem a escreveria? — Deputado pela Beira. — Projecto de resposta ao discurso da corôa. — Pariato. — Continúa a exercer o logar de deputado. — Immerecida reputação de preguiçoso. — O que se devia entender por 'urgente'. — Discurso-historia do acto addicional. — Poder legal da camara para a reforma da carta. — A união dos partidos não é uma chimera. — Exordio da resposta de Rebello da Silva. — Membros da commissão central. — Já ministro, toma assento na camara dos pares. — Proposta de Mendes Leite. — Brilhante oração de Passos Manuel. — Outra, de Rodrigues Cordeiro. — Censo. — Fontes, reputado já então dos mais habeis parlamentares. — É approvado o acto addicional. — Extractos de duas cartas do bibliothecario de Braga. — Odio á letra redonda, n'este paiz de barbaros. — Carta de Garrett a Silva Abreu. — Resposta edificante. — Hoje podem carpir-se com rasão os homens de letras, porque já não ha Garretts que os desaffrontem.

I

No principio de outubro de 1851 saíram da imprensa nacional os tomos II e III do *Romanceiro*, contendo: um, dezeseis romances; e o outro, vinte e um, precedidos todos de advertencias philologicas e illustrativas. A introducção, que se lê desde pag. V a XLIX, do tomo II, é a melhor critica que até então se escrevêra entre nós sobre tal assumpto[1]. N'esse trabalho, como em tudo, o genio de Garrett antecipa-se ao seu tempo. Estudos re-

[1] Tinha-se publicado primeiro no tomo V da *Revista universal lisbonense*, de 1845-46, pag. 439, 450, 460, 473 e 483, com o titulo *Da poesia popular em Portugal*. E, no mesmo jornal, amostras dos romances no anno de 1846.

centes confirmam as suas opiniões e profundo saber [1]. A advertencia do tomo III fôra feita em Lisboa, a 9 de agosto; e as provas d'esse volume revistas em Belem.

Ordenou-me o poeta que escrevesse uma noticia d'esses livros, a qual se publicou, em cinco ou seis folhetins, na *Revolução de setembro,* dos fins d'esse anno. Encarregou-me igualmente de entregar aos jornaes os respectivos exemplares, para os annuncios, escrevendo-me para a casa Bertrand a seguinte carta:

«24 de outubro de 1851.

«... Desculpe não lhe escrever por minha mão, que não posso de cansado. — Aqui vae a ordem para lhe darem em casa dos srs. Bertrands tres exemplares dos dois volumes do *Romanceiro* de que se trata, sendo um dos ditos exemplares para a redacção da *Reforma,* o outro para a da *Regeneração* e o outro para a da *Revolução de setembro;* e peço que me faça o favor de os fazer entregar com os meus cumprimentos, rogando de minha parte o obsequio de inserir nos annuncios o que vae minutado no incluso papel. Observe meu amigo e tenha muito em vista, para o recommendar, que o principal ob-

[1] Veja-se, entre outros, a preciosa *Historia política de los trovadores* (Madrid, 1878 a 1880, 6 tomos), por D. Victor Balaguer, o glorioso restaurador da lingua e da poesia catalã. O *discurso preliminar,* que occupa 288 pag. do tomo I, póde considerar-se como compendio historico das linguas de *oc* e de *oil,* e dos logares onde ellas floresceram; é o mais rico e recente repositorio de noticias das vidas e costumes dos trovadores, e da sua influencia na sociedade e na historia do seu tempo. Balaguer, o Trovador de Montserrat, segundo o qualificou a critica européa, é o maior dos grandes poetas da sua raça. Nos estudos sobre os trovadores demonstrou tambem a sua superioridade de historiador e de critico, do mesmo modo que a revelára já anteriormente como estadista (foi tres vezes ministro), como orador, patriota ardente, e tragico de primeira ordem.

sequio consiste em que o annúncio seja impresso em letras grandes da maneira por que foi feito o do *Arco de Sant'Anna* na *Revolução de setembro* e segundo o estylo dos jornaes francezes, que é abarcando as linhas da composição toda a largura da pagina. Pelos motivos de conveniencia que facilmente comprehenderá, de evitar ciumes, etc., etc., insisto em que é indispensavel que o primeiro jornal em que sáia este annúncio seja a *Revolução de setembro*. Ella me tem feito sempre este favor nas outras minhas obras, e não seria coherente nem bonito da minha parte dirigir-me agora primeiro a outro jornal.

«Por minha parte vou dirigir-me tambem aos outros jornaes das diversas côres pedindo-lhes a inserção do mesmo annúncio. E quando todos o tiverem feito, então v. se occupará de redigir o artigo ou artigos analyticos de que tem a bondade de querer encarregar-se, e para o quê lhe mandarei, em poucos dias, os apontamentos que me pediu. (D'aqui por diante escreveu por sua mão.) Bem sabe que sou com affeição e estima. — De v. — am.º verdadeiro. = *Almeida Garrett.*

«*P. S.* Vae uma carta minha para o Sampaio da *Revolução* para se entregar com os livros juntamente [1].»

II

Em Belem, foi *chocando* a idéa do jornal, de que me tinha fallado. E, regressando a Lisboa, por meados de novembro, julgava-a em estado de saír da cas-

[1] Forneceu-me por esta occasião os primeiros apontamentos, que depois serviram de base a estas *Memorias*. Os meus artigos sobre o *Romanceiro*, apesar de insignificantissimos, tiveram a fortuna de lhe agradar. Quando fui ler-lh'os, estava presente o dr. Thomás de Carvalho, que por delicadeza os applaudiu tambem. Relendo-os agora, só tenho um pezar: é não poder sumir todos os numeros do jornal em que foram publicados.

ca, e vir espanejar-se á luz do sol. A folha ministerial intitulava-se *Regeneração*. N'ella collaboraram João de Andrade Corvo, redactor principal, Latino Coelho, Silva Tullio e outros escriptores notaveis. Com a noticia da entrada de Rodrigo para o ministerio, toda a redacção se demittiu em 4 de julho. Stigmatisando o modo por que o governo se recompunha, a *Regeneração* disse n'esse dia 4, que apoiára Saldanha «por elle ter proclamado a guerra aos corruptos e corruptores, e a regeneração moral do paiz; mas que Rodrigo representava a immoralidade e a corrupção».

Tal era então o conceito de que gosava entre a maior parte da mocidade estudiosa aquelle grande estadista! Rebello da Silva, que estava em optimas relações com Saldanha, antes da ida d'este para o Porto, e applaudíra o movimento regenerador, gabando-se até de que o duque lhe escrevèra, depois de segura a victoria nas provincias do norte, esperava ser ministro. Vendo entrar Fontes, tambem moço, e já notavel, Rebello despeitou-se. D'ahi a guerra que fez ao novo ministerio, no seu jornal *A Imprensa* (que mais tarde se fundiu com a *Ley*, de Mendes Leal, e se ficou chamando *Imprensa e Ley)*. Essa guerra tornou-se violentissima e sem tregoas contra Rodrigo, publicando-se no jornal editos affrontosos, que até os amigos de Rebello desapprovavam. Houvesse ou não motivos justificados, Rodrigo alienou muitas sympathias a Saldanha, embora mais tarde tornasse a recuperál-as, quando os irritados reconheceram que o accusado não era tão mau como o pintavam as paixões politicas.

III

Garrett desejava, como já se disse, crear outra folha da mesma politica da *Regeneração,* porém mais viavel

e viril do que ficára aquella depois da saída dos redactores citados. Para isso convidou Carlos Bento da Silva, e o auctor d'estes estudos, que seria o folhetinista, com liberdade de subir do rez-do-chão ao andar nobre, cada vez que quizesse. Antonio de Abranches Coelho, tabellião que então era em Lisboa, andava habilitando o jornal, como seu editor responsavel, quando nos foi empalmado o titulo, por D. João de Azevedo. *Esperança* devia chamar-se o nosso periodico; e aquelle talentoso jornalista, sabendo-o, antecipou-se a publicar outro do mesmo nome. Garrett desgostou-se, desistindo da tentativa. Carlos Bento foi fundar a *Reforma*, á qual elle não quiz associar-se. Assim foi afogada á nascença a sua última idéa jornalistica.

IV

A 26 de novembro publicou-se a lei das misericordias, acompanhada de um relatorio escripto por João Baptista. A extensão d'este documento não me permitte transcrevêl-o. Encontra-se na folha official, e n'um opusculo intitulado *A Misericordia de Torres Novas,* pelo dr. José Antonio Maia. Tambem por este tempo escreveu numerosos quesitos, sobre se conviria restabelecer uma ordem regular para as missões ultramarinas; e, nas respostas que a elles dava, inclinava-se á de Christo. É provavel que nos archivos da marinha existam ainda parte d'esses estudos, em que ha muito que aproveitar[1].

N'esse mesmo anno de 1851 lhe prestou a imprensa litteraria a mais pomposa homenagem, que elle recebeu em vida. Pela sua originalidade, não resisto a transcrevêl-a. Deveria ter sido grata ao elogiado, como compen-

[1] Quem colleccionar *todos* os seus escriptos, deve procurar tambem no archivo do extincto conselho ultramarino, e nos das outras secretarias d'estado.

sação das calúmnias e injurias com que tantas vezes a inveja lhe amargurára a existencia. Eil-a:

«A
João Baptista de Almeida Garrett
Cidadão, Philosopho,
Poeta,
Homem de Estado:
Em Nome da Patria,
Das Letras,
Da Gloria Nacional
D. D. C.

Rei dos altos pensamentos!

Anjo de gloria e de verdade!

Espirito de rasão e de justiça, alma sublime que te elevaste acima de todas as nossas miserias,

E reinas das alturas com todo o podêr do teu genio sobre os corações d'esta terra que te adora,

D'esta terra que se ufana de te haver creado, que se ensoberbece com o teu nome, que se apega a elle para ser grande;

Que o mostra ás nações estranhas quando lhe chamam pequena, e lhes brada «Este é meu filho! Vêde se eu não sou grande tambem!»

Espirito redivivo do antigo Portugal, em que encarnou o genio de Camões, o genio, a alma, o coração, o amor da patria e da virtude;

Tu sagrado pelo louro, tu santo pelo respeito nacional, augusto pelo teu podêr;

Pois tambem a ti rei das nossas almas se atreveu a tyrannia?

A mão estupida e brutal de nossos oppressores ousou levantar-se deante de teu sceptro?

A terra de Portugal tremeu, e viu que a sua escravidão era certa;

Porque o mais intimo do santuario de sua nacionalidade foi violado.

Arrastaram pelo chão as nossas Quinas, que eram o symbolo da nossa independencia: gememos;

Atiraram com o diadema de nossos principes aos pés dos estrangeiros: gememos porque os tinhamos alçado nós em nossos escudos, e posto no throno para guarda da nossa liberdade.

Mas o povo levantará no dia de sua gloria as Quinas santas, e lhes sacudirá a poeira que as mancha, ao vento da victoria;

Mas o povo refundirá do mais puro oiro, nas fragoas de seu amor e de seu patriotismo, o diadema polluido dos seus reis.

O povo póde tudo, e o povo ha de fazer tudo.

Mas o genio sobre humano dos cantores immortaes, dos prophetas divinos da sua gloria dá-lh'o Deus em sua misericordia; não o póde crear elle.

Como nossos avós foram grandes e illustres pelo auctor dos *Lusiadas*, nós o somos pelo auctor de *Camões*, de *D. Branca* e de *Fr. Luiz de Sousa*.

O nosso Homero antigo embaínhava a espada para nos vir fallar de Albuquerque e de Pacheco; e os nossos corações subiam até elle.

O nosso Homero moderno desce da tribuna cansado de combater os inimigos da liberdade — e vem ao theatro contar-nos do Alfageme que vencia os castelhanos em Aljubarrota,

De Fr. Luiz de Sousa, que os affrontava d'entre as chammas em Almada,

E nós subimos até elle que nos chama da miseria em que somos para a grandeza do que eramos.

Tirae-nos um ou outro; que ficâmos nós? Quem dará alma ás nossas almas?

A vil prosa de vossas leis, a vilissima algaravia de

vossos discursos, ostrogodos da civilisação e da liberdade?

Bem o diz elle, o genio divino, bem o clama elle, o propheta inspirado: Nem só de pão vive o homem;

Menos ainda um povo.

Precisa de alimento o seu espirito. Os agiotas da materia tiram-nos o sangue do corpo; estes agiotas do espirito querem tambem o sangue d'alma.

Mas deixa-os tu, rei, deixa-os, senhor de nossos corações: o teu throno sim que é inabalavel, e o teu senhorio ninguem o conquista.

Porque tu reinas em espirito e verdade sobre nós, e em nossos corações é que está o teu solio.

Deixa-os ser grandes de um dia, tyrannos de uma hora, reis de um momento.

Tu és mais que todos, porque o has de sempre ser.

A ti as aspirações nobres, de todo o peito de homem que bate n'esta terra;

A ti os vagos pensamentos da donzella, em ti o ideal da mulher, para ti o coração de todos.

Reina, vive, e zomba dos tyrannos:

Estás acima da inveja e de seu podêr;

A tua gloria é a de nós todos; o teu nome está escripto a par do de Camões no mais alto padrão de nossa historia, onde elles não chegam.

Se nos venderem e deshonrarem os traidores, tu e elle sereis salvos: e vós ambos ficareis dizendo á posteridade que havia n'este canto da terra um povo pequeno, mas tão grande de coração que não coube n'elle;

Que atravessou por mares nunca dantes navegados;

Que descobriu mundos novos;

Que levou a cruz de Jesus Christo aos mais remotos confins do globo;

Que deixou uma grande nação por herdeira e testamenteira de sua grandeza e de seu podêr;

Que em oito seculos que viveu luctou sempre e venceu sempre;

E que sómente sucumbiu, como Viriato, á traição dos seus;

Caindo apunhalado pela perfidia nas luctas da liberdade.

A. P. A.[1]»

V

Antonio Pereira Aragão? Não me parece que saísse isto da sua penna. E, se me engano, outra, muito superior á d'elle, corrigiu e reformou tudo. Comparado esse elogio com os que se encontram nos prologos das obras de Garrett, especialmente no fim da advertencia das *Folhas caidas*, nota-se-lhe certa analogia ou similhança que os faz suppor aparentados. Não ouso porém levar as minhas affirmativas até o ponto de os julgar irmãos. Limito-me apenas a apontar o facto. E, fosse como fosse, o immortal poeta merecia tudo quanto d'elle disse o auctor do artigo transcripto.

VI

Eleito deputado pela provincia da Beira, é da sua penna o projecto de resposta ao discurso da corôa, que entrou em discussão, na camara electiva, a 29 de janeiro de 1852. Esse documento foi tão geralmente acceito, que n'esse mesmo dia se approvou, dizendo o relator apenas meia duzia de palavras, e tendo fallado antes d'elle dois ou tres oradores. Na camara dos pares houve porém

[1] *Revista universal lisbonense*, tomo III da 2.ª serie, pag. 522 e seguintes. — Supprimi algumas linhas da introducção com que o redactor da *Revista* precedêra o artigo laudatorio, por não serem indispensaveis.

discussão mais larga. Por ser da primeira camara regeneradora, e pela sua importancia historica, transcrevo esse documento.

«Senhora! As memoraveis palavras que vossa magestade se dignou dirigir ás côrtes geraes e extraordinarias da nação portugueza, no dia solemne da sua abertura, foram ouvidas pela camara dos deputados com todo o respeito que sinceramente tributâmos a vossa magestade, e com a entranhavel gratidão que está nos animos d'este povo leal ao ver a sua rainha adherir cordialmente aos votos da nação, e encetar com tanta firmeza e prudencia a grande obra da reforma que foi proclamada.

«A camara ha de corresponder á confiança de vossa magestade: o seu maior empenho será mostrar a vossa magestade, e patentear a todo o mundo, que a plenissima liberdade com que foi eleita, que vossa magestade tão sabiamente regulou por seus decretos, tão lealmente executados, não fez senão estreitar ainda mais os vinculos de fidelidade, de amor e dedicação que tão fortemente prendem o povo portuguez á augusta pessoa, á dynastia e ao throno constitucional de vossa magestade.

«A camara agradece a vossa magestade a maternal solicitude com que, na ausencia das côrtes, e attento o estado em que se achava o paiz, invocou a suprema lei da salvação pública, e interpoz a sua régia auctoridade, decretando a revisão da lei fundamental do estado n'aquelles artigos que a experiencia tem mostrado ser indispensavel corrigir e aperfeiçoar para melhor garantia da liberdade, da monarchia representativa e dos inalteraveis principios em que a carta a quiz estabelecer e constituir.

«A camara dos deputados fará pela sua parte quanto lhe cumpre para que a obra immortal do senhor D. Pedro IV, augusto pae de vossa magestade, fique perfeita e completa com o acto addicional que vossa magestade

lhe manda propor. Assim será o codigo da nossa liberdade sellado com dois nomes gloriosos e para sempre abençoados.

«A camara espera anciosa por esse dia de regosijo e de solemnidade pública em que tem de vir ao seio da representação nacional prestar juramento á constituição do estado o principe real, herdeiro de tantas virtudes e de tanta gloria, o filho sobre todos muito amado de vossa magestade, que, no exemplo paterno e nos desvelos maternaes de vossa magestade, a nação confia ha de ter de certo aprendido a ser o estrenuo defensor de seus direitos, o penhor da sua independencia e o digno neto do senhor D. Pedro IV.

«Senhora, a urgente necessidade das circumstancias auctorisava sem dúvida o governo de vossa magestade a prover á falta de lei eleitoral, e a tomar outras providencias urgentes. A camara ha de examinál-as, assim como as propostas de lei que vossa magestade lhe annuncia, e que ess'outras precisam para seu complemento; e procurará fazer com que seja coherente e efficaz a reforma promettida e encetada, e com especialidade no que respeita á lei eleitoral.

«A camara dos deputados viu com o maior prazer o desejo por vossa magestade manifestado de que se organise definitivamente a fazenda pública para que não sejam estereis os sacrificios que é necessario fazer, e para que efficazmente possam promover-se os melhoramentos materiaes e moraes do paiz; ella ha de empenhar todas as suas forças em corresponder á confiança que vossa magestade deposita no seu patriotismo.

«Firmado o credito nacional pela economia e pela boa administração, o governo de vossa magestade poderá augmentar e facilitar os meios de communicação que tanto precisàmos; e a camara recebe com a maior satisfação a promessa de uma proposta de lei para se emprehender

um caminho de ferro que nos ligue com o resto da Europa: o que seguramente ha de trazer á capital, e ao reino todo, as maiores vantagens e prosperidades.

«A camara reconhece que as nossas provincias ultramarinas justamente reclamam a desvelada solicitude das côrtes e do governo de vossa magestade. Ella coadjuvará o governo de vossa magestade em todas as medidas tendentes a melhorar a difficil e variada administração d'aquellas vastas e importantes regiões, e a firmar n'ellas a solida garantia da nossa existencia e independencia nacional.

«A camara espera que as negociações por vossa magestade renovadas com a santa sé tenham prompta e definitiva solução, satisfazendo-se ás necessidades da igreja, ao bem espiritual dos povos, e á honra e dignidade da corôa de vossa magestade.

«Taes são os votos da camara, que muito se congratula com vossa magestade, pelas provas de amisade e boa harmonia que vossa magestade continúa a receber de todas as nações amigas e alliadas. Ella terá a maior satisfação em poder reconhecer que no tratado de commercio com sua magestade imperial o imperador de todas as Russias, e na convenção litteraria com a republica franceza, se consagraram os principios de justiça e utilidade que são o direito commum das nações.

«Para realisar as esperanças da patria, firmando o throno de vossa magestade sobre a liberdade e a prosperidade da nação, o governo de vossa magestade ha de encontrar na camara dos deputados o mais seguro e firme apoio. = *Julio Gomes da Silva Sanches,* presidente = *José Ignacio Pereira Derramado,* vice-presidente = *Antonio Luiz de Seabra* = *Carlos Bento da Silva* = *João de Mello Soares e Vasconcellos* = *Manuel da Silva Passos* = *Almeida Garrett,* relator[1].»

[1] *Diario do governo,* de 30 de janeiro de 1852.

VII

Tem a data de 13 de janeiro de 1852 a carta regia que o nomeou par do reino[1]. Parece singular que depois d'essa nomeação elle continuasse a exercer o logar de deputado; e que o decreto de 4 de março, elevando-o a ministro, como deputado o qualifique ainda! Foi só a 8 d'este mez que o bispo do Algarve mandou para a mesa (da camara dos pares) a nomeação; elegeu-se logo a commissão de exame, que d'ahi a poucos minutos deu parecer, approvando-a; o agraciado foi introduzido pelo visconde (hoje conde) de Podentes, e José da Silva Carvalho; prestou juramento e tomou assento[2]. Provavelmente entendeu-se, quanto á qualificação, no decreto de 4 de março, que unicamente o juramento e posse dão a qualidade de par; mas ficariam por esclarecer os motivos da demora de quasi dois mezes para a sua entrada, se não a explicasse a historia do acto addicional á carta.

Saldanha, acceitando as bases que lhe tinha pedido, exigiu-lhe que defendesse o projecto na camara dos pares, depois de ter ajudado a sustentál-o na dos deputados. Esta foi a origem de se lhe dar o pariato e de o elevar aos conselhos da corôa. Como as differentes secções da camara gastaram muito tempo com os estudos da re-

[1] «Visconde de Almeida Garrett, do meu conselho, conselheiro effectivo do conselho ultramarino, deputado da nação portugueza: Eu a rainha vos envio muito saudar. — Tomando em consideração os vossos distinctos merecimentos e qualidades: hei por bem, tendo ouvido o conselho d'estado, nomear-vos par do reino. O que me pareceu participar-vos para vossa intelligencia e execução. Escripta no paço das Necessidades em 13 de janeiro de 1852. = Rainha. = *Rodrigo da Fonseca Magalhães.* — Para o visconde de Almeida Garrett, do meu conselho, conselheiro effectivo do conselho ultramarino, deputado da nação portugueza.» (Arch. do min. do reino.)

[2] *Diario do governo,* de 13 de março de 1852, no extracto da sessão da camara dos pares.

forma, e só mais tarde do que se julgára a commissão encarregada de examinar esses trabalhos, antes de os apresentar á discussão, pôde dar o seu parecer, calou-se a nomeação de Garrett.

A 19 de fevereiro (já par), participou achar-se constituida a commissão central encarregada do projecto de lei eleitoral, de que era relator. E acrescentou que aproveitava a occasião para pedir desculpa de não comparecer sempre á hora da primeira chamada, «o que tem acontecido em consequencia de estar occupado com o difficil trabalho da redacção do acto addicional; e como é provavel que esta falta involuntaria mais vezes se verifique, desde já peço á camara que a não attribúa á minha supposta e imaginaria preguiça, porque sendo um homem que me levanto ás seis horas da manhã, tenho comtudo adquirido esta bella reputação, não sei porquê. *(Riso.)*[1]»

É verdade que, umas vezes por morar longe e outras por doença ou por occupado, como agora, em trabalhos do estado, nem sempre chegava á primeira chamada. Raro porém faltava ás sessões sem causa justificada, como temos visto na sua longa carreira parlamentar. Por isso é irrisorio que se fizesse reputação de preguiçoso ao homem que pertenceu ao maior numero de commissões de serviço público, que mais trabalhava n'ellas, e que escreveu tanto, em todos os ramos de administração e legislação, que esses escriptos, e os seus discursos, dariam talvez mais volumes do que os das suas obras litterarias!

A 30 de janeiro, declarando que por não haver outros trabalhos a que se devesse dar preferencia, se occupára a secção no que era por sua natureza urgente, o acto

[1] A proposta do acto addicional fôra apresentada á camara dos deputados pelo duque de Saldanha, presidente do conselho de ministros, e tivera segunda leitura, sendo admittida á discussão na sessão de 24 de janeiro d'esse anno.

addicional, pediu que a camara assentasse sobre o que se chamava urgencia, porque nem sempre se entendia isso claramente. Explicou, entre repetidos apoiados, o que, segundo o regimento e o uso, se devia entender por urgente. E na sessão immediata (31) apresentou um requerimento, fallando novamente e provocando discussão, a fim de que ficasse bem claro aquelle assumpto, que entendia achar-se muito embrulhado e obscuro, por differentes e repetidos actos da camara.

VIII

Só a 26 de fevereiro depoz na mesa o parecer da commissão respectiva, ácerca da reforma da carta, pedindo que se mandasse imprimir com urgencia. E a 4 de março, dia em que foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros, entrou o projecto em discussão na generalidade. Muitos deputados pediram logo a palavra, pró e contra, reclamando alguns sobre a ordem de inscripção. Deu começo aos debates uma proposta de adiamento. Garrett encerrou a sessão d'esse dia, historiando a origem do acto addicional, entre repetidos apoiados. No intuito de accentuar as suas opiniões, transcrevo, não o discurso, tal como se acha no *Diario da camara,* por ser muito extenso e por vezes diffuso[1], mas alguns trechos do *Diario*

[1] Não só porque o orador em certas occasiões imitava, tambem n'esta parte, seu mestre Cicero, quando este insistia em repisar muito o assumpto, para o fazer calar na memoria e na intelligencia dos ouvintes, como tambem pelo seu estado de saude, segundo se vê d'estas palavras, proferidas antes de entrar na materia: «Peço encarecidamente á camara que me desculpe, se por tão incommodado de saude como estou, eu não podér expressar, como quero e desejo, as minhas opiniões, os meus sentimentos sinceros sobre esta questão maxima de adiamento; porque é maxima questão». *(Diario da camara dos deputados,* de 5 de março de 1852.)

do governo, que, confrontado com o original, me parece bem feito, e até mais correcto:

«O sr. *Visconde de Almeida Garrett:* — disse que tambem já perdeu as suas illusões, tambem já não crê na maior parte das cousas em que acreditava; mas ha uma unica crença que não perdeu, que é a crença na liberdade da sua patria, e na fórma monarchica, unica, na sua opinião, que póde proteger a mesma liberdade *(Apoiados);* graças a Deus ainda não perdeu essa crença, e quando a perdesse, não o diria *(Apoiados);* mas esta crença é tambem a do paiz, que nasceu com estas duas qualidades; é crença velha que nós herdámos, que ninguem ainda renunciou, porque dúvidas momentaneas, porque desconfianças reciprocas, a que reciprocamente se tem dado causa, não fazem abjurar a crença principal...»

«... O último movimento portanto proclamou aquillo que ha muito tempo está proclamado, e os srs. ministros, formulando esse voto nacional, pediram ao chefe do estado que cumprisse a condição com que em 1842 a carta foi restabelecida; attenderam ao brado da nação, que por muitas vezes por outros modos tem soado, e de todos elles, aquelle por que ultimamente soou foi de certo o mais moderado; pelo menos deu-se uma circumstancia, se não nova no nosso paiz, comtudo ha muitos annos não se dava — appareceu o povo abraçado com a tropa proclamando a mesma coisa. O gabinete, pois, apresentou á soberana a acceitação d'este voto nacional, formulado com prudencia, pedindo-lhe que cumprisse a promessa que tinha feito, havia alguns annos, e que tinha dado motivo a tantas revoluções e a desconfianças entre o chefe do estado e a nação *(Apoiados);* e quando outra coisa se não conseguisse senão destruir essas desconfianças, já a nação tinha ganho immenso *(Repetidos apoiados),* todos os partidos deviam applaudir esse facto.

«Notou que se considerasse insignificante a reforma que se propunha pelo acto addicional, quando, sem mencionar outros pontos, tratava de substituir o methodo da eleição que todos os partidos teem reconhecido ser mau, e dar logar a viciações, cortando ao mesmo tempo a dúvida que ha muito existe sobre ser, ou não, constitucional o respectivo artigo da carta.

«Depois de mais algumas considerações, concluiu votando contra o adiamento[1].»

IX

Usando da palavra, como ministro dos negocios estrangeiros, fallou longamente, em 6 de março, sustentando a doutrina do decreto de 25 de março de 1851 e a legalidade do podêr da camara para a reforma da carta. O seu discurso enche nove columnas do *Diario da camara dos deputados*. Entre muitas coisas dignas de memoria, disse que a reforma se fundava no desejo de que acabasse a lucta constante sobre os principios constitucionaes, e que se modificava a carta para que ficasse sendo o symbolo da união dos partidos. «E entendamonos: esta união dos partidos não é uma chimera como muita gente tem querido dizer e mettido até a ridiculo *(Apoiados)*; não se entendendo por ella a abjuração de principios por que cada um pugna, porque essa seria deshonrosa; mas a concessão mútua de certos pontos, que uma vez estabelecidos, deixam larga a esphera das opiniões, e excluem todo o pretexto para revoluções. *(Apoiados.)*»

Respondeu-lhe outro orador brilhantissimo, do qual tão cedo foi privada a tribuna e a litteratura portugueza —

[1] *Diario do governo*, de 5 de março de 1852.

Luiz Augusto Rebello da Silva. O exordio do seu discurso contrasta singularmente com as settas atiradas ao peito do grande mestre por liliputeanos, de que não resta memoria hoje. Rebello da Silva disse as bellas palavras, que transcrevo como homenagem de affecto e respeito á sua memoria, e como justiça á de Garrett:

«A camara apreciará o justo receio em que devo estar, sendo obrigado a encontrar-me na tribuna, sem mais defeza do que as armas debeis de que posso dispor, com um dos oradores mais visitados da inspiração, mais audaz nos vôos arrebatadores da eloquencia. S. ex.ª sabe quanto respeito n'elle o homem de sciencia, e o poeta distincto, o poeta portuguez no coração e na idéa, cuja corôa n'este reino é sem rival. S. ex.ª conhece, por não interrompida amisade, quanto venero n'elle as eminentes qualidades do espirito, e a intelligencia superior, a unica aristocracia digna de se desejar, e capaz de merecer orgulho. Diante d'esta hei de sempre inclinar-me sem pejo, porque a fronte que se ergue de a saudar, póde depois ficar altiva e firme. As outras representam de certo a gloria e a tradição; são tradições e memorias de grandes feitos, e de grandes nomes, mas o culto, que se lhes rendesse, pareceria mais suspeito e menos espontaneo. Das grandezas da terra a palma de Homero, e o louro de Virgilio, aos meus olhos são a mais alta de todas as fidalguias. Os principes da intelligencia parecem-me os maiores de todos os principes. *(Apoiados. — Muito bem.)*

«Já se vê pois, que só arrastado por obrigações severas e exigentes ouso, não medir, mas cruzar armas tão desiguaes, commettendo uma empreza, que temo tornar famosa pelo echo da minha quéda. Obscuro e sem titulos sei que arrojo é este encontro com um homem, que, do pedestal da admiração de nacionaes e estrangeiros, a que o elevaram obras primorosas, faz já aquella grande

sombra, que chega em vida á posteridade, como diz o poeta meridional. Estou preparado e resignado para o desastre; resta-me só a honra de caír ferido por tão illustre braço[1].»

X

A 9, tendo a camara votado contra as propostas de adiamento e de contestação de podères, foi posto em discussão o acto addicional na sua generalidade. Os membros da commissão central encarregada de reunir e harmonisar os diversos pareceres e opiniões das secções, sobre a proposta do governo, eram José Ignacio Pereira Derramado, Lourenço José Moniz, Antonio Luiz de Seabra, Sebastião José Coelho de Carvalho, Vicente Ferrer Neto de Paiva, Leonel Tavares Cabral, e Almeida Garrett, relator. Excepto Derramado, todos assignaram com declarações.

Foi na vespera d'este dia, segundo atraz notei, que o poeta prestou juramento e tomou assento na camara dos pares. Talvez por ter perdido o logar de deputado, com a nomeação de ministro, não se fez a costumada participação á camara electiva. Dias antes, se recebèra na mesa a communicação de Joaquim Antonio de Aguiar, elevado ao pariato no mesmo dia que Garrett, e que tomou assento ao mesmo tempo que elle. Só a nomeação do poeta não passára pelos tramites usuaes, pela conveniencia de que elle apresentasse o acto addicional, como membro da commissão, e que o defendesse primeiro n'uma e depois n'outra camara.

Concluàmos já agora com a historia do acto. No dia 10, votou-se a generalidade, e entrando-se na especiali-

[1] *Diario da camara dos deputados*, vol. III, março de 1852, pag. 100.

dade offereceu Mendes Leite um additamento, abolindo a pena de morte por crimes politicos. Passos Manuel fez um dos seus mais brilhantes discursos, apoiando n'elle a proposta do deputado por Aveiro, e sustentando que o acto addicional era monumento de felicidade para a nação, e grande progresso; o que Derramado apoiou, exclamando: «Grandissimo».

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, não menos enthusiasta que Passos, pugnou, na sessão de 13 de março, para que os libertos podessem votar nas eleições. Garrett explicou o pensamento da commissão, quanto ao censo para deputado. Passos queria que todo o homem de talento, embora sem o censo, podesse ser elegivel; e comquanto João Baptista fosse de igual opinião, adiou-se a discussão do artigo 7.º, para ser melhor estudado pelo governo.

A 27, Fontes Pereira de Mello, reputado já entre os mais habeis oradores parlamentares, e temivel nas réplicas, esclareceu e illustrou os debates, na parte que respeitava ás provincias ultramarinas; e Garrett fallou tambem, respondendo a Rodrigues Cordeiro.

Finalmente, approvou-se o acto, que só em 11 de junho se annunciou na mesa da camara dos pares ter ali entrado, e n'esse dia se mandou imprimir. O motivo da demora deveu-se a terem-se adiado as côrtes, indo a rainha com toda a familia real percorrer as provincias do norte. Não seguirei as discussões da camara dos pares, para não cansar o leitor. Garrett ali sustentou as suas idéas e as do governo, sendo por fim convertida em lei a reforma da carta [1].

[1] Quem quizer conhecer melhor a historia d'essa reforma encontrará todas as indicações precisas no fim do vol. VI do *Diario da camara dos deputados*, de 1852, pag. III, em seguida á publicação da carta de lei que a sanccionou.

XI

Em 9 e em 26 de janeiro de 1852 escrevêra o velho bibliothecario de Braga ao seu protector e pae — como lhe elle chamava — queixando-se de que não podia comer nem dormir, em virtude das intrigas locaes, que tinham conseguido arrancar ao ministro do reino uma portaria inexequivel, ácerca dos livros da bibliotheca. Por essas cartas, ambas curiosissimas, continúa a provar-se com que odio figadal se tem desdenhado e perseguido sempre n'este paiz os que amam e cultivam as letras. Em Braga, como no Porto e Lisboa, a maioria das pessoas que exerce cargos do estado abomina livros e gente que os lê. Assim como o auctor d'estas *Memorias* foi repetidas vezes ameaçado de ver supprimir a bibliotheca de marinha, talvez porque elle lá servia, para se darem as salas a uma tribuneca qualquer, assim o pobre Silva Abreu era intimado a mandar estatistica de leitores, sem lhe terem dado sala de leitura; e relação de todos os milhares de livros empilhados em depositos que comprehendiam trinta cubiculos cheios, sem haver quem os relacionasse, e estantes onde os pôr, para elle os classificar! Deixaram-n'o longos annos mettido n'um espaço de quatorze palmos de comprido sobre onze de largo, voltado ao norte, gelado, sem ver nunca raio de sol, e destinando-se-lhe para arrumar os livros um casarão velho, de paredes rachadas de alto a baixo, pelas quaes entravam as unicas visitas que não o hostilisavam, a bicharia dos monturos circumvizinhos!

Em tôrno dos depositos de livros fizeram as cloacas do lyceu (!) e ao pé d'ellas amontoaram tôjo, para que algum fogo, casual ou não, désse cabo das preciosidades bibliographicas accumuladas na bibliotheca. Parte da

correspondencia de Rodrigues é preciosissima para a historia d'esta terra de barbaros, que tem sido e parece que continuará a ser sempre inimiga irreconciliavel da letra redonda. Porque a leitura de certos jornaes, de maus romances francezes, horrorosamente traduzidos, não tem significação, senão má, nem póde contar-se senão como vergonha nos annaes de qualquer povo medianamente culto.

O velho bibliothecario de Braga instava pela sua demissão, farto de affrontas e desprèzos, dizendo a Garrett que lhe agradecia o pão que só a elle devia desde muitos annos, mas que antes queria morrer de fome do que viver n'aquelle aviltamento a que o condemnavam vinganças miseraveis. João responde-lhe assim:

«Lisboa, 8 de fevereiro (1852).

«Meu caro amigo velho do C. — Não sei como póde imaginar que eu podia ter recebido a carta de que me falla e não lhe ter respondido. — Nem o sr. Moniz nem ninguem mais me disse uma palavra sobre o seu negocio de que só agora sei.

«Escreva de novo ao seu amigo para que nos entendamos sobre o assumpto do seu requerimento; e creio que lhe posso afiançar que ha de ser despachado como deseja.

«Perdôe-me o laconismo d'esta carta. Eu não tenho de meu um momento. Mas comtudo disponha sempre d'este seu. — V.º am.º do c. = *J. Baptista.*»

XII

Rodrigues responde-lhe com outra carta, ainda mais apreciavel do que as duas anteriores, como pagina curiosa de historia contemporanea. Ahi lhe refere como queriam expulsar os livros e o bibliothecario de uns para

outros lados do casarão, porque ali pretendia ir e effectivamente foi morar de graça o parente de um politico influente. Contava os transes por que passára a livraria, affirmando que o unico remedio para elle Rodrigues seria a exoneração. «Ha nove annos que soffro injúrias, vinganças e odios por causa da bibliotheca; e por desgraça, nem assim posso valer-lhe contra a ruina, e contra enxovalhos já feitos, e outros que se premeditam. Se me fosse dado *mentir*, se eu não necessitasse de *dizer a verdade*, como necessito de *respirar* (pois que de certo a digo sem virtude nenhuma) podia continuar a receber esta fatia de pão que devo á generosidade de v. ex.ª; mas o Rodrigues, tal como Deus o fez, não se alimenta com pão roubado. O Rodrigues não quer d'esse pão; prefere, em tal caso, voltar á pobreza, e acabar no hospital».

Se não me faltasse espaço, transcreveria toda a carta, como novo documento em favor d'aquelle cidadão honestissimo, benemerito das letras patrias, que morreu obscuro, quasi ignorado. Baste, porém, saber-se que ainda d'esta vez lhe pôde valer o generoso mestre. O grande poeta tinha a alma de tal feitio que por mais trabalhos e cuidados em que andasse envolvido, sempre lhe sobejava tempo para acudir a outros mais necessitados do que elle. Hoje podem chorar e carpir-se todos os Rodrigues honrados, amigos de livros e do seu paiz, quando virem a ignorancia atrevida injuriál-os ou desdenhál-os malcreadamente: já não ha mais Garrettes, que os protejam e desaffrontem!

XII

Como se recompoz o ministerio. — Garrett nos conselhos da corôa. — Condições que lhe faltavam para conservar a pasta. — O poeta na secretaria. — Teria ficado melhor no reino ou na marinha. — Nos estrangeiros não havia emprêgo para os seus talentos. — Idéa de restaurar a ordem de S. Thiago. — Credito da magistratura portugueza. — Parecia-lhe melhor que tivessemos feitores commerciaes, em vez de consules. — O deputado *dandy*. — Baliado de Malta. — Falla com nobre altivez de si e dos seus pergaminhos, para corrigir a aggressão. — Os consules portuguezes. — Depois do serio o burlesco. — Noticia da ordem do Sepulchro. — Réplica do aggressor. — Bulhão Pato descreve a 'execução', nota. — Carta de Rodrigo. — Informações da côrte de Madrid. — Apontamento de Garrett, ácerca da tentativa de revolucionar a ilha de Cuba. — Bem informado. — Como certos sujeitos fazem carreira. — As calças do poeta, em conselho de ministros. — A casaca de lemiste. — Quer fazer de um official de secretaría seu alfaiate. — Notas sobre encommendas de Londres e arranjos de sinetes. — Retrato um homem e não um deus. — Como elle achou o segredo de dar que fazer aos agentes diplomaticos. — Correspondencias dos ministros dos negocios estrangeiros com os seus empregados nas missões. — Grão-cruz da ordem da Rosa, do Brazil; Nichan Iftiar, da Turquia; grão-cruz de Leopoldo, da Belgica; dito da Estrella Polar, da Suecia; balio e grão-cruz de S. João de Jerusalem. — Queria metter tudo n'um sinete. — Armas, nota. — Trajo matinal. — Artigo, de Mendes Leal, que o assanhou sem rasão. — A leitura. — Pedido de resposta. — Como o auctor conciliou os desunidos. — 'Casa dantesca'. — Rebello da Silva e o seu casamento. — Garrett, ministro, não se dobrava a empenhos. — Alguns dos seus actos ministeriaes. — Sua saída do gabinete. — O decreto de demissão, nota.

I

Recompondo-se o ministerio, em 4 de março de 1852, fôra o nosso poeta, segundo já se viu, nomeado ministro dos negocios estrangeiros[1]; Jervis passou para a mari-

[1] Diz assim o decreto da nomeação de Garrett:

«Attendendo ao merecimento e mais partes que concorrem na pessoa do visconde de Almeida Garrett, do meu conselho, deputado ás côrtes: hei por bem nomeál-o ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros. O presidente do conselho de mi-

nha; Fontes, para effectivo da fazenda e interino das obras publicas; para ecclesiasticos e justiça, entrou Antonio Luiz de Seabra; Saldanha conservára a presidencia e a guerra; e Rodrigo da Fonseca, o reino.

João Baptista nunca mostrára ambição de ser ministro. Quando os seus amigos de setembro o convidaram, pela primeira vez, para o cargo, recusou, declarando que não se sentia com forças de exercêl-o. Por vezes teve depois occasião de entrar; e teria talvez sido nomeado mais cedo, se não fosse tão sabido que preferia a tudo a sua independencia de deputado, e que, politicamente, não era assaz docil para tomar a responsabilidade dos actos alheios.

Os annos e o gôsto pelas honras e distincções mundanas iriam depois modificando pouco a pouco as suas repugnancias á pasta. E já em julho de 1851 não desdenharia tomar parte no governo, se não o tivessem irritado os intrigantes, como se viu no logar competente.

D'esta vez levou-o a logica dos factos. O seu chamamento era consequencia fatal dos seus serviços á regeneração. Ainda mais: se o duque de Saldanha tivesse sido justo, têl-o-ía chamado, antes de qualquer outro, porque bem sabia ser elle o iniciador d'aquelle pensamento politico. Foi porém só depois de se reconhecer que os seus talentos eram indispensaveis, depois de ter elle redigido o acto addicional e a lei eleitoral, que Saldanha e Rodrigo julgaram que não seria decente continua-

nistros, ministro e secretario d'estado interino dos negocios da guerra, o tenha assim entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 4 de março de 1852. = RAINHA. = *Duque de Saldanha.*» (*Diario do governo,* de 5 de março de 1852.)

O decreto que me nomeou ajudante do escrivão da pagadoria de marinha tem a mesma data. O mestre levára-me comsigo, na vespera, á secretaria e ali fôra combinado, entre elle, Fontes e Jervis, que o meu decreto iria com o seu á assignatura régia.

rem a servir-se do poeta para tudo, sem lhe dar parte no gabinete.

Todavia, logo que o julgaram desnecessario, não hesitaram em sacrificál-o, sendo os seus amigos Rodrigo e Jervis conniventes com Saldanha na vil e odiosa intriga que promoveu a sua demissão! Aquelle bello engenho, que para tudo manifestava aptidões e talentos fecundos, não foi sufficientemente habil para os manejos e exercicios de equilibrio, que muitas vezes são precisos nas cadeiras do podêr. Apesar da sua suprema elegancia, das suas maneiras distinctas, aristocraticas e insinuantes, carecia de todas as outras qualidades que fazem o palaciano, o homem de côrte. Não transigia com as circumstancias e conveniencias: talvez erradamente, chamava baixeza ao que outros julgam cortezia e amabilidade. Com medo de parecer servil, escrevèra e dissera por vezes palavras que não deviam angariar-lhe as sympathias das altas personagens com quem ia estar todos os dias em contacto. Proclamára sempre a sua opinião com desassombro; monarchico sincero e convicto, déra testemunho constante de que não admittia a monarchia sem a liberdade mais ampla; e em muitas occasiões se pozera do lado do povo, para protestar contra o que lhe pareciam abusos do podêr, violações da constituição ou arbitrariedades, comquanto resalvasse sempre os direitos da corôa.

Tendo padecido e exposto a vida pela rainha, não conseguíra ser amado no paço. Admirava-se-lhe o talento, serviam-se d'elle e dos seus conselhos, temiam-n'o acaso... Porém, não era assim que elle aspirava á recompensa da sua insuspeita lealdade e fidelidade. Sendo, pelos seus escriptos, o homem mais illustre d'aquelle reinado, por vezes tiveram maior podêr no ânimo da soberana os intrigantes que o calumniavam, do que o brilho resplandecente da sua gloria. Desde a emigração

que invejosos miseraveis o indispunham com a juvenil princeza: o partido politico a que se uniu, antipathico a D. Maria II, que só o admittia como governo quando lhe era imposto pela nação, concorreu sem dúvida para tornál-o menos bem acceito, embora se recorresse ao seu voto nas occasiões de gravidade. Ao assignar-se o decreto que o fazia ministro, parece que se pronunciaram phrases duras ácerca do agraciado, e da sua pretensão, quanto a realisar-se desde logo a segunda vida do titulo. E prohibiu-se a Rodrigo que tornasse a fallar em tal assumpto[1].

Na secretaria, a sua pratica dos negocios evitava-lhe difficuldades; e tinha, para ajudál-o a removêl-as, o auxilio de empregados zelosos, um dos quaes desejava fazer esquecer as informações menos justas, que déra outr'ora do seu actual chefe. Diga-se já que, como ministro, não foi melhor nem peior do que os seus quarenta e tantos antecessores. Prejudicou-o n'esse cargo a sua reputação litteraria, tão superior á d'aquelles. A nação tinha os olhos n'elle, e esperava vêl-o fazer coisas grandes, que não eram possiveis em similhante repartição. Faltou aos seus talentos o largo campo que lhe teria offerecido o ministerio do reino ou o da marinha. Na primeira d'aquellas pastas, o seu genio pujante transformaria a face da nação, por meio da instrucção pública; estavam ainda na repartição os seus vastos estudos de 1834 á espera que elle os pozesse em prática. Na segunda, transmittiria o seu immenso patriotismo ás nossas esquadras, levaria com ellas a regeneração ás colonias, daria vida á alma de Portugal, adormecida nos peitos dos que descendem dos descobridores da India;

[1] Estes e outros muitos promenores, sobre a má vontade da rainha, me foram referidos pelo proprio Garrett, na occasião da sua saída do ministerio. Poderiam suppor-se inventados pela malevolencia de quem lh'os referiu, se elle não tivesse tido pessoalmente, como me affirmou, prova de que eram verdadeiros.

faria, emfim, reviver o fogo dos antigos brios, e brotar homens d'essa chamma sagrada. Nos negocios estrangeiros quasi que só teve occasião de negociar trocas de condecorações!

Quando lhe occorreu que poderia ao menos fazer tratados vantajosos para o paiz, os invejosos, que não o perdiam de vista, metteram de permeio a calúmnia, e annullaram-lhe os esforços. O seu papel de ministro ficou, pois, destituido de importancia; não porque fosse mais esteril do que os dos seus antecessores ou successores, mas (singular contradicção!) pelos enormes talentos de quem d'esta vez o representava!

II

Como o trabalho da secretaría lhe deixava tempo sufficiente para occupar a phantasia segundo os seus gostos, não se esqueceu do projecto de restaurar a ordem de S. Thiago, em que a rainha lhe fallára mezes antes. Na *Revista universal lisbonense,* de 10 de junho de 1852, lê-se o seguinte:

«*A ordem de Malta.* — Consta-nos que o governo trata de reconstruir a ordem de Malta, sendo destinada ás sciencias e ás letras. Não nos parece indiscrição attribuir este louvavel pensamento ao sr. visconde de Almeida Garrett.»

A noticia devia referir-se á ordem de S. Thiago. Talvez nascesse o equivoco de se ter dado n'essa occasião o baliado de Malta a Garrett [1]. Antes da sua entrada, me dissera elle um dia:

— A rainha deseja que me eu encarregue de reformar

[1] O aviso foi-lhe passado em junho, comquanto seja de 4 de de agosto a bulla que o nomeia balío honorario e grão-cruz da ordem militar do Hospital de S. João de Jerusalem.

a ordem de S. Thiago. V. ha de trabalhar commigo... Isto rende umas coisas...

— Coisas?!

— Uns pendericalhos... de que por ahi se riem todos os que não os podem apanhar.

— Peço licença de parodiar a sua scena com Leonel, na camara dos deputados: Não são todos.

— Hum!... Bem sei; mas confesse que são muitos.

— Diga quaes são, faça favor.

— Primeiro os republicanos... Finja que não sabe como elles se assanham, quando se lhes dá o simples habito, em vez da commenda ou gran-cruz. Quando essas distincções veem de certo modo, póde-se usar d'ellas sem pejo...

Nunca em sua vida se fez tal reforma, nem me elle fallou mais n'isso[1].

III

A 16 de junho, tratando-se de uma interpellação, a respeito de tribunaes portuguezes, disse Garrett, na camara dos deputados, que, sem entrar na materia, aproveitava com muito gôsto a occasião de declarar «*primo*, que tendo tido a honra desde mui tenra idade de servir o paiz, a carreira de que me honro mais é a da magistratura». *Secundo*, que o credito da nossa magistratura era conhecido não só em Portugal senão tambem fóra d'elle; e que o ministro dos negocios estrangeiros do Brazil, no relatorio que n'esse anno apresentou ás camaras, tecêra n'um paragrapho os mais altos elogios á magistratura e aos tribunaes portuguezes, apresentando-os como modelos a seguir e imitar.

[1] Annos depois da sua morte instituiu-se, sob novas bases, a ordem de S. Thiago (ou do *Lagarto*, como lhe chamam talvez alguns dos taes de que elle fallava).

A 22 fez sentir á mesma camara que o corpo consular portuguez não estava organisado, nem tinha meios para obrar como devia em assumptos commerciaes. «Conviria antes que tivessemos feitores commerciaes em todas as partes commerciantes do globo, como nos primeiros tempos da monarchia, do que consules com meio caracter diplomatico, com suas fardas muito bordadas, mas com muito pouco dinheiro e com muito pouca acção». Na mesma sessão, confessou que não se devia pôr peias á emigração portugueza, mas que cumpria dirigil-a e chamál-a para as nossas possessões; que nas nossas colonias d'Africa estava a salvação da mãe patria, não com leis nem medidas isoladas, porém juntando-se capitaes para explorál-as, e creando estabelecimentos *ad instar* — do que teem feito as grandes nações coloniaes, etc.

IV

Havia então no parlamento um deputado, talentoso e intelligente, que fazia parada de elegancia de homem da moda, de fidalguia, de prodigalidade e desprèzo da riqueza, e de opposição quasi constante a todos os ministerios. Contava-se que despendèra com suprema indifferença os cabedaes de tres heranças enormes; que possuia dez casacas, vinte fraques, innumeras gravatas, coletes e calças, e mais bengalas que um fabricante parisiense d'esses trastes; que, jogando uma vez com certo ricasso titular, trinta vezes millionario, caíra a este um cruzado novo, que o fez andar de gatas por baixo da mesa, incommodando os parceiros. O nosso *dandy* tirou do seu dinheiro uma nota de dez moedas, accendeu-a n'uma das luzes, e alumiou serenamente o sovina, para que procurasse o pinto perdido. N'outra occasião pediu, no Passeio Público, um charuto, porque se tinha esque-

cido de os levar. A pessoa a quem se dirigiu, negou-lh'o. Ao mesmo tempo, outro amigo offereceu-lhe um cigarro, que elle acceitou, embrulhou-o n'uma nota de quatro moedas, pediu lume ao que lhe recusára o charuto, e poz-se a fumar os seus 19$200 réis. Estes e outros casos similhantes, os seus discursos, quasi sempre violentos no fundo e na fórma, e a sua reputação de *gentleman*, justificada pelas maneiras, e pelo trajo mais irreprehensivel aos olhos dos primeiros alfaiates que davam a moda em Paris e Londres, crearam-lhe verdadeira celebridade.

Ignoro se entre elle e Garrett haveria alguma indisposição, ou se quiz belliscar o poeta por espirito opposicionista. O certo é que na sessão de 25 de junho, tratando-se da questão prévia, suscitada a proposito do projecto de lei para a cobrança do imposto, esse deputado, entre os argumentos com que combateu o governo, accusou o poeta de ser balio de Malta! «Pois o ministro que é tido como o primeiro e o maior poeta da Peninsula, em vez de tratar de organisar a sua repartição que acha mal organisada, trata cuidadosamente de se fazer balio de Malta?...»

V

Parece-me, apesar de terem passado mais de trinta e dois annos, estar vendo ainda o que já agora se ha de considerar sempre mestre dos nossos oradores, pallido de indignação, exclamar no meio do seu discurso, olhando fixo para o adversario imprudente, que «se tinha pergaminhos, os ganhára; que em si principiava talvez o que acabava em outros!»

Toda a camara volveu a vista para o aggressor; e ouviram-se apoiados, que me pareceram mais atrozes do que as phrases cortantes de Garrett.

«Se tenho pergaminhos — insistiu elle, pela primeira occasião da sua vida, fallando de si com altivez e orgulho diante de todos, e com a fronte alta — esses deram-m'os pela opinião pública; são pergaminhos que talvez todos os que me accusam não possam ter.» O outro dissera inexactidões que elle corrige d'este modo:

«... desejo, e até devo desde já responder á asserção gratuita, e não verdadeira, que acaba de fazer o illustre deputado, dizendo — que eu accusei os nossos consules, de que não sabiam ler nem escrever. — Seria um mau chefe, um indigno chefe; daria pela primeira vez na minha vida um documento de deslealdade aos meus collegas, e aos meus subordinados, se viesse em público e pleno parlamento declarar — que os consules de Portugal não sabem ler nem escrever. — Não disse similhante coisa, não sou capaz de a dizer nunca; ainda que fosse verdade, não a diria, calava-a. Eu sei até que ponto devo calar muitas verdades, que sabia e podia dizer. *(Apoiados.)* O que eu disse, e disse-o com toda a clareza, foi — que por má organisação do nosso corpo consular, desde muitissimos annos, desde quasi a sua existencia, nós eramos obrigados a praticar ou a fazer um erro administrativo — servirmo-nos de consules estrangeiros, dos quaes muitos não sabiam nem ler nem escrever o *portuguez*. Eis aqui está o que eu disse... *(Apoiados.)*

«O illustre deputado póde combater leal ou deslealmente, como quizer, a minha pessoa, entrego-lh'a toda sem repugnancia; não tenha para com ella consideração nem respeito; mas o governo, composto dos ministros da corôa, um podêr do estado, tem elle obrigação, quaesquer que sejam as suas opiniões, que não sei quaes são, nem preciso saber, digo, tem elle, assim como nós todos temos, obrigação de respeitar o governo; e não vir aqui apresentar accusações sem base de qualidade algu-

ma, imputando aos seus membros coisas que elles não disseram, nem podiam jamais dizer. — Tenho dito a respeito de consules.

«Depois do serio vem o burlesco, no fim da tragedia vem a farça. O illustre deputado tentou ridicularisar-me, acoimando-me com a procura, não sei de que pergaminhos. Eu ou não tenho pergaminhos nenhuns, ou se os tenho, foram ganhos por mim; principiando talvez em mim o que tem acabado em muitos[1]. *(Apoiados.)* Se tenho pergaminhos, esses deram-m'os pela opinião pública; são pergaminhos que talvez todos os que me accusam, não possam ter. *(Apoiados.)*

«Digo diante da camara toda, porque quero tambem que a nação saiba, que fôra um chefe proscripto de uma ordem proscripta em Portugal que me fez a honra de me dizer que eu estava feito balio de Malta. Esta condecoração, que recebi com permissão da soberana, não se confere senão por serviços á religião christã, e eu tenho-a defendido como ella póde e unicamente deve ser defendida no seculo actual *(Apoiados)*; d'isso me honro muito; d'isso tenho testemunho maior que nenhuma das accusações que me possam fazer d'esse lado (direito) ou de qualquer lado; e este testemunho que não recebi de nenhum soberano, que recebi antes de ser ministro, que não recebi como ministro, para mim, para a minha consciencia, gloria-me mais que se recebesse de todas as testas coroadas do mundo, do alto do seu throno, as maiores provas de consideração, de complacencia e condescendencia. Ninguem póde pensar, nem o illustre deputado pensa, que fosse eu o escolhido para fazer reviver a ordem do Sepulchro de Christo; saiba que igual condecoração foi dada a Chateaubriand, e que na sua

[1] O aggressor, hoje titular, tinha-se na conta de descendente de fidalgos.

vontade de me accusar me comparou a um dos maiores homens d'este seculo; mas saiba tambem que eu rejeito a comparação, porque tenho maior modestia do que o illustre deputado cuida. Saiba tambem, e talvez não saiba, que a ordem do Sepulchro não é, nunca foi ordem portugueza; por consequencia nenhum ministro podia restaurál-a, nem mesmo restituir-lhe os bens que lhe foram tirados; é impossivel: o illustre deputado ignora um facto historico... (O sr. *Cunha Sotto Maior*: — Sei-o.) Pois se o sabe, então para que vir aqui dizer que o ministro acha pergaminhos? Talvez o illustre deputado ignore que bem perto de si está um amigo meu que recebeu uma condecoração da mesma ordem; pois saiba que a tem, porque o governo portuguez reconheceu os direitos independentes d'essa ordem proscripta, mas não extincta, para tratar com ella como de potencia a potencia. Creio que a camara está satisfeita, e de certo que se havia de indignar, ouvindo dizer que um ministro que por tantas vezes tem honrado com o seu voto, era capaz de fazer um anachronismo, uma tolice e uma bestialidade[1].»

VI

Fallando na ausencia de Garrett, o mesmo deputado accusa-o de immodesto, e de se ter comparado a Chateaubriand; diz que não se referiu ao baliado de Malta mortificado pelo sentimento da inveja: «quiz apenas, muito de relance, notar que de uma cruz mais ou menos anachronica não proviria de certo felicidade alguma ao paiz; póde acontecer que seja um grande enfeite

[1] *Diario da camara dos deputados*, 25 de junho de 1852, vol. v, pag. 328 e 329.

para o sr. ministro, mas o paiz não lucrou nada com isso[1]».

Emquanto estas pequenas coisas o incommodavam por um lado, por outro lhe mandava o conde de Lavradio desagradaveis noticias de Londres, a respeito dos nossos

[1] *Diario da camara dos deputados*, junho de 1852, vol. v, pag. 353.

Bulhão Pato descreve assim este lance, depois de fallar do aggressor: «Pois este orador, este jornalista, este grande elegante, feriu Garrett e feriu desapiedadamente.

«Não faltou quem murmurasse: O poeta está cansado, está velho, e não tira a desforra!

«José Estevão respondia: — «Cuidado com elle. Eu conheço-o; «já lhe provei as mãos. É temivel.»

«No dia seguinte appareceu o visconde de Almeida Garrett: casaca verde bronze, com botões de metal amarello, recortado sobre o velludo verde; collete branco, de grandes bandas: collete deslumbrante; calça côr de flor de alecrim; camisa finissima, a tira e os punhos encanudados: gravata de côres lubricas; luvas côr de palha.

«José Estevão não o perdia de vista.

«Garrett pediu a palavra, e levantando-se com a solemnidade de um semi-deus, — ah! caso assombroso! — em contraste com o raro e apurado no trajo, saccou da algibeira uma monstruosa caixa de rapé!

«José Estevão, agitando a cabeça leonina, disse para os que lhe ficavam em volta:

— «Tremei, ó povos de Israel; o *divino** trouxe a caixa das exe- «cuções!»

«E foi uma execução pavorosa!

«A violencia começava no gesto, e ia successivamente crescendo na voz, no epitheto e na idéa. Allusões ferinas, ironia cruel, desdem profundo, tudo se epilogava nos periodos redondos e soberbos da sua magna eloquencia!

«Os espectadores, como os espectadores do circo romano, em certas circumstancias, desejavam erguer o pollegar, implorando ao gladiador triumphante a vida do adversario abatido!» *(Sob os cyprestes*, Lisboa, 1877, pag. 74 e 75.)

* Era assim que os companheiros de estudo, em Coimbra, appellidavam Garrett. *B. Pato.* — E assim o appellidaram até á morte os seus contemporaneos. *G. A.*

negocios de credito, e sobre tentativas miguelistas, que pela decima vez agitavam os animos. Rodrigo escrevia-lhe sobre isto:

«12 (não tem o mez).

«Meu João. — Remetto-te os officios do Lavradio que li com attenção e summo desgosto. Fallaremos sobre elles.

«O duque teve a bondade de m'os mandar, porque eu lhe dei hontem á noite a noticia da subida dos nossos fundos, que no dia 7 ficavam a 37 e mais, como vi do *Times* d'aquelle dia. Que diabo de contradicção será esta entre o que diz o ministro e o que ajuizam os credores estrangeiros?

«Agora apparece, além do mais, ainda um ameaço do Thornton!

«Adeus. — Teu do C. = *Rodr.º*»

De Madrid tambem não ventava favoravelmente. As correspondencias do ministro portuguez, D. Luiz de Noronha, raro deixavam de trazer alguma nota desafinada. Aquelle agente era ali mal visto pelo ministerio de Miraflores, que insinuava para Lisboa ao seu representante D. Antonio Alcalá Galiano para que pedisse, sem fazer escandalo, a remoção de Noronha. Hortega, que escrevia a Garrett repetidas cartas confidenciaes, advertia-o n'uma d'ellas de que depositava mal e demasiada confiança em certa pessoa residente em Madrid, que não lhe era tão leal e affeiçoada como o ministro julgava[1]. E a 26 de junho communicou-lhe a saída de uma expedição

[1] Na côrte de Hespanha espalharam-se tão más noticias sobre o estado de Portugal, que o governo inglez pedia informações ao agente que n'ella tinha; e D. Luiz de Noronha escrevia que constava estarem os miguelistas revolucionando o paiz, e, quando caiu o governo de Miraflores, que se dizia que na politica do novo ministerio entrava o projecto de cooperar para que em Portugal se derrubasse o gabinete regenerador!

dos Estados Unidos, que ia promover em Cuba a revolução de independencia republicana. João juntou a esta carta um papel em que escreveu: «D'estas noticias sobre a ilha de Cuba quem primeiro preveniu o governo catholico foi o governo de sua magestade. Informado directamente, e com certeza, de se estar preparando a expedição contra aquella ilha nos Estados Unidos, escrevi logo ao sr. Galiano e fiz ir pelo telegrapho o aviso a Badajoz. Isto foi poucos dias antes da semsaboria dos Montijos: e assim se mostrou agradecido o governo de Hespanha!»

VII

Das suas correspondencias com os nossos agentes apura-se que elle andava geralmente bem informado, o que já não era pouco. E ainda outros estudos interessantes se podem colher d'esses documentos, não sendo os menos uteis saber-se como certos sujeitos fazem carreira; como a mediocridade é habil para trepar pelos caminhos do servilismo e da lisonja até aos primeiros logares do estado, ao passo que o verdadeiro merito vive desprezado...

Dias depois da carta de Rodrigo sobre os officios de Lavradio, e por causa d'esses officios, houve reunião de ministros na secretaría do reino[1]. Parece que se tratava de reclamações do banqueiro Thornton, de emprestimos feitos, ou que se desejavam fazer, e de outros assumptos, prendendo todos com a questão de fazenda. Indo eu á secretaría dos estrangeiros dar-lhe conta de algumas in-

[1] Lavradio foi bastante ingrato para com João Baptista. Estando em Paris, quando este saiu do ministerio, fez côro com os calumniadores contra o seu ex-chefe, que sempre fôra seu amigo. Por uma carta de F. de Paiva soube Garrett que o conde o punha pelas ruas da amargura! *(Catal. Guim.* – Cartão c. – ii.)

cumbencias, pediu-me João que fosse com elle ao ministerio do reino para receber ali uma resposta, ou papeis de Rodrigo. Já uma vez, levando-me pelo braço, apesar dos meus protestos, enfiára commigo pela porta da camara dos deputados em plena sessão! Agora, com a mesma semceremonia, me arrastou até meio da sala do conselho! Já ali estavam os outros ministros, sentados uns, outros de pé, e alguns passeiando ao mesmo tempo que conversavam. Quando se abriu a porta calaram-se todos, e não me foi difficil notar a surpreza causada pela minha humilde pessoa. Rodrigo, com os cotovellos fincados na mesa, afastou um pouco as mãos sobre que apoiava o rosto, ergueu o olhar para mim, sorriu-se com benevolencia, e medindo em seguida Garrett de alto a a baixo, exclamou, com ar tão comico que fez rir todos:

— Oh! João, aonde diabo foste desencantar essa fazenda?!

Este olhou insensivelmente para as mãos, para mim, á roda de si, depois para o interpellante, e perguntou-lhe, meio desconfiado:

— Qual fazenda?!

As calças do poeta eram de xadrez, claro, de quadrados largos, segundo a moda do tempo, e davam muito na vista. Rodrigo, que não desgostava de belliscar de vez em quando o homem que mais admirava, e que tinha horror a similhantes estofos (nos ultimos annos nunca se vestia senão de preto), expunha-o assim ao riso, talvez para o punir de se ter demorado. João afinava já, quando Larcher, que tambem ali estava, lhe gritou:

— É a das tuas calças, diabo! Se a opposição embirra com ella, tens para pêras!

— Ora, ora... Até as minhas pobres calças!... Não sei que esta fazenda tenha nada de notavel. Usa-a toda a gente.

— Ah! menino, essa fazenda... é melhor e mais bonita que a nossa, por isso me deu no gôto! A fazenda! A fazenda! Agora mais do que nunca me está atrapalhando! Tu és feliz, João! Que bonitas calças!...

Garrett interrompeu-o, quasi colerico, rosnando que se podiam usar calças muito menos graves, e ter tanto ou mais patriotismo do que quem se ria d'ellas.

VIII

A proposito das calças occorre mencionar outro caso não menos comico. Estava Garrett trabalhando com Biker na secretaria. Acabado o expediente, disse ao empregado:

— Eu queria pedir-lhe uma coisa, mas tenho vergonha.

— De quê? Estou certo que v. ex.ª só pedirá o que for justo e possivel.

— Desejo mandar vir de Londres uma casaca de lemiste. O senhor tem mais confiança com o Soveral do que eu, e...

— Só isso? Com licença.

Biker fechou a porta á chave e poz o lenço a tapar o buraco da fechadura, acrescentando:

— Se v. ex.ª não fosse ministro, importava-me pouco que todos vissem... — Emquanto fallava, ía cortando tiras de papel. — Ponha-se lá direito, faça favor.

João, embora espantado, não se atrevia a interrogál-o, nem a interrompêl-o. Deixou-o tomar-lhe medida, pensando comsigo se o outro teria sido alfayate, e fazendo intimos votos para que o traste não saísse estragado.

— Prompto. Fique descansado.

D'ahi a vinte dias, horas depois de chegar o paquete, entra Garrett na secretaria, e manda chamar Biker com

urgencia. Apresenta-se este, e o ministro grita-lhe, enthusiasmado, e andando á roda:

—Veja que perfeição! Está elegantissima, e veste que nem uma luva! Ah! Se o senhor quizesse...

E ficou olhando para elle, como quem queria dizer-lhe: — Ah! que felicidade, se o senhor quizesse ser meu alfayate!

Biker, depois de ter elle saído do ministerio, continuou a mandar-lhe vir encommendas de Londres. E gaba-se ainda hoje com desvanecimento de o ter trazido sempre muito bem vestido. Transcrevo esta curiosa nota, tambem dada a Biker pelo poeta, e toda de sua letra, para pedidos que deviam vir pelo paquete de 29 de junho d'esse anno:

«1 casaca preta, primeira qualid.ᵉ, forro de seda, etc.

«1 suit of clothes (andaina ou fato completo) de verão, especie de (trajo?) de caça para ir a Cintra, etc., feito o fraque ou como quer que lhe chamam com muitas algibeiras; as polainas — o córte para calça e collete — todo igual de uma fazenda, desde a polaina até ao fraque.

«3 camisas de campo brancas, mas com uma de côr.

«Gravata de seda bem propria para que diga com a côr do fato, etc.»

IX

A imaginação do artista carecia de alimento variado e constante, para não devorar o corpo em que habitava. Um dia era fato, outro, objectos de escriptorio, sinetes com armas recompostas sobre as que já usava, e nas quaes entrasse a parte que coubesse das suas novas distincções. Veja-se esta nova serie de apontamentos, que me deu o mesmo amigo, igualmente da letra de João:

«*Sinetes*. Desconfio de que, nas condições que mandei

sobre um sinete grande que encommendei, o que deve assentar o meu escudo sobre a grande cruz de Malta, rodeado das condecorações de outras ordens, posto dentro do manto de *grande* e coroado pela corôa de conde, — esqueceu mandar a impressão do dito meu escudo. Completo as ditas condições, mandando duas impressões de gravura e uma de um outro sinete de annel.

«Mando tambem um annel com pedra sanguinea. Se n'esta pedra se póde emendar a gravura coroando o escudo com a mesma corôa que hoje devo trazer, faça-se assim. Já em outra occasião vi fazer igual emenda; e é muito mais barata. Se não podér ser, então tire-se a pedra sanguinea, colloque-se em uma mão ou cabo de marfim para servir de sinete; e grave-se uma pedra que mando com as mesmas armas e timbre e a corôa por cima, e esta será engastada no dito annel.

«Do mesmo modo mando uma corneline branca já gravada para se fazer com ella um sinete *en breloque,* para ser trazido na cadeia do meu relogio. Comtudo, que n'isto se não gaste muito dinheiro, pois que o dito sinete é um mero capricho.

«A pedra que vae, se for precisa, é uma amethysta de pouco ou nenhum valor; mas por justos motivos a prefiro a outra. Salvo havendo grave inconveniente.

«Peço que se não perca a impressa em lacre do meu antigo sinete de familia, o qual desejo conservar.»

X

É possivel que não falte quem me censure, porque ponho aqui taes pequenezas, que parecem amesquinhál-o. Repiso, portanto, que o meu fito é reproduzir-lhe todas as feições, pintál-o com fidelidade. Se elle não tivesse tido estas prisões terrenas teria sido um Deus; e

eu diligenceio retratar um homem, que, sempre que o quiz, soube ser grande: deixêmol-o pois revelar-nos que pertenceu á humanidade, para honra e gloria nossa.

Aquella amethysta de pouco ou nenhum valor, preferida por «justos motivos» é de inestimavel preço para quem o estuda!

Em carta de 8 de agosto de 1852 lhe responde de Londres Pinto do Soveral, dizendo-lhe ter-se conseguido collocar a corôa de conde sobre as antigas armas do annel e dos botões, que lh'os remettia, e mandava tambem montada a coralina, devolvendo a amethysta por não ter sido necessaria. Acrescentava que o annel era uma obra prima «a mais bella que tinha visto n'aquelle genero». Nos seus papeis avultam numerosas correspondencias com os representantes portuguezes em Inglaterra e França, tratando de sinetes, anneis, botões de libré, *robes-de-chambre, pantoufles,* camisas, luvas de Jouvin, cobertas de cama, meias, sapatos de baile, casacas, colletes, papel, obreias, etc., tudo, emfim, quanto a mais requintada elegancia tem por indispensavel. O poeta-ministro parecia ter achado o segredo de dar alguma coisa que fazer á diplomacia portugueza. Visto que os negocios da nação não occupavam muito os seus agentes no estrangeiro, judiciosamente entendeu que, para elles não morrerem obesos, devia empregál-os n'aquelle serviço. E o caso é que varios sujeitos pareciam lisonjear-se com a confiança que punha no seu bom gôsto tão auctorisado mestre. Advirta-se, comtudo, que a maioria eram seus amigos pessoaes; e não se julgue que foi Garrett o unico que os occupou n'estas coisas. Entre os seus papeis sobejam provas do contrário.

Em geral, as correspondencias diplomaticas dos nossos ministros dos negocios estrangeiros com os seus representantes nas outras côrtes, não tratam senão de diligenciar gran-cruzes para o chefe, commendas e melho-

ria de empregos para os subalternos, condecorações para estrangeiros, e listas de encommendas para os amigos. Vale portanto muito a pena, sobretudo em nações pequenas, ter corpo diplomatico subsidiado para tão altas funcções! Por minha parte, confesso que fiquei mortificadissimo, quando, ainda em vida de João Baptista, examinei as suas correspondencias sobre estes assumptos. Temi então que fosse defeito exclusivo d'elle; e tratei de indagar como procediam os outros. Reconhecendo que seguiam igual systema, tranquillisei-me, convencido de que, ao contrário do que succede em tudo mais, n'este caso a molestia provém dos logares e não dos homens.

A 27 de março de 1852 lhe fôra dada pelo Brazil a gran-cruz da ordem da Rosa; a 14 de abril a ordem do Nichan Iftiar, da Turquia, de 1.ª classe; a 19 de junho a gran-cruz de Leopoldo da Belgica; a 2 de julho a gran-cruz da Estrella Polar da Suecia e Noruega; e a 4 de agosto se passou a bulla que o nomeou balío honorario e grão-cruz da ordem militar do Hospital de S. João de Jerusalem. O seu desejo era metter todos esses enfeites n'um sinete, com o mais que já tinha! E preoccupava-se com isso tanto como o faria, em iguaes circumstancias, qualquer João Fernandes, dos que o hão de censurar, a elle por taes puerilidades, e a mim por dar notícia d'ellas [1].

[1] Na *Resenha das familias titulares e grandes de Portugal*, por Albano da Silveira Pinto, Lisboa, 1877, a pag. 43 e seguintes, no artigo 'visconde de Almeida Garrett', parece-me haver pequenas inexactidões, aliás faceis de escapar em tão difficil trabalho. Ali se descreve do seguinte modo o brazão de armas de Garrett: — «um escudo esquartellado; no primeiro e quarto quartel as armas dos Silvas — em campo de prata um leão de purpura armado de azul; no segundo, as armas dos Almeidas — em campo vermelho seis besantes de oiro entre uma dobre cruz, e bordadura do mesmo metal; no terceiro quartel as armas dos Leitões — em campo de prata

Foi por este tempo que principiou a publicar-se em Lisboa o jornal francez *Revue Lusitanienne*. Ortair Fournier, ex-consul e ex-chanceller da legação de França em Lisboa, demittido em virtude da mudança operada no governo da França, em 2 de dezembro, por Luiz Napoleão, viera para Lisboa recommendado a Garrett por seu irmão Eduardo, traductor da *Miragaia* e de *Frei Luiz de Sousa* em francez; e aqui fundára esse jornal para obter meios de subsistencia.

XI

Um dia, pela manhã cedo, recebi aviso de Garrett para ir almoçar com elle, e a declaração de que não me admittia recusa e desculpa de nenhuma especie. Imaginei logo caso grave, e fui immediatamente. Já disse que elle era madrugador por habito: salvo obstaculo serio, levantava-se geralmente ás seis horas da manhã, no verão, e ás sete no inverno. O seu traje matinal parecia-me excessivamente comico, quer n'uma quer n'outra estação, por isso lhe consagro algumas linhas. Quando fazia frio, vestia-se de casimira grossa, de xadrez avermelhado: o casaco, abotoado até ao pescoço, descia-lhe abaixo dos joelhos; collete igual, assertoado; as calças, que íam estreitando para baixo, terminavam em fórma de meia, como as dos arlequins! Tudo isto, já soffrivelmente pittoresco, coroado por um grande barrete

tres fachas vermelhas.»—A pag. 381 do tomo I d'estas *Memorias*, dando noticia d'este brazão, se demonstrou claramente que a familia o não podia usar com bons fundamentos. Agora, duplamente ennobrecido, o poeta via-se em difficuldades para encaixar tanta coisa no escudo. Não o condemnemos, nós, que somos capazes de fazer tudo aquillo, e muito peior, mas que não temos o podêr de produzir a menor de suas bellas obras.

branco, sem gomma, porém muito têzo, e que elle tinha o capricho de trazer sempre direito!

Na estação calmosa punha o mesmo barrete, que só largava quando se vestia para saír, ou receber visitas de ceremonia, substituindo-o então pelo chinó: a calça era clara, do mesmo feitio que a de inverno e tambem de lã; em vez do casaco, usava enorme camisão, que lhe chegava aos tornozellos, dando-lhe ares de sacerdote antigo. Só os amigos intimos tinham a honra de o ver em similhantes trajos, e de assistir ao seu barbeamento e abluções matinaes, em que foi sempre muito cuidadoso e apurado[1].

N'esta manhã fazia calma; reinavam por isso a plaustra ou balandrau branco, e seus respectivos complementos; porém o barrete estava horrivelmente amarrotado e caído á banda, indicio evidente de tempestade. Apenas entrei, sem me dar tempo a cumprimentos, saccou grosso folheto da mais proxima estante, e estendendo-o para mim com gesto saccudido, perguntou-me:

— Já leu isto?

Peguei no livro e vi que era a *Revue Lusitanienne*, de maio de 1852. Confessei que não a lêra ainda.

— Tambem eu só a abri hoje, apesar de a ver todos os dias ahi por cima das mesas, ha mais de um mez... Faça favor de ler aqui.

E abriu-m'a na pag. 37. Li: «ÉCRIVAINS PORTUGAIS CONTEMPORAINS. — *Herculano, Garrett.* (Traduit sur manuscrit par Ortair Fournier.)» O artigo era extenso, e sentei-me, procurando a assignatura, que vi ser de José da Silva Mendes Leal.

Emquanto eu lia, Garrett passeava, fumando cigarros uns após outros, que segurava com pequena pinça de

[1] A calúmnia chegou até o absurdo de o accusar de pouco asseiado comsigo, o que foi tão falso como tudo mais.

metal prateado. De vez em quando, parava diante de mim, gesticulava, soltava monosyllabos, e voltava a passeiar.

Na primeira pagina do artigo ha uma nota do auctor, dizendo que entre nós se interpreta tudo por motivos pessoaes e politicos e que por isso julga a proposito declarar que sendo Garrett ministro, não é ao ministro que dirige os seus louvores; membro da opposição conservadora, e portanto seu adversario politico, nem por isso deixa de fazer inteira justiça ao merito eminente do poeta e do escriptor, etc. Pela leitura, calculei a causa da ira de Garrett. Mendes Leal, ao passo que lhe presta homenagem de verdadeira admiração, dá o primeiro logar a Herculano, sem sombra de intenção offensiva para aquelle. É certo, todavia, que, por essa critica, o verdadeiro restaurador da moderna poesia e da litteratura portugueza ficava reduzido a pequenas proporções. Parece-me ter demonstrado que o proprio Herculano reconheceu e proclamou a superioridade do auctor de *Camões,* como iniciador do romantismo. Garrett doeu-se sobretudo dos seguintes periodos, que dou em francez, para não lhes alterar nem uma virgula:

«Suivant l'heureuse expression de Rosier, *l'un est la grâce, l'autre est la force.* Dans Garrett, il y a quelque chose de négligent et de morbide, de féminin enfin, qui lui imprime un cachet de gracieuseté et de suavité, dont nous autres nationaux pouvons plus que personne savourer le charme. Esprit plus généralisateur, plus synthétique, plus puissant, Herculano traduit sous une forme nerveuse et sévère une pensée toujours virile. On dirait, à les voir, d'un groupe de la Niobé gémissante auprès d'Hercule luttant, ou du mythe biblique de Dalila et Samson. Dans Garrett, le contour s'arrondit presque toujours en une courbe tracée avec un voluptueux abandon; dans Herculano, l'arête est plus vive, les mu-

scles sont sculptés en relief, l'attitude est sobre mais vigoureuse.»

. . . . . .

«Le Cygne du lac, par la grâce de ses mouvements, attira les regards; l'Aigle des rochers, planant dans les nuages, les appela vers le ciel, c'est-à-dire vers l'infini.»

XII

— Cobre-me de ridiculo! — exclamou Garrett, vendo-me ficar calado no fim da leitura. — Pelo que ahi diz, não sei eu mais nada senão arranhar na bandurra, sentado á borda dos ribeiros, a fazer sonetos parvos! Desejo responder, mas temo exceder-me. Veja se diz alguma coisa, n'este mesmo papel. Escreva, que eu darei o artigo ao Fournier. Cysne do lago!...

Mendes Leal, amigo do conde de Thomar, e filiado desde muito no seu partido, nunca, apesar das differenças da politica, deixára de respeitar Garrett, que o chamou para o conservatorio, e o aconselhou e dirigiu com verdadeiro affecto no começo da sua carreira litteraria. Sabendo estas e outras particularidades, e (desculpe-se-me a immodestia, em homenagem á verdade) tendo ânimo conciliador e sendo amigo de ambos, prometti responder ao artigo; mas, sem nada dizer a Mendes Leal, procurei occasião de o reapproximar do auctor de *Frei Luiz de Sousa*. Fiz com que repetidas vezes se encontrassem em minha casa; e Garrett, mais espirito do que materia, depressa se esqueceu do que reputára aggravo, em vista das attenções e deferencias com que o tratava o insigne poeta dos *Canticos*.

Na minha humilde casa do pateo do Forno se reuniram, durante os ultimos annos da vida de João Baptista, muitos dos homens notaveis das diversas parcialidades

politicas, em íntima e fraternal convivencia litteraria, presidindo aquelle sempre a todas as nossas reuniões. Mendes Leal, Felner, Rebello da Silva, Manuel José Gonçalves, todos estes do partido do conde de Thomar, e ainda outros muitos, de que agora me não lembro, e que os ultimos successos politicos tinham afastado naturalmente de Garrett, ali se congraçaram, sem que fosse percebida por nenhum d'elles a intenção de os reunir para os reconciliar, e voltando a ser amigos como no tempo da creação do conservatorio.

A minha casa, como já disse, era na travessa do Forno, n.º 8, por traz do theatro de D. Maria II, n'um segundo andar, com janellas para a travessa. Entrando no pateo, á direita, havia fornos de padeiro; á esquerda, fabrica de amendoas doces; na frente, a escada, sem porta em baixo; e á direita-fundo, como se diz em rubrica de peça de theatro, seguia o beco sem saída, que dava para uma especie de miniatura da *cour des miracles*, descripta por Victor Hugo. Nas noites escuras, tudo aquillo mettia medo. De inverno, após grande chuva, inundava-se o pateo, e não se podia chegar á escada, sem pontes improvisadas.

Garrett amava muito aquella vivenda, porque, dizia elle, lhe dava a mais graciosa idéa dos circulos do inferno. Denominou-a 'casa dantesca', na noite de mais rigoroso inverno que teve o anno de 1851. Chovêra torrencialmente ao escurecer: os meus vizinhos do pateo acabavam apenas de armar o passadiço de taboas, quando o poeta assomou á porta. De um lado, a rama de pinheiro, ardendo, lançava enormes linguas de fogo das bôcas dos fornos; do outro, baloiçava-se, pendente do tecto, com outro fogaréu gigante por baixo, o tacho de arame, onde dançavam ruidosamente as amendoas semi-torradas, mexidas sem cessar pelo meu honrado vizinho Luiz. O clarão das chammas reflectia-se na agua,

e as taboas gemiam e vergavam, fazendo chape-chape no charco, sob os pés do auctor de *D. Branca*. Encantado com aquelle fragmento de poema, e sem saber a qual dos quadros devia prestar maior attenção, hesitou, perdeu o equilibrio, deslocou a ponte e caíu na poça, praguejando e dando a poesia local a todos os diabos. Teve que despir-se e metter-se na minha cama, emquanto se lhe foi buscar roupa e botas, porque ficára como um pinto!

D'essa noite em diante, dizia que eu morava na 'casa dantesca, subindo, á mão esquerda do inferno do Dante'.

XIII

N'este anno teve logar o casamento de Luiz Augusto Rebello da Silva, successo que excitou vivamente a curiosidade do poeta. Rebello da Silva revelára desde muito moço o seu grandissimo talento. Apesar de não ter podido formar-se em direito, por impossibilidade de sujeitar-se ás disciplinas e methodos das escolas superiores, era muito estudioso, de espirito sagaz e penetrante, e possuia uma das imaginações mais divagadoras que tenho conhecido. Entrou muito cedo na vida politica, foi deputado antes da idade legal, pela grande affeição que lhe tinha o conde de Thomar, e manifestou desde logo qualidades de orador distincto: fallava com facilidade e elegancia, colorindo a phrase, ornando o discurso com as galas da erudição precoce, e elevando-se muitas vezes a alturas onde poucos teem chegado no nosso parlamento.

Ainda que militando na opposição, Garrett, que amava os rapazes de talento, chamou-o a si, sem pretender desviál-o do campo e da bandeira que adoptára; corrigiu-lhe os primeiros trabalhos litterarios, e aconselhou-o,

como fizera a tantos outros. Infelizmente, a politica irritante conseguiu com as suas evoluções, nem sempre limpas e claras, afastar por algum tempo o discipulo do mestre. Convivendo com Rebello como se fossemos irmãos, desde 1847, servi-me, para o congraçar com o auctor de *Frei Luiz de Sousa,* da melhor alavanca que se conhece para manejar homens: a vaidade d'elles. *Intriguei* para unir, ao avèsso do que outros faziam. Com mentiras amaveis, que a convivencia convertia depois em verdades, tive o prazer de diluir inimisades, tornando-as em bemquerenças, juntando homens de opiniões desencontradas e fazendo-os manter a mais cordial amisade, que durou até á morte do mestre. Obriguei este a dar almoços e jantares, em que nos reuniamos todos; e algumas vezes os dava eu, quando m'o permittiam os meus fracos recursos; e de outras occasiões íamos comer ás casas de pasto ou ao campo.

Rebellinho (como todos o tratavam ainda), passava na nossa roda por ser considerado 'urso' pelas mulheres. De facto, não se lhe notava grande geito para o namôro; e por isso Garrett ardia em desejos de saber quem era a noiva, e andava furioso com a minha discrição. Quando lhe dei a noticia do projectado consorcio, exclamára:

— Ah! Por isso pae Felner anda sempre aos pulinhos e segredinhos pelos cantos! Deve estar enormemente jubiloso. Casar-se o Rebellinho é natural; estes recatos é que dão ao caso ares de peça do Salitre!

Como nunca se lhe désse azo de conhecer a desposada, nem Rebello lhe participasse em regra o seu casamento, fingiu não se despeitar, mas nunca mais tornou a casa d'elle.

XIV

Antes de fechar o presente capitulo, citarei um facto, provando que Garrett, como ministro, se não dobrava a

empenhos. Instado por cartas de pessoas illustres, e até de alguns dos seus collegas, para favorecer a pretensão do correio assistente de Evora, o ministro ordenou que Biker informasse o requerimento. Este disse que a pretensão era injusta; e Garrett, d'ali por diante, mandava-lhe o pretendente. Biker interrogou-o a esse respeito.

—Viu as cartas de empenho do homem?

—Vi, sim senhor; mas já informei. Entretanto, o ministro póde fazer o que quizer.

—Lavre o despacho.

Biker pegou na penna, olhando para elle.

—Lavre.

«Indeferido» escreveu o empregado.

Garrett assignou immediatamente. No dia da sua saída do ministerio se passou a portaria para o correio diario de Hespanha, melhoramento de sua iniciativa. Do mesmo modo se lhe deveu a convenção sanitaria com a França; a convenção postal com a Belgica; a solução da pendencia entre Portugal e os Estados Unidos por causa do corsario *General Armstrong*, resolvida a nosso favor, pouco tempo depois, sendo a França o arbitro; o tratado de commercio, que lhe motivou a demissão, visto que foi assignado sem alteração; e a creação da mala-posta, segundo elle proprio demonstrou na camara dos pares, em sessão de 30 de maio de 1854:

«Bem sabe a camara e os srs. ministros que eu voto pelas malas-postas; e ainda antes de aqui vir o projecto já tinha votado por ellas; pois eu sou seu auctor: *me me adsum qui feci*. Não quero obstar ao seu andamento...[1]»

As malas-postas prestaram optimo serviço antes de termos caminho de ferro. A sua instituição foi dos melhores beneficios que Garrett fez ao paiz durante o seu ministerio.

[1] *Diario do governo*, de 5 de junho de 1854, pag. 725.

Eu estava no Porto, quando recebi a noticia inesperada da sua demissão de ministro, que tivera logar a 17 de agosto. O decreto, secco e chato, por não dizer affrontoso, nem sequer tem as palavras sacramentaes «serviu muito a meu contento» como é costume escrever-se em todas as exonerações pedidas, até aos mais insignificantes [1].

[1] «Attendendo ao que me representou o visconde de Almeida Garrett, par do reino: hei por bem conceder-lhe a exoneração que me pediu do cargo de ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, conservando-lhe as honras do mesmo cargo. O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado interino dos negocios da guerra, o tenha assim entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 de agosto de 1852. = RAINHA. - *Duque de Saldanha.*» (*Diario*, n.º 195, de 19 do mesmo mez.)

XIII

Casa sobre o arco, em Belem. — Minha ida ali, quando vim do Porto. — Fechámo-nos no seu quarto. — Leitura da *Carta dirigida ao sr. encarregado de negocios de França em Lisboa, pelo sr. visconde de Almeida Garrett ultimamente ministro dos negocios estrangeiros, em Portugal.* — O que é a convenção. — Como começaram as negociações. Porque quiz dar-lhe rapido andamento. Compulsa e faz compulsar os documentos pelos empregados superiores da secretaria. Não houve segredo nem reserva. Faziam-se as conferencias com o ministro francez, na repartição, assistindo o official maior. Não levou o negocio a conselho de ministros, porque nada tinha com a politica ou com a administração geral do paiz. Não admitte favores especiaes. Suspendem-se por isso as conferencias, para o delegado francez fazer aquella declaração ao seu governo. Recomeçam. — Convoca o director da alfandega, que vem assistir ás discussões. Concluida a negociação, tiram-se cópias, sempre sem o menor sigillo. Não queria assignar como negociador. Porquê. Resolve assignar. O pleno podêr não é mais que formulario. Porque não foi á assignatura real e mandou os papeis a Rodrigo. Devolve-lh'os este sem assignatura. Considerações irrespondiveis. Hypocrisia pharisaica. Accusações absurdas. Porque deu a demissão. Mais reflexões que esmagam os inimigos. Porque escreveu esta carta. Conclusão. — A historia fará justiça a quem a tiver. — Mentiu, a respeito do paço, por dignidade e vergonha. — As côrtes dos reis. — Esclarecimentos. — Correspondencia de Jervis, para França, ácerca do tratado. — Voto do ministro de Napoleão, a favor de Garrett. — Jervis assignou depois a convenção, tal qual a fez o poeta. — A questão era sobre quem receberia a gran-cruz! — Ameaças ao agente portuguez em França, por não querer expor por escripto, ao governo da republica, os motivos da demissão do seu ministro. — Vergonhosas e inacreditaveis confissões de Jervis, sobre a convenção litteraria. — Falsidades provadas, nota. — Sudario de miserias. — Ponto em que parece ter rasão o successor de Garrett. — Porque não vulgarisei a carta d'este. — Carta a Bernardino Martins, e artigo para os jornaes. — Historia atroz de 3:000$000 réis. — Rompimento com Rodrigo. — Resposta a um critico, nota. — Ainda a idade do poeta. — Mais infamias e infames. — Tentativas de reconciliação. — Duas cartas de Rodrigo. — O dia do castigo.

I

Chegando a Lisboa, na manhã de 24 de agosto, fui logo a Belem. O poeta passou o resto d'esse verão e o comêço do outono na casa do arco da passagem para a torre, a qual tem hoje o n.º 40, na porta do meio, á direita, indo

do Bom Successo. Quando cheguei á entrada da rua que vae do recolhimento, avistei-o, quasi defronte das cocheiras do duque da Terceira. Reconhecendo-me, correu para mim, abraçou-me, quiz tirar-me nos braços de cima do cavallo, e tomando este pelas redeas, apesar dos meus protestos e resistencia, foi recolhêl-o nas cocheiras do duque.

II

Entrando em casa, deu ordem para não receber ninguem, fechámos-nos no seu quarto, abriu a gaveta da mesa de trabalho, e tirou d'ella a carta seguinte, que me leu toda, pausadamente, por vezes com as lagrimas bailando-lhe nos olhos. Apesar de extensissima, é-me impossivel privar d'ella as suas memorias e a historia politica de Portugal.

III

«*Copia de uma carta dirigida ao sr. encarregado de negocios de França em Lisboa, pelo sr. visconde de Almeida Garrett ultimamente ministro dos negocios estrangeiros, em Portugal*[1]:

«Lisboa 19 de agosto de 1852.

«Illmo sr. — Ignorando absolutamente o que o sr. ministro dos negocios estrangeiros possa ter escripto a v. s.ª, ou á legação de sua magestade em París, sobre as negociações que ultimamente tratei com a França e que motivaram a minha saída do ministerio, julgo do meu dever, resumindo os factos que v. s.ª não ignora, de quasi todos os quaes é testemunha, — e expondo outros

[1] Em baixo diz: «Ao sr. chevalier de S.t Robert, encarregado de negocios de França, etc., etc., etc.» É lithographada.

que talvez não chegassem ao seu conhecimento, dar-lhe, por minha parte, uma idéa clara, distincta e precisa a este respeito, para que, bem informado por quem n'este caso está acima de toda a suspeita, v. s.ª possa contribuir, como de certo deseja, a afastar qualquer desintelligencia entre dois governos amigos e sinceramente desejosos de estreitar os vinculos de antiga e reciproca benevolencia que prendem as nossas nações.—A convenção de que se tratou, e a que se deu o nome, hoje commum mas talvez um pouco fastoso de TRATADO DE COMMERCIO E NAVEGAÇÃO, não é, como v. s.ª sabe, outra coisa mais do que uma collecção de estipulações internacionaes para regular definitivamente: 1.º, os direitos e obrigações dos portuguezes residentes em França e dos francezes em Portugal; 2.º, a reciprocidade dos direitos das duas bandeiras nas entradas, ancoragens e saídas dos portos de ambas as nações; e 3.º, finalmente, os direitos e obrigações mútuas dos nossos agentes consulares em França e dos francezes em Portugal.

«Podia fazer-se isto por uma simples troca de notas, como se fez em Paris em 28 e 29 de julho de 1814 entre o duque de Palmella e o principe de Talleyrand que estabeleceram entre os dois paizes, o principio da reciprocidade agora simplesmente desenvolvido no actual tratado, em que nada se innovou, nada se concedeu além do já concedido, mas sómente se regulou o que estava feito e estipulado. E por isso digo que foi talvez um pouco fastoso o titulo dado ao documento. É porém o que geralmente se tem dado ás convenções perfeitamente iguaes que temos com todas as potencias maritimas e até com algumas que o não são.

«A iniciativa porém, cumpre dizêl-o, foi tomada por Portugal, que offereceu á França um projecto de tratado, no ministerio do sr. conde do Tojal.

«Pediam-se ali favores especiaes que a França não

quiz ou não pôde conceder; e promettiam-se por nossa parte outros que é minha opinião se não deviam prometter. A França, acceitando a proposta portugueza, modificou-a, respondendo a ella com um contra-projecto que foi apresentado ao meu antecessor o sr. Jervis de Athouguia.

«S. ex.ª respondeu que lhe dava toda a consideração e que ia tomar o parecer do gabinete para seguir a negociação. Effectivamente o contra-projecto foi por elle enviado á repartição competente, que, na nossa organisação ministerial, é a da fazenda.

«Assim instado, o sr. ministro dos negocios da fazenda mandou ouvir sobre a questão as auctoridades competentes, que eram e são os conselheiros director geral das alfandegas do reino e contribuições indirectas, e o director da alfandega de Lisboa. Deram estes funccionarios o seu parecer; e o sr. ministro da fazenda, conformando-se geralmente com as opiniões e votos de seus naturaes conselheiros, reenviou com elles o contra-projecto ao ministro dos negocios estrangeiros.

«Durante este processo, que foi longo e lento, instava a legação de França com o respectivo ministro para que se continuasse uma negociação que era Portugal que havia proposto e começado. Foi n'este intervallo que eu tive a honra de ser chamado aos conselhos de sua magestade e que tomei a direcção do ministerio dos negocios estrangeiros.

«Apertado, como o meu antecessor, pelas instancias do ministro de França, apertado (como elle não era, nem podia ser) por considerações de melindre pessoal que tanto podem em animos generosos, indignando-me de que a demora de um negocio público fosse ou podesse ser traduzida por effeito de resentimento individual nascido de resultas da minha anterior negociação com a França (a da convenção litteraria de 1851), eu julguei em-

penhado o meu pundonor, direi ainda, o meu justo orgulho e dignidade pessoal, em dar breve e facil andamento a esta negociação.

«Actuado — e não me pejo de dizer que o fui — direi mais que sempre hei de sêl-o — por taes motivos, officiei ao sr. ministro da fazenda, instando pela opinião pedida por meu antecessor o sr. Jervis; e foi em consequencia d'estas instancias que emfim vieram do ministerio da fazenda as respostas que já mencionei.

«Apenas chegadas ellas, mandei proceder na secretaria aos trabalhos preparatorios da comparação dos dois documentos principaes da negociação — o projecto portuguez inicial, e o contra-projecto francez. Compulsei e fiz compulsar todos os tratados e convenções similhantes que temos com as outras potencias, que são quasi todas as da Europa e parte das de America; e este trabalho foi conscienciosa e escrupulosamente executado na secretaria a que tive a honra de presidir, pelo seu official maior e por varios outros srs. officiaes e empregados n'ella, muito a meu contento e satisfação, porque me habilitaram a julgar madura e reflectidamente da questão proposta, dos pareceres dos já referidos funccionarios fiscaes, e de todas as conveniencias que eu devia e queria contemplar.

«Pela natureza simples e ostensiva da negociação, tudo isto foi feito sem nenhuma reserva ou segredo, preparado, tratado e discutido em plena secretaria, e deplorando eu sómente os poucos meios de publicidade e exame a que podia soccorrer-me por estarem tão deficientemente e tão incongruamente organisadas as nossas estações públicas, que em taes assumptos se não possam ouvir, considerar e contemplar todos os interêsses, o que em pontos d'estes redobra de inconveniencia.

«E ainda que a questão unica n'este caso era a de na-

vegação e de portos, sentia todavia e muito a falta de informação e exame.

«Feito este trabalho, e feito, ouso dizêl-o, o melhor que entre nós póde fazer-se: trabalho que foi grande e longo, e do qual assiduamente nos occupámos eu e toda a secretaria, não de leve, não sem o maior escrupulo, e segundo todas as regras, avisei o sr. secretario de França, chefe da sua missão na ausencia do ministro conde de Mareschalqui, de que eu estava emfim habilitado a continuar as negociações propostas e começadas por meus antecessores.

«Fizeram-se as conferencias na secretaria d'estado em presença do sr. official maior que me subministrava os documentos a que era mister recorrer a miude, e como já disse, ostensivamente, sem a menor reserva, a sabendas de todos os empregados na mesma secretaria, e sem se occultarem de quantos a ella vinham, diplomaticos estrangeiros ou funccionarios portuguezes.

«Não levei o negocio a conselho de ministros porque o tinha e tenho ainda hoje por um negocio corrente e simples, que nada tem com a politica ou com a administração geral do paiz, em que não ha a mais minima complicação com as graves questões do estado. Fui ministro seis mezes e nunca pensei em intrometter-me nas transacções que eram da competencia dos outros ministerios, nem deixei de pedir o voto do conselho sobre questões minhas, ainda minimas e iguaes ás quaes os meus collegas resolviam per si sós. Esta por sua natureza era do simples expediente dos negocios estrangeiros, por mais que agora a queiram magnificar para lançar sobre mim uma imputação toda graciosa.

«Na primeira das ditas conferencias começou-se por se fazer leitura dos corpos do projecto e contra-projecto, e houve, para assim me expressar, a discussão na generalidade d'elles.

«Desde logo declarei ao negociador francez que, tanto no proposto por Portugal como no proposto pela França, eu punha de parte e absolutamente rejeitava tudo quanto, directa ou indirectamente, se referisse a favores especiaes em commercio, e muito mais ainda tudo quanto se parecesse com questões politicas de navegação, bandeira, visitas em tempo de paz ou de guerra, e similhantes. As rasões de meu proceder são bem obvias, e não precisam explicar-se nem desenvolver-se.

«E repugnando esta minha decisão inabalavel ao negociador francez, eu formalmente lhe declarei que as negociações estavam suspensas, e que perpetuamente ficariam quebradas se o tratado proposto se não reduzisse ás simples e communs estipulações que se achavam em todos os nossos outros tratados, com os Estados Unidos, com a Hespanha, com a Russia, com a Sardenha, com a Prussia e com quasi todas as outras potencias do norte.

«Com esta positiva declaração, o negociador francez julgou dever referir ao seu governo: ficaram no emtanto suspensas as conferencias.

«Sem dúvida se convenceu o ministro dos negocios estrangeiros do principe presidente, da solidez, justiça e conveniencia das minhas objecções; pois que resolveu ceder a todas ellas, segundo officialmente me communicou o sr. Beclard.

«Reduzida assim a negociação a estas dimensões, conforme a minha propria e justa exigencia, não podia eu já, sem sophisma, e ainda sem dar suspeita da boa fé que deve ser o timbre de todos os governos, e que é a maior necessidade dos que não são grandes nem materialmente poderosos, eu não podia, digo, espaçar mais a continuação e conclusão d'ella. E, repito, nem julguei dever importunar o conselho e differir mais a negociação sobre um assumpto de tão pouca monta, absolutamente

regulamentar, cujos principios estavam já irrevocavelmente estabelecidos, e em que só cumpria consultar, como consultei, as estações especiaes e competentes.

«Annui pois ás solicitações do sr. encarregado de França; e como a minha opinião sobre alguns dos pontos a que tinha objectado o sr. conselheiro director da alfandega de Lisboa (e com elle o sr. director geral das alfandegas e contribuições indirectas, e com ambos elles o sr. ministro da fazenda) diversificava um tanto, posto que mais na fórma que no fundo das questões — resolvi não ouvir o sr. Beclard nem discutir com elle senão na presença d'aquelle digno e honrado funccionario.

«Enviei o sr. official maior da minha secretaría a pedir-lhe que me auxiliasse com a sua intelligencia e experiencia n'esta negociação. Ao que elle de bom grado se prestou; e em uma larga conferencia discutimos juntos, o sr. Beclard, o sr. conselheiro director da alfandega, o sr. official maior da minha secretaría e eu, minuciosa e detidamente todos os artigos que, directa ou indirectamente tinham relação com o commercio, navegação, direitos de portos, pharoes, ancoragem e similhantes.

«Em summa, discutimos o tratado todo, porque nada mais n'elle ha, como já disse, repito, e v. s.ª sabe, e facilmente saberá qualquer por mais hospede que seja n'estas materias se reflectidamente o ler sem prevenções ridiculas e absurdas.

«Concluida assim moralmente a negociação, mandei tirar nas duas linguas, franceza e portugueza, as duas cópias do estylo: trabalho em que se empregaram, além do sr. official maior mais quatro ou cinco dos seus subordinados, em plena secretaría, torno a dizer, e sem reserva ou sigillo algum, porque a natureza da negociação não era nem devia ser senão ostensiva.

«No progresso d'estas conferencias, que foram tres, várias pessoas me viram e acharam preparando ou discutindo os pontos d'ellas, sem que eu ou ninguem da minha secretaría lhes fizesse d'isso mysterio.

«Cumpre tambem referir aqui uma circumstancia que não é indifferente. Nas cópias que mandei fazer do tratado ordenei que se deixasse em branco a primeira folha, que devia ser occupada pelo preambulo ou protocollo em que se conteem os nomes, qualificações e titulos dos negociadores.

«Tendo-me occupado, como ministro, da negociação, eu não queria todavia assignar como negociador. As rasões que tinha para isso eram para mim fortissimas, posto que meramente pessoaes. Não julgo necessario individuál-as. E n'esta intenção consultei com o sr. official maior da minha secretaría, e recorrendo a lista dos nossos diplomaticos em disponibilidade aqui residentes, fixei a minha escolha no sr. conselheiro Lobo de Moura que ha pouco negociára um tratado identico com a Sardenha e em quem naturalmente me pareceu que devia delegar n'este caso faculdades para uma similhante negociação.

«Encarreguei o mesmo sr. official maior de lhe fallar; e depois eu mesmo, no gabinete da secretaría, tive com elle uma conferencia sobre o assumpto. Prestou-se aquelle cavalheiro, como era de esperar; e só havia uma dúvida que me não era facil resolver, que era a da sua qualificação official, que devia ser expressada no pleno podêr. O sr. Moura tinha sido nomeado ministro plenipotenciario em Londres; mas não chegando a exercer, recusou o governo reconhecer-lhe esta categoria quando o passou á disponibilidade. Pendiam no ministerio as instancias do sr. Moura contra esta decisão que elle achava injusta; e nem eu podia, pendentes ellas, qualificál-o, por um acto official, de ministro plenipotenciario, nem elle

queria ser qualificado de simples encarregado de negocios em disponibilidade como estava.

«Durou esta indecisão alguns dias; e demorou-se por esse motivo a expedição dos plenos podêres, que eu insistia em não querer que fossem exarados em meu nome.

«N'este entretanto resolveu sua magestade dar ao principe presidente da republica franceza um testemunho solemne e gracioso de sua régia consideração, enviando-lhe a gran-cruz da sua mais distincta ordem, a da Torre e Espada. Coube-me a mim por consequencia, referendar a carta de gabinete e enviar a París esta graça; bem como, dias antes, enviára mais tres gran-cruzes de diversas ordens portuguezas que sua magestade se dignára conceder a alguns altos funccionarios d'aquelle governo. Nada tiveram nem podiam ter estas resoluções com o pretendido e mal denominado tratado. Persistindo o conselheiro Moura na sua recusa, resolvi-me a mandar exarar os plenos podêres em meu nome.

«Assim se fez, lavrando-se na secretaría, do mesmo modo ostensivo e sem reserva, o formulario do pleno podèr, que, sendo o negociador o ministro d'estado responsavel, não é constitucionalmente mais do que formulario.

«No dia destinado para o despacho com sua magestade e prévia conferencia que os ministros costumam ter, uma causa urgente me obrigou a deixar o conselho, que era em casa do sr. ministro da marinha, para chegar mais cedo ao paço. Não expuz aos srs. ministros o objecto do pleno podêr que levava lavrado, e não o apresentei portanto á real assignatura. Na semana seguinte não me permittindo um leve mas doloroso incómmodo rheumatico o comparecer em pessoa, enviei, segundo o estylo, a um de meus collegas, o sr. ministro do reino, a pasta dos negocios estrangeiros, contendo, entre outras coisas, o dito formulario do pleno podèr.

«Não vi aquelle sr. ministro nem nenhum dos outros senhores n'esse dia; e só muito tarde no dia seguinte recebi a referida pasta em que encontrei por assignar o mencionado pleno podêr, sem que de palavra ou por escripto ninguem me explicasse o motivo.

«E aqui antes de seguir esta narrativa, observarei a v. s.ª o que muito bem sabe, mas que me interessa a mim dizer, que ha duas especies de negociadores, os quaes, constitucionalmente fallando, não podem ser senão: — 1.º, o ministro dos negocios estrangeiros, de quem é a primeira responsabilidade; e 2.º, os negociadores, seus delegados, quando elle delega os podêres que exerce por parte e confiança da corôa, pois que o augusto chefe do estado por seus ministros sómente, ou pelos delegados d'estes, póde exercitar todos e quaesquer dos seus sagrados direitos. Tal é a inconcussa e indisputavel doutrina constitucional. O direito está onde está a obrigação e a responsabilidade. Se o ministro dos negocios estrangeiros ou os seus delegados negoceiam mal, o gabinete ou conselho de ministros não deve approvar a negociação, nem submettêl-a sequer ao juizo do conselho d'estado, pelo qual o soberano tem de guiar-se (quer se conforme ou se não conforme a elle) para haver de dar ou negar o seu régio assentimento á negociação.

«Hoje (felizmente para mim e para destruir toda a maliciosa interpretação que se possa querer dar ao meu procedimento) depois de promulgado o acto addicional á carta, ainda seguem mais adiante e são mais apertados os tramites constitucionaes; porque, embora approvada pelo ministerio, consultada pelo conselho d'estado e tendo a annuencia da corôa, a negociação ainda ha de ser submettida, em proposta de lei, ás côrtes, ha de ser convertida por uma das camaras em projecto de lei, approvada por ambas, e só depois póde ser sanccionada pelo rei.

«Todo o tratado portanto, toda a convenção, sem excepção alguma, ainda depois de concluido e assignado pelo ministro ou por outro qualquer negociador, delegado seu, não é senão a iniciativa do ministro dos negocios estrangeiros e nada mais. Póde ser rejeitado em qualquer das cinco instancias differentes e successivas, por que tem de passar: 1.ª, pelo podèr executivo no conselho de ministros composto dos agentes responsaveis e solidarios da corôa; 2.ª, pelo podèr moderador no conselho d'estado, conformando-se a corôa ou não se conformando com o voto do conselho; 3.ª, na camara dos deputados por uma votação negativa; 4.ª, na camara dos pares pelo mesmo modo; 5.ª, no conselho d'estado outra vez pela decisão que a corôa tem plena liberdade de tomar, dando ou negando a régia sancção ao projecto de lei que lhe é enviado pelas côrtes.

«O que se segue d'estes sagrados e incontroversos principios constitucionaes, que são a salvaguarda das liberdades e da independencia da nação, é que o ministro dos negocios estrangeiros que, ou por si e por sua propria auctoridade tratou, ou por seu delegado fez tratar e approvou, a negociação, devo retirar-se do gabinete apenas em qualquer d'estas cinco instancias for reprovado o trabalho que elle ou fez ou approvou sob sua responsabilidade.

«É por estas óbvias rasões que o ministro dos negocios estrangeiros em todos os paizes propõe, acceita, trata, discute, rejeita e modifica toda e qualquer negociação por seu direito proprio, porque sob sua responsabilidade propria o faz. E se para a conclusão se formúla a respeitosa ceremonia do pleno podèr e procuração especial que as justas e necessarias deferencias monarchicas mandam que sejam assignados pelo soberano, comtudo o seu direito para tratar e negociar vem-lhe do principio e da lei constitucional e não d'esse formulario, ceremo-

nioso sómente, que nenhuma responsabilidade lhe impõe.

«Aliás, e no presente caso, por exemplo, o sr. conde do Tojal não podia ir propor uma negociação á França sem auctorisação especial da corôa, e o fez; o sr. Jervis meu antecessor, não podia receber o contra-projecto d'aquella proposta nem dar-lhe andamento sem auctorisação especial da corôa, e o fez; eu não podia discutir, nem acceitar, nem rejeitar sem a mesma auctorisação especial, e o fiz com pleno direito, e o fazem todos os ministros dos negocios estrangeiros em todos os paizes.

«O que *pro fórma* se diz nos preambulos ou protocollos de todos os tratados e convenções, não se pratica nunca nem se praticou jámais quando a auctoridade de negociar não é delegada, e é o proprio ministro d'estado o que trata. É uma hypocrisia pharisaica affirmar o contrário. E os que devéras e do coração acatam e respeitam as fórmas monarchicas, crêem sinceramente na sua excellencia, e na vantagem social de as consagrar por uma quasi adoração religiosa, julgariam envilecer-se com uma affectação absurda e impostora se com taes escrupulos quizessem provar o seu zêlo e adhesão.

«Forte de minha consciencia, forte das provas não equivocas, constantes e alguma vez difficeis, que sempre déra de minhas convicções e sentimentos, inteiramente descuidado de que a mais acintosa malevolencia as podêsse *nem suspeitar*, eu, n'aquelle intervallo mesmo da ida do pleno podêr para a régia assignatura, cedi ás urgentes instancias do sr. Beclard, que não podia demorar-se nem mais um dia em Lisboa, e considerando, como devia considerar e ainda considero, que não faltava senão um mero formulario, que pensei já devia estar preenchido áquella hora, appuz, juntamente com o nego-

ciador francez, a minha assignatura á negociação ultimada.

«Nunca em minha vida pratiquei acto de que tivesse menos escrupulo. Sou juiz ha dezeseis annos, costumado ás formulas *striti juris*, e ás austeridades da letra da lei, nunca fui arguido, nem sequer suspeitado de as preterir no mais minimo. E, graças a Deus, adquiri uma reputação de integridade de que não ousaram jámais duvidar nem os meus mais acerrimos inimigos — que tenho, não sei porquê.

«É uma das maiores ignorancias em que vivo, a da rasão por que tenho inimigos.

«Se a negociação não estava bem feita, o governo tinha a mais ampla liberdade de a rejeitar, e eu só incorria no que para mim não era nem é de grande sacrificio, o sair do ministerio.

«Imagine v. s.ª a minha admiração e pasmo, quando no dia seguinte ao do referido despacho, me vi accusado de ter negociado com a França ás escondidas, em grande segredo, sem consultar o voto do conselho, sem podères para isso, um tratado de commercio ruinoso e fatal para o meu paiz!

«Custava-me a crer o que ouvia; e pretendi demonstrar o engano em que se estava. Mas apenas fui ouvido. E quando d'ahi a tres dias consegui, ou me pareceu ter conseguido, convencer os senhores do conselho de que a minha convicção era e devia ser plena de que ss. ex.ªs tinham conhecimento perfeito do que tão ostensivamente se tinha estado tratando na minha repartição — appareceu me então, com todo o aspecto e força quasi de um crime de lesa-magestade, o da falta do formulario do pleno podér que eu julgava e devia julgar satisfeito quando assignei; mas que de facto nem proposto á real assignatura tinha sido.

«D'esta apparentemente tão forte accusação, cuja sin-

CERIDADE E LEALDADE não quero apreciar, podia desculpar-me, defender-me, muito bem, de mais talvez. Não o fiz nem o quero fazer.

«Está por isso nulla a negociação, nulla a assignatura do ministro? Nulla seja e nulla fique. Não quero disputál-o. Contento-me de provar que foi posta em bom direito, e em boa fé por quem não recebeu nem uma carta particular que não communicasse, muitas vezes ainda antes de as ler elle proprio, a quem devia toda a deferencia, respeito e lealdade.

«Do augusto chefe do estado não recebi senão favores, distincção e obsequios: e por último a extrema indulgencia com que se dignou conceder-me uma exoneração honrosa depois que o meu procedimento lhe foi apresentado com tão falsas e exageradas côres. Indulgencia que penhora tanto mais a minha lealdade e dedicação, quanto, apreciado e julgado como foi o procedimento do ministro dos negocios estrangeiros, eu não teria para com elle igual indulgencia: solemnemente o declaro.

«Alguns jornaes disseram que eu era accusado de doblez e de leviandade, e que devia explicar-me. Não o fiz até agora, porque respeito, mais que tudo, a delicadeza de nossas difficeis circumstancias. Hei de fazêl-o quando me parecer que sem inconveniencia pública posso.

«Dei a minha demissão como devia; e creio mesmo que se reputou um favor e indulgencia o consentir que eu a désse. Não me queixo, nem o deploro. Para os homens como eu o podêr tem poucas, e pouco duradouras seducções.

«Tenho a consciencia, sei a sciencia, ignoro a arte: esta porém é mais precisa que ess'outras; e eu tenho negação para ella.

«Negociei dois tratados, um de commercio com os Estados Unidos, que sustentei nas côrtes, outro da con-

venção litteraria com a França, que sustentei no conselho d'estado, e que ambos foram approvados e ratificados. Estou ha muito mais de anno negociando com a santa sé os mais difficeis assumptos que tem Portugal na téla diplomatica. Poderia eu ignorar as primeiras e as mais simples regras de uma negociação? Poderia ter o mais simples interêsse em faltar a ellas? Ganhava eu ou alguem n'isso? Era ou valia alguma coisa este tratado antes de passar pelos cinco tramites da actual constituição portugueza — em qualquer dos quaes póde ser rejeitado? Enlouqueci eu de todo? Mas se eu enlouqueci, tambem e logo e ao mesmo tempo enlouqueceu o negociador francez para fazermos, de commum e estupido accôrdo, uma coisa absurda, nulla e de nenhum effeito?

«Julgue v. s.ª e julgue qualquer ainda que prevenido pela mais cega paixão, mas que um momento queira abrir os olhos á verdade e á rasão.

«Repito, concluindo, que se eu soubéra os termos em que a v. s.ª ou á nossa legação em Paris escreveu sobre este assumpto o sr. ministro dos negocios estrangeiros, não escreveria eu talvez esta carta; deixar-me-ía accusar de doblez, de leviandade, de relaxado descuido, deixaria correr entre os malevolos e os ignorantes estas banaes e tristes increpações, que são boas apenas para atirar ao vulgo, e de que soberanamente me rio. Mas nada sei; e receio portanto que este acontecimento possa ser visto em falsa luz pelo governo francez. A isso desejo obviar, e por isso faço a v. s.ª esta franca, singela e exacta exposição, da qual verá bem claramente que não é nem falta de sympathia pela nação franceza, nem de consideração pelo principe presidente que motivou o proceder do ministerio portuguez. Commigo e só commigo foi a indisposição. Não lhe quero dar outro nome.

«Feito o supposto sacrificio de minha demissão, o negocio entrará em causa ordinaria. E creia v. s.ª, creia o

seu governo que o actual gabinete, composto de ministros illustrados, prudentes e fomentadores zelosos da civilisação e da justa liberdade, por isso mesmo que um louvavel, posto que infundado, escrupulo os constrangeu a dar por nullo o que se tinha feito em boa fé, só pelo austero respeito a uma mera solemnidade externa, e não indispensavel nem insanavel, por isso mesmo, digo, o illustrado, leal e sincero gabinete portuguez se ha de apressar a reparar a minha falta, e a mostrar ao governo e á nação franceza a sua boa vontade e sympathias.

«Aproveito esta occasião para lhe assegurar os sentimentos distinctos com que tenho a honra de ser — De v. s.ª muito attento venerador e creado. = (Assignado) *Visconde de Almeida Garrett.*

«*P. S.* Julgo dever informar a v. s.ª que dei leitura d'esta minha carta aos srs. ministros; e que, rectificando, segundo as observações de ss. ex.ªs, algumas das expressões e phrases que primeiro escrevêra, e que em segunda leitura lhes mostrei alteradas, esta presente carta se deve considerar como escripta debaixo dos olhos de ss. ex.ªs»

IV

A que tristes commentarios se presta esse extraordinario documento?! Não lh'os farei, comtudo, muito acerbos. A historia julgará entre o ministro demittido e os que não precisando já d'elle para fazer leis eleitoraes, e bases e redacção do acto addicional, o expulsaram, talvez unicamente para adir a herança das gran-cruzes republicanas!...[1] Os seus argumentos são irrespondi-

[1] Dois dias depois, deu tambem a demissão o ministro da justiça, Antonio Luiz de Seabra, que entrára com Garrett. Seria por ter taxado de injustas e pouco leaes as causas que levaram o poeta a demittir-se? Houve quem o affirmasse.

veis. Ridicula e irrisoria foi a accusação de que elle tratára em segredo, que vendêra Portugal á França, assignando a convenção, que só teria validade depois de approvada em cinco estações successivas!

«Do augusto chefe do estado não recebi senão favores, distincção e obsequios: e por último a extrema indulgencia com que se dignou conceder-me uma exoneração honrosa depois que o meu procedimento lhe foi apresentado com tão falsas e exageradas côres». — Diz o auctor da carta. Ao ler-me este paragrapho, interrompeu-se, deixou descair os oculos, de que já usava quando lia, e exclamou, olhando por cima d'elles:

— É mentira... menti, por dignidade e por vergonha...

Não ouso escrever n'este logar tudo que então me referiu!

V

Pobre poeta! E pobres reis, que attendem quasi sempre mais os que merecem menos! Bem dissera elle n'uma nota do seu *Frei Luiz de Sousa:* «tinha uma côrte, como são todas as côrtes, em que só tem valia e valimento a baixeza covarde e a intriga sem merito».

Lendo o citado paragrapho, em que por honra da soberana faltára á verdade, duas lagrimas lhe rolaram pelas faces!...

Tambem não é verdadeira a asserção de lhe ter sido concedida exoneração honrosa: demonstrei já que no decreto faltam as palavras: «serviu muito a meu contento».

Na estupenda carta ao encarregado de França, affirma que talvez não a tivesse escripto se soubesse o que o ministro, seu successor, mandára dizer áquelle res-

peito para París. Não o sabia então, mas soube-o depois. Illustremos a carta com alguns esclarecimentos.,

Foi no dia 12 de agosto que, por estar doente, mandou os papeis para Rodrigo levar á assignatura. Responde-lhe o collega, em documento que tenho á vista, que apresentará os seus despachos, sentindo que elle falte em casa de Jervis, porque deviam fallar em objectos de serviço, e urgentes. Acrescenta que estimaria que não experimentasse incómmodo serio, como o de que elle, Rodrigo, se sentia ameaçado, etc. Era natural que abrisse a pasta, visse o que n'ella ía, e lhe dissesse alguma coisa; mas callou-se!...

Amigos officiosos tiveram o cuidado de mandar a Garrett toda a correspondencia trocada entre o seu successor e o representante de Portugal em França. D'esses papeis resalta tamanha ira contra João, por falta da 'mera formalidade', que, sinceramente o confesso, acho-a inexplicavel. Conceda-se que a assignatura do tratado fôra levianamente posta: seria isso motivo sufficiente para que Jervis se enfurecesse a ponto de mandar dizer para París que o maior escriptor da sua terra era *um troca tintas?!* Mas o proprio ministro dos negocios estrangeiros de França, mr. Drouyn de Lhuys, sustentava que o negociador portuguez, como ministro dos negocios estrangeiros, «investido, n'essa qualidade, da confiança da sua soberana, era legitimamente competente para negociar. E que tão convencido d'isto estava o representante em Lisboa do governo francez, que não lhe exigiu o pleno podèr.»... «... em vez de se assoalhar, deveria ter-se encoberto cautelosamente a vergonha de querer annullar um tratado por similhante causa[1]».

[1] *Catal. Guim.* – Cartão F. – IV. — N'este cartão e no cartão C se acham muitos papeis relativos a essa infeliz negociação, e por todos elles se vê quanto eram absurdas as iras do successor de Garrett. O proprio governo francez se offendeu da desconsideração

Um dos officios de Jervis asseverava que, por falta do pleno podèr, a rainha não quizera annuir ao tratado. «N'estas circumstancias o sr. visconde de Almeida Garrett foi compellido a pedir a sua exoneração». E acrescenta que o tratado não podia ser havido por tal, porém que se considerasse como projecto para ser discutido por novos plenipotenciarios. «...e isto tanto mais acceitavel se torna por parte da França quanto, devendo apparecer sem demora a reforma das tarifas das alfandegas, talvez se possam estipular condições vantajosas aos dois governos. Em todo o caso, a invalidade d'esse de que foi portador mr. Beclard não significa recusa da parte do governo da rainha, mas é o effeito das nullidades que n'elle se dão, e que não podem ser sanadas de maneira alguma [1]».

Esta paspalhice ridicula foi depois engulida pelo ministro que a exhibiu, obrigando-o a França a assignar o tratado tal qual estava. Parece que a questão se resumia a final em resolver quem devia ganhar a gran-cruz da Legião de Honra, se Garrett, se Jervis. Aquelle não a obteve nunca. E é para sentir que fosse por despeito de não lh'a terem dado, quando fez a convenção litteraria, que elle, na carta ao encarregado de negocios francez, diga que apressára as negociações por motivos de melindre. Isto é: para que se não pensasse que as demorava em consequencia de se julgar desconsiderado pela recusa d'essa gran-cruz, a que tinha incontestavel direito!

Negando-se o agente diplomatico que tinhamos em París a expor por escripto ao gabinete, perante o qual estava acreditado, os motivos da demissão de Garrett,

feita ao negociador portuguez: e declarou, categoricamente, que o tratado estava bem negociado, obrigando quem o dizia nullo a assignal-o.

[1] *Catal. Guim.* – CARTÃO C. – II.

Jervis quiz demittil-o[1]. Nas suas risiveis allegações, ordenava-lhe que explicasse ao governo francez «que por occasião da convenção litteraria se luctára contra a opposição de muitos dos escriptores publicos de Portugal e de todos os commerciantes de livros, desattendendo-se igualmente as considerações que nos fizera a Belgica, unicamente para se ser agradavel ao presidente da republica franceza[2]». Isto é inaudito, mas está escripto assim, e com a sua assignatura!

O agente foi, emfim, depois de se lhe ter censurado a demora, obrigado a obedecer por outro officio (de 18 de setembro). «*É muito para sentir a demora que houve em levar ao conhecimento do governo francez o meu despacho de 18 de agosto último* (dia seguinte ao da saida de Garrett). É evidente que quando este, *já tarde lhe foi communicado*, o ministro dos negocios estrangeiros em França estava prevenido pelas pessoas a quem convinha explicar a seu modo as graves irregularidades, ou antes illegalidades com que se assignára o dito tratado[3]».

Quaes irregularidades ou illegalidades? Não houve senão a falta do pleno podêr. O que é evidente, o que irritou Jervis e o fez perder a cordura foi a carta de Garrett ao encarregado de França. Porque esse documento é fulminante. De sob a sua apparencia moderada, grave, conveniente, polida e digna, brota o ridiculo, que o successor de Garrett sente caír sobre si, de que não consegue lavar-se, que o enfurece e o faz, como vulgarmente diz o povo, metter os pés pelas mãos. Só isto póde explicar os insolitos argumentos de que por vezes se serve na correspondencia official a este respeito. Veja-se este exemplo:

«... No meu despacho ostensivo fallei na convenção

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – II.

[2] Idem.

[3] Idem. — Os originaes devem existir no arch. dos neg. estrang.

litteraria que esta administração concluiu com a França. Alexandre Herculano, que é um dos nossos primeiros escriptores, clamava e ainda clama contra aquella convenção. Os lentes de Coimbra Barjona e Fernandes Thomás ainda na última camara arguiram o governo por ter feito a mesma convenção em prejuizo dos interêsses do paiz, difficultando os conhecimentos uteis por preço baixo...» (!)

«...e sei que escrevêra para París (o ministro de França em Lisboa), logo que a administração actual entrou para os conselhos da rainha, dizendo que não era provavel levar a effeito a convenção litteraria com Portugal porque sabia que a opinião individual minha e dos meus collegas era contrária[1]. O ministro da Belgica in-

[1] Se ao menos isto fosse verdade!... Mas prova que o não é a portaria do ministerio dos negocios estrangeiros, de 17 de junho de 1851 (Archivo do mesmo ministerio, e *Catal. Guim.* – CARTÃO F. – II) assignada pelo proprio Jervis! N'esse documento louva Garrett, em nome da rainha, pelo modo como se houve, celebrando a convenção litteraria, em que «deu mais uma prova da sua superior capacidade e zêlo pelo serviço público».

E por outra portaria, de 10 de julho do mesmo anno (loc. cit.) é ainda mais caloroso no elogio «sobre a maneira por que (Garrett) dirigíra e ultimára a importante negociação com a França para se consagrar em solemnes estipulações internacionaes o principio da propriedade intellectual nas obras de espirito e de arte...» Diz que o negociador correspondeu plenamente «á alta confiança que a rainha tinha na sua pessoa, por seus reconhecidos talentos e provado zêlo pelo serviço público» e que a soberana o manda louvar em seu real nome.

E, depois d'isto, escreve o que se lê no texto! Sinceramente me pezam estas revelações; mas, repito, não sou eu que faço a historia, são os factos e os documentos. A posição em que tanto a correspondencia reservada como a outra, official e particular, collocam Jervis, em todo este negocio, é das mais tristes e deploraveis. Quem tiver dúvidas, vá consultál-a ao archivo dos negocios estrangeiros, e ao dos herdeiros de Garrett, que teem todo o interêsse em facilitál-a a quem a quizer examinar.

stou muito commigo para que respondesse que deviamos esperar até que outras nações fizessem iguaes tratados; e apesar de tudo, para dar um testemunho ao presidente (da republica franceza) de quanto desejavamos conciliar a nação a que presidia, pozemos de parte as nossas opiniões como individuos, e como ministros annuimos aos desejos do governo francez[1].»

É deploravel! Nunca se viu confissão mais espantosa, ia quasi dizendo mais inconsciente e estupida! Um ministro, declarando que fez o tratado em prejuizo do seu paiz, e com a convicção de que procedia mal! Um ministro que se lamenta de ter posto côbro á immoralidade de comprarmos livros roubados, embora mais baratos, e sente que não continue o roubo! Um ministro que accusa os seus collegas de com elle terem afogado a voz da consciencia de homens honrados, para fazerem, como ministros da nação, contratos ruinosos a favor de estrangeiros! E este ministro, que legalisou essa convenção, desacredita-a e desacredita-se d'este modo na correspondencia official, unicamente para accusar Garrett de ter feito outro tratado a que só faltára a formalidade do pleno podèr, e que o accusador assignou mais tarde sem lhe alterar uma virgula! É insolito, unico! Não se acreditaria, se não existissem os documentos. Os que foram para França com estas estupendas vergonhas levavam por fóra — *Serviço nacional e real!*

Á vista d'este sudario de miserias, que mais se ha de acrescentar?! Que Garrett foi muito generoso, contentando-se com a carta ao ministro de França, carta de que pouca gente teve conhecimento. Todavia, como o empenho de provar a innocencia do poeta me não faz esquecer da obrigação de ser justo com os outros, direi que n'este mesmo officio ha certo paragrapho que parece ter força

[1] *Catal Guim.* – Cartão c. – II.

accusativa contra elle. É o que affirma que o ministro da fazenda fizera seu o parecer do director geral da alfandega de Lisboa, no qual, longe de se julgarem proveitosas para Portugal as estipulações do contra-projecto, existente no ministerio antes da entrada do poeta, muito explicitamente declarou a inconveniencia de o levar a effeito. «N'este caso era do dever do ministro dos negocios estrangeiros procurar a opinião dos outros collegas, e em conselho mostrar não haver fundamento no que de officio o sr. ministro da fazenda lhe havia communicado[1]». Se isto foi assim, é o unico ponto em que Jervis tem rasão. Comtudo, ou as objecções do ministro da fazenda não tinham fundamento, e, n'este caso, Garrett negociou bem, ou eram indestructiveis, e Jervis, assignando depois o tratado, incorreu na mesma falta que tão indecentemente lançava sobre o seu antecessor. De qualquer dos modos fica pouco limpa n'este assumpto a memoria dos que expulsaram Garrett do ministerio.

VI

A carta ao encarregado de negocios de França reproduziu-se pela lithographia, em pequeno numero de exemplares. O auctor sentiu porém a conveniencia de chamar para ella a attenção pública. A leitura que d'ella me fez exigia que tomasse eu esse encargo. Não o fiz, receioso de que me julgassem influenciado pelo mestre, ou publicando escriptos seus em meu nome. Accuso-me d'esse escrupulo covarde, reparando a falta o melhor que posso. Não sei como João interpretou a minha abstenção e silencio, sei que nada me pediu, talvez por me ler melhor por dentro do que eu me lia a mim proprio.

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – II.

A Bernardino Martins da Silva escreveu a seguinte carta, de que eu não tive então conhecimento:

«(Sem data.)

«Amigo. — Preciso muito fallar-lhe sobre assumptos que o interessam em extremo. Quanto á minha questão peço, e conto ter, o seu auxilio. Aqui junto um paragrapho preparatorio que muito urge que appareça ámanhã no maior numero de jornaes possivel. Precisou para isso ser variado na fórma para não mostrar comivencia commigo[1].

«Faça isso, que é nova e maior prova de amisade.

«Quando fallarmos lhe direi coisas que o hão de espantar sobre a vilania de certos caracteres que até se degradaram de *cavalheiros* e desceram abaixo do mais vil *galèrien* do Banho!

«Ad.[s], ámanhã vou a Lisboa ás tres para as quatro. Quando nos não vejamos de dia, á noite estarei no Rocio.

«Não falte por ali. — Am.º certo. = *A. G.*»

Eis o artigo a que se refere:

«*A demissão do sr. Garrett.* — Falla-se muito de uma carta escripta pelo illustre ex-ministro, em que plena e triumphantemente se justifica das accusações que lhe foram feitas. Estas accusações, cuja origem foi toda ministerial, precisavam rebatidas, apesar da incredulidade que encontravam por exageradas, e de ser preciso, para as acceitar, o provar-se primeiro que endoudecèra completamente o accusado.

[1] Segundo o plano que adoptei, de não lhe encobrir as faltas e defeitos, para fazer sobresair as suas qualidades e virtudes, entendi dever publicar esta carta. Além de quê, não tendo o original d'ella, nem sabendo a que mãos foram parar os papeis de Bernardino Martins, pareceu-me mais conveniente dál-a aqui, explicando em que circumstancias e occasião de desgôsto foi feita, do que deixar que outrem a publique sem estas attenuantes.

«Esperâmos ter brevemente uma copia d'esta carta, que uns dizem dirigida ao sr. presidente do conselho de ministros, outros ao sr. Jervis de Athouguia, outros ao ministro de França em Lisboa. Deve ser um documento importante para a historia contemporanea, e principalmente para a historia do ministerio[1].»

VII

Entre as calúmnias mais ou menos absurdas que se espalharam, sobre a demissão do poeta, affirmou-se que certo amigo seu, peitado pelo ministro de França, o levára a trahir a nação, vendendo o futuro d'ella ao estrangeiro! Esta tolice caíu por si, e houve reviramento na opinião, quando se soube que Jervis ia assignar o tratado tal qual estava.

Então se forjou outra calúmnia mais infame. Alguem mandára do Brazil ao ministro dos negocios estrangeiros 3:000$000 réis para serem dados a estabelecimentos de caridade, em paga de qualquer graça. Garrett, depois de informado dos usos seguidos, ordenou que mettessem o dinheiro no banco, e nunca mais pensou n'isso. Certo sujeito, que lhe era desaffeiçoado, por acaso soubera da entrega do dinheiro no ministerio, e em seguida á sua demissão indagou que destino levára. Não obtendo informações exactas, disse a Rodrigo que o seu ex-collega comêra os 3:000$000 réis. Estavam os ministros reunidos em casa de Jervis: fallou-se n'isto, e houve quem fosse cruel.

Por acaso tambem, estava na sala proxima pessoa que João empregára na alfandega e na bulla, e que tinha alma bem formada e agradecida. Ouvindo accusar o seu bem-

[1] Devo as cópias ao favor do meu amigo dr. Paulo Midosi.

feitor, prestou attenção á conversa, e, felizmente, recordou-se de que acompanhára o empregado que levára o dinheiro ao banco. Tremendo de indignação e de susto, mal pôde escapar-se, correu a casa de Garrett e referiu-lhe tudo.

VIII

Imagine-se a afflicção do calumniado, que nem sequer se lembrava já de ter recebido a malfadada quantia, quanto mais do que fôra feito d'ella! Acompanhado pelo generoso avisador, dirigiu-se á secretaría e interrogou o official maior, que achou de ignorancia igual á sua. Depois de muitas indagações, apurou-se qual tinha sido o empregado que fizera o deposito. Chamado e interrogado, disse que a quantia devia estar no banco, se não a tivessem levantado. Affirmou que trouxera e entregára na repartição competente o recibo, que se desencaminhára! Garrett pediu a Monteverde que, logo, logo, mandasse saber se existia ainda no banco a somma discutida, á ordem de quem, e o que era preciso fazer para levantál-a. Não tardou a resposta: o dinheiro estava lá, á ordem do ministro dos negocios estrangeiros, que o podia receber quando quizesse. Não só o banco se prestava a dar novo recibo do deposito, com declaração de duplicado, como passaria qualquer certidão que se exigisse.

Garrett reclamou um attestado para si: foi com elle a casa de Rodrigo, e ali, na presença de Bartholomeu dos Martyres, atirou-lh'o á cara, acompanhando o acto de apostrophes e de epithetos violentos, censurando-o por quebrar de modo tão indigno relações de tantos annos. Rodrigo, que sem dúvida fôra victima de vis intrigantes, embatucado, e até commovido, limitava-se a protestar por monosyllabos:

— João!... João... meu João!... não me digas isso!

Não esperava de ti... Não devias fazer-me o que fizeste... Oh! João, por Deus, que não fui eu que o disse!...

Bartholomeu quiz saír; mas nem Garrett, nem Rodrigo lh'o consentiram: um, porque desejava com a sua presença abreviar a scena; e outro, por querer testemunha de como se desaffrontava das calúmnias, e provava não ter roubado. Depois do desabafo, Garrett pegou no chapéu, declarou que nunca mais tornaria a entrar n'aquella casa, e saíu sem dar a mão a Rodrigo[1].

Bartholomeu demorou-se alguns minutos, constrangi-

[1] Um critico de talento escreveu, em folhetim, n'um dos mais lidos jornaes de Lisboa, e a proposito da morte de Antonio da Silva Tullio: «... *Por cem ou duzentas moedas n'um dia de apuro,*— disse-me d'elle a mim proprio Alexandre Herculano — *o Garrett seria capaz de todas as porcarias que quizerem, menos de pôr n'um papel a troco de todo o oiro d'este mundo uma linha mal escripta*». O critico affirma que tomou nota textual d'estas palavras, ha vinte annos. Imagine-se a situação do biographo de Garrett, absolutamente convencido do contrário, em vista de similhante asserção! Deixál-a passar sem protesto, não é licito a quem consumiu metade da vida em indagações as mais minuciosas e adquiriu provas irrecusaveis de que o seu biographado jámais praticou a menor baixeza.

Desculpe-me, pois, o distincto escriptor. Não póde ter sido assim que Herculano formulou aquellas phrases. É preciso sermos tambem justos com o caracter do grande historiador: se elle julgasse Garrett capaz de fazer 'porcarias' por dinheiro, não teria tido por elle a estima que lhe consagrou até á morte. Reputando eu igualmente o critico incapaz de mentir, persuado-me de que elle se equivocou, o que aliás era facil, ouvindo referir tantas calúmnias torpes, que a inveja levantou sempre em volta de Garrett. Posso assegurar-lhe que, até nos dias de maior necessidade, hesitava este em recorrer aos amigos mais intimos; pagava religiosamente as suas dividas; e nunca fez por dinheiro acto de que podesse envergonhar-se. Quem affirmar o contrário, depois de ler os meus estudos, diz uma falsidade, similhante á dos que o accusaram de ter comido os 3:000$000 réis da secretaria. Mais vezes ainda terei occasião de demonstrar a sua probidade e a dignidade do seu caracter.

do, e sem dizer palavra. Rodrigo mostrava verdadeira pena, queixando-se de Garrett; e despediu assim o outro:

— Adeus, Bartholomeu. Os diabos levem a politica, que faz d'estas bestialidades, e obriga a quebrar amisades de toda a vida, sem que o coração para isso concorra!

Seria este sentimento verdadeiro ou seria um d'aquelles trechos de comedia, que o insigne politico tantas vezes representava, e com os quaes embaçou até os mais intimos? Bartholomeu, quando discutiamos este ponto, pareceu-me sempre convencido da sinceridade de Rodrigo.

IX

Garrett, voltando a casa, e achando-me ali, referiu-me o acontecido. Ao queixar-se de que o accusaram de ladrão, marejaram-se-lhe os olhos de lagrimas. A indignação tornava-o tão eloquente que eu commovi-me tambem. Reparando n'isso, exclamou:

— Hão de pagar-m'o. Seu dia ha de chegar!... Cobril-os-ha a vergonha de suas obras. Se eu não tivesse quarenta e tantos annos e uma béca de juiz, saldariamos já as contas.

Olhei para elle, estupefacto, interdicto diante d'aquelle enigma humano. Em tão grave momento, quando o dominavam altissimos sentimentos de honra e brio, caía, inconscientemente, no ridiculo de encurtar a idade (porque tinha a este tempo mais de cincoenta e tres annos, dizendo ter quarenta e seis), e dava como obstaculo de *solemnia verba* a sua béca de juiz!

Por muito que meditasse, nunca o leitor benevolo e illustrado poderia imaginar qual foi o proceder dos calumniadores, quando tiveram noticia de que o dinheiro

existia no banco. Espalharam que Rodrigo, no intuito de o livrar do opprobrio, lhe fizera presente dos 3:000$000 réis, para elle os depositar ali novamente! Os testemunhos de Monteverde, dos empregados da direcção do banco, e o do proprio Rodrigo, de nada serviram! Affirmavam que o último negava, mas com ar de quem mentia; e que os outros mentiam, para salvar o ex-ministro.

Ah! grandes infames! Bem disse um escriptor francez, que a gloria do homem de genio se compõe de cinco partes de calúmnia, cinco de inveja, cinco de lama que lhe atiram ao rosto, e cinco de injurias e affrontas que lhe fazem *ad odium;* mas que todos estes elementos, batendo na face do poeta, se convertem por singular metamorphose em resplandecente aureola.

Antes de terem occorrido os factos narrados, João hesitava ainda ás vezes, sobre se devia acreditar que Rodrigo se associára á parte dos seus collegas que o expulsaram do ministerio. Em 8 de setembro lhe escrevêra, quasi amigavelmente, mandando-lhe um officio para Jervis, acompanhando os papeis da secretaria que tinha em sua casa. N'essa carta queixava-se do successor, e alludia a não se lhe ter dado a gran-cruz da Legião de Honra, declarando que acceitava o grau que rejeitára por occasião da convenção litteraria; mas que não acceitaria a gran-cruz, se agora lh'a dessem. Rodrigo, manhoso como raposa, e por isso assim alcunhado, bem desejava fingir-se estranho á saída para que contribuíra talvez mais que ninguem; e n'esse intuito mostrava-se-lhe amavel o mais que podia. Mas d'esta vez a ironia transparece tão clara na sua resposta, que só quem tivesse grande empenho de não romper, se calaria. Diz-lhe que entregou o officio a Jervis, que estava presente, e continúa assim:

«Respeito todos os motivos de pundonor que te mo-

vem, e quizera concorrer para que obtivesses toda a sorte de satisfações. Não posso, bem o sabes, avaliar como tu e o Jervis a importancia de taes negocios, porque lhes fui estranho ou elles a mim. Fazes menção no officio de menos preço das fitas portuguezas. Creio que te referes á troca em que os francezes não convieram, das gran-cruzes pelo tratado litterario, recebendo as de cá.

«Isto foi agitado entre ti e o Jervis, e eu nada tive que ver n'esta questão.

«Vejo agora que acceitas o grau que então te mandaram, e que eu suppunha que já tinhas acceitado ha mais tempo; e que não receberás a gran-cruz se t'a enviarem agora. Não precisas da minha approvação em nada, meu João, mas estimo que vingues assim a offensa que reputas feita ao teu justo amor proprio pela recusa do governo francez a contemplar-te então com uma condecoração igual ás que receberam os francezes de Portugal.

«Interesso-me por tudo quanto te diz respeito, e sou sempre, apesar de quaesquer accusações, injustas e offensivas por menos verdadeiras — Teu velho amigo = *Rodrigo*[1].»

Conhecia-lhe o poeta as manhas, porém não tinha ainda noticia da affrontosa calúmnia, que já corria mundo. Depois da scena violenta que atrás citei, esforça-

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – ii. — A França não quizera dar a Garrett a gran-cruz da Legião de Honra, por occasião da convenção litteraria, e mandou-lhe o grau de grande official. A communicação foi-lhe feita por Jervis, que era tambem então o ministro dos negocios estrangeiros, em officio de 20 de novembro de 1851. (*Catal. Guim.* – Cartão d. – ii.) Com este documento está a minuta de um extenso officio, dirigido a Jervis, em 19 de agosto de 1852 (dois dias depois da sua saída do ministerio!) expondo as rasões por que não acceitou então e porque agora acceita aquella honra. A este officio se refere a carta de Rodrigo, transcripta no texto.

ram-se os amigos de ambos para reconciliál-os, sem chegarem todavia a nenhum resultado. Trocaram-se diversas cartas entre os dois, que se iam azedando gradualmente. N'uma das últimas de Rodrigo, escreve este ao que por tantos annos fôra seu idolo: «Tu dizes-me quanto te vem á penna, e não te importa matar-me tambem com imputações desmerecidas... Duvidar da pureza do meu coração e do de *todos os meus collegas*, é offensa grave. Tenho tido muitas afflicções, mas não causadas por elles, e sim pelo estado de corrupção em que nos achâmos. Ainda assim tenho um vislumbre de esperança, e sabe que a lei do estado não será trahida por nós. Não tardará muito que se nos faça justiça. Seja o que for a rainha não se tornará indigna de reinar.

«Adeus, faze-me mais justiça e ajuda um amigo que o merece e que não expulsou os amigos; foi sim por elles descomposto sem o merecer. — Teu do c. = *Rodrigo*[1].»

Parece que Rodrigo o consultára ácerca dos graves negocios que se tratariam na camara, esperançado em que o governo não perderia o apoio do grande orador. Muito me peza de não ter podido obter as cartas d'elle a Rodrigo! Se é verdade que este as inutilisou, como me affirmaram, foi por lhe serem desfavoraveis, e ter rasão quem as escrevia.

X

Renovaram-se as tentativas para os reconciliar. E creio que d'esta vez se prestavam ambos a isso, por conveniencias mutuas. Comtudo, a antiga amisade estava semimorta; já não havia forças que a regenerassem. Sobrevindo circumstancias, que eu não pude averiguar,

[1] *Catal. Guim.* – Cartão c. – II.

avinagraram-se por fim tanto, que provaram, em parte, a verdade d'aquella maxima, assás pittoresca: «Adultera arrependida, amigo reconciliado, e caldo requentado, que os leve o diabo»!

N'uma das sessões secretas da camara dos pares, em 1854, pagou Rodrigo cruamente a fraqueza de ter dado ouvidos a indignos bajuladores e intrigantes. Garrett aterrava-o, pelo conhecimento de certo segredo grave; e comquanto fosse incapaz de o revelar por vingança mesquinha, temia-se d'isso o ministro, cada vez que o via fulminál-o com o gesto, a palavra, e a apostrophe vehemente. Eu fôra esperál-o á camara: ao mettermo-nos na traquitana, estranhei a sua pallidez, e a difficuldade com que fallava.

— Deixei-o a escorrer sangue! — me disse. — Pagou hoje tudo! E os outros tambem. Fui talvez severo de mais... Calumniaram-me, tinha obrigação de lhes provar que a verdade magôa mais a alguns d'elles do que a calúmnia a mim. Rodrigo... Ainda sou amigo d'elle, comtudo!

Por sua parte, dizia Rodrigo para Bartholomeu, que o acompanhára da camara para a secretaría:

— Nunca imaginei... Ah! não podia esperar que d'elle me viesse este golpe! Ingrato, ingrato!

Refere-se que o ministro o ouvia com a mão mettida por dentro do peito da camisa, enterrando as unhas na carne até fazer sangue, no intuito de se conter e dominar! É sabida a phrase historica do discurso de Garrett, na sessão pública da mesma camara, em que novas provocações o obrigaram a proseguir a vindicta, a 10 de fevereiro de 1854. O orador, vendo-o torcer-se na cadeira, e olhar para elle, disse: «Sinto estar incommodando o sr. ministro, talvez magoando-o... (O sr. *Ministro do Reino:* — Não incommóda.) Ainda bem, pareceu-me ver que s. ex.ª, torcendo-se e olhando para mim

de certo modo, mostrava não gostar do que eu disse. (O sr. *Conde de Thomar:* — Apoiado.)[1]» Era o castigo que chegava. Mas a luz ainda até hoje se não fez toda sobre essa deploravel historia[2]. N'esse dia extinguiu-se inteiramente a amisade que Rodrigo consagrára a Garrett desde que o conhecêra.

[1] *Obras,* tomo XXIII, pag. 249-50, edição de 1871. Adiante voltarei a fallar d'este assumpto, quando tratar dos ultimos discursos de Garrett.

[2] Fiz as maiores diligencias para obter de alguns dos ministros, que sobreviveram a Garrett e a Rodrigo, varias outras particularidades, de que tive noticia vaga, que entre aquelles dois se deram, n'essa occasião, e que Garrett me não referiu; mas, nem mesmo auxiliado por Antonio Rodrigues Sampaio, que tinha o mesmo empenho, consegui que se prestassem a esclarecer-me. Não sei se bem, se mal, conclui d'esta circumstancia que os factos occorridos ou foram tão intimos que poucos os souberam ou tão desagradaveis que não ousaram referir-m'os.

XIV

Volta á camara. — Sua posição ali. — Trabalhos no conselho ultramarino. — Não basta a patria aos que são reivindicados da escravidão. — Pezames á imperatriz. — Demitte-se de plenipotenciario das negociações com Roma. — Segunda edição da *Lyrica*. — Primeira e segunda das *Folhas caídas*. — Prefacios. — Malicia da lingua portugueza. — O soneto. — *Ultimos versos*. — Prologo. — Successo extraordinario do livro. — Accusações. — Só se vêem os erros d'elle e não os dos outros. — Porque não se lhe ha de perdoar? — Alexandre Herculano sentenceia as *Folhas caídas*. — Putiphares de má morte. — Carta de Garrett ao auctor. — Equivocos de Innocencio. — Parodias. — Cerberos de moral turva. — Lava-se n'uma nota a roupa mais suja. — Effeito dos versos nas salas. — Revolução nos habitos de Garrett. — Collete de floripondios. — *Ignoto deo* á cabeceira do enfermo. — Scena. — Devia ser perdoado, pelo muito que amou. — Tribunal secreto, depois da sua morte. — Exame das correspondencias. — A mala real do amor. — Restituição das missivas. — Porque e quando as li. — Juizo sobre essas cartas. — Garrett succumbiu ao poder invencivel da belleza intelligente. — *Ella* sacrificou ao meio em que vivia. — Peço em vão as cartas do poeta. — Queimaram-se?! — Paradoxos. — A memoria d'esse amor não se extingue. — Seriam as cartas realmente desfruidas? nota. — Volta-se ás *Folhas caídas*. — O poeta transformava em flores tudo que tocava. — Realismo é isto. — Porque não fazia versos assim á mulher castamente amada. — Outras composições do mesmo livro. — Retoma-se a historia politica. — Falla sobre diversos assumptos. — Pede que se ensaiem as leis, como na Inglaterra. — Dissolução da sociedade dos actores do theatro de D. Maria. — Ribeiro de Sá, commissario regio, e o conselho dramatico. — Ida a Belem, em commissão conspiradora. — Passeios por defronte de certas janellas. — Renúncia que custou a obter. — Ribeiro de Sá, despeitado. — Deserções, e decadencia do theatro. — Entrada de D. Maria Adelaide para as Salezias. — Cartas de Garrett a sua filha. — Admiravel retrato do homem e do pae. — Curso de educação e de amor paterno. — Injustiça dos que o accusaram de reaccionario e de amigo dos frades.

I

Meio divorciado da politica, e d'esta vez, segundo affirmava, com sinceros desejos de a deixar para sempre, mas incapaz de faltar aos seus deveres de par do reino, concorreu o nosso auctor aos trabalhos da camara, logo que esta se abriu, em principio de 1853. Não era porém já a sentinella álerta, o vigia constante, de espi-

rito prompto e de palavra ardente para acudir a todas as questões mal encaminhadas, e pugnar pela inviolabilidade dos principios, como fizera por espaço de tantos annos, velando pela liberdade como seu guarda incorruptivel.

A a idade e as doenças, aggravadas sobretudo agora, pelos ultimos e recentes desgostos, tinham-lhe quebrado o ànimo e a vontade. Fallava ainda, de vez em quando, e sempre bem; mas ia-lhe faltando o enthusiasmo dos tempos aureos da sua eloquencia. As circumstancias da sua demissão, e tudo que depois se passára, crearam-lhe difficil posição na camara: ora puxava naturalmente para a opposição, ora se abstinha de entrar nos debates. A consciencia dizia-lhe que, tendo germinado no seu cerebro a idéa inicial da regeneração, não podia sem desar combater os seus ex-collegas. Teve portanto de adoptar o meio termo que a prudencia e o bom senso lhe suggeriam, e ahi se manteve até ao fim da vida.

No conselho ultramarino, advogou energicamente, n'esse anno, não só a causa da liberdade dos escravos, como tambem a de os fazer entrar, depois de libertados, no gôso de todos os direitos civis. Creio que foi por sua iniciativa, de accordo com Fontes e Sá da Bandeira, que se fez a *Organisação e regimento da administração de justiça nas provincias de Angola, S. Thomé e Principe, e suas dependencias;* e sei, porque o vi escrever, e fui eu levál-o ao tribunal respectivo, que é de sua penna o bello relatorio, parecer ou consulta (não sei bem qual nome lhe cabe melhor), que acompanhou o citado regimento. Grande parte dos artigos d'este foram feitos por elle, ou ali introduzidos por sua indicação, bem como é toda sua a redacção d'esses trabalhos, approvados por decreto do conselho de ministros e publicados no *Diario do governo*[1].

[1] De 13 de janeiro de 1853.

Do relatorio citado transcrevo este paragrapho:

«A civilisação que destroe a escravidão e a escravatura e pugna pela liberdade e a igualdade dos homens, sem distincção de raça ou de côr, daria pouco, não daria o que promette, se désse sómente a patria aos que reivindica da escravidão. Quer, e ha de dar-lhes tambem a *cidade*, isto é, a existencia completa de homens.»

Essas bellas palavras bastam para se provar a grandeza de alma do legislador e do poeta[1].

Na sessão de 13 de fevereiro nomeou a camara dos pares o visconde de Laborim, Joaquim Antonio de Aguiar, bispo do Algarve, e Garrett, para redigirem o cumprimento de pêzames á imperatriz pelo fallecimento da princeza D. Maria Amelia. Tratando-se de serviço da nação, nunca elle recusou o encargo; mas nos actos de pura formalidade era menor a sua solicitude. D'esta vez creio que não se prestou a redigir a mensagem. Pelo menos, o documento que se leu na camara, em estylo bombastico e campanudo, não é seu[2]. E, se acaso o escreveu, imitou de proposito a maneira do supposto ou verdadeiro auctor de certa ode celebre, e attribuiu-lh'o, como talvez lhe tinha attribuido aquella.

[1] Foi em dezembro que elle apresentou esse trabalho ao conselho. A quasi impossibilidade de seguir rigorosamente a ordem chronologica, obriga-me, porém, a fallar já d'elle. O auctor interrogára-me largamente, algum tempo antes, ácerca dos costumes e viver dos escravos no Brazil, comparando os meus esclarecimentos com outros, pedidos para Angola a Teixeira de Vasconcellos, e que este lhe mandou em carta que tenho á vista. Depois de bem senhor do assumpto, e escripto o relatorio, teve a bondade de m'o ler, dando-me occasião de admirar uma vez mais o podêr do seu immenso genio. Parecia-me estar ouvindo pessoa que tivesse passado a vida toda na Africa e na America, e que sentisse ainda a alma e o coração esmagados pelos horrores que lá presenceára!

[2] *Diario do governo*, de 22 de abril de 1853, na sessão da camara dos pares, do dia 18.

II

Em 10 de março d'esse anno, cansado e aborrecido das discussões com o nuncio, pediu e obteve a exoneração de plenipotenciario para tratar dos negocios sobre o padroado. Inteiramente liberto d'esses cuidados, pôde concluir a impressão da segunda edição da *Lyrica de João minimo*[1], e a das *Folhas caidas*[2], que se achavam paradas na imprensa[3]. No prefacio da *Lyrica* explica os motivos d'essa demora, bem como no 'A quem ler' da primeira edição das *Fabulas* e segunda das *Folhas caidas*. Este estudo, que vem em nome dos editores, antes das *Fabulas e contos*, é muito interessante para a historia e ordem chronologica e systematica dos seus versos. Ahi diz que na *Lyrica de João minimo* está a infancia poetica, toda a vida juvenil do homem de letras, do artista, do patriota sincero e innocente, do enthusiasta da liberdade, etc., e que a historia d'essa *Lyrica* termina em 1824.

«Começa no anno seguinte a das *Flores sem fructo*, collecção já muito menos volumosa, porque a superabundancia de seus espiritos poeticos tem já outras derivações. O *Camões*, a *D. Branca*, a *Adozinda*, absorvem muito d'elle. Forma-se com a experiencia e a observação na terra estrangeira o talento do publicista, etc.»

«... N'esta segunda collecção lyrica do nosso auctor,

[1] Lisboa, imprensa nacional, 1853, 8.º

[2] Ibidem. 1853.

[3] A *Lyrica* conta já numerosas edições, sendo a última d'este anno de 1883, feita no Porto pelo illustrado editor E. Chardron. Todas as obras do poeta teem tido ultimamente maior procura, e de todas se teem feito successivas reimpressões, o que parece ser symptoma de despertamento do gôsto e da justiça pública. Oxalá, porque já não é sem tempo!

basta a peça que tem por titulo *As minhas azas* para se ver que o homem público, o philosopho, o poeta da gloria e da liberdade pagou emfim o tardio (!) e pesado feudo de sua independencia vencida e subjugada.»

As *Folhas caídas,* diz o citado 'A quem ler', serem a *última palavra* até agora, mas que não será a *derradeira* do nosso poeta. Depois de pôr aquella especie de prefacio a cargo dos editores, acrescenta algumas palavras, por sua conta, sobre *Primeiros versos, Fabulas e contos — Sonetos,* datadas de janeiro de 1853.

Ahi se lê que a lingua portugueza se presta para todo o genero de composições e estylos: «A singeleza de seu dizer, uma certa malicia popular e mordente de sua innocencia saloia faz o dialecto portuguez eminentemente proprio para o apologo e para o conto».

Julga d'este modo os poucos sonetos incluidos na collecção: «De centos que fiz, e que me fizeram fazer, apenas deixei estes. Não são bons, e eu não gósto do genero, que por indole propria é pretencioso e facticio. Mas confesso que hoje tenho remorso da reacção que promovi contra o soneto. Tinha ao menos restricções e difficuldades que não tem a solta liberdade das canções descabelladas e plusquam romanticas, pelas quaes foi substituido; na qual soltura cresceu descompassadamente a turma dos janizaros do Parnaso, que levaram a anarchia poetica além de todas as raias do senso commum.

«Se nós invocaremos ainda o soneto e a Arcadia e a academia, como os povos, cansados e enfastiados das orgias da liberdade desenfreada, invocam a tyrannia, último e fatal remedio dos males presentes, que lhes fazem esquecer os passados? Oxalá que não, porque a coisa era muito semsabor e muito pedante. Mas esta é tão piegas[1]!»

[1] *Obras,* tomo XVII, pag. XXIX e XXX, edição 1869. — Poz esta nota comica ao verso do conto *O gallego e o diabo* «Fui preso por

Depois dos primeiros vem os *Ultimos versos, Folhas caídas*, em segunda edição, com explicações «dos editores»; e, por fim, a advertencia da primeira edição, datada igualmente de janeiro de 1853, na qual asseverou que os cantos que formam essa pequena collecção pertencem todos a uma epocha de vida intima e recolhida, que nada tem com as outras collecções suas. «Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gósto mais d'elles do que de nenhuns outros que fizesse. Porquê? É impossivel dizêl-o, mas é verdade». Crê que o melhor e mais recto juiz que póde ter o escriptor é elle mesmo, quando não o cega o amor proprio; e affirma que tem os olhos abertos «ao menos agora»: «Emfim, eu não queimo estes (versos). Consagrei-os *ignoto deo*. E o deus que os inspirou que os aniquile se quizer: não me julgo com direito de o fazer eu. Ainda assim, no *ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia velada com sendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe cáia para que todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquelle mysterioso, occulto e não definido sentimento de alma que a leva ás aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta». É interessantissimo tudo o que ahi diz, e nada perde em ser muitas vezes relido.

III

O apparecimento das *Folhas caídas* foi talvez o mais assombroso successo que em Portugal se tem dado com um livro. Todos queriam saber quem era *ignoto deo*, e

verdeaes»: — «Até a côr das fardas dos archeiros da universidade mudaram os fomentadores de 1834-5. Dizem que os pintaram de azul! Não tenho ânimo de ir a Coimbra, nem olhos com que tal veja. Os verdeaes azues! Que reforma!»

comquanto fossem vulgares nos nossos costumes casos similhantes ao do cantor com essa velada divindade, accusou-se o genio de descer das suas mais altas sublimidades para vir levantar com o movimento das azas o pó das paixões terrenas. Tanto maior é o homem, tanto mais o seu espirito o assignala nas eminencias da gloria, quanto mais se vêem os seus defeitos e fraquezas, o destaque entre estas e as suas qualidades brilhantes. Infelizmente, porém, até a pureza do céu é maculada por nuvens negras, e nem sequer o sol, esse mundo luminoso, que espalha em nosso universo o calor e a vida, está isento de manchas! Quantos milhares de pessoas, cem vezes mais peccadoras do que o auctor das *Folhas caídas,* passarão por nós a cada instante, perdidas na multidão?! Olha-se e grita-se contra o menor desmando dos grandes engenhos e não se condemna a corrupção da sociedade que os leva comsigo na onda! Quem se importou nunca com as torpezas e infamias hediondas, que corroeram e corroem ainda essa sociedade? Quem se cansa, não digo já a extirpál-as, mas a castigar, a censurar ao menos os que inoculam no mundo moderno o virus da lepra medonha que o devora?! Acaso se lembra alguem de fazer alarido contra os escandalos que vê expor nos theatros, que lê nos romances, contra esse veneno que perverte e apodrece a alma da juventude, e que o seu paiz, a sua cidade, o seu circulo propina, diaria e impunemente, á innocencia?!

Porque não se ha de pois perdoar ao espirito sublime do poeta o ter succumbido, se desde que elle incarnou ficou sujeito á condição mortal e a todas as leis fataes da humanidade?! Porque não se ha de attender a que d'esse sentimento, que chamaram delirio, nasceu aquella de suas obras primas que, pela idade em que foi feita, mostra, melhor talvez que nenhuma outra, o seu prodigioso talento? Eu não o desculpo, mas tambem não peço indul-

gencia para essa falta. A responsabilidade d'ella cabe toda ao seu tempo. Quem póde gabar-se de resistir sempre á tentação, desde que Deus deixou entrar a serpente no paraizo? Mas no poeta havia uma parte immortal; por isso só morreu d'elle *«aquillo em que se pareceu e se uniu com os outros homens; e essa falta, que era a mesma de Adão, tambem foi punida com a morte*[1].»

IV

As *Folhas caidas* publicaram-se primeiro n'um voluminho [2], que na segunda edição se reuniu ás *Fabulas e contos*. As provas de imprensa, sem nome de auctor, estavam sobre o balcão da livraria Bertrand, quando ali entrou Alexandre Herculano. Já a este tempo os tinha desunido a questão da propriedade litteraria, e Herculano ignorava absolutamente que essas provas pertencessem a Garrett. Pegou n'ellas por curiosidade, dizendo: —Versos! Ainda ha quem faça d'isto em Portugal?!

Abriu, e folheou desdenhosamente.

Francisco Bertrand, o excellente e erudito velho, que todos conhecemos e estimámos, e cuja morte, bem como a de seu irmão João, se deve considerar verdadeira perda para a bibliographia portugueza, sorria maliciosamente. Alexandre leu alguns versos, arregalou os olhos, sorveu com força a pitada que tinha entre os dedos, sentou-se melhor na cadeira, e tornando a ler outro pedaço, gritou, por não poder já conter aquella rude espontaneidade que realçava a grandeza do seu caracter:

— De quem diabo é isto?! Não ha senão um homem em Portugal capaz de fazer taes versos! São do Garrett?!

[1] *Folhas caidas, advertencia, in fine.*

[2] Imprensa nacional, Lisboa, 1853, 8.º grande de 112 pag.

— São, sim, senhor. — Respondeu com o seu modo amavel o honrado Francisco.

Herculano percorreu todo o livrinho, isto é, devorou-o, manifestando o maior assombro.

— Que lhe parece? — interrogou Bertrand.

— Penso que se Camões fizesse versos de amor, na idade em que está Garrett, não era capaz de o igualar. São bellissimos! Aquelle diabo não póde com o talento que Deus lhe deu! — E foi lendo, sempre com o mesmo enthusiasmo. — Parece que tem vinte annos! Este livro fará com que se lhe perdôe tudo!...

Estava feito o juizo das *Folhas caidas*. Depois d'essas palavras, proferidas por tal mestre, que mais poderia dizer-se?! Comtudo, apesar de Francisco Bertrand e eu as repetirmos bastantes vezes, não faltou quem se declarasse de opinião contrária! Almas villãs, encharcadas de fel, pantanos de inveja, d'onde se exhalavam calúmnias que viciavam o criterio público, tripudiaram sobre a fragilidade do homem e contestaram-lhe as bellezas poeticas do livro! Quizeram fazer crer aos papalvos que todos os contemporaneos de Garrett eram mais virtuosos do que o honesto José, do Egypto, e que só João accumulára em si os vicios todos do seculo; que as *Folhas caídas* adquiriram celebridade unicamente pelo escandalo, porque havia cá na terra quem fizesse versos superiores áquelles! Emfim, tanto fizeram e disseram, que, como quasi sempre succede, foram esses Putiphares de má morte, que, sem o pensar e sem o querer, concorreram para se vender o livro dentro de poucos dias!

V

Se bem me lembro, publicára-se a primeira edição em abril, e no dia 15 ou 16 de maio, pedindo eu um exem-

plar ao auctor, para mandar para o Brazil, me respondeu:

«17 de maio (1853).

«Meu am.º — Hontem na rua me deram a sua cartinha, a que foi impossivel responder por ser onde era, e mandei vir o portador hoje. Levanto-me agora da cama por estar com febre, mando-o entrar, e vejo que é um gallego que nada sabe sobre o negocio que devo recommendar ao barão da Luz. A sua carta nada diz.

«Não possúo nem uma pagina das *Folhas caídas*. Fallasse mais cedo. Agora em estando prompta a segunda edição. — De v. — Am.º certo. = *Alm.da Garrett.*»

Fez-se a segunda edição, que n'este mesmo mez foi prefaciada, a qual voou como a outra[1]. Innocencio parece não ter visto a primeira das *Fabulas e contos*, e segunda das *Folhas caídas*. Diz que fôra «segregada do mercado por um modo ainda agora mysterioso», e que se tornou desde logo tão rara que talvez não existam d'ella em Lisboa vinte exemplares[2]. Deve ter sido equivoco: andou bastante annunciada, e na casa Bertrand se vendeu sem o menor mysterio. Seria absurdo que a 'segregassem' do mercado, sem ter havido accôrdo com o auctor para que não publicasse mais nenhuma. A verdade é que apenas uma se esgotava logo elle saía com outra. Fizeram-lhe parodias, o que é outra prova do seu altissimo merecimento. Uma se intitulava *Folhas e cascas*, outra *Folhas caídas apanhadas a dente*, e quejandos titulos. Nada posso dizer dos seus merecimentos porque não vi nenhuma. Garrett magoou-se profundamente,

[1] Lisboa, imprensa nacional, 1853, — junta á primeira edição das *Fabulas e contos*, formando o tomo XVII das *Obras* do auctor.

[2] *Diccionario bibliographico portuguez*, tomo III, pag. 313, artigo 427. No artigo anterior (426) é erro typographico dizer que a segunda edição da *Lyrica* é de 1858; deve ler-se 1853.

quando lhe referi o que vogava ácerca do livro, e que se promettiam folhetins contra elle.

—Veja se açama esses cerberos da moral turva, que, não o digo por immodestia, me parece que aproveitariam melhor o tempo e fariam mais serviço aos bons costumes, pondo-se de vigia a si proprios, do que vindo malsinar os versos innocentes de um pobre homem, que nunca fez mal a ninguem.

A final, os aggressores gratuitos accommodaram-se [1].

[1] Visto que por fatal necessidade cumpre tratar-se este assumpto, que tanto assanhou e commoveu a velha hypocrita chamada Lisboa, e teve echo até fóra de Portugal, lavemos a roupa mais suja n'uma nota.

Segundo os malsins, o maior escandalo consistia em ser *ignoto deo* mulher casada. Não discutirei sobre se fôra mais conveniente que o poeta houvesse pervertido donzellas ou que preferisse deixar-se perverter pelas que o não eram. Deploro profundamente o facto; e declaro, com a maior sinceridade, apesar de toda a minha admiração pelas *Folhas caídas,* que antes quizera que o auctor as não tivesse produzido, do que ver-me obrigado a defendêl-o pela origem d'ellas. A sua gloria não carecia de mais um livro para ser immorredoura; mas desde que se deu o erro, fallemos claro e sem rodeios. Que culpa teve elle ou em que póde ser responsavel da desmoralisação que o rodeava? Eu disse já, e todos sabem, que a sociedade do seu tempo comêra na infancia os fructos apodrecidos da arvore do despotismo. Ainda que influenciada pelas novas e grandes idéas do seculo, fôra creada *a la leche de la servidumbre,* e transmittiu aos descendentes os resultados d'essa educação com todas as suas virtudes e vicios. Se estes predominaram, attribua-se a causa á quantidade de elementos nocivos que do cadaver do passado vieram aggregar-se ao novo corpo da nação. Aqui não é logar para mais largas explanações; por isso, resumindo-me ao que é pessoal ao nosso auctor, direi, que n'este segundo baixo imperio muitas mulheres casadas o requestaram á porfia; li as cartas de quatro ou cinco, e conheci pessoalmente as auctoras; algumas eram dignas émulas d'aquellas matronas illustres, que, em Roma, subiam de noite aos rostros, segundo referem os escriptores coevos.

Protesto que não faço a satyra d'esta Palmyra moral, como Herculano qualificou Lisboa: toco, muito ao de leve, um assumpto, que

VI

Nas salas cochichava-se, e liam-se avidamente os versos, ás escondidas. As mulheres mostraram-se indulgentes; se alguma houve que fez côro com os moralistas de *requiem*, foi por não ter tido quinhão no livro. Entre os homens, murmuravam os que eram peiores que o poeta, qualificando a publicação de 'pouca vergonha', em phrase bordalenga, que affrontava a verdade e a prosodia. Coitados! Calou-se desde muito esse

«Coaxar de rans em lodaçal immundo»

e os versos fulguram, cada vez mais, como constellações eternas. De todos os seus cantos de amor, são com effeito estes os que revelam maior paixão subjectiva. O sentimento que os inspirou era tão ardente, que revolveu, como vaga impetuosa, todo o seu ser, e trouxe-lhe do fundo á superficie tudo que lá havia, até as phantasias da quadra juvenil! Como certas arvores se desatam em fructos, quando proximas ao termo da vida, assim elle, já com a morte no seio, remoçava nos gostos e nos trajos, como se realmente lhe tivesse voltado a mocidade! Retomou habitos e costumes de homem novo e elegante, exagerando-os por vezes a ponto de me eu aproveitar do seu medo do ridiculo, para o fazer mudar os que me pareciam em desharmonia com o respeito que elle me inspirava. Certa occasião, indo para sua casa, e encontrando-o no largo do Rato com um collete de gran-

daria numerosos volumes ao erudito escriptor Parent du Chatelet, se elle subisse das infimas camadas, que apenas forneceram dois aos seus estudos. Porque, pois, berrar contra o poeta, que a si proprio se puniu, de não ter sido superior, como fôra sempre em tudo mais, á maioria dos seus contemporaneos, trazendo, do barathro onde fôra precipitado, nova joia resplandecente para a litteratura da sua patria?!

des ramagens, soltei exclamações que o irritaram. Disse-lhe que o achava vistoso, espectaculoso, com aquelles floripondios. Protestando, abotoou, comtudo, o fraque até ao pescoço, voltou commigo para casa, e substituiu-o por outro. Este caso repetiu-se. O seu espirito andava singularmente influenciado: preoccupava-se mais do que nunca com parecer bem!

Quando a doença o prostrou no leito, entrou-lhe um dia na alcova a musa de seus ultimos cantos. Cheguei eu de fóra no entretanto; e ella, ao saír, deitou-me os braços ao pescoço, exclamando, com as lagrimas nos olhos:

—Elle morre! elle morre!

Eu conhecia-a apenas, e nunca nos tinhamos fallado! Tomei-a a serio; e, apesar da sua presença, n'aquelle santuario do genio moribundo, offender todos os meus sentimentos e melindres, disse-lhe banalidades, e supportei com paciencia o pêso da sua bella cabeça no meu hombro, por espaço de cinco minutos que ella esteve a soluçar. Foi assim que se viram e fallaram pela última vez. Finda a scena de comedia, que representou commigo não sei com que fim, saíu e não tornou. Garrett disse-me, logo que voltei para o quarto:

—Peço-lhe que não deixe aquella senhora tornar a entrar aqui.

Dominava-o o arrependimento. A ella não. Invertiam-se os papeis: era elle que, como a peccadora da sagrada historia, devia ser perdoado pelo muito que tinha amado.

VII

Para não voltar a este assumpto, direi já o seguinte:

Depois do fallecimento de Garrett, entendi que era preciso prestar á sua memoria serviços que só podiam

ser feitos por leaes amigos. Convinha que tres homens de probidade e bom senso, constituidos em tribunal secreto, do qual não houvesse appellação, examinassem e julgassem todas as cartas e papeis avulsos, que eu não tivera tempo de arrumar, como em seu logar se verá, e que mettêra nas gavetas das estantes. Por conhecer essas correspondencias, desejava eu que muitas d'ellas fossem destruidas. Communiquei o meu pensamento a D. Pedro Pimentel de Brito do Rio, testamenteiro do fallecido, que me approvou, e com elle e o meu tambem já fallecido amigo Manuel José Gonçalves, nos fechámos na casa de Garrett, accendemos o fogão da livraria, e demos começo aos nossos trabalhos.

Na correspondencia que revistavamos havia muitas cartas de amores, de differentes pessoas, de varios estylos, com mais ou menos pretensões litterarias, expressando sempre admiração excessiva. Dobravamos e emmassavamos as dos homens, que nos pareciam de importancia ou interêsse; todas as de familia; e queimavamos, sem discussão, e até sem mutuamente nos consultarmos, as das mulheres. De uma unica destruimos mais de cem! Que de expressões ternas, que de protestos ardentes e apaixonados, que de perfidas mentiras ali consumiu, silenciosamente, a chamma placida e serena do fogão, defronte da cama onde penou e morreu o homem que as inspirára! Eu sabia que existiam mais cartas d'aquellas, n'uma especie de mala ingleza, arca santa, em que nunca até aquelle dia ousei tocar, porque o poeta guardava n'ella as suas memorias mais intimas. Fui buscar o cofre mysterioso, que estava na alcova; e abrimol-o com as devidas solemnidades. Achámos dentro mais provas de que a alma do immortal se prendia á terra pelos mesmos processos que as nossas: um retrato, madeixas de cabello, flores seccas... Que o leitor pense, antes de abrir os labios ao riso aristhophanico ou mephistophelico

da zombaria, se não foi já, ou se não é ainda susceptivel de se interessar por essas reliquias, filhas de sentimentos que teem o que quer que seja de religioso, em que viceja a eterna juventude do coração humano. É certo que os tres juizes sorriram, registando aquellas coisas; mas com o sorriso da indulgencia e da comprehensão, como quem approvava e queria dizer, talvez desvanecendo-se: «tambem temos... ou tivemos!»

Além d'essas e outras lembranças similhantes, que todas teriam tido, provavelmente, bem interessante historia, continha o cofre *mais de trezentas cartas, irmãs das cento e tantas que já haviamos queimado!* Após o natural espanto, que causára aos meus dois amigos a enorme correspondencia, dispunham-se elles a lançál-a no fogão, quando eu os detive, aconselhando que a restituissemos a sua dona. Apoiado o alvitre, decidiu-se que D. Pedro mandasse fazer a entrega por meio de uma senhora, amiga da correspondente[1].

Confesso que me deixei vencer pela curiosidade, e que li, para mim só, muitas d'essas missivas, na presença dos meus collegas juizes, sem me preoccupar com a opinião d'elles. Em vida de Garrett, não lêra nenhuma. Sabia-lhe da paixão ardente e cega, fôra testemunha dos seus despeitos, quando o ciume lhe arrancava protestos de fingido desdem, ironias cortantes como navalhas de barba, phrases similhantes ás que lhe ouviu um dia Francisco Palha, indo com elle de carruagem por baixo de certas janellas... Todavia, nunca em sua vida ousaria, por nenhum motivo, devassar os mysterios d'aquella correspondencia. Depois d'elle morto, e tornado confidente involuntario da mulher amada, entendi que podia, na minha qualidade de biographo, analysar taes documentos. Precisava estudál-os como critico conscien-

[1] Entregadora e recebedora são já fallecidas.

cioso e como juiz severo. Isso fiz. As cartas revelavam intelligencia cultivada, e acima do vulgar. Algumas tinham o que afrancezadamente se chama espirito. Começavam todas por esta formula banal: «meu querido amigo». Outras faziam rhetorica, substituindo com flores murchas e sem perfume as expressões ingenuas do amor verdadeiro. Parece incrivel que aos olhos do amante (e que amante!) aquillo passasse por bom oiro de lei! Bem certo é que o coração apaixonado, seja elle o do maior sabio, o do mais sublime poeta, engole tolices e mentiras do tamanho de montanhas!

Á parte a exageração dos protestos, continham esses papeis venenosos elementos para perder os proprios santos — que fossem susceptiveis de tentações, porque essa mulher era bella, mais bella talvez do que Lucifer no momento da quéda. Garrett foi vencido, seduzido, fascinado pelo podèr da belleza intelligente e instruida, que é invencivel sempre que se propõe dominar o genio dos homens, quebrar-lhes o orgulho, escravisál-os, manchar-lhes a gloria e a fama. Mulheres como aquella, anjos e demonios a um tempo, quando a vaidade lhes toma posse das almas, é força que triumphem; e triumpharão, fatalmente, ainda que cuidem arrastar comsigo na quéda o universo inteiro!

VIII

É possivel que o amor verdadeiro, involuntario, irresistivel, d'esses que devoram o coração e o cerebro, que em vez de matar enlouquecem, absolvesse, aos olhos das pessoas indulgentes, a mulher culpada; que, pelo menos, attenuasse a sua falta. Dir-se-ia, talvez, que succumbira a influxos funestos, á sua má estrella, ao desti-

no. Provando-se, porém, que tal desculpa não póde ser-lhe applicada, fica simplesmente o caso vulgar de depravação moral, producção natural do meio — falta de que é irresponsavel, se não é tambem a verdadeira e unica victima o pobre insecto, que voava desprevenido no espaço, e que, julgando elevar-se a regiões ethereas, se enredára na teia de aranha que lhe empanou o brilho resplandecente das azas.

Diligenciei obter as cartas de Garrett, que attestavam a sua fraqueza — é certo; — mas que o justificavam; porque, como nos seus versos, ahi transparecia o delirio, que levava na revolta vaga esse alcyon perdido. Escrevi á senhora a quem tinha mandado entregar o cofre da rhetorica amorosa, para que se dignasse alcançál-as. Respondeu-me que na sua presença tinham sido queimadas. Esta noticia consternou-me. Eu queria poder perdoar, em nome de Jesus, e do homem que tanto a amára, á transviada peccadora; e contava para isso com as disposições em que a leitura d'essas cartas me deixaria o ânimo. A admiração e o enthusiasmo favorecem as intenções generosas. Destruidas as provas, a irritabilidade suggeriu-me estas reflexões um tanto paradoxaes.

Acaso a mulher, que tivesse amado realmente homem tão grande, ousaria aniquilar documentos, que, embora a accusassem, a tornariam immortal? Desde que o destino se apossára d'ella, para musa de tamanho poeta, não lhe seria permittido expor-se, vangloriosa, diante dos seculos, não com a cynica impudencia da bacchante, mas como a estatua da belleza antiga, que, apesar de núa, é casta e pudica? Se dizemos a Laura de Petrarcha, a Beatriz de Dante, a Fornarina de Raphael, não é porque as amadas por esses genios privilegiados perderam a qualidade de pessoas de familia, adquirindo a de divindades inspiradoras do bello, do mesmo modo que

os genios sobre quem ellas dominam deixam de ser patrimonio exclusivo da terra em que nasceram, e pertencem em commum á humanidade?

Peço perdão ao leitor, pela abstrusa theoria em que me enredei, pensando no attentado que nos roubou aquellas cartas, obras-primas de sentimento, photographia do maior coração que jámais pulsou em peito de poeta das Hespanhas, depois que morreu o cantor de Natercia. Ah! se essa mulher o tivesse amado, ao menos com metade da admiração que elle inspirava aos invejosos, não se privaria a si e ao mundo dos testemunhos da paixão que inspirára! Julgou ella porventura que queimando as cartas extinguia a memoria do facto que as produzíra? Oh! não; homens como Garrett vivem dentro de circulos luminosos: ninguem lhes toca os corações, sem ser visto de longe. A posteridade, adindo a herança de um dos mais apaixonados livros que se tem escripto, poderia talvez perdoar a falta de quem o inspirou... mas não perdoará nunca a destruição das preciosas missivas, que eram a historia d'esse livro[1].

IX

Voltemos atraz, ao auctor, que vivia ainda, e á sua obra, que viverá eternamente. Passada a allucinação, e

[1] Se foram destruidas, que eu duvido ainda. E duvidarão commigo todos os que tiverem ouvido affirmar que a musa do sublime cantor se orgulhava tanto de lhe terem sido dirigidas essas epistolas, que as mandava mostrar a outra illustre dama de Madrid, querida de um escriptor celebre do reino vizinho, recebendo em troca amostras das d'aquelle. Assim se compraziam em comparar os estylos e a maneira de «amar por cartas» de dois grandes homens! E quem fazia isto, por amor da arte, não queimaria as cartas de Garrett...

em face quasi da morte, quantas vezes não lhe viriam á mente aquelles formosos versos da sua juventude:

«.....Vasos de barro
Somos nós, quebradiços e achacados;
E raro, a obra melhor do homem mais justo,
O oiro mais puro da virtude humana
De liga vil seu tanto não encerra [1].»

E como não lhe pesaria ter gravado est'outros em lamina sempiterna!

«Dou-me a ti, anjo maldito,
Que este ardor que me devora
É já fogo de precito,
Fogo eterno, que em má hora
Trouxeste de lá... De d'onde?
Em que mysterios se esconde
Teu fatal, estranho ser!
Anjo és tu ou és mulher? [2]»

E ainda as da peça immediata:

«Como a vibora gerado,
No coração se formou
Este amor amaldiçoado
Que á nascença o espedaçou [3].»

Tudo nas *Folhas caídas* é bello, inexcedivel de singeleza e de sentimento, viçoso, como nenhuma outra composição das de seus primeiros annos. Porque então fôra poeta da cabeça, e agora era-o d'alma. *Cascaes*, a peça que n'esta collecção tem o numero XIX, póde dizer-se escripta com sangue do seu coração. Que paixão, que perfume e que mimo ha n'essas admiraveis estrophes! Ao contrário d'aquelle desgraçado que, por castigo de sua ambição, fôra condemnado a conver-

[1] *D. Branca*, pag. 135, edição de 1874.
[2] *Folhas caídas*, pag. 195, edição de 1869.
[3] Ibidem, 196.

ter em oiro quanto tocasse, a benção de Deus outorgára ao poeta o poder de transformar tudo em flores. Nunca nenhum cantor, antigo ou moderno, foi tão grande, com menos artificio:

«Ali sós no mundo, sós,
Santo Deus! Como vivemos!
Como eramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,
Que fallar dos olhos mudo!
Como ella vivia em mim,
Como eu tinha n'ella tudo,
Minha alma em sua rasão,
Meu sangue em seu coração![1]»

Falla-se agora em realismo e naturalismo, como se o bello podesse existir separado do natural e do verdadeiro! Imitem isto, que não ha outro nem melhor realismo. Pintem, como elle pintou, essa paizagem tão simples e severa, e ao mesmo tempo tão aformoseada pelo amor do artista:

«Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta árida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, annuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era braveza
De selvagem natureza.

[1] Loc. cit., pag. 178–179, edição de 1869.

Ahi, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Sêcco o rio, sêcca a fonte,
Hervas e mattos queimados,
Ahi n'essa bruta serra,
Ahi foi um céu na terra[1].»

X

E comtudo, apesar de serem essas estrophes admiraveis, sente-se que ellas nasceram de uma chamma impura. Á mulher legitima, ou á mulher amada castamente, como o foi Adelaide, nunca o poeta faria taes versos. Não: n'este amor, de par com todos os mimos e graças da mais seductora poesia, ha como que um palpitar de carnes, um ferver de sangue, uma febre devoradora de gósos, que macularia o pudor e a santidade do lar, excluindo toda a idéa de virtude e de respeito que o homem moral deve á mãe de seus filhos.

«.....
Vê se no arido pragal
D'este peito se ateiasse
De amor o incendio fatal!
Mais negro e feio no inferno
Não chammeja o fogo eterno[2].»

Garrett estava submettido a um podêr superior á sua rasão e á sua vontade, quando escreveu parte das *Folhas caídas*. Por isso, a esses gritos delirantes d'alma, aos arrancos apaixonados, succedem de repente, para rehabilitar a seus proprios olhos o desvairado amante, cantos não menos bellos, mas de mais elevados senti-

[1] Loc. cit., pag. 177-178.
[2] Idem, pag. 125-126.

mentos, e rescendendo a mais puras essencias. É o *Adeus*, do menino moribundo á mãe, pathetico até ao sublime; a *Ave, Maria*, soluço de seu proprio coração, evocando o auxilio divino ante a filhinha estremecida, prestes a expirar; *No Lumiar*, recordação de um dia de abril, passado ali com o velho e amavel duque de Palmella, descripto por mão de mestre, em companhia da distincta estrangeira, mrs. Northon (traductora de *Frei Luiz de Sousa*, para inglez), que o duque festejava na sua bella vivenda, em 1847 ou 1848.

Garrett lia como o melhor dos mestres[1]. Quando as *Folhas caídas* entravam na imprensa foram estas tres peças as unicas de que o auctor me deu conhecimento. Ouvindo-o, brotaram-me espontaneas as lagrimas. Dava-lhe elle tal expressão com a leitura, que era impossivel não se commover o ouvinte! Dir-se-ía que preadivinhava ser este o seu último livro de versos, e não queria que se voltassem as derradeiras folhas sobre composições que, apesar de admiraveis como obras de arte, poderiam por sua origem empanar-lhe o brilho da gloria[2].

[1] Vide *Garrett, memorias biographicas*, tomo I, pag. 219, nota.

[2] Ainda assim, não julguem os que não leram as *Folhas caídas*, que ellas são todas consagradas a um objecto unico: ha ali versos á amisade, especialmente a senhoras da familia Kruz, com quem o poeta era remotamente aparentado. A peça *Saudades*, foi escripta no album de D. Josepha Kruz; o *Album*, no de D. Julia; *Retrato*, no de D. Maria Kruz; e ha ainda outras a diversos assumptos, taes como a traducção dos versos de Paggi (epilogo á sua traducção dos *Lusiadas*), que primeiro se tinha publicado no segundo numero do jornal *A Semana*; a traducção da poesia *O Tejo*, escripta e dedicada a Garrett pelo conde de Camburzano, secretario que foi da legação de Sardenha em Lisboa; e a traducção de uma runa finlandeza, bem como as versões da mesma em mais sete linguas. O illustre litterato sueco C. Gust. Zetterquistin, que lhe tinha mandado esses fragmentos, lhe escrevia novamente de Stockolmo em 20 de junho de 1854 uma carta muito interessante, mandando-lhe a traducção hespanhola da mesma runa, feita por Agustin de Alfaro

XI

Retomemos a sua historia politica. Na sessão de 30 de março foi nomeado relator da commissão encarregada pela camara de examinar a proposta do par Ferrão, sobre o estado do contrato do tabaco e sabão nos mezes que durou a guerra civil de 1846. Até para estudos d'esta especie o escolhiam, talvez na persuasão de que não daria boa conta de si! Enganavam-se, porém, se eram inimigos que pretendiam humilhál-o. Tem-se visto que a universalidade das suas aptidões e conhecimentos chegava a tudo.

Na sessão de 28 de maio, discutindo-se o parecer da commissão especial sobre os actos das duas dictaduras, só o extracto do seu discurso toma quasi duas columnas e meia do *Diario do governo* de 10 de junho. Não fazendo opposição declarada, nem apoiando incondicionalmente o ministerio, disse que optava pelo menor mal, e que passassem como estavam os actos da dictadura. «Não tenho ânimo para dizer que os approvo. Para tal não teria nem mão que o assignasse, nem voz que o proferisse. Não approvo nem sancciono, tolero e consinto, porque o paiz está farto de revoluções, cansado e cansadissimo de revoluções». Compraz-se em proclamar que muitas das providencias em questão tiveram a louvavel e generosa intenção de metter alguma luz no cahos das nossas finanças. É por vezes demasiado severo nas suas apreciações, dizendo todavia «que não pretendia, nem tentava convencer a camara; desejava unicamente dar as rasões do seu voto». Protestou que não actuavam n'elle

y Godinez, communicando ter outras traducções italianas, e pedindo a Garrett para lhe obter mais algumas hespanholas e portuguezas. Infelizmente, o poeta não pôde já responder-lhe!

mesquinhos sentimentos pessoaes, por intrigas pequenas e ridiculas «que eu tenho o honrado orgulho de desprezar, e tanto mais altivo desprezarei quanto de mais alto vierem...» Termina, dizendo: «Não voto, opto pelo menor mal». No comêço d'este discurso declarou que estava gravemente enfermo; porém, receiando que fosse o último dia d'aquella discussão, lá fôra dar o seu voto.

No extracto da sessão de 14 de junho, tratando-se de pensões, sentiu amargamente que não se propozesse nenhuma para a viuva de Mousinho de Albuquerque.

XII

A 13 de agosto, discutindo-se o projecto de lei da decima de repartição, e propondo-se o adiamento, fallou a favor d'essa proposta, explicando por que o fazia. Tomar-se-ia o seu discurso como de opposição, se não declarasse que, no caso do ministro da fazenda acceitar algumas das emendas que elle e outros membros da camara desejavam propor, votaria contra o adiamento. Effectivamente, depois de segundo discurso explicativo do ministro, votou com o ministerio. E, usando segunda vez da palavra, começou dizendo[1]:

«Acabo de rejeitar o adiamento proposto, e com este voto tão explicito e authentico provei ao sr. ministro da fazenda que se enganou, ou pretendeu enganar sobre os meus votos e opiniões, sobre seu espirito e tendencias. Foi rasgado e franco o meu voto, rejeitando o adiamento. E porque o rejeitei? Fundado na palavra de s. ex.ª, de que não se oppunha a qualquer emenda que a camara quizesse fazer ao projecto, e que elle julgasse rasoavel.»

[1] Não se tendo publicado diario da camara dos pares, tomei as minhas notas pelos do governo.

Alvitrou que seria conveniente pôr a nova lei em vigor, conjunctamente com a antiga, para que praticamente se conhecesse qual dos dois systemas dava melhores resultados; e terminou, pedindo que se ensaiasse com prudencia a lei de contribuição de repartição, unicamente em dois ou tres districtos.

Tornou a responder-lhe o ministro, combatendo-o com os exemplos da França, e protestando que não queria parte na accusação dos erros das administrações passadas. «São os de nós todos», volveu Garrett. Fontes replicou que os d'elle não, porque ainda não era nascido, e que bem lhe bastavam os do seu tempo com que tinha de carregar na parte que d'elles lhe coubesse. João insistiu ainda que o exemplo da França não nos podia ser applicado n'aquelle ponto, que de boamente acceitaria os exemplos da Inglaterra, onde se faziam ensaios das leis n'um districto qualquer antes de generalisar a applicação d'ellas. Sustentando estas idéas, mandou para a mesa um additamento 'para que se ensaiasse a nova lei no sentido que primeiro propozera'. Apesar de admittido á discussão, foi prejudicado por subsequente resolução da camara.

N'este dia adiaram-se as côrtes até 15 de dezembro.

XIII

Por decreto de 22 de setembro d'esse anno extinguiu-se a sociedade de artistas dramaticos do theatro de D. Maria II, constituindo-se o governo emprezario do theatro. Rodrigo, inspirado por Sebastião José Ribeiro de Sá, proprietario da *Revista universal lisbonense*, promovêra a medida, por empenhos de Emilia das Neves, offendida, segundo se asseverou, por não a terem escripturado. A nova lei, que desapossava os actores de direitos adqui-

ridos por longos annos de trabalhos, e de miserias, creava o conselho dramatico e o commissario regio para o theatro de D. Maria. Ribeiro de Sá obteve este cargo. Competia-lhe a presidencia do conselho dramatico e a censura moral e politica das obras destinadas á scena. Com o decreto regulamentar publicaram-se as nomeações para os cargos creados. Garrett, Herculano, Castilho, e outros de que me não lembro, eram membros do conselho. Felner, censor, appareceu-me muito cedo em casa, de *Diario* na mão, praguejando contra o que chamava consulado de Sebastião Emiliano, por este não o ter consultado antes de conceder-lhe as honras da censura.

Como eu convivia muito com os artistas dramaticos, e sempre que podia utilisava em proveito d'elles a amisade com que me honrava Garrett, reuniram-se logo em minha casa diversos jornalistas e actores, e ali se tomaram resoluções não menos apaixonadas do que inuteis. Decidiu-se, por exemplo, que nenhum escriptor désse peças para o theatro, antes de ver se a nova administração favorecia ou offendia os auctores; que todos combatessem pela imprensa o facto de se fazer o estado emprezario: que eu persuadisse Garrett a dar a sua demissão de membro do conselho dramatico, emquanto outros se encarregavam de resolver Herculano no mesmo sentido, etc.

Se os nossos esforços não tiveram podèr para desfazer o que estava feito, a verdade é que trabalhámos com ardor e que incommodámos seriamente Ribeiro de Sá. Garrett fôra passar esse verão e parte do outono em uma casa do largo do pateo das Vaccas. É uma das que hoje teem o n.º 36 ou o n.º 40, subindo, á direita. Affirmo ser uma d'essas, mas, apesar de lá ter ido este anno (1882) verificar, não ouso dizer em qual das duas foi, receioso de que a memoria me engane.

XIV

Na tarde do dia em que saíu o decreto das nomeações, corremos a Belem, Mendes Leal, Felner, Rebello da Silva, Ernesto Biester, Theodorico, Epiphanio, Tasso e eu. Assentou-se que a nossa força acampasse no largo de D. Fernando, para não causar sensação maior, emquanto eu ía ao pateo das Vaccas, preparar o poeta, e trazêl-o commigo á presença da commissão, se isto fosse possivel.

A meio caminho da calçada do Galvão, por onde fui de proposito, desconfiando que por ali o encontraria, avistei-o com effeito dentro de uma traquitana, que descia á desfilada, e que o nosso Santo Antão, como lhe chamou Herculano, fez parar logo que me conheceu.

— Salte cá para dentro.

— Temos muito que fallar.

— Suba; iremos fallando.

Subi, não sem suspeita de que ía servir-lhe para o que já lhe servíra Herculano, e principiei a contar-lhe a historia da reforma do theatro, com promenores que não teem aqui cabimento. Como elle não quizesse apear-se, porque ía *em serviço*, apenas mandou afrouxar o passo dos cavallos, quando passavamos no largo de Belem, dizendo-me:

— Já vejo que o caso é dos de polpa! Está ali todo o synhedrio! — Era assim que qualificava, gracejando, as pessoas de minha amisade, quando reunidas commigo.

Todos o cumprimentaram; correspondeu-lhes, sorrindo, e enviando-lhes phrases cheias de sal attico e de pimenta; e fomos para diante, até o fim da Junqueira. Passava-se no caminho por certa casa, que rescendia a *ignoto deo*. Voltámos atraz, fazendo a circumvolução do largo dos Jeronymos, e volvemos á fatidica Junqueira;

outra retrogradação ao monumento manuelino, e já corriamos terceira vez com a prôa no... Porto Pyreu, quando lhe pedi que mandasse parar, na praça de D. Fernando. Achava-me auctorisado para declarar nos jornaes, que elle não acceitava a nomeação de membro do conselho dramatico. Ainda assim, não foi sem custo que o convenci; e foram precisas todas aquellas idas e vindas, e a minha condescendencia em tirar o chapéu ao mesmo tempo que elle para determinadas janellas, primeiro que lhe apanhasse a renúncia. Era ainda muito vivaz o seu amor pelo theatro; e, apesar de zangado com alguns dos ministros, persuadia-se que poderia concorrer para melhorál-o.

XV

No dia seguinte fiz a declaração respectiva, acrescentando um 'consta-nos' que o sr. Alexandre Herculano tambem recusa. Isto desnorteou Ribeiro de Sá, que acudiu logo ao pateo das Vaccas. Mas eu tinha-me antecipado; e, não encontrando Garrett em casa, roguei a sua filha que, se lá fosse Ribeiro de Sá, ou alguem mandado por elle, fizesse com que o despedissem, quer o pae estivesse em casa, quer não. Prometti-lhe que depois explicaria os motivos. Como D. Maria Adelaide era ainda mui joven, confesso que não me fiei inteiramente na sua memoria, e que fiquei de sentinella, na rua, até que apanhei o poeta. Mal tinhamos entrado, chegou Ribeiro de Sá. Garrett queria recebêl-o, quasi irritado com as minhas instancias. Da hesitação, atrapalhação e demora, resultou perceber o outro que lhe negavam o dono da casa. E tive eu por fim que saír, pedindo ao nosso auctor que não se mexesse do seu canto, e levei commigo Ribeiro de Sá. A este disse que João dera ordem para não receber ninguem, por estar com

trabalhos que não podia interromper. Passados dias, com evasivas e esconderijos, o reformador desenganou-se e poz-se mal commigo[1].

O mestre nunca desamparou o partido que nós creámos para combater a infeliz reforma do theatro. Nem todos, porém, lhe imitaram a constancia e fidelidade. Pouco a pouco foram desertando alguns soldados rasos, seguindo-se-lhes os officiaes graduados, que comnosco tinham feito causa commum. Com esses, ou sem elles, o theatro lá foi coxeando, vivendo vida de miserias e de opprobrios[2], até que o governo largou a administração d'elle, que nunca devia ter tomado, e o deu por arrematação, sem nunca mais se importar d'ali por diante que houvesse, ou não, theatro, actores e auctores portuguezes. Tinha morrido Garrett!...

Em principio de novembro entrára D. Maria Adelaide para o recolhimento das Salezias, onde ia ser educada. Disse já que o poeta amava extremosamente esta filha unica da sua Adelaide. Comprazo-me em poder provál-o com a seguinte carta, e com alguns excerptos de varias outras, para mostrar aos leitores uma nova e formosa feição de tão calumniado homem.

«Novembro 6.

«Minha adorada filha da minha alma.—Deves imaginar o prazer e a consolação que tive agora em receber tão cedo noticias tuas e do bem que passaste e que tens agradado ás tuas mestras. Crê, filha, que as infinitas saudades que tenho de ti, que a falta que me faz a tua companhia—e que é um grande sacrificio que faço a Deus e a ti,—só com estas noticias podem mitigar-se. Tu bem sabes, filha da minha alma, que eu detesto

[1] Deram-se tambem outras causas, que vão referidas nas minhas memorias.

[2] N'uma das administrações do governo, passados annos, chegaram a vender-se camarotes de 1.ª ordem a 200 réis!

exagerações; digo-te a verdade — que é enorme e que só Deus sabe o sacrificio que faço em me separar de ti.

«Mas as lagrimas que tenho chorado todas são de esperança e de confiança em Deus e de gratidão por me dar força para cumprir o que em consciencia entendo que era o meu dever.

«Está na tua mão que seja curta a nossa separação e proveitosa. Tenho fé em Deus e confiança em ti e no amor que me tens, que assim ha de ser. Applica-te, filha: mas sobretudo fórma a tua alma, e sê boa christã: que é a maior paga que pódes dar a teu pae que bem sabes o que te ama.

«É provavel que ainda hoje vá ver-te. Ha aqui uma grande desordem de mudanças na casa: o costume, bem sabes. Diz[1] se queres alguma coisa porque tudo quanto quizeres se fará sendo tu boa.

«Ganha a affeição de tuas superioras e mestras que são as verdadeiras mães que Deus te deixou. Ama e teme a Deus e vive contente porque fazes feliz a teu pae que te ama. = *J. Baptista.*»

XVI

Na de 21 de dezembro, entre outros conselhos e provas de inexcedivel affecto, dizia-lhe:

«... Diz-me se tens saudades de teu pae que tanto te

[1] Não se tome por erro de grammatica o emprêgo do 'diz' por 'dize'. Garrett sabia a lingua como mestre; mas no estylo familiar supprimia de proposito uma letra, falta que, para quem o ler desprevenido, parece mudar as pessoas dos verbos. Procedia assim quando queria tornar mais popular a linguagem, e não por ignorancia, é claro. Ninguem soube jámais usar como elle dos plebeismos, nem escrever mais legitimo portuguez, segundo lh'o exigia cada estylo e fórma.

ama, e que não pensa senão em ti e no momento em que te póde ver uma senhora completa. Deus te abençôe minha adorada e unica filha e te faça boa e feliz. Não te esqueças nunca minha filha que os maus são sempre infelizes ainda que o não pareçam. Adeus, estuda, teme a Deus, e adora a verdade, que enches teu pae de alegria e de gôsto[1].»

N'essas poucas palavras está o retrato moral do pae e do homem; e a eterna confusão dos vis que lhe denegriam a fama. Um incómmodo, que lhe sobreviera n'um pé e o obrigára a estar algum tempo em casa, inspirava-lhe n'outra carta, de vespera de Natal, as seguintes phrases: «Além de incommodado bastante, estou a pé porque está doente um dos meus cavallos que sempre me obsequeiam com as suas doenças nas occasiões em que mais preciso d'elles». E logo adiante: «Saberás que já tenho com effeito a casa nova de Santa Izabel. E quando a arranjar, cuidarei tambem do teu quartinho que será o melhor da casa, e proprio para uma senhora como tu has de saír d'ahi».

Em varias outras recommenda que não lhe dê excellencia, nem lhe ponha nas cartas ill.^{mo} e ex.^{mo} sr., que é só bom para estranhos e que a elle lhe repugnava. Na de 1 de fevereiro de 1854, dizia-lhe: «E estuda e applica-te a cultivar a tua rasão — mas sobretudo a formar o teu coração no temor e amor do seu Creador. Adeus minha filha, as bençãos todas de Deus sobre ti, como lhe pede ardente e quasi unicamente, porque não tenho outro cuidado na vida senão tu, teu pae que te ama de todo o seu coração. = *J. Baptista.*»

A 7 de fevereiro: «Eu estou melhor hoje, mas estive bastante incommodado — e nos meus soffrimentos não é

[1] Sigo as copias que me confiou o sr. dr. Carlos Guimarães, porque nunca vi os originaes.

o que menos me afflige as muitas saudades que sempre tenho de ti, minha filha do meu coração. Deus me acceite tudo em desconto, e o acrescente em graças e felicidade para ti». Continúa, pedindo-lhe que o encommende sempre a Deus nas suas orações, e tambem para que a faça feliz a ella «para minha consolação n'esta vida e para que eu possa supportar n'ella todo e qualquer mal com que for da divina vontade experimentar-me».

Em 23 de março, depois do ataque de defluxo, a que era sujeito, e de ter levado um caustico, escrevia á filha, assegurando estar melhor, e promettendo-lhe que no outro dia iria á sua igreja: «e será a primeira que visite; se te não vir, não importa, sempre saberei de ti e estarei com Deus onde tu estás».

N'um domingo do mez de junho de 1854 (sem data), tendo já alugados os baixos da casa do marquez de Angeja, para ir passar ao pé da filha o resto do verão, lhe escrevia, recommendando que mandasse metter na dita casa, pelo creado do convento, uns trastes que no anno anterior deixára guardados nos *Telheiros* da Ajuda; e terminava: — «Adeus minha filha vae começando a tua aprendizagem de cuidar em teu pae, que muito não póde já por si. Ando tão cansado e aborrecido com creados e officiaes de toda a casta, que nem tenho cabeça para minhas obrigações».

N'outra, sem data: «Não te afadigues com este calor, minha filha, que não te appliques demais; eu não te quero para doutora, só desejo que sejas boa, temente a Deus, que tenhas modos de senhora, e que cultives honestamente a intelligencia que Deus te deu».

É impossivel continuar. Essas cartas são, mais ainda que um curso de educação, curso de amor paterno. Algumas parecem de mãe carinhosa, dominada por crendices mysticas e affectos incomparaveis. Em quasi todas se ma-

nifesta vivissima a influencia exercida no coração do homem, pela educação recebida na infancia. O amor de pae tornava-o religioso até ao fanatismo, amante até á idolatria!

Differentes pessoas, aliás de inteira boa fé e de cultivada intelligencia, julgaram ver nos seus ultimos escriptos idéas reaccionarias. Citou-se ainda ha pouco a sua opinião em favor dos frades, e não sei se tambem dos jesuitas. É grave erro. Garrett, como Herculano, como Castilho, e como outros, muito mais pequenos, em o numero dos quaes o auctor se inclue, condemnaram por vezes e por diversos modos os excessos da revolução liberal. Censuraram que com a abolição do monachismo se espoliassem os bens que legitimamente pertenciam a individuos associados segundo as leis do reino, deixando-os a morrer de fome; que se convertessem os templos em estrebarias; que se profanassem e violassem as sepulturas, lançando ao vento as cinzas de nossos maiores: porque todos estes actos de verdadeira selvageria eram altamente censuraveis.

Mas lamentando e stigmatisando severamente esses erros, ou crimes, se querem que assim se qualifiquem, não disseram que davam o seu voto para o restabelecimento das ordens religiosas. Garrett fallou muito de frades, poeticamente. Nas *Viagens na minha terra* disse que o accusavam de os metter em tudo, e conta, brincando, quantos tinha já explorado. Fallava, porém, como artista. Como pensador, como politico, como legislador e estadista, nem na camara, nem na imprensa — onde pugnou sempre pelos eternos principios da verdade e da justiça — advogou jámais a volta dos frades. Nunca! E menos ainda a dos jesuitas.

É verdade que nos ultimos annos de vida, o amor paternal lhe avivou ou fez renascer as crenças infantis: os extremos tocam-se! Concedamos que se tornou um tanto

devoto. Quanto maior for o affecto que tenhamos a nossos filhos, mais antepomos o coração á rasão. O amor verdadeiro faz-nos credulos, supersticiosos, fanaticos. Garrett era homem, e foi tudo isso, debruçado sobre o berço de sua filha. Porém, se ha paes que o accusem, a esses accuso eu de não saberem amar aquelles que geraram. Taxaram-n'o de devoto, e concordo que o foi um tanto; mas sinceramente, e nunca a ponto de entender que para ser christão não se póde ser liberal, ou que não é permittido amar a Deus sem pedir a volta dos frades. e suas funestas consequencias.

XV

Helena, derradeira palavra do escriptor. — Não houve outro maior no seu seculo. — Trechos que podem applicar-se-lhe. — Em quem deve pensar o auctor dramatico, quando escreve. — Spiridião Cássiáno di Mello i Mattôss. — Idéa de um continuador da obra do mestre. — Seus habitos e costumes, nos ultimos tempos de vida. — Comidas e bebidas. — Trabalho. — Caneta e penna das *Folhas caídas*, nota. — Descansava, olhando para os mostradores das lojas de modas. — Reuniões, em casa do auctor d'este estudo. — Folhetins. — Epiphanio e a passarola que esguichava lume por todos os buracos. — Leituras. — Prologo da *Prophecia*. — O actor Correia. — Os meus moveis e a escolha dos meus livros. — Rasão por que eu lhe fugia. — Tabernas celebres. — As 'Covas de Salamanca'. — Gallego fritador. — Enthusiasmo, em estylo biblico. — Leituras, para dormir. — Passeio, sem gravata. — Encontro. — Fallecimento da rainha D. Maria II. — Causas que actuaram no seu procedimento, como reinante. — Suas virtudes. — El-rei D. Pedro V. — Primeira regencia de el-rei D. Fernando. — Circumstancias que a tornaram auspiciosa. — Homens illustres. — Excerpto do *Funeral e a pomba*, de João de Lemos. — A paraphrase, nota. — 1854. — Companhia de colonisação para Moçambique. — *Relatorio e projecto de lei sobre conventos de freiras*, e *Relatorio e bases para a reforma administrativa*. — Lacunas, nota. — Discurso sobre o estado da administração pública. — Faltas, nas suas últimas orações contra Rodrigo. — Medo de alguns ministros. — Jervis, que particularmente dizia mal d'elle, para França, elogia-o em público! — Falla de Rodrigo, contra Garrett. — Resposta do aggredido. — Ultimo discurso politico de importancia, em que pune cruelmente o ministro do reino. — Mais lacunas, nota. — Descripção do effeito d'esse discurso, por Bulhão Pato, nota. — Fallou ainda algumas vezes, mas a sua carreira parlamentar estava terminada.

I

No *A quem ler* das *Fabulas — Folhas caídas*, disse o poeta, em nome dos editores, que não seria aquelle livro a sua derradeira palavra. E não o foi com effeito, porque já as tinha escripto quando começou o formosissimo estudo *Helena*, que ficou incompleto. Se o concluisse, segundo o plano que traçára, teria deixado n'elle o melhor dos seus trabalhos em prosa. Sob a fórma de romance, projectava pôr em face uma da outra as duas sociedades, do velho e do novo mundo, seu cara-

cter, civilisação, costumes, virtudes, vicios, aspirações, e destinos provaveis. Tal era o vasto quadro, de que apenas traçou as primeiras linhas. Mas por ellas se vê o alcance moral e philosophico da sua idéa. Se não podêmos ler sem espanto os ardentes versos das *Folhas caídas,* respirando frescor de mocidade aos cincoenta e dois annos, como não admiraremos o vigor e riqueza de colorido com que aos cincoenta e quatro nos descreve, no mais puro realismo, as bellezas das paizagens tropicaes, as salas elegantes e luxuosas dos viscondes de Itahé, as scenas de vida intima, os sentimentos de verdade inimitavel que n'ellas se passam, e que não se podem ler sem lagrimas?! Diante d'este livro, sua derradeira palavra[1], fragmento do que póde haver de mais bello n'uma obra de arte, eu não hesito em dizer que João Baptista de Almeida Garrett não foi sómente o maior escriptor portuguez depois de Camões: acrescento—que não houve nenhum maior que elle no seu seculo. Parecia que na idade em que os outros declinam e enfraquecem, o seu genio augmentava prodigiosamente, crescendo sempre até o instante em que a morte lhe fez caír das mãos a penna fecunda e gloriosa!

Tudo na *Helena* revela força de imaginação, juventude de alma, conhecimento dos homens e das coisas, gôsto e coração de artista sensivel e delicado. E, para mim, resulta do estudo d'esse livrinho, onde resplandece a graça e a naturalidade do dizer, que é uma das feições mais caracteristicas do auctor, a convicção profunda de que elle pensava muitas vezes em si proprio, quando ali se referia a outros. Pelo menos acho numerosos trechos que podem applicar-se-lhe:

«É que ha uma fidalguia de alma que nem sempre

[1] Porque as *Prophecias do Bandarra* estavam escriptas desde muito; e o *Conde de Novion* é imitação, e estava tambem feito, segundo creio, como em seu logar se dirá.

falta ao que chegou por si á grandeza, assim como nem sempre vem aos que a herdaram de seus antepassados». (pag. 57, ediç. de 1871.) «A noite passou-se n'uma conversação intima... porque todos procuravam agradar, nenhum brilhar. O espirito vinha, quando vinha, trazido pela mão das Graças, sem estudo, sem pretensão nem trabalho, como verdadeiro filho de boa familia, que sabe entrar n'uma sala sem pisar os pés á gente, rasgar os vestidos ás senhoras, e acotovellar a companhia para que o admirem e applaudam, como faz o espirito bastardo e *parvenu*, que se não contenta do sorriso, do gesto agradavel que ao outro basta». (Idem.)

Que applicação tem o que se segue ao seu estado de enfermo! «Se o sabia ou não a mesma doente, era duvidoso: umas vezes parecia ter a consciencia de sua proxima dissolução, outras fallava como quem contava de viver ainda annos de annos». (84.) «... dizia, como os medicos, que tudo eram nervos». (Idem.)

Parece ser á sua propria filha que está fallando agora, pela bôca da moribunda viscondessa: «Animo, filha! Põe o coração em Deus. E lembra-te que n'estes ultimos momentos, tua mãe que te adora, que te ama com tanto extremo, tua mãe precisa de ti, e que não tem mais ninguem para a confortar». (89.)

Escasseia-me o espaço. Quando o auctor acabou de ler-me os capitulos *Ultima communhão*, e *Religião, poesia, morte*, estavamos ambos profundamente commovidos. Elle tirou os oculos, e voltando para mim os olhos humidos, exclamou:

—Deixemo-nos de illusões! Se o escriptor attinge a verdade, é elle o primeiro a sentil-a. Toda a vez que você escrever para o theatro, e se arripiar ou commover com a combinação de qualquer lance, creia que está no bom caminho. E pense sempre mais em preparar effeitos para a platéa geral, que é sincera nos seus signaes

de approvação, do que para a superior, gafa e saciada, que em vez de sensibilidade lhe dará palavras, quando não calúmnias.

No capitulo III de *Helena* lê-se o nome de Spiridião Cássiáno di Mello i Mattôss, ridiculamente abrazileirado. É o preto mordomo, que teria importante papel na parte romanceada. O *Diccionario popular historico geographico*, etc., que actualmente se publica em Lisboa, no fasciculo 205, traz—*Mello e Mattos* (Cassiano Esperidião), magistrado brazileiro. Não me parece que o acaso collaborasse tão admiravelmente na obra do poeta, para dar dois nomes iguaes. Certamente se namorou o auctor da combinação, adoptando-a sem malevolencia.

Depois de sua morte parece ter occorrido a idéa de se encarregar alguem de concluir o romance. A lembrança, por absurda, nem chega a ser desacato. Quem seria assás ousado para tentar tal empreza? Aonde estava o Julio Romano d'aquelle Raphael? Aqui, sem o estylo, as graças e o engenho do seu pincel, a *transfiguração* cobriria de ridiculo o que a tentasse, e a sua quéda seria maior que a de Icaro.

II

Foi a marcha progressiva da doença que deixou a formosa *Helena* em menos da quarta parte do que devia ser. O circulo da existencia do nosso auctor estreitava-se visivelmente desde a sua saída do ministerio. As intrigas e os intrigantes, as calúmnias e os calumniadores, a inveja e os invejosos, apressaram-lhe a morte, se o não assassinaram. Como sempre, levantava-se ainda ás mesmas horas, e seguia os antigos habitos: depois de barbeado, no trajo em que já o descrevi, passeiava pela casa, fumando, se tinha com quem conversar; escrevia ou lia até ás nove horas, se estava só; e almoçava então.

O almoço compunha-se, em geral, de *omelette* ou ovos quentes; vitella assada, bife, chá preto com leite, e torradas. Alguns dias substituia a vitella por costelletas de carneiro, ou por outra iguaria, sempre muito simples. Ao jantar, sopa de pão, de massa, ou canja de arroz; tres pratos, sendo um de peixe cozido, hervas, duas peras, se as havia, ou doce; e pouco mais. Já raras vezes bebia vinho, e nunca sem agua. De tudo comia pequenas quantidades. Quando jantavamos no Matta, onde iamos a miude, empurrava para o meu lado os pratos de que tinha medo, não sem os salgar com ironias de despeito, recommendando-me que lh'os pozesse fóra do alcance, porque, dizia, «a carne é fraca, e o Matta manipula perfidamente para a tentar».

Á noite tomava chá preto e torradas, ou caldo. Gostava muito de neve, e de todas as guloseimas que nós, os moços, compunhamos nos cafés, quentes ou frias, para darmos cabo dos estomagos. Queria provar de tudo, tirando com uma colhér de chá pequeninas dóses que deitava n'um copinho, e entretinha-se a molhar os beiços emquanto os outros bebiam. De ponche queimado, excedia-se até meio calix dos de licor. Na cidade, e de inverno, jantava geralmente tarde; de verão, entre as quatro e cinco horas. Depois de jantar dormitava uma hora, pouco mais ou menos, sentado em cadeira de braços, ou recostado nas costas da cama. Entre almoço e jantar, trabalhava, tendo lume no fogão, se o exigia o tempo, esquecendo-se ás vezes do que estava fazendo, com a vista na chamma, deixando voar o pensamento, sabe Deus por onde! Sendo o frio intenso, levantava-se da banca, accendia o cigarro, e ia fumál-o com os pés no *fender*. Se n'essas occasiões lhe apparecia alguem, a sua conversa tornava-se mais deliciosa que nunca. Parecia crepitar, á porfia com o fogo do brazeiro, cuja vista o alegrava extraordinariamente. Quando compunha, era-

lhe indifferente que estivessem conversando ao pé d'elle; mas para emendar — e emendava muito, antes de attingir aquella singeleza e naturalidade, que todos admirâmos e nos parece tão facil — gostava de estar só. Possuindo elegantes e preciosas canetas, usava para escrever os melhores versos das mais ordinarias, e mordia-lhes a extremidade, emquanto procurava vestir a idéa de modo que o satisfizesse. A que lhe serviu para as correcções das *Folhas caidas* é de porco espinho, e tem a ponta superior triturada[1].

Quando saía, sem ser a passeio, ou visitas (para estas preferia domingos e dias santos ou as quintas feiras), ía ao conselho ultramarino, ao tribunal do commercio, e ás commissões de que era membro. Á volta, se vinha a pé, subia pela rua que hoje tem o seu nome, parava ás portas das lojas, com a mão mettida no peito do collete, comprimindo o coração, e examinando as fazendas expostas nos mostradores. Isto servia-lhe para descansar, disfarçadamente, porque encobria a doença aos outros (se é que não se illudia tambem a si proprio), e para fallar depois com as mulheres ácerca de modas, dos estofos mais em voga, dos padrões que víra, de tudo que podesse tornál-o agradavel a quem não soubesse fallar de outras coisas. Eu notava, porém, quando ía com elle, que estas paragens eram resultado funesto da doença que o minava.

III

Nos ultimos annos, passava muitas noites em minha casa, se não por mim, pela sociedade de sabios, escri-

[1] Quando elle me leu as tres composições de que atraz fallei — *Adeus, mãe; Ave, Maria,* e *No Lumiar,* acabava de as corrigir. Vendo o pouco valor material da caneta, pedi-lhe que m'a désse, com a penna, e conservo-as ainda como objectos de preço inestimavel.

ptores. e artistas que ali se reuniam, attrahidos pela sua presença. A maioria d'esses homens compunha-se de gente moça, á qual elle dava preferencia, e gostava muito de ouvir e encaminhar. Tinham logar n'essas reuniões de saudosa memoria as mais variadas, alegres e instructivas conversas que póde imaginar-se. Algumas noites ficava-se muito tempo calado, fumando o cigarro, que segurava com a tenaz de metal prateado, comprazendo-se em ouvir-nos discorrer, discutir, gritar, teimar e exercitar-nos no jogo do epigramma. De vez em quando intervinha com algum dito ou observação, já ironica, já sarcastica, de levar couro e cabello, quando era generalidade; não o sendo, empregava sempre a fórma mais amena e graciosa, fazendo-nos rir, ao passo que nos ensinava. N'outras occasiões encarregava-se de guiar a palestra, discursando sobre variados assumptos, obrigando-nos a entrar n'elles, sem parecer que o fazia de proposito, e tendo-nos presos pela graça inimitavel e pelo assombroso talento e saber com que fallava de tudo.

IV

N'algumas sessões empregavamos o tempo escrevendo em commum folhetins, artigos picarescos, quasi sempre contra o estado do theatro 'normal'. Usavamos n'esses escriptos de pseudonymos, e tanto moemos Ribeiro de Sá, que elle mandou pessoa de sua confiança pedir misericordia ao pateo do Forno. Possúo ainda differentes artigos, incompletos, collaborados por Mendes Leal, Rebello da Silva, Felner, Francisco Maria Bordalo, Gonçalves, e outros.

Garrett amava extraordinariamente este genero de gracejo; raro, porém, concorreu para o que se escrevia. Certa noite, em meio do folhetim, o mestre dos actores,

Epiphanio Aniceto Gonçalves, que subiu a escada ás escuras, deu tão forte empurrão na porta, nunca fechada á chave, que caíu quasi em plena sala, esquecido de que se descia um degrau para entrar n'ella. Ignorando a presença de Garrett, ia apostrophar-nos, quando deu com os olhos n'elle, e exclamou, atrapalhadissimo:

—Vossa excellencia aqui!

Garrett respondeu-lhe, sorrindo, e atrapalhando-o mais:

—Continue o seu discurso, sr. Epiphanio; continue, que eu gósto muito de ouvil-o. — E logo, compadecido de o ver embatucado, mudou, para o animar: — Como diacho arranjava o senhor aquella passarola que esguichava lume por todos os buracos? Era uma bicha muito graciosa, meu caro sr. Epiphanio!

Todos se riram, e o illustre actor ficou á vontade.

A passarola figurava, n'uma peça magica, o dragão, que levava pelos ares parte das personagens. Devia lançar chammas pela bôca, e em vez d'isso, por velhice ou por mal feita, só por ali as não deitava, circumstancia que alegrava extraordinariamente o público, e mais do que o público, Garrett, que ria perdidamente.

As suas leituras d'este tempo limitavam-se quasi ás viagens e peças de theatro; as magicas, por peiores que fossem, attrahiam-n'o sempre. Diz um escriptor, que o encanto das aventuras e o prestigio do maravilhoso nunca perdem o seu imperio sobre o espirito do homem. «O prodigioso e o sobrenatural são o universo ideal dos desherdados do mundo; e nem mesmo os individuos mais cultos desdenham deixar transviar-se-lhe algumas vezes a imaginação nos dominios da phantasia [1]».

Na referida noite, depois de se ter feito uma inquiri-

[1] Ferdinand Brunetière. *Revue des deux mondes*, 1879. pag. 621 et suivantes.

ção, extremamente comica, da qual se lavrou termo (que existe ainda) sobre a idade de Epiphanio, leu-se a *Resposta á critica* do drama *A prophecia ou a quéda de Jerusalem,* por D. José de Almada. Ahi dizia o auctor: «...esse grande poeta, que eu vi de pé, e como inclinado para a scena, dar-me um mais que benevolo parabem, dominando com a memoria viva da sua larga colheita de louros, ceifados sobre o mesmo campo, que eu então pisava, dominando aquelle auditorio respeitavel...[1]». Esta allusão a Garrett fez com que elle interrompesse o leitor:

—De pé?! Estive sempre a dormir. Quando acordei, com o barulho da quéda do templo, e vi tudo a arder, fugi, persuadido de que era o theatro que desabava.— Protestou por gracejo, porque nunca houve homem que mais se comprazesse em animar os rapazes de talento, como era D. José de Almada. Applaudíra a *Prophecia,* e muito mais coisas, bem inferiores a esse drama. Comtanto que os auctores não fossem inteiramente asnos, e estudassem, dava-lhes o seu voto e conselho.

No theatro de D. Maria havia então um actor chamado Francisco Manuel Correia, que tinha fraca voz e peior figura. Sem gostar d'elle, o público tolerava-o, por saber que era estudioso e correcto no que dizia.

—Ás vezes—asseverava João Baptista, nas nossas sessões nocturnas:—dá-me vontade de ir lá dentro (ao palco) e dar dois pontapés n'aquelle pequenino, que me põe os nervos mais desafinados do que está o grande orgão de dona opinião pública, vulgó imprensa.

—Olhe que é rapaz de intelligencia cultivada, estuda, tem bons livros, e é excellente moço.

—Fico ainda com mais vontade de o zurzir. Devia sa-

[1] *A prophecia ou a quéda de Jerusalem,* por D. José de Almada e Lencastre, Lisboa, 1853, pag. 154.

ber que não tem dotes para actor. Furasse por outro lado. A rasão por que nós andàmos sempre de mal para peior é porque temos a mania, que os governos desenvolvem e protegem, de contrariar as nossas aptidões. Não queremos ser o que podêmos, e somos o que não podêmos ser.

V

Por mais que queira, para o pintar bem em tudo, é-me impossivel deixar de referir muitas coisas que me são tambem pessoaes, relativamente ao derradeiro periodo da sua vida. Que o leitor benevolo me desculpe. Sempre que posso, deixo na sombra a minha personalidade. O mestre entretinha-se a miude com os meus moveis e livros. Formava-me o gôsto, ensinando-me a «metter em scena» (phrase sua), os meus modestos trastes. Fez-me varios presentes para guarnecer o meu escriptorio, pondo elle proprio nas portas dois reposteiros encarnados, que tirou do seu gabinete, por occasião da reforma que fez, quando se mudou da rua do Salitre para a de Santa Isabel[1]. Sabendo-me pobre, não olhava muito para a qualidade e valor dos objectos, comtanto que houvesse harmonia entre elles, e que estivessem bem collocados. Se lhe desagradava a minha arrumação, dava-lhes outra, aos empurrões, para que ninguem notasse que o fazia de proposito!

Com a escolha dos meus livros procedia severamente, indicando-me de modo originalissimo os que não prestavam: sentava-se, de costas para as estantes; estendia a mão para traz, sem olhar, e ia tirando, ao acaso, e examinando cada um de per si. Dos que gostava, repunha-os direitos nos seus logares; collocava de pernas para o ar,

[1] Veja *Memorias biographicas*, tomo II, pag. 196, *nota*.

mas sem affectação, os que lhe pareciam mediocres; e deixava caír no chão os maus! Nos primeiros tempos, não o entendendo, tornava eu, pacientemente, a arrumál-os, qualificando de excesso de desdem o deixar-m'os caír, estragando-lhes as encadernações. Tantas vezes, porém, se repetiu isto, que acabei por comprehendêl-o. Reli com attenção as obras condemnadas, e reconheci quanto era judiciosa a sentença. Esse processo extraordinario foi-me utilissimo. Antes de voltar, nos dias seguintes, para junto das estantes, via de relance, não só os que ainda não tinha examinado, mas tambem o vasio deixado pelos que eu retirava, após a condemnação. Só quando teve absoluta certeza de que eu o entendêra, procedeu directamente, notando-me, com a maior delicadeza, que quem fizera parte dos seus estudos um pouco ao acaso, como eu, não devia ter senão bons livros.

Do campo ou das praias, vinha duas ou tres vezes por semana a Lisboa: n'esses dias jantava commigo. Aos domingos e dias santos levava-me, de vespera, ou mandava buscar-me, para que eu fosse dormir a sua casa e passar lá o dia seguinte. E devo confessar, para me punir de mais esta falta, que não raro lhe fugia, pretextando serviços e que fazeres inadiaveis, para não me prender tanto tempo! Eu tinha metade da sua idade... Amava-o e respeitava-o muito; viera de longe, e com enormes sacrificios, procurar as suas lições; ganhára-lhe a affeição; mas... era moço; achava-me mais á vontade com os rapazes, na vida airada dos cafés e dos theatros. Em varias occasiões, por mim e pelos da minha roda, e tambem por natural curiosidade, o immortal poeta frequentou logares, onde desejariamos que nos não acompanhasse. Levámol-o ás casas de pasto mais... pittorescas, onde, por desfastio proprio dos poucos annos, encapotado de ora em quando no pretexto de estudar costumes

populares, iamos de noite comer caldeiradas ou frituras de peixe!

VI

Certo dia, em que estava de bom humor, pediu-me que lhe mostrasse a taberna mais caracteristica. Tive tal ou qual pejo de exhibir a vastidão dos meus conhecimentos, n'esse ramo das sciencias de investigação culinaria, e guiei-o, modestamente, para o pasteleiro da rua da Prata, onde ía jantar com Rebello da Silva e Felner.

— Não é isto — rosnou. — Julgava-o mais instruido no assumpto, mais senhor da materia.

Piquei-me, levando-o d'ahi a pouco ao Penim, que principiava a ter fama. Alexandre Herculano ali foi muitas vezes comnosco.

— Já vejo que você está muito atrazado! — murmurava João, olhando desdenhosamente para o louro bife de vitella, que lhe punha diante o Vicente.

— Paciencia: lá chegaremos.

E fomos ao Botas, o mais celebre compositor que conheci em combinações de chispe com hervas.

— Ainda não é isto.

— Deixe girar o marfim. É preciso caminhar lentamente e com segurança pelos caminhos da arte. Vamos progredindo.

E encaixei-o no Cambalhota, da Annunciada, insigne na pescada cozida com cebolas e batatas; no Táboas, da travessa de S. Domingos, mestre nos linguados fritos; no Chuva, da rua da Prata, inexcedivel no bife com batatas; dei-lhe do macarrão á italiana, que immortalisára José Magina. E como nada d'isto o satisfizesse, tomei por fim a resolução heroica de o pôr face a face com as Covas de Salamanca.

Oh! as Covas de Salamanca! Meu rico estomago de então, quem te possuíra ainda!

Collocára-as a sorte no principio da rua dos Douradores, indo da praça da Figueira, á direita. Mal se entrava a porta, descia-se, para debaixo do predio. A meia escada, encontrava-se o gallego mais idealmente immundo que Tuy tem deitado, mettido no vão da chaminé, a frigir sardinhas. Esse bruto egregio parecia antes encrustação cyclopica, figura das idades fabulosas, do que homem tangivel, e cozinheiro!

Garrett, que eu ensaiára primeiro na maneira de entrar, sem dar nas vistas dos transeuntes, saudou-o com dois pulos e dois gritos de jubilo, e metteu-se dentro da chaminé, resmoneando em tom biblico:

«E os homens de pouca fé vieram e viram o espirito corrupto do porco sujo, pairando sobre a caldeira de Pero Botelho, e disseram: isto sim, que é legitimamente apocalyptico.»

—Ainda falta o resto: desçâmos.

Descemos. O grande homem ia encarecendo as maravilhas da mesma especie, que víra em París e Londres, quando se lhe entalou de repente a voz na garganta. Tinhamos chegado ao fundo. Então confessou «humildemente», segundo a sua phrase, que nunca em suas viagens e miserias de emigrado achára nada tão «sublime». Emquanto os nossos olhos se não afilizeram á escassa luz de varias candeias, parecia-nos estar em trevas. Pouco a pouco, porém, fomos vendo mesas cheias de gente, das últimas classes sociaes. Sentámo-nos resolutamente e pedimos sardinhas fritas, que só eu comi, todavia. João estava encantado. Achára o seu ideal de taberna popular. E eu, que estudei as melhores de Lisboa, podia gabar-me de o ter bem servido. Já ali tinha ido com outros escriptores e poetas, não só estudar, senão tambem ceiar peixe frito com o mais franco e leal appetite dos vinte e tantos

annos. Era o bello horrivel, superior a todas as pinturas do inferno, com que nos teem brindado os mestres. Eu considerava as 'Covas de Salamanca' pagina viva da velha Lisboa inquisitorial. A onda do progresso varreu desde muito da face da rua dos Douradores aquella «última Tule» dos poetas pobres do meu tempo.

VII

Quando jantavamos juntos, em sua casa ou na minha, era eu que o ajudava, com pedaços de leitura, a chamar o pequeno somno que costumava dormir em seguida. Por via de regra lia-lhe comedias modernas, do theatro francez, viagens, ou historia. Um dia fiquei bastante mortificado por causa d'este costume: esqueci-me de que era a musica monotona e acalentadora do ledor que o adormecia, como a cantilena das mães e o embalar do berço adormece as creanças, e quiz ler-lhe a *Abnegação,* comedia-drama, em cinco actos, extrahida por mim do romance inglez *Life's battle.*

Findo o jantar, fallei-lhe da peça, com que o alegrei, por ser assumpto sempre de seu gôsto. Tirou a gravata e o fraque (era de verão), estendeu-se na minha cama, na posição mais perfida que pôde achar para se ír suavemente atraz da somnolencia, e eu comecei a ler. Desejando, d'ahi a minutos, espreitar-lhe no rosto a impressão da leitura, fiquei desapontado. Nunca o tinha visto succumbir tão depressa nem ferrar tão bem na raposeira! E como lhe succedia acordar, apenas eu me calava, parei. Oh! dor! O meu silencio fel-o resonar melhor. Decididamente, a obra possuia qualidades soporiferas. Posta no theatro, faria caír os espectadores em somno mais duradouro que o dos sete dormentes da escriptura!

Fui fechál-a na gaveta. Quando o mestre saiu do quarto, recebi-o com ar hostil. Elle não dizia palavra, sobre a parte que ouvíra. Temi que a comedia tivesse tambem podèr de apagar a memoria. Interpellei-o com vehemencia; e ainda hoje me dá vontade de rir, lembrando-me da cara de espanto comico, da admiração ingenua com que acolheu as minhas queixas. Porque, segundo elle, aquellas leituras eram unicamente para adormecer.

— Sim; confesso que dormi; e que dormi bem, e com gôsto...

— Isso vi eu!

— É meu costume... depois do jantar, não lhe posso resistir! Até n'isso me parece que sou portuguez... de outro tempo. Bem sabe que nossos paes dormiam a sésta...

— Pedi-lhe para me ouvir ler a peça, e dizer o que entendesse d'ella, e v. põe-se a dormir de proposito!

— Qual de proposito?! Havemos de lèl-a ámanhã; ouvil-a-hei da melhor vontade.

VIII

Saímos de casa, teimando, em direcção ao Rocio, onde costumavamos passeiar. Casualmente, notei que parava gente a olhar para elle, com maior admiração do que de ordinario. Apesar de costumado a vêl-o excitar a curiosidade pública, do mesmo modo que depois succedia com Herculano, pareceu-me haver novidade, e examinando-o, reparei que saíra sem ter posto a gravata.

— Córte para este lado, e abotôe o casaco até cima! — lhe recommendei a meia voz.

Sem esperar segundo aviso, atravessou para onde eu dizia, abotoando-se todo e levantando a gola.

— Que é? Que tenho eu?! Esses ares e gestos são da gente se metter pelo chão abaixo!

— V. está sem gravata.

— Que ridiculo, meu Deus! E não haver aqui seges!

— Esconda-se ali atraz do theatro, emquanto eu corro ao largo do Passeio...

— Depressa, por caridade!...

Voltando com a sege, vi-o sair do estanco, pegado ao café Martinho. Um sujeito bem trajado, que não conheci, cruzava-se com elle n'esse instante, reconhecia-o e exclamava jubiloso:

— Oh! senhor visconde!...

Caminhou para elle de braços abertos, porém Garrett não lhe deu logar para expansões. Com a mão filada no pescoço, enfiou pela sege dentro, mal eu me tinha apeado, e rosnou-lhe de lá:

— O meu amigo e sr. Gomes de Amorim lhe explicará... Toca, homem! Toca, depressa, para Belem!

A carruagem partiu, o outro olhou para mim com ar de interrogação, eu encolhi mudamente os hombros, e deixei-o, sem lhe revelar o 'mysterio'.

IX

A 15 de novembro de 1853 falleceu no paço das Necessidades a primeira soberana constitucional D. Maria II. Todos os partidos, ainda os mais exaltados, todos os homens que d'ella julgavam ter aggravos pessoaes, se inclinaram reverentes diante do seu cadaver, para só se lembrarem das suas incomparaveis virtudes domesticas e lhe prestarem solemne culto de respeito e saudade.

A rainha fallecida, accusada de ter dado a sua affeição a uma das fracções do partido constitucional e as suas antipathias á outra, fôra, talvez, por vezes, além do que

lhe permittia a carta. Comtudo, deve attender-se a que ella nascêra no tempo em que a sociedade portugueza vivia ainda influenciada pelas idéas do antigo regimen; que a educaram longe de Portugal, n'um periodo de hesitação e de evolução, dando-lhe mestres que não tinham opiniões bem assentes sobre os deveres dos reis constitucionaes, porque os viam jurar as constituições n'um dia e derrogál-as no outro; que os partidos liberaes estudavam, entre mil perigos, os meios de assegurar a propria existencia; que tudo, emfim, eram ensaios e tentativas. E se esses partidos, compostos na sua maioria de homens eminentes, não duvidavam avançar e recuar, manifestando todos os dias a incerteza que os dominava ácerca dos melhores caminhos a seguir, porque não hesitaria tambem ella, mulher, joven, inexperiente?! Quando reis experimentados e povos amadurecidos apalpavam o terreno, e aqui escorregavam, além caíam, e nem sempre se levantavam limpos das quédas, quem ousará condemnar aquella princeza, tão cedo privada de seu unico e natural apoio, obrigada a empunhar o sceptro e a manter-se n'um throno que tremia como barco agitado por mar tempestuoso, abalado pelos horrores da guerra civil?! Hoje, que serenaram as borrascas e se julga passada a crise que ameaçou de morte a idéa liberal, o historiador não deve ser severo, apreciando o reinado de D. Maria II. Póde não estar escripta ainda a historia d'esse reinado, que é inseparavel da do partido constitucional; mas, quando se escrever, justiça será feita ás intenções da filha de D. Pedro IV.

Como esposa e mãe, aquella princeza reuniu todas as virtudes que honram e glorificam a mulher, tornando-se modêlo digno de passar á mais remota posteridade entre o amor e o respeito dos que amam os sagrados laços da familia.

X

El-rei D. Pedro V, seu filho e herdeiro do throno, parecia destinado pela Providencia para fazer acatar perpetuamente a memoria da mãe e do pae, que o tinham educado e formado como exemplar de monarchas constitucionaes e de homens de bem illustrados. Mas quiz a fatalidade que o povo portuguez, tão digno de ser governado e entendido por esse coração magnanimo e generoso, não tivesse a ventura de lográl-o senão por instantes, que assim se contam os annos felizes na historia das nações desgraçadas. Durante a sua menoridade, tomou seu augusto pae as redeas do governo do estado, como regente em nome do rei. E não ha lembrança em nossos annaes de maior sabedoria, rectidão e prudencia do que manifestou o bonissimo rei D. Fernando II.

Como que para fazer digno e merecido cortejo a essa regencia, reuniram-se todas as circumstancias que tornam auspiciosos os reinados. Extinguiam-se os odios politicos, fortificavam-se as instituições com o respeito e amor da liberdade regrada, e dos principes, seus summos sacerdotes; a realisação de emprestimos productivos, em condições vantajosas para o paiz, desenvolvia os melhoramentos materiaes em larga escala; os pagamentos em dia prosperavam o commercio, as artes e as industrias; uma pleiade de mancebos estudiosos, crentes, apaixonados, alguns precocemente celebres pelo talento e pela intelligencia, faziam florescer as letras, sciencias e artes: Garrett, Herculano, Castilho, Mendes Leal, Latino Coelho, Silva Tullio, Thomás de Carvalho, A. M. Barbosa, Magalhães Coutinho, José Lourenço da Luz, Bernardino Antonio Gomes, Rebello da Silva, Lopes de Mendonça, Rodrigo Felner, Rodrigues Cordeiro, Bulhão Pato, Francisco Palha, Julio Machado, Rodrigues

Sampaio, José Estevão, Luiz de Almeida Albuquerque, João de Andrade Corvo, Augusto Lima, Carlos Bento, Camillo Castello Branco, Francisco Bordallo, Antonio de Serpa, José Freire de Serpa, Luiz Palmeirim, Soares de Passos, Ricardo Guimarães, Braga, Lobato Pires, Casal Ribeiro, os irmãos Hortas, Benevides, Julio Maximo Pimentel, Daniel da Silva, J. da Costa Cascaes, Rodrigo da Fonseca, Fontes, Ferrer, Mártens Ferrão, Thomás da Annunciação, Francisco Metrass, Monteiro, Fonsecas, Victor Bastos, Rodrigo Paganino, Christino, Bordallo Pinheiro, Tasso, Epiphanio, Rosa, Theodorico, Emilia das Neves, Delphina, Soller, Xavier Migone, Santos Cruz, Casimiro Junior — todos estes, e tantos outros, sem esquecer os grandes capitães que tinham conduzido á patria, por entre mil perigos e combates, o paladio santo da liberdade: duques da Terceira e de Saldanha, Sá da Bandeira, Jorge Loureiro, marquez de Loulé, Bomfim, Antas, os Mousinhos, Joaquim Antonio de Aguiar, os Seabras, os irmãos Passos... e até — para ser completo o quadro — a estes sabios, poetas, estadistas, jurisconsultos, generaes, medicos e artistas, vieram reunir-se os mais illustres e mais generosos dos vencidos, que no jornal do seu partido, *A Nação*, choraram a morte da rainha, sobrinha do rei que haviam jurado! E o mais nobre cantor d'esse partido referia-se assim á morte d'ella:

"..... .....
Era o seu chefe, e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proscripção;
Comprehendemos, pois, seu grito,
Nós, soldados do proscripto,
Vinte annos gemendo em vão! [1]"

[1] João de Lemos. Cancioneiro, tomo II. *O funeral e a pomba.* Veja a paraphrase e nota a estes versos nos Cantos matutinos,

João de Lemos, Pereira da Cunha, Bruschy, Gomes de Abreu, D. Sancho de Vilhena, marquez de Penalva, etc., tambem illustres e honrados mestres, celebres poetas e oradores, e, como os do partido liberal, amantes sinceros da sua patria e da gloria nacional.

A historia chamará a este curto reinado 'periodo de renascimento', lamentando que fosse pouco duradouro. A morte, passando sobre a maioria d'essas cabeças, dignas quasi todas de que as perpetuasse o bronze, derrubou-as e sumiu-as no pó, como o tufão desfolha e dispersa as mais esplendidas flores, e como a fouce do segador derruba as messes.

Por occasião do fallecimento da rainha, escrevêra João de Lemos a bellissima poesia *O funeral e a pomba,* que com a paraphase do auctor d'estas linhas pareceu diminuir sensivelmente a distancia que separava os dois partidos[1]. Continuava cada um com as suas convicções, mas em vez dos antigos odios, renascia a confiança entre todos os portuguezes; uniam-se no commum pensamento de sarar as feridas da patria e de trabalhar de accôrdo para o engrandecimento d'ella.

por F. Gomes de Amorim, terceira edição, Porto, 1874. pag. 418 e seguintes.)

[1] Garrett ralhou commigo, por eu não lhe ter mostrado os versos da paraphrase, antes de os publicar. E eu tive a confiança de responder-lhe, que os preferia defeituosos, porque assim ninguem duvidaria que fossem todos meus. — Vaidades pueris e ridiculas da idade! Quanto déra eu hoje por ter acceitado o favor, que elle tantas vezes quiz fazer-me, de prefaciar o primeiro volume, que eu andava preparando, das minhas poesias! Preoccupei-me com o receio de que se podesse suspeitar, vendo o livro com tal padrinho, que este o tivesse melhorado... E não pareça isto desarrasoada presumpção, visto que não faltou quem asseverasse que elle me ajudára a fazer o *Odio de raça,* e o *Cedro vermelho,* embora eu só escrevesse este último em 1856!

XI

Ah! quem diria que o maior de todos esses homens de que atraz fallei, aquelle cuja carreira gloriosa temos seguido, espalhando goivos e saudades ás mãos cheias em torno de todos os padrões que a assignalaram, apesar de ainda apparentemente em plena vida, não veria a luz do último dia do anno de 1854, em que vamos entrando! A morte sacudia-o, como o tufão sacode a arvore carcomida até a desarreigar; mas não tivera ainda podêr sufficiente para prostrál-o ou impedil-o de cumprir suas obrigações públicas. Tendo-se formado uma companhia de colonisação e commercio para Moçambique, esta o tomára como protector perante o conselho ultramarino. Tenho presente uma carta em que o ministro da marinha, Jervis, previne Garrett de que não o auctorisa para dar conhecimento verbal ou por escripto do seu voto, fóra do referido conselho. O poeta, desejoso de auxiliar a empreza, consultára o ministro a este respeito; mas o *amigo,* não condescendeu com elle. É claro que a companhia morreu á nascença.

A 21 de janeiro apresentou João na camara dos pares o *Relatorio e projecto de lei sobre conventos de freiras*, e o *Relatorio e bases para a reforma administrativa*[1]. N'aquelle propunha que se restabeleces-

[1] No tomo XXIII das suas *Obras,* colleccionado por seus herdeiros, este trabalho da *reforma administrativa,* além de outras pequeninas differenças, tem a seguinte lacuna:

«São divididos em quatro partes estes elementos de reforma. Versa a primeira sobre a divisão e organisação geral; na segunda trata-se da organisação municipal de Lisboa; a terceira procura estabelecer com as necessarias especialidades a dos archipelagos adjacentes; e na quarta se tomam algumas disposições sobre o que

sem as freiras em condições de serem educadoras e irmãs de caridade. Depois do primeiro paragrapho, lê-se o seguinte: «É a missão das revoluções destruir; é a lei, é a precisão perpetua e periodica d'estes cometas do systema social: não edificam, nem criam, nem reformam. Mas a sociedade é immortal, as leis e as condições da sua existencia eternas, e mais tarde ou mais cedo, das ruinas necessarias de uma revolução resurgem os principios indestructiveis, para remodelar o que é essencial á vida de cada sociedade segundo o seu modo de ser[1]».

Opinava que se deviam proteger institutos de mu-

parece necessitar de mais prompto remedio nos vicios geraes do systema.

«Tenho a honra de propor á camara o seguinte projecto de lei.» *(Diario do governo,* de 26 de janeiro de 1854, pag. 114.)

Depois d'esse paragrapho é que começa o projecto. Estes documentos foram publicados no *Diario* de 26 de janeiro; e no de 30 vem o extracto da sessão, onde se vê que o auctor disse mais as seguintes palavras, que tambem se não lêem no citado volume:

«O sr. *Visconde de Almeida Garrett:*—Venho desempenhar hoje a promessa que fiz o outro dia, apresentando á camara dois projectos de lei, que na minha opinião são de urgente e gravissima necessidade: um d'elles, como disse, respeita á faculdade que o governo deve dar ás casas religiosas do sexo feminino, que servem para a educação, e para proteger os hospicios de caridade; e o outro é para reformar alguns pontos em que entendo que está viciosa a administração pública; e sem cuja reforma me parece que ella não póde supprir as indicações para que foi organisada.

«Principiarei pelo que respeita á reforma administrativa. Tem defeitos, mas de certo que a sabedoria da camara os supprirá. *(Leu.)*

«O projecto é dividido em quatro partes; na primeira trata da divisão, e organisação geral. *(Leu e mandou para a mesa.)*» *(Diario do governo,* de 30 de janeiro, pag. 132.)

[1] *Obras,* tomo XXIII, 1871, pag. 172. Foram estas idéas, sobre educadoras, que são ainda hoje as de muitos liberaes sinceros e illustrados, que lhe valeram a accusação de reaccionario!

lheres consagradas á *maternidade social*. No *Relatorio e bases para a reforma administrativa* historia o que se passára, desde a lei de 31 de maio, por elle feita nos Açores, até á promulgação do codigo de 1842, que vigorava em 1854. Tendo collaborado em todas as reformas administrativas, deplorava os erros em que se tinha vivido, e pedia que se rectificassem e nacionalisassem os principios da nossa administração «para poder fazer d'ella uma coisa de verdade, de justiça e de utilidade[1]».

São sabidas as circumstancias em que o systema francez foi adoptado nos Açores em 1832, mas é triste que dominem ainda hoje as idéas que serviram de base a esses estudos, as quaes estão em completa discordancia com os nossos costumes e usos modernos, e brigam ao mesmo tempo com a nossa organisação politica. As bases que Garrett propunha em 21 de janeiro de 1854 eram racionaes, logicas, fundadas em principios mais simples, mais liberaes, mais portuguezes, e mais conformes com o systema representativo. Não foram acceitas então, embora se aproveitassem depois algumas para a reforma que se fez mais tarde.

XII

A 10 de fevereiro, discutindo-se a resposta ao discurso da corôa, proferiu aquelle famoso discurso sobre o estado da administração pública, que principia:

«Hoje mais que nunca tenho de implorar sinceramente esta camara para que me conceda toda a sua indulgencia. Estou gravemente enfermo; e esta desculpa que tantas vezes tenho pedido ao parlamento, hoje mais do que

[1] Loc. cit., pag. 182.

nunca a necessito. Preciso empregar toda a força do meu ânimo, toda a energia interior do meu espirito para constranger este meu corpo debil e inhabil a satisfazer o que entendo que é minha obrigação como homem público, e que pessoalmente é meu dever de honra impreterivel. Não posso, não devo ficar silencioso em tão solemne e momentosa occasião. Direi franca, sincera e lealmente o meu voto sobre o estado do paiz, que é dever nosso examinar agora[1]».

Não poupou verdades ácerca dos varios ramos da administração, e do padroado portuguez no ultramar. O que disse dos institutos de caridade pública é bello. Ahi faz justiça a todos, até a si proprio: «... nenhum amor proprio official tenho ou tive jamais em minha vida, que acceito com agradecimento todas as correcções a qualquer obra que faça ou intente, que não conheço o peccado da vaidade, e que o da inveja só sei que existe pelo ouvir dizer. *Se as paixões contemporaneas me accusarem, sei de certo que a posteridade, quando a haja para o meu pobre nome, ha de fazer-me ampla justiça*[2]».

N'este discurso atormentou Rodrigo. Mas, ou parte do que disse foi depois generosamente inutilisado, ou havia nas notas dos tachygraphos notaveis lacunas. Os apontamentos tinham sido tomados em minha casa, em meia folha de papel almasso, que ainda hoje conservo, por elle m'a ter dado á saída da camara. Da galeria lhe ouvi phrases que não estão no discurso impresso[3]. As notas são simples palavras, citações de artigos e paragraphos da carta, e a maior parte d'ellas nem chegaram a ser aproveitadas n'essa sessão; serviram-lhe, comtudo, a 4 de março, em que voltou a fallar da administração pública e do padroado.

[1] Loc. cit., pag. 199.

[2] Loc. cit., pag. 220. Fui eu que sublinhei as últimas palavras.

[3] A pag. 199 e seguintes, do mesmo tomo.

XIII

Era tal o medo com que lhe estavam alguns dos ministros, conscios da injustiça com que o tinham expulsado do podèr, que, aos seus conselhos respondia o dos negocios estrangeiros e da marinha, na sessão de 13 de fevereiro, com estes rasgados elogios, que singularmente contrastam com o que mandava dizer para França:

«... Com franqueza o digo, que me custou ouvir a censura de s. ex.ª (O sr. *Visconde de Almeida Garrett:* — Conselho.) Ninguem faz mais justiça do que eu ao digno par. — Deus distribuiu-lhe com mão larga talento superior, e s. ex.ª com honra para si, e honra e proveito para o seu paiz, tem sabido cultivar a capacidade de saber que d'elle resulta. — S. ex.ª disse-nos que era docil — presto á verdade d'esta asserção o meu mais sincero testemunho: por muitas e muitas vezes tenho presenciado que s. ex.ª cede a observações feitas por pessoas que estão muito longe de ter os conhecimentos e saber de s. ex.ª; — é uma virtude que o digno par possue em grau eminente; a de não desconsiderar os individuos que não teem a fortuna de igualar a s. ex.ª na sua alta intelligencia — sobresáe tanto mais esta virtude em s. ex.ª, quanto é certo que raros são os homens de talento superior que não entendem que se humilham, attendendo a quaesquer reflexões contrárias á sua opinião: mas o digno par nos conselhos que dá, formúla-os por fórma que através d'elles, algumas vezes, permitta-me que lh'o diga, transluz a censura; e eu vi no conselho, que s. ex.ª diz que fôra só *conselho,* e que se dignou dar-me, envolvido n'elle uma censura. (O sr. *Visconde de Almeida Garrett:* — Não é.) Se não é, não posso dizer mais nada. (O sr. *Visconde de Almeida Garrett:* — Não póde dizer mais nada, porque está n'uma idéa falsa.)

N'esse caso darei por findas as observações que tinha a fazer sobre este objecto.

«O sr. *Visconde de Almeida Garrett:* — Se me dá licença darei uma explicação. S. ex.ª está todos os dias sendo testemunha de que eu aconselho o governo, bem ou mal, mas com o maior zêlo e efficacia, trabalhando todos os dias, e sacrificando a minha saude, e os meus interêsses, a bem do estado; pois se não ha outra rasão, não a póde haver que a tanto me obrigasse senão um excesso de zêlo pelo bem público — seja-me licito dizêl-o — que não tem muitos exemplos[1].»

Rodrigo (ministro do reino) foi menos prudente e respeitoso do que Jervis, respondendo-lhe, a 17 de fevereiro. O seu longo discurso é acerbo, e por vezes aggressivo, imputando a Garrett palavras e idéas que este não dissera nem manifestára. O poeta interrompia-o, protestando, a todo o momento; e Rodrigo recorria, segundo seu costume, a promover o riso da camara. Todavia, sempre que se afasta das personalidades, e deixa de ser aggressivo, falla muito bem. Como estava ferido pela violencia de algumas palavras de Garrett (que, segundo já disse, não vejo reproduzidas), volta, porém, ás questões pessoaes. João dissera litteralmente, entre outras coisas: «O sr. ministro estorce-se?! É a verdade». E ainda outras phrases, a proposito de perseguição religiosa, de que o accusava. Rodrigo termina assim: «Como se lembrou o digno par de vir aqui fallar em perseguição religiosa? E como, não tendo eu podido deixar de mostrar-me commovido d'essa injustiça, me feriu, olhando para mim para zombar dos meus estorcimentos, e expor-me á irrisão pública? É impossivel, que o digno par entendesse que eu lhe merecia tanto! Em que posso haver provocado tão estranho pro-

[1] *Diario do governo*, de 30 de março de 1854, pag. 338.

cedimento da sua parte? A que vinha a proposito a minha pessoa? Porque a escolheu para objecto de um insulto? Confesso que me custou a domar o sentimento de indignação que me causaram as suas palavras — era impossivel que eu esperasse do digno par o intento de fazer converter para mim todos os olhos, e de offerecer-me a elles como objecto de desprêzo. (O sr. *Visconde de Almeida Garrett:* — Isso era impossivel.) Tudo o mais que o digno par disse são opiniões, são recursos parlamentares, são meios de opposição de qualquer modo composta, de qualquer modo organisada; mas o que é pessoal, e sobretudo o que é injurioso, não póde deixar de causar sentimento profundo a um homem, cuja consciencia se não doe de haver jámais faltado aos deveres de amigo para com o digno par, ainda que não póde allegar ter-lhe feito obsequios, que devessem penhorar a sua gratidão. (*Vozes:* — Muito bem, muito bem.)[1]»

XIV

Tendo-se prolongado até ao mez seguinte a discussão de resposta ao discurso da corôa, tornou Garrett a fallar. Por pedido dos seus amigos, havia já desistido da palavra, apesar de estar inscripto, porque se excitava demasiado e saía sempre mais doente da camara; porém, a discussão do dia 3 azedou-o tanto, que, ao encerrar-se a sessão, declarou que novamente fallaria no dia seguinte, e sobre que ponto versaria o seu discurso: «Na hora em que estamos — disse — eu já não posso usar hoje da palavra; e portanto vou unicamente prevenir os srs. ministros de que é sobre o principio constitucional que

[1] *Diario do governo*, de 3 de abril de 1854, pag. 412. — Depois de o ter expulsado do ministerio, tem graça!

passo a ler, que eu hei de fazer as minhas considerações. *(Leu.)*

«Eu entendo que se ha latitude de discussão que possa ser permittida é esta: e eu que nunca me atrevo a censurar alguem pelo seu procedimento, julgo-me auctorisado pelo meu dever a insistir para que se mantenha este direito, que pela minha parte é tanto quanto posso, e sei, e não estou disposto a renunciar a elle. *(Apoiados.)*»

O conde de Thomar fez tambem uma advertencia contra a má interpretação que o ministro déra ás suas palavras. Rodrigo metteu á bulha os preparativos que se faziam para a sessão do dia seguinte, dizendo que elle provaria igualmente que interpretára bem as palavras dos outros oradores. Garrett volveu:

«Eu não disse aonde devia começar ou não; não entrei n'essa questão constitucional; simplesmente tomei a liberdade de dizer aos srs. ministros, que me havia de occupar ámanhã d'este negocio, e por consequencia é escusado provocar estrondosos apoiados para o que hoje se me póde responder[1].»

XV

Apesar de todos os esforços, foi-nos impossivel sustel-o, em 4 de março. No discurso d'esse dia, que é o último, na serie das suas orações notaveis, mortificou Rodrigo muito mais do que no antecedente. Dirigiu-se a elle em phrase esmagadora, que todavia não apparece fielmente reproduzida no *Diario*[2]. Como em 10 de fevereiro, tambem d'esta vez o fui ouvir, e jámais me esque-

[1] *Diario do governo*, de 11 de abril de 1854, pag. 460.

[2] Vem no tomo XXIII das *Obras*, do auctor, de pag. 255 em diante, edição de 1871.

cerá o modo indescriptivel com que o vi voltar-se para Rodrigo da Fonseca, dizendo:

«E por esta natural occasião, vou responder, quasi que por um parenthesis, ao sr. ministro do reino, que pareceu escandalisar-se da minha falta de gratidão para com s. ex.ª Respondo-lhe com a profissão e confissão de meu nenhum merito, serviços e mais partes; e com o reconhecimento de que pelo unico favor de s. ex.ª e de seus collegas, fui chamado a tomar assento n'esta casa. Eu, que se ousasse comparar a minha baixeza com a alteza de tantos e tão sublimes outros meritos, a que ss. ex.ªs não fizeram senão justiça!... Oh! só o pensamento me assusta![1]»

Pareceu-me ver o calafrio que percorreu os membros da maioria da camara! A ironia pungente do poeta entrou em muitos peitos como ponta de punhal agudo. Eu proprio me senti commover, porque nunca o víra tão sereno e ao mesmo tempo tão terrivel. A palavra saía-lhe fria, com a polidez do aço das espadas, e cortante como ellas; o gesto cadenciado e harmonico lembrava os movimentos da alavanca da machina, quando desce sobre a chapa de ferro, de muitos centimetros de espessura, furando-a sem esforço, erguendo-se e tornando a baixar-se para abrir nova ferida ou para alargar a primeira; nos labios, já de si ironicos, pairava-lhe aquelle sorriso que fazia empallidecer os adversarios... Estava bello, d'essa belleza do genio, que faz medo, quando elle parece humildar-se diante dos insignificantes; e proseguia, com a brandura do mar que afaga o navio:

«Já se vê que quando se fazem estas confissões, e que são sinceras, não deixam a s. ex.ª a menor dúvida de que não foi justa, antes acerba e cruel a sua indirecta, ainda que urbana, admoestação a este respeito.

[1] Loc. cit., pag. 257.

«E tambem agora me dirijo a s. ex.ª, como amigo e collega que tem sido meu em differentes occasiões, e appello para a sua consciencia e memoria: elle que diga se algumas das opiniões que tenho sustentado agora, as achou novas.»

E mais adiante: «E posto que eu deva unicamente, não a mim nem aos meus serviços ou qualificações, mas á indulgencia e favor de s. ex.ªs o logar que occupo n'esta casa, não creio que ellas tivessem em vista, collocando-me aqui, deshonrarem-se a si e a mim, pretendendo que eu viesse sustentar opiniões que não fossem as minhas. O sr. ministro do reino, quando respondeu ao meu fraco discurso, estava persuadido que eu me tinha collocado em uma situação hostil a s. ex.ª, aliás não me teria respondido assim. S. ex.ª, que em todos os seus discursos e evoluções parlamentares e politicas, mostra sempre tão suprema habilidade, n'esta occasião não deixou de a manifestar, sophismando, fugindo das questões; ainda mais, alterando o que eu disse, e por fórma tal, que me envergonharia hoje se taes coisas tivera dito[1]».

XVI

Depois, caíndo de tom, confessa que não quer aparentar de innocente, e ostentar, com mal fingida malicia, placidez que não tinha; que com toda a lealdade censura os ministros, porque durante o tempo que exerceram os poderes legislativo e executivo não olharam como deviam para os assumptos sobre que elle estava fallando. Torna, porém, á ironia, logo que se dirige ao ministro do reino, dizendo que este o accusára de ter levado ao banco dos réus o systema representativo: «Oh! que ac-

[1] Loc. cit., pag. 258 e 259. No *Diario*, de onde transcrevo, ha lacunas enormes.

cusação tão fatal! Se s. ex.ª pensasse no valor das suas palavras! Mas eu n'este ponto sou grande, é esta a primeira vez que ouso assim qualificar-me, não tendo dúvida em dizer, que me não ferem nem na sombra essas irreflectidas insinuações que saíram da bôca de s. ex.ª! Morreriam os meus fracos argumentos, mas morreram tambem as poderosas respostas de s. ex.ª![1]»

Referia-se á allusão que lhe tinha feito o ministro, e já mais atraz se queixára de que se fizessem correr no público idéas que o acoimavam de ultramontano, de homem perdido, traidor aos seus principios, que deshonrava a sua infancia, attentando contra o systema representativo, e que vinha em annos maduros renunciar áquillo a que devia a sua vida — tudo isto porque fallou a favor das freiras e sustentou certos principios mais religiosos[2]. Mas a correcção não podia ser mais bem in-

[1] Loc. cit., pag. 262 e 263.

[2] Repito e repizo que n'estes discursos ha lacunas, differenças notaveis entre o que elle disse e o que se acha impresso no tomo XXIII das suas *Obras*. Nos *Diarios* vem apenas o extracto d'este último, como tambem refere a nota de pag. 286 do citado volume das *Obras*. Segundo os meus apontamentos, faltam, tanto n'esse como no de 10 de fevereiro, muitas phrases importantes, supprimidas talvez pelo proprio auctor, quando viu as notas tachygraphicas. Lendo-me o primeiro d'esses discursos, observei-lhe que me parecia mais frouxo do que quando o ouvira pronunciar na camara.

— Pudéra não! — me respondeu. — Falta-lhe o logar, o gesto, a voz, as paixões que agitam a alma do orador...

— Sim, senhor; não ignoro a differença... mas... ouvi lá palavras, que não estão ahi.

— É possivel: na exaltação do momento, e quando nos provocam, dizemos coisas que depois, a sangue frio, pareceriam filhas de odios, que eu não tenho nem tive nunca a ninguem. Desafinado, sim, estou, e muito; confesso.

E continuou a ler.

Bulhão Pato, a pag. 76 e 77 do seu bello livro *Sob os cyprestes* (Lisboa, 1877), compara o effeito produzido por este discurso ao que exerceria nos animos dos espectadores a vista de uma execução

fligida. Na opinião de todos os ouvintes desapaixonados, Rodrigo ficou a escorrer sangue. Ouvia Garrett, estorcendo-se novamente, pallido de colera, com as unhas ferradas na carne por baixo do peito da camisa, segundo usava, quando queria conter-se!

O orador saiu da camara, logo que acabou de fallar, por entre alas de pares e deputados que o tinham estado a ouvir de pé, á roda d'elle, e o seguiram até á porta com murmurios de admiração e respeito. Fôra tão grande o esforço que sobre si proprio fizera, para poder fallar tanto tempo e refreiar os impetos de indignação que a todo o instante o assaltavam, que, ao metter-se commigo na traquitana, estava offegante e de uma pallidez mortal.

Póde dizer-se que findou aqui a sua gloriosa e incomparavel carreira parlamentar. Depois d'esta sessão fallou ainda em diversas outras, até ao encerramento das côrtes em 3 de agosto: mas não restituiu a maior parte dos discursos, nem aproveitou as notas tachygraphicas. Nos respectivos extractos das sessões, publicados no *Diario do governo* d'esse anno, acham-se quasi sempre reticencias adiante do seu nome. Excepto o que se refere a melhoramentos de correio, e o último proferido no proprio dia do encerramento das camaras, do qual só vem no *Diario* um pequeno extracto, todos são de mediana importancia. Versa o derradeiro sobre o pagamento das dividas aos proprietarios que concederam o terreno para a edificação do theatro de S. Carlos e adiantaram dinheiro para a construcção do edificio, e protesta contra o estado da casa pia, chamando-lhe matadouro de creanças.

capital. A descripção do successo, primorosamente feita por tão auctorisada testemunha, é preciosa, sobretudo para mim, pois confirma que nos discursos impressos faltam não só phrases, mas trechos inteiros, dos que inspiraram a Bulhão Pato aquella imagem lugubre, mas verdadeira.

XVI

Fim da vida pública e litteraria de Garrett. — Principia-se a instaurar o processo do seu julgamento. — Os dois escriptores que hombrearam com elle. — Não pretendo retratál-os. — Alguns traços das feições dos tres: Garrett — Castilho — Herculano. — Differenças entre elles — Castilho não igualou os dois. — Porquê. — Equipara-se aos outros, por equidade. — Qual é realmente maior de todos. — Um critico diz de Herculano o que só póde dizer-se de Garrett. — Parallelo absurdo com Camões. — Cegueira. — Quem introduziu o romantismo, e reformou a litteratura portugueza. — Prova-se que não foi Alexandre. — Logar que pertence a este. — Seus trabalhos sobre os foraes; não o defendeu o critico das injustas accusações que então lhe fizeram, nota. — Hoje toda a admiração é para Herculano, e acintemente se esquece Garrett. — Longa nota, sobre as homenagens prestadas até hoje ao immortal poeta: Tentativa de subscripção para um monumento. — A mesma idéa, no Porto. — Opinião de Camillo Castello Branco. — Protesto do auctor. — Commissão para os bustos de Garrett e Epiphanio. — Faz-se o d'aquelle, sem chinó. — Noticia da assignatura do contrato. — Inauguração. — Erros de epigraphia. — Desapparece e reapparece o... busto. — Inscripção na casa onde falleceu o mestre. — Requerimento para a 'rua Garrett'. — A commissão da camara. — A imprensa. — Parecer. — Carta de *um lisboeta*. — Resposta, e adiamento da publicação d'ella. — Nomes postos por idiotas. — Como se acolhe a idéa, que não é nossa ou dos nossos. — Reluctancia do governador civil. — Papeis que escrevi, inutilmente. — Lojistas intelligentes. — *Chiadores*, que pedem Camões. — *Rira bien qui rira le dernier*. — Repuxa o enthusiasmo camoneano. — Homenagens aos ossos das freiras e dos sapateiros. — Nova commissão, depois da farça, que faz obra séria. — Momento da crise admirativa. — Victoria. — O edital. — Reforço, dois annos depois. — Imprensa-Chiado. — Unico escriptor que me applaude. — Resumo, das provas de respeito ao morto illustre. — Onde elle deve repousar. — Fim da nota. — Porque lembram os politicos Herculano, e esquecem Garrett. — O que será d'aqui a trezentos annos? — A injustiça dos contemporaneos dura apenas momentos, na contagem dos seculos. — O que vale a critica da sem-rasão. — Não é ella que decreta a immortalidade. — Applaudam, barbaros! — Carta, a Sousa Lobo.

I

Com o capitulo antecedente ficou encerrada a vida pública do nosso auctor. Temos ainda que voltar atraz muitas vezes para referir interessantes particularidades, mas não ha já mais discursos politicos, trabalhos legis-

lativos, nem valiosas publicações litterarias de que dar conhecimento aos leitores[1]. É pois tempo de justificar o que se tem affirmado tantas vezes n'estas memorias, ácerca da sua superioridade, com o apoio de juizes competentes[2]. Comecemos portanto a instaurar o processo do seu julgamento.

É sabido que só dois escriptores hombrearam com Garrett, e participaram da popularidade litteraria que aos tres creou a justa admiração dos seus contemporaneos; mas, embora aquelles fossem ambos dignos de memoria, nenhum possuia a universalidade de aptidões com que á Providencia Divina aprouve favorecer João Baptista. Um tinha vindo da emigração no mesmo navio que trouxe o auctor de *D. Branca:* poeta tambem, reconheceu sem dúvida que não podia sêl-o de primeira ordem: e repugnando-lhe os logares secundarios, dedicára-se aos estudos historicos. Chamava-se Alexandre Herculano de Carvalho. O outro, conhecido já a esse tempo por varias obras poeticas e alguns escriptos em prosa, cegára na infancia, e tinha o nome de Antonio Feliciano de Castilho.

Não é meu proposito fazer os retratos d'estes illustres escriptores: traçarei apenas algumas das suas feições, antes de invocar testemunhos que abonem a superioridade de Garrett.

II

Penso ter demonstrado sufficientemente a generosidade do meu biographado, indulgente até com os pro-

[1] Já se disse que *As prophecias do Bandarra* e *O conde de Novion*, de que mais tarde fallarei, estavam concluidos ou pouco menos.

[2] Este capitulo e o immediato seguiam-se ao que refere o fallecimento do nosso auctor: foram deslocados para não prolongar demasiado o encerramento da obra, depois d'aquelle successo.

prios contrarios. Perdoava e esquecia todos os aggravos, excepto se o ferissem na honra. Isento de invejas, apregoador do merito alheio, comprazendo-se em auxiliar os estudiosos, apesar de insigne no epigramma, jámais usou d'elle com malevolencia para ferir ausentes. Empregava-o sempre por gracejo, não sendo provocado. É certo que na conversação usava de chistes e graças maliciosas, de ironias ás vezes muito vivas; mas nunca de modo que offendesse. Nos seus artigos de critica ou de polemica, ainda quando se desforçava de injurias, não descia á linguagem rasteira, á phrase descomposta, ao epitheto arrieiral. Sabendo como ninguem empregar os plebeismos, evitava-os sempre que se dirigia aos que o aggrediam, reservando-os para os seus dramas e romances, onde os engastava de modo que os calhaus ficavam parecendo pedras preciosas.

De proposito transcrevi n'estes estudos trechos de todos os generos que elle cultivou, para que o leitor scientemente se compenetrasse d'estas verdades. Leiam-se as suas obras, as suas orações mais vehementes e acerbas, nos momentos de justificada colera: a sua linguagem é digna e elevada. Se nunca manchou a penna no lodo dos doestos grosseiros contra os adversarios, tambem nunca se esqueceu de favores recebidos, nem deixou passar occasião de fazer justiça a quem quer que fosse, até aos que não conhecia pessoalmente.

Escrevendo em Paris o *Bosquejo da historia da poesia e da lingua portugueza*, disse, no fim, referindo-se aos nossos escriptores d'aquelle tempo: «Cita-se com elogio o nome do sr. A. F. de Castilho, joven poeta que se despica da injuria da sorte que o privou da vista, com muita luz de engenho poetico[1]». Só d'ahi a annos conheceu

[1] *Obras*, tomo XXIV, pag. 121.

Castilho, louvou sempre os seus trabalhos, e jámais desacatou o seu nome, nem mesmo depois de saber que Antonio Feliciano, e seus irmãos, não procediam do mesmo modo para com elle.

III

Gabam os que viveram na intimidade de Castilho a sua bondade de coração, e dizem que tinha ingenuidades de creança. Eu nunca fui dos seus intimos. Entrei duas vezes sómente em sua casa, e devi-lhe o favor de algumas visitas. Sei que foi de costumes simples e de irreprehensivel moralidade na familia. Algumas pessoas affirmavam que era mau para inimigo, que não perdoava as mais leves offensas, e que facilmente se deixava dominar pela ira contra os que combatiam irreverentemente as suas opiniões, desacatando-lhe a auctoridade. Accusavam-n'o essas pessoas de pouco sincero nas suas apreciações litterarias, de elogiar tanto a mediocridade como o talento, não poupando os proprios amigos com epigrammas. Se estes lhe saíam frisantes, ainda que mais tarde reconhecesse e confessasse que fôra injusto, fazendo-os, repetia-os, para, segundo affirmava, se punir de os ter feito[1]! Asseveravam os que lhe eram talvez desaffeiçoados, que a superioridade alheia o incommodava; que, louvando publicamente as bellezas de qualquer obra, em particular a punha pelas ruas da amargura: que era mordaz, satyrico, invejoso, citando-se em apoio d'estas accusações o que na conversação preambular do poema *D. Jayme,* de Thomás Ribeiro, escrevêra a res-

[1] Veja-se, a pag. 117 e seguintes das *Excavações poeticas* (Lisboa, 1844) o que elle diz, em seguida á sova que dá em Filinto Elysio e em Garção. E ha mais exemplos n'esse mesmo livro.

peito de Camões[1]. Acrescentava-se que, quando lhe assanhavam a vaidade, todos os meios de desforço lhe serviam[2]; que usava de claufas e de phrases pouco dignas do seu talento, etc. Houvesse ou não rasão para taes dizeres, a linguagem d'este escriptor, tão vernacula e elegante, sempre que elle estava a sangue frio, deixa por vezes muito a desejar nos seus momentos de irritabilidade.

Apesar do defeito physico proveniente da cegueira, tinha agradavel presença, feições regulares, ar de bondade insinuante, e na fronte espaçosa denunciava o talento e intelligencia não communs, que parecem ter sido patrimonio feliz de toda a familia Castilho. Só lhe faltava a luz dos olhos, que é a vida physionomica; e essa falta privou acaso a litteratura portugueza de obras muito superiores ás que elle nos legou. Conversador amenissimo, sempre engraçado, mas sempre mordaz, mesmo quando louvava, comprazia-se em arranhar o lombo dos ausentes com epigrammas ferinos.

Não insistirei n'estes pontos, apesar de poder citar factos e produzir documentos, porque me persuado que elle não foi malevolo: sacrificava inconscientemente ao defeito commum de fazer da maledicencia passatempo.

Escrevendo em 1835 o prefacio da *Noite do castello*, lastima Castilho o profundo e geral desprezo a que chegára a poesia entre nós, a qual sentia fugir um após outro os annos sem que n'ella se estampasse «um vestigio luminoso e duradouro de engenho, para onde aponte-

[1] Quando disse que nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos dos *Lusiadas!* Deve comtudo advertir-se que celebrou muitas vezes o epico sublime em varias obras suas.

[2] Em Ponta Delgada quiz dar uma duzia de palmatoadas na pessoa que lhe provocou o opusculo *Ou eu ou elles!*

mos, quando estrangeiros nos disserem soberbos — A vossa poesia morreu como viuva do Indostão, com o vosso Camões» [1].

Dizer isto, quando Garrett havia já publicado *Camões, D. Branca, Adozinda, Lyrica de João minimo, A victoria da Terceira,* etc.; fingir que não conhecia estas obras, que talvez o excitaram a escrever essa mesma *Noite do castello,* os *Cinnes do bardo,* e o poemeto *O sacrificio a Camões* [2], e não lhes dar a importancia de as citar, condemna-o fatalmente. Garrett, elogiando-o dez annos antes, sem o conhecer, assignalou desde o começo a sua superioridade.

O auctor do *Amor e melancolia,* sentindo e não querendo confessar que jámais poderia ser tão grande poeta e artista como o auctor de *Camões,* ficou-se na escola classica, da qual foi o último representante, receioso de que se notasse a sua inferioridade. Saíra com as obras citadas a provar fôrças na estacada romantica. Recolheu-se porém logo ao seu campo, declarando que lhe pesava de ver ir caíndo os poetas romanos [3]. Mestre da lingua e versificador insigne, faltaram-lhe as faculdades inventivas e creadoras, a imaginação e o sentimento que superabundavam no outro. Elle proprio, sem querer, se retratou a si, n'uma nota da *Primavera,* descrevendo o talento e a escola de Filinto Elysio: «Se é ou não *creador,* já vi ser renhida questão entre ociosos: para mim tenho que similhante titulo mal lhe póde caber. O frequente verter, ha pouco disse eu que denunciava esterilidade: e podéra acrescentar uma sentença ainda mais desabrida, que ha muito encontrei, cuido que nas lições litterarias do doutor inglez Blair, e que muito me quadra: a saber — que o costume de traduzir, bem que olhado

[1] A *Noite do castello,* prefacio, pag. VII, Rio de Janeiro, 1847.
[2] *Excavações poeticas,* Lisboa, 1844, pag. 36 e seguintes.
[3] Ibidem, pag. 69.

pela rama pareça dever ser fructifero, sempre ao cabo vem a desgastar-nos a faculdade inventiva. Comparál-o-hei com o linho, que, apesar de tão precioso no mundo e de tão agradavel aos lavradores depois de colhido, por isto só desgosta a muitos d'elles, que a terra onde se cria fica magra, e, como elles dizem, queimada para outras novidades.»

IV

Effectivamente, Castilho foi mais traductor do que auctor; e este facto demonstra carencia de dotes para producções de lavra propria. Como creador, mal se elevava acima da vulgaridade. A *Noite do castello*, ainda que em verso, parecer-nos-ha romance de modesto valor, se o compararmos com os poemas do introductor do romantismo. São formosissimos alguns dos seus hymnos, as suas epistolas, e o poemeto *O sacrificio a Camões*, igualmente romantico; porém a melhor obra poetica do seu genio, a que em meu conceito ha de viver mais do que as outras, é *Os ciumes do bardo*, embora essa mesma denote a mingoa de forças para trabalhos de longo fôlego. Quer, porém, no que produziu, quer no que verteu, ha que admirar riquezas de linguagem, e primores de versificação, que difficilmente serão igualados, e talvez que nunca excedidos[1].

Na prefação do *Tributo á memoria do libertador*[2], declara-se cartista, aggride a revolução de setembro, e os que a apoiam, dos quaes tinha sido correligionario, e ex-

[1] Excepto a traducção das *Metamorphoses*, de Ovidio, em que ficou tão longe de Bocage que quando se passa da leitura d'este para a d'aquelle parece ao leitor que caminhando por um jardim de unido e delicioso pizo, lhe faltára de repente o chão por debaixo dos pés, obrigando-o a dar um salto.

[2] Lisboa, 2 de outubro de 1836.

trema por consequencia os campos em que militam elle e Garrett. Apesar d'isso, o auctor de *Camões* vae buscál-o para o conservatorio; faz com que esse odiado governo setembrista lhe dê o habito da Torre e Espada, que igualmente obtem para Herculano, dizendo os decretos por pedido de quem se concediam taes graças [1]; e na segunda edição de *Camões* [2] cita honrosamente os esforços do poeta, cego tambem, nas buscas dos restos do auctor dos *Lusiadas* [3].

Castilho retribuia pouco fraternalmente similhantes attenções e deferencias. Embora por vezes o elogiasse, e rasgadamente quando falla do *Alfageme,* ahi mesmo se mostra pouco sincero, referindo-se ao *Auto de Gil Vicente*. Chama romances aos bellos poemas de Garrett, e trata desapiedadamente a *Merope,* não achando n'ella nada que preste [4]. Particularmente, accusava o auctor de não saber portuguez!

Como ha sempre mensageiros para levar e trazer novas desagradaveis, João era informado por miudo de que os irmãos Castilhos o mimoseavam com similhantes injustiças. Certo dia em que estava de mau humor, trabalhando com Felner, entrou um dos taes correios. Dirigiu-se ao secretario, e disse-lhe que aquelles assoalhavam que Garrett não escrevia sem gallicismos. Felner dispunha-se a castigar o intrigante, quando o poeta de *D. Branca* o interrompeu, bamboleando-se na cadeira, e preparando o cigarro:

– Saberá essa gente que m... tambem é gallicismo?

[1] Garrett escolheu esta ordem, por ser já então a menos vulgarisada e a mais digna, e tambem porque para ella se não pagavam direitos de mercê. Aquelle amigo generoso, que em tudo pensava, attendeu a que os escriptores portuguezes não são ricos.

[2] Lisboa. 1839.

[3] Nota E, segunda edição. 1839.

[4] *Revista universal lisbonense*, de 12 de maio de 1842.

Pois, apesar de latina, veiu-nos por França, e os taes criticos hão de roêl-a, meu caro sr. Felner.

No tempo que Antonio Feliciano dava reuniões, ensaiando o methodo de leitura repentina, o nosso auctor, que dizia ter assistido ao exame de um marceneiro, contava assim o caso:

— «Este senhor — explicava Castilho aos circumstantes — não conhecia ainda as letras na semana passada, e já hoje sabe juntar as syllabas. — E, virando-se para o homem, que tremia como varas verdes: — Vamos lá, sr. mestre: grudam-se umas tábuas, põem-se-lhes uns pésinhos: mê... za?

— Umas tábuas?... meu... za... grudam-se uns pésinhos... — murmurava o pobre analphabeto, estorcendo-se.

— Sim, homem! — volve o mestre, impacientando-se. — Mê... za. Que vem a ser?

Depois de longa hesitação, balbucia o discipulo, circumvagando o olhar desvairado pelo auditorio, como a pedir-lhe auxilio:

— Men... za... é grude.

— A gargalhada foi tal — proseguia João — que eu fugi, a correr, e parecia-me ouvil-a ainda á porta da minha casa, na rua do Salitre!»

Verdadeira ou inventada, esta historia pareceu-me referida em desforço de aggressões immerecidas. Apesar de tudo, nunca entre os dois poetas se romperam abertamente as hostilidades, embora um não fosse amigo, e não podésse sêl-o o outro, sabendo como era julgado na ausencia. Todavia, este jámais deixava passar ensejo de dar provas de consideração a Castilho,

quer particular, quer publicamente. Reconhecia os serviços do illustre cego ás letras patrias; e fosse este o seu maior inimigo, louvál-o-ia e honraria do mesmo modo, como poeta e como litterato.

VI

Alexandre Herculano fôra intimo amigo de Castilho. Servíra-lhe de padrinho a um filho, estreitando assim mais os laços da amisade que os unia desde annos. Sobreveiu porém um facto, talvez mal interpretado por ambos, que os separou e inimisou para sempre. Herculano, que minuciosamente me informou de todas as circumstancias d'essa ruptura, julgava, e parecia ter rasão. Castilho affirmava o contrário. Verdade seja que nunca ouvi áquelle phrase que correspondesse ao epitheto com que este o qualificava. Na bôca de Castilho, Herculano era 'o gallego da Ajuda'.

Não cabe aqui referir os motivos d'essa animosidade. Alexandre, levado pelo temperamento, exagerava por vezes a rudeza nativa, mostrando-se violento, orgulhoso, e inimigo irreconciliavel, quando se julgava aggravado. Por ninharias, ficou mal com Rodrigo Felner (que não era mais conciliador), com Oliveira Marreca, e por pouco ia deixando morrer Garrett, como deixou morrer Castilho, sem depor as paixões iracundas á porta do moribundo. D'esta vez, porém, a admiração invencivel e affectuosa, que o levou sempre depós o cantor da saudade, obrigou-o a modificar o systema de antes quebrar que torcer.

Este homem, que rugia como as tormentas, quando se irritava, e parecia querer tragar os adversarios, accusando-se a si proprio de egoista e descrente, possuia uma bella alma. Daria a propria camisa, quando não tivesse

outra, para vestir o seu inimigo, comtanto que este o não soubesse. Deixava-se espoliar por vadios, que lhe invadiam a casa, comendo e bebendo tudo quanto achavam n'ella, utilisando-se do seu saber, das suas relações, do seu dinheiro, sem elle advertir que o exploravam, como se exploram as boas minas. Condescendente até ao excesso, incapaz de fazer mal a ninguem, simples e ingenuo como as creanças, e patriota como poucos, aturou grande numero de insignificantes, que quasi todos lhe pagaram mal; e, julgando-se e apregoando-se scepticc, cria no futuro como os que teem vinte annos[1]!

Para o observador desprevenido, pareceria vulgar a cabeça de Herculano; a physionomia severa, triste e sem distincção. Mas essas feições communs, entrevistas de passagem, tinham um não sei quê, que obrigava a olhar segunda vez para ellas, depois terceira e quarta, acabando por se lhes descobrir, através do olhar, o esplendor da chamma interna. Na vida íntima, na conversação com os amigos e com as mulheres, transformava-se completamente: a dureza do rosto desapparecia, suavisando-se as linhas do contorno: adquiria extraordinaria mobilidade; os olhos chispavam fulgor e graça; o riso era franco e espontaneo: em tudo manifestava a mais despreoccupada alegria.

Na primavera do anno em que falleceu, esteve uma noite em minha casa, nas ruinas do Carmo, desde as seis horas até depois das doze. Eu, que o conhecia e amava, desde 1847 ou 1848, e que tantas vezes, no seu retiro da Ajuda, o tinha visto, jubiloso, entre a mocidade dos ultimos trinta annos, admirava-o como se fosse a primeira vez que o ouvia; minha mulher e minhas filhas, costumadas ás suas visitas, sentiam-se dominadas

[1] Veja-se o capitulo primeiro do romance *O Bobo* (última edição), refundido inteiramente por seu auctor, pouco tempo antes de fallecer.

pelo encanto da sua conversação; as outras pessoas, pasmadas, perguntavam a meia voz, entre si, por que motivo a malevolencia fazia reputação de bravio a um homem tão bom e tão jovial. Foi a última vez que o vimos: no dia seguinte partiu elle para Valle de Lobos, e nós para Villa Estephania.

Nenhum dos escriptores do meu tempo, sem exceptuar o proprio Garrett, tinha tanta e tão expressiva vivacidade, direi até tanto enthusiasmo, como aquelle *descrente,* quando fallava em assumptos de seu gôsto, entre pessoas amigas. Eu costumava entretêl-o, de ora em quando, com a leitura de versos criticos, mais ou menos comicos, de que elle foi tão guloso como Garrett. E n'uma das últimas occasiões que veiu estar alguns dias seguidos na Ajuda, fui ali, com o seu e meu bom amigo João Pedro da Costa Basto, ler-lhe um poema inedito. Jámais me esquecerão as demonstrações de contentamento com que applaudiu essa doidice litteraria, rindo até ás lagrimas e dizendo a João Pedro:

— Está bom!... muito bom!... excellente! etc., etc.

VII

Fôra elle que me excitára a concluir esse trabalho de rapaz, por ter visto impressos fragmentos dos primeiros cantos; porém só depois da leitura que lhe fiz, acreditei que similhante gracejo poderia realmente valer alguma coisa. Hoje, que é morto o mestre, confesso que essas horas de riso que lhe dei foram tambem para mim das melhores que tive na minha modesta carreira litteraria. Vivem ainda varias testemunhas, além de João Pedro, que lhe ouviram por mais de uma vez o conceito em que tinha o poema a que me refiro.

Alongando-me n'estas particularidades pessoaes, de

que peço perdão, só tive em mente demonstrar a grande bondade de Herculano. E devo tambem acrescentar que por mal ninguem o levava: uma vez convencido de que a rasão estava do seu lado, ainda que assim não fosse, combatia com paixão e violencia; embora o adversario tivesse por si o direito, e soubesse atacar e defender-se, forçosamente ficava mais ou menos escalavrado, porque ninguem lucta impunemente com gigantes. Se no emtanto Herculano reconhecia ou suppunha ter-se enganado, não duvidava confessál-o. Infelizmente, de uma das vezes em que teve essa nobre franqueza, foi para retirar o voto, que antes dera, ao direito da propriedade litteraria!

A questão sobre o milagre de Ourique, na qual o accusaram de ter-se irritado demasiadamente, até pessoas que se diziam liberaes, deu para as letras patrias o mais fecundo resultado, levando-o a escrever a *Historia da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*. Esta obra, por si só, bastaria para classificál-o escriptor de primeira ordem. O seu monumento, porém, é a *Historia de Portugal;* e grande desdita foi que não se concluisse, ao menos até onde fôra seu intento levál-a. Os seus romances são excellentes: é bello *O Eurico;* e todos os seus outros estudos lhe dão, como pensador e como litterato, um dos primeiros logares na litteratura contemporanea. cuja corrente achou já estabelecida, e dirigida por João Baptista, limitando por isso os seus esforços a engrossál-a com os preciosos cabedaes da sua poderosa intelligencia. Em vez de miseraveis invejas, que lhe diminuiriam a estatura, foi o primeiro a sustentar a auctoridade de Garrett como innovador e como artista, e a seguir a bandeira hasteada por este chefe. Isto prova, mais que tudo, a sua grandeza.

Com faculdades superiores ás de Castilho, Herculano seria capaz de conceber, mas impotente para executar

e concluir a obra de Garrett. O auctor das *Folhas caídas* tinha genio para comprehender a de Herculano, e talvez para realisál-a, comquanto fosse outra a sua indole poetica e litteraria, outro o seu temperamento e os seus gostos. Apesar d'estas differenças, uniu-os a mesma identidade de vistas e o mesmo pensamento. Unicamente uma vez divergiram de opinião: foi no direito de propriedade litteraria.

VIII

Castilho ficou áquem da méta attingida por qualquer d'aquelles mestres. Faltaram ao seu talento as graças incomparaveis e o engenho creador de um d'elles, e o espirito investigador e analytico do outro. Tinha menos dotes naturaes, menos alcance, menos elevação, e carecia de força inventiva. Superior a elles como poeta, na correcção da fórma, á qual não raro sacrificava a idéa, não teve alentos para subir ás alturas a que os dois se remontaram. Comtudo, se attendermos a que a adversidade, ferindo-o tão cruelmente na adolescencia, circumscreveu a sua instrucção aos estudos classicos, feitos por olhos alheios; impediu-o de educar e desenvolver as suas faculdades, libertando-as dos modêlos pautados; não o deixou saír da patria, para sentir-se, longe d'ella, pungido pela saudade, que dá ás almas dos grandes poetas modernos esse tom de suave e indescriptivel melancolia, que falta nas obras do illustre cégo; se nos lembrarmos, repito, de que não teve a experiencia das viagens dolorosas, que Garrett e Herculano provaram, ausentes do berço amado; a convivencia com povos mais adiantados que o nosso; o espectaculo de outros usos e costumes, e de outras civilisações; a lição, emfim, do

exilio, tão proficua para os que sabem sentir e aprender: reflectindo em tudo isso, e ainda mais na amargura que por tão longos annos reinou nas suas trévas eternas, tendo-o sempre dependente de todos, para tudo, em mortificação contínua, modificando-lhe o temperamento e o caracter, azedando-o, e tornando-lhe a existencia em verdadeiro martyrio, devemos julgál-o de modo mui diverso, do que nos seria permittido fazèl-o sem as tristes circumstancias em que produziu, ainda assim, tantas e tão boas obras.

Desculpemos-lhe, pois, os sarcasmos, os epigrammas acerados, das suas horas de mau humor, attribuindo ao seu infortunio esses desafôgos. Se do estudo das composições de cada um dos tres resultar a convicção de que Garrett e Herculano foram superiores a Castilho, contemos a este último os seus tormentos de cego como preciosidades que teria acrescentado á sua corôa, se a desgraça o não privasse na infancia da luz dos olhos; e, por equidade, equiparemos os seus serviços aos de Herculano e Garrett. Assim ficará completa a trindade gloriosa, que no nosso seculo alumiou a poesia e a eloquencia, a historia, a lingua e a litteratura portugueza, em todas as suas manifestações.

Perdoemos, lembrando-o embora para escarmento, o que em qualquer dos tres pareça ter havido de condemnavel. «Grandes homens, grandes erros: a natureza da mediocridade é cingir-se a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez: porém de taes nunca fallou a posteridade»[1]. «Recubramos os mortos celebres, com a lousa que se tornou ara. Os seculos devem ser indulgentes»[2].

[1] Garrett, *Obras*, tomo XXIV, pag. 101.

[2] Antonio Feliciano de Castilho. *A Lyrica de Anacreonte*. Paris. 1866. pag. 21 (prefacio).

IX

Prestada esta homenagem de respeito, e, só por equidade, igualados os serviços dos tres egregios mestres, não deixarei passar sem protesto a injustiça, que ultimamente se tem querido fazer ao que, pela natureza e variedade dos seus trabalhos, ha de ser sempre considerado realmente o maior d'elles.

Alguns escriptores, aliás dignos de estima pelo seu talento, escrevendo ácerca de Herculano, teem dito d'elle o que só póde dizer-se de Garrett. Affirmar, como se lê n'um livro recente, que entre Camões e Herculano não houve mais ninguem em Portugal que a esses dois possa comparar-se, é sacrificar a verdade e a justiça á admiração inconsciente. O livro de versos de Herculano, ainda que excellente, não lhe dá direito senão para ser considerado bom poeta de segunda ordem. Se elle não tivesse feito mais nada, n'um paiz sempre bem favorecido das musas, apenas poderia pôr-se a par de Soares de Passos, cuja musa foi da mesma indole da sua. E talvez que este viesse a excedêl-o muito, se tão cedo o não levasse a morte, e occupasse algum dia no parnaso portuguez o terceiro logar, depois de Camões e Garrett.

Herculano em parallelo com Camões, é simplesmente absurdo. O sabio historiador nada tem que ver com o auctor dos *Lusiadas:* nem é preciso trajál-o com alheias galas, para demonstrar-lhe a grandeza. Ninguem lhe disputará nunca o seu eminente logar na historia litteraria do paiz; mas pretender-se que fosse elle o restaurador das letras, que á sua influencia se devesse o renascimento do romantismo em Portugal; e, para sustentar taes erros, deixar Garrett no escuro, ou citál-o de passagem, como se fosse qualquer mediocridade, não só

tira á critica a auctoridade de que precisa para ser respeitada, como é prova de cegueira absoluta.

Lamentando tal aberração, em escriptor que reputo incapaz da menor falta de probidade litteraria, não posso deixar de advertir que a paixão, ainda mesmo quando inspirada pela amisade mais santa e pela admiração mais sincera, é incompativel com o criterio. No tempo em que o movimento romantico reappareceu na Europa, resuscitado pelas balladas de Burger, as obras de Schiller e dos irmãos Schlegel, pelos versos de Burns, a influencia de Walter Scott, Byron[1], Chateaubriand, Goethe, Uhland, e de outros menos illustres, entrava Herculano apenas na adolescencia[2]. E ainda ninguem o conhecia, quando a *Adozinda* começou a correr mundo (traduzida d'ahi a pouco em diversas linguas da Europa), accentuando a reforma começada em Portugal pelos poemas *Camões* e *D. Branca*[3].

X

Affirmou o proprio Herculano ter sido Garrett o reformador da nossa litteratura, introduzindo em Portugal o romantismo[4]. Como é pois que o critico despreza a au-

[1] Que todavia, apesar de sua grandeza, foi talvez mais prejudicial do que util á geração que lhe succedeu e o quiz imitar.

[2] Nasceu a 28 de março de 1810. Tinha portanto quinze annos quando appareceu a primeira obra romantica de Garrett. Em 1830, andando já nas mãos de toda a gente que lia em Portugal os poemas do meu biographado, estava Herculano *em principio de estudos*, como affirmou Castilho, n'uma nota em que quiz lisonjeál-o, nas *Excavações poeticas*, Lisboa, 1844, pag. 16; e tinha vinte annos!

[3] Veja-se *Garrett, memorias biographicas*, tomo I, pag. 343 e seguintes; e pag. 551.

[4] Idem, pag. 362 e 363. Veja tambem o *Panorama*, tomo III, Lisboa, 1839, pag. 199, artigo de A. Herculano.

ctoridade do mestre, substituindo-a pela sua?! Quem apurar muito o caso, poderá attribuir sem grande erro a revelação do genio de Herculano á propria obra de Garrett.

Já se disse que achando Alexandre, no começo da sua carreira, occupado gloriosamente o primeiro logar, e sentindo-se com faculdades para não ficar secundario, tomou pelo caminho dos estudos historicos. Acrescente-se agora, que no seu espirito superior devia ter-se accentuado a convicção de que, por muito que elle o desejasse, nunca poderia ser poeta, artista, dramaturgo, creador, emfim, da força de Garrett. A natureza dos seus talentos e o seu temperamento deixál-o-iam muito áquem da verdadeira méta. Estylo elegante e flexivel, imaginação e graça, tudo era superior no outro para percorrer as provincias litterarias que percorreu, immortalisando-se em todas.

Como historiador, ninguem lhe contestará nunca o primeiro logar, nem lhe negará que teve todas as qualidades que requeria o desempenho d'essa missão. Mas nem essas qualidades, nem as que revelou em outros trabalhos, igualmente dignos de admiração, permittem que o comparemos a Camões, e menos ainda que o julguemos superior a Garrett. Só entre Camões e Garrett póde haver parallelos, porque estes foram, sem contestação, os dois maiores genios e os de indole mais similhante que tem tido a nação portugueza.

Para os homens desapaixonados e conscienciosos, o logar de Herculano, com relação a Garrett, é o mesmo que teve João de Barros com relação a Camões [1].

[1] Quando a ignorancia e a malevolencia accusaram Herculano de ter gasto muito tempo com a publicação dos foraes, não houve uma só voz que se levantasse para protestar contra a calúmnia ou má fé dos accusadores. Então é que havia ensejo de lhe fazerem justiça os criticos, explicando o enorme trabalho que elle

Torna-se porém singular que assim como outr'ora deixaram morrer Camões de fome, ao passo que votavam a João de Barros pensões enormissimas, tambem hoje toda a admiração e respeitos sejam só para Herculano, e acintemente se esqueça Garrett com ingratidão monstruosa [1]! A rasão é obvia: um nunca affrontou os poli-

tivera, e o grandissimo serviço que prestára aos estudiosos, mettendo n'um só volume a materia que, sem a habil coordenação que lhe deu, levaria seis ou oito. Gastou annos, sim: mas foi para conseguir com o seu systema de traducção que se possa achar n'esse livro unico o que sem o improbo labor do sabio obrigaria os leitores a consultar muitos. Quem conhece as Inquirições dos nossos antigos reis, todas feitas em sigla, que é preciso interpretar com segurança, não devia calar-se, diante de galradores ignaros, como fez o critico, e outros collegas seus. Demonstrar, n'essa occasião, a injustiça que tanto magoou o mestre, era mais meritorio do que comparál-o agora a Camões.

[1] Vou referir aqui, para contrastar com o que se lê acima, as *homenagens* da nação portugueza á memoria do maior dos seus escriptores. A historia é demasiado longa para ir em nota: mas envergonho-me de a pôr no texto. Eil-a:

Logo nos primeiros dias que se seguiram ao fallecimento de Garrett, diligenciei aproveitar as boas disposições do público, para que se abrisse uma subscripção nacional e com o producto d'ella se lhe erigisse uma estatua de bronze. Associei Rebello da Silva a minha idéa, e começámos a recrutar gente para formar a commissão. Tenho as actas das sessões, e extráio d'ellas estas curiosas noticias. A da primeira, da penna de Rebello da Silva, diz assim:

«Aos 19 dias do mez de dezembro do anno de 1854, reunidos na sala da inspecção do theatro de D. Maria II os ex.mos srs. Antonio José d'Avila e José Ferreira Pestana, e os vogaes Luiz Augusto Rebello da Silva, Francisco Gomes de Amorim, Manuel José Gonçalves, Carlos Krus, e Epiphanio Aniceto Gonçalves, achando-se ausentes de Lisboa occasionalmente os srs. Alexandre Herculano e João de Lemos, tomou a palavra o sr. Pestana, e observando a necessidade de se constituir a commissão, cujo objecto é facilitar e dirigir o modo de se levantar um monumento á memoria do grande poeta portuguez Almeida Garrett, propoz, ou antes lembrou que assumisse a presidencia o sr. Antonio José d'Avila, e pedindo este último senhor venia para apresentar algumas reflexões, notou que

ticos, porque não o foi; e o outro ainda hoje assombra as mediocridades, que julgam igualál-o. Por isso, no

a indole e intuito da commissão, tendendo a um fim puramente litterario, requeria que o seu pensamento fosse representado por homens de letras, e que por isso o presidente nato era o sr. Alexandre Herculano, que propunha, bem como lembrava para secretarios a Francisco Gomes de Amorim e Luiz Augusto Rebello da Silva, e para thesoureiro ao sr. Carlos Krus. E consultando-se a commissão sobre esta proposta, foi unanimemente approvada, ficando portanto eleito presidente o sr. Alexandre Herculano, secretarios Amorim e Rebello, e thesoureiro o sr. Krus. Em seguida o sr. Avila reflectiu que sendo conveniente que o sr. Herculano assistisse ás deliberações da commissão para se proceder com a devida unidade, concordando todos, decidiu-se que se esperasse pela chegada do sr. Herculano, e até lá se suspendessem os trabalhos. E não occorrendo mais objectos, que servissem de texto ás resoluções da commissão, levantou esta sessão, havendo occupado a presidencia interina o sr. Avila, por designação unanime da assembléa. E d'estas decisões lavrámos a presente acta, que assignâmos, para constarem.

«Lisboa e sala da commissão, em 19 de dezembro de 1854. = Os secretarios, *F. Gomes de Amorim* = *Luiz Augusto Rebello da Silva* *.»

A 21 de dezembro não se chegou a redigir a acta, porém conservo os apontamentos de Rebello, indicando as terras e nomes dos delegados, que se lembravam, para as commissões filiaes. Alvitrei, e foi unanimemente approvado, que se recorresse a sua magestade e ao ministerio, e que se escrevesse aos governadores civis, e aos consules, no Brazil, pedindo-lhes a sua cooperação, e nomeando os ultimos presidentes natos das commissões.

Occorreu-me depois que o auxilio d'esses funccionarios se tornaria mais efficaz, se o governo lhes insinuasse, extra-officialmente, que, tambem sem caracter official, dessem o maior apoio á commissão de Lisboa. Esta segunda proposta levantou enorme celeuma. Herculano, então a ferro e fogo com Rodrigo, declarou que não voltaria ás reuniões, se tal idéa vingasse. Retirei-a por isso.

Resolveu-se que os secretarios officiassem ás emprezas dos theatros de Lisboa, pedindo beneficios; e que fizessem os modelos para

* O meu nome está primeiro, porque o redactor da acta me obrigou a assignar antes d'elle.

orçamento d'este anno (1882) figuram 10:000$000 réis, votados pelas côrtes, para se erigir um monumento ao

circulares de nomeação das commissões, e para subscriptores, etc. Passou-se um mez, sem que tornassemos a reunir-nos! Em 25 de janeiro, tendo-se feito os competentes avisos, apenas compareceram Pestana, Rebello, Gonçalves, Epiphanio e Amorim. Avila e Herculano nunca mais appareceram. N'esta reunião apresentaram-se declarações de el-rei, do presidente do conselho e do ministro do reino, annuindo aos desejos da commissão; e leram-se officios do commissario do governo, no theatro de D. Maria, e da empreza do Gymnasio, que offereciam espectaculos gratuitos.

Mas... nunca mais se reuniram todos os vogaes. Os que compareciam, vendo-se desamparados, foram esmorecendo successivamente, até que um dia se achou sósinho o que tivera a lembrança!...

No Porto, em reuniões identicas, recitaram-se calorosos discursos, nomeou-se commissão executiva; depois... foram todos dormir para suas casas. Alguem disse ali que o maior monumento de Garrett eram as suas proprias obras, o que é verdade; mas esse facto não dispensava a terra ingrata, que foi seu berço, de lhe dar qualquer demonstração de respeito, além do nome de uma rua e da inscripção na casa da do Calvario. A vereação da cidade invicta deu o nome de Herculano, que não foi seu filho, a um bairro novo, tendo-lhe já concedido antes uma rua. De Garrett não fez caso, provavelmente por não saber quem elle foi *. Bem disse Camillo Castello Branco, que «a maior honra que podiam fazer ao eminente escriptor (Garrett) era ensinarem a gente do Porto a ler, e depois, mais tarde, darem-lhe para admirar os escriptos do seu patricio **». Como quasi sempre acontece com todas as

* Consta-me que n'este anno de 1883, a camara do Porto na sessão do principio de junho, resolvêra por unanimidade substituir o nome da 'rua de Almeida Garrett' por o de 'rua nova de Liceiras' e dar o nome do grande poeta á Avenida em construcção que ha de ligar a praça da Batalha com o Passeio das Fontainhas.

** *Coisas leves e pesadas*, por Camillo Castello Branco. — Eu sei que a minha admiração, em vista do egoismo e indifferença portuenses, é excessivamente ingenua; mas tive a fraqueza de não poder encobril-a. O Porto recusou igualmente concorrer, segundo se lê em uma nota, a pag. 342 do tomo III, parte I, da terceira epocha da *Historia da guerra civil*, por Simão José da Luz Soriano, para o monumento á memoria do honrado e valoroso marquez de Sá da Bandeira, que lá deixou um braço. É verdade que tambem Santarem, terra onde nasceu Sá da Bandeira, não deu nada! Realmente, faz gôsto nascer n'este tempo, n'essas cidades, entre tal gente, e prestar-lhes serviços valiosos, ou honrál-as com obras gloriosas!

historiador; está aberta uma subscripção nacional para o mesmo fim, e só um subscriptor assignou com 6:000$000

idéas boas e verdadeiras, desprezaram esta, tomando-a por epigramma!

Continuemos, protestando, todavia, que na descripção do que se segue, não me guia nenhum sentimento de vingança ou malquerença. Faço esta declaração, porque 'a terra é pequena, e a gente d'ella não é grande'. Tive minha parte n'alguns d'estes factos; prometti, movido por impetos de irreflectida e momentanea colera, pôr n'este logar as circumstancias e nomes das pessoas que, a meu ver, faltaram com o que deviam e podiam á memoria de Garrett, desconsiderando quem lh'a defendia: mas já me passou; e escrevo a sangue frio. Apesar de aggravado, nunca tive odio a ninguem; e não quero ser juiz da consciencia alheia.

Onze ou doze annos depois da morte de João Baptista, Francisco Palha, que administrava o theatro de D. Maria por conta do governo, e via dormir a somno solto a gratidão nacional, lembrou-se de pôr no salão o busto do restaurador da scena, e o do illustre actor Epiphanio. Arranjou a commissão indispensavel, da qual eu fui membro; e abriu-se concurso para as obras. Aconselhando eu que se encarregasse Victor Bastos do trabalho, outro collega opinou que seria melhor mandar fazer o busto de Garrett fóra do paiz; que o que se devia querer era 'uma obra de arte', não se prendendo a commissão com a similhança, «porque, desapparecendo a geração que conheceu o poeta, os vindouros acceitariam o que se lhes désse, como bom e legitimo». Protestei contra similhantes idéas, dizendo que não nos reuniramos para enganar os que viessem depois de nós; que eu não assignaria falsidades, antes me demittiria, se tal doutrina vingasse; que todos eramos homens de bem, e que, por isso mesmo que os vindouros receberiam de boa fé, e como verdadeiro o busto que lhes legassemos, o nosso primeiro dever era não os illudir; que eu, votando pela obra de arte, aspirava a que o busto se parecesse quanto fosse possivel com a pessoa que devia representar; e que Victor Bastos provára, nos bustos de D. Pedro V e de Rodrigo da Fonseca Magalhães, que sabia fazêl-os n'essas condições, etc.

Aberto o concurso, houve apenas um concorrente, que expoz dois trabalhos. O que representava Epiphanio, tinha similhança; o outro, lembrava a velha comparação do ovo com o espêto. Reunida

réis! Para honrar a memoria do reformador do theatro, do mestre da poesia e da eloquencia, não ha de-

a commissão, e vendo eu parte d'ella disposta a approvál-os, declarei lealmente, que não dava o meu voto. Objectou-se-me que ainda se podia melhorar muito a obra, no barro, e que ficaria perfeita. Repliquei que só depois de convencido, praticamente, a approvaria. D'ahi a pouco tempo pediu-me o auctor do busto que fôsse vêl-o, para lhe fazer as observações que entendesse, antes de vasado no gêsso. Respondi que se o pedido era feito ao membro da commissão, não iria, sem que esta me mandasse. Instado como particular, fui. Em casa do artista encontrei o meu velho e illustrado amigo José Horta. Examinámos juntos o trabalho. Parecendo-me que este lhe agradava, disse-lhe:

— Como obra de arte não sei se está bom se mau. Não se parece com Garrett, e hei de reprovál-o. — Seguiram-se exclamações e protestos do auctor. Pedi o retrato em lithographia, de Guglielmi, por ser o melhor que existe do poeta. Custou muito a achál-o: quando appareceu, mostrei-o a José Horta.

— Effectivamente — exclamou este, depois de o ter examinado — o Garrett que eu conheci era este e não aquelle.

O artista gritou-nos, irado:

— Queriam que eu lhe pozesse o cabello voltado para dentro, como no retrato? Aquillo é chinó! A arte não se fez para chinós! Dei-lhe grandiosidade, elegancia, etc., etc. — Tendo explicado largamente o seu systema, volveu-lhe José Horta, sorrindo:

— Já vejo: fizeste um Garrett a teu gôsto: inventaste-o! — E saíu commigo, rindo muito.

Passados dias, sem que eu tivesse sido avisado, li, no jornal de um dos meus collegas, que, na vespera á noite se reunira a commissão, e que approvára e contratára o busto, em marmore. A noticia elogiava o trabalho como obra de arte e como similhança; e terminava explicando quem eram os vogaes da commissão. Parecendo, por aquillo, que tambem eu applaudira, e assignára o contrato, escrevi duas cartas, pedindo a publicação d'ellas, que effectivamente teve logar no dia seguinte: uma era ao redactor, dizendo-lhe que o busto podia e devia ser excellente, visto têl-o approvado a commissão e affirmál-o elle; porém que eu não assignára nem approvára coisa nenhuma, porque nem sequer fôra avisado para a reunião em que se resolveu acceitar a proposta, e se assignou o

putados nem pares nos parlamentos, dinheiro nos cofres publicos, nem nos particulares, gratidão nos homens

contrato. E que não me cabendo louvor nem censura, se por acaso houvesse um ou outra, resultante de acto em que não tivera a minima parte, me demittia n'aquella data.

Na outra carta, ao presidente da commissão, demittia-me. Francisco Palha, meu bom e velho amigo, teve a bondade de instar-me que retirasse o pedido. Disputámos muito, sempre amigavelmente: e como eu tinha a convicção do que devia succeder, não pude satisfazêl-o.

No dia seguinte recebi carta do secretario, com o convite para a reunião que tivera logar dias antes, explicando que por culpa do distribuidor não fôra eu avisado a tempo, etc., etc.

Fez-se o busto, que collocaram no salão do theatro de D. Maria II, em principios de novembro de 1868. Os jornaes mostraram-se indulgentes, não dizendo mal d'elle, por attenção ao auctor, que n'outro campo dera provas de incontestavel talento. Reconhecia-se comtudo n'essa benevolencia do silencio, que... nem todos podem ser esculptores. A inauguração passou quasi desapercebida, segundo se lê no *Diario popular*, de 11 do dito mez e anno: «Eram oito horas quando a commissão do busto, acompanhada dos srs. Castilho, Mendes Leal e mais alguns raros escriptores se apresentou no salão de entrada do theatro. Esperava a commissão que el-rei assistisse á solemnidade — talvez para lhe imprimir caracter official — el-rei, porém, não pôde chegar a tempo, e na ausencia do monarcha delegou-se no sr. Castilho o encargo de descerrar as cortinas do busto. As cortinas caíram, uma philarmonica, que por obsequio concorreu, tocou o hymno da carta, e após isto o silencio mais profundo rematou a ceremonia. Não houve uma voz que soltasse duas palavras de singela admiração pelo poeta e dramaturgo que o marmore reproduzia. O sr. Castilho ponderou que não era orador *, e o sr. Mendes Leal disse que não estava preparado.

«Respeitemos a modestia de um e os melindres de outro; mas o que não é desculpavel — e n'isto vá a censura a quem de direito pertencer — é que se inaugure um busto a Garrett, sem que alguem se levante a honrar-lhe a memoria veneranda. Ao menos o que faltou em phrases, sobrou em acatamento. O público desco-

* Já no cemiterio, quatorze annos antes, ponderára o mesmo.

que o tiveram por companheiro e amigo fidelissimo, nem nos filhos dos que elle illustrou com as maravilhas do

briu-se todo, quando lhe foi patente a imagem do grande homem.»

Depois de fallar da representação de *Filippa de Vilhena*, que teve logar n'essa noite, conclue assim: «... Os paizes não vivem só de patriotismo. Precisam para se educar e robustecer de quem lhes alargue os horisontes do bello, e ninguem n'esse terreno mais tem feito a favor d'esta terra do que o auctor de *D. Branca*».

N'outro paiz, talvez fosse desnecessario declarar que ignoro quem escreveu este artigo; aqui, todas as cautelas são poucas! Affirmo, pois, que não concorri para elle, directa ou indirectamente. Tenho dado sufficientes provas de que não me escondo para dizer a verdade, e por isso devo ser acreditado.

O *Jornal do commercio*, de 13, depois de ter copiado o que estava escripto na base do busto, censura com aspereza a commissão, pelos vergonhosos erros de epigraphia que na inscripção se notavam. Mais tarde foi corrigida ou apagada. «Sentimos — diz a referida folha — que no chamado monumento de um dos mais illustres escriptores portuguezes, ao primeiro poeta e primeiro dramaturgo do nosso tempo, se dê similhante testemunho de ignorancia epigraphica, e de um desleixo imperdoavel, etc., etc.»

Procurado pelo canteiro, que quiz tirar de si a responsabilidade dos erros censurados, volta, no dia 14, o mesmo jornal ao assumpto, e trata ainda mais duramente os membros da commissão. Veja-se se eu tive ou não rasão de demittir-me a tempo! E advirta-se que me limito a citações, que foram talvez das mais benevolas que se fizeram.

Passados annos, desappareceu o busto, como tinha já desapparecido a inscripção. Esteve escondido, sem se saber aonde, mas sabendo-se porque; até que a actual empreza do theatro o repoz no salão ultimamente. E lá está, benza-o Deus! sem ter melhorado com a ausencia.

Não terminarei esta noticia sem confessar que fui dos primeiros que applaudiram, e ainda hoje louvo, a idéa e os esforços de Francisco Palha e dos seus collegas; mas lamento que fossem tão infelizes os resultados. Esta mesma commissão, auctorisada pelo sr. David Augusto de Araujo e Barros, e por sua mulher a ex.ma sr.a D. Ludovina Manceniana Gomes, proprietarios da casa onde falleceu Garrett, mandou ali collocar, sobre a porta principal, uma lapide de

engenho! Oh! quem sabe se d'aqui a trezentos annos haverá tambem poucos que leiam Herculano, como pou-

marmore branco, guarnecida de cortinas, com a seguinte inscripção, que tem por cima uma pequena lyra:

NO DIA 9 DE DEZEMBRO DE 1854
FALLECEU N'ESTA CASA
O POETA PORTUGUEZ
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

E por baixo:

FOI ESTA LAPIDE FEITA NAS OFFICINAS DE
SERGIO AUGUSTO DE BARROS
— E ASSENTE NA DITA CASA —
NO DIA 25 DE JUNHO DE 1865 — AO MEIO DIA.

Na sessão da camara municipal de Lisboa, de 4 de dezembro de 1876, foi apresentado, a instancias minhas, pelo digno vereador dr. Joaquim José Alves, o seguinte requerimento*:

«Ill.mos e ex.mos srs. presidente e vereadores da camara municipal de Lisboa.—Diz Francisco Gomes de Amorim, morador na rua Nova do Carmo, n.º 69, que não se tendo erigido até hoje n'esta cidade nenhum monumento digno de perpetuar a memoria do grande poeta nacional João Baptista de Almeida Garrett, e confiando o supplicante na illustração e patriotismo de vv. ex.as, ousa respeitosamente lembrar-lhes que seria digno da capital do reino imitar o nobre exemplo da invicta cidade do Porto, dando a uma das ruas de Lisboa o nome d'aquelle grande homem, que a elegêra para sua residencia e n'ella falleceu.

«É certo que os melhores e mais duradouros padrões que recordam na terra a passagem do genio são as suas proprias obras; porém, as demonstrações de admiração e reconhecimento honram tanto as nações que as dão aos seus homens illustres como a memoria d'estes. Só aos povos ignorantes e ingratos é permittido esquecerem-se dos que fizeram soar gloriosamente no espaço e no tempo a fama da sua patria.

«Emquanto, pois, a gratidão pública não se pronuncia, eternisando no bronze o maior poeta portuguez dos tempos modernos, acuda a justiça de vv. ex.as com a modesta homenagem, que tes-

* Vide *Archivo municipal*, pag. 881.

cos são já os que lêem João de Barros; e que se façam centenarios a Garrett — embora se tenham perdido os

temunhará a lembrança da cidade que tantas vezes e por tantos annos o saudou nos seus dias de gloria.

«Falleceu o poeta na rua de Santa Izabel; mas não é aquella a mais apropriada para realisar o pensamento do supplicante. A rua das Portas de Santa Catharina, ou do Chiado, desemboca na praça de Luiz de Camões, e de toda ella se avista a estatua do poeta, que outro cantor digno d'elle tornou segunda vez immortal.

«Seja essa denominada — rua Garrett, — comprehendendo em si o largo das Duas Igrejas e terminando em frente da grade do monumento.

«No dia 9 de dezembro completam-se vinte e dois annos que a morte roubou ás letras patrias o auctor de tantas obras primas. Dignem-se vv. ex.as ordenar que se commemore solemnemente esse anniversario, convidando-se os habitantes da cidade para assistirem ao baptismo da *Rua Garrett*, e os moradores d'esta para ornarem as suas janellas; e depois de imposto o novo nome pelo ex.mo sr. presidente do municipio, assistido por todos os seus illustres collegas, e pelos demais empregados da camara, complete-se o acto com uma missa por alma do fallecido, um jantar aos presos, ou por qualquer outro modo que vv. ex.as julgarem apropriado. A solemnidade poderá, permittindo-o o tempo, ser em tudo digna do primeiro municipio do reino: armando-se tribunas e palanques no largo das Duas Igrejas, convidando-se a familia real e o ministerio, a municipalidade portuense, as academias, as escolas superiores, os tribunaes, dar-se emfim a esse acto a importancia de uma demonstração verdadeiramente nacional.

«O supplicante, como o mais humilde cultor das letras portuguezas e um dos mais sinceros admiradores do sublime cantor de Camões — P. a vv. ex.as que, dignando-se attender á materia e desculpar a fórma do seu requerimento, hajam por bem mudar solemnemente no dia 9 de dezembro de 1876 o nome da rua do Chiado para o de *Rua Garrett*, com as formalidades que pareçam mais convenientes. — E. R. M.ce — Lisboa, 23 de novembro de 1876. = *Francisco Gomes de Amorim.*»

Como eu via, e vejo ainda frequentemente, mudar nomes de ruas, ás vezes sem rasão plausivel, ao menos para mim, por simples proposta de qualquer vereador, parecia-me facil de alcançar o que propunha, dados os fundamentos do meu requerimento, e di-

seus ossos — e se leiam as suas obras, como se lêem agora as de Camões?!

rigindo-me a uma camara de que era presidente um dos primeiros jornalistas portuguezes. Tinha-me esquecido unicamente de que se tratava de honrar a memoria de um grande poeta, e que estavamos em Portugal.

É costume velho, desacreditadissimo, porém seguido sempre n'este paiz, nomearem-se commissões, quando não se quer fazer aquillo que as encarregam de estudar. A camara nomeou uma commissão para dar parecer sobre o meu requerimento. E apesar de ser membro d'ella o vereador que o apresentára, previ logo que havia intenção manifesta de não se attender o pedido. A commissão fôra o primeiro alvitre que occorrêra para ganhar tempo. Entretanto passaria o dia 9, anniversario da morte do poeta. Depois se veria o meio de matar a idéa.

Todos ou quasi todos os jornaes deram noticia da apresentação do requerimento; nenhum, porém, julgou que valesse a pena apoiál-o. Ainda não tinha nascido o enthusiasmo transcendente, que d'ahi a annos se revelou por Camões; e parecia erguer-se lentamente a parede do silencio em torno do nome de Garrett. A maioria da nossa imprensa estava então muito cautelosa: não se pronunciava de leve a favor de uma coisa, sem saber se a opinião pública, que ella diz que forma, se mostrava pró ou contra. No tempo em que o auctor foi tambem obscuro jornalista, eram outros os usos; e nunca um escriptor, fosse elle nosso adversario, se viu desamparado a sustentar uma idéa boa, quanto mais não nos sendo hostil, arroteando comnosco o mesmo campo, e tratando-se de honrar a memoria do mestre de nós todos. Que importava, porém, mais ou menos uma desillusão a quem tantas tinha já tido, e teve ainda depois, n'este longo peregrinar de trinta annos por causa d'estas *Memorias?!* No dia 6, reuniu-se a commissão, e dois membros d'ella (a maioria) foram de parecer que se esperasse pela abertura de uma rua nova, para se lhe dar o nome de Garrett. Era o adiamento indefinido. No dia 7 appareceu no *Jornal do commercio* uma carta, assignada por *um lisboeta,* combatendo a minha lembrança. Apesar de absurda e pueril, e de eu poder dispensar-me de responder a argumentos que revelavam unicamente má vontade, não quiz deixar correr o negocio á revelia. Respondi portanto no mesmo dia. Mas tinha certeza de que a minha resposta não seria publicada, senão depois da resolução da camara; porque

Que importa pois a injustiça dos contemporaneos, que dura apenas momentos na contagem dos seculos?

as objecções que se me faziam eram, muito peioradas, as dos dois membros da commissão camararia.

A carta em que respondi foi entregue na redacção ás tres horas da tarde de 7 de dezembro. No dia 8, accusava-se o recebimento, e dizia-se que seria publicada no numero immediato. No dia 9, por ter sido dia santo na vespera, não havia jornal. O praso do baptismo estava por consequencia passado. Mas como só no dia 11 se reuniria a camara, e então se lhe daria conta do parecer da commissão, tambem no dia 10 não saiu a minha correspondencia, pedindo-se-me desculpa no numero d'esse dia, por causa dos muitos annuncios. No dia 11 (em que a camara se reunia), tambem não saiu o jornal, por ser segunda feira. Foi só no dia 12, depois da decisão dos camaristas, que se publicou a minha resposta!

Pobre Garrett! Até essa mesquinha homenagem (o nome de uma rua!) te chicanaram e quizeram negar, vinte e dois annos depois da tua morte, na cidade das ruas de nomes estupidos, absurdos e hediondos! Calculando, com bom fundamento, segundo fica demonstrado, a demora da publicação da minha carta, mandei copia d'ella ao dr. Alves, pedindo-lhe que a lesse em sessão, no acto de se resolver ácerca do requerimento; e elle assim o fez*. E depois de ler o communicado, acrescentou: «que pela sua parte não vê inconveniente em se satisfazer aos desejos do requerente, e conformando-se com as rasões que este... apresentára, era de opinião que a camara propozesse ao sr. governador civil, que a rua denominada Chiado, e a das Portas de Santa Catharina passe a denominar-se — rua Garrett — a exemplo do que se tem praticado em casos analogos».

«O sr. presidente disse que a commissão (de que elle era membro), que na última sessão tinha sido nomeada para emittir parecer sobre o requerimento.... posto que se pronunciasse mais por que o nome proposto fosse dado a uma nova rua, que se abrisse, todavia era de opinião que por parte da camara nenhuma objecção se devia oppôr**.»

Mandou-se o requerimento ao governador civil, para resolver como entendesse; não o acompanhou nenhuma proposta da camara; e o citado funccionario conhecia já a opinião da maioria

* *Archivo municipal*, 1876, pag. 892.

** Ibidem.

Não faço comparações, que seriam absurdas; lembro que tambem alguns criticos quizeram que a *Ullyssea,*

d'ella, e a do *Jornal do commercio;* por isso, não ousou contrariál-as: pensava do mesmo modo.

A minha carta publicou-se, acompanhada de reflexões que me causaram menos ira do que pena. Para não alargar demasiado a historia da *Rua Garrett,* não transcrevo essas considerações, nem a minha resposta, o que tudo póde ser visto por quem quizer na referida folha; mas estranhei que se dissesse ali, que «dar a uma praça ou a uma rua o nome de um personagem illustre é uma coisa insignificante, que nem honra a quem se quer honrar, nem aquelle que pretende dar honra. Perpetuar um nome illustre a par de nomes ridiculos é irrisorio».

Que logica! Se eram, e são ainda, ridiculos os nomes de tantas ruas de Lisboa, por que não os mudava o redactor e proprietario do jornal, que era presidente da camara?! Por Chiado ser... mais que ridiculo, foi que eu o fiz substituir. E é singular que, segundo o dizer do jornalista, o nome de Garrett, posto áquella rua, não honrasse nem fosse honrado, mas que succedesse o contrário desde que se désse a uma rua nova — para as kalendas gregas!

Ignorava o auctor de tão luminosas considerações que é costume vulgarissimo em todos os paizes pôr os nomes dos grandes homens ás ruas; e que só Lisboa tem estado condemnada a ter nas suas, denominações que parecem postas e conservadas por idiotas! Desgraçadamente, n'este paiz combate-se sempre toda a idéa que não seja nossa ou dos nossos intimos. Ainda que se reconheça que, levada á prática, salvaria o paiz da miseria e do opprobrio ninguem a acolherá facilmente; teremos de travar lucta com os proprios que mais aproveitam com os fructos do nosso trabalho; ha de malquistar-nos a inveja, perseguir-nos o odio, ferir-nos a calúmnia, em recompensa das nossas noites perdidas, da saude arruinada, do encurtamento da vida!... Se vimos como em 1851 os empregados publicos agradeciam ao governo o beneficio de lhes pôr os pagamentos em dia, que admira que me chacoteassem a mim, por querer prestar homenagem á memoria de um morto?! O que poderia estranhar-se era que a opposição partisse da imprensa...

O governador civil não despachou o meu requerimento. Escrevi-lhe, respeitosa e delicadamente, quasi com humildade; respondeu-me que não fazia obra pelo pedido de um cidadão; que precisava de 'uma manifestação'; que a camara dissera que não se

de Gabriel Pereira de Castro, fosse poema bem mais perfeito do que os *Lusiadas;* que José Agostinho, e ou-

oppunha, mas que não bastava isso; e que não faria a mudança, sem que a camara a pedisse, etc., etc. Insisti; não respondeu mais! Devo, comtudo, confessar que, apesar da evidente má vontade d'aquelle funccionario, foi a camara que o collocou em terreno hostil, não fazendo a proposta sua. Escrevi ao ministro do reino; fiz projectos para serem presentes ás côrtes; e empenhei pelo assumpto todos os meus amigos. Tempo perdido!

Quando me convenci de que pelos caminhos legaes nada conseguiria, desisti de teimar. Notava-se já que eu fazia barulho demasiado para tão pequenina coisa. De facto, a consagração de uma rua a tão grande nome é tributo bem miseravel! E comtudo, nem esse queriam conceder-lhe!...

Fiz correr pelas lojas do... Chiado um papel, pedindo assignaturas, a favor da minha idéa. As pessoas que se incumbiram de o apresentar tiveram discussões incriveis com diversos lojistas.

— Quem foi Garrett? — lhes perguntavam, com boçal ingenuidade.

— Ah! o senhor não sabe?! Talvez ignore tambem que *Chiado,* para os francezes... E que muitas pessoas delicadas teem visivel repugnancia de pronunciar tão grosseira palavra?

Os sujeitos punham, rosnando, os pés á parede, e não assignavam. Outros, assanhados só com a idéa de se lhes querer substituir o titulo immundo pelo nome glorioso, grunhiam:

— Garrett?! Que fez elle?!

— Botas — respondiam os pretendentes, saindo desapontados, e aborrecidos de luctar com a ignorancia.

Descoraçoado e indignado ao mesmo tempo, perdi a serenidade e paciencia, de que dei enormissimas provas, aturando duzias de malcreados com quem tive de tratar, no decurso d'estas memorias, e escrevi versos, que talvez um dia appareçam, mas que o respeito pela memoria de Garrett me não permitte deixar aqui estampados.

Para não avolumar, deixo de fóra muitos outros documentos interessantes, que todavia acharão opportunamente collocação n'outra parte. O mais singular de toda esta... *chiadeira,* é que parte dos que se refocilavam, chafurdando no antigo nome, quando se manifestou o movimento de enthusiasmo postiço por Camões, que elles conhecem, se é possivel, ainda menos do que conheciam Garrett,

tros, pretenderam desthronar Camões... e ninguem quasi conhece hoje a *Ullyssea*, não lê Macedo, nem os

correram á camara municipal, fingindo ter lido e entendido os *Lusiadas*, e, parodiando o meu pensamento, requereram que o Chiado passasse a chamar-se «rua de Luiz de Camões»*!

Logo que pude pensar a sangue frio no assumpto, recobrei novo alento. Como a minha vida tem sido de lucta constante, desde a idade dos dez annos, e n'essa mesma lucta retemperei sempre as forças da alma, para continuál-a, não podia agora, sem cobardia e indignidade, ceder o passo á ignorancia e malevolencia. A melhor vingança a tirar dos que tudo querem impedir é triumphar d'elles. Quando o homem tem vontade, e a applica a querer uma coisa justa, Deus collabora com elle. Esperemos. Encolhi-me, silencioso, aguardando melhor opportunidade. Tinha esgotado os meios directos e legaes, a peito descoberto; escrevêra materia que daria um livro de 200 paginas. Riram-se da minha lembrança e desejo. Ficava-me o direito de proceder d'ali por diante como entendesse.— *Rira bien qui rira le dernier* — dizem os francezes.

Passaram tres annos e meio. A imprensa, que não se dignára apoiar o meu requerimento, sentiu-se subitamente atacada de enthusiasmo delirante por Camões. Communicou a sua febre á capital, ao paiz inteiro. Para se apreciar o valor de tão ardente admiração, basta citar-se um facto, unico, certamente, na historia de todas as admirações e enthusiasmos: levaram-se em procissão, com a maxima solemnidade, desde o velho convento de Sant'Anna até ao Arsenal, e d'ali, n'uma esquadrilha de vapores, ao caes de Belem, e metteram-se no venerando templo dos Jeronymos, dentro de um caixão, ossos, com que se poderiam compor varios esqueletos — até de mulheres — e dizia-se, em voz alta, que eram os restos do immortal auctor dos *Lusiadas!* Pela bôca pequena, affirmavam todos serem despojos de sapateiros e de freiras! De tantos milhares de pessoas, de todas as classes, que ajudaram a fazer e a representar essa indigna farça, nenhuma ignorava a verdade. Deixaram ir o rei e a rainha pôr corôas no caixão das madres de Sant'Anna e dos confrades de S. Chrispim, bem como no de um Vasco da Gama, igualmente apocrypho; e ninguem, na imprensa, ergueu a voz para impedir isto! Ainda mais: negou-se logar a quem quiz impedíl-o! Apenas uma sociedade scientifica, por instan-

* *Archivo municipal*, 1880, pag. 322.

outros detractores do grande épico, ao passo que as edições dos *Lusiadas* se succedem sem interrupção, e

cias que eu fiz a um de seus membros, encetou a questão, mostrando a necessidade de se examinarem os ossos, antes da procissão; e n'este sentido officiou a outra corporação sábia. Esta julgou prudente atabafar o negocio, dizendo «que deixassem ir tudo na fé dos padrinhos»!

Deixou-se ir. Proseguiu o ruido enthusiastico, as musicas, os foguetes e salvas, as illuminações esplendidas, os discursos eloquentes, os versos, que eu tambem fiz, sem ter nenhuma admiração postiça, mas simplesmente com a que sempre tivera e tenho ainda hoje. Passada a onda de papelão pintado, pareceu conveniente *nomear-se uma commissão para ir procurar os ossos de Camões ao convento de Sant'Anna!* E nomeou-se! E ella, conscia da immensa responsabilidade que lhe cabia, depois dos estupendos factos que acabo de narrar, procurou, trabalhou com zêlo, consciencia e probidade, com todas as qualidades e virtudes de que se vêem já tão raros exemplos n'esta terra. Findos os seus estudos fez d'elles extenso e perfeito relatorio, provando, á luz da mais sensata e rigorosa critica, que os restos do immortal cantor das nossas glorias tinham sido tirados desde muitos annos, talvez que até com intuitos criminosos, do logar onde fôra a sua verdadeira sepultura; e que estavam perdidos para sempre*. Entretanto, póde ir ver quem quizer — se não os foram tirar já de lá, á capucha, os caixões depositados no mosteiro de Belem, dos quaes se affirmou officialmente que conteem os restos de Camões e os de Vasco da Gama!**

É claro, em vista d'isto, que quasi ninguem podia preoccupar-se com o meu empenho de dar uma rua a Garrett. Mas, só quem fosse mais tolo do que rasoavelmente é permittido a qualquer, se não saberia aproveitar d'este momento, unico na historia de um povo decadente. Eu estava de atalaia. Esperei que a ebriedade produzida pelo delirio camoneano chegasse ao seu cumulo, e logo que se deu o momento da crise, no dia 3 de junho, escrevi ao meu amigo dr. Joaquim José Alves, que por fortuna estava novamente

* Vi esse interessantissimo documento, que é o trabalho de maior criterio e consciencia que se tem feito sobre a busca dos ossos de Camões. Por elle se reconhece que nenhuma das commissões anteriores procurára no logar verdadeiro; mas ainda mesmo que os tivesse buscado n'esse, já não os encontraria.

** Ha poucos dias (escrevo em julho de 1884) disse um jornal, que se tinham achado agora os verdadeiros restos de Vasco da Gama!

cada vez cresce mais a admiração pelo peregrino engenho que os produziu e executou! Sabem porque?

na camara. Tenho á vista a minuta da carta, que julguei dever guardar até agora, porém que não publico, para não aggravar o procedimento dos adversarios da rua Garrett.

N'ella expliquei o meu plano ao que, por bondade, se tornou meu cumplice. Tinha-se publicado n'esse dia o programma dos festejos da camara, no qual Garrett não fôra lembrado para nada, é claro; e eu sabia portanto que já não ía a tempo de se introduzir n'esse programma o baptismo da rua. Embora: o essencial era apanhar a occasião no vôo, por surpreza. Pedi que não se fallasse no meu requerimento, nem sequer no meu nome, para não assanhar ninguem.

O dr. Alves procedeu como homem prático: só quasi no fim da sessão, disse que «pedia licença á camara para apresentar uma proposta de iniciativa sua, igual á que apresentára em 1876, para que a rua do Chiado passe a denominar-se — Rua Garrett. — Acrescentou que o pensamento devia ser sympathico, tanto mais que consultando alguns dos seus collegas, não tiveram dúvida em a assignar, tal era a justiça da causa. «Sendo hoje das attribuições da camara a denominação das ruas, esperava que ella, em homenagem ao principe dos poetas, approvasse a proposta, que era mais um signal de gratidão para com Garrett, esse portuguez e poeta illustre, que mais honrou Luiz de Camões, cujo centenario a nação inteira prestes ía commemorar». Em seguida leu a proposta.

«... Effectivamente, senhores, como homenagem ao grande poeta, não devemos esquecer n'este dia um grande engenho, outro poeta portuguez, Almeida Garrett, que levantou a Camões o mais imperecedouro dos monumentos, celebrando o seu poema. Este feito digno do maior respeito, induz-me, interpretando os sentimentos da camara, a apresentar a seguinte proposta, que desejo seja mais da camara do que minha: Proponho que o espaço comprehendido entre a rua do Chiado desde o hotel — Gibraltar — (hoje, Universal) até ao gradeamento que fecha a estatua de Luiz de Camões passe a denominar-se — Rua Garrett.

«Camara, 7 de junho de 1880. = *Dr. J. J. Alves* = *Joaquim Namorado* = *Theophilo Ferreira* = *Antonio Ignacio da Fonseca* = *Visconde de Carriche* = *V. E. Braga* = *Joaquim Maria Osorio.*» — Esta proposta foi unanimemente approvada *.»

* *Archivo municipal*, 1880, pag. 321 e 322.

Porque não são os criticos nos seus gabinetes, os amigos associados, ou os governos inconscientes que fa-

Dez minutos depois recebia eu a noticia, transmittida pelo illustre pintor José Ferreira Chaves, com esta concisão telegraphica:

«Está votada a Rua Garrett. Parabens!»

E logo em seguida chegava tambem a participação do benemerito cidadão, que se fizera commigo conspirador *pro-Garrett*. Dizia assim:

«Meu querido amigo. — Está votada a transformação da rua do Chiado: grandes foram as difficuldades para o conseguir.

«Sirva-lhe esta noticia de satisfação. Irei pessoalmente contar-lhe as peripecias que se deram, etc., etc. — De v. am.º, etc. — Lisboa, 7 de junho de 1880. = *J. J. Alves.*»

Era caso para dar *vivas* a Camões! Se não fosse elle, talvez que eu esperasse ainda hoje pela mudança. Do intimo d'alma me senti agradecido á imprensa, que, sem querer, fez triumphar a minha idéa, celebrando o terceiro centenario da morte do grande épico. Não sei, porém, se alguns jornaes se despeitaram, quando deram por isso, a ponto de continuarem a chamar Chiado á rua que, já agora, apesar da manifesta má vontade dos que deveriam tel-a boa, se chamará sempre Rua Garrett.

Sabido o triumpho, soltaram-se rugidos de colera furibunda. Pensou-se em fazer com que a camara reconsiderasse; e pediu-se o edital, que não estava ainda affixado! Felizmente, mão amiga apressára-se a pôl-o no *Diario do governo;* não se podia já evitar o baptismo, sem grandissimo escandalo.

Diz assim o

Edital

«José Gregorio da Rosa Araujo, presidente da camara municipal de Lisboa

«Faço saber que a mesma camara, na sessão de 7 do corrente mez, em virtude da attribuição que lhe confere o n.º 28 do artigo 103.º do codigo administrativo, resolveu:

«1.º Que a rua do Chiado, em todo o seu prolongamento até á praça de Luiz de Camões, passe a denominar-se — rua Garrett.

«2.º (Que infeliz idéa foi a de juntar aqui este 2.º!) Que a travessa Nova do Desterro tenha a denominação de — rua Nova do Desterro.

zem as reputações; não é quem quer que decreta a immortalidade ou que mata com o seu silencio os que

«E para conhecimento de todos mandei publicar o presente, que será affixado nos logares do costume.

«Lisboa, paços do concelho, em 14 de junho de 1880. = *José Gregorio da Rosa Araujo* *».

Sou filho da imprensa e da liberdade; amo com todas as forças da minha alma essas duas instituições, e os homens que, com amor e lealdade, lidam pelos progressos d'ellas; por isso não podia deixar de doer-me que os jornaes fizessem tão pouco caso da minha pretensão, para se mudar o nome do Chiado, não por mim, mas por Garrett. Protesto, todavia, outra vez que, narrando estes factos, não tive intenção de offender pessoalmente alguem. Louvo com sinceridade a camara, que praticou esse pequeno acto de justiça; e se houver quem individualmente se aggrave das minhas idéas ou das minhas palavras, peço-lhe perdão d'essa falta involuntaria. É certo que pensei em punir os que offenderam com a sua ignorancia indocil o senso commum; porém a esses mesmos não quero mal, porque não sabem o que fizeram.

A imprensa, assim como não dera voto ao meu requerimento, tambem não applaudiu os resultados d'elle; e, como já disse, parte d'ella continúa, conjunctamente com os «marialvas» a usar do lindo vocabulo — Chiado. — Não sei se os proprios parentes do poeta fazem o mesmo. Não tive noticia de que algum me approvasse. Antes houve um, não proximo, porém meu amigo, muito illustrado, que, em vez de louvar, veiu á imprensa descompor a camara, que eu tive de defender, por causa da mudança **.

Um unico escriptor, que eu saiba, ousou applaudir-me. É verdade que não é redactor de nenhum jornal portuguez. Foi J. J. Mendes Cavalleiro, na sua «Correspondencia de Lisboa» para o *Diario*

* Dois annos depois, lia-se nos jornaes de Lisboa:

«O sr. vereador Leça da Veiga disse em sessão municipal, que pelo edital de 14 de junho de 1880, passou a denominar-se rua Garrett a rua do Chiado em todo o seu prolongamento até á praça de Luiz de Camões; mas não ficou bem explicito que n'este prolongamento se incluia a antiga praça do Loreto.

«Propunha, pois, ficasse consignado que a rua do Chiado em todo o seu prolongamento até á praça de Luiz de Camões, comprehendendo a antiga praça do Loreto, ficasse denominando-se rua Garrett. Foi approvado.» *(Commercio de Portugal,* de Lisboa, sexta feira, 15 de dezembro de 1882.)

Todos os jornaes deram esta noticia, menos um, que se abstem sempre que póde de chamar *rua Garrett... á rua Garrett.*

** Veja folhetim do jornal *O Progresso,* de Lisboa, do dia 1 de julho de 1880.

Deus fez nascer grandes e que o tempo torna cada vez maiores.

do Grão Pará, de 10 de junho de 1880. Dizia assim: «Está finalmente realisada uma velha e digna pretensão do nosso bom amigo e confrade Francisco Gomes de Amorim. A esplendida rua do Chiado acaba de ser chrismada em rua Garrett, graças aos seus esforços e á sua incansavel solicitude. Como se sabe, esta rua desemboca na praça de Luiz de Camões, onde se ergue triumphante a estatua do immortal poeta; fica portanto ali bem a rua consagrada a Garrett, o sublime cantor de Camões, o que lhe ergueu, primeiro que ninguem, o mais perduravel e o mais formoso monumento, no mais bello livro, que, depois dos *Lusiadas,* se tem escripto em portuguez. Que alma e que coração possue Gomes de Amorim! O discipulo não se esquece do mestre! Mostrar-se grato ao patrocinio do grande poeta e honrar-lhe a memoria, é o seu cuidado, o seu pensamento constante. Bem haja quem assim procede».

Desculpe-me o leitor benevolo a immodestia da transcripção. Mas... que diabo! Este pedaço de pão de ló não me sabe nada mal; e parece-me que tenho algum direito a elle, depois de tantas semsaborias, de tantas cartas cobardes, com descomposturas anonymas; de tantas rosnaduras atraz das portas; tantas dentadas na minha sombra, dadas por cães que ladram á de Garrett! Consinta-se, pois, que, por esta vez ao menos, um homem que a amisade cega, me ache uma alma e um coração... differentes dos das bestas.

Resumamos as provas de reconhecimento dadas ao poeta: uma rua, no Porto, e uma inscripção commemorativa na casa da rua do Calvario, n.os 37, 39 e 41 (modernos), onde teve logar o seu nascimento; um busto, em marmore, com residencia intermittente no salão do theatro de D. Maria II, em Lisboa; uma inscripção e uma lyra na casa da rua de Santa Izabel, n.º 78 (moderno), commemorando o seu fallecimento; e a rua que desemboca em frente da estatua de Camões. Ha tambem na capital o theatro *Garrett* (particular). E não deve ignorar-se que o primoroso esculptor José Simões de Almeida Junior, tão modesto quanto digno de celebridade, lhe fez um medalhão, de meio perfil, pelo processo galvano-plastico, auxiliado pelo melhor retrato que possuo (e pela minha memoria), o qual faz muita honra ao talentoso artista. Alguns retratos, quasi todos mediocres; varios jornaes, que não teem passado dos primeiros numeros — eis tudo... Não; é

XI

O presente capitulo devia terminar com as últimas palavras do numero x; mas occorreu-me um facto, e tenho preciso não esquecer a unica homenagem espontanea prestada pela camara municipal de Lisboa, que tendo consagrado as quatro paredes principaes da melhor sala dos seus opulentos paços aos retratos de Fernandes Thomaz, Mousinho da Silveira, Alexandre Herculano, e José Estevão, só concedeu a Garrett logar na sanca ou cimalha, entre varões, illustres, sim, mas inferiores a elle. Por aqui se vê com que vontade e com que conhecimento de causa parte da vereação que praticou este acto mudaria o nome de Chiado para o de rua Garrett!

Mas tal é o podêr da verdade que, mesmo inconscientemente, e sem querer, a camara fez justiça, collocando acima dos citados o retrato d'aquelle que effectivamente deve ser posto sempre superior a todos os do seu tempo em Portugal. Que importa que a má vontade ou a ignorancia lhe collocasse aos lados os que deviam estar abaixo? Por esse procedimento provou a camara que não havia no seu seio quem conhecesse o padrão por onde se afere a grandeza do genio *.

Vemos, portanto, que as demonstrações de apreço, á memoria do cantor immortal, se podem considerar todas de iniciativa particular. Dos governos nem sombra de homenagem! D. Pedro, o duque da Terceira, José Estevão, Passos Manuel, Sá da Bandeira, o conde das Antas, e outros, teem estatuas, uns nas praças públicas, outros no sepulchro. Prepara-se o monumento de Herculano, e as suas cinzas repousarão, com assaz de justiça, no mosteiro de Belem. E o grande poeta do cyclo liberal espera, em tumulo de emprestimo, que decorram trezentos annos, para que esta portugueza 'raça de ingratos' lhe faça o que fez por Camões, depois de perdidos os seus restos! Sobre todos os governos d'esta terra ha de recair essa perda, como ignominia eterna, se antes d'ella não houver no parlamento uma voz que se levante na camara dos deputados e faça passar uma lei que obrigue a transportál-os immediatamente para o templo de Belem, onde deviam estar desde muito em condigno monumento.

* No dia 7 de junho d'este anno da graça de 1884, lia-se nos jornaes de Lisboa, que sob proposta de um sr. vereador resolvêra a camara mandar collocar na casa onde morreu D. Antonia Pusich uma lapide com a seguinte inscripção: «N'esta casa falleceu a illustre escriptora e poetisa D. Antonia Pusich, que muito honrou a patria com o seu talento». É unico!

á vista uma carta, que deixei de transcrever no logar competente, com os quaes desejo encerrál-o. Garrett até fez de Herculano e de Castilho auctores dramaticos! Foi tal a sua influencia com a creação do conservatorio, que não houve quasi pessoa nenhuma que soubesse escrever a quem elle não obrigasse a compor uma peça! Desgostaram-n'o, demittiram-n'o e annullaram-lhe a sua obra gigante; mas a auctoridade do reformador ficou tão indiscutida, que uma noite, no theatro normal, acabando Emilia das Neves de recitar muito bem uma poesia, que foi ouvida com indifferença, elle gritou, indignado, debruçando-se da frisa onde estava:

— Applaudam, barbaros!

E todos romperam em acclamações á artista!

Agora, a carta, que é outra lição eloquente. Copio-a da *Revista litteraria,* do Porto, vol. VIII, pag. 182. Foi dirigida a Antonio Maria de Sousa Lobo.

«Lisboa, 12 de novembro de 1841.

«Illmo sr. e amigo. — Agradeço-lhe muito a lembrança de me querer dedicar o seu *Emparedado.* Mas veja o que faz, que não fade mal a creança dar-lhe tão mau padrinho. Não que lh'o não mereça eu; porque tenho muito amor ao rapaz. É a idéa mais tragica, mais dramatica de quantas ahi teem vindo á scena. Bem se lembrará que sempre lh'o disse, e a inveja que lhe tinha. Quem é capaz de ter d'essas idéas, tem o *Drama* na cabeça, tem a poesia da scena no engenho. E isto é o que se não dá nem aprende: as fórmas sim, e as fórmas conhece v. s.ª melhor que ninguem, que só o uso do theatro, e tambem o uso do mundo, o estudo do homem e da sociedade as póde aperfeiçoar. Vive o theatro a maior parte da sua vida d'ellas; mas pouco aproveitam a quem não tem aquell'outro cabedal.

«Tomára eu já ver as irmãs do *Emparedado;* porque sei que o sangue é o mesmo, e que o molde saíu mais perfeito.

«Trabalhe, ande; que deve, porque póde. Eu tenho fé no theatro — no theatro verdadeiramente nacional, para a civilisação d'esta nossa terra.

«Muitas vezes tenho pensado e creio, que os *Lusiadas* teem sido melhor cidadella para defender a independencia d'este nosso reininho, do que o forte da Graça, e a torre de S. Julião. Pois para o illustrar hão de fazer tambem mais os dramas nacionaes, que lhe fallem do que foi — que o corrijam do que é — que lhe apontem o que póde ser, do que as pregações dos nossos jornaes — ou os nossos palratorios, e *legislatorios* de S. Bento.

«Andemos com a missão por diante, que é nobre e generosa, e deixemos dar vaias aos tolos, ou mofar os *superciliosos* patetas, que realmente cuidam que são alguma coisa porque os vomitou a baleia da urna n'esta nossa Ninive peccadora, onde nenhuma *conversão* fazem — só se fôr de fundos para maior gloria de suas illustres algibeiras. Acabo aqui porque se acabou o papel; que eu estava com *corda* para dar muita hora

Das que chamam successivas

diz o nosso Sá de Miranda.

«Tenha saude e trabalhe, que lh'o desejo e peço eu, que sou — De v. s.ª amigo criado = *J. B. d'Almeida Garrett.*»

XVII

La literatura portuguesa en el siglo XIX, por D. Antonio Romero Ortiz. — Opiniões absurdas. — Pareceres de G. Veggezzi Ruscalla, Pereira da Silva, e Fernandes Pinheiro. — Segundo Ortiz, deviam ser queimadas as *Folhas caídas!* — Critica em Portugal. — Rasão, e falta d'ella. — Ainda Garrett e José Estevão. — Equivoco, ácerca de classicos e romanticos. — Testemunhos numerosos que eu podia oppor a dois ou tres votos parciaes. — Limito-me ás opiniões de alguns portuguezes.— Desfilar solemne dos que depõem n'esta causa, em nome da verdade e da justiça. — José Maria Latino Coelho. — Camillo Castello Branco. — Manuel Joaquim Pinheiro Chagas. — Antonio da Silva Tullio. — Antonio Pedro Lopes de Mendonça. — José da Silva Mendes Leal. — I. F. Silveira da Motta. — Dr. Theophilo Braga. — Luiz Augusto Rebello da Silva. — Raymundo Antonio de Bulhão Pato. — Antonio Pereira da Cunha. — Antonio Feliciano de Castilho. — Confissão do processado. — Não bastará, para convencer de seu erro os que comparam Herculano a Camões? — Sobre a cabeça do último sobrevivente accumulou-se a admiração, que d'antes se repartia por tres. — Derradeiras reflexões ácerca dos trabalhos de Herculano e dos de Garrett. — Porque não será este tão universalmente conhecido como Camões. — A outro critico, a proposito do que chamou *sensiblerie* de Garrett, nota. — Identidade de sentimentos e intuitos entre o auctor de *Camões* e o dos *Lusiadas*. — O que coube a cada um. — Estrophe de Paulina de Flaugergues, a respeito de ambos. — Parallelo do nosso auctor com Ovidio e com Cicero. — Eschynes e Demosthenes. — O que foi João Baptista de Almeida Garrett em todos os ramos da litteratura. — Nota, sobre a oração funebre de Manuel Fernandes Thomás.

I

Depois do livro do critico portuguez, que com a mais clamante injustiça desdenhou Garrett, cumpre citar outro, hespanhol, igualmente apaixonado, que se publicou muito antes d'aquelle. Refiro-me a *La literatura portuguesa en el siglo* XIX (Madrid, 1870), por D. Antonio Romero Ortiz[1]. N'essa obra, aliás digna da gratidão dos

[1] Fallecido n'este anno de 1884, deixando enlutadas as letras castelhanas, de que era cultor primoroso, e eterna saudade aos seus amigos, em o numero dos quaes se inclue o auctor, que nas suas memorias consagrará áquelle sabio algumas linhas affectuosas.

portuguezes, sente-se que quem ministrava apontamentos ao auctor era destituido de senso commum. Do contrário não o faria metter entre Camões e Rodrigues Lobo, um pobre ponto de theatro chamado Ricardo José Fortuna, auctor de insulsas farças! Considerando por vezes Garrett como escriptor de segunda ordem (!) acha que *Frei Luiz de Sousa*, a obra de theatro mais perfeita que se conhece, só «alcançaria fama immortal se tivesse presidido á sua concepção um pensamento mais philosophico». Quão diverso é o juizo de todos os demais criticos estrangeiros! Bastaria mencionar o de outro illustre amigo dos portuguezes, G. Vegezzi Ruscalla, que no jornal *Magazin für die Litteratur des Auslandes*, de Berlim, escrevêra, em o numero de janeiro de 1852, uma extensa noticia de Garrett e das suas obras; e outra na *Cornelia*, revista de Florença, de 1 de novembro de 1873, na qual diz (pag. 180), que «Portugal tem no auctor de *Frei Luiz* o seu Goethe, o seu Byron, o seu Lamartine e o seu Manzoni». E acrescenta: «Questo drama *(Frei Luiz)* è un vero capolavoro; Pereira da Silva (que, como já provei, parece não ser muito affeiçoado ao auctor) lo riconosce di merito ugualle all' *Egmont*, di Goethe; ed il professore brasiliano Fernandes Pinheiro, nel suo corso di letteratura nazionale cosi si esprime a pag. 524: «Questo drama é un opera monumentale, una di quelle produzioni dell'ingegno umano che collocano di subito i loro autori nel Pantheon dell'immortalità[1]».

Mais severo ainda é o parecer de Romero Ortiz sobre as *Folhas caidas*, lamentando que o auctor não as queimasse! Diz que a critica litteraria, em Portugal mais que em qualquer outro paiz, desce com frequencia até á injuria desaforada, ao vituperio cynico e escandaloso. «O inclito auctor da *Merope* e *Frei Luiz de Sousa* baixou á sepul-

[1] *Cornelia, rivista letteraria educativa*, Firenze, 1873, pag. 181.

tura escarnecido, humilhado, e envergonhado com os ultrages de que foi alvo em uma satyra torpe e grosseira».

Refere-se á parodia das *Folhas caidas,* que Garrett não viu nunca.

No que diz da poesia os *Amantes generosos* tem rasão sobeja, e oxalá que não podessem fazer-se a Garrett mais algumas censuras do mesmo genero! Igualmente a tem n'outras partes, menos onde assevera que o *Arco de Sant'Anna* é inferior aos romances de Rebello da Silva, Mendes Leal e Andrade Corvo. O merito, não contestado, d'estes escriptores pareceria duvidoso, se tivesse de apoiar-se n'essa supposta superioridade. Deixemos a cada um o logar que lhe pertence. Não entendeu as *Viagens na minha terra,* thesouro de linguagem, que um estrangeiro difficilmente apreciará. A lingua hespanhola, rica, onomatopaica e harmoniosa, parece-me que não se presta tanto para as evoluções delicadas, os torneados de phrase e os rendilhados a que se presta a nossa, quando manejada por artista da força de Garrett. Se a 'menina dos rouxinoes' lhe pareceu conto pesadissimo, nunca em Portugal foi essa a opinião dos entendidos.

Penso que não póde haver parallelo entre José Estevão e Garrett, segundo em seu logar mostrei, visto que aquelle era mais para se ouvir, e este para se ouvir e se ler, sobretudo quando, depois de meditar o discurso, ornava com as graças de Cicero a vehemencia de Demosthenes. Todos os erros de apreciação de Romero Ortiz ficam destruidos pelos factos narrados n'estas memorias. Nos trabalhos de Garrett não se notam hesitações entre classicos e romanticos; o que ali diz frequentemente o auctor é que os romanticos, filhos da sua iniciativa, em Portugal, passaram além da méta; e que elle quasi se arrependia da vaccina que tinha feito, porque em caso nenhum queria a desordem e a

anarchia. A liberdade que proclamou não era a licença. Não sei quaes são os 'engenhos mais afortunados' que se levantaram depois do nosso auctor, no terreno que elle deixou preparado. Tambem não foi Lopes de Mendonça, mas sim Rebello da Silva, quem disse que Garrett 'não era só um litterato, mas uma litteratura inteira'.

Amicus Plato, sed magis amica veritas [1].

II

Ao voto desfavoravel ou condicional de dois ou tres criticos, poderia eu oppor dezenas de testemunhos, nacionaes e estrangeiros, que acceitaram sem discussão a supremacia do nosso poeta na litteratura portugueza. Mas careceria para isso de outros tres volumes. Na impossibilidade de me arriscar a tal empreza, limito as transcripções, recorrendo ao parecer insuspeito de alguns contemporaneos, que tenho mais á mão, e dando preferencia a portuguezes. Citei-os, sem ordem de precedencias, á medida que os encontrava nos meus apontamentos, para virem depor n'este processo de glorificação, antes de conclusos os autos que teem de ser presentes ao juizo da posteridade. Este desfilar solemne dos grandes escriptores de uma epocha, passando reverentes diante do immortal cantor que lhes foi pharol na vida, será cortejo digno em tudo da sua gloria. Inclinemo-nos respeitosos, saudando-os na passagem, em nome do porvir, que elles vão esclarecer com o seu depoimento; em nome da patria, nem sempre agradecida; e, sobretudo, em

[1] Estes reparos, escriptos para serem vistos pelo meu fallecido amigo Romero Ortiz, foram profundamente modificados depois da sua morte, conservando-se apenas o que era indispensavel para não induzir em erro os que lerem a sua critica.

nome da verdade e da justiça, das quaes são venerandos sacerdotes e apostolos.

III

José Maria Latino Coelho: «Opprime-nos uma grande dor, mas conforta-nos uma invejavel consolação. Perdemos o homem grande, mas tivemos a ventura de nascer na sua idade, e de admirar ainda vivo aquelle que a posteridade saudará pelos gloriosos monumentos que levantou a Portugal. É um orgulho generoso este que devemos sentir todos os que assistimos á esplendida alvorada d'aquelle genio, ao robustecer d'aquelle choupo gigante, ao quebrar d'aquelle vaso de eleição em que a Providencia se comprazeu de encerrar todas as graças da imaginação e todas as formosuras do talento.»

«... O poeta tomára, á similhança de Camões, em prol da sua patria, n'uma das mãos a lyra dos cantos nacionaes, e na outra a espingarda de voluntario.» «... um dos monarchas do talento descêra a arrolar-se sob as bandeiras do imperador, ao lado dos mais humildes conscriptos de Portugal.»

«Quando uma idéa nova tem de ser diffundida pela Providencia n'um povo só ou por toda a humanidade, nasce um homem que a formúla na creação do genio, e que a propaga pela fascinação da palavra eloquente. Ha o que quer que seja de fatal e de despotico em todas as revoluções operadas pelo talento. Um homem, só pelo influxo da idéa que representa, e pela magestade do genio que revela, impera sobre as multidões e impõe-lhes a nobre servidão a uma idéa nova, que as turbas congregadas nunca poderiam descobrir. E que esplendida, que formosa não é esta dominação pacifica das intelligencias superiores sobre o commum das mais intelligencias! Que

jugo tão brando, e tão facil de acceitar! Que vigor de talento para conceber; que omnipotencia de palavra para convencer e generalisar! Um homem novo surge de repente no meio do seu paiz. A principio lampeja uns fulgores indecisos que já alumiam, sem deslumbrar. O luzeiro resplende mais vivo, e faisca centelhas que fascinam. Mais tarde é o sol que se levanta quasi sem aurora, e que offusca nas ondas da sua luz purissima os talentos inferiores, que apenas bruxeleiavam na penumbra. Este homem chama-se Garrett. Diante d'elle as convenções poeticas retiram-se envergonhadas, e a arte verdadeira esvoaça-lhe em tôrno, afagando-o como o seu dilecto, e inspirando-o como o seu evangelisador. É elle quem inaugura para as letras portuguezas o seculo XIX, como quasi ao mesmo tempo este seculo nasce para o povo portuguez com o primeiro brado da revolução e da liberdade. As camenas pagãs é elle que as torna profanas sem as desautorar, erguendo sobre as azas da poesia restaurada a melancolia e a castidade da musa christã e nacional.

«Não foi apenas um poeta que no meio das pompas funebres e das ceremonias mortuarias desceu ao tumulo. Foi uma epocha que se encerrou[1].»

IV

Camillo Castello Branco, no seu livro *Coisas leves e pesadas:*

«Eram admiraveis os recursos do vocabulario de Garrett. Sabia dizer tudo em lingua purissima dos que melhor a escreveram n'esta terra. Se, porém, a idéa nova sincava na impropriedade do termo usual, o accusado

[1] *Panorama*, tomo XII, de pag. 162 em diante.

escriptor enxertava a palavra estranha, e o mesmo era dar-lhe fôro de portugueza. Se n'estas liberdades se demasiava alguma vez, era preciso acceitar-lhe o capricho, porque não havia audacia que lhe pedisse contas, vista a immaculada dicção das suas obras mais consideradas.

«O visconde de Almeida Garrett na sua provincia litteraria não tinha emulo.»

E no seu estudo sobre Camões, publicado na ultima edição do poema de Garrett (Porto, 1880): «Garrett fez uma apotheose ao genio, e a si se ungiu ao mesmo tempo principe reinante na dynastia dos poetas portuguezes, creando aquella incomparavel maravilha litteraria. Ensinou a sua geração sentimental a ver a corporatura agigantada do poeta que a critica facciosa de Verney e do padre José Agostinho apoucára a uma estatura pouco mais que regular[1].»

V

Manuel Pinheiro Chagas, no folhetim do *Jornal do commercio*, de Lisboa, de 17 de novembro de 1868:

«...Garrett foi grande, grande pelo seu genio, grande pela nacionalissima significação de sua obra vasta e maravilhosa. O seu nome já agora não se póde separar do de Camões; não os uniu só a fraternidade do talento, e a sublime inspiração que fez de Garrett o cantor, e de Camões o heroe do novo poema romantico; mas se a epopeia de Camões affirma n'um brado grandioso a nacionalidade portugueza no momento em que ella expira, a obra de Garrett não é mais do que a affirmação esplendida d'essa nacionalidade, que resurge ao toque magico da liberdade. Aquelle, quando o sol da patria se afoga n'um

[1] Pag. XXXVI.

crepusculo sanguineo, brilha como a estrella Vesper no céu já desmaiado pelas sombras da tarde; este, quando o sol da nova idéa desponta no horisonte, brilha como a estrella da manhã no firmamento alvorecido de suavissimos clarões. Aquelle é o esculptor que lavra as estatuas para o tumulo de um povo, este o Pygmalião que lhes dá fogo e vida...» «Por isso essas duas figuras são na litteratura a fiel expressão da nacionalidade portugueza.» «...Se Camões enfeixou no seu poema grandioso, mau grado as regras da epopeia, todas as glorias portuguezas, não houve tambem grande epocha da nossa historia que Almeida Garrett não trouxesse á luz do proscenio: pintou no *Alfageme* a epocha brilhante de D. João I, no *Auto de Gil Vicente* a esplendida quadra de D. Manuel, em *D. Filippa de Vilhena* a reivindicação da independencia, na *Sobrinha do marquez* a aurora da civilisação, que doira a fronte pensativa do marquez de Pombal. Não houve tambem provincia da arte em que elle não estampasse o cunho da sua gigante individualidade. O drama portuguez creou-o elle, o poema romantico a elle deveu tambem as suas cartas de naturalisação; passando no campo do lyrismo escreveu as *Folhas caídas*, essa grinalda primorosa e rescendente; entrando no romance traçou os admiraveis capitulos do *Arco de Sant'Anna; flirtando*, como elle diria, n'um dos seus graciosos anglicismos, pelos jardins do humorismo, escrevêra as immortaes *Viagens na minha terra*. E depois de ter percorrido em tres passos as regiões da arte, adormeceu no tumulo, esperando a apotheose.»

VI

Antonio da Silva Tullio, no jornal *A Semana*, Lisboa, janeiro de 1851, n.º 2, pag. 18, publicando seis estrophes que Carlos Antonio Paggi acrescentou á sua tra-

ducção italiana dos *Lusiadas,* com a versão em portuguez, feita por Garrett:

«O nome glorioso na historia contemporanea das nossas letras é o de Almeida Garrett, que em bellissimos versos portuguezes trasladou a elegia melancolica...»

«Quem gravou mais estes versos na lousa de Camões, quem lhe refrescou as cinzas com mais esta saudade, foi o poeta, que resume no seu nome, como n'um traço conciso, toda uma regeneração litteraria.»

VII

Antonio Pedro Lopes de Mendonça, nas *Memorias de litteratura contemporanea,* Lisboa, 1855:

«Um folhetinista espirituoso disse do sr. Garrett que não era um litterato, era uma litteratura; nós diremos mais, não é um homem, é uma nacionalidade que resuscita» (pag. 77).

A pag. 83, fallando do admiravel canto v do *Camões:* «Esta dor augusta e suprema do poeta, quando a mulher que preferia ao mundo inteiro, por quem penára e soffrêra, abandona a terra, está eloquentemente expressa, e de um modo comparavel a tudo quanto na litteratura antiga e moderna podêmos admirar de mais perfeito e sentido».

De *Frei Luiz de Sousa* (pag. 88): «...talvez pareçam demasiadamente singelos os dados d'esta funebre tragedia, e todavia cremos que a litteratura moderna não possue monumento de mais superior e acabado molde...» «...A superioridade de *Frei Luiz de Sousa* está contida na simplicidade maravilhosa, no atticismo de uma acção, cujo elemento tragico reside menos nas peripecias exteriores do drama, do que na pungente verdade com que se manifestam os sentimentos e as paixões». «...O final

é, quanto a nós, a apotheose poetica e philosophica do christianismo». «... Ainda não vimos no theatro scena comparavel áquella, e que mais eloquentemente manifeste a influencia do dogma christão» (pag. 90).

Depois de notar o que lhe parecem faltas, no *Arco de Sant'Anna* (pag. 104): «Mas este romance ha de viver no futuro, porque tem o mais seguro condão da immortalidade, um superior e bem trabalhado estylo. Que o espirito do auctor divague ou se contenha, que o seu pensamento improvise em febril inspiração, ou hesite nos preguiçosos rodeios da indolencia, o que diz, e o que occulta, o que pinta em traços fugitivos, ou o que esculpe em desenho vigoroso, tudo vive e se anima no seu admiravel estylo. Ha o que quer que seja de casto e provocador no desleixo estudado da sua phrase».

«... estylo, que assume todos os tons, que ensaia todas as melodias, sem nunca perder a individualidade, conservando sempre um aspecto nobre, desdenhoso e senhoril.

«Já as *Viagens na minha terra* haviam demonstrado a extrema flexibilidade de estylo que caracterisa o sr. visconde de Almeida Garrett. Subordinar uma lingua, quasi sempre dedicada a assumptos graves, á ligeireza de phrase, ao rapido e conceituoso de elocução, que se admiram na lingua franceza, foi para o distincto poeta uma tarefa facil.»

VIII

José da Silva Mendes Leal, no *Elogio historico*, de Garrett (pag. 7), ácerca do estylo do que n'outra parte chamou o maior genio poetico da nação portugueza n'este seculo: «Ninguem soube ainda imitar aquelle gracioso desatavio, aquella attractiva lhaneza com que torna tão nossos, tão naturaes, e tão accessiveis os sen-

timentos e as paixões. Era sua e caracteristica a arte de levantar as mais triviaes plebeidades a galas senhoris, e de nobilitar as phrases mais chãs e communs».

«... o varão, que adormeceu no regaço mortal da humana condição, quando acordou, acordou logo nos braços da immortalidade» (pag. 12).

IX

I. F. Silveira da Motta, no seu livro *Horas de repouso,* Lisboa, 1880, pag. 186 e 187: «... Nenhum orador revelou até hoje entre nós uma eloquencia mais natural e espontanea, mais elevada e incisiva; nenhum lavrou com mais puro atticismo a formosa estructura do discurso. Durante a primeira epocha do governo representativo em Portugal, quando na tribuna se pelejavam rijos e verdadeiros combates, e a energia na discussão não era apenas uma fórma convencional e rhetorica, José Estevão, Rodrigo da Fonseca, Manuel Passos, impellidos pela emulação do talento e pelo ardor das nobres aspirações, alcançaram muitas vezes esplendidas victorias, convencendo, persuadindo, electrisando de enthusiasmo o espirito dos ouvintes; mas só os echos da palavra de Garrett serão repercutidos com applauso na successão dos seculos futuros.»

X

O dr. Theophilo Braga, na *Historia do romantismo em Portugal* (pag. 218): «As mais bellas inspirações de Garrett são aquellas que se ligam á participação directa da politica de principios: o *Catão* foi escripto sobre as emoções democraticas da revolução de 1820; o poema *Camões,* nos desalentos da emigração em 1824, depois

de rasgada pelo absolutismo a carta liberal de 1822; o desterro e o carcere despertam-lhe em 1827 a comprehensão da poesia popular e tradicional; o *Arco de Sant'Anna* é concebido dentro do cêrco do Porto em 1832, n'esse contagio de heroismo; o *Alfageme de Santarem* foi escripto entre as luctas do elemento constitucional puro contra o facciosismo da rainha na epocha da dictadura cabralina em 1842. Esta relação superior entre o espirito e o seu tempo, é que accendeu por vezes em Garrett a faisca do genio, como no *Frei Luiz de Sousa* e nas *Folhas caídas*, e o torna o primeiro n'essa epocha de renovação litteraria.»

Já na pagina 212 dissera, fallando das *Folhas caidas:* «O poema admiravel d'esta paixão, intitula-se *Cascaes;* são oito estrophes em verso de redondilha maior, de uma ardencia e profundidade subjectiva, que, ousâmos affirmál-o, em nenhuma litteratura antiga ou moderna poderá achar-se coisa que lhe seja comparavel».

Na *Historia do theatro portuguez no seculo* XIX, Porto, 1871, pag. 121: «Eis o escriptor a quem o theatro portuguez mais deve, que o erigiu com a sua preponderancia politica, que o formou com os bellos dramas sobre as ricas tradições nacionaes, que educou uma mocidade inerte, e que teve o magico poder de apaixonar o público, cansado das sanguinolentas luctas civis, a ponto de considerar a fundação do theatro portuguez como um symbolo da sua independencia e da nova vida social». Analysando *Frei Luiz de Sousa* (a pag. 213), tinha dito que lances similhantes «não teem iguaes na litteratura moderna da Europa... O apparecimento de *Frei Luiz de Sousa* em 1843 era o mais eloquente protesto do restaurador do theatro contra aquelles que corrompiam a sua obra com os exageros do ultra-romantismo». N'outro trabalho importante, e recente, *Questões de litteratura e arte portugueza,* Lisboa, 1882, na pagina 384, é

ainda mais positivo, apreciando essa obra, a que chama com justiça «tragedia unica, e sem rival nas litteraturas modernas». E mais adiante, depois de citar os principaes factos da vida do poeta: «... se o estudo da sua obra educa o sentimento e o gôsto, o conhecimento da sua vida completa esse estudo pela sympathia que infunde, ao ver como n'uma epocha de transição social, cheia de desastres, de desalentos, de vilezas, de ambições ineptas, elle é o unico que tem fé nas idéas, que defende a liberdade com o prestigio das tradições nacionaes, que faz do bello o meio de propaganda para a verdade» (pag. 385).

XI

Luiz Augusto Rebello da Silva publicou, no jornal *A Epoca*, Lisboa, 1848–49, muitos e bellissimos artigos de crtiica litteraria, ácerca das obras de Garrett:

«... D'esta escola (da moderna), no sentido mais elevado da sua aspiração, é fundador o sr. Garrett em Portugal... O sr. Garrett não é só um poeta, é uma litteratura inteira...» (pag. 107).

Fallando do canto v do *Camões*: «Se acaso se abrisse um concurso poetico, a canção do *Camões* de certo levaria a palma aos melhores ensaios lyricos... N'esta canção, como as folhas da mesma flor uma e outra se despegam, assim os affectos em terna melancholia se espargem sobre o tumulo recem-fechado do amor. É a vida toda de Camões, a vida do coração, do espirito, e da intelligencia, que elle confia ás solidões da serra; que elle canta envolto em lagrimas áquella que já o não póde ouvir. Que belleza singela no estylo, que mavioso na phrase, que philosophia nas idéas, que profunda analyse do coração humano nas transições, nas imagens, nas súpplicas e nos ais! Camões sáe todo d'aquella canção

como o infortunio o fez, grande pelo amor, maior pela devoção da patria» (pag. 154).

«O segredo do sr. Garrett tem sido sempre este de escolher entre as mil glorias da patria a que ella mais préza, a que mais vive no seu coração; e revestindo-a de fórmas graciosas e bellas dar-lhe corpo e espirito, e depois de revocada á vida pela arte entregál-a ao povo de quem é, associando-a ás suas crenças e ás suas affeições. Esta tem sempre sido a intenção da sua poesia, e para ella o levaram desde o comêço as singelas graças da imaginação castigada, a fina reflexão do seu gôsto, e a elevação creadora do seu genio. É por isso que taes obras, tão nacionaes no cunho e no pensamento, hão de viver emquanto houver Portugal; e se a mão do infortunio, tão pesada para nós, uma vez riscasse a nacionalidade portugueza do mappa da Europa, os poemas e os dramas, que a immortalisam, seriam, a par dos *Lusiadas*, o que as estrophes do Tasso e do Ariosto são na Italia, a canção do captiveiro levantada das praias do Tejo ás margens do Mondego» (pag 155).

«Quando no remanso da leitura se estudam as obras dramaticas do auctor de *Frei Luiz de Sousa*, acham-se n'ellas as condições que justificam o triumpho» (pag. 388). «Representa-se nos seus dramas não só a vida popular, mas a vida da humanidade. Discute-se não só uma phase da historia, mas um problema da existencia humana... Este segredo de achar a verdade da idéa e de gravar o bello da expressão na phrase singela — dá ao estylo do sr. Garrett uma graça, uma fluencia, e um ar nacional que o repassam de originalidade» (pag. 389).

«O tempo ha de comer a gloriola panica dos aleijões dramaticos applaudidos hoje, e os auctores hão de assistir vivos ás exequias da sua reputação, emquanto o creador de Froylão Dias, de Gil Vicente, de Telmo Paes, de Manuel Simões, e de tantos outros caracteres, em cada

anno contará mais um passo para a immortalidade. O tempo que apaga o vulgar com um livel inexoravel, foi de todo o sempre a consagração dos monumentos» (pag. 390).

«O livro das *Viagens na minha terra* tinha de luctar com difficuldades, que a critica julgára insuperaveis. Negava-se ao caracter nacional, mais serio do que espirituoso, mais caustico do que epigrammatico, o podêr de animar as scenas quotidianas da vida, e de tocar as paizagens, os costumes e as artes patrias com o pincel rapido e chistoso, que fugindo na téla grava a individualidade de um povo; que esvoaçando dá alma á natureza, aos sentimentos, e ás idéas» (pag. 421). «... A lingua, sem resistir, doma-se, curva-se, faz-se flexivel e transparente para córar os mais delicados sentimentos, para traduzir os ditos mais finos e apropriados. O romance da actualidade brilha em todas as galas do estylo, com o dialogo portuguez, tão arduo de cunhar, com a descripção das figuras e dos locaes feita em rigor sobre modelos que parecem vivos, tirada de sitios que renascem e se conhecem na téla do romancista. O sr. Garrett para tudo achou phrases, palavras, e estylo. A abundancia tempera-se com uma sobriedade reflectida; as cores graduam-se com infinito tacto da arte e da lei dos contrastes; a poesia e a philosophia unidas como irmãs abraçam-se e amenisam-se reciprocamente... Quem escreveu as *Viagens* podia deixar de ser o auctor de *D. Branca* e de *Camões*, o poeta de *Gil Vicente* e *Frei Luiz de Sousa;* o livro que apreciâmos basta, sobeja para lhe assignar distincto logar. Esta phantasia mais verdadeira do que muitas historias, mais profunda e analytica, na sua fórma risonha, do que muitas obras abstrusas de moral opiada, e de sciencia pedante, só a podia escrever um engenho superior. Mas era possivel escrevêl-a sem reinar igualmente sobre a prosa e sobre o metro, sem ver-

sar com mão experimentada todos os segredos do estylo e da composição? De certo não. A lingua não se possue assim e a imaginação não se dirige com uma liberdade tão desafogada e serena, senão quando se tocou na vida da arte o periodo da perfeição, e no da critica o da reflexão e do gosto» (pag. 424).

E no bello juizo critico que escreveu sobre o drama *Frei Luiz de Sousa,* publicado como appendice á obra de Garrett (tomo v das *Obras,* pag. 219 e seguintes, edição de 1869), diz que as scenas do terceiro acto são as mais tragicas que conhece, e termina assim:

«Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que comprehende todos os supplicios possiveis; exemplo maior de resignação, poesia mais intima do que as últimas palavras que fecham o drama, saídas da alma diante do cadaver da filha e ao pé da triste mãe! Todo este acto é o maior esforço dramatico de que temos noticia. Os affectos, os contrastes, a scena de Telmo Paes com o Peregrino, o equivoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena, as esperanças e apêgo que ella tem a seu esposo e a força de ânimo de Manuel de Sousa, são bellezas que rara vez sáem tão perfeitas da mesma mão. A última scena que resume o drama, que o moralisa, a scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dor, não se imita nem se pinta; escreve-se só uma vez.»

XII

Raymundo Antonio de Bulhão Pato, *Sob os cyprestes,* Lisboa, 1877: «... O visconde de Almeida Garrett era tambem improvisador, porque era tudo aquelle homem... (pag. 69). Na ironia nunca ninguem foi tão pungente. Desgraçado d'aquelle que o feria no seu legitimo orgu-

lho! O poeta, invocando de novo os deuses vingadores, «os aureos numes de Ascreu» — que abjurára no prologo da *D. Branca* — punha a mão sobre as aras de Jupiter Stator e determinava a hora funebre para o sacrificio da victima. Era olympica a sua colera! Quando alguem, cego pelos fumos da vaidade, o offendia gratuitamente, podia contar que lhe saía das mãos como o escravo marcado na testa com um ferro em braza... No peito amplo o coração batia-lhe ufano com a consciencia do seu genio... levantava a cabeça beijada em vida pelas auras da immortalidade! Os olhos, que tinham os reflexos metallicos dos olhos da aguia, corriam pelo auditorio e dominavam-n'o. Abraçando as idéas n'uma grande área, ao vigor e alcance do pensamento correspondia o primor da fórma» (pag. 72).

«A violencia começava no gesto, e ía successivamente crescendo na voz, no epitheto e na idéa. Allusões ferinas, ironia cruel, desdem profundo, tudo se epilogava nos periodos redondos e soberbos da sua magna eloquencia!» (pag. 75).

XIII

Antonio Pereira da Cunha, na *Selecta*, Lisboa, 1879, chamando-lhe «o grande escriptor e regenerador das nossas letras», diz que elle explicava com «a sua clareza inimitavel, os pontos mais reconditos da arte» (pag. 191). «Os elementos da esthetica perdiam na sua bôca o caracter nebuloso. Applicando-os, chegava a amenisál-os, e tornava-os accessiveis á percepção mais difficil» (pag. 194). «...n'aquella nobre alma não se podia arraigar nenhuma paixão ignobil; e se acaso n'alguma occasião, ou escrevendo, ou orando, elle ostentava inflammar-se ante os que o não conheciam, n'um ardor menos benevolo, era um simples artificio. Digo isto com plena

consciencia, e, acrescentarei ainda, com o orgulho da amisade» (pag. 195).

XIV

Antonio Feliciano de Castilho, a pag. 118 da *Revista universal lisbonense*, 17 de março de 1842, fallando do *Alfageme de Santarem:*

«... Mas não está ainda aqui tudo; se vendo-o (a Garrett) pintar tanto pelo natural os pensamentos, as palavras, e os feitos das diversas classes, manifestamente se reconhece que o auctor tem vivido e lidado com ellas alevantadas; e entre ellas e com ellas padecido, e soffrido; por outra parte, a imparcialidade com que as trata, a plena justiça que faz a todos, e a tudo, parecem inexplicaveis: dir-se-ía que a alma do escriptor, emquanto os seus sentidos estavam recebendo de perto as mil impressões das realidades presentes, lá de cima, de uma altura inaccessivel ás paixões e interesses, de uma esphera desanuviada e luminosa, contemplava impassivel o redemoinhar do mundo, como os deuses de Epicuro, a quem nenhum movimento do universo podia alterar a quietação. Tomado por este lado, como é forçoso que tambem o tomemos, o drama, de que hoje tratàmos, é de um merecimento que nenhum auctor poderia exceder, e muito poucos, ainda com a melhor vontade, chegariam a igualar.»

No tomo II (pag. 593) do mesmo jornal, a proposito do primeiro capitulo das *Viagens na minha terra:* «O escripto, cuja publicação agora encetàmos, é exemplar de genero precioso e novo em nossa litteratura. A seu auctor... cabe a gloria de ter aberto mais de um caminho, que outros após elle teem seguido e hão de seguir. O theatro moderno, e o romance patrio, fundou-os elle incontestavelmente...»

XV

Ouça-se o proprio processado, no *Romanceiro,* tomo II, pag. XLIV, 1875: «Seja-me permittido tomar aqui, n'este ponto de historia litteraria já contemporanea, a mesma liberdade de que para si usou, na historia politica, o illustre conde de Toreno. Historiador coevo, elle teve de fallar de si e de seus feitos como soldado e como homem público n'essas honrosas lides da guerra peninsular: eu forçosamente tenho de fallar de meus pobres trabalhos de escriptor, trabalhos quasi infantis, é verdade, mas com os quaes e por cuja voz tímida e balbuciante, rompeu todavia a primeira acclamação da nossa independencia litteraria.

«Desde 1825-26, que foi publicada a *D. Branca* e o *Camões,* datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a 'Adozinda' e o 'Bernal-Francez' se firmou o estandarte da restauração.»

Quem contestou isto?! E para que é avolumar o meu trabalho com mais documentos?! Não estarão convencidos já de seu erro os que comparam Herculano a Camões, e o declaram restaurador do romantismo? Fazendo inteira justiça á sua boa fé, observar-lhes-hei, por último, que Herculano teve a felicidade de sobreviver a Garrett e a Castilho. D'ahi a sua immensa popularidade, que a algumas pessoas se afigurou superioridade sobre aquelles dois. Foi a morte d'esses que o tornou objecto unico da admiração que os seus contemporaneos repartiam pelos tres. A luz do enthusiasmo público, projectando-se toda sobre a sua cabeça, redobrava a sympathia das multidões, que amavam n'elle o derradeiro representante da trindade gloriosa. A nação estremecia-o mais, por ter já perdido os outros. Ninguem ignora que elle nunca attingiu a importancia litteraria e politica de

Garrett, nem prestou serviços que possam comparar-se aos d'este. Grande em todos os ramos das sciencias historicas, a sua acção limitou-se a pouco mais. Não teve influencia decisiva na poesia, na arte, na legislação, na vida moral e politica do paiz. Como legislador, nem sequer quiz discutir, nos estudos do *Codigo civil*, um assumpto a que era contrário[1]!

Garrett 'não é um litterato, é uma litteratura inteira': introduz o romantismo, regenera as letras, cria o drama, a tragedia, fórma o gôsto, e levanta do opprobrio a arte moderna e os que a cultivam. Collabora nas leis que transformam o paiz, e faz ou ajuda a fazer quasi todas as que depois consolidam politicamente a nova existencia d'elle. Não ha quasi um progresso n'esta terra a que não associasse o seu nome, durante perto de vinte annos, desde as leis dos Açores, que libertam a nação, até á dos morgados, que desaccumula a propriedade; desde as que premeiam o merito, até ás que garantem o direito do trabalho e a vida dos cidadãos. Por amor da liberdade padeceu longamente, na patria e fóra d'ella; e assignalou de tal modo a sua passagem através do seu tempo, que em Portugal se ha de dizer sempre, com justiça e verdade, 'o seculo de Garrett'; mas nunca se dirá sem grande hyperbole 'o seculo de Herculano'.

Garrett nunca será talvez tão universalmente conhecido como Camões, não só porque a nossa lingua, apesar de se ter alargado a esphera dos estudos geraes, é hoje menos conhecida do que já o foi na Europa, mas tambem porque o assumpto principal dos *Lusiadas* interessava o mundo todo. Apesar d'isso, as principaes obras do poeta da *Adozinda*, já traduzidas em muitas linguas, e tendo para favorecer-lhes a vulgarisação a imprensa jornalistica, vão lentamente conquistando o logar a que

[1] A lei da propriedade litteraria.

teem direito nas litteraturas estrangeiras. Camões e Garrett possuiram talentos da mesma indole, o mesmo sentimento do amor da patria os animou a ambos, a mesma inspiração melancolica fez pulsar as duas lyras sublimes [1]. Se podesse admittir-se a poetica idéa vulgarisada pela escola de Pythagoras, que suppunha renascida em Virgilio a alma de Lucrecio, dir-se-ía que a de Camões incarnára igualmente em Garrett, para dar á poesia e á litteratura portugueza maravilhas que rivalisam com as mais bellas do mundo antigo, revestidas de todas as graças da arte contemporanea.

[1] Um distinto critico qualificou de *sensiblerie* o melancolico sentir da musa de Garrett. Parece-me que não foi justo. Qualquer que seja a escola litteraria, e o tempo em que ella predomine, creio que as almas dos grandes poetas serão sempre fontes de suavissimas tristezas, quando elles nos pintarem a dor, o infortunio e a saudade. Exemplos: Camões, Bernardes, Soares de Passos, Herculano e Garrett; Burns e Byron: Millevoye e Lamartine; Tasso, Petrarcha, Manzoni, Carrer, e Leopardi; Klopstock, Schiller e Goëthe; Larra, Zorrilla, e Balaguer. — Ha na escola, a que só por irrisão se chama ainda hoje romantica, taes condições de vitalidade que não a deixarão morrer nunca. Passará de moda, volverá transformada, recairá nos mesmos excessos que no nosso seculo a condemnaram; mas não póde morrer, porque é immortal pelo sentimento. Ai! de nós, se a sensibilidade desapparecesse do mundo em que habitâmos! Mas por mais que o espirito do homem trabalhe, materialise, transforme e pretenda modificar a natureza humana, nenhuma evolução scientifica será capaz de extinguir as lagrimas, filhas da dor: e a desventura ha de inspirar sempre compaixão ás almas bem formadas. Tudo isso, pois, são elementos constitutivos da escola romantica, agora posta de alvo ao ridiculo pelas suas absurdas e disparatadas exagerações. Deixem correr o tempo: talvez que muitos dos que suppõem tel-a morto, sejam os proprios que a acclamem ainda um dia. E se o romantismo caíu pelos excessos, o que succederá a esse nojento realismo, que por ahi anda com ares e linguagem de causar engulhos até á policia?

Carlos Baudelaire disse que «o romantismo era a expressão mais recente da belleza». A auctoridade parece-me que deve ser insuspeita para os senhores realistas.

Se o cantor de *D. Branca* não pôde celebrar factos tão interessantes e sympathicos para todos os povos, como era o do descobrimento da India, possuiu mais variados talentos que o amante de Natercia; foi grande em todos os generos litterarios: e para contrapor ao assumpto dos *Lusiadas*, teve a liberdade, que admiravelmente celebrou, a idéa moderna, que o tornou creador sob as mais formosas e variadas fórmas da arte. Todo o estrangeiro que conhecer bem a nossa lingua, para poder apreciar as suas obras primas, se lembrará sem dúvida da bellissima estrophe de Paulina de Flaugergues, traduzida por J. M. do Amaral, a respeito de Camões e Garrett:

«Astros de um mesmo céu, são vossas harpas
Faroes eternos que dão brilho á patria;
Taes fulguram no Olympo essas, dos gemeos,
Fabuladas estrellas.
Co'as mesmas palmas enramaes as frontes,
Reinaes no mesmo altar, co'o mesmo culto [1].»

XVI

Antes de concluir este capitulo, assignale-se ainda a similhança do nosso auctor com dois dos mais celebres antigos. Como Ovidio, casou na juventude; porém, menos feliz que o desterrado do Ponto, o exilio affrouxou, em vez de apertar, os laços que o prendiam a sua mulher. É certo que o auctor dos *Fastos* havia feito já dois ensaios, antes de ter acertado com a terceira consorte. Garrett foi tambem mais venturoso com a segunda mulher, que amou sinceramente, embora não tivesse podido desposál-a. Estudando leis, como o poeta dos *Amores*, quiz

[1] *Camões*, por Garrett, setima edição, pag. XXIII. Ahi se póde ler igualmente, a par da traducção, o original francez.

mudar de caminho; e, tal como succedêra ao romano, ordens do pae o obrigaram a dar de mão ás musas para voltar ao Digesto. Militára no exercito de D. Pedro, e Ovidio no de Varrão; um, fôra magistrado com os decemviros; outro, juiz do tribunal do commercio. Ambos apaixonados pelas divindades poeticas, pelas ideaes e pelas tangiveis, apenas se differençam em que o cantor antigo fugia da politica, e o moderno sacrificou a esta a existencia.

O parallelo seria ainda mais frisante com Cicero. Temos visto que Garrett não desdenhára nenhum genero de litteratura e de erudição; mas que desde o principio da sua carreira se inclinára mais ardentemente á poesia. O mesmo refere Plutarcho do principe dos oradores. Verdade seja que se quizessemos comparál-os como poetas, achariamos logo o celebre verso do romano, que o mataria á nascença:

O fortunatum natum me consule Romam.

Comquanto se dissesse que Marco Tullio, sem chegar á craveira de Virgillio, era igual, se não superior a Lucrecio, sabe-se que a reputação da sua eloquencia sobreviveu á decadencia da lingua, e que não succedeu o mesmo á da sua poesia. Á parte, pois, os dotes poeticos, teve Garrett muitas similhanças com elle. Este distingue-se, logo ao saír da universidade, na defeza do seu poema, o *Retrato de Venus;* e emigra d'ahi a pouco, fugindo aos odios absolutistas. Aquelle adquire precoce celebridade, advogando a causa de Roscius; e foge em seguida para a Grecia, temendo a vingança de Sylla. Fóra da patria se illustram os dois; e no regresso applicam em proveito d'ella os fructos dos seus estudos. Qualquer d'elles, fallando, persuade, não por meio de gritos, mas pela belleza das idéas, pelas graças da palavra e pela na-

turalidade do gesto; entremeiam no discurso a ironia pungente, o sal attico, a vivacidade alegre ou a gravidade solemne, segundo o requer o assumpto e as circumstancias. Fulminam com o epigramma ou levantam com o epitheto generoso. Honestos e desinteressados, corrompe-os comtudo o amor da gloria, a ponto de se ouvirem louvar com prazer e de se tornarem cumplices dos que ajudavam a fazer-lhes a reputação, que era uma obra de justiça!

Garrett, mesmo quando não convencia, encantava o auditorio. Os vencidos, recordavam-se, para justificar a derrota, de Eschynes desterrado, lendo aos rhodios o discurso sobre a corôa contra Demosthenes; e citavam a resposta do proscripto aos ouvintes enthusiasmados, que se admiravam de que, tendo fallado tão bem, o condemnassem ao ostracismo: —«Ah! — exclamára o rival do grande orador de Athenas — não vos admirarieis se tivesseis ouvido Demosthenes»—!

Hoje, que o louvor chega a parecer quasi vituperio, se por acaso acerta de caír em pessoa de verdadeiro merecimento, não sei por que palavras se ha de dizer que Garrett foi unico, como tragico, como litterato, como poeta, como creador do nosso theatro moderno; e que até como historiador póde ser citado gloriosamente, em vista das memorias biographicas de Mousinho da Silveira, Vieira de Castro, duqueza de Palmella, barão da Ribeira de Sabrosa, Manuel Fernandes Thomás [1], etc.; como critico, no

[1] Quando se copiou para a imprensa o tomo I d'estes estudos, houve salto do copista, faltando, a pag. 275 do tomo citado, a continuação da nota, que explicava ter-se feito nova edição da *Oração de Fernandes Thomás,* no tomo XXIV das *Obras,* de Garrett, publicado em 1875; e a pag. 276 a seguinte apreciação, antes do numero VIII:

A *Oração funebre de Manuel Fernandes Thomás,* escripta quando o auctor tinha pouco mais de vinte e tres annos, não deshonra ne-

Bosquejo da historia da lingua e da poesia portugueza, e em tantos estudos similhantes, que por espaço de trinta annos espalhou em livros e periodicos; como publicista, creou o jornalismo moderno; como politico, ninguem o excedeu na sua constante fidelidade aos principios, na sua coherencia, e no profundo respeito ás instituições liberaes e monarchicas, por amor das quaes affrontou o carcere, o patibulo, o desterro, a fome, e todos os horrores da miseria: finalmente, como orador, foi incomparavel, n'esses formosissimos discursos, em que tantas vezes levantou a tribuna do seu paiz ás maiores sublimidades da eloquencia.

Nec pluribus impar.

nhuma das outras preciosas memorias, de indole similhante, com que depois illustrou as letras. Se pecca aqui e ali por desigualdades de estylo, por uma ou outra incorrecção de fórma, prima pela sinceridade e espontaneidade dos sentimentos, pelo enthusiasmo e amor da liberdade. Nas últimas ha todo o saber e experiencia dos annos maduros; na primeira, toda a virgindade da alma juvenil; umas são fructos da intelligencia do homem desenganado; outra, do talento inexperiente. Estas nasceram mais da cabeça, aquella mais do coração. Mas quem as ler todas, reconhecerá que são irmãs legitimas, havendo apenas entre ellas as differenças de tempo e idade.

XVIII

Retoma-se a historia do homem particular. — Rodrigo Xavier de Almeida Garrett, e seu irmão Thomás. — Correspondencias de familia. — A tourada. — Projectos intimos, que não vingaram. — Arrendamento de casas, na rua de Santa Izabel, e na da Junqueira. — Noticia d'esta última. — Vida simples do poeta, no campo ou nas praias. — Mudança, e aguas-furtadas da casa de Lisboa. — Na rua dos Fanqueiros e na pagadoria de marinha. — Almoço de inauguração. — *Prophecias do Bandarra.* — Pedido de uma comedia para se representar com o *Odio de raça.* — O 'joven' de Alexandre Herculano. — Scena com o algarvio. — Estylo. — Gabarolices comicas. — Creados. — Phrases, pela troca dos sapatos. — Therezinha. — Carta ao auctor. — Bilhete, ao mesmo. — Outro. — Na Junqueira. — Leituras e recitações. — A *Cabulogia.* — Pasmo do parodiado. — Diz ter escripto a comedia pedida. — As madrugadas. — Planos de futuro. — *Historia da restauração.* — Honra-me com o convite para seu collaborador. — Modêlo escolhido. — Parallelo com Lamartine. — Bases do trabalho. — Materiaes para a obra, e capitulos já redigidos. — Queimou-os ou furtaram-lh'os? — Foi sem dúvida vencido pela generosidade da sua bella alma. — O que escrevêra na *Memoria da duqueza de Palmella.*

I

Depois de ter posto na maior luz e evidencia o valor do escriptor e do politico, após o encerramento da sua vida pública, retomo a historia do homem particular, que é fertil ainda em curiosas noticias e interessantes promenores. E não pareça grande desacerto o ter-se interrompido o curso d'estas memorias para instaurar, antes do fim d'ellas, o processo de glorificação ao que lhes deu origem. Aquelle que longe do termo da existencia assistiu á sua apotheose, e recebeu dos proprios contemporaneos, apesar da inveja e da calúmnia, a consagração da immortalidade, não está sujeito á lei commum. Os que o qualificaram de 'divino', diante das suas obras, não esperaram que a parte perecedora d'elle caísse na sepultura. Nunca vem fóra de logar, nem cedo de mais, o dia da justiça.

II

Quando Alexandre Garrett viu o irmão titular, ao passo que apertava com elle para que fizesse livro de costado, pedia-lhe para o filho, Rodrigo, bacharel em direito, o despacho de delegado de justiça. Alexandre abominava o emprêgo, por lhe parecer de pequenez humilhante; mas queria afastar o filho do Porto, para evitar certo casamento que reputava desvantajoso. Como João nada conseguisse, e o irmão se azedasse, solicitou aquelle uma carta de Rodrigo (antes de estarem de todo mal), que este escreveu, declarando que, «apesar dos seus bons desejos, não podéra empregar-lhe o sobrinho».

Já em 1851 estivera em casa de João outro filho de Alexandre, de nome Thomás, militar, fazendo serviço no quartel. Eu vi-o poucas vezes. Era moço, instruido e intelligente; e a mãe pedia ao cunhado, por cartas, que ralhasse muito com elle. A culpa do accusado rapaz era talvez a sua juventude. Retirou-se n'esse mesmo anno.

Esgotadas agora as diligencias de empregar Rodrigo, pediu Alexandre que o pozesse João a praticar no escriptorio de Francisco Jeronymo ou de qualquer outro advogado, vindo morar provisoriamente com o tio. Este, que temia alterar a ordem da sua pautada vida domestica, allegava que vivia quasi sempre fóra de casa, que raras vezes ali jantava, porque tinha de ir ver sua filha ás Salesias, etc. O outro, desconfiando das rasões, insistia. João irritou-se, por lhe supporem pouca vontade; volveu-lhe o irmão, «que não lhe punham (elle e a mulher), com essa pressa a *nota de esquecido e descuidado;*» que o que pensavam era que elle corria cada dia, e muita vez cada dia, como um freiratico, para a sua freira, *it est,* a sua filha, «a quem desejâmos uma sorte tão feliz como tu mesmo lhe desejas». Louvam o tel-a posto

a educar nas Salesias, que seria sempre acêrto «mas muito mais nas circumstancias em que te achas, e tendo de andar por fóra de casa largos dias e noites».

Uma das cartas de Alexandre, recebida por João em 17 de janeiro, termina assim: «Dia do nosso Parente S. Gonçalo, em 1854». Apesar da grande repugnancia que tinha de se onerar com o sobrinho, que viria quasi como expulso da casa paterna para a sua, João acabou por ceder. Tinha deitado as suas vistas sobre mim, para o revezar na massada de aturar o bacharel. E apenas este chegou a Lisboa foi apresentar-m'o, pedindo que o relacionasse com os nossos mútuos amigos, e «o aturasse com paciencia». Excepto ás horas de dormir e comer, Rodrigo, durante a sua estada na capital, passou em minha casa dobrado tempo do que esteve na do tio! Era excellente pessoa, e em breves dias adquiriu a minha confiança e amisade.

Quando João o apresentava tinha sempre algum *ápart*e, que todos ouviam. Lembro-me de que a Rebello da Silva rosnou:

— Agora deitei sobrinho, como o Senhor dos Passos deita capa nova!

Mas comprazia-se em andar a mostrál-o pelas salas, porque Rodrigo era intelligente. Um dia levámol-o aos touros, que elle nunca tinha visto. Assistiu ao comêço da corrida, agarrado ás bordas do camarote, coberto de suor, frio, livido, tremulo, fascinado, com o olhar fito na fera que percorria a praça, não nos dando attenção, não se movendo, e quasi que nem respirando! O tio e eu olhavamos para elle compadecidos. Recolhido o boi, disse-lhe João:

—Vamos embora, que eu tenho que dar contas de ti a teu pae.

— Sim, tio; vamos. Nunca senti nada assim, nem quero sentir mais.

E blasphemava o pae de que, com tal coração, elle se apaixonasse por uma mulher formosa!

Depois do fallecimento do tio, a familia teve suas vistas de o casar, sem ser com aquella que primeiro o captivára. Rodrigo acceitava de boamente a substituição. Recorreram, porém, a pessoa que não se prestou a dar as informações que se lhe pediram. Ignoro se João Baptista sentiria repugnancia de ter um sobrinho aprendiz de letrado; o certo é que, passados mezes, Rodrigo voltou para a companhia da familia[1].

[1] Tivemos larga correspondencia. Por morte de Garrett, participei o funesto acontecimento ao irmão e ao sobrinho. De ambos elles possuo muitas cartas, algumas interessantes; mas transcrevo só as duas em que respondem á minha triste participação, porque não ha n'ellas, como em muitas das outras, promenores que não veem a proposito para estas *Memorias*.

«... Penetrado do mais vivo e profundo sentimento, vou dirigir a v. estas poucas regras, que teem por unico objecto agradecer-lhe, com toda a effusão do meu coração, os prestantes e desvelados serviços, que prestou a meu muito amado irmão, na sua última e angustiada enfermidade: quizera eu poder cumprir este dever pessoalmente, mas torna-m'o impossivel a distancia, e a enfermidade, que me prende, como a um entrevado, sem poder dar um só passo sem as inseparaveis moletas.

«Se a sua bondade m'o admittir, mais algumas vezes o incommodarei com as minhas letras, para lhe pedir algumas informações a respeito de minha querida sobrinha; por agora sómente lhe rogo o obsequio de fazer chegar á sua mão as cartas, minha e de minha mulher, que inclusas remetto.

«Não tenho motivos alguns para allegar, pelos quaes mereça a sua amisade, só se for o facto de ser eu um homem sincero e despido de todo o fingimento; mas se este não bastar, empenharei essa mesma sincera amisade que v. consagrava a meu caro irmão, e que sem dúvida me obrigará a ser sempre — De v. — Am.º m.to aff.º e obrg.º — Porto, rua da Boa Vista, n.º 45, 14 de dezembro de 1854. = *Alexandre J.e da S.a de Almeida Garrett.*»

«14 de dezembro.

«Meu caro Amorim. — Perdoe-me por quem é não lhe escrever tão largamente como desejava porque não estou para nada nem

III

A este tempo já o poeta contratára com o pae do actual proprietario da casa da rua de Santa Izabel, que hoje tem

sei. Todos aqui em casa estão no maior sentimento e até uma mana minha bastante incommodada porque hontem quando na capella pediamos por alma do nosso tio logo que recebemos a sua carta, ella esteve com um accidente que nos assustou porque já teve um igual na morte de minha mana Rita...» «Meu pae está profundamente magoado porque era este o último irmão que lhe restava e com quem por serem quasi da mesma idade se ligára mais, andára nas aulas, e vivêra mais intimamente depois. Todos os d'esta casa agradecem muito ao meu caro Amorim, e ao nosso Gonçalves todos os cuidados que deram ao nosso tio, e todos lhe consagram muita affeição. Minhas manas pedem-me que lhe rogue o favor de mandar contar todas as particularidades da morte do nosso tio, que o visconde da Luz mandou dizer que morrêra o mais contricto possivel, e com um crucifixo n'uma mão, e a outra na do nosso Amorim; que conte o principal do que se passou durante a doença, e como se lembrou dos sacramentos. Eu peço-lhe por mim que diga se elle se lembrou de mim alguma vez. Ai! meu amigo, quem me diria que tão breve acabaria aquella existencia tão elevada, e pasmosa em tudo!... Quando me lembra isto parece-me que rebento de afflicção, e quando me lembra as vezes que juntos estivemos. Meu pae hoje mesmo lhe escreve, e manda cartas d'elle, da mãe, manas, e minha para a triste orphãsinha .....

«Adeus, meu am.º — muitas saudades ao Gonçalves. — Sou seu do coração = *Rodrigo Garrett.*»

Em 1855, estando no Porto, fui visitar Alexandre. As feições dos dois irmãos, sem deixarem de ter ar de familia, pareciam-se tanto como as suas opiniões politicas. Alexandre leu-me alguns versos das suas *Viagens a Leixões*, que andava imprimindo; e com essa amostra fez-me perder a vontade de conhecer o resto da obra. Se physicamente havia pouca similhança entre elles, não tinham nem sombra de parentesco pelo lado poetico. Conversámos muito, quasi sempre a respeito do fallecido. Alexandre fallou-me penalisado das semsaborias que tivera com João, por causa da politica. Respondi-lhe que os partidos não agradecem nunca similhantes sacrificios; e que a historia nem sempre é justa com quem os faz.

Apresentou-me a sua mulher e filhos, que me acolheram com

o n.º 78, e então era 56, o arrendamento d'essa propriedade, que se estava concluindo. Emquanto seccavam os estuques dos tectos e se terminavam as pinturas do primeiro andar, resolveu transferir, este anno mais cedo que de costume, a sua residencia para fóra de Lisboa, mudando a mobilia para a rua de Santa Izabel antes do fim de junho. Assim evitava pagar sem necessidade outro semestre da casa do Salitre, que lhe daria a renda da que ía alugar para banhos.

Seguindo a estrella de seu último rumo, e no intuito de ficar mais perto da filha, tomou o rez do chão da casa do marquez de Angeja, no principio da rua Direita da Junqueira, á esquerda, indo para Belem. É a que tem na parede o letreiro da citada rua, e á esquina uma peça de artilheria de ferro, cravada no chão com a culatra voltada para cima. A porta de entrada, para um pequeno largo ou recanto, mostra o n.º 1.

Ali se installou em junho, cedendo dois ou tres quartos, á entrada, a uns parentes dos viscondes da Luz, casados de pouco tempo. Lembro-me que o marido tinha o appellido de Pinto; era militar e de mui agradavel trato. Os aposentos de Garrett continuavam para o lado da Junqueira. Eu tinha ali um quarto, com janella sobre o pateo arborisado, que deita para a travessa.

A sala, espaçosa e arejada, com duas ou tres janellas sobre a rua Direita, servia igualmente de casa de jantar.

Garrett gostava muito de ver fructos bonitos e cheirosos. Ainda que não os comesse, tinha sempre, na estação propria, porções de peras, maçãs, camoezas, marmellos e gamboas, que perfumavam a casa. Exigente e apurado em materias de elegancia, no campo ou nas

benevolencia. Fiz-lhes tres ou quatro visitas, n'esse anno, e mantivemos correspondencia ainda algum tempo. Depois, não tornei a ter occasião de ir á rua da Boa Vista, e deixámos de escrever-nos.

praias vivia sem pretensões, com a maior e mais rustica simplicidade. Em nenhuma das casas que lhe conheci fóra de Lisboa me lembro de ter visto cortinas nas janellas; levava moveis modestissimos, e camas tão simples que lhes improvisava as armações com quatro cannas, amarradas aos pés, e cobertas de chita ou cassa, atadas por cima. Não havendo na Junqueira abundancia de mesas, poz-se na sala uma porta sobre dois bancos, e cobriu-se dos mais bellos e aromaticos fructos. As melhores cadeiras eram de vime, da ilha da Madeira. Chamava 'vida de occasião' á do banhista, dizendo que se devia fazer sempre de pé no estribo.

IV

Depois de installado, voltou a Lisboa e assistiu á mudança de tudo que tinha na rua do Salitre para a casa nova, de Santa Izabel. Andava já n'esta, penso que desde fevereiro, o armador Gaspar, com os seus operarios. Os moveis das salas íam ser reformados ou restaurados, uns pelo estofador, outros pelo habil marceneiro que trabalhava logo adiante do predio. Parte da mobilia recolheu-se nas aguas furtadas, esperando occasião de ser trocada ou vendida a desnecessaria, e de se acabarem as obras dos compartimentos a que pertencia. Nos mesmos quartos de cima se armaram camas de ferro, para lá se poder ficar quando conviesse. D. Maria Adelaide entrára no convento das Salesias, segundo já se disse, deixando o pae livre, para viver como e onde quizesse, visto não ter mais pessoa alguma de familia, além dos serviçaes. Nos primeiros dias da mudança acompanhei-o, e ao creado, indo dormir nas aguas furtadas; mas fazia ali tanto calor, que eu dei a minha demissão de hospede; e o mestre, depois de varios ralhos, confessou que tam-

bem se não sentia com disposições de ficar assado, e voltou para a Junqueira.

Como era raro o dia em que não vinha á cidade, terminado o que tinha que fazer, ía para minha casa, e mandava chamar-me á pagadoria de marinha, onde eu era empregado. Da primeira vez que isto aconteceu, não se lembrou o meu creado de levar a chave do trinco, para abrir a cancella quando voltasse. Chegando eu atraz d'elle, achei-o a tocar a campainha pela terceira vez. Como ninguem respondia, vi logo a parte comica da situação, e desatei a rir, com o gôsto com que se ri aos vinte e tantos annos. Garrett estava dentro a ler; sabia que eu não tinha em casa mais ninguem, e deixava-se ficar, indifferente ao chamamento! Depois de mais tres ou quatro campainhadas, gritei-lhe:

— Sou eu! Faça favor de abrir, senão arrombo a porta!

Veiu elle então, sem apressar-se, e resmungou:

— Se lhe parece, dê escandalo á vizinhança!

— Podéra não! Estou mais de meia hora a...

— Cuidei que era Braguez 2.º, ou algum outro Braguez.

— E se fosse? Se eu não tivesse podido saír da pagadoria? Deixava-o fóra?!

— Homem... o senhor tem umas taes tendencias para armar discussões! Venha d'ahi. Jantâmos hoje em Belem, e ámanhã trago-o cedo, que tambem tenho tribuneca ultramarina.

Recommendando ao creado que nunca saísse d'ali por diante, quando lá o deixasse, sem levar a chave do trinco, voltei-me para elle, perguntando-lhe porque não ía ter commigo á pagadoria quando saía do tribunal, que era tão perto. E acrescentei, se procedia assim para não me honrar diante dos meus collegas.

— É sim, senhor. Queria que um homem da minha

gravidade, juiz, ex-ministro, e par, fosse dar aos ditos seus collegas o edificante exemplo de o desinquietar para vir vadiar commigo, emquanto os outros ficavam carregando com o trabalho do passeiante? Olhe que era bonito!

Dei-lhe rasão, e pedi-lhe desculpa. Decorridos dias, foi elle por differentes vezes procurar-me á repartição, onde o meu velho amigo e delicadissimo chefe, Antonio Pereira Lima, apenas o avistava, me dizia sempre:

— O Garrett! Vá-se embora, que eu cá arranjo tudo. Não o faça esperar.

E eu saía. Reconhecendo, porém, que tanto ao mestre benevolentissimo, como a mim, convinha mais o antigo systema, pedi-lhe que voltasse a usál-o. A ida d'elle a minha casa, e a vinda do creado, deitava quasi sempre á hora em que o meu serviço terminava; e assim conciliaria eu os deveres do emprêgo com os da amisade, sem abusar de outro amigo.

V

Apenas se armaram as estantes na livraria e se lhe pozeram os livros, não para ficar, Garrett, que estava contentissimo com a casa nova, quiz dar ali um almoço de inauguração, para o qual me encarregou de convidar os mais eminentes membros do synhedrio: Mendes Leal, Rebello da Silva, e Felner. No dia aprasado, almoçámos alegremente na livraria, acompanhando as iguarias com a conversação mais despreoccupada e chistosa, chovendo os bons ditos e a graça a flux. Garrett, Mendes Leal, Rebello e Felner eram dos melhores e dos mais instruidos conversadores do seu tempo. As horas correram como por encanto. Passava de meio dia quando saímos. De-

fronte da igreja de Santa Izabel, João parou, e disse-nos, sorrindo para Mendes Leal:

— Isto abriu-se, mas não se abriu, tal e qual como o theatro Agrião. Inaugurou-se e não se inaugurou. Portanto, ficam todos intimados para comparecer, quando se abrir outra vez a valer, com o scenario armado nos seus logares. A peça nova ha de ser mais bem escolhida: em vez de modesto almoço, haverá jantar, não direi pantagruelico, porém sufficiente, e mais abundante em liquidos correspondentes. O emprezario espera e confia que os senhores do público lhe não faltem com a sua presença.

Todos prometteram. Proseguimos o caminho pelo Rato e Salitre abaixo até ao Rocio, onde nos separámos, satisfeitissimos com o amavel amphytrião, sem que ninguem suspeitasse ainda que lhe seria impossivel realisar a promessa e o programma.

As palavras «abriu-se, mas não se abriu», alludiam ao theatro de D. Maria II, que se abriu e tornou a fechar-se logo depois de acabado de construir, havendo a esse respeito discussão, em que Mendes Leal tomou parte, sobre se devia considerar-se aberto desde o primeiro dia em que ali se representou, ou não.

VI

Em 1845 escrevêra o poeta a pequena comedia intitulada *As prophecias do Bandarra,* para se representar, se bem me lembro, em casa da familia Palha, no Dáfundo. E como em 1853–54 andassem muito assanhadas as idéas de união iberica, que chegavam ao seu periodo mais agudo, lembrou-se de mudar o sebastianismo para iberismo na referida peça.

N'este anno, e na Junqueira, me expoz o novo e

gracioso plano. Offereci-me para lhe servir de amanuense, idéa que lhe sorriu; mas nos dias em que eu ía disposto a trabalhar, gastavamos o tempo todo na conversação e na leitura. A doença, que perfidamente crèscia solapada, impediu-o de satisfazer o desejo.

Disse-me que escrevèra aquella brincadeira para se representar em casa de uma familia amiga, mas que sem a refazer não a deixaria pôr em theatro público: «Estão aqui alguns caracteres apontados, que são aproveitaveis; o fundo é falso; o enredo precisa mais embrulhado; o dialogo maior viveza de colorido; mais sal e pimenta em tudo, para poder acceitar-se. Como está, só se desculpa por ter sido feita em dois dias, praso fatal e improrogavel.»

Um anno antes de a compor, dissera, nas notas M e O de *Frei Luiz de Sousa:*

«O sebastianista é outro caracter popular que ainda não foi tratado e que, em habeis mãos, deve dar riquissimos quadros de costumes nacionaes. O romancista e o poeta, o philologo e o philosopho acharão muito que lavrar n'este fertilissimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas.» «... Outro thesouro de poesia nacional são estas prophecias que ainda ninguem examinou philologicamente como ellas merecem.» Por não ter tido tempo, quando fez a peça, de tratar o assumpto conforme primeiro o imaginára, queria n'este anno refundil-a.

Em 1859, ensaiando-se a farça no theatro de D. Maria II, fiz eu n'um jornal as advertencias que julguei convenientes, explicando o que passára com o auctor, e talvez sem rasão asseverei que ella nada acrescentaria á sua gloria. Que se imprimisse, embora; mas que o poeta não tivera intenção de que fosse representada em theatro público antes de reformada. Respondeu, rebatendo as minhas opiniões, o erudito escriptor Antonio da Silva Tul-

lio. Representou-se: e o público deu-lhe rasão a elle, applaudindo os dialogos, que realmente teem graça, principalmente nas allusões aos nossos modernos costumes politicos. Sentia-se, porém, que o applauso nascia mais dos sentimentos de veneração pela memoria do auctor de tantas obras primas, do que do merito real d'aquella a cuja representação se assistia.

Apesar d'isso, as *Prophecias do Bandarra* continuam de vez em quando a apparecer na scena. Rodrigo Paganino disse d'essa comedia, a pag. 29 do tomo I do *Archivo universal,* que «ella se acha pelo seu merito abaixo do theatro normal e acima de todos os outros pela sua illustre genealogia». Deve acrescentar-se que, apesar de pertencer a genero que foi muito amado por nossos avós, mas que hoje está fóra do gôsto, contém phrases admiravelmente bordadas na téla da linguagem popular portugueza[1].

VII

Excitado pelo mestre, escrevi n'esse anno o drama *Odio de raça,* depois de approvado por elle o esqueleto que lhe mostrei. A leitura que lhe fiz do plano e do primeiro acto da minha peça, não era desinteressada. Se conseguisse agradar-lhe, tencionava, fiado na sua amisade e indulgencia, pedir-lhe uma composição sua, para se representar conjunctamente com a do seu mais humilde discipulo. Depois de grandes hesitações, ousei expor-lhe o meu ambicioso desejo.

— Para que é tão grande apparato de rhetorica por tão pequena coisa?

— Preciso de uma comedia em dois actos, porque o

[1] A peça imprimiu-se no tomo X das *Obras,* reunida á *Sobrinha do marquez* e *Noivado no Dáfundo.*

Odio de raça tem tres. Sei que é atrevimento, sobretudo por causa da ordem da representação, que manda pôr o drama no principio e a comedia no fim...

— Que tem isso?

— Tem que...

— Desembuche.

— Ver-se-ha uma coisa nunca vista... O meu nome primeiro que o seu. Mas agora me lembro de que não usa pôr nome nos cartazes, pelo menos nas primeiras representações, e que até já em alguns livros se diz: tal obra, pelo auctor de tal e tal, e coisas...

Elle resmungou, e volveu-me:

— Será castigado por esse epigramma.

— Com a comedia?

— Ponho a condição de que ha de ir escrevêl-a; arranje uns tres dias...

— É difficil. Na pagadoria de marinha somos hoje dois a substituir cinco que havia d'antes, e que ficaram furiosos desde que a reforma do Fontes os privou de continuarem a passeiar em vez de ir á repartição.

— Não me falle em fomento, nem em fomentadores. Arranje ao menos dois dias, e faremos o que se podér.

Arranjei esses dois, e ainda outros... Infelizmente, atravessavam-se-me sempre na prôa 'pessoas de sua particular amisade' que lhe tomavam ainda muito tempo, quer em visitas, quer levando-o a passeiar defronte de certas janellas, elegantemente vestido, e de rosa na lapella! Era a isto, pouco mais ou menos, que elle chamava, quando escrevia ao irmão Alexandre, ir ver a filha ás Salesias!

Herculano, que o amava, apesar de zangado com elle, disse-me, vindo uma vez commigo no omnibus de Belem:

— Quem era aquelle rapaz, de flor ao peito, de quem você se despediu agora?

—Era o Garrett! — lhe respondi ingenuamente.

—Ah! — exclamou o mestre.— Parecia-me filho d'elle. Acho-o muito mais moço.

Olhei um tanto embatucado para o grande historiador. Elle sorriu-se, com aquelle sorriso luminoso que lembrava os raios de sol de primavera, rasgando nuvens de inverno, e tornou-me:

— Pobre Garrett! Faz aquillo para se enganar a si, porque bem sabe que já não illude os outros. Algum dia, de repente, desapparece toda aquella juventude, todas aquellas graças com que o corpo já não póde, e que são unicamente sustentadas pelo espirito; mas n'esse dia achar-nos-hemos diante de um cadaver!

Terrivel prophecia! E como se realisou tão breve!

Precisando eu de cartas de recommendação para o illustre escriptor italiano Chibrario, ministro da fazenda de Victor Manuel, mandei pedir-lh'as, em vez de ir, sendo dia em que elle me esperava. Como viesse errado o nome da pessoa que tinha de apresentál-as em Turim, escrevi-lhe novamente, por um algarvio muito fallador, operario do arsenal em serviço das reaes galeotas. Parece que esse homem, simples e rude, se enfastiou de esperar que o poeta terminasse o doce cavaco em que estava, com as taes senhoras da sua amisade, e poz-se a gritar á porta, com a eloquencia peculiar aos seus compatriotas de Faro e de Villa Real de Santo Antonio. Para se livrar d'elle, Garrett foi obrigado a dar-lhe a carta pedida, escrevendo-me este bilhete:

«Julho 10 (1854).

«Meu caro sr. Amorim. —Vae outra carta como pede. Eu peço-lhe que, quando queira fazer-me favor, não torne a mandar o presente portador, que não póde ser mais seccante e brutal.

«Venha por aqui almoçar um dia, que não seja sabba-

dos ou terças feiras, e traga novas da illustre capital dos lusos. — Ad.s — am.o = *Almeida Garrett.*»

VIII

Quando elle escrevia ou fallava, *fazendo estylo,* como n'aquelle «peço-lhe que, quando queira fazer-me favor», era indicio de despeito. Nas horas de bom humor, não desdenhava temperar a conversação com o sal grosso da praça de Athenas. De uma das vezes em que lhe levei Rebello da Silva para almoçar, á casa do Salitre, emquanto se barbeava, parava a cada instante, para nos dar conversa, e jogava 'grossa chalaça', — palavras suas no *Chaveco liberal* — affirmando sentir-se ainda capaz de aguentar seis *namoros;* e outras basofias de igual calibre, tudo isto em phrase pittoresca e estylo burlesco. Rebello, que nunca o tinha apanhado em tanta intimidade, dava gargalhadas estrondosas, commentando-lhe as vaidades, em *ápartes* dirigidos a mim. De repente o poeta suspendeu os gabos que fazia das suas posses amatorias, assumiu o seu grande ar grave, e pediu os sapatos ao creado.

Este, novo na idade e na casa, servia-lhe tambem de *groom.* Fardára-o com libré de phantasia, de côr verde bronze, muito bem feita, que todavia lhe inspirava amargas queixas contra o alfaiate. Tratando-se de elegancia, a menor ninharia o preoccupava, receioso de que o achassem em falta de bom gôsto. Por muito tempo o servira outro creado, de nome João, popularissimo entre os amigos de Garrett, e que ao cabo de longos annos se foi embora não sei porquê. Julguei que voltaria, como de outras vezes; mas parece que amo e creado tinham esgotado a paciencia de se aturarem mutuamente, visto que este não tornou, e aquelle, quando eu mostrava curiosi-

dade de saber os motivos, fechava-se, como a ostra quando vem a onda.

O actual escudeiro, amestrado pelos outros creados em todo o genero de velhacadas, ensaiava ademanes humildes e fingia tremer diante do patrão, que aliás o tratava com verdadeiro mimo litterario, sobretudo quando se azedava. No momento de lhe pedir agora os sapatos, ou porque encontrasse nos seus arranjos de vestuario qualquer desafinação, ou porque a seriedade repentina proviesse das nossas risadas sobre as suas pacholices, o certo é que fez estylo mui diverso do que estava usando momentos antes.

O creado poz os sapatos no chão, sem reparar que eram ambos do mesmo pé.

— Destroca isso, homem! — ordenou elle, empurrando-os, um para cada lado.

Não dando pelo engano, tornou o servo a juntál-os.

— Olha que são ambos iguaes!

— São, sim senhor.

— Tu queres que eu te falte ao respeito?! Vae buscar o do outro pé, irmão d'este, e não me tentes a que te faça algum desacato.

Rebello da Silva olhou para mim, e como nenhum de nós podia já conter-se, corremos para a janella, e ali fingimos que nos estavamos rindo da celebre Therezinha, que morava então defronte, com Bernardino Martins da Silva.

Quando João fazia d'aquellas phrases, era signal de tempestade; e o rapaz, que n'essas occasiões se atarantava mais, tornou-se dentro em pouco tempo o unico portuguez que odiava do intimo d'alma o estylo de Garrett.

IX

Ainda outra recordação da casa da rua do Salitre, n.º 181: João passeou a cama por quasi todos os quartos d'essa habitação. Houve tempo em que a poz no gabinete que se seguia á sala, onde tambem teve a livraria. Ahi, mandava abrir as janellas, á primeira claridade, accendia o cigarro, e deixava-se ficar deitado a ler. Therezinha, que foi das celebridades tristes d'esse tempo, espreitava-o por vezes da sua janella, por simples curiosidade. No intuito de escurraçál-a, fez elle varias tentativas, mais ou menos plebêas; e como não levasse a melhor, repetiu-me um dia o seu já para mim velho estribilho:

— Se eu não tivesse quarenta e tantos annos, e uma beca de juiz, você veria como ella se curava de espreitadellas!...

Não sei se acabou por se esquecer da beca e dos *quarenta e tantos,* nem que acto fez de tamanha efficacia que Thereza não só deixou de abrir a janella fronteira á d'elle, mas até mudou de casa!

Voltemos á Junqueira. E vejamos outro estylo, que elle usava commigo, quando tinha o ânimo bem disposto:

«Segunda feira, 28 (julho de 1854).

«Am.º — Ámanhã, 29, terça feira, depois de haver felicitado os povos de Africa, Oceania e Asia, com meus sabios conselhos, tenciono ir ás 3 para 4 da tarde, pedir hospitalidade á sua porta.

«Fixo só uma condição que vem a ser a de não ver, por causa das tentações, mais que uma posta de peixe cozido — seja qual for, e uma pequena dóse de vitella assada, agua fria e duas ou tres peras. Quaesquer outras iguarias terá a bondade de as consumir antes da minha apparição.

«Ad.s até então. — Am.º = *Almeida Garrett.*»

Sabendo que havia entre os meus amigos alguns de que eu me separava com custo, para ir estar com elle na Junqueira, pedia-me — tal era a sua bondade! — que os levasse commigo, quando ia lá jantar. Escrevia-me repetidos bilhetes, em fórma de recado, que eu não fui bastante cuidadoso para conservar, assim como perdi bastantes cartas suas nos primeiros annos da minha propria doença, umas por extravio e outras por se terem rasgado! Reproduzo um dos bilhetinhos:

«Dirás em casa do sr. Amorim que ámanhã cá os espera sem falta o — Seu am.º = *Almeida Garrett.*»

Continuando as minhas ausencias, escrevia-me de outras vezes:

«Sabbado de tarde (principio de agosto de 1854).

«Meu caro am.º — Se pensa com effeito vir por cá alguma vez, venha hoje, porque estou muito triste e precisado de companhia que me não seque. Se hoje não póde, venha ámanhã cedo; e n'esse caso, se não quer vir só, venha com um dos *Vogaes do Supremo Conselho da Inquisição.*

«Mas o melhor de tudo é vir hoje. Almoçaremos ámanhã e jantaremos bem. — Seu do c. = *Almeida Garrett.*»

X

Fui immediatamente. Achei-o mais doente que de costume, e tive tal ou qual remorso das largas ausencias que lhe fazia. Comquanto me não persuadisse ainda que a sua enfermidade fosse tão grave como era, tratei de reparar as minhas faltas, para que elle me não chamasse com rasão ingrato. D'ali por diante amiudei as visitas, e ficava lá todas as noites que podia. Elle andava com effeito muito triste. A filha, sua maior alegria na terra,

estava no convento. Sabendo-o só, nos dias que passava em casa, íam por vezes fazer-lhe companhia, ora os seus vizinhos Pintos, ora a familia de D. Pedro Moscoso, que morava no primeiro andar do mesmo predio; e tambem certas senhoras suas vizinhas, influentes na escolha d'aquelle sitio.

Ás noites, raro tinha alguem, principalmente nos ultimos tempos. Apesar d'isso não alterára as horas de recolher e de levantar, nem as das refeições. Principiava a ter fastio. Se eu ficava, fingia tomar chá commigo, comendo menos de meia torrada. Eu lia-lhe então, até onze horas ou meia noite, algum trecho de historia, viagens, ou theatro. De vez em quando, levantava-me, accendia o charuto, elle o cigarro, e começavamos a passeiar pela sala, conversando, recitando versos, recordando coisas passadas, nossas e alheias. Como eu sabia de cór os seus poemas, dizia-lhe grandes pedaços d'elles, mais como quem os estava lendo do que declamando. O auctor ouvia-me com gôsto; e quasi sempre acabava por acompanhar-me na recitação, em voz mais baixa, corrigindo-me aqui e ali as inflexões. Se n'alguns cantos eu tomava calor, dando-lhes mais vivo colorido, calava-se, parava, accentuava com leves ondulações de cabeça a cadencia dos versos, e dizia-me, logo que eu concluia:

— Ó *seu* poeta, parece-me que n'isso ha verdade; não acha? Diga, francamente, embora seja do officio. Não é por mim... comtudo... penso que não errei muito.

E proseguia o passeio, contente comsigo e commigo.

XI

Tinha elle por costume, fallando de si, e querendo mostrar-se modesto, dizer: «não é por mim». Este 'bordão' servia-lhe a miude, fazendo rir muitas vezes pes-

soas que aliás o admiravam. Protestei por isso, no 'synhedrio', que havia de corrigil-o. E ao tempo que guerreavamos a reforma do theatro de D. Maria, e escreviamos folhetins em collaboração, se me tocava lêl-os, virava-me para o mestre, pedia-lhe venia, com introducções de minha lavra, mais ou menos comicas; e terminava sempre, encaixando a sua phrase: «não é por mim». Logo á primeira, conheceu a malicia, porque Rebello da Silva me festejou a audacia com gargalhadas despropositadas, de denúncia.

— Bem sabemos; bem sabemos — rosnou elle. —Venha a historia.

E raras vezes tornou a usar d'aquelles termos.

N'uma das noites passadas na Junqueira, depois de lhe ter dito todo o canto IV do *Camões*, quando o auctor esperava o V, de que me sabia apaixonadissimo, por ser esse que revelára a minha pobre vocação poetica, estacou de repente, ouvindo-me recitar com maior uncção e sentimento que de ordinario, em vez do citado canto V, a parodia d'elle, intitulada *Cabulogia*, feita em Coimbra, por Antonio Maria do Couto Monteiro:

«Correi sobre esta mesa carunchosa,
Lagrimas tristes minhas, borrifae-a,
Que o pêso do Digesto a tem quebrado.
Cabula minha, pachorrenta e gorda,
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

O viço de meus olhos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sévo do estudo;
Estranhas tretas, ignorados nomes,
Barbara asneira vi; cahi com somno
Por essas aulas onde mora o susto:
Tudo soffri na esp'rança d'um feriado,
Mas no instante de havel-o, toca o sino...
Cabula minha, pachorrenta e gorda,
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?»

O poeta do *Camões* parecia a estatua do espanto, de braço estendido, cigarro na mão, balandrau branco até aos pés, e barrete meio caído á banda. Eu julgava que elle conhecia a parodia; desenganado, pela sua attitude, e mal podendo suster o riso, continuei, com emphase:

«Longe, á tarde, por margens do Mondego,
Na soidão melancolica do Almegre,
Ouvi berrando a negregada Cabra[1]
E de ouvil-a tremeu minha preguiça.
Alta a noite, escutei o bater funebre
Dos tamancos ferrados das serventes
D'esta terra infernal; e ás badaladas
Do relogio juntei meus ais mais tristes...
Cabula minha, pachorrenta e gorda,
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?»

—Isso é bom! — exclamou, emfim.

«Os ventos nas janellas assopraram;
Duras rajadas d'Aquilão tremendo
Mãos cheias de cascalho semeiavam
Pelo rôto sobrado... Feia a noite
Nos acenou co'as negras vesperas d'aula
Malditas do socego...—E eu só a via;
Eu só, na cerração da tempestade,
Via brilhar a luz de gázeo amigo,
Unico norte meu. Por sobre a mesa
Os duros membros negros estendia
Esse Digesto cujo aspecto horrendo
Tantas vezes eu vi, e ás leis sédiças
Corri o véu das interpostas folhas:
Quiz-me punir do ousado atrevimento
Com que as asneiras lhe vulguei nas aulas.
As iras lhe arrostei, ouvi sem medo
As amarellas folhas abanando
Por entre os turbilhões d'atra poeira.
Vi barbas d'Ulpiano, de despeito,

[1] Sino que na universidade chama para as aulas.

Arrepelar-se, e a côr terrena e pállida
Á luz do candieiro apparecendo,
Por antigos morrões quasi apagada,
Não me aterrou, que de almejadas férias
Mê alumiava o pharol de entrudo amigo...
Nume consolador, mimo da cabula,
Como em breve me deixas na Quaresma!
Engano lisonjeiro do estudante,
Que verdade cruel te ha dissipado?
Quem foi ceifar-te no melhor da festa,
Cabula minha, pachorrenta e gorda[1]?»

XII

— Excellente! Faço os meus cumprimentos ao auctor, quem quer que seja. É muito bem feita; e muito me lisonjeia.

Disse-lhe o nome do parodista, recitei-lhe o resto, que ouviu com grande gôsto, e fez merecidos elogios ao poeta. Nunca tive occasião de alegrar Couto Monteiro com estes louvores do mestre; mas deixo-os aqui consignados agora. Vendo que o tempo se nos ía todo em conversas, leituras e recitações, lembrei-lhe, um dia em que o vi melhor, a promessa de me fazer a comedia para se representar com o *Odio de raça*. Acrescentei que o drama breve entraria em ensaios, e que elle nada tinha feito ainda.

— Quem lh'o disse? Ora saiba que alguma coisa temos já.

— Aonde está? Nunca tal lhe ouvi dizer... Antes me parece...

— Pois não lhe pareça. Falta só um bocado ao *Conde de Novion*, em dois actos...

[1] Cito de cór, porque perdi desde muito o exemplar que possuia da *Cabulogia*, hoje rarissima.

— E v. calado! Muito lhe agradeço... Vamos ler...

— Espere; acaba-se domingo; e ler-se-ha tudo junto.

Manifestei-lhe a minha alegria, saindo a correr, para levar tão grata noticia ao theatro. Este modo de agradecer-lhe não foi do seu gôsto. Preferia ter-me ás suas ordens, para conversar, e eu fugia-lhe outra vez, com brutal egoismo! Estava costumado a contentar-se com a minha conversa, e queixava-se, quando lhe faltava.

— Eu sou como os papagaios — me dizia. — Palro desde que acórdo.

Era exactamente isso que me fazia fugir ás vezes!

Madrugador por habito, antecipava n'aquelle verão a hora de levantar-se, talvez porque a doença o privasse mais cedo do somno. Ás cinco, ou ainda antes, estava a pé. Enfastiado de passeiar sósinho pelas casas, e de ter espreitado quatro ou cinco vezes á porta do meu quarto, acabava por me fazer bulha. Se eu persistia em não dar signal de mim, entrava, e abria-me ruidosamente a janella.

Não havia respeitos humanos capazes de conter a minha colera, porque então ainda eu dormia bem as madrugadas! E além d'isso, padecia de uma conjunctivite, que a repentina claridade irritava, causando-me dores atrozes. De uma vez soltei tão inconveniente berro, que elle fechou outra vez tudo com a maior rapidez e saíu, fazendo os mais comicos protestos. Caíndo logo em mim, levantei-me e fui pedir-lhe perdão, allegando o *Genus irritabile vatum* e o estado dos meus olhos. Mas se eu não tinha bastante docilidade e cordura, tambem elle, n'esta parte, era incorrigivel. Todos os dias que eu lá ficava, á mesma hora me fazia a mesma scena, dando-me descomposturas, chamando-me madraço, preguiçoso, cobrindo-me de annexins e proverbios applicados aos dorminhocos, e conseguindo o seu fim, que era fazer-me

sair da cama, de boa ou má vontade, para lhe ir dar 'cavaco'!

XIII

Quando lhe sobrevinham ligeiros allivios, recomeçava a fallar-me dos seus projectos de vida e trabalho, assim que fosse para a casa nova. A idéa que mais acariciava ainda era levar a effeito a sua, sob diversos titulos, tão annunciada historia da restauração. Umas vezes lhe chamára *Chronica de D. Pedro IV*, outras *Vinte annos de historia contemporanea*, e ultimamente se fixára na designação de *Historia da restauração*.

Lamartine parecia-lhe n'esse tempo o modêlo mais digno de ser imitado. Entre os grandes genios ha pontos de contacto que revelam o parentesco d'essas almas de eleição, e o poeta de *D. Branca*, conhecendo as parecenças que tinha com o auctor de *Jocelyn*, comprazia-se em estudál-o. Amores, sentimentos, vaidades, fôrças productivas, e até fraquezas, tudo os approximava. Ambos foram egregios poetas e prosadores elegantissimos; ambos primavam no apuro dos trajos, ainda que o francez foi rico e o portuguez pobre; tinham iguaes tendencias e gôstos artisticos. Um nobre, outro ennobrecido, toda a vida prestaram culto aos verdadeiros principios democraticos. Ricamente dotados de imaginação, enthusiasmo e sensibilidade — as grandes faculdades dos poetas superiores — aspiraram mais a ser considerados como politicos, queixando-se ambos de que a preoccupação do seu seculo os exilasse para a ordem dos cantores immortaes! Emquanto um protestava em França que morria incomprehendido, porque preferíra sempre a idéa em acção aos sonhos fluctuantes, irritava-se o outro em Portugal por lhe chamarem poeta com intenção.

Todavia, foi á politica que ambos deveram ser atroz e indignamente calumniados!

Sacrificando ás exterioridades, exerceram igual influencia na sociedade, e encantaram as mulheres do seu tempo, mostrando-se, quando convinha aos seus caprichos e phantasias, frivolos como ellas. Um e outro pozeram os seus talentos ao serviço da causa generosa da emancipação dos escravos; foram diplomatas, ministros dos negocios estrangeiros dos seus respectivos paizes, e fallaram de si e das suas obras com identica complacencia. Deve, porém, declarar-se, por honra do nosso auctor, que este foi sempre liberal monarchico, e o outro, tendo sido realista de Luiz XVIII, acabou republicano. Garrett nunca levou o impudor até o ponto de assignar o seu proprio elogio; e Lamartine teve o despejo de se descrever com o mais excessivo e ridiculo desvanecimento nos textos dos seus proprios livros [1].

É certo que o francez representou, politicamente, muito maior papel do que o portuguez; e a sua suprema gloria foi salvar a França da anarchia, rejeitando, horrorisado, a republica vermelha. Garrett provou, porém, constantemente, pelo seu caracter e opiniões, que em iguaes circumstancias não teria feito menos. Accusado injustamente de demagogo, combateu, durante a vida toda, a demagogia. E o seu papel de revolucionario, se não como politico, como poeta e litterato, colloca-o acima de Lamartine.

Que elle tivesse, ou não, consciencia de todas estas similhanças, o certo é que se comprazia com a idéa de modelar a sua projectada *Historia da resturação* pela obra franceza do mesmo titulo. Muitas vezes liamos esse

[1] Veja, por exemplo, na *Historia da revolução de fevereiro de 1848*, como elle refere o seu apparecimento no Hotel de Ville, onde aliás prestou relevantes serviços.

trabalho, e posso affirmar que nenhum outro moderno o captivára e encantára tanto. Fórma, estylo, methodo, perspectivas, tudo lhe agradava[1].

XIV

Arrisco-me a passar por immodesto: mas, calando muita coisa, não quero encobrir que o mestre me associava generosamente á sua empreza. A amisade com que me distinguia, e tambem a necessidade de ter quem o auxiliasse nas investigações, tornar-me-iam collaborador d'essa obra. Segundo me explicou, eu faria as buscas de documentos, collocal-os-ia por ordem chronologica, intercalando no texto que elle já tivesse escripto os que fossem d'esse periodo, e resumindo os que não devessem publicar-se na integra: escreveria tambem a parte que me fosse distribuida. Elle armaria o esqueleto, vestindo-o com o seu e o meu trabalho, igualando o estylo e dando harmonia e unidade ao todo. Quatro dias de cada semana seriam destinados a redacção; o quinto a rever, corrigir e uniformar; ao sabbado coordenariamos os materiaes para recomeçar na segunda feira, assentando-se nas divisões de cada periodo historico por ordem de successos; e finalisando, segundo a sua expressão, com o *cavaco* de descanso. Constaria a obra de seis a

[1] Trinta annos antes, no Havre, escreveu um artigo, que existe no seu *Memorandum (ms.) cartões de moralista, de poeta,* intitulado: *Mr. Casimir de Lavigne e Mr. de La Martine (sic),* em o qual collocou este poeta abaixo d'aquelle. Diz que Lamartine era enthusiasta e imitador de Byron, mas que tambem lhe era inferior, e que até lhe macaqueava as lacunas e interrupções extravagantes. Então ainda não conhecia as melhores obras do auctor de *Graziella.* Á medida que as ia lendo, modificava as suas primeiras opiniões; e chegou por fim ao cumulo da admiração, com a *Historia da restauração,* que tomava para modêlo em tudo!

oito volumes; e logo que se começasse a escrever o segundo entraria o primeiro no prelo. Eu pediria licença registrada na minha repartição; trabalhariamos em sua casa, dormindo e comendo eu lá, se assim me conviesse; mas nenhum de nós ficava dependente do outro, senão nas horas determinadas. Se a combinação de morar juntos não podesse ter logar, poderiamos trabalhar separados, comtanto que sextas e sabbados nos reunissemos.

Taes eram as bases que elle me expoz, concluindo, quanto a remuneração, que me caberia o terço do producto liquido da venda dos livros. Eu era moço, tinha saude, fé, esperança no futuro e confiança no mestre. Porque me não lisonjearia, pois, com a idéa de acarretar materiaes para o monumento que elle delineava? Eu seria apenas uma peça da machina, elle a intelligencia que a movia.

XV

Existiam já bastantes elementos, a que só faltava ligação e ordem. Constavam dos seus artigos e discursos ácerca da revolução de 1820, e da historia do partido constitucional; dos que escrevêra na emigração; e uma parte do *Portugal na balança da Europa*. O mais importante, porém, era uma duzia de capitulos, pelo menos, que elle tinha redigido, e que foram acrescentados depois da sua saida do ministerio. Não os li, mas vi-os na casa do Salitre; e deram entrada na de Santa Izabel, onde os metti nas gavetas-cartões das estantes, notando então que estavam mais augmentados com a noticia de factos recentes, ainda que sem se prenderem aos primeiros [1]. Que foi feito d'elles? No exame a que procedemos—

[1] Se não os li, da primeira vez, quando examinava tudo, para o estudo da sua biographia, foi por elle me dizer que estava trabalhando n'elles, e que tencionava concluil-os e publicál-os; e que

D. Pedro, Gonçalves e eu — depois da sua morte, não os encontrámos com os demais manuscriptos, onde aliás havia muitos fragmentos cuidadosamente conservados, a maior parte dos quaes não teem importancia. Acaso os destruiria?

No derradeiro mez da sua doença, estando já de cama, levantou-se duas vezes, em occasiões de eu ter saído, e de ambas o encontrei ao pé do fogão, queimando papeis. Da última, a cinza dos consumidos atulhava inteiramente a caixa da fornalha! N'esta occasião, achando-o cansado e commovido, perguntei-lhe se não podia mandar proceder áquelle trabalho por outra pessoa. Respondeu-me que não. Fallava-me magoado, não sei se pelas tristes reflexões que o levaram a praticar o acto, se por ter lido muito, e tambem pela natureza do que lêra. O esforço fôra immenso. Quiz-me parecer que tivera grandes luctas comsigo mesmo, primeiro que se resolvesse a aniquilar essas provas de erros ou crimes alheios. Guardava-as, talvez para castigar inimigos; receiando, porém, a morte, seria vencido pela generosidade da sua bella alma... Hoje estou persuadido de que tudo quanto tinha escripto, sobre a citada *Historia da restauração,* pereceu no fogo. Se me engano, houve roubo, e teve logar ainda em sua vida [1].

por isso era inutil a minha leitura. Então, ou não tinha ainda concebido o vasto plano de que fallo no texto, ou queria guardar o segredo do que ía fazendo. Confesso que em 1854, sentindo aguçada a minha curiosidade, os teria lido; mas faltou-me o tempo... e, para que é negál-o em meu prejuizo? Senti repugnancia de o fazer, sem sua auctorisação.

[1] Confesso que me assaltaram graves suspeitas d'isso, recordando-me, no acto de se dar pela falta d'aquelles papeis, da perturbação de certa pessoa, que um dia surprehendi ao pé da estante, onde elles estavam. Calei-me, porque nada podia affirmar. E com menos rasão ousaria manchar agora a memoria de quem já não póde defender-se.

Em qualquer dos casos, sabendo-se quanto era incapaz de vinganças, não póde deixar de lastimar-se a destruição de um trabalho em que tantas vezes nos fallou o auctor. A pag. 246 d'este volume, tratando da *Memoria historica da duqueza de Palmella,* publicada em 1848, transcrevi o que elle disse, referindo-se aos acontecimentos que precederam a revolução do Minho, de 1846:

«Póde estar escripto o livro, mas deve estar, e está, fechado a sete sellos. Por ora, e para aqui muito menos, nem uma linha d'elle [1].»

Só nos resta deplorar-lhe a perda.

[1] *Obras,* tomo XXIII, 1871, pag. 323.—Pela absoluta impossibilidade de extractar tudo que nas obras do auctor vem a proposito, para as suas memorias, não transcrevi, do que muito me pezou, a respeito das suas relações com o duque de Palmella, o que se lê a pag. 299 d'esta mesma edição. Mas a extensão do meu trabalho obriga-me a não insistir muito sobre o que todos podem ler, por estar já impresso, reservando as minuciosidades para o que é desconhecido. Do receio de avolumar ainda mais o que já parecerá demasiado, resulta-me por vezes deixar alterado o verdadeiro sentido de algumas notas, como por exemplo em a n.º 1 de pag. 60, d'este volume, á qual, para ser bem entendida, faltou o seguinte complemento:

'Mas não o tómo, para Garrett, no sentido em que Joaquim Bento o diz, como accusação de que recompunha os discursos para os imprimir. Se outros o faziam, a differença que havia nos seus não era devida a esse abuso; provinha exactamente do contrário: de elle não os rever e emendar'.

XIX

Porque falla o auctor dos seus vinte e sete annos. — Carta de Garrett, sobre este assumpto. — Outra, do mesmo, ao mesmo. — Braguez 2.º — Arvoredos hyperboreos, pintados pelo creado de Boreas. — Ainda a lhaneza e affabilidade do poeta. — 'Aquel'homem das pintas'. — O romantico do balandrau pardo. — Tumulo de Fielding. — Historia dos sapatos de baile. — Consequencias. — Molhadella funesta. — Recaída. — Cigarros e charutos. — Rapé e a 'caixa das execuções', nota. — Quem ha de valer agora ás obras, de Santa Izabel! — *Eureka!* — Manuel José Gonçalves. — Outra vez a minha casa. — Interessantissima carta, de Garrett, ácerca dos arranjos da sua última residencia. — Nova serie de apontamentos. — Luctas de Gonçalves com operarios e mestres. — Carta, em que o doente se dá por melhor, sem o estar. — Boa alma. — Outra carta, ao auctor. — Data errada, nota. — *O conde de Novion.* — Ignoro quando foi composto, nota. — Descripção do manuscripto, nota. — Auctorisação dos herdeiros, para se imprimir *Novion, Lucrecia,* e *Magriço,* nota. — Bellezas, e defeitos da comedia. — Representação: como foi recebida, e retirada da scena. — Sobre o modo por que Garrett compunha. — Reproducções ou *fac-similes.* — Caracter da sua letra. — Porque se falla ainda nas *Folhas caídas.* — Datas curiosas. — Ditas, que se contradizem. — Porquê. — Os sete peccados mortaes e os seus sete principaes namoros. — Confirma-se que o amor o impediu de ser padre. — As tres irmãs inglezas, das *Viagens na minha terra.* — Versos italianos. — Pensamentos. — Proteo amoroso. — Não póde haver unidade n'este trabalho. — Mais duas cartas, a Gonçalves, por causa das obras da casa. — Portador para a Junqueira. — Carta ao auctor. — Dita, a Gonçalves. — Evitavamos apparecer-lhe. — Explica-me, por escripto, que 'umas senhoras suas vizinhas' se encarregam de substituir Gonçalves, arranjando eu os livros e papeis. — Mostro a casa a uma das ditas senhoras. — Nova epistola, a Gonçalves, cheia de justas lamentações. — Coisas de linguagem, nota. — Recado, para mim, a proposito da pretalhada. — Meus negocios da marinha e da bulla. — Antonio Pereira Lima, e visconde de S. Januario, nota. — Como se accenderam os fogões. — Arrumação dos livros e papeis. — Classificações de Garrett, nota. — Discussões e estudos, sobre a maneira de collocar os moveis. — Jardim: Revejo um pinheiro, em bancos, nota. — A pitangueira. — Cocheira, cavallariça e palheiro. — Os machinhos. — Vertigem do auctor. — Última carta, escripta da Junqueira.

I

No dia 13 de agosto de 1854, em que o auctor d'este trabalho completava vinte e sete annos, quizeram alguns dos seus mais intimos amigos obsequiál-o com um ban-

quete[1]. Garrett, que tinha melhorado, foi prevenido a tempo, para que não faltasse. Escrevi-lhe na vespera, remettendo-lhe a lista dos membros do synhedrio que assistiam á festa, e pedindo-lhe que se armasse de todo o seu ânimo, para resistir ás tentações peccaminosas da gula. Por desfortuna, *ignoto deo* empalmou-m'o, levando-o para Cintra! Imagine-se o meu despeito, não recebendo resposta, nem novas d'elle! Passado o anniversario, tambem não lhe dei signal de mim, emquanto me não pareceu que a sua ausencia poderia ser por doença. Logo que isto me occorreu, dirigi-lhe nova missiva. Respondeu-me com a carta de brincadeira que se segue.

«Forte da Estrella, antigas prisões da Junqueira, de fomentadora memoria pombalina, aos 22 de agosto 1854.

«Illmo sr. — Dirigindo-me a v. s.ª por ser o membro assignado do sanhedrio nos dois documentos que em devido tempo recebi, a todo o mesmo venerando e venerado sanhedrio me dirijo por um illustre Canudo do dito grande orgam.

«Já quando verbalmente fui intimado para comparecer de minha pessoa no fausto, fasto e fastoso dia 13 do corrente agosto, a certas horas da noite, tive a honra de responder que era duvidosa a minha possibilidade de cumprir.

«Estava no acto de subir ou de me içar ao vehiculo n.º 3, 333, 333, 333 da respeitavel praça de Lisboa para me transportar pelo *caminho de ferro* a Cintra, onde me chamavam negocios de praso fatal e improrogavel, quando fui entregue na madrugada do referido e sempre faustoso dia 13, quando recebi a primeira missiva a que me refiro. Fui obrigado a permanecer na terra das Queijadas até o fim da semana. E achando á minha volta a se-

[1] Ai de mim! De todos os corações affectuosos que me festejaram n'esse dia, só um palpita ainda! É o de José da Silva Mendes Leal, gloria das letras portuguezas.

gunda missiva, não posso, senão hoje, por funestos incómmodos, responder.

«O que agora faço pedindo ao illustre sanhedrio que tome em sua alta contemplação e justiça (de mouro, por não dizer judeu) as rasões allegadas, que justificam a minha ausencia no para sempre celebrado e *fomentando* dia 13.

«D.s — O competente e respectivo D.s — Guarde a vida de todo o sanhedrio pelos muitos e dilatados annos que todos, principalmente os traficantes de certos liquidos sagrados hão mister.

«João, humilde associado no illustre sanhedrio.»

Vinha dentro d'este sobrescripto:

«Para subir á augusta presença do sanhedrio. — Pela mão do seu secretario, vulgo, o sr. F. G. de Amorim, etc., etc., etc. = *Almeida Garrett.*»

Fechado a lacre vermelho com o escudo das suas armas coroado com a corôa de conde, sobre ella a aguia de azas abertas, tambem coroada, e por baixo a divisa: «*semper fixa*».

II

Achei-lhe graça, queixando-me todavia de que tivesse feito pouco caso do meu convite, desconsiderado os meus convidados e a mim proprio. Elle quiz metter o caso á bulha; mas reconhecendo que eu tinha rasão, calou-se. E d'ahi a dias escrevia-me:

«Sexta feira á tarde (sem data).

«Meu am.º — Mando este expresso a Lisboa para lhe intimar:

«1.º Que domingo deve jantar aqui em companhia do nosso amigo sr. Gonçalves.

«2.º Que avisado elle e rogado a tempo, o meu amigo se disponha a dar-me ámanhã, sabbado, uma *parva quan-*

tità de jantar, acompanhando-me depois a Belem, onde dormirá, e esperará depois que venha o sr. Gonçalves, para jantarmos.

«3.º Que findo o *festim*, incluso o café, poderá cada um fazer o que quizer.

«4.º Que isto não admitte adiamentos, nem emendas, porque no domingo sáe minha filha do convento a banhos e tenho de fazer vida séria.

«5.º Que seja devidamente prevenido Braguez 2.º, para todos os effeitos necessarios.

«Assignado = *Braz Tisana.*

«Agora serio. Ámanhã lá o vou buscar ás tres para as quatro, comerei uma colhér de arroz com seja o que for e partiremos. E que no domingo o senhor não póde jantar nem o sr. Gonçalves senão n'esta casa.— Seu am.º= *Almeida Garrett.*»

Braguez 2.º era o meu creado. As suas sympathias por elle nasciam da arte com que este velhaco nos embaçava, parecendo timido e respeitoso, ao mesmo tempo que achava muita graça á conversação de Garrett nos nossos jantares intimos. Não ousando rir diante de nós, córava excessivamente, emquanto nos servia á mesa, receiando eu por vezes que lhe desse alguma apoplexia, porque era gordo e andava quasi com as bochechas em sangue para suster o riso. João, sem perder a gravidade e aprumo, tinha ditos tão comicos que era difficil conter-se a gente, mesmo sem ser Braguez 2.º Nas paredes da casa de jantar havia pinturas, representando bambús monstruosos, caídos uns contra os outros, agitados por vendavaes impossiveis. Analysando-as, dizia o poeta serem arvores das regiões hyperboreas, pintadas por um Apelles, creado de Boreas. Junto do arvoredo grupavam-se figuras aleijadas, sobre as quaes discorria com a mesma veia humoristica, sentado á mesa e apontando

para traz de si. Parte dos gracejos era destinada ao braguez, indirectamente; porque João divertia-se, vendo-o prestes a estoirar de gôso.

III

Apesar de ser tão grande em tudo, da sua aristocracia de instincto, da distincção das suas maneiras, que foram das de melhor lei dos verdadeiros gentis-homens, a sua lhaneza e amabilidade de trato não podia ser excedida. É certo que, em vista do seu ar digno, quasi magestatico (tinha a magestade do genio, que é a maior d'este mundo), ninguem se approximava d'elle sem sentir-se tomado de respeito; mas acolhia todos tão bem, com tanta amenidade, que ninguem se afastava da sua presença sem ir fascinado, captivo da sua benevolencia e delicadeza. Considerava e estimava as pessoas de qualquer profissão, comtanto que fossem honestas e trabalhadoras. Desagradavam-lhe unicamente os vadios e viciosos, e os de posições duvidosas: para esses não tinha sympathias nem agrado.

Frequentava a nossa sociedade um meu amigo, que o tratava com grande acatamento, mas ao qual elle não dirigia nunca a palavra, por ignorar o seu modo de vida. Vendo-o uma noite no café Martinho, de sobretudo novo, que deixava ver o forro preto e branco, perguntou-me a meia voz:

— Quem é aquel'homem das pintas?

— Qual?

— Aquel'homem das pintas.

— Chama-se F. e é parente de F.

— Ah!

Passada meia hora, tornou:

— Quem é aquel'homem das pintas?

Repeti a resposta. Dois ou tres dias depois, voltou á carga:

— Quem é aquel'homem das pintas?

E tantas vezes fez a pergunta, em occasiões differentes, que eu lhe retorqui por fim, impaciente:

— Não sei que quer que lhe responda! *Aquel'homem* das pintas é Fuão, parente de Fuão.

— Ah! vive d'isso? Então póde juntar-se áquel'outro romantico, de balandrau pardo, que está defronte d'elle; e vão ambos roer canellas de defuncto para o cemiterio, em noites de lua cheia.

IV

Este outro, ex-picador de toiros, chamava-se Diogo; não me refiro ao cavalleiro Diogo Bettencourt, mas a outro do mesmo nome, fallecido annos antes d'esse. Da última vez que tinhamos ido ver as obras a Santa Izabel, entrámos no cemiterio dos inglezes, fronteiro á casa, porque João quiz mostrar-me o tumulo de Fielding. Havia muita gente, por ser domingo, e depois da missa. O auctor das *Viagens* fazia, talvez com menos caridade do que graça, a analyse das mulheres que encontravamos. Os proprios mortos ririam tristemente, se podessem ouvir-lhe as crueis verdades, vestidas pela sua inimitavel musa comica. N'uma das voltas passou por nós um homem agigantado, de casacão pardo, que lhe chegava aos pés, similhando ampla mortalha. Ao cruzar-se comnosco olhou altivamente para Garrett, e passou, tetrico e solemne, como se fosse o amolador da foice da morte!

— Viu aquel'home?

Quando em vez de 'aquelle homem', dizia 'aquel-homem', ou 'aquel'home', viciando de proposito as palavras, indicava victima votada ao sacrificio. Olhei para

traz: o outro voltára-se, esperando talvez que João fizesse o mesmo; porém este, que, apesar de excessivamente curioso, não tinha as manhas vulgares das mediocridades, proseguiu, depois de lhe eu ter respondido:

— É toureiro, e dava-se por meu amigo. Certa occasião, mandou-me por José Estevão grande quantidade de bilhetes para o seu beneficio. Eu não os passei, mas paguei-lh'os todos. E o bruto nunca mais me tirou o chapéu! Estranhando o caso, disse-o a José Estevão, que foi interrogál-o. Respondeu, que procedia assim para que eu o não tomasse por bajulador e sevandija...

N'isto passava Diogo outra vez por nós, com o mesmo arreganho grosseiro e féro.

— Ahi o tem. Veja como todo elle respira independencia, vestida com dinheiro alheio! Coitado, pobre homem! Ali onde o vê, saiba que é nada menos que romantico façanhudo. Cultiva o cemiterio; e fede a elegia, epicedio, necrologio, e defuncto, que tresanda! Ao caír da lua, vem refocilar-se aqui, roendo tibias de inglezes, e soltando suspiros tão gemebundos que fazem dar urros a todas as nenias e vampiros de dez leguas ao redor.

Chegavamos ao pé do tumulo de Fielding, e eu comecei a traduzir a inscripção.

— Não leia isso que é tudo mentira. Verdade é só o nome. Walter Scott chamava-lhe 'pae do romance inglez'. Não é só d'esse: Fielding foi o creador do romance moderno, e viverá eternamente no *Tom Jones*, como Squire Western. A viuva e os filhos d'elle morreram de fome, tendo vivido como mendigos entre homens d'estado que foram condiscipulos e amigos do immortal escriptor... Amigos?!... Eu tambem tive o meu Lyttleton, *in formato 32*, que me nomeou juiz de paz[1]!

[1] Camillo Castello Branco, transcrevendo do tomo III do *Archivo pittoresco*, onde eu o publicára, o paragrapho de que acima dou apenas extracto, acompanha-o de uma interessante noticia so-

Discorreu ainda largamente sobre isto; depois, travando-me do braço e mudando de tom:

— Parece-me que estamos aqui usurpando o logar do nosso romantico?! Vamos ver as minhas obras; e fique advertido de que vou ser vizinho d'este illustre defuncto.

V

Em vez de ir no domingo com Gonçalves, como elle pedia, pude libertar-me no sabbado mais cedo, avisei aquelle amigo de que lá o esperavamos no dia seguinte, e parti para a Junqueira. Calculando alegrar o mestre com esta surpreza, porque em vez de um dia dava-lhe dois, ía eu proprio muito contente, e entrei na sala recitando-lhe não sei que versos a proposito. Mas o estado em que o vi gelou-me.

— Estou muito mal! — me disse elle, antes de lhe eu perguntar coisa alguma.

— Houve novidade?

— Houve: perdi por um instante a cordura, de que me parece ter dado sempre minhas humildes provas.

— Como assim?— volvi, sorrindo, pelo ver já fazendo estylo, signal de que ía melhorando.

— Mandei aquelle malvado rapaz buscar varias coisas á casa de Santa Izabel; disse-lhe que viesse embarcado, e apparece-me aqui, a pé, depois do meio dia, coberto de

bre Fielding, publicada a pag. 33 e seguintes do n.º 12 das *Noites de insomnia*, Porto, 1874. — O motivo por que sou obrigado a cortar ou restringir fallas de Garrett é obvio: cada cem paginas que acrescente ao volume custam-me, pelo menos, trinta libras mais, que eu gastaria com grande gôsto (assaz o tenho provado!) se fosse rico, para publicar a menor phrase d'elle. Mas, pobre, em terra de gente que não lê, e de governos que só protegem amigos, estou roubando meus filhos com estas minuciosidades.

suor e de poeira. Emquanto fallavamos, deixo descaír a vista... Ora que imagina o senhor que eu vi?

— Confesso... que não imagino nada.

— O infame trazia calçados os meus sapatos de baile!

Desatei a rir perdidamente.

— Sim?! Parece-lhe o caso para isso?! Tambem a mim me devia parecer... mas considere que não havia outros iguaes em Lisboa; mandou-m'os o Paiva, de París... Não se lembra? Eram aquelles de rendas pretas no peito do pé... e tudo á roda polimento finissimo.

— Sim, bem sei; eram muito... muito...

— Qual muito, muito! Falle um bocado serio, se póde. Houve por bem aquelle mariola dar preferencia aos mais bonitos, mais elegantes! Já não podia andar leguas senão de sapatos de baile!...

Eu estava sem saber se devia rir, se tomar a serio a sua afflicção! O creado era o tal dos sapatos trocados no Salitre. Esta última picardia dava-lhe fóros de patife de genero pouco vulgar ainda n'esse tempo, comquanto vulgarissimo hoje. Depois de reflectir, julguei que o acto fôra mais de parvo que de mau. Nenhum servo de juizo se teria apresentado diante do amo com as provas do delicto á vista. Fiz-lhe sentir isto, que o consolou mediocremente, e perguntei o que se passára com o sacrilego. Respondeu que, ao vêl-o assim calçado, fôra tal a sua indignação que o brindára com meia duzia de bengaladas, despedindo-o em seguida.

— Porventura podia eu tornar a calçál-os, depois de terem andado nos pés immundos d'aquelle vil e hediondo porco?! Além de que, estavam inteiramente estragados pela caminhada!

Tudo isto, que parece pequeno e ridiculo, teve sérias consequencias. O excesso que fez, para castigar o creado, aggravou-lhe a doença extraordinariamente. Para temperamentos como o d'elle, e tendo já os orgãos mais essen-

ciaes á vida inteiramente arruinados, raro deixam de ser funestos os accessos de colera. Dir-se-ia que aquelles elegantes sapatos eram o último laço que o prendia á vida frivola do mundo. Perdidos elles, os seus pés não souberam andar mais senão no caminho da sepultura!

Diligenciei distrahil-o, e depressa se esqueceu do desgosto. Mas os resultados ficaram. O nosso jantar foi pouco alegre. Gonçalves, informado por mim no domingo, riu muito do caso, acabando elle por applicar a si proprio muitos epigrammas. E quando o deixámos, ás dez ou onze horas da noite, julgavamol-o no seu anterior estado.

VI

No principio de setembro, vindo a Lisboa, apanhou uma grande molhadella, e appareceu-me em casa encharcado. Receioso de parecer grotesco dentro do fato que eu lhe offerecia, mudou apenas de meias, emquanto o meu creado lhe enxugava o calçado ao lume. Jantou á pressa, chamou-se uma sege, e partiu em seguida para Belem. Esta molhadella, sobre a commoção recente, devia ser fatal á gloria da nação portugueza, apressando a catastrophe que a privou d'aquelle filho illustre! Apesar do defluxo que o acommetteu, os seus amigos persuadiram-se que triumpharia ainda d'esta vez. Mas, voltando á cidade, d'ahi a poucos dias, e menos mal disposto, quando chegava á Pampulha, no regresso, teve uma syncope, e mal pôde gritar ao boleeiro que parasse. Foi tirado da sege em braços, e levado á botica das Necessidades, onde lhe deram cordiaes que o reanimaram. Passada uma hora, pôde ir para casa.

Informado no dia seguinte, fui vêl-o immediatamente. Achei-o já levantado, mas de uma pallidez cadaverica. A tristeza e desanimo com que me fallou impressiona-

ram-me vivamente. Nunca nos seus anteriores ataques o vira assim. Tinha por costume, exceptuado o caso dos sapatos de baile, fingir-se menos doente do que se sentia. Agora, não; queixava-se muito e a miude; e era facil conhecer-se que estava preoccupado. Depois de termos trocado poucas palavras, disse, olhando-me fixamente:

— Quem me ha de valer agora áquellas obras de Santa Izabel?!

— Trate de si; recobre-se; depois cuidará das obras.

— O doutor quer que eu vá para Lisboa; e se isto tem de me ser fatal, desejo morrer na minha casa nova.

— Mau!... Veja se póde fumar, e experimente este cigarro, que não veiu do contrato. É verdade que v. tem sido mimoso da fortuna, ou antes dos contratadores, que o abarrotam de charutos excellentes, e de tão bons cigarros, que até eu já me costumei a elles!

Accendeu o cigarro, não o achou muito mau, e mandou-me visitar as caixas de charutos, que estavam debaixo dos papeis, ao canto da sala. José Isidoro Guedes, José Maria Eugenio de Almeida, e Francisco José da Costa Lobo, contratadores d'esse tempo, todos seus amigos, presenteavam-n'o com os melhores charutos e cigarros. Elle preferia estes; e, por via de regra, fumava eu grande parte d'aquelles. Amava o cigarro desde os seus tempos de Coimbra. Fumava de vez em quando algum charuto, principalmente andando a passeio; em casa, rarissimas vezes o fazia, e nunca sobre a comida. Estranhando-lhe eu isso, respondia que o fumista legitimo, depois de comer, só fuma cigarros.

— O charuto é mais objecto de ostentação e luxo do que satisfação de necessidade creada pelo habito de toda a vida[1].

[1] O cigarro foi o seu vicio, se vicio póde chamar-se ainda a esse uso, tão commum nos povos modernos, que muita gente quer antes deixar de comer que de fumar! No graciosissimo prefacio-

Eu volvia-lhe que elle tinha rasão, sobretudo emquanto possuisse d'aquelles, e m'os desse a mim. Com a precipitação com que mexi nas caixas, deitei-lhe os papeis abaixo, e baralhei-lh'os todos; mas consegui o que pretendia, que era desviar-lhe o pensamento da doença. Como em taes occasiões o melhor remedio para elle era a companhia de um amigo verdadeiro, foi serenando gradualmente, até que voltou aos epigrammas joviaes; porque tinha a elasticidade das grandes organisações superiores, de que falla na *Helena* (pag. 73), e repellia de si a melancolia e desalento que o prostravam, ganhando seu natural equilibrio de bom humor, que fazia d'elle o mais amavel e seductor dos homens. Voltando, todavia, ao assumpto que mais o preoccupava, tornou-me, em tom já menos triste:

noticia, da *Lyrica de João Minimo*, a pag. 25 (Porto, 1882), vem o comico soneto, que elle fez em Coimbra ao *pontifice*, e que principia:

«Dá cá d'esse cigarro uma fumaça
Antes que a lata a cachações te meça:
Dá-o por bem, antes que a mal t'o peça;
Passa cá o pontifice, louraça.»

Minutos antes de expirar, fumou ainda meio cigarro! Persuadiam-se algumas pessoas que elle tambem tomava rapé por vicio; e os seus amigos contratadores do tabaco brindavam-n'o com amostras das melhores qualidades. É certo que usava caixa, de ouro ou prata dourada; mas só se servia d'ella em occasiões solemnes, quando fazia algum discurso memoravel, dos de deitar tudo a terra; ou n'outras circumstancias graves. Imitára esta moda dos oradores inglezes. A pitada a proposito era um recurso oratorio, uma pausa terrivel, em que a ironia pungente e o sarcasmo fulminante preparavam o auditorio para assistir ao sacrificio da victima, emquanto o executor dava o último fio no cutello... com rapé meio grosso! Este auxilio da arte moderna escapou a Demosthenes e a Eschynes: se o tivessem conhecido, não chegavam ao nosso tempo tantos gregos que por ahi vemos. — Os amigos de Garrett chamavam á sua caixa de rapé, *a caixa das execuções*. (Veja *Sob os cyprestes*, por Bulhão Pato, Lisboa, 1877, pag. 75.)

— E a casa? Se não acho alguma alma caritativa que me valha, estou asseiado!

— Para o que eu souber, aqui estou.

— Hum...

— Não lhe sirvo?

— Diz que nunca tem tempo! Talvez porque lhe sobra preguiça... E, se realmente póde agora dispor de si, porque não vem fazer-me companhia?

— Venho quando posso, e logo que posso.

— Não digo que não... O diacho é a casa! Com tanta coisa ainda por arranjar!...

— Ha de dar-se-lhe alguma volta.

— Com geito, duvido!

— *Eureka!* Estamos salvos! Que estupido esquecimento o meu! Temos homem, e excellente, optimo, unico!...

— Quem é esse prodigio, essa nata do genero humano? Diga, depressa.

— Quem ha de ser senão aquelle bom e intelligente Gonçalves, que sabe tudo, que para tudo tem gôsto, e que faz tudo quanto se lhe pede da melhor vontade?

— Sim, confesso... tambem me parece... Mas como hei de atrever-me a pedir-lhe similhante coisa?!

— Ainda não o conhece. Compraz-se em ser util: e por v. até será capaz de fazer milagres.

— Pois se elle não tem medo que eu deixe de o cumprimentar, como fez 'aquel'home' dos vampiros...

— Não tem; fique descansado.

— Comtudo...

— Adeus! Que mais quer?! Invento-lhe a unica pessoa capaz de salvar a situação, e o senhor não se alegra!

— Accommode-se! Estou doido furioso de contentamento. Quando falla ao Gonçalves?

— Esta noite; e cá virei com elle ámanhã.

VII

Manuel José Gonçalves, que morreu escrivão do deposito público, fôra educado pelos frades de Rilhafolles, dos quaes recebeu larga instrucção, e formára o seu gôsto e amor da leitura na illustrada convivencia de Mendes Leal, Rebello da Silva, Rodrigo Felner, e de outros distinctos escriptores contemporaneos. Dotado de optimas qualidades, bom coração e clara intelligencia, conversador excellente, argucioso nas discussões com Felner, que, gracejando, o accusava de beato e inquisidor, tinha pilhas de graça, sobretudo nas réplicas, chamando impio ao outro, e temperando a ironia e o epigramma com muito sal, e pimenta ardente. Felner, que não lhe ficava atraz, e que dispunha de prodigiosa memoria, applicava-lhe casos fradescos, quasi sempre de deixar a pelle rubra; e concluia por vezes, voltando-se para Mendes Leal e para mim, com estas ou similhantes palavras:

— Não se fiem n'este patife; se ámanhã vier a inquisição, nós, que não somos hypocritas como elle, seremos victimas dos seus pharisaicos collegas. Quando nos levarem para a fogueira estará o mariola de palanque, e dirá, vendo-nos passar: — «Olhem! Tambem aquelles!... Coitados! São boas pessoas... e é pena que os queimem!... Mas isto é preciso!»

Garrett morria por estas disputas de brincadeira, nas reuniões do que chamava *sanhedrio,* comparando-nos com o supremo conselho dos judeus, e asseverando sermos peiores do que elles nas nossas *judiarias.* Constato que entre tanta gente, de todas as opiniões, que se juntava em minha casa, e entrava nas mais assanhadas controversias de toda a especie, nunca houve a menor quebra de amisade ou o mais pequeno resfriamento, porque todos se estimavam e respeitavam mutuamente. Fôra na

minha casa da travessa do Forno que pela primeira vez apresentei Gonçalves a Garrett. Mudando-me d'ali para a rua dos Fanqueiros n.º 61, Gonçalves presidíra aos arranjos d'esta nova residencia[1]. Tinha a rara habilidade de comprar barato, aquelle bom e generoso amigo, zelando mais os meus interêsses do que eu proprio! Poz-me tudo um brinco! E o mestre, que era muito reparador, ficou gostando d'elle, comprazendo-se em auxiliál-o, aformoseando e ornando as minhas paredes e sala de livraria, para a qual Rebello da Silva me presenteára tambem com uma mobilia completa, em preto, estofada de damasco de seda carmezim, e tres bellissimas estantes de estylo renascença.

VIII

Recordando-se pois das prendas e talentos mobiliarios e decorativos de Gonçalves, e resolvido a acceitar-lhe os favores, João acabou a conversa, pondo-me quasi na rua, para que fosse logo fallar-lhe. No dia seguinte levei-lhe aquelle prestante amigo: e d'ahi a pouco lhe escrevia o poeta, feitas as necessarias conferencias, a seguinte carta:

«Segunda feira 11 de setembro (1854).

«Meu amigo e sr. — Já que quer ter a bondade de me valer n'este fatal apêrto em que me vejo, pondo alguma ordem n'esta minha mudança de casa, que tanto aggrava

[1] Mudei-me em janeiro de 1853, porque n'esse anno esperava meu irmão, que devia vir do Pará. Garrett não gostou da mudança. Dizia que a 'casa dantesca' valia mais que um palacio; e que eu seria mau escriptor e mau homem, se não a pozesse em livro, para memoria eterna. Em livro ficará, se Deus me der vida, assim como a da rua dos Fanqueiros, não menos digna de celebridade, pela gente que a frequentou.

os meus padecimentos, faça a caridade completa e inteire-se de todo o gravissimo negocio que estupidamente emprehendi sem forças nem cabeça para o desempenhar; tanto que, se me não acudisse providencialmente o seu obsequio, entregava-me á sorte, e deixava tudo. Eis aqui o estado da questão.

«Entremos pela dita casa de Santa Izabel, e pela sua porta principal:

«1.º O vestibulo precisa de dois banquinhos ou duas cadeiras — que á vista designaremos. Segue-se uma porta na escada, que ha *seis mezes!* se anda fazendo, e como viu, não está feita. Esta porta com dois batentes precisa uma ferragem especial para a porta poder girar. Ajustei a confecção e pintura da porta com o meu armador Gaspar por 12$000 réis, tendo de levar em cima as iniciaes de meu nome, e o timbre de minhas armas (que eu forneço de fóra parte em metal doirado) a pintura mogno, dois oculos redondos no meio da porta (que eu tambem forneço).

«Não a apromptando já Gaspar (ou o seu carpinteiro) temos de a mandar fazer a outro, e Gaspar que leve o que está principiado desde abril, e nunca acabado. O chão de pedra que fica entre a dita porta e a escada é pintado a branco, assim como o alizar, e precisam reparados. A escada pintada a mogno precisa verniz porque é a tempera, e o pintor roubou-me ao verniz. Faltam tres varões de metal para segurar o tapete da escada. O candieiro ou bico de gaz da escada não é do meu gôsto. Quem o collocou foi o Imberton, agente da companhia, e foi com a condição de se mudar se não agradasse. O dito Imberton deve mandar dois ou tres para se escolher, collocar-se o escolhido, e fazer-se de modo que não offenda o estuque. O patim da escada até cima aonde chega a pintura, estuques, rodapés, etc., tudo precisa reparo de pintor, verniz a escada, etc.

«2.º Todas as portas do primeiro andar precisam reparo e trabalho de carpinteiro e de pintor. Verniz nas portas e janellas dos tres quartos da frente; a saber: saleta, livraria e sala.

«3.º Casa de jantar está prompta, menos portas, janellas, e duas boas mãos de verniz que precisa o sobrado da dita sala, e o do corredor principal que a ella conduz. Cadeiras precisam polidas.

«4.º A saleta ou sala de espera leva quatro cadeiras de marroquim que tambem precisam polidas. Tem obrigação o Gaspar de as polir. Leva mais duas bancas de jogo bonitas de mogno, como já tratámos. O tapete posto em termos (que não está) obrigação de Gaspar; e um transparente na janella, que escolheremos.

«5.º Livraria — tapete posto em termos — como já dissemos. Relogio proprio — puchador de cordão que diga com as cortinas na campainha. As cortinas estão mal postas, como já observei; os transparentes brancos indignamente postos. Se Gaspar os não põe já em termos e repara o mal feito, mudaremos de armador. Ficam n'este quarto os trastes seguintes:

«1.º A banca grande de escrever, que precisa um oleado (que escolheremos); 2.º, a cadeira *abbacial*, que precisa forrada de novo da mesma fazenda das cortinas[1]; 3.º, de um mocho dito dito; 4.º, de uma banca subsidiaria mesmo estylo sebastianista; 5.º, duas cadeiras genovezas, que só precisam limpas.

«Portas, alizares, guarda-pés e paredes, tudo precisa reparado de pintura.

«6.º Meu quarto de cama. Tapete posto em termos, que não está (obrigação de Gaspar), papel chamado *per-se*, escolhido igual a uma chita que ao mesmo tempo se

[1] É a mesma que hoje me pertence, dadiva de el-rei o senhor D. Fernando.

deve comprar, tudo alegre. A chita é para coberta e armação (mui simples) da cama; e da mesma chita serão forradas duas cadeiras ou tres que destinaremos para serviço do quarto da cama.

«A cama é *sebastianista*, e está a concertar em casa do meu amigo e vizinho marceneiro. Tem um colxão de molas que está a concertar em casa do meu colxoeiro ao Calhariz.

«A janellinha da fresta está muito mal feita, e precisa alterada como disse, antes de se pôr o papel. A porta falsa que vae ao retrete tambem precisa arranjada antes de receber o papel, como já dissemos. Os cordões das duas campainhas á direita e esquerda da cama, de côr que diga com a chita da armação da cama.

«7.º Sala. Tapete bem posto; portas reparadas, alizares, rodapés, etc., etc. Cortinas brancas bordadas, com um *manteau* de damasco encarnado nas janellas (eu forneço o damasco, que tenho); papel novo que escolheremos; puchadores (ou não sei como se chamam) encarnados nas campainhas. Os trastes, que só á vista podemos designar e que ficam n'esta casa, teem de ser reparados, e recobertos alguns, para dizerem com as cortinas. O interior do fogão da sala bronzeado do mesmo modo que está o exterior do fogão da livraria. Sobre a pedra do dito fogão um espelho doirado, cuja moldura deve dizer com as galerias das cortinas das janellas. A sala não leva passadeiras de hollanda sobre o tapete. Portas, alizares e rodapés repassados de pintura.

«Transparentes brancos nas janellas da sala.

«Apontamentos geraes:

«1.º Tenho varios espelhos que preciso trocar ou vender, os que não servem nas salas. 2.º Um d'elles ha de ser collocado no primeiro patim, ou no alto do primeiro lanço da escada — que é moda agora. 3.º Ha varios trastes que não servem ou não cabem na casa e que ha-

vemos de trocar ou vender. 4.º Ha tres camas de ferro que preciso trocar por outras mais maneiras e simples. 5.º Estou cansado de aturar desde o mez de fevereiro as mangações do meu armador, o sr. Gaspar, que tudo tem feito indignamente; e depois de quatro, seis e sete mezes de espera, e além d'isso é careiro, e r... atrozmente[1]. Mas ha um homem que eu conheço que põe papel, e estofa, e faz todo o serviço de armador, e que se accommoda em preços, o qual se chama *Militão José Ferreira,* e agora poz loja na rua Nova da Trindade n.º 24. Dou ordem a este para que se apresente a v. s. e, se elle effectivamente se accommodar, será bom aproveitál-o. Mas prefiro qualquer que tenha a confiança de v. s. 6.º Os cartões para as estantes da livraria estão a fazer (e a concertar alguns) no encadernador da rua Larga de S. Roque, ao pé do segeiro[2].

«Conclúo este longo e seccante cartapacio, declarando que, apesar de minucioso e seccante, estou certo que lhe ha de faltar muita coisa, que só á vista e conversando se póde explicar. Igualmente desejo que saiba que de antemão approvo tudo o que resolver e determinar, e que todas as contas approvadas e rubricadas por v. s. serão promptamente satisfeitas.

«Se alguma coisa, qualquer que seja, convier porém pagar logo de contado ou adiantar para qualquer despeza, lhe peço encarecidamente que m'o faça immediatamente saber para se apromptar o dinheiro necessario. Receioso de que o não leve a bem, não mando já com

[1] Por aqui se vê que estava de posse da casa desde o começo do anno; mas, por ter as obras ainda muito atrazadas, não póde fazer a mudança do Salitre senão no tempo que eu em seu logar disse.

[2] Eram do feitio de gavetas, com argolas de latão bronzeado, e, quando se abriam, caía a testa da gaveta para fóra, permittindo arrumar os papeis com facilidade.

esta algum dinheiro que possa ser preciso, na certeza de que não fará commigo ceremonia que lhe não mereço porque me confesso — De v. s. — am.º m.to obrigado = *Almeida Garrett.*

«*P. S.* Escrevo n'esta data ao armador Gaspar e ao tal sr. Militão para os pôr de accordo.»

IX

Passados dias, receioso de não ter explicado bem tudo, deu-me outra serie de apontamentos, para eu levar a Gonçalves. Transcrevo-os como curiosidades:

«Lembranças:

«1 Relogio — aquelle que escolhemos ou outro que melhor lhe pareça, mas do mesmo genero, para se collocar entre as janellas da livraria, sobre o fogão. 2 Sophá actualmente coberto de chita, que deve ser coberto de seda (damasco?) carmezim igual á outra mobilia da sala. Escrevo sobre a seda ao sr. Pastor. 3 Roldanas novas de coiro para se porem nas cadeiras e sophá que actualmente as teem de ferro, e que cortam o tapete e estão muitas d'ellas quebradas e desarranjadas. 4 Filtro de marmore, que se deve mudar para o meio da parede que fica defronte da porta-janella do jardim, e ficar desembaraçada a passagem do corredor para a cozinha. 5 Cartões. — Hoje ficou o sr. Roboredo de ralhar com o livreiro e o fazer aviar a obra immediatamente. 6 Bancas de jogo. É preciso trocar a banca desirmanada que existe por duas parelhas — que serão collocadas na saleta e com quatro cadeiras de marroquim fazem a unica mobilia da dita saleta. 7 Cama. Ainda me parece que o varão de ferro, que deve descer do tecto a uma altura conveniente, é indispensavel para não ficar desconformemente alta a armação, e não precisar dobrada fazen-

da. Mas esta opinião não é absoluta, e deve ser modificada pelas circumstancias. 8 Ganchos de metal no tecto da sala e da livraria que precisam ser limpos agora emquanto ha escadas e trabalhadores em casa: o que depois será de mais trabalho e perigo. 9 Quadro de madeira para a bôca do fogão da sala: o qual quadro ha de ser coberto do modo que verbalmente expliquei. Parece-me que este quadro que deve ser ligeiro, porém seguro, deve ser encarregado ao meu vizinho marceneiro.»

E n'outro papel:

«As ferragens dos cartões devem ser bronzeadas e não amarellas. As estantes maiores forradas do mesmo papel de raiz de que são os cartões das estantes menores. As estantes devem ser numeradas A, B, C, D. — A e B (as duas ao pé das janellas), litteratura, poesia e miscellanea. C e D (as duas ao pé das portas), direito, historia e mais sciencias moraes. Forrar de zinco a borda das mangedoiras nos dois stalles. O trabalho do postigo no quarto da cama parece-me que deve ser obra de marceneiro.»

E ainda n'outro papel de maior formato, parte escripto a tinta e parte a lapis:

«Baixos da casa: Porta de rodar no fundo da escada principal, com dois oculos e com as letras e timbre. Envernizar a escada, reparar a pintura. Pintar a porta. Janella atamancada no quarto dos creados. Estrado no dito quarto. Pintar o corrimão da escada interior.

«Primeiro andar: Portas e janellas, betumar as rachas, reparar a pintura. Envernizar as portas e o sobrado pintado. Isto é geral para todo o andar.

«Saleta: Tapete, duas bancas de jogo, quatro cadeiras de marroquim. Transparente pintado, cortinas brancas. Passadeiras de hollanda crúa sobre o tapete, em cruz.

«Livraria: Cortinas verdes de lã nas janellas, tapete,

passadeiras, cordão na campainha que diga com as cortinas, relogio, cartões para as estantes.

«Quarto de cama: Papel e chita irmã, cordões da campainha.

«Sala: Papel, cortinas brancas e de damasco encarnado. Espelho para o fogão.»

X

Gonçalves possuia em alto grau a virtude da paciencia. Sem ella, ser-lhe-ía impossivel luctar com a gente que o poeta encarregára do acabamento e decoração da sua casa. Parece que para o punir do muito que se queixára sempre do desmazêlo e 'não-se-me-dá' dos portuguezes, lhe tinham sido inculcados mestres e operarios! Uns, a tudo faltavam; outros tudo faziam imperfeitamente. Orgulhosos e ignorantes, repelliam com modos grosseiros as lições de gôsto que Gonçalves lhes insinuava com delicadeza. Abespinhavam-se á menor observação sensata, e não havia forças que os obrigassem a saír do 'ramerrão'. Não sabiam, nem queriam aprender a fazer as coisas como se lhes ensinava, á vontade de quem lh'as mandava fazer e não á sua.

Eu ía a miude levar informações ao doente de como os trabalhos corriam; e, quando não podia ir, mandava-lhe as comedias francezas mais recentes ou as últimas publicações de viagens, que foram até ao fim da vida as duas especies de obras que mais o interessaram. Tendo havido serios desaccordos com um dos armadores, escrevi a João, dando-lhe parte, pedindo noticias do seu estado, e remettendo-lhe varias peças. Respondeu-me assim:

«Meu bom am.º — Não ha mais tempo nem papel nem forças: estou comtudo melhor, porém extremamente de-

bil. Mil graças pelas comedias, que voltarão breve com uma outra que já cá estava. Dê saudades ao nosso bom Gonçalves, e que persista e afervore na sua caridade. O principal é que concluàmos o que é pintura e verniz. E que se livre do indigno G. — Am.º do C. = *Almeida Garrett.*»

XI

Longe de estar melhor, como se dizia, peiorava gradualmente. Já nem saía de casa! Apenas, porém, lhe apparecia um amigo de confiança, reanimava-se, voltava á jovialidade do seu caracter, ficava inteiramente outro! E tinha tão boa alma, que ainda n'aquelle triste estado se prestava a servir de empenho aos que se valiam d'elle! Eu andava sempre com as algibeiras cheias de requerimentos alheios, que o obrigava a recommendar, se não aos ministros, porque João já nada lhes pedia, aos que com estes privavam. Mandando-lhe um memorial, e lembrando-lhe ao mesmo tempo a peça promettida, recebi em resposta a seguinte carta:

«Setembro 27 (1854)[1].

«Am.º — Mando o requerimento ou memorial apostilhado.

«O *Novion* póde estar prompto no domingo, se o senhor cá vier de manhã cedo na sexta e aqui se demorar até á tarde. Sem isso não posso, nem isso nem nada.

«Eu estou melhor, mas ainda muito mau, sobretudo

[1] Não póde ser 27, porque a peça deu entrada no theatro, onde foi inscripta sob o n.º 75, em 15 d'esse mez; distribuiu-se no mesmo dia, ao censor João Baptista Ferreira, sendo por elle e pelo commissario interino do governo licenceada em 21. Teve onze dias de ensaio, o primeiro em 7 de outubro e o último, geral, a 20; e subiu pela primeira vez á scena em 21, conjunctamente com o *Odio de raça,* tambem em primeira representação.

muito fraco. Mas ha signaes de me ir recobrando, dizem os DD. (doutores).

«Ad.s e saude. — Seu do c. = *Almeida Garrett.*»

Na sexta feira gastámos, como de costume, o dia todo em conversa; e á noite disse-me o mestre «que não se achava com forças de concluir o pouco que faltava á peça: mas que a levasse eu e a acabasse».

A comedia em dois actos *O conde de Novion* fôra imitada por elle da comedia franceza *Le chevalier du guet*[1]. É engraçada, tanto no original como na imita-

[1] Annos depois do seu fallecimento me affirmou um actor do Gymnasio, que a imitação d'elle se representára ali ou não sei em que theatro particular. Foram inuteis as diligencias que fiz para adquirir certeza d'isso.

Ignoro absolutamente em que tempo arranjou esta comedia. Embora me dissesse que foi quando lh'a pedi, na Junqueira, o manuscripto parece-me muito mais antigo. Os dois actos estão escriptos cada um por sua letra: a do primeiro, grande, clara, firme, da que expressamente se escreve para ser lida sem hesitação, pelo ponto do theatro, parece-se com a d'elle, n'uma das suas variedades. A do segundo, mais garrafal, é de mão menos habil, mas bem legivel e com raros erros. O papel, de formato maximo, bastante grosso, com a marca — Thomar — sem mais signal nenhum. Supponho-o mandado fazer expressamente para serviço official; e por isso creio não errar muito, julgando a imitação ou traducção feita em 1852, na secretaria dos negocios estrangeiros, em algumas horas vagas. Deve ter sido *arreglada*, a pedido, talvez para representar-se em theatro particular. Não estava entre os papeis do auctor, na casa do Salitre, nem deu entrada na de Santa Izabel. Provavelmente este lembrou-se d'ella, quando lhe pedi para ir com o *Odio de raça* uma comedia sua em dois actos. Então a reclamaria da pessoa para quem a arranjára. E até confirma estas supposições a circumstancia de que a parte que faltava 'concluir', quando elle me encarregou d'isso, era o titulo e as primeiras duas ou tres scenas; isto é: as cinco primeiras paginas, porque a numeração do manuscripto começa na pagina 6. Elle tentou refazêl-a, mas não chegou a acabar a primeira scena. É claro que estivera completa, e que essas paginas se perderam ou inutilisaram por qualquer circumstancia. E o que elle me promettia, como obra

ção portugueza. Baseia-se n'um qui-pro-quo, de que resultam scenas e dialogos picantes. Saíu, porém, muito extensa, esfriando por vezes o interêsse, porque o imitador se deixou ir atraz do gôsto de vencer as difficuldades da nossa lingua. Faltou-lhe igualmente a derradeira lima, para lhe castigar algumas demazias: embora chistosa, pecca aqui e ali por excesso de malicia, e ás vezes até por ser um poucochinho livre.

Sentindo a impossibilidade de concluil-a, affirmou o auctor, — que auctor se póde chamar similhante imitador — que não sabia como se lhe desencaminharam as primeiras scenas. Deu-m'a, com o original francez; traduzi o que faltava, levei-a ao theatro, e no dia 21 de outubro d'esse anno subiu á scena. Por sua expressa determinação, não se lhe poz o nome nos cartazes, posto que ninguem ignorasse que era d'elle; e alguns jornaes o disseram. Os espectadores riram muito; mas o exito, em geral, foi mediocre. Acharam os actos demasiado longos.

Communicando-lhe este juizo, auctorisou-me a reformar-lhe os dialogos como entendesse. Depois da segunda representação retirei-a da scena, de accordo com a administração do theatro, por temer que a porção ignorante do público acabasse por lhe fazer algum des-

nova, não era mais que o refazimento d'essa pequena parte perdida, que eu me limitei a traduzir do original francez, arremedando o melhor que pude o estylo do imitador. Ainda outra particularidade: o desembargador Gaspar, que figura na peça, chamou-se primeiro D. Alvaro, e fôra irmão de Constança, que agora passou a ser sua sobrinha. Eu tive de completar essas alterações, apenas indicadas. Tudo me leva, pois, a crer que effectivamente se tinha representado, fosse onde fosse, como affirmava o actor do Gymnasio, sob outro titulo; agora mudavam-se-lhe as guardas, para não ser conhecida. E, em tal caso, déra-se tambem sem se denunciar o imitador, porque ninguem se lembrou d'isso, além do actor citado, quando ella appareceu no theatro de D. Maria II.

acato. Garrett insistiu novamente porque eu a emendasse. Nunca me atrevi a tanto. Disse-lhe que esperaria as suas melhoras; e guardei a comedia, que conservo tal qual se representou[1].

A parte que começou a recompor da scena I, enche cinco paginas de papel almasso. Vae no fim d'este volume a reproducção da última, por conter as derradeiras linhas litterarias que escreveu o creador de tantas obras primas. Antes d'isso, porém, reproduzo o *fac-simile* do plano que elle me deu, para lhe eu fazer a biographia, em 1852 (vide tomo I, pag. 19, nota); o da última carta que me dirigiu, na sua letra corrida; e os de duas amostras de versos: *O anjo caído*, e *Os cinco sentidos*. Estas pertencem ambas ás *Folhas caídas*. Por gôsto ou pelas circumstancias da sua vida errante, costumára-se João, desde muito novo, a lançar as suas producções em cadernos, e livros encadernados. Quer escrevesse prosa quer verso, até seus ultimos annos deu quasi sempre preferencia a este systema, sobretudo para os primeiros borrões, porque havia menos probabilidades de descaminho. Muitas vezes compunha tambem em meias folhas, e até em folhas inteiras, de folio; mas, geralmente, gostava mais do 4.º e até do 8.º, brochado ou encadernado. Versos, era rarissimo fazêl-os em papel de grande formato; copiava-os depois em quartos soltos, e a prosa em meias folhas. Se o borbulhão da inspiração tomava grande impeto, a sua letra, que era excel-

[1] Seus herdeiros concederam-me auctorisação por escripto para imprimil-a, bem como a *Lucrecia* e os fragmentos do *Magriço*; provavelmente, não a aproveitarei. E, em tal caso, mandar-lhes-hei copias de tudo, para se imprimirem e juntarem á collecção das *Obras*. Considerando legítima a posse dos originaes com que me brindou o auctor, para eu fazer d'elles o uso que entendesse nos meus estudos, conservál-os-hei em memoria da amisade e confiança com que elle me honrava.

lente, saía-lhe detestavel, torta, encadeada, quasi ininteligivel para outras pessoas, suppondo erradamente algumas que a fazia assim por estar doente de cama! A rapidez com que lhe acudiam as idéas, não lhe dava tempo a formál-a; o pensamento trasbordava-lhe sobre o papel, como o leite dos labios da creança, no momento da apojadura.

N'essas occasiões emendava muito pouco, ou nada. Nas primeiras, e ás vezes nas segundas e terceiras copias, ía corrigindo os excessos da phantasia, os exageros resultantes do estado anormal da alma, exaltada pelos movimentos do genio. Aperfeiçoava lentamente a fórma, apurando, em revisões successivas, a elegante singeleza d'aquelle estylo inimitavel, que tanto nos encanta.

No *fac-simile* dos resumos para os capitulos da sua biographia, como elle pretendia que eu a escrevesse, quando entrou no ministerio, vê-se uma boa amostra da tal letra incompleta, feita á pressa, e que em partes só póde ser entendida pelos que andarem muito familiarisados com os diversos caracteres d'ella. Não foi certamente porque estivesse inspirado, nem doente de cama, que lhe saíu assim; mas por lhe occorrerem, todos ao mesmo tempo, os assumptos que desejava que eu tratasse, e os apontar precipitadamente, receioso de que lhe escapasse algum.

Uma observação muito digna de notar-se, é que nas suas ultimas obras emendava muito menos do que nas primeiras. E acho admiravel que nem por isso estas nos pareçam vestidas de graças menos naturaes e viçosas do que aquellas! Á força de reflexão, de estudo e de talento, aquelle engenho privilegiado produzia já quasi sem necessidade de corrigir. No manuscripto da *Helena* ha paginas e paginas em que isto se prova.

No *fac-simile* de *O anjo caído* se vê uma das suas maneiras de compor os versos; no de *Os cinco sentidos* mos-

tra-se copia quasi acabada e, por consequencia, de letra mais perfeita. Elle emendava talvez menos na prosa que no verso. Se a inspiração poetica lhe tardava, ia rabiscando arabescos e desenhos toscos no papel; ou mordendo a caneta, como já se disse. Mas isto era mais nos segundos e terceiros manuscriptos do que nos primeiros. As musas não o atraiçoavam nunca. Em algumas occasiões numerava os versos, por causa dos que deviam ter os mesmos consoantes, como se vê de *O anjo caído*. Variava o caracter da letra, segundo as disposições e circumstancias em que escrevia: ora redonda, ora comprida, já direita, logo inclinada, hoje ingleza moderna, ámanhã antiga! Nos fragmentos que possuo do *Magriço* encontram-se todas essas differenças, que o formato do meu livro, e outras difficuldades invenciveis, me não permittem reproduzir. Mas ha sempre tal ou qual relação de parentesco n'essa variedade; e começando a escrever uma obra em qualquer dos typos, sustenta-o, geralmente, até ao fim, sem discrepancia! Quando queria, dava á letra perfeição admiravel; a que mais geralmente usava é optima, toda a vez que a apura. Se os *fac-similes* que apresento nem remotamente dão idéa d'isso, é porque foram os unicos que achei compativeis com as dimensões do meu formato.

XII

Reproduzindo as duas peças das *Folhas caídas*, cumpre-me declarar aqui, que, não tendo eu tido facilidade de examinar os autographos d'essa collecção, depois do fallecimento do auctor, apesar das diligencias que para isso fiz, ainda antes de publicar o tomo I d'estas *Memorias*, só agora me é permittido dar mais alguns esclare-

cimentos interessantes a respeito d'ella. Parte dos versos que a compõem teem nos originaes as datas de 1846 a 1850. *Aquella noite,* é de fevereiro de 1846; *O album,* de 9 de abril, *Este inferno de amar,* de agosto, d'esse mesmo anno; *Amor e belleza,* de 8 de julho de 1847; *Rosa pallida,* de 16 de abril, e *Bella d'amor,* de outubro de 1848; *Vibora,* de 13 de julho; *Não és tu,* do mesmo mez; *Retrato (no album* de D. Maria Krus, que não quiz ali o retrato do auctor, lithographado por Guglielmi, por ser feio); *Não te amo,* de 8 de agosto: *Cascaes, Anjo és,* e *Destino,* do mesmo mez; e todas estas de 1850, etc. Eram os periodos agudos, criticos, de amores multiplices... E claramente se vê que taes composições não foram consagradas a um objecto unico, embora o livro se publicasse com a intenção de fazer crer *ignoto deo* que só elle o inspirára. Em todo o caso, ficam de algum modo modificadas as opiniões que deram os versos das *Folhas caídas* como feitos em 1852. Os unicos que me parece poderem-se considerar como ultimos que compoz, são os que se intitulam *A joven americana,* que n'um dos cadernos manuscriptos, de letra do auctor, estão assim designados: «*A Maria Kimbal, americana, no dia dos seus annos — 28 de abril de 1853*». Na pagina anterior á do *Adeus, mãe!* acha-se esta estrophe, talvez destinada áquella peça, escripta depois em versos de outra medida:

«11 de maio de 1853.

«Coroados de gloria, vestidos de amor
Os anjos baixaram ao leito da dor.
E vinham cantando a eterna alegria
Dos hymnos do ceo.»

Segue-se *Adeus, mãe!* E o caderno termina com a traducção da *Canção da donzella finlandeza,* primeiro borrão e primeira copia. Pelo caracter da letra e logar

em que está no *ms.*, parece que seria este o seu derradeiro trabalho poetico. Daria a reproducção d'elle, em vez das de *O anjo caído*, e *Os cinco sentidos*, assim como dou a sua última pagina em prosa, se não temesse fazer suppor que o poeta hesitava tanto a compor, como ali se nota que hesitou em traduzir, apesar de ter para auxiliar-se differentes linguas, que perfeitamente conhecia. Com relação ás datas, de que acabo de fallar atraz, tenha-se sempre em vista, quanto ás impressas, como insinuo desde o comêço d'estes estudos, que não se devem acceitar cegamente as do nosso auctor. Citarei por último estas provas irrecusaveis: a peça *Olhos negros*, que nas *Flores sem fructo* traz a data de 184... tem, n'um livro manuscripto do auctor, intitulado *Memorandum, cartões de poeta, de moralista:* Paris, 183...— *O emprasado*, nas *Flores*, 1841; no *ms.*, ao principio: Lisboa, 16 de fevereiro de 1827; no meio: Acabado. Lisboa, março 22, 1844; e no fim: 1844.—*Kyrieleisão. Flores:* 182..., *ms.*, sob o titulo de *O romeiro de volta:* 19, 8.bro 1843.

Para que é insistir? Não se retratou elle admiravelmente n'aquella preciosa carta de Carlos a Joanninha, nas *Viagens?* Poeta, e sempre namorado, que admira atrapalharem-n'o as datas, que prendiam com os versos aos namoros? Quer o leitor mais um apontamento interessantissimo, tomado por elle proprio? Aqui o tem:

«Os 7 peccados mortaes.

«Podia ser o titulo de um volume curioso em que se contassem meus 7 principaes namoros (!).

«1 — Soberba — Izabel H.

«2 — Avareza — Thomazia.

«3 — Luxuria — Bauhia.

«4 — Ira — L.ª R.n

«5 — Gulla — Rosa Robinson.

«6 — Inveja — Julia R.ª

«7 — Preguiça — Lady Pag.ª[1].»

Esta pagina, que eu nunca li senão agora, apesar de ter tido o livro muitas vezes na mão, em vida do auctor, e de o ter percorrido com a vista, faz-nos mais de uma revelação importante. Pelo caracter da letra, julgo-a dos seus ultimos tempos de emigração. O primeiro nome tira-me todas as dúvidas ácerca dos motivos por que elle não seguiu a vida ecclesiastica, segundo a sua familia desejava. Em uma nota, a pag. 109 do tomo I d'estes estudos, disse eu que «uns amores juvenis foram a causa principal que arrancou á familia o consentimento para elle ir para Coimbra». Relendo hoje alguns apontamentos seus, destinados sem dúvida para escrever as suas memorias, e pelos quaes me guiei sómente na parte que pude elucidar, vejo o seguinte: «1812 (pelas minhas notas deve ser 1813-14) — . . . Sáio do latim — Rhetorica — Joaquim Alves — Izabel Yewuson (ou Hewson?) etc., etc.» E logo no resumo immediato: «1813 — Volta o tio bispo — Alex.ᵉ doido — Eu padre — Parte Alex.ᵉ para o Porto. — Eu não quero ser padre. — Hewson para S. Miguel, etc.»

Com as informações que eu tinha obtido, fez-se-me a convicção de que foi esta Izabel o seu primeiro amor; e devemos bemdizer-lhe a memoria, porque o livrou de ser padre. A Thomazia, accusada do peccado de avareza, seria acaso a irmã da prima Joanninha? O que admira é não vir esta igualmente assignalada! Foi talvez melhor que as outras. As do terceiro e setimo peccados não sei quem sejam. Mas as do quarto, quinto e sexto eram in-

[1] *Memorandum – Estudos – Leituras – Cartões de poeta, de moralista* — A. G. — É um livro *ms.* in-4.º pequeno, que começa em pag. 8 e termina em 202. Contém estudos diversos sobre litteratura, politica, historia, archeologia, quasi tudo incompleto; versos, charadas, pensamentos, planos de trabalhos, apontamentos, etc.

dubitavelmente tres irmãs; e não me parece necessario grande esforço para as suppor as tres formosas inglezas das *Viagens na minha terra*. L.ª R.ª ou Laura Robinson; Julia R.ª é claramente a bella Julia, que tinha inveja das irmãs, por elle dar a preferencia a estas; e, como as coisas chegaram mais longe com Georgina, que até veiu atraz do Carlos das *Viagens*, chama-lhe Rosa, em vez do seu verdadeiro nome de Georgina, pondo-lhe por extenso o appellido, que não poz ás outras porque lhes deu os seus verdadeiros nomes. Accumulava estes tres amores pelos annos de 1831 a 32. N'esse tempo, apesar das miserias e trabalhos, andava apaixonado; e escreveu aquellas quadrinhas chamadas *Suspiro d'alma (Flores sem fructo)*, traduzindo-as ou ensinando-as a ler no original a uma das tres bellas; á outra, que não chegaria a entender o portuguez, mas que conhecia o italiano, escreveu n'esta lingua (se são d'elle) estas, não menos recatadas, que no *ms*. tem a data de «Londres, 1831»:

Tace sommesso il labro,
Sgridame il cuor nel petti;
A quel parlar gli vietti;
Comme tacere il cuor?

Lo sento: é | ognor / pur | l'istesso
Nemico mio crudelle;
Quel palpitar subelle
É ben del tradittor.

Empio da me che speri?
Puoi lacerarmi il petto,
Ma pur col mio segretto
Sapro morir ancor.

Nos seus livros impressos e nos papeis manuscriptos, deixou, com as provas do maior saber e talento, a phan-

tasia e o coração aos pedaços: «Maldigo da Providencia que me não fez senão homem; queria ser anjo para te adorar, seraphim para te amar como tu mereces». «No meio dos prazeres ella tem uma palavra triste que lançar, como os egypcios com o seu atahude no meio das festas». «A ventura que lembra é tormento, e a dor que esquece não é dor». «O maior desconsolo da vida é saber; e o maior tormento, duvidar». «Olhos azues — certos — é um raio de esperança do céu que se reflecte n'elles. N'um d'aquelles dias tão negros de um inverno de Normandia, um velho em cuja casa morei, dizia-me, apontando para um rasgão que por acaso se fazia nas nuvens, e mostrava um palmo de céu azul: C'est la bonne Vierge qui nous montre un petit bout de sa robe.— É uma bella e poetica imagem». «Camelia, flor dos bailes, sem perfume, imagem da mulher da moda, fria, egoista, como a sociedade[1]».

Paremos. É quasi impossivel apanhar todas as feições d'esse Proteo amoroso, que dizia ser suave 'o perfume das cartas de amor, quando se queimam'! O desejo de esquadrinhar os mais intimos promenores da sua tão variada existencia, obriga-me a sacrificar a miude a unidade do meu trabalho, persuadido de que assim cumpro melhor os deveres de biographo. Se me enganar, perdoe-se-me, pela intenção com que o faço.

Voltemos ás obras da casa do poeta.

XIII

As decorações e arranjos continuavam a preoccupál-o muito. Com as mesmas datas de 27, mas não sei se

[1] Todos estes pensamentos vem no citado *Memorandum (ms.) cartões de poeta, de moralista,* etc.

tambem erradas, como a que me dirigiu sobre o *Conde de Novion*, escreveu duas cartas a Gonçalves!

«Junqueira — 27 — 7.bro — 54.

«Meu bom am.º sr. Gonçalves. — Escrevo estas linhas para dar cópia de mim e de minha triste saude, que todavia vae melhorando e para lhe pedir que diga ao nosso Amorim que se lembre do doente com algum volumito de *Viagens* ou coisa que o valha[1]. Aqui mando as comedias que já devorei. Tambem lhe vou pedir que dê muita somma de açoite nos nossos Apelles para que sarapintem quanto antes o que ha a borrar e envernizar na casa ainda — inclusa a porta *falsa* da escada e a mesma escada, para que o oleo e verniz tenham tempo de evaporar os seus funestos aromas. Barral pretende que é necessario e urgente por estes oito ou doze dias que eu vá convalescer ali. E posto que eu seja de opinião differente, não terei remedio senão sujeitar-me.

«Quando um dos dois podér, isto é, ou v. s. ou Amorim, tambem seria bom vermos as amostras de papel *alegre* e *florido* para o meu quarto.

«O meu vizinho marceneiro precisa excitado para arranjar a cama.

«Confio que estará já posto em termos e arranjado o tapete.

«As carruagens, peço muito que as mande limpar e aguar — e é melhor pagar a um homem conveniente, porque os meus dois creados não valem um, e nada sabem fazer — nem querem — em termos.

«Nada d'isto digo para estimular o seu zêlo e boa vontade — que sei apreciar e agradecer, mas simplesmente para lhe mostrar e tirar toda a dúvida de que por mim nada ordeno nem decido, e que todo me entrego ao seu

[1] Isto prova que não é do dia em que me escreveu, aliás teria feito o pedido directamente.

favor e bondade. E sómente receei que talvez pensasse que a minha molestia espaçasse mais o tempo, mas, segundo a decisão do doutor, encurta-o.

«Ad.s meu am.o Se é preciso alguma coisa diga, diga sem escrupulo que tudo o que for necessario porei immediatamente á sua disposição, na plena certeza em que estou que só o seu favor e amisade me podem arrancar do labyrinto em que tão inconsideradamente me metti com esta mudança.

«Creia que sou com todo o coração — De v. s.a — am.o m.to v.or e obg.do = *Almeida Garrett.*»

«*P. S.* E um creado para o meu quarto? E uma creada? Se essas duas raridades apparecessem v. s. era o meu regenerador devéras.»

XIV

Atraz d'aquella veiu logo esta:

«Setembro, 27.

«Ill.mo e meu am.o e sr. — Ha uma hora que lhe tinha escripto um seccante e longo cartapacio, quando recebo a sua estimadissima e com ella as amostras do papel. Decididamente e sem hesitar, o melhor e o que escolho é um dos dois que tem o mesmo desenho de festões de rosas, um de fundo verde, outro côr de canna, mas ambos identicos em tudo o mais. Mas entre os dois hesito porém porque minha filha vota pelo fundo verde, e outras senhoras que aqui estão votam pelo fundo côr de canna. Eu voto por ambos, e deixo ao meu amigo o decidir *sur les lieux*, e vendo o effeito que um e outro faz no quarto pelo que melhor lhe parecer; na certeza que ambos me agradam, e que hei de approvar plenamente a sua preferencia. As duas peças preferidas vão marcadas na extremidade e por traz uma com um asterisco *, outra com dois **.

«Deus lhe pague tanto trabalho e sécca que tem tido. Eu, se uma gratidão eterna, verdadeira, sentida, e do c. póde bastar, toda a dou e n'ella dou tudo porque sou — De v. s. — am.º sincero e obg.º = *Almeida Garrett.*»

Uma das difficuldades era achar portador rapido para estas correspondencias. Recorri a um algarvio das galeotas reaes, chamado Rascacio, muito meu affeiçoado, e que vinha quasi todos os dias ao arsenal de marinha. Era o mesmo que já uma vez lhe fizera muita bulha á porta, para obter resposta de uma carta minha, como em seu logar se referiu. Prestando-se Rascacio á combinação, ia todos os dias de minha parte saber noticias do poeta, perguntar-lhe o que queria, trazia-me as cartas d'elle, e no regresso da cidade levava-lhe as respostas ou encommendas. Quando lhe fiz a communicação, escreveu-me pelo novo portador:

«Sexta feira (sem data).

«Muito obrigado do C. pelo seu cuidado e pela lembrança do modo de arranjar correspondencia que aproveito, e de que tomo nota para futuros embaraços. Eu estou melhor, passei soffrivelmente a noite e vou com algum progresso sensivel, mas tão lento que faria rir os fomentadores que tão depressa nos regeneram. Não se esqueça da chave, que está fazendo muita falta. E sempre que tenha um instante para obras de misericordia dê-o a visitar este enfermo, que é — Seu am.º obg.º = *Almeida Garrett.*»

D'ahi a poucos dias escrevia a Gonçalves:

«Setembro, 11 (devia ser outubro).

«Meu am.º e sr. — Estou com saudades suas e do nosso Amorim, que não tem dado cópia de si.

«Occorre-me lembrar-lhe que mande que a porta da escada seja pintada na cavalhariça, ou ainda na cocheira, como melhor lhe parecer. Diz o meu doutor que o

mais importante é extinguir o cheiro das tintas, antes de me mudar para lá, o que aliás insta, e agora principalmente, porque estes ares aqui não estão bons, e começam a inficionar-se soffrivelmente.

«Outra lembrança de *nica*. O filtro de marmore que está na copa, observaram-me que estava em mau sitio e que devia ser mudado para defronte da PORTA-JANELLA no meio da parede. Parece-me justa a observação. Veja se alguma coisa é preciso que eu faça. Diga sem ceremonia. E perdôe a sécca, e creia que eternamente sou — De v. s.ª — am.º c.º obg.º = *Almeida Garrett*.»

XV

Gonçalves não lhe apparecia quando não tinha boas noticias que dar, e pedia-me por vezes que fizesse o mesmo para não o affligir, noticiando o atrazo dos trabalhos occasionado pelos mestres e operarios. Mas o que a nós nos parecia util era peior para o doente, que em 14 de outubro me escrevia, dizendo que a sua carta ia em muito mau momento, por eu estar enredado com os negocios da batalha de D. Maria II[1]; mas que o medico o empurrava para Lisboa; que Gonçalves não lhe respondia, talvez por estar doente; que ignorava o estado das obras; e que recorria a mim para que lh'o dissesse. E que se Gonçalves adoecêra, 'umas senhoras suas vizinhas'[2] tomariam a seccante tarefa de o substituir; mas que quanto á arrumação dos livros e papeis, só Gonçalves ou eu a poderia fazer, etc., etc. Como foi a última carta que d'elle recebi, dou no fim o *fac-simile* d'esse para mim precioso documento, como já adverti mais atraz.

[1] Alludia aos ensaios do *Odio de raça* e do *Conde de Novion*.
[2] *Semper idem!*

É tambem amostra fiel da sua letra, escripta cincoenta e seis dias antes de fallecer.

XVI

Depois de ter mostrado pessoalmente a uma das senhoras vizinhas, por elle delegada, o estado da casa, fui vêl-o. Assentou-se em que o dr. Barral, seu medico assistente, julgasse por si proprio se o cheiro das tintas ainda podia ser-lhe prejudicial, e dois dias depois escreveu a Gonçalves:

«Quinta feira 19 (outubro).

«Meu am.º e sr. — Aqui estou dando nova força ao dictado de que um mal nunca vem só. Aos transtornos e incómmodos de minha prolongada molestia, acresceu agora o adoecer minha filha com um ataque de garganta, que todavia felizmente creio não passará de coisa leve, porque hoje aos tres dias cessou a febre. O gallego immundo, que tive de arvorar em cozinheiro, tambem o tenho de cama ha uns poucos de dias com uma cannellada que o bruto desprezou e lhe ia apodrecendo uma perna. Assim estou eu doente, a pequena de cama, o gallego de cama, e uma palerma de uma creada, boa mulher porém mui parva, com um velho que ahi se tomou para ajudar a fazer o que é preciso, que é muito, e elles nada fazem. Deixo á sua piedosa contemplação o imaginar as miserias que por aqui vão! Mas basta de chorata, e vamos ao que se póde e deve fazer. O Barral — coitado! a quem devo mil obrigações, foi passar vistoria á casa de Santa Izabel, e declarou que o cheiro de tintas era quasi nada e que só exigia para eu me poder mudar, que os dois fogões estivessem tres dias accêsos antes de eu ir, ardendo sempre. Ora afflicto me vejo com esta sentença. E só v. s. me póde valer, se quizer fazer este

novo sacrificio, pondo ali *a pé firme* uma guarda de segurança que vigie o fogo, pois o menor descuido póde causar os damnos e males que escuso enumerar. O fogão da sala é só para lenha; mas esse é o mais perigoso e que se não póde perder de vista um instante pela natureza de sua construcção e pela facilidade com que uma faisca póde saltar, quando menos, ao tapete e causar perdas infinitas. O fogão da livraria é de carvão coke, e menos perigoso; mas tambem necessita cuidado. Emfim, meu am.º, tome mais este seccante encargo, e bem fechado tudo, faça accender os dois fogões hoje mesmo, se for possivel, para ver se no domingo ou segunda posso mudar-me. Se o dia ámanhã o permittir, irei eu lá ámanhã ao meio dia, ou senão irei no sabbado á mesma hora passar a minha revista em fórma. Deus queira que o sr. livreiro tenha feito da sua parte. D. Pedro Moscoso, que faz a caridade de levar esta carta, desejo eu muito que examine a cavalhariça, e já ha dias lá foi para isso; mas achou tudo fechado. Peço-lhe que dê ordem para que lhe seja patente.

«Se deparar com um creado de quarto[1], ou com um

[1] 'Deparar com' ha de parecer pouco puro; elle sabia-o, mas dizia que o usára Filinto Elysio e que não lhe parecia tão sacrilego como a maior parte dos aleijões grammaticaes, de certos *sabios* que chiam do papo. Tambem escrevia — 'a fim de' — (exemplo: «foi a cavallo, *a fim* de ir mais depressa») que não está muito em cheiro de santidade entre os mestres, e cujo uso me foi censurado por dois eruditos, sendo um d'elles Alexandre Herculano. Por fortuna, a minha já fraca memoria acudiu ainda d'essa vez em minha defeza, e pude citar-lhe a auctoridade de Frei Luiz de Sousa, em que eu me apoiára.

'Fitar', sem dizer se com os olhos se com o pensamento, igualmente foi usado por Garrett e censurado por Antonio Feliciano de Castilho. Este chegou a declarar-me que só daria as mãos á palmatoria, se eu fosse capaz de achar em escriptor portuguez de boa nota (Garrett não o era para elle!) a palavra 'fitar', sem dizer com que fitava. Achei-o n'elle proprio! (Na *Noite do castello.)* Nunca

cozinheiro *de meias grossuras* (entre 3 e 4 mil réis), tome-me qualquer d'elles ou ambos. Tenha pacien-

vi sabio mais irritado do que ficou o poeta dos *Ciumes do bardo*, quando o apanhei! Qualificou-me de scelerado, protestando que fôra a unica vez que usára do termo; e que não cantasse eu victoria, porque se corrigira na segunda edição. Fiz-lhe ver que a emenda ficára peior que o soneto. Na primeira dissera:

«..... O cavalleiro
Ficou fitando o chão...»

E na segunda:

«..... O cavalleiro
Ficou-se olhando o chão.»

— Então que acha?!

— Acho que fez do cavalleiro carpinteiro. Quem lê correndo, diz:

«Ficou *solhando* o chão.»

Ninguem ousará contestar a Castilho o primeiro logar, na correcção metrica. Todavia, Homero tambem dormitava ás vezes...

Já disse atraz que Garrett, entre outras liberdades, mudava as pessoas dos verbos, nos tratamentos, toda a vez que isso lhe parecia mais elegante e euphonico. Seguia n'isto as explanações de Cicero, quando disse que o uso permitte em beneficio do ouvido sacrificar as regras da grammatica á doçura da pronúncia*; é verdade que o caso não é absolutamente o mesmo; mas peccar contra a syntaxe, pelos solecismos, ou mudar as pessoas dos verbos, tudo é peccar contra a grammatica, para não offender o ouvido.

Quando penna mais competente que a minha fizer a analyse das obras do nosso auctor, se verá que lhe assiste incontestavel direito para ser considerado como dos primeiros, entre os melhores escriptores da lingua. Castilho, que não o achava purista, fez *tutear* de *tutoyer* (tratar por tu), nas traducções de Molière! Desenganem-se os maldizentes, se ainda os ha: Garrett ha de ser tão classico para os vindouros como Frei Luiz de Sousa, Barros e Lucena: e mais original que todos esses. Diz o sabio allemão Strauss, nos seus *Estudos religiosos*, que o auctor mais profundamente original é aquelle em cujas obras se manifesta a alma de uma nação. E que outro, além de Camões, comprehendeu e representou melhor que Garrett a alma do seu povo?!

* *Impetratum est à consuetudine, ut peccare suavitatis causa liceret.* — *Orator*, c. XVIII, 159.

cia; não *caisse* em se mostrar tão paciente e bondoso com quem não serve senão para seccar, mas que é do c. — sincero am.º agradecido = *Almeida Garrett.*

«*P. S.* Saudades ao nosso Amorim e que se lembre tambem ás vezes dos *brancos,* não se entregue absolutamente á pretalhada. Régia ou não régia. Com o tempo que faz espero ámanhã um bom dia.»

A referencia á pretalhada — régia ou não régia — não tinha só relação com os pretos do *Odio de raça.* Muita gente chamava ao commissario régio 'Simão preto', penso que sem malevolencia.

XVII

Melhorou o tempo, mas não permittiu a enfermidade que o poeta fizesse no dia seguinte a promettida vistoria em fórma.

Para se accenderem os fogões era necessario que Gonçalves ou eu os vigiassemos de dia e de noite. Não confiavamos a casa de ninguem, e menos ainda com os fogões accêsos. Gonçalves não podia largar o seu emprêgo por muitas horas; e eu sentia a maior repugnancia em abusar da benevolencia do meu chefe e bonissimo amigo Antonio Pereira Lima[1]. Não houve, comtudo, outro remedio. Por cautela, deu-se conhecimento ao ministro, que, apesar de mal com Garrett, sabendo as circumstan-

[1] Mais um, que a morte acaba de roubar-me, no dia 23 de julho de 1884! Nas minhas memorias prestarei culto á d'elle, que foi dos meus melhores amigos, e um dos homens mais delicados e amaveis que tenho conhecido. Era padrasto do honrado e illustradissimo visconde de S. Januario, outro coração de oiro, ao qual estes estudos devêram provas de apreço que jámais serão esquecidas pelo auctor.

cias em que este se achava, auctorisou particularmente a minha ausencia.

Tinha fallecido por este tempo o arcebispo de Palmyra, presidente da bulla da cruzada. Eu exercia ali a commissão de segundo official, e pedi ao conego Genuez Pereira, commissario interino, mais tarde bispo do Algarve, o favor de me dispensar, durante a doença do mestre. Genuez Pereira recusou peremptoriamente. Declarei-lhe que, sendo Garrett quasi meu pae adoptivo, e não tendo quem o tratasse, me era impossivel desamparál-o, até que se restabelecesse ou que Deus o chamasse. E que, visto ser-me negado o favor e equidade que pedia, tomava eu a licença, podendo o commissario tirar-me o vencimento ou propor a minha demissão ao governo.

Interveiu então o amavel secretario da repartição, dr. Francisco Maria da Silva Torres, irmão do arcebispo fallecido. E explicou ao novo chefe as minhas circumstancias, com relação ao poeta, acrescentando que eu já por duas vezes servíra interinamente de secretario, por ausencia d'elle, e referindo-se aos meus modestos serviços com tão calorosa benevolencia, que o outro, vendo-me já de chapéu na mão para me ir embora, reconsiderou, aconselhando-me que «fosse immediatamente para a cabeceira do immortal Garrett».

XVIII

Assim livre, pude d'ali por diante cumprir melhor o dever que me impunham a amisade e o reconhecimento. E até ao fim da vida do mestre, rarissimas vezes me afastei do seu lado antes da meia noite, e ás vezes mais tarde, voltando na manhã seguinte. Fui portanto para Santa Izabel, e installei-me lá com o meu creado. Accenderam-se os fogões, que estiveram a arder de dia e de noite, em-

quanto se julgou isso necessario; o da sala deu-nos que fazer: não tinha tiragem sufficiente e estragava tudo. Veiu o mestre de obras, acrescentou-lhe á pressa a chaminé, e fez-lhe diversas modificações: mas nunca funccionou bem.

De tarde ia Gonçalves ajudar-me a classificar os livros, conforme as indicações do dono; e a pôr os papeis por ordem nas gavetas-cartões, que a final se alcançaram do livreiro[1]. As cartas, que eram muitas, não podêram ser

[1] No tomo XXII das *Obras* de Garrett, onde vem publicado o catalogo do sr. dr. Carlos Guimarães, diz-se, a pag. VII, que nos papeis «não havia classificação, nem coisa alguma attesta que o illustre escriptor lh'a tivesse dado». No tomo I d'estas *Memorias*, a pag. 104, nota, expliquei que o poeta começára essa classificação em 1852, trabalho em que por vezes o auxiliei. Alguns dos manuscriptos deviam ter titulos systematicos e letras de ordem numeral, que se combinaram então. E foram todos convenientemente emassados, segundo as divisões a que pertenciam. Ia proceder-se ao arranjo da correspondencia, quando elle foi chamado ao ministerio: e não tratou mais d'isso. Por occasião da mudança para Santa Izabel, disse-me que na casa nova se concluiria a classificação definitiva, em harmonia com o methodo começado. Relendo eu ali os papeis, para os meus estudos, e arrumando-os nos cartões das estantes, não os tirei da ordem em que estavam: antes segui as instrucções do dono. Mas, por morte d'este, D. Pedro do Rio levou-os para sua casa, onde os guardou, fielmente, é certo, mas baralhados, em confusa promiscuidade. Foram muitas vezes revolvidos, mostrando-se a differentes pessoas, algumas das quaes os examinaram por mais de uma occasião; e passados annos confiados a Larcher (segundo me affirmou o proprio D. Pedro, em carta que tenho á vista), que os entregaria mais tarde á legitima herdeira, na desordem em que os recebêra, se acaso a não augmentou. A pag. 200 e 201 do manuscripto *Memorandum, estudos*, etc. indicára o proprio Garrett a maneira de classificar os seus trabalhos, sendo esse systema aproveitado, com pequenas alterações, pelo sr. dr. Carlos Guimarães, no catalogo citado. É a seguinte:

«Classificação dos meus papeis — Trabalhos de litteratura:

I Theatro, comprehendendo as letras *A, B, C*.

II Poemas — letra *D*.

III Poesias varias — letra *E*.

coordenadas pelo systema que exigíra o doente. Deitei-as portanto a granel, com outros documentos, que tambem não houve tempo de apartar, nas gavetas das duas estantes maiores. Arrumaram-se os moveis, depois de varios estudos, nas posições que nos pareceram menos vulgares. Abriamos largas discussões sobre o melhor modo de collocar um sophá, uma banca, uma poltrona, sendo eu quasi sempre vencido por Gonçalves, que não só tinha aprimorado gôsto, mas dava-me rasões tão engraçadas que era impossivel resistir-lhe. Como ainda não perderamos inteiramente a esperança de que o dono da

IV Romanceiro — letras *F, G.*
V e VI Trabalhos sobre linguagem.
VII Critica, hist. litteraria — letra *H.*
VIII Miscellanea.
IX Conservatorio e insp. dos Theatros.
X Novellas e romances em prosa — letra *I.*
Trabalhos scientificos e officiaes:
I Administração — letras *a, b, c, d, e, f, g.*
a. Administração — *b.* Fazenda publica geral.
c. Ecclesiasticos — *d.* Tribunaes.
e. Misericordias — *f.* Varios.
g. Guarda nacional.
II Diplomatica, Econom. politica — letras *a, b.*
a. Tratado de com.º EE. U. — *b.* Missão da Belg.ª
III Chronista mór do reino (Historia).
a. Leis e correspondencia official — *b.* Leituras públicas — *c.* historia contemporanea.
IV e V Orações:
IV Discursos parlamentares — V Academias.
VI Educação — instrucção pública — letras *a, b, c.*
a.— trabalhos varios — *b.* Plano geral de estudos — *c.* Tratado de educação.
VII Politica, letras *a, b, c.*
a. Trabalhos varios — *b.* Associação eleitoral — *c.* Portugal na Bal. da Europa.
VIII Direito.
IX Religião.»

casa arribasse d'aquelle ataque, divertiam-nos muito estes ensaios, em que pretendiamos dar-lhe lições de elegancia, e fazêl-o rir, quando entrasse na sala e na livraria. Armavamos ao effeito e ao elogio! Ao mesmo tempo, tratava eu do jardim, já começado, com auxilio de pessoa mandada por Ayres de Sá Nogueira, presidente da camara municipal. Plantaram-se ali differentes pinheiros, dos quaes um existe ainda[1]; cedros, e outras plantas, entre as quaes uma pitanga, que tinham dado ao poeta, e que elle amava quasi supersticiosamente, desde que escrevêra um anno antes, na *Helena,* aquellas palavras da viscondessa, quasi moribunda, e que tanta applicação tinham para elle: «... entre aquellas pitangas floridas, tão bonitas... ali desejo eu ficar. Sabes? a pitangueira é a murta da nossa terra. Eu não fiz senão amar na minha vida: quero na morte abrigar-me entre essas ramas de que se corôa o amor». (pag. 141). Pobre poeta! Se ao menos tivesses um tumulo, em logar onde algum dos que te choram podesse cultivar a tua planta querida!... Nunca viu florir o arbusto, que morreu logo após elle! Recommendára-m'o, como a sua maior preciosidade, pedindo-me muitas explicações sobre a sua cultura no Brazil, tempo da florescencia, etc. Aquella planta devia ter historia interessante, que eu não soube.

Depois do jardim, tratou-se da cocheira, onde estavam já duas carruagens, polidas como espelhos; entrou na cavallariça uma parelha de machinhos possantes, iguaes, e muito bem feitos, que D. Pedro Moscoso, grande entendedor, comprára dias antes para o doente. Fez-se

[1] Outro caiu, em 1881, e d'elle fez o dono da casa, sr. David Barros, dois bancos, com pés de ferro, que tem actualmente no terraço do seu jardim da Villa Estephania. Quem me diria, ao tirál-o do vaso para o pôr na terra, que o veria quasi trinta annos depois feito banco, e que n'elle me sentaria muitas vezes, pensando nos destinos de tudo que nasce e morre!

fornecimento de palha e de cevada; arrumaram-se nos quartos de baixo contadores de pau santo, que precisavam concerto, e algumas peças soltas de bufetes; voltou para as aguas furtadas o que não tinha arrumação conveniente fóra d'ellas; e quando nos pareceu que tudo estava em ordem, dei-lhe parte d'isso, na manhã de 21 de outubro.

Na noite d'esse dia, cansado de trabalhar, moido, sobretudo com zangas e contrariedades de toda a casta, por causa do theatro, fui assistir á primeira representação do *Odio de raça* e do *Conde de Novion*.

Estando a ver a comedia, no camarote de Rebello da Silva, não sei se com o receio de que ella caísse e eu tivesse sido causa innocente, com o meu pedido, de que o público a desacatasse, ou se pela excitação nervosa em que andava, augmentada pelo successo da minha propria peça, que fôra grande, e immerecido, tive uma vertigem, doença que ainda não conhecia, e que tão familiar se me tornou depois! Apesar d'isso, voltei para Santa Izabel; e de lá mandei no outro dia explicar a Garrett as rasões de não poder ir á Junqueira, e notando-lhe a conveniencia de se cortar o *Conde de Novion*. D'ahi a pouco escrevia elle a Gonçalves:

«Quarta feira, 25 de outubro.

«Meu bom am.º e sr. — Finalmente na segunda feira, que se hão de contar 30 do corrente mez de outubro, faremos a nossa entrada triumphante no nosso castello novo de Santa Izabel. Não me lembra, meu amigo, coisa urgente que recommendar senão que é preciso um oleado sobre a minha banca grande de escrever no escriptorio, porque sei de certo que apenas chegado terei de funccionar, e estrago logo o polimento da dita. Se se podér achar um oleado que só tenha as côres *verde e negra*, será o melhor, e não precisa ter rebordo, mas sómente uma tira larga do comprimento e largura exacta da mesa

com debrum da mesma côr, ou verde ou negro, porque adhere e se segura com as diversas nigromancias que é força estarem sobre uma banca de trabalho.

«Minha tenção é mandar de vespera um creado que ponha em ordem a cozinha, compre e arranje o jantar, e chegar eu lá á volta das tres, ou da uma ás duas, sempre antes das tres, que é a hora do meu triste jantar.

«Recebi uma cartinha do nosso Amorim, a quem peço que na primeira occasião dê os meus parabens pelos *pretos* e os emboras de escapar ao *shilique* nervoso.

«Eu sinto-me um nada melhor; mas tão fraco e tão nervoso que estou um verdadeiro cangalho.

«Tal qual fiquei, ainda assim sou todo — De v. s.ª — am.º verd.º e obg.º = *Almeida Garrett*.»

XX

O traste X. — Solução do problema. — Noticia da casa onde falleceu Garrett. — Mobilia. — A cadeira abbacial, nota. — Livraria. — Estojo historico. — Diplomas, nota. — Armario, guarda-fato. — Usava condecorações, porque 'estava na berlinda'. — Malta e o Turco. — Seu gôsto e conhecimento das artes mobiliarias. — Compras de objectos antigos, que restaurava ou transformava. — Seus haveres. — Nunca converteu o valimento em 'legitimas consequencias'. — Conseguiu pôr casa elegante e confortavel, por saber governar-se. — Errada opinião que d'elle fazia muita gente. — Sagacidade de observação. — Aprendia, até quando ensinava. — Roes de despeza. — Devem-se cumprir todos os deveres, e não desprezar nenhum direito. — Por que me alonguei nos promenores. — El-rei D. Fernando e Garrett foram, em Portugal, os restauradores do gôsto mobiliario e ornamental. — A Inglaterra conserva armada a nau *Victoria*, que vale centos de contos, em memoria de Nelson; e Portugal não teve coração para dar vinte ou trinta, pela casa mobilada, em que falleceu Garrett. — Inutil citação de exemplos historicos. — O marinheiro e o poeta. — Porque escolheria a casa? — Ultimos retoques, nas arrumações. — Ninho feito, pêga morta. — Regresso. — Impressões. — Sua situação, ao recolher-se á cama. — Sae D. Maria Adelaide das Salesias. — Creados. — Familia. — João de Lemos, seu parente, nota. — Companhia. — Alcateia de ladrões e patifes. — D. Jeronyma Deville, e os seus 'rabos de palha'. — Como íamos caindo segunda vez no opprobrio de deixar morrer ao desamparo o maior dos nossos poetas. — Não tinha quem lhe désse um caldo. — Megéra. — Os amigos. — Ainda *ella*. — Cartas, que não se queimaram, nota. — Reforço-me com duas irmãs de caridade. — Pedido singular de dinheiro, nota. — Gostava de novidades e de chocalhices. — Sobre a visita de Herculano. — Diminue a concorrencia dos que íam saber do seu estado. — 'Ah! mundo enganador!' — Ridicula questão theatral, em que me manda 'metter a viola no sacco'. — Anecdotas: Çáápi, gáátú! Prócoro. — Riso e pena.

I

Nas minhas repetidas visitas ás aguas furtadas tinha eu visto, cuidadosamente separado dos outros trastes ali amontoados, um engenho ou machina, de pau preto, que, por falta de attenção, julguei destinado a qualquer serviço de fiação ou dobagem pertencente ás creadas. Tantas vezes, porém, olhei para elle, que acabei por convencer-me do engano. Era complicadissimo! De-

pois de longas meditações e estudos, julguei-me incapaz de adivinhar-lhe o uso. Trouxe-o para o primeiro andar e colloquei-o diante de Gonçalves, como surpreza affectuosa.

— Aqui tem o traste X, a incognita: decifre, que lhe dou um doce.

O meu sarcastico amigo sorriu, com ar de supremo desdem; tomou solemne e longa pitada, vagarosamente, de olhos fitos no artificio, e respondeu:

— Parece incrivel que você, provinciano, minhoto, observador, e que não é tapado, ignore para que isto serve!

Levantou-se da cadeira e caminhou para a machina, como quem ía dizer:

— É isto, e serve para est'outro.

Pegou-lhe, mirou-a por todos os lados, e embatucou. Sacudiu o resto da pitada, voltando a sentar-se. Na cara lia-se-lhe a maior decepção e desapontamento. Passados instantes, procedeu a segunda e inutil inquirição. Finda ella, exclamou:

— Para que servirá isto?!

— Francamente? Serve para virar o diabo do avêsso. Pois não vê que é o engenho de fazer politica... em grego?!

Levámos dias, sem descobrir o ignoto destino do traste mysterioso. Gonçalves asseverava, com a mais comica convicção, que não podia ser senão instrumento de tortura inquisitorial, que Garrett conservava como curiosidade historica. Era composto de réguas grossas, perpendiculares, presas umas ás outras em fórma tubular, movendo-se por manivella, com um encaixe na base. Dava-nos por cima do joelho, e abria de um dos lados, como a pedir-nos que lhe confiassemos a perna. N'um impeto de temeridade, metti o pé na parte inferior do machinismo, e dei resolutamente á manivella. Immediatamente o

monstro fecha-se, filando-me pelo joelho, agarra-me na bota e descalça-m'a sem o menor esforço.

— Olha, olha!...

Gonçalves, que observava de longe, com riso de judeu, persuadido de que eu ia amargar a ousadia da experiencia, exclama, no auge do pasmo:

— É um descalçador!

— Eu bem dizia!

E ficámos boquiabertos: eu descalço, o traste a pegar-me na bota, parecendo rir do nosso espanto, e Gonçalves de pitada a meio caminho do nariz, em attitude de offerecêl-a ao descalçador. Soubemos depois ser invenção russa. Parecia ter vida propria, em vista da facilidade e geito com que funccionava. D'ali em diante descalçavamos-nos muitas vezes, para o experimentar; e tanto abusámos que conseguimos quebrál-o!

Referindo a Garrett o que nos succedèra, achou-nos graça, excepto quando confessei que lh'o tinhamos desconjunctado. Não lhe dei porém tempo de se zangar, asseverando que se lhe fizera tal concerto que ficára melhor do que estava, como poderia affirmar o seu amigo e vizinho marceneiro. Isto, não sendo absolutamente verdade, salvava-nos, temporariamente; e impedia-o de nos pôr a par do creado dos sapatos de baile, o que realmente não seria grande injustiça.

II

Darei uma breve noticia da sua última residencia, antes que n'ella se installe o doente.

A casa em que falleceu o visconde de Almeida Garrett está situada no lado occidental da rua Direita de Santa Izabel. Tinha o n.º 56, mudado depois para 78. Quiz-me parecer sempre que o local, defronte do cemiterio, não

fôra de sua escolha. Alguem lhe inculcou o predio em construcção, agradou-lhe, combinou-se com o senhorio, e desde esse ponto em diante todas as obras se concluiram segundo as suas indicações e gôsto.

Ao centro da fachada, a porta principal diz para um pequenino vestibulo, tendo a escada em frente, e duas portas lateraes. De cada lado da porta principal sua janella de grades, e adiante d'ellas largos portões[1]: o da direita, quando se olha para o predio, dava entrada para a rampa que conduzia aos pateos, jardim e quintal; o da esquerda, para a cocheira, cavallariça e palheiro. A estes cinco vãos do rez do chão correspondem cinco janellas do andar nobre; as aguas furtadas não tinham senão uma janella para o lado da rua.

Havia duas carruagens na cocheira, sendo uma nova; e na cavallariça uma parelha de muares, a que o dono chamava peças de luxo, e que effectivamente ali estiveram como sybaritas n'uma sinecura.

A escada fechava em baixo por duas meias portas, polidas, com oculos de vidro ao centro, encimados pelas iniciaes A. G. em metal dourado, e sobre estas o timbre das armas e a divisa *semper fixa*. Assim como os esforços de Gonçalves, os meus, os de dois armadores, um carpinteiro, um marceneiro e um polidor não conseguiram pôr as portas á vontade do inquilino, do mesmo modo lhe não agradára nunca o candieiro de gaz, collocado na volta da escada, apesar de ter sido tres ou quatro vezes substituido!

O chão, entre a porta e a escada, de pedra; os alizares, brancos; as paredes, estucadas; madeiras do corrimão e portas, fingindo mogno; os degraus, pintados e envernizados, imitavam oleado; ao centro d'elles cor-

[1] A casa está hoje transformada, especialmente no rez do chão, que em nada se parece com o que era quando lá residiu Garrett. É claro que a minha descripção se refere áquelle tempo.

ria o tapete, apertado com braçadeiras de metal doirado.

No cimo da escada, no primeiro andar, porta em frente, e duas lateraes. Aquella dizia para a sala de espera; estas, para dois corredores. Na saleta, pequena e quadrilonga, janella ao fundo sobre a rua; cortinas de cassa bordada, e transparente pintado. Tapete, inteiriço, pegando com o da sala e da livraria, de cores carmezim, verde e preta; passadeiras de hollanda crúa, em cruz; duas banquinhas de jogo e quatro cadeiras com assentos de marroquim vermelho, compunham a mobilia. Paredes e tecto de estuque branco. Á direita, olhando para a rua, a porta da sala; á esquerda, a da livraria. Entremos por esta.

III

É quasi quadrada: duas janellas para a rua e duas portas ao fundo, correspondendo áquellas. A primeira dá para o corredor da cozinha, a segunda para o quarto de cama. Tecto de estuque branco; florão entre arabescos ao centro, e gancho de metal para lustre, que não chegou a collocar-se; paredes estucadas em verde. Tambem se não pozeram definitivamente os reposteiros, por não agradarem. Nas janellas, transparentes brancos, cortinas de lã verde, galerias de jacarandá. Tapete. Entre as portas do corredor e do quarto de cama, a banca de escrever, bufete magnifico, de pau santo, com quatro pés torneados em espiral, e travessas em cruz. Á esquerda, a magestosa cadeira abbacial, que pertencêra ao último abbade de S. Bento e ao bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, tio de Garrett[1].

[1] Extráio a seguinte noticia da interessante publicação A Flor de marmore, carta familiar, do erudito e elegante escriptor e meu amigo dr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Coimbra, 1879, escripta

Entre a banca e a parede, tamborete coberto de couro lavrado em gomos, cada um de sua côr. Ao alcance das

a proposito do meu poemeto a *Flor de marmore ou as maravilhas da Pena*. «... Esta *cadeira abbacial*, como a denominava Garrett, dizia elle que pertencêra a seu tio bispo e ao último ou penultimo abbade do mosteiro de S. Bento, de Lisboa. Adquirindo-a, o poeta restaurou-a e deu-lhe mais grandiosa fórma do que tivera primitivamente. Gomes de Amorim, em vida de Garrett, teve sempre especial predilecção pela belleza artistica d'este movel e sua commodidade; e apossava-se d'elle de preferencia, quando entrava no escriptorio d'aquelle que foi o seu melhor amigo e mestre, que lhe serviu até de pae. Antes de cair de cama, foi n'essa cadeira que o immortal auctor do *Camões* e *D. Branca*, depois de ter regressado de Belem para a rua de Santa Izabel, casa que hoje mostra o n.º 78, supportou as primeiras agonias do doloroso drama com que terminou a sua gloriosa existencia».

«Por morte de Almeida Garrett foi a cadeira comprada em leilão para el-rei D. Fernando. Durante vinte annos sonhou Gomes de Amorim com a posse d'este objecto, tão precioso para as suas recordações e saudades. Ouvimos-lhe dizer que, apesar de pobre, teria feito todos os sacrificios para adquiril-o, se estivesse n'outras mãos. Obtêl-o, porém, do rei-artista, sincero admirador de Garrett, e amador de todas as preciosidades dignas de estima, pareceu-lhe sempre impossivel. A condessa d'Edla, sabendo d'estes desejos, e da enfermidade que o poeta ha longos annos padece, inspirou compadecida a seu marido o generoso pensamento de lhe offerecer a cadeira monumental de seu mestre, tornando-se assim a boa fada que realisava uma aspiração, considerada como sonho ou devaneio de poeta. Era isto em janeiro de 1876. D. Fernando foi immediatamente com a condessa ao palacio real da Pena, onde estava a cadeira, remetteu-a para Lisboa, e brindou com ella a Gomes de Amorim. E quando este foi agradecer-lhe tão valioso mimo, dirigiu-lhe palavras benevolas e delicadas, com o intuito generoso de diminuir a importancia da dadiva, asseverando-lhe que possuia outros objectos do immortal poeta, e que a cadeira a ninguem devia pertencer com mais direito e justiça do que áquelle que fôra seu discipulo predilecto e amigo dedicado, em cujos braços expirára o auctor de *Frei Luiz de Sousa*. Só os principes, verdadeiramente grandes pelo coração e pela intelligencia, sabem praticar d'estes actos.»

«Desejoso o poeta de mostrar-se reconhecido a este testemunho

mãos, cordões de campainha á direita e á esquerda da mesa. Entre as duas janellas, fogão de ferro; e por cima

de consideração e benevolencia, e sabendo quanto D. Fernando ama a sua magnifica residencia da Pena, lembrou-se de celebrar n'um pequenino poemeto, consagrando-o á condessa d'Edla, aquella encantadora vivenda...»

«Emquanto á cadeira é toda de pau santo, estofada de damasco de seda carmezim, e de alto espaldar, formado por duas grossas columnas, torneadas em espiral, unidas em cima por um bello ornato que representa um barrete de abbade. As costas teem 1 metro e 60 centimetros de altura. A frente é composta de dois formosos leões, de pé, que são de primorosa esculptura, tendo 71 centimetros de altura, com azas que formam uma especie de segundo braço, o que torna o movel commodo e confortavel. A moldura que compõe o assento mede, na frente, 68 centimetros de intervallo entre os peitos dos dois leões. O aspecto geral é elegante e magestoso, e ostenta a apparencia de um throno. Este movel, verdadeiramente historico e monumental, pertenceu a Garrett por espaço de dezoito annos; vinte annos ao senhor D. Fernando, e ha quasi tres que pertence a Gomes de Amorim...» (pag. 17, 18 e 19 da citada obra).

No numero 24 do vol. I da revista illustrada *O Occidente* (Lisboa. 15 de dezembro de 1878, pag. 189) se publicou uma gravura, representando a cadeira, ainda que bem pouco correctamente, alterada a fórma das columnas, que em nada se parecem com as do original. Ahi se diz, no artigo respectivo: «... em frente da mesa erguia-se a famosa *cadeira abbacial*, representada pela nossa gravura, de espaldar e assento de damasco de seda carmezim, que pertenceu ao abbade de S. Bento de Lisboa, sendo comprada por Garrett, com parte do côro da igreja do convento, que mandou apropriar a varios moveis, talvez ás estantes. Esta cadeira, que pertenceu ao poeta dezoito annos, foi comprada, com outros moveis, por sua magestade el-rei D. Fernando, que ha tres annos fez presente d'ella ao sr. Francisco Gomes de Amorim, o mais dedicado amigo do poeta. o último que lhe apertou a mão, e que lhe ouviu aquella derradeira e sentida phrase *já o não vejo*... N'aquella cadeira, porém. começou a agonia do grande escriptor, e hoje é para nós um objecto de sentida veneração.»

Aqui consigno outra vez os protestos do meu profundo reconhecimento a sua magestade el-rei o senhor D. Fernando e á senhora

d'elle, grande relogio, pendurado. Ao fundo, entrando da saleta, duas bellas estantes de pau santo, presente do fallecido duque de Palmella, D. Pedro. Eram moveis de estylo severo, que alliavam a elegancia á commodidade, tendo uma ordem de gavetas para papeis, quasi a meia altura. Defrontavam com ellas outras duas, aos lados da porta de entrada, feitas em casa, de columnas torcidas em espiral, e gavetas-cartões. A parte anterior d'estas não era pau santo. Garrett aprendêra na Belgica a dar ás madeiras a côr do ebano, ensinára a fazer a infusão ao seu vizinho marceneiro, e depois das peças polidas, a similhança era perfeita. Nos cartões, forrados de papel de raiz, com ferragens de metal bronzeado, se arrumaram os manuscriptos.

As estantes do fundo — A e B — continham litteratura, poesia e miscellaneas; as outras — C e D — di-

condessa d'Edla, pela generosidade com que se houveram commigo, brindando-me com objecto tão caro ao meu coração. Assim eu descobrisse onde pára hoje a mesa de trabalho, pertencente a esta cadeira, e podésse adquiril-a, por qualquer preço!...

Garrett comprára com effeito parte do côro da igreja de S. Bento; mas, após longas e inuteis investigações, não pude apurar se tambem n'essa occasião arrematou a cadeira, se esta passára do poder de seu tio para o do último abbade, ou se, pelo contrario fôra este prelado que fizera presente d'ella ao bispo D. Frei Alexandre. D. Maria Krus, aparentada com Garrett, asseverava que o abbade a déra ao bispo e que eu me equivocára nos meus apontamentos. Parecia-lhe ter ouvido dizer que não tendo Garrett herdado nada do bispo, os outros parentes, que apanharam tudo para si, o contentaram mais tarde, dando-lhe o precioso movel. Confesso que só me lembro bem de que o poeta dizia ter sido o traste do tio e do frade, e errei apenas, se errei, parecendo-me que elle a comprára e que não lhe fôra dada. O certo é que a possuia desde muitos annos e que a reformára, por estar em parte deteriorada, pondo-lhe costas novas, rematando-as com a especie de barrete de abbade, que hoje tem e que não é bem do mesmo estylo, comquanto lhe não tire a elegancia.

reito, historia, sciencias moraes e politicas, etc. N'estas divisões arbitrarias, feitas por elle, se comprehendiam todas as mais especies bibliographicas.

IV

Sem ser grande, era excellente a sua livraria. Possuia entre as poucas raridades a primeira edição dos *Lusiadas,* muito bem tratada; as *Horas,* da rainha D. Catharina; e bastantes obras, não raras ainda então, das que hoje se pagam por altos preços. Tinha as melhores edições dos auctores gregos, latinos, inglezes e allemães; os bons escriptores francezes, italianos e hespanhoes; varios cancioneiros; quasi todos os poetas portuguezes; os principaes historiadores, poucos chronistas, etc. Nos livros de fundo, em todos os ramos dos conhecimentos humanos, não faltavam canonistas, praxistas nem os mestres modernos nas sciencias da politica, e da administração dos estados.

A sua leitura, n'este tempo, já o tenho dito, era de obras ligeiras, que eu lhe fornecia. A última que me pediu, e da qual não pôde concluir a leitura, pertencia á collecção das *Voyages autour du monde,* com gravuras, algumas coloridas, publicada por Albert de Montémont. As viagens de Cook, n'esse volume, deleitavam-n'o muito, recordando-lhe o tempo em que pela primeira vez as lêra, na juventude, em Coimbra.

Completavam a mobilia da livraria algumas cadeiras italianas, pretas, uma banquinha ao pé da porta do corredor, e o tapa-lume *(écran),* em frente do fogão, que representava um calabrez de creança ao collo, quadro bordado, com moldura de pau santo e pé de ferro.

A alcova, immediata á livraria, quasi quadrada, e com o tecto estucado de branco, recebe luz do escriptorio e

da pequena fresta para terreno da condessa das Antas. O tamanho d'essa exigua janellinha fôra limitado com tanta severidade, por quem representava aquella senhora, que o ar e a luz não sobejavam. Na parede do fundo, á esquerda, entrando, por ser o recanto mais escuro, praticára-se, disfarçada no papel, a portinha da retrete e corredor particular. Lastimava-se o inquilino da falta de quarto de banho ao pé da alcova.

Era lindo o papel que forrava as paredes, comquanto se gosasse pouco, por causa das más condições do quarto. Escolhido por Gonçalves, e mandado para a Junqueira, viu-se na correspondencia do poeta que este não tomava levemente resoluções em materias de gôsto, como em nenhumas outras. Pedira votos ás banhistas de maior auctoridade, declinára em Gonçalves a responsabilidade da decisão, e assentou-se por fim no de fundo verde e festões de rosas. Depois de posto, reconheceu-se que o de fundo côr de canna produziria melhor effeito.

V

O chão atapetado. A cama de pau santo, estylo *sebastianista*, encostava a cabeceira á parede da fresta. Não se lhe tinham posto cortinas de chita, porque nos pareceu mau gôsto. Foi a unica vez que o achámos em falta de lesa-elegancia. O mais humilde dos seus aprendizes teve a audacia de affirmar-lhe que, se visse a cama de coberta e armação de chita, supporia ser o leito nupcial do seu cocheiro. Esta comparação ridicula, feita expressamente para o assustar, trouxe-o logo ao bom caminho. Fez-se a armação de cassa branca, e branca se escolheu tambem a colcha.

De cada lado do leito, a competente banquinha de pau santo, descendo sobre ellas os cordões de seda das cam-

painhas. Ao lado esquerdo da porta, entrando, bello contador, pouco mais alto que as commodas ordinarias, com gavetas grandes, proprias para roupa. Sobre elle o estojo de barba, inglez[1].

Na parede fronteira á da fresta, outro contador, tambem de ricos lavores. Por cima d'elle, pendente da parede, um crucifixo pequeno, de bella esculptura, que pertencêra á mãe do poeta. Uma corôa de flores naturaes, sèccas, que este dizia ter sido ali posta por aquella, ornava o pé da cruz. Sobre o contador, jarro, palmatoria, estante de missal, escrevaninha com ambula para santos oleos, e dois vasos pequenos, tudo de prata doirada. Estes objectos, conservados com grande veneração, pertenceram a seu tio bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Familia.

[1] Coberto de *chagrin* côr de castanha, com 36 centimetros de comprido sobre 26 de largo e 15 1/2 de altura, forrado por dentro de marroquim vermelho, e contendo: tres grandes frascos de crystal, de rôlhas esmerilhadas e tampas de metal prateado; sete caixas de crystal, sendo tres para sabonetes, uma para pomada, outra para pó de dentes, outra para as escovas, outra para desfazer o sabão para a barba, todas com tampas de metal prateado ou prata: uma peça cylindrica, do mesmo metal, com o pincel, que se encaba de um dos lados n'essa peça: tudo isto na primeira tampa ou taboleiro de cima. Tirado este, ha no segundo duas tesouras, duas navalhas, dois ferros de calçar botas, com cabos de marfim, uma pinça, um sacca-rolhas, um furador, uma caneta, um ferro de unhas e um canivete. Levantado este taboleiro, acha-se um vão para pannos de barba, pente, escovas de cabello e de fato, outra pinça, forrada de marroquim vermelho, para pegar no panno da barba, uma lente em caixa de osso; e na tampa, espelho, e bolsa para papeis.

Descrevo-o tão minuciosamente, porque o possuo ha vinte e tantos annos. Comprei-o no leilão do meu fallecido amigo Manuel José Gonçalves, que o arrematára no de Garrett. É a este estojo que se referia Alexandre Herculano, por occasião da ida de Garrett para a Ajuda. —Veja *Sob os cyprestes*, por Bulhão Pato, pag. 36, Lisboa, 1877.

Junto da cama, grande poltrona estofada em lã, cujos desenhos figuravam grinaldas de rosas, sobre fundo verde, imitando o papel que forrava as paredes.

VI

Voltemos atraz, e entremos na sala pela porta da saleta. É regular, quasi quadrada, duas janellas para a rua, e duas portas ao fundo, communicando a da direita com o corredor da casa de jantar, e a outra com o quarto que se destinava para a filha do enfermo. Tecto estucado a branco, florão ao centro entre arabescos, e gancho para lustre, que tambem não chegou a collocar-se. O tapete nunca ficou bem posto. As rugas, que fazia em muitas partes, renderam aos armadores boas descomposturas, que foram perdidas.

O papel das paredes tinha ramos de oiro em relevo sobre fundo branco. Cortinas de cassa branca bordada; e *manteaux* de damasco encarnado, descendo até á altura dos parapeitos das janellas. Transparentes brancos.

Em frente da porta de entrada, fogão inglez, bronzeado por dentro, guarnecido de marmore branco. O espelho de Veneza que lhe era destinado não chegou a pendurar-se. Dos lados, cordões de campainha, com borlas carmezins[1]. Entre o fogão e a janella, sophá de estylo *renaissance,* forrado de damasco carmezim. Diante do sophá, mesa de embutidos, no mesmo estylo. Entre o fogão e a porta da alcova, tres cadeiras irmãs do sophá, e outra mesa de uma só tábua, oblonga, com muitos arabescos e embutidos, servindo-lhe de pé grossa columna torneada em espiral. No vão das duas portas,

[1] Ainda não havia as campainhas dos systemas hoje vulgares.

banquinha de phantasia, elegantissima, de dois pés, compostos cada um por duas columnas em espiral. Por cima da banca, pequena *étagère* presa á parede. No vão das janellas, outra mesa, de feitio quasi identico á que lhe ficava defronte; *étagère* por cima. Ambas tinham embutidos de madreperola, sendo, como todos os outros moveis, de pau santo.

Aos lados da porta de entrada, cadeiras de espaldar forradas de damasco carmezim com franjas de seda. Entre essa porta e o corredor, pequeno bufete, muito formoso, e sobre elle uma caixa quadrilonga guarnecida de espelhos, tendo as armas e a divisa de Garrett pintadas no tampo com as cores que lhe competiam. N'esse elegante cofre guardava os diplomas, titulos honorificos, cartas dos soberanos que o honravam com qualquer distincção[1]. É sabido quanto elle amava essas coisas. Ali

[1] Os diplomas litterarios e scientificos eram pouco numerosos: além dos que tenho citado, por ter isso vindo a proposito, foi membro da academia das sciencias de Lisboa, do instituto historico e geographico do Brazil, presidente honorario do instituto de Africa, de Paris, socio da sociedade archeologica lusitana, da associação dos advogados, da academia portuense de bellas-artes, da academia philomatica do Rio de Janeiro, e de varios gabinetes portuguezes de leitura, do Brazil. Hoje qualquer João Fernandes, a começar pelo auctor d'estes estudos, tem talvez mais titulos litterarios, merecendo muito menos! É verdade que póde não ter nem querer nenhum dos que dão os governos, como succede a quem isto escreve; e afigurava-se-me que Garrett preferia estes áquelles! —Possuia igualmente diplomas de varias associações religiosas: irmandades, de Santa Cecilia; dos Martyres, de Lisboa; de Santa Justa e Rufina; da archi-confraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria, do Porto, etc. —No logar competente escapou tambem mencionar, que em 20 de março de 1843 lhe foi expedida uma portaria, convidando-o a entender-se com o duque de Palmella para combinarem a parte historica e litteraria do monumento á memoria de D. Pedro IV. Essa portaria não foi registada. Aos meus bons amigos José Augusto da Silva e dr. Guilherme Celes-

estava, n'um saquinho de setim branco, a carta do sultão e as insignias do Nicham Iftiar.

Nos cantos, ao fundo, duas columnas em espiral, encimadas por jarras de Sèvres contendo magnificos ramos de pennas feitos no Pará[1]. Outras duas columnas, que deviam corresponder a estas, foram retiradas, a instancias de Gonçalves e minhas, por se assimilharem a tocheiros. Sobre o fogão, duas bellas serpentinas de agatha ou marmore de Florença e metal prateado. Elegantes placas japonezas, para dois e tres lumes, ornavam as paredes. Tinha o poeta poucos quadros, e nenhum fôra ainda collocado. Ao meio da sala, poltrona estofada em seda de ramagens (que era moda). Cadeira de occasião lhe chamava o dono, posta ali de proposito, a fim de rodar-se para qualquer dos lados.

O quarto de D. Maria Adelaide não se mobilára ainda. Fôra estucado em claro. Apenas tinha um espelho de vestir, e varias cadeiras. D'este quarto passava-se á casa de jantar, quadrilonga, com duas janellas para o jardim, correspondendo uma á porta da alcova, outra á do corredor. Á direita, porta de communicação com a copa. O chão, assim como o do corredor, pintado em arabescos e envernizado. Paredes estucadas, fundo côr de ervilha sêcca e listas de alto a baixo, de verde mais aberto. Tecto branco, florão ao centro, rodeado de elegante cercadura de flores. Cortinas de cassa, apanhadas com grossos cordões, tudo branco.

tino agradeço as diligencias que fizeram para encontrál-a, este no ministerio do reino, onde é meritissimo archivista e bibliothecario; aquelle nas collecções do *Diario do governo,* de que é perito chefe de revisão.

[1] Que o meu velho e querido amigo Agostinho José de Almeida, honradissimo negociante, natural d'aquella cidade, expressamente mandou fazer para me brindar, e que eu offereci a Garrett, por este os achar muito de seu gôsto.

Ao meio da casa, mesa elastica, de um só pé, que se dividia em quatro garras. Dois elegantes moveis hamburguezes, de armarios por baixo e marmore por cima, serviam de aparadores. Doze cadeiras cobertas de marroquim encarnado. Tudo de mogno antigo. Algumas pinturas a oleo, nas paredes; mas não estavam definitivamente collocadas.

VII

A copa, com quatro portas, uma em cada parede: a da sala de jantar defronta com a da cozinha, a do corredor com a de serventia para o jardim. Paredes e tectos estucados em claro.

Estavam aqui, provisoriamente, uma banca ingleza 'de occasião'; duas cadeiras de coiro de Moscovia e duas de mogno polido; talha-filtro, de marmore de Italia, cinzento, com duas torneiras de cobre de Macau, e uma argola na tampa. Dentro, o filtro, que tornava a agua excellente. Armario guarda-fato, de madeira da India, de uma só porta, com embutidos de ébano, e sua argola de latão de cada lado[1]. Durante a doença do poeta, roubaram-lhe os creados todo o fato que n'elle tinha, deixando apenas um par de calças!

Cozinha: espaçosa, clara e arejada, com duas janellas sobre o pateo da passagem para o jardim; além da porta da copa, outra para o corredor do quarto de cama. Ao centro, alçapão, communicando com os quartos de baixo. Na chaminé, fogão de mediana grandeza e do melhor systema então usado. Uma bomba fornecia agua da cisterna ou poço, que ha no pateo, por baixo. Nos vãos de entre as janellas, e no fronteiro, guarda-loiças volantes.

[1] Mede $2^{m},16$ de altura, por $1^{m},55$ de largo e $0^{m},57$ de fundo. Pertence hoje a meu cunhado José Gregorio da Silva Barbosa.

No pavimento superior mobilaram-se dois quartos: um, destinado provisoriamente para D. Maria Adelaide; e o immediato para a sua creada. Os outros estavam ainda occupados pelos objectos que esperavam collocação, arranjo, troca ou venda.

Mezes antes, dormindo o poeta, o seu creado e eu n'esse Capharnaum, ri muito no dia seguinte, que era de grande gala, ajudando-o a pôr as condecorações na farda. Tomára elle os seus grandes ares de modestia, e encarecia-me o valor de cada coisa, dizendo como e quando lh'a tinham dado pelos seus 'pequenos serviços' ás letras. Como eu não me mostrasse bastante respeitoso e convicto da importancia do que ousei chamar pendericalhos, disse-me, depois de resmungar:

—Se pensa que morro de amores por isto, engana-se... Mas tenho obrigação de acatar usos que andam ligados ás instituições que defendo. Se eu não estivesse mettido n'esta dansa, por meus tristes peccados... condemnado a fingir que tambem faço parte da caranguejola que para ahi está, póde ser que me risse como o senhor. Mas estou na berlinda. Espera, homem!—gritou ao creado.—Não trates isso assim!... A de Malta ha de ir por cima. Esta é a turca... Deus me perdôe, mas não sei como pôr aqui estes dois figadaes inimigos! Reconciliar Malta com o Turco!... Por esta vez ao menos parece-me que o consegui.

Acabado de arranjar, conclui por achál-o bonito com a sua farda e manto de par, o peito coberto de veneras brilhantes, e o chapéu armado. Porque, já o disse e repito, elle tinha presença, figura, maneiras, ar de quem nasceu na grandeza e para todas as grandezas. Penetrantissimo, leu-me no olhar o effeito que produzia, e foi descendo a escada adiante, e dizendo com sincero contentamento:

—Não é por mim: mas já vè que tambem se podem pôr estas coisas sem se ficar ridiculo.

VIII

Nos apontamentos sobre a sua mobilia, menciona-se unicamente a que já estava em seus logares. Da outra, existente nas citadas arrecadações, e no marceneiro vizinho, não ha que fallar. João amava apaixonadamente os moveis antigos. Nas viagens, nas visitas aos museus de Inglaterra, França e Belgica, no espectaculo do luxo e das artes formára e desenvolvêra o gôsto. De regresso a Portugal, n'aquelle tempo ainda verdadeira mina de ricos objectos de marcenaria, comprava tudo que podia em pau santo, e que depois ia aproveitando sob novas fórmas, se não preferia conservar as primitivas. Na rua do Salitre tivera um casarão cheio de contadores, bufetes, camas, todos torneados em espiral, de diversos tamanhos e feitios, que pouco a pouco restaurava e convertia em trastes elegantissimos. Mandou vir desenhos de Allemanha, e por elles compunha com summo gôsto cadeiras, mesas, leitos e outras obras de phantasia.

Ninguem ignora que elle viveu sempre modestamente. Da pequena herança de familia, que só liquidou após o fallecimento da mãe, em 1841, não chegava a receber 200$000 réis annuaes. Bastava-lhe porém o ordenado de juiz do tribunal do commercio, acrescentado rarissimas vezes com o excesso da differença de outro cargo, e o producto das suas obras, porque sabia regular as suas necessidades pelos seus haveres. Definia desgraça e pobreza «a desproporção entre o desejo e os meios de o satisfazer. Quem não póde ensanchar os meios, não lhe resta senão cercear o desejo. Mas a quantos lhe chega força de ânimo para isso»[1]? Chegava-lhe a elle. Magis-

[1] *Lyrica de João Minimo*, Porto, 1882, pag. 41 e 42.

trado e homem politico incorruptivel, jámais converteu o seu valimento com amigos ou a influencia de homem de partido, quando o foi, *em legitimas consequencias*, como epigrammaticamente dizia dos que o não imitavam. Nunca recebeu o valor de um vintem, e muito menos dinheiro, de nenhum pretendente. Confessou sempre, e bem alto, a sua independencia de caracter e a sua pobreza, que, esta sim, e sem ironia, era 'legitima consequencia' d'aquella[1]. Mas, apesar d'ella, pagava as suas dividas religiosamente; e conseguíra montar casa confortavel, elegante, e até com certo luxo, não sendo rico.

Muita gente, da que o via confundir-se com os frivolos das salas, estendendo o fato sobre os moveis e combinando-lhe as côres com a das luvas, e até com as bengalas, antes de se vestir, julgava-o preoccupado unicamente do trajo, e do desejo de agradar ás mulheres. Tinha muito d'isso, é verdade, porque elle tinha muito de tudo: forças prodigiosas de gigante, alliadas ás fragilidades e delicadezas dos infinitamente pequenos. Para os que o estudavam, o seu espirito revelava frequentemente os aspectos mais oppostos e inesperados, apoderando-se com pasmosa facilidade de todos os assumptos. Ora absolutamente synthetico, ora profundamente analytico, sempre superior, apostolo da ordem, inimigo do cahos e das trevas, tinha com effeito o que quer que fosse de 'divino', qualificação porque foi conhecido, como Platão.

Essas mesmas horas dadas ás futilidades mundanas, não se creia, como pensavam os que só viam as arvores pela rama, que eram perdidas para aquelle observador sagacissimo. Pelo contrário: nada passava diante do seu

[1] N'um dos seus manuscriptos *(Memorandum)* escreveu este pensamento, que tinha como norma: «Antes morrer de fome que viver de vergonha».

olhar, sem ser examinado, embora rapidamente. Esse olhar de lynce, segundo o qualificára Rodrigo, apanhava tudo com a rapidez do relampago. Sem deixar a attitude indolente, nem descerrar mais os olhos, que fingiam somnolencia e suprema indifferença — emquanto ouvia fallar os homens — um quasi imperceptivel sorriso, de fina ironia, denunciava todas as impressões que estava recebendo, estudando os individuos, os sentimentos e as paixões que os animavam. Com as mulheres honestas aprendia tambem, mesmo quando as ensinava! E não se cuide que estas representavam com elle de sabichonas. Não lhes dava aso para isso. Se alguma o tentou, fel-a calar, sem a ferir comtudo, passando habilmente das frivolidades, com que a estava entretendo, a fallar-lhe da educação dos filhos, das prendas e trabalhos caseiros, e do amor da familia. Talvez se pense que exagero, em vista da sua justificada reputação de namorador encartado? Pois saiba-se que se havia muitas que desconsiderou, a ponto de representar publicamente com ellas o papel de galan amoroso, avidamente correspondido, consagrou a algumas sincero e affectuoso respeito. A estas dava e d'ellas recebia lições, encantando o auditorio. D'essas palestras, que alguns nescios tomavam por gracejo, colhia proveito para o governo de sua casa, que administrava admiravelmente. Nunca ninguem soube mais economia domestica! Fazia todos os dias o rol da sua despeza; e como eu me admirasse, disse-me uma vez, sorrindo:

— Em tudo sou ordeiro. Sem poupar muitos cincos réis, não se ajuntam vintens e tostões; e serei obrigado a subir o Salitre a pé, quando já não tiver forças para isso. Toda a gente de juizo deve saber governar-se.

N'isto provava grande bom senso. Ensinava sempre, que, assim como não podemos eximir-nos ao cumprimento de nenhum dever, não devemos desprezar ne-

nhum direito: ainda quando este seja de vintens, convem reclamál-o, para não estabelecer precedentes damnosos.

Alonguei-me n'estes promenores, desejoso de explicar como com tão limitados meios pecuniarios pôde guarnecer e decorar tão bem a casa em que morava.

El-rei D. Fernando e elle restauraram em Portugal o gôsto mobiliario, resuscitando, melhorada, a arte antiga, com o auxilio da moderna. Tambem n'este genero de estudos, Garrett foi mestre de alguns dos nossos escriptores, que, incitados pelo seu exemplo, pozeram depois com arte os seus gabinetes de estudo. Elle tinha o sentimento do bello em tão alto grau, que sabia dar ás coisas mais insignificantes apparencias que as faziam valer aos olhos, e parecer de muito maior preço do que realmente eram. Como casa particular, foi a sua, apesar de pequena, a primeira que em Lisboa se conheceu ornada quasi toda de moveis antigos restaurados. Havia-as muito mais ricas, de pessoas opulentas; nenhuma de mais harmonia no conjuncto artistico.

IX

A Inglaterra, que póde dar lições ao mundo, não só no modo por que premeia os serviços dos seus homens illustres emquanto vivos, como nas honras que lhes presta depois de mortos, conserva, armada e fundeada na bahia de Portsmouth, a nau *Victoria*, a bordo da qual o immortal Nelson pagou com a vida a gloria de Trafalgar. Se o governo de Portugal comprasse e conservasse, com a mobilia que então tinha, a casa onde falleceu Garrett, é provavel que os politicos taxassem de desperdicio esse acto de patriotismo, que teria custado vinte ou trinta contos de réis... Mas as gerações futuras agradeceriam á nossa o legado d'aquelle santuario, consagrado

pela gratidão nacional ao mais nacional dos seus oradores. Ali poderiam estudar-se os seus gostos e habitos, a sua phantasia e as suas tendencias mais caracteristicas; porque assim como as aves se denunciam pela fórma dos ninhos, podem os grandes homens ser tambem julgados pelo interior da casa em que vivem e pelos objectos de que se rodeiam.

Diriam talvez os que a si mesmos se chamam homens práticos, e que só vêem nos progressos materiaes a felicidade das nações, que os moveis se consumiriam antes de cem annos, os estofos em menos de vinte, e que seria perdido o dinheiro que por elles se desse. Facil é responder-lhes que a nau *Victoria,* em completo armamento, vale, pelo menos, 600:000$000 réis, e que as aguas do canal da Mancha não a respeitarão eternamente. Os politicos inglezes (e toda a gente sabe se elles são utilitarios!) não regateiam, porém, a paga dos serviços á patria: cada peça que o mar e o tempo destroem no celebre navio substitue-se logo, conservando-se-lhe religiosamente a primitiva fórma, para que se mostre aos olhos dos seculos como se o animasse ainda a alma do valente marinheiro, no momento em que transmittia á esquadra do seu commando aquellas palavras de concisa e sublime eloquencia: «A Inglaterra confia que todos faremos o nosso dever».

A casa onde morreu Garrett, e a mobilia que foi d'elle, podiam e deviam conservar-se como a nau *Victoria,* se nós, que macaqueâmos tudo, imitassemos tambem os exemplos dignos da admiração e do respeito dos povos cultos. A Grecia, querendo punir a covardia de Thucydides, exilava-o como general, e chamava-o em seguida, como historiador, para honrar-lhe a eloquencia. Os reis do Egypto e os de Macedonia enviavam frotas e embaixadores a Menandro, pedindo-lhe que fosse illustrál-os. Alexandre Magno recommenda, na tomada de

Thebas, que se respeite a familia e a casa de Pindaro; manda reedificar a cidade que foi patria de Aristoteles; e achando, nos despojos da batalha em que venceu Dario. uma caixa de perfumes, guarnecida de oiro, perolas e pedras preciosas, guarda n'ella o poema de Homero, que sempre trazia comsigo, dizendo que em tão rica obra de arte só devia encerrar-se a mais bella producção do engenho humano... Que vale accumular testemunhos taes. diante de quem os não entende ou não quer entender?! Citei a Inglaterra e Nelson, porque se poderia, sem grande esforço, approximar o cantor de *Camões* do heroe de Aboukir e Trafalgar: immortalisaram ambos o nome das nações que lhes foram berço, este com a espada, aquelle com a penna. Mas foi pelo coração que mais se pareceram, porque o tiveram propenso ás mesmas paixões e a iguaes fraquezas. Acharam, cada um no seu oceano de gloria, o escolho do amor, ambição insaciavel das almas ternas. Subjugados pela formosura, sublime e fatal realeza dos sentidos, a que ninguem resiste, deixaram na sua vida sombras que fazem hesitar a penna do biographo, se as exigencias da historia o obrigam a illuminál-as com toda a luz da verdade. O portuguez foi, todavia, muito menos censuravel, embora tivesse, como o outro, a sua lady Hamilton... Nelson ousou, no testamento, recommendar a amante e a filha á patria, pela qual morria, egregio vencedor da França; e a Inglaterra, desprezando a adultera, não caíu na deshonra de privar da apotheose e das homenagens devidas aos immortaes a memoria do filho illustre. Portugal, que podia imitál-a, ficando igualmente digno de louvor aos olhos do porvir justiceiro, desdenhou a filha do sublime poeta; e envileceu-se, desprezando as cinzas d'este, ao passo que franqueia o pantheon dos reis aos que desacataram a realeza. A historia, convem não o esquecer nunca, não é feita de calúmnias, nem de injustiças...

X

Aventou-se já a suspeita de que alguem inculcaria a Garrett aquella vivenda, ao pé do cemiterio. Elle não pertenceu á raça nefasta dos vates funereos, que amam tumulos, nénias e vampiros. Que acaso o levaria, pois, ali?!

> «Acaso foi? — Mysterios ha na campa
> Que em tradições de seculos fundados
> Me travam da rasão: crêl-os não ouso,
> Mas desprezál-os... tambem não...»

Disse elle no *Camões*. Eu não gostei da localidade. João encarecia-me as vistas que se gosam da casa, mettia á bulha a minha antipathia com cyprestes, e asseverava que «de todos os vizinhos, nenhum é tão discreto como um inglez morto». A má impressão do primeiro momento subsistiu em mim até á hora funesta.

Estamos em 30 de outubro. Gonçalves, eu, e os nossos creados limpâmos o pó dos moveis, e damos os ultimos toques nas arrumações de cada compartimento. A casa estava devéras bonita: asseiada, elegante e confortavel. Prestámos os maiores cuidados ás mais pequenas coisas para harmonisar tudo, a fim de que no momento da entrada do meticuloso inquilino nenhum objecto mal posto ou mal limpo lhe ferisse a vista e desafinasse os nervos. Esquadrinhámos todos os cantos, descemos e subimos as escadas, catámos as plantas do jardim, arrancámos as hervas más, prendemos melhor as trepadeiras... Penso que não limpámos os machos, por terem ido de manhã cedo para a Junqueira.

Eramos moços!... Eu, principalmente; e mais o pareciamos com a satisfação que nos ía na alma. A não ser a vista dos cyprestes, por minha parte pensaria sinceramente que aquella casa, preparada como para receber noi-

vos, daria saude e longa vida ao nosso poeta. Mas afigurava-se-me que as arvores sinistras agouravam aquellas apparencias de festa! Rangiam d'ora em quando, e o meu sangue parava no coração, acudindo-me ao pensamento o terrivel mote:

«Ninho feito, pêga morta.»

XI

Pouco depois do meio dia sentimos a carruagem. Descemos a recebêl-o, e abraçámol-o, quando entrou a porta, d'onde nunca mais sairia vivo. A jornada, embora pequena, cansára-o. Subiu vagarosamente a escada, apoiando-se no meu braço, percorrendo com a vista as paredes, corrimão, degraus, e notando aqui e ali as imperfeições e defeitos que de relance ia descobrindo. Parou na saleta para tomar alento. Estavam abertas as portas de um e outro lado, e toda a frente do primeiro andar inundada de luz, coada pelos transparentes brancos. O effeito geral contentou-o. Passou para a livraria e sentou-se na cadeira abbacial. Era a segunda vez que descansava. Gonçalves trocou commigo um rapido olhar: communicavamos-nos assim as nossas mutuas apprehensões. No intuito de distrahil-o, fingia eu fazer-lhe as honras da casa: levantei os stores, dando mais luz á alcova, e convidei-o a entrar, com ares de dono, offerecendo-lhe o braço. Acceitou, jogando-me não sei que epigramma, e andou comnosco a ver tudo: foi revista geral, e que levou muito tempo. Quando reentrámos no escriptorio, agradeceu os serviços de Gonçalves, louvando-lhe a bondade e o gôsto. Depois, acrescentou, virando-se para mim, que eu não merecia elogios, porque, provavelmente, nada ajudára, nem sequer ia fazer-lhe companhia. Gon-

çalves interveiu, tambem brincando, em minha defeza; e João replicou, que eu precisava d'aquellas correcções, e de outras mais vivas ainda, e tangiveis. Estes gracejos não tinham comtudo a naturalidade costumada; vinham pouco espontaneos; e o seu sorriso assimilhava-se ao sol d'aquelle dia ennevoado.

Á hora de jantar, estavam já desvanecidas as impressões mais gratas. Alguns gemidos mal abafados fizeram fugir, assustada, a alegria que reinára outr'ora nas nossas reuniões. O *banquete de inauguração* reduzia-se quasi exclusivamente a gallinha e canja. Depois de comer, o doente metteu-se na cama. Anoiteceu; accendeu-se o candieiro do escriptorio, e fomos conversar para o quarto, onde nos demorámos até ás onze horas da noite. Quando saímos, andámos desde Santa Izabel até á Patriarchal, hoje praça do Principe Real, sem dizer palavra. Ao separarmos-nos ali, porque Gonçalves morava na rua do Jasmim, exclamámos um após outro:

—Aquillo está perdido!

—Mal estreiada casa!

XII

Julgo dever explicar por miudo qual era a situação de Garrett, na occasião de recolher-se á cama; e os motivos que, além de meus naturaes sentimentos de gratidão e affecto, me levaram a tomar a posição que tomei em sua casa, desde que se lhe aggravou a doença.

Apesar da sua confiança e amisade, e do desejo que por vezes me exprimia, sem rodeios, de querer 'companhia que o não seccasse', eu sabia que existiam pessoas com mais direito e 'obrigação' de assumir a responsabilidade que eu tomei voluntariamente ao vêl-o só com uma creança de treze annos, entre mercenarios, que o roubavam. D. Maria Adelaide estava nas Salesias. Fiz

sentir ao pae a conveniencia de a ter comsigo, emquanto não melhorasse. Assim correria menos risco de ser maltratado. Senhoras da sua amisade, instadas por mim, acabaram de resolvêl-o.

Entre os seus creados não havia nenhum d'esses raros servidores que com o tempo, a fidelidade e o affecto, adquirem direito de ser considerados como amigos, e ás vezes como conselheiros. Faltava pois quem lhe soubesse os gostos e habitos, e lhe enchesse, quanto possivel, o vacuo da existencia. Aturam pouco, em geral, os famulos recrutados ao acaso. A fórma litteraria de que elle revestia as reprehensões, quando ouvido pelos amigos, parecia maior impertinencia aos que o não entendiam. Para ignorantes, o sabio não passa de lunatico.

A familia Garrett, ainda numerosa, não residia em Lisboa [1]. Uns parentes viviam nos Açores, outros no Porto. Seu irmão e sobrinhos não julgariam talvez que a

[1] Pela leitura do tomo I d'estas *Memorias*, soube o illustre poeta e meu velho amigo João de Lemos, que era parente de Garrett. Depois de me ter consultado, escreveu a seu irmão, que lhe respondeu assim: «Sempre ouvi a nossa mãe tratar por prima á sr.ª D. Joanna de Lima e Almeida (se bem me recordo do nome) madrinha da nossa mana Graça, e de que ella deve lembrar-se bem, e que era irmã do conego Thomaz de Aquino, que me parece era o padrinho. Conheci bem aquella judiciosa e boa senhora, que por signal redigia cartas familiares muito melhor do que alguns doutores, visitei-a e estive alguns dias com ella na sua quinta de S. Miguel d'Aves a algumas leguas entre Porto e Braga, aonde morreu, deixando por herdeira D. Thomazia, afilhada, e julgo que sobrinha, que deixou essa herança a Alexandre Garrett, seu parente. Não conheci o conego, que já então não era vivo, nem tão pouco tenho idéa alguma de ouvir dizer de que lado nos vinha aquelle parentesco; comtudo parece-me que seria pelo lado paterno, porque nosso pae esteve hospede d'elle no Porto, quando ali serviu, antes mesmo de casar.» (Extracto de uma carta de José Vaz de Lemos, escripta da sua casa do Peso da Regua, em 27 de fevereiro de 1882 a seu irmão João de Lemos.)

doença fosse mortal. Preveni-os, comtudo, antecipadamente, em vista das positivas declarações dos medicos. É verdade que nem estes são infalliveis, nem seria judiciosa a vinda de qualquer pessoa da familia, sem chamamento do enfermo. Como elle nada me dissesse, não me julguei auctorisado a fallar-lhe n'isso[1].

D. Maria Adelaide tinha ainda viva sua avó, D. Jeronyma, mulher de Pastor, e uma tia, casada com Couraça. Estas pessoas visitavam Garrett, antes da doença; depois que esta se tornou grave, nunca mais vi em sua casa senão D. Jeronyma. Ninguem se offereceu para velar o enfermo; e é possivel que este, por despeito, me não fallasse d'essa gente, nem de nenhuma outra. Instado para lhe fazer companhia, comprazo-me em acreditar que só monstros de ingratidão não fariam o que eu fiz. Gonçalves, apresentado por mim, e merecedor da

[1] Um mez antes (a 2 de outubro) lhe escrevêra o irmão Alexandre, pedindo-lhe noticias do seu estado. N'essa carta, mixto de affectos dignos de respeito e de crendices, diz ter-lhe inscripto o nome «no livro das encommendações que em todos os sabbados se faziam na archi-confraria do Santissimo e Sagrado Coração da Santissima Virgem do Rosario»; e exhortava-o a cuidar seriamente no negocio — o da morte! — Garrett foi sempre, mais ou menos, influenciado pelas idéas religiosas da familia; mas nem toda esta teve o necessario criterio para separar das crenças verdadeiras a parte pertencente ás superstições. Algumas parentas, que o amavam, lhe pediam informações para entrar no instituto de S. Vicente de Paulo, e penso que uma ou duas foram de facto irmãs de caridade; outra, escrevendo-lhe em 27 de maio de 1851, a proposito de um filho, rogava-lhe que se empenhasse pelo despacho de 'um requerimento da confraria do Santissimo Coração de Maria', mandado ao governo, acrescentando 'que se os impios, em 1846, se tinham mostrado tão inimigos do celeste coração, tivesse ella o gosto de ver João seu devoto e zeloso defensor', etc., etc. (*Catal. Guim.* – Cartão A. – III e IV.) Apesar da fé, que indubitavelmente se exhalava de algumas d'essas missivas, como perfume celeste, todas tinham certo sabor de sacristia, que não devia ser grato ao paladar do poeta.

sua confiança, era-lhe, comtudo, menos familiar. O doente não estava tanto á vontade com elle. Além d'isso, como escrivão do deposito público, tinha os dias todos occupados, e só podia ir á noite. Roguei-lhe com instancia que o fizesse; e quando pelo caminhar da doença foram excluidas as outras visitas, já a d'elle se tornára indispensavel, para animar Garrett, e a mim proprio, que passava ali horas longas e tristissimas.

XIII

Nos primeiros dias de novembro, poucas difficuldades offerecia a minha tarefa. João levantava-se ainda muitas horas. Á medida, porém, que as forças o desamparavam, peiorava a situação. Se eu ía um pouco mais tarde, queixava-se-me das irregularidades com que era servido e tratado. Creada e creados o roubavam, de accordo. Suspeitando que elle só d'ali saíria para o cemiterio, vendo a filha sem idade de lhes tomar contas, e calculando que eu, estranho á familia, carecia de competencia para os punir dos abusos, saíam alta noite, provavelmente com os roubos, deixando as portas abertas. De algumas occasiões, achando-me no quarto do enfermo, a hora em que deviam ter-se recolhido todos, ouvia abrir cautelosamente o portão da rampa do pateo. Sem dizer nada ao dono da casa, ía ver, e achava o trinco em falso, entalado n'um pedaço de madeira, para que se não fechasse. Ao mesmo tempo, desappareciam differentes objectos: n'um dia o fato, n'outro as roupas e as loiças; depois o grão destinado á ração dos muares, sendo preciso fechál-o d'ali por diante, etc. Em vista d'essa alcateia de ladrões e patifes, dirigi-me á avó de D. Maria Adelaide e suppliquei-lhe, com as mais vivas instancias, que acudisse e pozesse côbro ao mal, por amor de sua

neta, que viria a ser de futuro prejudicada; e por caridade com o pae d'ella. É com repugnancia que toco estas particularidades: mas convem que cada um receba o castigo ou premio de suas más ou boas acções, para que a virtude, já tão rara hoje, não desappareça inteiramente da terra, expulsa pelo egoismo brutal. Aquella senhora, olhando-me de revés, e com mau modo, respondeu que nem tomava, nem mandava ninguem tomar conta dá casa, porque *não queria rabos de palha!* Repliquei-lhe, indignado, «que rasões teria para se temer d'elles quem não sentisse a consciencia segura. Que, por minha parte, respeitaria tão pouco os que quizessem pôr-m'os, como os que tivessem medo de que lh'os pozessem. Se ella, duas vezes mãe da filha de Garrett, procedia assim, que esperava que fizesse um estranho como eu, sem obrigação de expor a minha probidade ás suspeitas dos que desconhecessem a noção do dever?»

Tornou-me, seccamente, que fizesse o que quizesse. Que não só recusava o que eu lhe pedia, como tambem ía mandar-me a prata, que João costumava deixar em casa de Pastor, quando se ausentava de Lisboa! Apesar de todas as minhas exclamações e protestos contra este novo destempero, veiu no outro dia com o creado fazer entrega de um grande cesto de verga, com tampa, onde estava toda a baixella! Em vista de similhante facto fiquei-a considerando pessoa irresponsavel [1]!

[1] Abstenho-me de mais promenores a seu respeito, por não virem para o caso. — Algumas pessoas me advertiram que sua filha D. Adelaide não fôra filha de Pastor, como eu a tratei sempre que me referi a ella. Não me parece que isso tenha o minimo interêsse para a biographia do poeta; mas faço a declaração com gôsto, para expurgar estes estudos de mais um erro. E oxalá que fosse o unico! Declaro, porém, que nunca tive intenção de apurar quem foi o pae d'aquella senhora. Tendo a mãe casado com Pastor, e não sendo meu proposito fazer a biographia de Adelaide, dei-a como filha d'elle, persuadido de que não escandalisava nin-

Resignei-me portanto a tomar eu só a responsabilidade, expondo-me a todas as consequencias que podessem resultar d'aquella situação, em verdade violenta. Fil-o por devoção propria, e tambem por serviço da minha patria. Seria atroz que segunda vez se repetisse em Portugal o opprobrio de deixar morrer ao desamparo o maior dos seus poetas modernos, como acontecêra a Camões trezentos annos antes. Não se pense que exagéro: por pouco se evitou similhante desastre, apesar de serem inteiramente outras as circumstancias; affirmo, sem receio de que me desmintam, que fui eu que o evitei, por não ter medo de 'rabos de palha'. Eu retirava-me quando o doente começava a dormitar, e voltava na manhã seguinte, depois de almoço. Demorando-me uma vez mais que o costume, disse-me elle, com voz desfallecida, apenas entrei na alcova:

—Ainda não me deram um caldo!

Eram duas horas da tarde.

Cheio de pezar e de remorso, corri á cozinha, procurei a creada, e respondeu-se-me que saíra, a negocios seus. No lume, não havia gallinha. Emquanto o creado a preparava, fui entreter o mestre. Ao mesmo tempo voltou a creada, que elle mandou chamar ao quarto, e interpellou-a, sobre a saída sem licença, e a falta de cumprimento das suas obrigações. A mulher enfurece-se, volvendo-lhe com insolito desaforo, em grande berreiro, que fôra tratar da sua vida. Aterrado, o doente invoca o meu auxilio com o olhar, mas sem atrever-se a dizer pa-

guem com isso. Estes assumptos são espinhosos: houve gente que se assanhou commigo por eu ter esgaravatado na genealogia de Garrett; agora talvez se ralhe porque não esgaravatei na de D. Adelaide!... Eu faço os maiores esforços por não offender ninguem voluntariamente; mas se offendo, quando fallo, e quando me calo, confesso que não sei como haver-me! O que me vale é que isto está por pouco!

lavra. Ponho-a fóra aos empurrões, e elle, fazendo então grande esforço, diz-me:

— Peço-lhe, pelo amor de Deus, que a mande embora, senão dá cabo de mim! E nunca mais me deixe só com ella.

Tranquillisei-o, indo despedil-a.

— E se eu não quizer saír?! — rugiu a megéra, de mãos nas ilhargas. — O senhor é agora o dono da casa?!

— Já lh'o digo. — Agarrei-a por um braço, abri a porta, e enfiei-a por ella: — Sáia, senão atiro-a pela janella. — E virando-me para o creado, que primeiro se ria tambem, mas que ficou muito serio apenas viu a minha acção: — Dê-lhe tudo que é d'ella, feche-lhe a porta, e ai de quem tornar a abrir-lh'a! Não será só despedido; entregál-o-hei á policia... depois se averiguará porquê.

Este exemplo foi salutar. A mulher saíu, e os outros mostraram-se d'ali por diante mais disciplinados. D. Jeronyma nem sequer se prestou a arranjar outra creada! Anteriormente, ella e os seus se lisonjeavam com as relações e parentesco do poeta; agora, que já nada havia que esperar d'elle, parece que só ia vêl-o para certificar-se dos progressos da doença! Recorri a D. Maria Krus, que da melhor vontade escolheu pessoa de confiança, para substituir a expulsa.

XIV

Fallemos dos amigos. Nunca escassearam a João, durante a sua vida de lucta, de actividade e de gloria. Nos ultimos dias, não julgavam talvez que elle estivesse quasi desamparado. Além de que, se acaso sabiam o seu verdadeiro estado, tinham tambem que attender aos proprios cuidados, achaques ou negocios. Quem é que os não tem, sobretudo em terra de egoistas, como esta! Raros offereceram sinceramente os seus serviços,

que não foram acceitos: Felner, Mendes Leal, Epiphanio, Tasso, José Ramos Coelho, poeta de talento, que João me apresentára; e poucos mais.

D. Pedro Pimentel de Brito do Rio, seu parente afastado, e a mulher d'este, D. Maria Krus, foram as unicas pessoas que recebeu por mais tempo. D. Pedro nunca se sentava, conservando-se de mãos atraz das costas, a meio da porta do quarto. Garrett acabou por se incommodar com aquella figura, 'plantada ali como um pinheiro'. Magro, alto, nada fallador, porém excellente pessoa, bom amigo, e muito delicado, D. Pedro não precisou de grandes palavras para desistir de entrar na alcova, quando se lhe disse, e era verdade, que o enfermo se affligia com visitas. Nas últimas duas semanas de vida, além da filha e de mim, tolerava unicamente a presença de Gonçalves.

Ia muita gente saber d'elle no principio; depois que, por sua ordem, se deixou de receber, penso que algumas pessoas se despeitaram; e por fim rarissimas pretendiam entrar. Deixavam bilhetes ou mandavam pedir noticias. A medida fôra comtudo geral, porque até a presença dos que eram outr'ora seus intimos parecia importunál-o. A propria mulher, que tanto amou, se lhe tornára insupportavel. Já disse que ella quizera contemplál-o no leito de agonia: demorando-se uma hora, apenas trocaram breves palavras! Só Deus sabe o que passaria n'aquella alma, diante da que o tornára tão peccador! E na d'ella?! Quem póde prescrutar os mysterios do coração feminino?! Ah! quantas vezes nos parece que d'elle vae romper brilhante aurora, levantar-se o sol do amor, e lá continúa a reinar a noite sem lua e sem fim, sobre gelos que não se derretem nunca[1]!

[1] Em a nota da pag. 409, d'este volume, disse eu que duvidava de que *o deus desconhecido*, das *Folhas caídas*, tivesse queimado as cartas de Garrett. Depressa vieram os factos confirmar as minhas

XV

O facto occorrido com a ruim serva, demonstrou-me a insufficiencia de meios que garantissem o doente contra futuros descuidos. Precisava guardas mais vigilantes, e permanentes. Consultei-o; e, obtido o seu consentimento, requisitei, para lhe assistirem e reforçar-me, duas irmãs de caridade, portuguezas. Nunca tive senão motivos para me felicitar d'esta lembrança. Aquellas santas creaturas desempenharam-se da sua missão por modo admiravel e digno de todo o louvor e respeito.

Custa a crer que, no nosso tempo, o visconde de Almeida Garrett, ministro d'estado honorario, par do reino, orador, poeta e litterato eminentissimo, com meios de rasoavel subsistencia, passasse pelos transes que passou em sua cruel enfermidade, e que teriam sido bem peiores, ouso repetil-o, se não fosse o obscuro amigo que traça

suspeitas. Um dos nossos mais illustrados colleccionadores de preciosidades litterarias possue quatorze d'essas cartas! Diz elle terem sido achadas dentro de livros, comprados no leilão do poeta. Parece pouco provavel que taes documentos estivessem em poder do auctor, e não da pessoa a quem foram dirigidos. Quando arrumei os livros, auxiliado algumas vezes por Gonçalves, não dei por elles ali. É verdade que se fez aquelle serviço á pressa; mas parecerá muito singular que não caísse nenhuma carta! E logo que eu visse uma, é claro que não deixaria de procurar outras. Não me esqueço de que foi dentro de um livro de Garrett que o livreiro Rodrigues e o banqueiro Ferrari acharam a escriptura de separação dos conjuges, que dei no tomo II. Todavia, não julgando difficil escapar-me um papel, custa-me a admittir que passassem quinze, sem que um unico fosse visto! Admittindo, porém, a possibilidade do facto, como acceitar o de terem voltado essas cartas ao poder de Garrett, e só quatorze, tendo elle escripto centos d'ellas á mesma pessoa, e conservando as d'ella?! Não sei; e Deus me livre de duvidar da inteira boa fé e sinceridade do novo possuidor, abonado por indiscutivel probidade.

estas linhas! Por sua morte, encontraram-se-lhe em casa tresentos ou quatrocentos mil réis em dinheiro[1]; tinha poucas e pequenas dividas; não lhe pesava muito a familia, e soube sempre limitar as suas necessidades aos seus meios. Custa a crer, pois, que n'estas circumstancias, relativamente boas, se achasse por vezes sem ter quem lhe desse um caldo, e passasse os seus ultimos dias tão solitario, tendo-me quasi sempre só a mim por companhia, além de sua filha, que por ser mui joven não estava no caso de poder substituir-me ou de prescindir do meu auxilio. Mas já referi o conjuncto de motivos que se deram para isso, e não insistirei mais n'este ponto.

Emquanto pôde receber as pessoas mais íntimas, era facil distrahil-o. Cada um lhe levava sua noticia diversa. Elle era amigo de novidades, e de chocalheiros; gostava de saber as vidas alheias, sobretudo as das pessoas a quem se affeiçoava. Quando via d'antes alguem, que fosse na sua companhia, cumprimentar para qualquer janella, olhava de soslaio, e crivava o companheiro de epigrammas, se este não lhe satisfizesse a curiosidade. Desconfiando que havia namôro, salgava as chufas de modo que a victima tinha de pedir misericordia. Agora, informava-se ainda com interêsse sobre quem fôra ou mandára saber d'elle; pedia os jornaes de vez em quando, e queria que a filha ou eu lhe lessemos os noticiarios. De todas as pessoas que tiveram permissão de o ver, pela última vez, nenhuma lhe causou tanto alvoroço e prazer como Alexandre Herculano. Segundo já referi, estavam amuados, por causa da propriedade litteraria; mas Her-

[1] Quinze dias antes pedíra a D. Pedro do Rio que lhe emprestasse 40 ou 50 libras, sem ter a menor precisão d'ellas! D. Pedro quiz ir buscar-lh'as, mas elle mudou de conversa, e nunca mais fallou n'isso! Acaso seria experiencia, para calcular o que se pensava do seu estado, suppondo que D. Pedro lh'as negaria, se o considerasse condemnado a morrer breve?...

culano, dotado de sentimentos proprios da sua estatura, sabendo o estado do poeta, quebrou immediatamente. Este facto redunda em gloria de ambos. Conhecedor do caracter de Herculano, Garrett commoveu-se muito. Comprehendeu, talvez, o que significava aquella visita: era a derradeira. O outro tentou animál-o, fallando em diversos assumptos, e fingindo não dar importancia á enfermidade; mas quando saíu a porta da livraria, levava os olhos humidos. Quem tal diria! Todos o julgavam duro como rocha, porque muitos ignoravam que as rochas tambem deitam agua, e que é d'ellas que brotam os mananciaes mais puros.

Nos ultimos quinze dias de novembro começou a diminuir a concorrencia á porta do nosso enfermo. Houve um (não me recordo se foi o unico) em que não appareceu ninguem a pedir noticias. Por acaso me perguntou elle n'essa occasião quem fôra, e eu disse-lhe a verdade.

—Ah! mundo enganador! mundo enganador!—exclamou dolorosamente. E nunca mais teve curiosidade a tal respeito; mas tambem se não passou dia, d'ali por diante, em que não repetisse, como fallando comsigo, em fórma de estribilho pungentissimo, essa phrase de desenganado:

—Ah! mundo enganador! mundo enganador!...

XVI

Por este tempo envolvi-me n'uma discussão theatral desagradavel. Pretendia um director, allegando conveniencias de scena, mudar a ordem do espectaculo, pondo primeiro a farça e no fim d'ella o meu drama *Odio de raça.* Oppuz-me, invocando a *Legislação dos theatros,* de Lacan, visto que uma portaria do ministerio do reino determinára, pouco tempo antes, que se recorresse ás

leis francezas, quando nas nossas não houvesse disposição para se resolver qualquer dúvida em taes assumptos.

Informado pela filha, que lêra nos jornaes as correspondencias trocadas entre mim e o commissario regio, bem como o desabafo do empregado vencido, Garrett ordenou-me que 'mettesse a viola no sacco', desprezando dicterios, aliás corrigidos pelos factos, que me deram rasão sobeja.

— Mande-os bugiar: e tenha juizo — concluiu elle. — Nada ha no mundo que valha a colera do homem prudente.

E, apesar do seu triste estado, enfiou logo varias anecdotas picantes sobre o assumpto, como era seu costume, quando queria alegrar os outros. Sabia historias engraçadissimas e illustrativas para todos os casos: ás vezes nada valiam por si, porém faziam rir os ouvintes, pela maneira porque elle as contava. N'esta occasião, disse-me que convinha, em todas as questões de vaidade irritada ou irritante, ter a pachorra de certa senhora brazileira, sua parenta. Estava ella vestida de rico setim branco, para ir ao baile, e sentou-se, ao meio da sala, emquanto esperava a carruagem. O seu gato, vendo-a tão magestosa, mirou-a com admiração, andou-lhe á roda, cheirou muitas vezes o vestido, e acabou por amolar as unhas no precioso estofo, esfarrapando-o. Sem perder a menor linha do aprumo, sem voltar a cabeça, nem pestanejar, disse-lhe Yáiá, no mais doce e arrastado brazileirismo bahiano:

«— Çáápi, gáátu!...»

— E o gato não çapiu — continuava o poeta. — Antes tomou gôsto á coisa, e arranhou com maior desembaraço.

«— Gáátu!...» — voltou ella, em tom 'di pôntú di mélásso': «— Já ti dissi qui çápiissis!»

— Aqui está — proseguia — como se prolonga a vida,

sem zangas seccantes, e sem crear calhaus de pederneira no figado.

Ainda riamos d'esta, e já elle referia outra, que não vinha para o assumpto, mas que lhe occorreu, sobre qualquer phrase de Gonçalves:

— Entre muitos casos, dos de dar agua pela barba a qualquer sabio, lembra-me que já estive para endoidecer por causa de certo Prócoro. Andava então muito na bérra o nome d'esse sujeito, que me deu no gôto. Prócoro cá, Prócoro lá! Prócoro d'aqui, Prócoro d'ali: não se fallava n'outra coisa! Tive curiosidade de conhecêl-o. Com similhante nome, devia ser maravilhoso. Comecei a procurar. Perguntei, indaguei, bati matto, e nada! Punha-se toda a gente a olhar para mim muito admirada.

— O Prócoro?!

— Sim.

— Prócoro?

— Exactamente.

— Isso é muito original! Tem anecdotas incriveis!...

— Conhece-o?

— Não. Mas toda a gente sabe quem é. Ora... O Prócoro!

— Já lhe fallou, já o viu alguma vez?

— Nunca.

— Sabe de alguem que o conheça, para mostrar-m'o?

— Agora não me lembro de ninguem...

— Diga ao menos onde mora o homem; que faz; em que se emprega?

— Confesso que ignoro.

— É porque não existe; foi invenção dos meus inimigos politicos.

— Não diga tal. Sabe-se a vida d'elle...

— Do Prócoro?...

— Sim, senhor.

— Historias! Mostrem-m'o, se querem que acredite. Ver e crer, como S. Thomé!

— Finalmente, deram-me rasão. Fallava-se muito no Prócoro, e ninguem o conhecia. Tambem se falla no passaro bisnau, e nunca ninguem o viu. — Deixei de pensar n'elle. Senão quando, um domingo, á porta do Marrare do Polimento, vejo entrar um figurão, e, não sei porquê, digo com os meus botões: Ou não existe ou é este! — No mesmo instante gritam por traz de mim: — Adeus, ó Prócoro. — Volto-me, e já o não avisto! Entro, a correr, decidido a esclarecer ali tudo, custasse o que custasse: — Sr. Prócoro? Sr. Prócoro? Estão aqui a 'prócorál-o'... Faz favor, sr. Prócoro Martins?... — Basculhei, perguntei, ninguem o viu, sumira-se, evaporára-se! Elle e o que o chamou, algum outro sylpho, da mesma especie diabolica. Caixeiros e freguezes olhavam para mim, suppondo-me doido; e a verdade é que eu não estava muito longe d'isso! D'ali por diante, quando ouvia o nome d'elle, punha-me a cantar, mentalmente:

«Oh! Roberto! Oh! Roberto, pim-pim!»

convencido de que Prócoro e Roberto pim-pim é tudo a mesma coisa.

Elle contava isto, que eu refiro tão semsabormente, de modo que andavamos aos tombos com riso. Nos seus dizeres, entremeados de tregeitos que as dores provocavam, havia notas plangentes, de um comico que causava riso e pena!

XXI

O dr. Barral. — Dr. Pulido. — Auscultação. — Sacerdocio medico. — Prognostico. — Quarta edição do *Camões*. — As novas notas: restauração da torre de Belem; limpeza da igreja dos Jeronymos; vandalos remendões; convento do Carmo; *Catherine d'Atayde*. — Estylo *manuelino*. — Façam com que seus restos se trasladem para o templo de Belem. — Carta de empenho, escripta trinta e tres dias antes de fallecer? — Vesicatorios. — Esfriam-lhe e incham-lhe os pés. — Costella de S. Gonçalo. — Espectaculo unico e inolvidavel. — Não ouso affirmar se elle teria consciencia do seu estado. — Unica vez em que fallou na morte. — Como se lhe desafinavam os nervos. — 'Zoar na carvalheira'. — Discussões para distrahil-o, em que elle tomava parte. — *Ave, Cæsar*, de Mendes Leal. — *As minhas azas*. — Primeiro rebate da morte, e primeira confissão. — Vae peiorando. — O capellão das Salesias. — Segunda confissão. — Enthusiasmo e assombro do confessor, que se enternece e humilha ante o penitente. — *Passeio de sete mil leguas*, por Francisco Maria Bordallo. — Noticia da *Imprensa e lei*. — Funesto acaso. — Outra noticia, que não produz effeito. — Terceira, e última de que lhe dei conhecimento, igualmente inutil. — Posição em que estava, na cama. — Parecia-se agora com o retrato tirado oito annos antes. — Nunca lhe doe a cabeça, mas já não supporta o ruido dos trens. — Areia, na rua. — Ayres de Sá Nogueira, nota. — Longas horas de silencio. — Como ía morrer. — Os cyprestes vizinhos. — Barral avisa que nos preparemos. — A communhão. — Exemplo sublime. — Sente-se quasi bom. — Que esperaria ainda?! — Palavras suas. — Porque não me fallaria da filha?! — Pensava talvez n'um milagre. — Conferencia medica. — Mais noticias da *Imprensa e lei*. — O dia 9 de dezembro. — Meus presentimentos e terrores. — Chegada á presença do enfermo. — Penultimo dialogo. — Foge-lhe a vista. — Fôrça que o puxa. — Os versos de Gray. — Derradeira phrase. — *Consummatum est*. — Certidão de obito, nota.

I

Na sua última enfermidade teve o poeta por medico assistente o dr. Barral. Apesar de ser mais amigo que facultativo, muito delicado e cuidadoso, a sua apparente frieza e severidade animavam pouco as pessoas interessadas pela sorte do doente. Eu não tinha relações com elle: trocavamos apenas raras palavras, de simples cortezia; mas não me fôra preciso interrogál-o: no seu

rosto, no modo grave e reservado do homem que cumpre um dever penoso, li muito cedo a sentença terrivel. Essa triste convicção, e a falta de repouso, actuando sobre o meu organismo, cansado por uma vida tambem toda de lucta, traziam-me em excitação constante de nervos. Para me fortalecer, ia quasi todas as manhãs tomar banhos de chuva a Rilhafolles; e ali conversava, ácerca de Garrett, com o director do estabelecimento, o meu fallecido amigo dr. Francisco Martins Pulido, sabio eminente. Communicando-lhe as minhas apprehensões, pedi-lhe que fosse ver o enfermo, como seu antigo amigo. Combinou-se que eu estaria presente e faria com que aquelle o consultasse.

Preparei-o, dizendo-lhe que fallava diariamente com Pulido, e que este, saudoso do seu poeta, mostrára desejos de vêl-o; porém, que temia incommodál-o, etc. Alvoroçou-se João, como succede sempre que não se acham allivios com o tratamento do medico assistente, e se tem occasião de fallar a outro. Ordenou-me, pois, que lh'o levasse, porque o estimava muito, e queria consultál-o, sem que Barral soubesse, embora depois lh'o confessasse. No dia seguinte fui buscál-o.

Pulido não era só douto, entre os mestres: tinha o olhar penetrante e rapido. O seu diagnostico passava quasi por infallivel; e quando prognosticava a morte, não se enganava nunca. Viu e auscultou o mestre, animando-o muito, dizendo-lhe que lhe achava os nervos desafinados, que talvez passasse de cama ainda parte do inverno; porém que tivesse paciencia, pois recobraria as forças e a saude com a vinda da primavera. Que todas as suas dores e incommodos provinham de nevroses, e não de lesões organicas; mas que apesar de não haver gravidade, não lhe occultaria que a convalescença havia de ser demorada, e que fosse prudente, se quizesse obter a cura radical das suas molestias.

Disse tudo isto de modo tão persuasivo, que até eu acreditei ser verdade e não pude encobrir a alegria, que, notada pelo poeta, varreu-lhe do espirito as últimas desconfianças. Ah! como ambos nos illudiamos! E como eu comprehendi e admirei, d'ahi a poucos instantes, o que ha de grande, de bello e de abençoado na missão do medico, á cabeceira do doente, quando a convicção de não poder salvál-o o faz mentir, para prolongar-lhe a vida! O que — vaidoso de alardear sciencia inutil (porque só conhece a morte, e é impotente para combatêl-a) — se apressa em dizer cruelmente a verdade, preferindo matar com mais brevidade o padecente do que passar por ignorante, esse, em meu conceito, desconhece a importancia do papel que representa. Deus o afaste de mim, e dos que eu amo!

Saí da alcova, commovido, e fui esperar o consolador bem vindo para o vão da primeira janella da livraria. Mas que espantosa differença lhe achei no rosto, logo que olhei para elle! Só então apreciei a sublimidade do seu procedimento.

— Tire-se d'aqui! — me disse, rudemente. — Vá-se embora, quanto antes: a sua saude é melindrosa demais para supportar o golpe que o espera. De longe, ha de custar-lhe menos.

Fiz-lhe um gesto de súpplica, porque estava perto de nós D. Maria Adelaide. Pulido remediou a imprudencia, invertendo o que dissera. Logrando persuadil-a gradualmente de que entendêra o contrário, saímos para o jardim, que eu fingi querer mostrar-lhe, apesar do dia chuvoso.

— Considere-o morto. Nada ha que esperar, nem viverá muitos dias. Póde ser hoje mesmo, d'aqui a duas horas ou d'aqui a uma até duas semanas. Pulmões, coração, baço e figado, tudo está esphacelado por lesões enormes. Sente-se já o ruido de serra. Você é moço,

e a sua doença não tem ainda complicações sérias; evite-as. Vá para sua casa. É conselho de amigo.

Demonstrei-lhe a impossibilidade de o satisfazer. Por muito que amasse a vida, estava ali pagando a minha divida, e a do paiz, que ficaria deshonrado se aquelle filho illustre morresse ao desamparo. O doente não queria ver outras pessoas. E eu seria indigno da sua amisade, e da estima dos homens de bem, se me ausentasse na occasião em que a minha presença lhe era cara, e os meus serviços uteis e necessarios.

Pulido saíu meneando a cabeça.

Avisei D. Pedro do Rio, julgando-o designado para tutor de D. Maria Adelaide; e com elle e Gonçalves concertámos sobre as providencias a tomar, quando chegasse o funesto instante.

II

Depois da visita de Pulido, ainda que sempre afflicto com dores, João mostrava-se menos apprehensivo. Conversou mais n'esse dia; e encarregou-me de mandar distribuir alguns exemplares do seu *Camões,* que pouco antes acabára de imprimir-se [1].

A 21 de março escrevêra, datando-as de Lisboa, as palavras (sem titulo) com que abre esta edição, que foi a quarta. Innocencio não a conheceu, porque não fallou d'ella no respectivo artigo do seu *Diccionario bibliographico*. Não me lembro se foi toda para presentes ou se parte se expoz á venda. Quando se punham os endereços nos exemplares que então se expediram, explicou-me o auctor a intenção com que a fizera; mas o estado do meu espirito e os successos subsequentes, fizeram-me es-

[1] Lisboa, em casa da viuva Bertrand & Filhos, 1854. Na pagina opposta ao rosto, diz: — «Na imprensa nacional».

quecer d'esses esclarecimentos. Occorre-me apenas que ralhou muito, porque sendo o papel melhor e de maior formato que o da edição das suas obras completas, não se fez a impressão como elle queria. O exemplar com que me brindou, e tenho á vista, aspirava a ser, n'aquelle tempo, edição de luxo; hoje faria rir os empregados da imprensa nacional, se como tal lh'o apresentassem.

A quarta edição de *Camões* saiu melhorada, corrigida, e com acrescentamentos ás notas[1]. Citarei alguns d'estes: «A torre de Belem foi desemplastada e restaurada em 1843 pelo bom gôsto do meu nobre amigo o sr. duque da Terceira, seu illustre governador. A igreja de Belem limpou-se emtanto, e se pozeram vidros de côr em duas janellas, graças ao amoravel e illustrado zêlo de sua magestade el-rei D. Fernando, a quem já tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. Só ao convento é que não chegou limpeza nem restauração, e cada vez estão mais absurdos e mais clamam barbaridade os seus vergonhosos remendos. — Continuemos a bradar contra estes vandalos remendões. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo que não chegam ao céu. É certo que não atroam, como este, os ouvidos dos nescios que nos governam e que só a zurros attendem; mas chegam á alma dos que a teem, e pouco a pouco vão calando na opinião até que algum bem arrancam a esses mesmos papelões impotentes que erigiram a ignorancia farfalhuda e a impotencia presumpçosa em qualidades de homem de estado (pag. 221 e 222)».

A pag. 232 refere-se aos escriptos do conde de Ra-

[1] Dei como seu último trabalho a *Helena* (feita em agosto e setembro de 1853, copiada em abril e maio de 1854) porque depois da advertencia e notas de *Camões*, é que corrigiu e copiou aquelle fragmento; mas, verdadeiramente, o derradeiro trabalho da sua penna foi, segundo em seu logar fica demonstrado, a scena incompleta do *Conde de Novion*.

ckzinski, que comprovam a existencia de Grão Vasco, a excellencia das suas qualidades artisticas e o ter sido Vizeu sua patria. A pag. 239 refere-se ao famoso convento do Carmo, que n'esse anno se decretou que fosse convertido em sala de exposição de industria; assevera que não póde ser senão templo o que é templo e de tal historia. Espera que o marquez de Loulé, nomeado então provedor da casa pia, restaure Belem, desaggravando a arte e a historia, com tanto desacato vilipendiadas n'aquelle monumento. Finalmente, a pag. 279 acrescentou á nota I: «Acabo de receber de París, hoje 12 de março 1854, um elegante e precioso estudo litterario sobre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo sr. Adolpho de Circourt. Publicou-se primeiramente como artigo na *Bibliothèque Universelle de Genève*, e tem por titulo *Catherine d'Atayde. Genève imprimerie Ferd. Ramboz et Cie* 1853. Sinto que a já demasiada extensão d'estas notas me não permitta inserir por extenso todo este opusculo, bem digno do seu objecto».

É sabido que foi elle quem deu ao estylo gothico florido de Belem a qualificação de *manuelino*, adoptada depois pelo conde de Rackzinski, nas suas obras, e hoje popular na Europa. Na nota G, do canto terceiro, chamou a Belem o nosso Westminster; e foi a sua voz auctorisada que, ao cabo de longo bradar, conseguiu que se começasse a restauração do monumento, e sua continuação. Infelizmente, do modo por que se fez parte d'estes trabalhos resultou nova vergonha para Portugal[1]! Mas d'isso não teve culpa o poeta. E oxalá que a geração nova, emendando e reparando todas as faltas d'aquella a quem succede, pratique o grande acto de justiça que reclamam as cinzas

[1] Veja no jornal *A arte*, Lisboa, 1879, pag. 58 e seguintes e 72 e seguintes, o artigo do auctor d'estas *Memorias*, intitulado *O caír das folhas*.

de Garrett, fazendo-as trasladar para o templo de Belem, monumento digno do cantor glorioso.

III

Accentuemos-lhe as feições moraes, mencionando outro facto digno de eterna memoria, se acaso é verdadeiro. Trinta e tres dias antes de fallecer, recusando, por não poder já fazêl-o sem sacrificio, assignar o seu nome no meu *album*, e pretextando que queria pôr ali mais que a assignatura, quando melhorasse, este homem generoso, segundo me affirmou Bartholomeu dos Martyres, escreveu por sua mão uma carta de empenho, a favor de um padre mal afortunado! O pretendente lograria talvez romper o bloqueio (estabelecido por sua ordem, para afastar os desconhecidos), allegando ser seu recommendado. Chegando ao pé d'aquelle que tinha por maxima «antes fazer ingratos que infelizes[1]», e não havendo ali n'essa occasião outra pessoa, depois de o ouvir, pediu papel e o tinteiro, e escreveu a seguinte carta a Bartholomeu:

«Exmo amigo. — O portador é aquelle celebre padre Antonio que em certo dia de madrugada mandei com uma carta minha a sua casa para pedir a thesouraria da Encarnação. Ainda o thesoureiro defunto estava *quente*, porque só havia horas que expirára. Mas o logar já estava dado ao nosso amigo Aguiar que, como sabe, tem os seus espias á cabeceira dos agonisantes para poder pedir os logares que vagam ainda durante a agonia dos infelizes.

«Agora, meu amigo, o padre Antonio que é um homem capaz e tem meia Lisboa a pedir por elle, po-

[1] *Memorandum, cartões de poeta, de moralista (ms.)*, pag. 69.

dia entrar para beneficiado da sé, porque ha logar vago.

«Accuda-lhe antes que o nosso amigo Aguiar se atravesse, porque aliás o padre Antonio morre com a véla do enterro na mão, e fica permanente esta conspiração de todos os que importunâmos os ministros e os officiaes maiores da justiça a exigir um pequeno beneficio para elle.—Veja na secretaria os documentos d'elle, que são excellentes. E faça isto agora, que obriga muita gente, e especialmente o que é — De v. ex.ª—um collega obrg.º— 6 de novembro. = *Almeida Garrett*[1].»

Note-se como gracejava ainda, um tanto apimentadamente, é certo; porém com rasão, segundo affirmava. Dir-se-ia na plenitude da saude e da vida! E assim foi até seu último instante — bom e alegre! — Mesmo quando padecia mais, queixava-se em termos que forçosamente provocavam riso. Parecia querer afastar a tristeza das pessoas que amava.

Aggravando-se as dores de peito e lados, propoz Barral que se lhe deitassem vesicatorios, com que ficaria alliviado. Tentei oppor-me, para lhe evitar esse inutil tormento; mas não ousando revelar o parecer de Pulido, que era para mim indiscutivel, cedi. Pozeram-se primeiros, segundos e terceiros... Uma judiaria atroz! Iam-lhe inchando os pés, e perdendo o calor. Renovavam-se com pequenos intervallos as botijas de agua

[1] O padre chamava-se Antonio Affonso Dias Branco. Garrett pedia por elle, desde 1851. O pobre homem não tinha 'sorte'! Só em 1870 conseguiu ser despachado para o Algarve! A carta não tem o anno em que foi escripta. Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, a quem ia dirigida, asseverou-me que tinha certeza absoluta de ser de 1854. A alma de Garrett era propria para estes actos generosos; mas confesso que não tive noticia da visita do padre, durante a doença do poeta, nem de que este escrevesse então a carta. Pelo exame que fiz da letra, acho que tanto póde ser d'aquelle anno como do anterior.

quente, e as fricções sêccas. Por fim, era elle que pedia mais causticos, persuadido sempre que as melhoras viriam com os ultimos! Quando lhe perguntavam se estava melhor, respondia, gracejando. De uma das vezes disse:

— Estou quasi como S. Lourenço! Não me resta por queimar senão esta última costella direita, que deve ser a que tenho do meu parente S. Gonçalo de Amarante.

E entrou a discorrer sobre este thema, com inimitavel graça. Apesar de profundamente condoidos do seu estado, não podiamos deixar de rir, ouvindo-o. Muitas vezes, quando elle tentava alegrar-nos, sentia-me eu entristecer, quasi até ás lagrimas, contemplando-lhe as nobres feições contrahidas pela dor, ao passo que na bôca lhe brincava o sorriso de ironia, e lhe resplandecia nos olhos a vivacidade da juventude! Ora lhe cortava a facecia alguma dor mais forte, ora entremeava com bons ditos os gemidos e tregeitos! Espectaculo unico, tão indelevelmente gravado na minha memoria, que o tempo não poderá jámais apagál-o d'ali! A graça corria-lhe dos labios, como de fonte natural e perenne. Gonçalves e eu trocavamos frequentes olhares, em que nos perguntavamos se realmente iria morrer esse homem incomparavel! De algumas occasiões nos persuadiamos que elle não contava acabar ainda d'aquella doença; em outras, custava-nos a crer que ignorasse o seu verdadeiro estado, sobretudo depois que principiou a inchação dos pés e das pernas. Manteve até ao fim tal força de ânimo e vontade, tão singular presença de espirito, de mistura com as mais vivas e profundas crenças religiosas, que eu não ouso affirmar se esperou o termo da existencia, sem temor da morte, ou se o julgava muito longe ainda. Uma unica vez se referiu a isso, dizendo-me, depois de um ataque violento:

— Se eu morrer, vejam o que tenho cá por dentro a roer-me.

Desejoso de penetrar-lhe os secretos escaninhos da alma, frequentemente o espreitei, e surprehendi absorto em pensamentos que lhe punham no rosto nuvens de melancholia. N'esses instantes só a presença da filha ou a minha o chamavam á realidade d'este mundo.

Nos dias ventosos, assaltava-o a tristeza, e desconcertavam-se-lhe os nervos. Os nevoeiros pesavam-lhe. O ruido da chuva exercia singular influencia nas recordações da sua infancia, trazendo-lhe á memoria, com pungentes saudades, a imagem dos que amára. Comtudo, até n'essas horas lhe era impossivel encobrir as scintillações do espirito!

Para attenuar quanto podésse ser os maus effeitos das variações atmosphericas, estava o fogão da livraria accêso de dia e de noite, por ordem do medico. Apesar d'isso, a temperatura do quarto não podia ser tão igual como convinha; e o seu corpo accusava todas as alterações d'ella, com a regularidade do melhor thermometro. Cada vez que as lufadas do vento rugiam na fresta, exclamava, conchegando as bandas do casaco de flanella sobre o peito:

— Como elle zôa na carvalheira! Cá me dizem os nervos que vae tudo raso lá fóra!

'Zoar na carvalheira' era phrase minhota, em seguida á qual enfiava sempre alguma anecdota a proposito. Quando Gonçalves entrava, ás noites, encetava discussão commigo, servindo-lhe de pretexto qualquer palavra: tomavamos calor, sem grande esforço, gritando, gesticulando, jogando chufas e epigrammas, como dois navios descarregando ao mesmo tempo as suas baterias. Faziamos isto para distrahir o enfermo, que gostava d'estes exercicios. Elle, porém, não se contentava com ouvir: tomava parte na bulha, a favor de Gonçalves, ajudando-o a bater-me, circumstancia que me lisonjeava, por ser prova de maior confiança commigo.

N'outras occasiões, lia-lhe sua filha ou eu. Uma noite recitei-lhe *Ave, Cæsar,* de Mendes Leal. Affirmou que não se lembrava d'esta composição bellissima; e tanto gostou de ouvil-a, que m'a fez repetir. Concordou ser das melhores do auctor, elogiando muito este, dizendo que era um talento de primeira ordem e que se desvanecia de o ter assim classificado, no conservatorio, quando leu ali os seus primeiros dramas.

Em seguida, mandou a filha buscar as *Flores sem fructo:* disse-lhe que procurasse a peça intitulada *As minhas azas;* e quiz que eu lh'a lêsse.

— É uma composiçãosinha simples, mas que todavia me não parece inteiramente destituida de tal ou qual valia... Ora leia, *seu* poeta; leia isso com consciencia.

Gonçalves entrára e acabava de sentar-se entre mim e D. Maria Adelaide. João virou-se para elle, fazendo tregeitos com as dores:

— Faça favor de fiscalisar se o illustre preopinante mantém a devida generosidade ou se, por ser official do meu officio, come por ahi alguma coisa...

Bem quizera pôr aqui essas admiraveis estrophes; mas falta-me o espaço. Ellas foram a última poesia que lhe li ou recitei, os derradeiros élos da cadeia que prendia o seu coração ao mundo.

IV

Vendo-o n'essa noite mais socegado, saímos cedo, esperançados em que dormiria algum pedaço maior que de costume. Teem d'estas traições as doenças funestas: são como o mar dos Tropicos, que parece morto, momentos antes da borrasca. Alta noite, repentinamente salteado por commoção violenta, julgou o insigne mestre chegado o seu supremo instante. Mandou chamar á pressa o prior de Santa Izabel, e preparou-se para a partida,

confessando-se. Quando pela manhã me deram taes noticias, encobri tão mal o que sentia, que foi elle quem me animou, asseverando estar costumado áquelles rebates, e que este não fôra dos peiores.

— Eu não me confessei bem, por estar um tanto afflicto — me disse. — Preciso fazêl-o melhor, outro dia. Estas coisas nunca prejudicam.

Reflectindo n'aquellas palavras, tomei-as como insinuação, para lhe trazer confessor. O assumpto era grave: a menor imprudencia podia precipitar o acontecimento, e eu rejeitava com horror a responsabilidade que d'ahi podesse provir-me. Consultei Gonçalves, que, educado por frades, tinha seu fraco por todos os actos religiosos; mas era illustrado e sincero. Conviemos em esperar mais uns dias. Peiorando o nosso infeliz amigo, lembrei-me de lhe ter ouvido, antes de caír de cama, que era muito affeiçoado ao confessor das Salesias, ecclesiastico veneravel e venerado pelo seu proceder e idade. De accôrdo com D. Pedro e Gonçalves, resolvi chamál-o. Em 20 de novembro, fui á Junqueira, e pedi a D. Pedro Moscoso que fosse fallar-lhe, rogando-lhe que me acompanhasse e condescendesse em apresentar-se a Garrett, como quem ía visitál-o. Deixariamos o resto a Deus e á consciencia e vontade do enfermo. Eu não appareceria, para simular ser estranho á visita.

Prestando-se o bom velho, acompanhou-me, e entrou sósinho. João abraçou-o com effusão. Não deu nunca a perceber se suspeitára ou não que a ida fôra combinada. Mandou saír as irmãs de caridade, com a filha; e pediu ao sacerdote que o ouvisse.

Seria espectaculo digno de commover os peitos mais endurecidos, se podésse ver-se o santo apostolo de Jesus, lavando com as lagrimas do perdão as culpas d'aquelle peccador, tão accusado, tão culpado talvez, mas tão arrependido, e o mais calumniado homem d'esta terra! Uma

hora durou o encerramento d'esses dois exemplares de virtude. O penitente depositou no seio do apostolo, delegado do Deus de misericordia e de amor, os seus peccados, remidos pela contricção sincera. O velho saíu de mãos postas, como se viesse do altar, soluçando de alegria, exprimindo o maior pasmo, e mal pôde dizer-me, de passagem:

—Que homem! Que alma! Que exemplo sublime!

Acompanhei-o á porta, cheio de enternecimento. Que circumstancia poderia ter-lhe causado similhante commoção e assombro?! Quantas conversões não teria elle feito, de quantos arrependimentos sido confidente?! Acaso em sua longa vida de oitenta annos, seria esta a primeira vez que via brilhar tão clara e pura em peito humano a luz da graça divina? Fiquei profundamente convencido d'isso. O confessor acabava de assistir ao acto mais edificante que presenceára em toda a sua existencia; contemplára um milagre: sentíra Deus vivo dentro de um corpo mortal, e fôra elle, padre, elle, juiz, que se humilhára diante do penitente!

Tudo devia ser e foi grande na historia de Garrett!

Quando entrei no quarto, lia-se-lhe no rosto o maior contentamento. Disse-me que estava melhor; que se tinha confessado muito bem, e que sentíra immenso allívio. Depois, dirigindo-se a Gonçalves, que entrára n'esse instante, fallou-lhe de mim, dizendo palavras que não teem aqui cabimento.

V

Gonçalves tornou a saír; e o doente pediu-me, segundo o costume, que lhe lesse alguma coisa. Para esse dia, levava-lhe o *Passeio de sete mil leguas*, de Francisco Maria Bordallo. Ouviu com gôsto as curiosas cartas que com-

põem o livro, notando o que mais lhe agradava, com a costumada lucidez e vivacidade.

— Faça os meus cumprimentos ao Bordallo. Acho-lhe só uma falta grave: é dar a saber ao leitor que escreveu depois da viagem. O effeito é mais seguro, sempre que a obra pareça feita á vista dos logares de que trata.

No dia seguinte, 21 de novembro, o jornal *Imprensa e lei*, de Rebello da Silva e de Mendes Leal, dava a seguinte noticia:

«As nossas letras estão ameaçadas de uma verdadeira catastrophe. O sr. visconde de Almeida Garrett, o auctor de *D. Branca*, está em perigo de vida. Aquelle grande espirito preparou-se já como christão para se despedir do seu involucro terreno. Annunciâmol-o como um presagio de lucto nacional. No turbilhão das devassidões e interêsses mundanos, o poeta apaga-se debaixo dos seus proprios cantos sem que dê por isso a turba frivola que se deleitou d'elles. Mas a imprensa, que fez o boletim dos tribunos, seria ingrata e ignara se esquecesse o cidadão eminente a quem a patria deve tanto, em gloria.»

Não sei por que funesto acaso lhe deixaram o jornal ao alcance da mão. Pegou n'elle, viu o nome, e leu, certificando-se assim de qual era o seu verdadeiro estado, que porventura ignorava, ou não queria crer que fosse sem esperança. Apesar da sua força de ânimo, não lhe foi indifferente saber que o tinham condemnado. Achei-o tristissimo, quando entrei; e soube logo a causa. N'esse dia esperei Barral, referi-lhe o que se passava, e pedi-lhe que com a sua palavra auctorisada combatesse a má impressão recebida, não se dando por achado do que sabia. O medico entrou: depois de pequeno exame, perguntou se houvera novidade, pois lhe achava o pulso nervoso. Em seguida, continuou, recomeçando a auscultál-o com maior attenção:

— E comtudo, ha tres dias que se accentuam melho-

ras sensiveis... Se não vier alguma excitação, estamos em via de convalescença...

João não disse nada. Olhava para mim, que, pela primeira vez, mantive o olhar firme apoiando a mentira. N'essa noite combinei com Mendes Leal esta attenuante, publicada no dia 23:

«Depois de uma ruim nova, temos o prazer de dar uma boa noticia. O sr. visconde de Almeida Garrett está felizmente fóra de perigo, e entra n'uma convalescença, lenta mas segura. Damos os parabens a nós mesmos, e a quantos, como nós, se interessam pelo que tem sido mestre de todos. Sabemos que lhe tem sido manifestadas numerosissimas sympathias de homens de todas as classes e jerarchias: a imprensa deixaria de cumprir um officio de gratidão se não tomasse parte tambem nos soffrimentos do poeta eminente e do cidadão illustre.»

Li-lhe isto, affirmando ter sido o proprio Barral que desmentíra perante Rebello da Silva a primeira affirmativa; mas o effeito foi mediocre. Em 25, no intuito de o convencer e reanimar, dissemos:

«O sr. visconde de Almeida Garrett continúa a receber numerosas provas de estima e sympathia, no curso da sua penosa enfermidade. Todos fazem votos pelo prompto restabelecimento do chefe da nossa escola litteraria.» Tambem isto não deu resultado. D'esse dia em diante deixei de referir-lhe o que diziam os jornaes a seu respeito. Mas tive sempre o cuidado de os informar, para que o paiz não ignorasse o estado do seu maior poeta.

VI

Desde muitos dias que a doença lhe não permittia já deitar-se: estava sentado na cama, rodeado de almofadas e travesseiros. Dormia pouco e mal, ou antes dormitava.

A alimentação reduzia-se a caldo, com uns bagos de arroz, gallinha desfeita, e algum bocado de pão torrado. Suspendêra-se todo o emprêgo de remedios energicos, entretendo-se-lhe a imaginação com applicações inoffensivas, inuteis. Só tirava o casaco de flanella e o barrete, quando era preciso substituil-os. Tornára-se mais magro e mais pallido, sem fazer todavia extraordinaria differença. Um dos seus retratos, tirado em 1846 (oito annos antes), por Guglielmi, parecia-se agora bastante com o original! É o melhor dos que existem d'elle[1]. Os olhos conservavam a limpidez e brilho naturaes; nem o nariz nem a bôca denunciavam morte proxima. Não se queixava senão do mal que sentia interiormente. Muitas vezes protestou que havia de morrer sem saber o que era uma dor de cabeça! Comtudo, a fraqueza a que chegou nos ultimos dias fez com que se lhe tornasse insupportavel o ruido das carruagens, que passavam na rua. Mandou-se por isso deitar ali sufficiente porção de areia, depois de obtida licença da camara[2].

A conversação principiava a cansál-o; já raras vezes havia leitura. Passavamos longas horas silenciosos, fingindo elle dormir, e eu tambem. Se o sentia resonar algum instante, contemplava-o, na sua cama de puro estylo sebastianista, onde elle penava, sem descanso e sem allivio, havia trinta e tantos dias; corria a vista pelo quarto, preparado com tanto esmero e arte; por aquellas paredes floridas, respirando ar de campo, certo perfume de mocidade que o comprazia e que o seu genio quizera im-

[1] Dei-o no tomo I d'estas *Memorias*, em phototypia.

[2] O presidente d'ella, Ayres de Sá Nogueira, escrevendo-me em nome da vereação, mostrava estarem ainda longe os tempos de se ignorar o valor de Garrett, com relação ás outras celebridades portuguezas. Protestava o profundo pezar da camara pelo estado do enfermo, fazendo votos pela sua vida e offerecendo-se para tudo, em nome da cidade.

primir em tudo; os moveis, novos ou renovados, tanto de seu gôsto... Nada podia já prolongar a existencia d'esse homem, que parecia e pretendêra ser sempre moço; que no trajo, nos costumes e predilecções pendia mais para o comêço do que para o declinar da idade... Acabaria ali, no meio de uma primavera pintada, entre falsa verdura e fingidas flores, fazendo, horas antes de expirar, projectos de trabalho grandioso... E afagando talvez ainda todas as illusões de poeta! Morreria, quasi como tinha vivido!

Após estas ou similhantes reflexões, se elle acordava, fechava eu os olhos, para que m'os não visse humidos; se dormitava, saía sem bulha, e ía pôr-me á janella da saleta, olhando através dos vidros para a chuva, que caía incessante. O outomno, que fôra nebuloso, terminava com rigor excessivo. Os cyprestes, funebres vizinhos, pareciam espreitar, com curiosidade sinistra, os movimentos do enfermo. Sobretudo, em noites de luar, que foram raras, pela inconstancia do tempo, a minha alma, que nadava na tristeza, mais vivamente se impressionava ante as mudas sentinellas das campas. Afigurava-se-me ver-lhes as figuras esguias, projectando-se no céu pardacento, sombrio como ellas, fazerem gestos mysteriosos, como que dizendo á morte que viesse depressa.

VII

Com o mez de novembro foi-se a última esperança. Barral annunciou, por sua vez, que deviamos prepararnos para a catastrophe. Eu já de muito o estava; mas ha não sei quê no coração humano que o leva quasi sempre a duvidar do que é infallivel, e a crer no que é mentira e absurdo.

D. Pedro e Gonçalves lembraram que seria bom con-

sultar o doente sobre se quereria receber os ultimos sacramentos da igreja. Protestei a minha invencivel repugnancia; parecia-me que fallar-lhe n'isso seria abreviar-lhe a vida. Recordei-lhes o enthusiasmo do confessor, acrescentando que a sua alma ficára lavada de toda a mácula pelo arrependimento, e que Deus a receberia, sem ser preciso mortificál-a mais n'este mundo. Foi-me, porém, forçoso ceder ás objecções dos meus amigos, declarando todavia que eu não fallava em tal ao doente, embora estivesse convencido que este se prestaria ao acto, porque era crente sincero.

Assentou-se que as irmãs de caridade lhe dissessem, conversando, que comquanto o seu estado não fosse grave, lhes custava a ellas que não commungasse, depois de se ter confessado. Só depois de muito instadas por Gonçalves se prestaram as boas creaturas a essa cruel missão. Garrett, sem mostrar-se assustado, desconfiou dos rodeios:

— Acham-me então muito peior, minhas irmãs?

— Não, senhor; é porque isto nunca faz mal — responderam, repetindo palavras que sabiam ser d'elle, a respeito da confissão.

— Certamente; antes faz bem... E eu estou prompto.

As irmãs saíram enternecidas. Quando entrei, fingindo ignorar o que se passára, disse-m'o elle logo. Mostrei-me admirado, como convinha, exprobrando a insinuação das duas mulheres, afiançando que o medico o achava melhor, e que podia adiar-se ou dispensar-se inteiramente a ceremonia, que iria incommodál-o. Volveu-me que se achava disposto; e que melhor seria agora. Pedia apenas que na occasião lhe não deixasse entrar no quarto ninguem desconhecido. N'essa noite combinámos, D. Pedro, Gonçalves e eu, que não passasse da manhã seguinte, 6 de dezembro.

Ás oito horas estavamos na igreja. Pedimos ao prior que tudo se fizesse com a maior simplicidade possivel, e

sem ruido. Infelizmente, a religião, assim como a politica, tem os seus actores e carolas! Gonçalves deitou-se ao homem da campainha, e tirou-lh'a, com grave escandalo d'elle e dos confrades. Os devotos da bulha pensam que a communhão ficará incompleta, não se atormentando o moribundo á força de campainhadas.

Chegou em silencio o prestito. Gonçalves collocou-se á porta do quarto, onde só entraram o prior e seus acolytos, D. Maria Adelaide, as irmãs de caridade, D. Pedro e eu. Garrett conservava a posição habitual; tomára nas mãos um pequeno crucifixo, mas punha tambem a miude os olhos contrictos na imagem do Christo que fôra de sua mãe, e lhe ficava fronteira, por cima do contador. A filha, as irmãs e eu ajoelhámos no canto mais escuro do quarto. Ao receber a hostia redemptora, corriam-lhe em fio as lagrimas; apertou vivamente e repetidas vezes contra o peito o crucifixo, e ficou-se em profundo recolhimento.

Nenhuma das testemunhas d'este solemne e grandioso espectaculo tinha o rosto enxuto; os menos afeitos ao pranto, não poderam contêl-o. Todos se identificaram com a magestade do acto; e do fundo d'esses corações — amigos e estranhos — subiu ao céu uma prece fervente pelo divino poeta, que fechava a sua carreira com tão sublime exemplo. A fé com que elle se abraçava ao symbolo regenerador da humanidade, illuminava-lhe a physionomia com fulgores de vida não terrena. Claramente se conhecia que Deus o purificára, recingindo-lhe o vestido da primitiva innocencia para o chamar ao seu seio, immortal e glorioso.

VIII

Concluida a ceremonia, e retirados todos, disse-me:

— Sinto-me quasi bom, agora; acho-me bem com Deus, e de certo estou melhor.

Não sei se alludia só ao estado do espirito, se tambem ao do corpo. Afigurava-se-me que não deviam restar-lhe já dúvidas. E d'ahi, quem sabe? Quem poderia ler-lhe no pensamento; dizer que não o acariciavam ainda illusões e esperanças; que n'essa mesma alma purificada não esvoaçavam de ora em quando saudades do mundo; e se, tendo a consciencia de que estava prestes a separar-se d'elle, não pediria a Deus um milagre?!

Eu pensava n'algumas palavras suas e applicava-lh'as. O que passaria n'aquella alma?! «... Pena do mal feito, travor amargo dos criminosos deleites, suaves recordações da infancia, lembranças dos conselhos paternos... ... e vós, mais que tudo, queridas memorias da mãe que nos teve nos braços, o que sois vós todos, pensamentos que acudis nas horas da solidão? Oh! que sois senão o lampejar que se anima, o luzir que revive da celeste luz do Bem que Deus poz inextinguivel em nossa alma[1]?»

Durante as longas horas que juntos passámos, e tantas d'ellas sós os dois, nos ultimos quarenta dias da sua existencia, porque não me fallaria das suas apprehensões, se as tinha, se temia morrer d'aquella doença? Projectos de trabalhos, se vivesse; e nem uma palavra, se morresse, ácerca dos que deixava, da filha do seu coração, d'essa parte do seu ser, mais amada do que talvez nunca merecesse sêl-o nenhuma creatura humana! Com a perda da mãe e dos outros filhos accumulára sobre a filha todo o amor que dava áquelles[2]. Por esta só

[1] *Arco de Sant'Anna*, tomo II, pag. 122-23, edição de 1871.

[2] Um d'estes morrêra em resultado de uma quéda de cama alta, onde dormia com a ama. Pae e mãe ignoraram sempre a causa da morte, porque a ama encobriu-a, tendo feito jurar a uma senhora D. Gregoria Angelica, amiga de Adelaide, e unica pessoa que com aquella presenciára o desastre, que jámais o revelaria. Os medicos chamados, desconheceram a origem da doença. Fallecida a

vivia, pensava e trabalhava. Preoccupado sempre do futuro d'ella, humilhára-se a pedir á rainha a legitimação, o titulo em duas vidas, o ridiculo para si, que tanto maltratára os barões... e agora, em quarenta dias de agonia, nem uma phrase unica para exprimir pezar do desamparo em que a deixa! Esta reserva tenacissima, n'este e n'outros assumptos, para com o homem que fôra seu amigo intimo e confidente dos ultimos annos, pareceu-me indicar que, apesar de se ter preparado para a morte com a grandeza e sublimidade que temos visto, elle esperou talvez até o supremo instante que algum prodigio lhe remisse o corpo.

IX

N'essa noite (6 de dezembro) escrevi a Mendes Leal, que, segundo os meus esclarecimentos, publicou no dia seguinte esta noticia:

«O estado do sr. visconde de Almeida Garrett aggravou-se. O illustre poeta inspira sérias inquietações aos seus amigos. Com uma serenidade de ânimo que faz admirar o homem, mesmo depois de se lhe ter admirado o genio, o enfermo pediu de novo os soccorros da igreja. O seu confessor, ouvindo o christão, saíu compungido e edificado. Depois ministraram-se-lhe os sacramentos, que recebeu como quem já desatou o espirito das coisas da terra. Que sirva para todos esta grande lição. Vê-se que uma alma elevada solta as azas, e desprende o vôo, para as regiões superiores, que eram as suas. Velemos o rosto, e meditemos o exemplo.»

creança. João, abraçado no frio corpinho, pedia, soluçando, que Deus lhe perdoasse os seus peccados e os de Adelaide. Só muitos annos depois da morte dos paes, referiu D. Gregoria Angelica estes factos ao meu amigo J. M. Antonio Nogueira, que recentemente m'os communicou.

Cumpridos com ànimo inexcedivel os actos que o tornaram ainda maior na morte do que fôra na vida, esgotaram-se-lhe as forças; começaram a entrever-se-lhe nas feições as sombras da eternidade. Julguei conveniente que se lhe fizesse uma junta medica, mais por decoro que por confiança. Fallei a Barral, que logo concordou, dizendo que não a propozera por saber-se que seria inutil: mas que a desejava, para sua propria salvaguarda.

Não foi difficil convencer o enfermo. Fallou-se-lhe em mudança de tratamento para o tirar da apathia em que estava, e instou logo por isso. Como eu suspeitava, as fontes da esperança não tinham estancado inteiramente no seu seio.

Convocaram-se os doutores Barral, Pulido e Bizarro. D. Pedro, Gonçalves e eu discutiramos primeiro quanto se lhes devia dar de honorarios. D. Pedro, mais auctorisado n'este assumpto de despeza, propoz que se comprassem tres peças de oiro, de 8$000 réis. Pozeram-se os tres embrulhinhos n'uma salva, que o creado, convenientemente ensinado, apresentou á saída. Só Bizarro acceitou. Os outros dois, que iam mais atraz, repelliram com o gesto a retribuição do seu trabalho.

Depois de cada um por sua vez ter auscultado attenta e vagarosamente Garrett, consolaram-n'o com as piedosas mentiras que são de uso, quando o medico não é barbaro — mentiras que, n'estes casos, honram quem as diz e glorificam o seu sacerdocio. Reuniram-se depois na sala. O assistente expoz com precisão e lucidez a historia da doença, sua marcha, tratamento, e o fatal prognostico que d'ella fizera. Seguiu-se Bizarro: não fallou com a mesma facilidade, porém mostrou igual saber. Pulido encerrou a conferencia, propondo varias applicações novas para fortalecer moralmente o enfermo, se isso fosse possivel.

X

No dia 8 dizia a *Imprensa e lei:*

«Fez-se junta hoje ao sr. visconde de Almeida Garrett. O seu estado inspira graves cuidados. Esperàmos, porém, que as letras patrias dèem ainda os parabens a si mesmas, conservando o seu chefe.»

Depois de successivos dias de nevoeiro, frios, ventosos, tristissimos, appareceu o céu quasi sem nuvens no dia 9 de dezembro. O anno de 1854 sentia-se desfallecer, como o grande poeta moribundo; o sol dos seus ultimos dias assimilhava-se aos clarões da luz que bruxuleia antes de apagar-se. Não havia já folhas nas arvores, nem flores nas plantas, nem cantos nas aves; a natureza parecia prestes a caír n'um somno eterno.

Da uma para as duas horas da madrugada d'esse dia retiráramos-nos, Gonçalves e eu, da cabeceira do enfermo. Deixavamol-o dormitando, com a respiração alta e oppressa: mas sem que o seu estado nos parecesse mais grave do que no dia antecedente. Eu sentia-me cansadissimo. Saia sempre tarde de Santa Izabel, passava o resto da noite mal dormido, e levantava-me cedo para retomar o meu posto. Resolvi pois aproveitar maior numero de horas de repouso. Por singular excepção á regra, adormeci logo, e só acordei ás dez horas. Mandei então saber do mestre. Informaram que passára peior, mas que se alegrou muito de manhã, vendo a onda de luz que lhe innundára a livraria, immediata ao quarto. Não sei porquè, senti como um calafrio, ouvindo dizer que o sol, esse bello astro, esplendor do universo, vida e alegria do mundo que habitàmos, visitára o cantor da saudade!

Não tive ànimo de me erguer da cama. Jantei em casa. Achava-me dolorosamente attenuado. De tarde mandei

outra vez a Santa Izabel. Disseram que João perguntava frequentes vezes por mim, impacientando-se com tamanha ausencia. Assim como censuro os outros, não encubro as minhas faltas: sabendo que elle me chamava, victima d'essa fallaz illusão dos que soffrem, e que a tudo se agarram, procurando allivios, não acudi logo ao chamamento! Retinha-me não sei que presagio infausto. Tive medo de me achar só á sua cabeceira. O coração inquieto andava-me no peito aos pulos. Bradava-me a consciencia que o meu generoso amigo estava quasi expirando, emquanto eu me debatia longe d'elle com terrores vãos e covardes: não pude vencer-me. E comtudo, que pezar infindo, que remorso eterno me devoraria a vida toda, se o seu espirito se apartasse do corpo, não estando eu presente para lhe receber o adeus derradeiro! Compadeceu-se Deus de mim, por não ser a ingratidão que me demorava. Prendia-me um pensamento unico: esperar a hora da entrada de Gonçalves em Santa Izabel, para não assistir eu só ao passamento, se tivesse de ser aquelle o dia funesto.

Emfim, saí. Eram cinco horas da tarde. Fui fazendo rodeios, para ganhar tempo. Encontrei Felner e Rebello da Silva, que, vendo-me no Passeio Público, julgaram o doente livre de perigo. Desenganei-os; e subi o Salitre, lentamente. Pouco faltava para as seis horas, quando entrei no quarto. Gonçalves chegára momentos antes. D. Maria Adelaide informou-me, na saleta, que o pae, cada vez mais agitado e afflicto, perguntava por mim a todo o instante.

XI

Pungia-me o remorso ao avizinhar-me do leito. Garrett conservava-se na mesma attitude: sentado, apoiando-se

em almofadas e travesseiros, de casaco de flanella vestido, e de barrete branco. Examinei-o á pouca luz que do candeeiro do escriptorio se projectava na alcova, e vi-lhe os olhos fechados; mas não dormia. As irmãs de caridade estavam sentadas no tapete, ao fundo; Gonçalves, ao lado, na poltrona de ramagens.

Dirigi-me a este, fallando-lhe ao ouvido. João abriu os olhos e conheceu-me.

— Ainda agora?! Que lhe fizeram cá em casa?!... Deixar-me só... tanto tempo... quando mais falta me faz!...

A voz era tarda, cansada, um pouco trémula; porém clara.

Estendeu-me a mão, que eu apertei, dando-lhe banaes desculpas, e perguntando-lhe como estava.

— Mal... isto vae muito mal!... E mais depressa, o peior irá, se o senhor me torna a deixar assim.

Pedi-lhe perdão, allegando que tambem passára incommodado, e que mandára saber d'elle duas vezes.

— Mandou?! Ninguem me disse nada!... Ó filha?...— D. Maria Adelaide, que chegava á porta do quarto, approximou-se. — Porque não m'o disseste?

Não me lembro da resposta. O pae volveu-lhe:

— Valha-te Deus, filha!... Vendo-me tão apoquentado!...

Sentei-me. Elle proferiu ainda algumas palavras, com vizivel esforço. Pedi-lhe que não fallasse e que fizesse diligencia por passar pelo somno. Depois conversariamos. Convidei Gonçalves para saírmos, sob pretexto de o obrigarmos a calar-se.

Estivemos breves minutos na livraria, fallando do seu estado, que não podia ser mais assustador. Sentindo-o agitar-se e gemer, voltei a sentar-me á sua cabeceira, examinando-o de perfil. Vi-o abrir os olhos, e dirigir a vista á

parede do crucifixo de sua mãe, por causa do qual estava quasi sempre puxada para um lado a cortina dos pés da cama. Pareceu admirar-se de não ver ninguem; reparando depois em mim, mediu-me com um longo olhar, e tornou a fechar os olhos. D'ahi a instantes reabriu-os, fitou-os nos meus, chamou-me pelo meu nome, estendendo-me primeiro a mão esquerda e depois a outra, movendo-as como se andasse ás apalpadellas n'uma casa escura, e perguntou-me:

— Aonde está você?

Peguei-lhe nas mãos, respondendo aterrado:

— Estou aqui: não me vê?! Não me sente?!

Agarrou-se a mim com ancia, como a querer fallar-me. Dir-se-ia que o puxava alguma força occulta, e que elle resistia, pretendendo acaso evitar a quéda no abysmo do horror sempiterno! Que importam grandes nomes e famas immortaes ao que pousa os pés no último degrau da vida? Como disse outro poeta, os caminhos da gloria não conduzem senão á sepultura[1]. Nenhuma voz amiga parecia ter já podêr de acariciar-lhe os ouvidos, porque o gelo da morte começava a tornar-lh'os insensiveis. Oh! Quem terá ânimo de dizer o adeus extremo a esta penosa, mas querida existencia, de apartar-se para sempre da luz clara e ridente do dia, do calor almo e benefico do sol, para entrar nas sombrias e insondaveis regiões das trevas eternas, sem soltar algum queixume e sem lançar para traz ao menos um triste e demorado olhar de ternura e saudade[2]?!

Os esforços do enfermo afrouxaram; e de seus labios saíram estas palavras, proferidas com voz ainda clara.

[1] Thomaz Gray, *O cemiterio campestre*.

[2] Idem. — Esta elegia, que Gray imitou do allemão, e que depois outros imitaram d'elle, é, na lingua ingleza, uma das mais bellas e mais sentidas composições do engenho poetico.

mas com inflexão tão extraordinaria para ouvidos humanos, que se me gelou o sangue:

— Eu já o não vejo!

Reapertou-me brandamente as mãos, largou-as, e fechou os olhos.

Semilouco de dor, corri para fóra, gritando a Gonçalves que acudisse. Ao mesmo tempo soltou o moribundo tres ais seguidos, o primeiro maior e os outros a diminuirem. Voltei ao quarto, e amparei-o nos braços, tremendo eu mais do que elle: ouvi-o exhalar um suspiro — foi o último! — e vi-o caír para traz, sem o menor signal de agonia. Era evidente que o recebèra no seio a Misericordia infinita.

Gonçalves trouxe agua quasi a ferver, borrifou-lhe os pulsos, e disse-me que mandasse chamar o prior. Apesar de ser isso inutil, o meu estado não me permittiu reflectir, e resolvi ir eu proprio buscál-o. Ao sair da saleta, encontrei D. Maria Adelaide, que, advertida pelos nossos gritos, corria, suffocada em choro. Pareceu-me crueldade consentir-lhe que entrasse. O pae, que tanto a amára, não podia já abençoál-a. Chamei a creada, e entreguei-lh'a. Descendo a escada em tres pulos, occorreu-me, já na rua, que seria absurdo querer dar a extrema uncção a um morto. Gonçalves, que pensára o mesmo, chamava-me da janella. N'este comenos chegou Barral, e subiu commigo.

Não tinham decorrido minutos, apoz o último ai do poeta. O sabio medico poz o ouvido sobre esse nobre coração, que cessára de palpitar; pediu um espelho, e approximou-o d'aquelles labios, quentes ainda, mas onde emmudecêra para sempre a voz do archanjo do amor e da musa da eloquencia; e, findo o exame, declarou que tudo estava consummado.

Eram seis horas e vinte e cinco minutos da tarde de sabbado nove de dezembro de mil oitocentos cincoenta e

quatro, quando a alma do que fôra João Baptista de Almeida Garrett voou ao seio do seu Creador, deixando immortal na terra o nome d'aquelle que por espaço de cincoenta e cinco annos, dez mezes e cinco dias vivêra animado por ella[1].

[1] «Igreja parochial de Santa Izabel. — Certidão de obito. — Certifico eu abaixo assignado que a fl. 111 do livro 13 dos obitos d'esta freguezia de Santa Izabel de Lisboa se acha, *ipsis verbis*, o termo seguinte:

«Em nove de dezembro de mil oitocentos e cincoenta e quatro, pelas seis horas e meia da tarde*, na rua de Santa Izabel, numero cincoenta e cinco**, d'esta freguezia, falleceu, tendo recebido os sacramentos de moribundos***, o ex.mo visconde de Almeida Garrett, João Baptista de Almeida Garrett, de idade de cincoenta e cinco annos, natural e baptisado na freguezia de Santo Ildefonso, na cidade do Porto, filho legitimo de Antonio Bernardo da Silva e de sua mulher D. Anna Augusta da Silva Leitão, casado com a ex.ma D. Luiza Candida Midosi, actual viscondessa do mesmo titulo. Era digno par do reino, ministro d'estado honorario, juiz do tribunal do commercio, e serviu muitos outros altos empregos, pelo que mereceu ser agraciado com differentes ordens, e sobretudo pelos inestimaveis thesouros de seus escriptos, com os quaes enriqueceu a patria****. Jaz no cemiterio dos Prazeres. Fez testamento e instituiu por sua universal herdeira sua unica filha a ex.ma D. Maria Adelaide de Almeida Garrett, ainda menor de treze annos. De que fiz este termo, que assignei. Era *ut supra*. = O cura, João Garcia de Carvalho.»

«Nada mais contém o dito assento.

«Lisboa, 2 de agosto de 1884. = O prior de Santa Izabel, *Dr. J. Maximo*.

«Reconheço o signal supra. — Lisboa, 5 de agosto de 1884. — Em testemunho de verdade. = O tabellião, *Joaquim Barreiros Cardoso*.»

* Seis horas e vinte e cinco minutos, conforme digo no texto.

** Aliás, numero cincoenta e seis.

*** Excepto o da extrema unecção.

**** Esta certidão, unica no seu genero, honra a illustração e patriotismo do padre que a escreveu.

XXII

Velâmos o morto. — Testamento. — Disposição nulla. — A viuva entra na meação da herança. — Inventario, e autos, nota. — Administrador dos bens, nos Açores, nota. — Sobre a carta de legitimação. — Restituição de tres moedas. — Sae D. Maria Adelaide. — D. Pedro pede-me que fique. — Mudança do corpo. — Vou vêl-o ainda. — Palavras do padre Vieira. — Versos de Job. — Destruição do ninho. — Objectos que escôlho. — Ramo, das flores que elle amou. — Beca, e não fardas bordadas. — Dou-lhe o último adeus. — Artigo de Mendes Leal, nota. — Quando entro em minha casa. — Meu artigo, nota. — Em casa de D. Pedro do Rio. — Officios e funeral. — O tumulo de emprestimo, e a certidão da camara, nota. — Discursos. — Bellissimo trecho de eloquencia, de Rebello da Silva, nota. — A idéa final, desprezada pelo governo. — O enterro, por Luiz de Vasconcellos, nota. — Todos os jornaes portuguezes, e muitos estrangeiros fallaram do fallecido, nota. — Artigo de Ricardo Guimarães, hoje, visconde de Benalcanfôr, nota. — Quem podia levantar o sceptro da eloquencia. — Homem que não fez nada. — O 'cynismo da perversidade'. — Eu não fui ao cemiterio. — Chega-se ao epilogo d'estas *Memorias*. — Dúvidas, e protesto do auctor. — Com que intuito escreveria? — A dívida não era só minha; era, principalmente, da nação. — Recapitulação. — Parecerá superfluidade insistir sobre a sua influencia. — O que elle fez. — A politica, favorecendo em parte a sua obra, prejudicou-a no todo. — Porque não teve maior acção. — Os seus escriptos são talvez mais ainda para o povo do que para as classes elevadas. — Nenhuma producção do espirito póde viver senão pela perfeição da fórma. — Com as suas creações formava o caracter dos liberaes. — A sua leitura, remoça-nos. — Pensava os melhores discursos. — Porque fallou mais vezes de improviso. — Imitava Cicero em tudo. — Triplice incarnação. — Não transigiu com a tyrannia. — No seu genio nunca houve decadencia. — Porque se occupou d'elle a maledicencia. — Ainda a sociedade em que viveu. — Conservou-se pobre, virtuoso e crente, no meio dos devassos. — Rasão porque a sua obra não operou tambem a transformação moral. — Os nevoeiros jámais apagam o sol. — Diligenciei seguir Plutarcho. — Aspirou mais a ser util ao paiz do que a si proprio. — 'Depois da morte vem a justiça'. — Palavras de Walter Scott. — Gloria ao seculo de Garrett! — Fim.

I

A minha missão tocava o seu termo. Expedi avisos a Pastor, depositario do testamento; a D. Pedro do Rio, que eu julgava tutor de D. Maria Adelaide; e á competente auctoridade administrativa. Emquanto aguarda-

vamos, Gonçalves e eu velámos o morto, como se esperassemos vêl-o despertar do somno eterno, e ouvir-lhe a voz amiga, evocada pelas manifestações da nossa dor. Sua filha, apesar de não ter ainda sufficiente idade para avaliar bem o que perdèra, soluçava encerrada na sala. As pessoas chamadas vieram quasi todas ao mesmo tempo. D. Maria Krus acompanhára seu marido. D. Jeronyma Deville apresentou o testamento, que foi immediatamente aberto com as devidas solemnidades.

II

Diz assim esse documento:

«Declaro ter sempre vivido e querer morrer no seio da santa madre igreja catholica apostolica romana. Entrego minha alma a Deus, confio na sua misericordia, e espero a bemaventurança pelos infinitos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo. Por este meu testamento, que faço em meu perfeito juizo e em estado de saude, quero instituir, e com effeito instituo, minha universal herdeira a minha filha unica D. Maria Adelaide de Almeida Garrett. Declaro, como já declarei por escriptura pública e por muitos actos solemnes, que, depois de cinco annos separado de minha mulher, houve esta filha de uma donzella honesta, hoje fallecida, cujo nome occulto por consideração e respeito para com sua memoria. e porque essa unica fraqueza em sua vida recatada e exemplar, terá merecido a esta hora a suprema indulgencia, assim como deve merecer a dos homens. Minha filha D. Maria Adelaide de Almeida Garrett, por mim reconhecida, e com o consentimento unanime de todos os meus parentes, segundo as leis e estylos d'estes reinos, e por carta de legitimação de sua magestade, haverá tudo o que é meu e de que posso dispor, bens mo-

veis, e de raiz, direitos, e acções, e nomeadamente a propriedade de todas as minhas obras, já impressas ou ainda ineditas, por todos os trinta annos que a lei a garante, depois de minha morte; a qual propriedade não cedi nem cederei a ninguem outro, nem fiz, ou farei sobre ella contrato algum, senão se for pelo tempo de minha vida. Á mesma minha filha unica e legitimada, declaro outrosim pertencer a segunda vida que sua magestade se dignou conceder-me no titulo que unicamente acceitei por esta causa, e por dar assim uma ajuda de dote a minha filha, a quem pouco tenho que deixar de bens materiaes, porque tenho gasto a minha vida e as forças do meu espirito no serviço da nação e do rei, e não pude grangear fortuna propria. Declaro e protesto que tendo muito, e mui instantemente supplicado para que me não obrigassem a acceitar para mim a primeira vida do titulo, e para que esta desde logo se verificasse na dita minha filha, não pude conseguil-o. Confio na bondade e indulgencia da soberana, que não permittirá que sejam visitados na filha innocente os erros e os peccados do pae. Nomeio meus testamenteiros aos srs. D. Pedro Pimentel Brito do Rio, par do reino, e Carlos Krus, negociante d'esta praça. Deixo e nomeio por tutor á dita minha filha, quanto por direito melhor possa, ao sr. Joaquim Larcher, par do reino, e em sua falta ao primeiro testamenteiro nomeado, e em falta d'elle ao segundo. E quando se não entenda caberem em direito estas nomeações, recommendo e peço ao conselho de familia, ou a quem competir, no caso que seja a legislação alterada, que as confirmem e auctorisem ou revalidem. Não me lembra dever nada a ninguem, mas recommendo a minha filha que satisfaça pontualmente quaesquer pequenas dividas que se mostrar não estarem por mim saldadas. Tambem lhe encarrego de interpor na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros a quantia de tres moedas de

oiro, ou 14$400 réis, que segundo meus assentos particulares vejo terem ficado em meu podêr de quando fui ministro d'aquella repartição, em 1852; e a qual somma tenho um certo pejo de restituir agora, não o tendo feito quando deixei o cargo por ignorar que devia. Deixo o encargo pio de doze missas por minha alma e dos meus. A saber: tres que se dirão na minha freguezia que for á occasião de minha morte, tres na igreja do convento da Madre de Deus, em Lisboa, no altar de Nossa Senhora d'aquella invocação, e que serão applicadas por minha alma, e pela da mãe de minha filha, mais tres missas na igreja do convento de Santo Antonio dos Capuchos, da cidade de Angra na ilha Terceira, e não existindo já aquella igreja, no altar do Senhor Jesus, não me lembra de que invocação, mas é a segunda capella do lado do evangelho, e onde meu pae costumava sempre ouvir missa nos ultimos annos de sua vida, na sé de Angra: estas tres missas serão applicadas por alma de meu pae, de minha mãe e de meu tio bispo, e pelas de meus irmãos fallecidos: as últimas tres missas serão ditas no Porto na freguezia de Santo Ildefonso, em que fui baptisado. Além d'estes encargos, deixo recommendado a minha filha o cumprimento de alguns outros legados, que, se Deus me conceder vida, lhe ficarão explicados, ou em codicillos ou em cartas particulares, que, por me confiar em sua lealdade e amor, terão para ella a mesma obrigação[1]. Encommendando de novo a minha alma ao Deus Todo Poderoso, que me creou, e a minha memoria aos meus concidadãos, que sempre amei e sempre quiz servir, dou por concluido e conclúo assim o meu testamento, que desejo se cumpra como é minha última von-

[1] Além da carta que transcrevi (a pag. 71 e 72 d'este volume), sobre o logar em que desejava ser sepultado, não me consta que deixasse outras recommendações escriptas.

tade. Feito em Lisboa, aos 9 de junho de 1853. = *João Baptista de Almeida Garrett — Visconde de Almeida Garrett*[1].»

III

Este documento, na parte em que dispõe da totalidade dos bens, não tem validade juridica. Sem divorcio, o apartamento dos conjuges, não podia, como é sabido, privar a viuva da meação na herança. Parece incrivel que homem tão conhecedor de toda a especie de direito incorresse n'este equivoco! Podia legar a quem quizesse a propriedade das obras, não assim quaesquer outros haveres. Conscia do seu direito, a viuva pugnou opportunamente por elle, procedendo todavia com louvavel equidade, segundo me asseveraram. Alguns jurisconsultos criam que se podia contestar a qualidade de herdeira a D. Maria Adelaide; não lh'a discutiu aquella, antes concorreu para facilitar-se a partilha, sendo advogado e delineador d'esta seu primo o dr. Paulo Midosi.

Os fóros que Garrett herdára nas ilhas, Terceira e de S. Miguel, repartiram-se em quinhões iguaes. D. Luiza cobriu com dez por cento, moeda insulana, a avaliação da quinta de Santo Antonio, ficando com ella. O producto da mobilia, vendida em leilão, subiu, se bem me recordo, a uns 4:000$000 réis, e foi igualmente partilhado[2].

[1] Segue-se a approvação do tabellião, Simão Antonio de Noronha, em 16 do mesmo mez e anno. E depois o auto de abertura, que eu assignei tambem, como testemunha.

[2] Veja-se o requerimento do dr. Paulo Midosi a fl. 217 dos autos de inventario, no cartorio da quinta vara, de Lisboa, de que era escrivão Emygdio Marques, e hoje é o filho, do mesmo appellido. As relações dos numerosos objectos que o poeta possuia foram feitas por Gonçalves, para evitar despezas. D. Pedro, muito respeitado pela sua probidade, conseguíra que se levantassem os sellos, poucos dias depois do fallecimento, para procedermos ao exame dos

Diz mais o testamento, que a filha fôra reconhecida «... por carta de legitimação de sua magestade». A lei manda registar no archivo nacional, dentro de quatro mezes, as cartas de legitimação. Procurou-se infructuosamente o registo, não só ali, mas tambem no ministerio do reino, por onde devia ter sido feita a mercê. Garrett nunca me fallou n'estes assumptos. Corria n'esse tempo que a pessoa mais solicitada para dar o seu consentimento punha tal condição, que elle rejeitou-a, indignado. Ignorando se o facto é verdadeiro, deixo de mencionál-o, receioso de me tornar echo da malevolencia. É natural

papeis, conforme referi a pag. 405 e seguintes, d'este volume. Depois relacionaram-se os moveis e tudo mais que havia em casa; e só quando esse trabalho, que foi demorado, se concluiu, entrou a justiça para se proceder ao leilão. A meus rogos, foram retirados da venda alguns retratos de familia, que devem existir em podêr dos herdeiros.

Não dei noticia de todos os objectos, porque a relação daria por si só um volume, como póde ir ver nos autos quem tiver curiosidade. Tambem julguei desnecessario descer a promenores sobre o total da modesta herança. Entre os papeis de Garrett encontra-se larga correspondencia, ácerca das suas propriedades nos Açores, que foram muito tempo administradas gratuitamente por outro poeta, José Augusto Cabral de Mello, traductor das odes de Horacio. O rendimento de alguns dos predios não chegava ás vezes para a despeza com os melhoramentos que elles reclamavam. Apesar d'isso, João Baptista, em occasiões de apuro, saccava sobre o seu administrador, que se zangava e ralhava muito, por não ter com que pagar. Mas pedia dinheiro a juros, e resgatava as letras, por honra do saccador. É possivel que este bom homem, infeliz em varias tentativas litterarias, segundo dizia, o fosse tambem no modo de administrar os bens do amigo: mas o certo é que o auctor de *Catão* sentiu bastante quando elle lh'os largou.

Ainda um promenor curioso. Por fallecimento de D. Jeronyma Deville, avó de D. Maria Adelaide, uma tia d'esta última, casada com Joaquim da Costa Couraça, contestou em juizo que sua irmã Adelaide tivesse sido mãe da filha de Garrett! Affirmou-o, no intuito de privar a sobrinha de herdar da avó. Paulo Midosi fez, porém, triumphar a verdade, compondo-se por fim os interessados.

que a carta de legitimação fosse passada, porque elle o disse. O que eu sei unicamente, e em seu logar o referi, é que a rainha recusou tenazmente verificar o titulo da segunda vida.

Não deve ter escapado á perspicacia dos leitores aquella disposição interessante, em que o testador manda restituir tres moedas ao ministerio dos negocios estrangeiros. Essa restituição é o mais solemne attestado que podia desejar-se da sua probidade; e confunde todos os calumniadores.

IV

Finda a leitura do testamento, lavrado e assignado o auto, disse a auctoridade ao testamenteiro que mandasse arrumar as coisas de modo que se podessem pôr sellos nas portas. Teve que mudar-se o cadaver para o quarto da sala de visitas. D. Maria Krus, recommendando, em francez, á filha de Garrett, para a qual esse quarto fôra destinado outr'ora com tanto affecto, que não désse a sua dor em espectaculo a pessoas indifferentes, resolveu levál-a comsigo antes da mudança do corpo. D. Maria Adelaide susteve a custo o pranto: despediu-se de Gonçalves e de mim, e foi até á porta da livraria, desejosa de ver pela última vez aquelle que lhe déra vida; como não a deixassem entrar, saíu rapidamente.

Nós quizemos imitál-a. D. Pedro exigiu, porém, que nos demorassemos. Transportou-se o morto, que foi posto no chão sobre um colchão, com a cabeça voltada para oeste. Attrahido por fôrça irresistivel, approximei-me d'elle; e, através das lagrimas, contemplei as nobres feições do que fôra meu pae adoptivo, meu mestre, meu verdadeiro amigo. A morte roçára-as apenas com a aza negra, sem as ter decomposto ainda; mas com a alma tinha desapparecido tudo que n'ellas havia de belleza in-

tellectual. Então me occorreram as palavras do grande padre Vieira, n'um de seus sermões: «Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma».

Gonçalves afastou-me d'ali, e recitava-me, chorando, os versos latinos de Job, que eu repetia mentalmente na bellissima traducção do poeta:

«—'Tédio da vida concebeu minha alma;
E é fôrça que desate a propria lingua
Contra mim mesmo, — e desabafe o peito,
A amargura fallando de minha alma'.
. . . . . .

Oxalá que eu não visto perecêra
De olho nenhum vivente, e houvera sido
Como se nunca fosse, — trasladado
Do ventre á sepultura!
'O escasso numero
Dos dias meus não será findo em breve?
Deixa-me pois chorar a minha mágua,
Gemer co'a minha dor antes que desça,
Para mais não voltar, á tenebrosa
Terra que a escuridão cobre da morte:
Terra de mingua e trevas, habitada
Pelas sombras da morte, — onde mais ordem
Que o sempiterno horror ha hi nenhuma'[1].»

Em torno de nós operava-se espantoso movimento, que augmentava as nossas lamentações e lagrimas: arrancavam-se tapetes, reposteiros e cortinas, que, de envolta com os moveis preciosos, os objectos artisticos, os mil pedaços da phantasia do poeta, eram amontoados

[1] Garrett, *Camões*, pag. 34 e 35, Porto, 1880.

na livraria. Com a morte da aguia destruia-se o ninho.

Entrei no quarto de cama e levantei da mesa de cabeceira duas pequeninas pinças de cobre prateado (pégacigarros), uma ainda com parte do último cigarro que Garrett não acabára de fumar; uma caixa de papelão com meia duzia de phosphoros almiscarados; outra de pau santo, em fórma de pharol, de 5 centimetros de altura, tendo dentro phosphoros de cera; juntei-lhe sobre a mesa do escriptorio uma caneta de marfim com bocal de prata; uma faca de abrir livros, insignificante, igualmente de marfim: uma régua de pau santo, cylindrica; um bocado de agatha de Florença, de 3 centimetros, que de um lado tem aberto em letras gothicas *Almeida Garrett;* e um furador com cabo de osso. Chamei D. Pedro e pedi-lhe que, quando se fizesse o leilão da mobilia, pozesse aquelles objectos n'um lote e os arrematasse. O testamenteiro examinou-os detidamente, diante de todas as pessoas presentes; declarou que os reputava sem valor venal, e insistiu por que eu os guardasse, acrescentando que me auctorisava a escolher qualquer outra das pequenas coisas que estavam sobre a mesa da livraria. Depois de breve discussão, acceitei com repugnancia e vergonha o que tinha escolhido, sem querer mais nada[1].

Emquanto se punham os sellos nas portas, desci ao jardim; e á pallida claridade das estrellas fiz um ramo com flores dos arbustos a que elle dava preferencia, sem esquecer algumas hastes da pitangueira, tambem já semi-morta[2]. Voltando á sala, consultou-me D. Pedro

[1] Possuo ainda todos aquelles objectos, excepto a caneta, que dei, na ilha de S. Miguel, ao meu sabio e excellente amigo dr. José Pereira Botelho, medico, e grande admirador do poeta.

[2] Estas particularidades, que pertencem mais ás minhas memorias do que ás de Garrett, hão de parecer pieguices ridiculas aos que

sobre se deveria vestir-se ao fallecido a farda de ministro, de academico, ou a beca de juiz. Optámos por esta. Todas as vaidades acabaram com o homem, porém ha de sobreviver-lhe a memoria da sua rectidão e probidade.

Logo que os meus pobres serviços deixaram de ser precisos, despedimos-nos. Fui ver ainda outra vez, de longe, o rosto pallido do morto; dei-lhe n'um grito de alma o último adeus, e saí, dando o braço a Gonçalves. Quando senti fechar-se atraz de mim a porta d'aquella casa, pareceu-me ter caído na immensidade do vacuo. Estava como o arbusto a que o tufão quebrou o apoio. Perdido o mestre, que me chamára do desterro, achava-me outra vez sem fito na vida. Só depois reconheci que elle me legára uma grande fôrça, na obrigação de levantar á sua memoria este padrão singelo[1].

não tiverem a religião do coração. Não é para esses que as escrevo: são passados quasi trinta annos, e conservo ainda aquellas flores, que, apesar de mirradas, parecem viver da minha saudade.

[1] A *Imprensa e lei* saiu no dia 10 tarjada de preto, e começava pelo seguinte artigo de Mendes Leal, que termina por algumas palavras minhas:

«Abandonou o mundo um dos maiores espiritos d'esta terra. O visconde de Almeida Garrett já não existe. Foi bella a morte que poz o sêllo e a corôa a uma vida tão cheia. O poeta christão acabou abraçado á sua cruz. Com o último espinho do seu diadema, tão farto d'elles como de flores, com o golpe d'esse último espinho que lhe entrou mais fundo no coração rebentou a fé. Esta agonia do genio é dos seus hymnos melhores: cantou-o a alma, ouviu-o Deus, recebeu-o a eternidade.

«Quebrou-se hoje tambem entre nós um sceptro e uma corôa, descem os crepes sobre uma purpura: o poeta peninsular viveu!

«Não se admirem se tomâmos luto por esta realeza, nós, que todas acatâmos, mas que nunca nos chegámos aos thronos senão quando, assentada n'elles, a dor revela a humanidade: — não se admirem: justo é que a imprensa, as artes, e as letras patrias, as nossas mais desherdadas classes, se curvem diante do que foi seu chefe e deixa vago o logar!

V

Entrando em minha casa, reavivou-se-me a dor d'aquella irreparavel perda. Tudo ali m'o recordava: os

«Não teem ellas outro tributo; mas este é o da historia que principia!

«Nós todos, que somos seus legatarios, apressemo-nos a fazer as honras da morte ao que deu vida a muitos!

«Não temos missão especial; exercemos porém uma iniciativa que por ninguem será estranhada.

«O funeral deve effectuar-se na proxima segunda feira. Ignorâmos ainda a hora. A todos os institutos artisticos e litterarios compete um logar no cortejo funebre. Não é este dos saimentos para que se fazem convites. Infileirem-se na guarda de honra d'essa triste solemnidade aquelles a quem tanto deu o seu espirito.

«Em breve e tocante resumo damos a sentida narração dos seus ultimos momentos, escripta, entre lagrimas, pela mão tremula do amigo que lhe cerrou os olhos — pela mão d'aquelle de quem elle, se agora podesse vêl-o, diria como, pela sua bôca, dizia o grande antecessor de que o separam trezentos annos:

> Que me resta j'agora?.....
> .....
> O que me resta
> Sobre a terra dos vivos? Um amigo,
> Um amigo n'este árido deserto.

«E este amigo não era nenhum dos grandes da terra que hombrearam com elle, sem serem seus iguaes. Olhae a assignatura d'essa narração succinta, que tanto diz, e achareis o nome de Francisco Gomes de Amorim, um poeta tambem, que brilha pelo esplendor do talento e do coração, e não acrescenta outras pompas a estes dons que só recebeu de Deus.

«Os dignitarios, que o foram muitos á custa do seu espirito, esses não estavam ao lado do moribundo.

«Ao nome do sr. Amorim devemos ainda reunir o de outro amigo, que o não foi dos dias de prosperidade, e que o soube ser nos da provação — este nome é o do sr. Manuel José Gonçalves, um homem de espirito que se compraz na modestia.

«Se a estes constantes companheiros da agonia do poeta juntarmos alguns fieis, que ainda se lembraram d'elle, teremos apenas

logares, os moveis, os livros, a sua cadeira na sala de jantar, a cama onde dormitava depois de ter comido — tudo estava cheio da sua lembrança.

quanto baste para provar que nem todos são ingratos n'esta terra, que viu viver, e deixou morrer, como morreu, o heroe d'esse mesmo que já é do futuro.

«Quanto a nós não podiamos fazer mais do que salvar a imprensa portugueza da nota de haver deixado penar esquecido o seu maior genio poetico d'este seculo. Era um stricto dever: foi o seu genio que nos despertou estimulos e apontou a carreira.

«Diante da sua morte outros melhores se levantarão para lhe celebrar a memoria, porque, como diz o nosso e seu excellente amigo — ámanhã já elle é da posteridade. Fomos para saudál-o pela última vez, e recolhemos a triste nova que damos.

«Unimos finalmente os nossos votos aos d'esse amigo já citado. O visconde de Almeida Garrett deixa uma filha. As nações decretam monumentos aos que, muita vez, morreram desamparados, por falta de um punhado d'esse oiro que só se prodigalisa á sua memoria. Saiba este paiz ser igual a essa gloria que sae mais viva do tumulo. Adopte a filha, e levantará o monumento mais agradavel ao pae! = *M. L.*»

Eis o meu artigo:

«O visconde de Almeida Garrett expirou hoje ás seis horas e vinte e cinco minutos da tarde. Aquelle grande espirito estava preparado para subir ao seio do Eterno, puro como Deus o tinha creado. Havia dias que tendo conhecido o seu estado reclamára todos os soccorros da religião e da igreja. Depois d'elles esperou a morte com toda a serenidade de uma consciencia tranquilla, e de uma alma que se reconciliára com Deus, despedindo-se de todas as paixões da terra. Quem escreve estas linhas, apertando pela última vez a mão do illustre poeta ouviu-o pronunciar o seu nome e dizer-lhe «já o não vejo...» Foram as suas últimas palavras. Quem as ouviu bem sabe o que perdeu: um mestre, um amigo sincero, quasi pae... Não lhe pude pagar senão com affecto, quasi filial tambem, e com o sacrificio — enorme! — de assistir aos seus ultimos momentos...

«Portugal não sabe ainda o que perdeu; quando conhecer e avaliar essa perda ha de sentil-a. Ámanhã começa a posteridade para o auctor do *Camões* e do *Frei Luiz de Sousa*. O poeta deixou uma filha orphã; se o governo, se os homens d'esta terra, os que po-

O funeral devia ser na segunda feira, 11. No domingo tive que fazer ainda o sacrificio de ir para casa de D. Pedro do Rio, ajudar a encher os convites. Sentir o coração trasbordando de lagrimas, e obrigar os olhos a não as deixar saír, é dos maiores tormentos por que se póde passar n'este mundo. Os donos da casa esforçavam-se tambem por disfarçar a propria mágoa. Gonçalves e Rodrigo Nogueira Soares, que nos auxiliavam, lembrando nomes, escrevendo e expedindo as cartas de enterro, queriam desviar a conversação para outro assumpto: mas era impossivel, em vista do que estavamos fazendo. Eu não tenho memoria de haver passado um dia mais cruel na minha vida!

Finalmente, na segunda feira 11 de dezembro, á tarde, prestaram-se ao finado todas as honras que a vaidade humana usa em taes lances, e tambem as homenagens que o respeito, a admiração e o affecto inspiram ás almas nobres e aos corações sensiveis. Celebraram-se os officios na igreja de Santa Izabel, concorrendo a elles representantes de suas magestades, o ministerio, pares, deputados, jornalistas, poetas, tudo quanto havia emfim de mais selecto na côrte, nas camaras, na litteratura, nas sciencias e nas artes, com enorme concurso de povo. Todos os olhos estavam marejados de lagrimas. Nunca até então se tinham dado, senão á rainha D. Maria II, tamanhas provas públicas de respeito e de saudade. Começava a romper a aurora da justiça.

O caixão foi levado á mão, desde Santa Izabel até ao cemiterio dos Prazeres, por entre duas alas compactas de espectadores enternecidos, que enchiam as ruas do transito. Os amigos mais intimos revezavam-se ás argolas, ás quaes se acharam, n'uma das vezes, os quatro

dem, querem e sabem prestar homenagem á memoria do maior poeta portuguez, depois de Camões, aquella menina deve ser adoptada pela nação. = *A.*»

secretarios que tinham servido com Garrett no conservatorio. Reinava entre tantos milhares de pessoas reunidas o mais profundo e significativo silencio. Fizeram-se no cemiterio as últimas ceremonias religiosas; as forças militares ali postadas deram as descargas da ordenança, derradeira homenagem ao que fôra ministro e par do reino; e o que restava do grão cantor foi depositado e está ainda hoje n'um tumulo de emprestimo[1].

[1] Ha trinta annos! Para evitar futuras dúvidas, se os ossos lá ficarem, por não se poder algum dia provar quaes sejam ou por qualquer outra circumstancia, entendi dever ao menos authenticar o tumulo. Para esse effeito se fez este requerimento á camara municipal:

«Ill.mo e ex.mo sr. — Francisco Gomes de Amorim precisa que v. ex.a mande se lhe passe por certidão — se os restos mortaes de João Baptista de Almeida Garrett, visconde de Almeida Garrett — fallecido a 9 de dezembro de 1854, se acham depositados no jazigo da familia de D. Francisco de Paula Pimentel Brito do Rio, designado com o n.º 455 no cemiterio occidental; qual o numero do enterramento, isto é, — o numero da chapa que é costume pregar no caixão — e bem assim o numero da rua em que está o referido jazigo; por isso — P. a v. ex.a lhe defira como requer, no que — R. M.cê

«Lisboa, 4 de agosto de 1884. = Pelo requerente, *José Ferreira Chaves.*»

«Passe do que constar. — Camara, 4 de agosto 1884. = O presidente, *Araujo.*»

«N.º 119. — 4-8-84. — Na secretaria geral da camara municipal de Lisboa, consta por informação do administrador do cemiterio occidental, e com referencia á petição supra, o seguinte: «No livro segundo do registo dos enterramentos a folhas trinta e quatro, verso, está o assento do teor seguinte: — Parochia, Santa Izabel. Nome, João Baptista de Almeida Garrett, visconde de Almeida Garrett. Naturalidade, ilha Terceira*. Idade, cincoenta e quatro annos**. Es-

* O bilhete de enterramento foi escripto ha trinta annos! Já então se dizia que nasceu na Terceira, em vez do Porto! Que fará d'aqui a trezentos?! E queriam achar os restos de Camões, n'esta terra! Se não se perderem os de Garrett, é caso de pôr luminarias e deitar foguetes!

** Mais de cincoenta e cinco!

O sol, que horas antes se escondèra, pareceu levantar-se de proposito para assistir á ceremonia fune-

tado, casado. Profissão, par do reino*. Morada, rua de Santa Izabel, cincoenta e cinco**. Molestia, bronchite, e hepatite. Quando falleceu, ás seis e meia horas da tarde de nove de dezembro de mil oitocentos cincoenta e quatro***. Horas determinadas para o enterramento depois do fallecimento, vinte e quatro. Quando entrou no cemiterio, á uma e meia da tarde de onze. Quando sepultado, logo. Onde sepultado, jazigo numero quatrocentos cincoenta e cinco. Auctoridade que deu o bilhete, regedor. Numero do bilhete, onze.» No registo do enterramento não tem indicação do numero da chapa do caixão, por n'esse tempo não estar em uso a pratica actual. É o que consta do documento a que me reporto, em fé do que se passou a presente certidão. Paços do concelho, oito de agosto de mil oitocentos oitenta e quatro. — João Caetano de Almeida a fez. = O escrivão da camara, *João Augusto Marques.*»

Vemos por este documento que *no registo do enterramento não tem indicação do numero da chapa do caixão, por n'esse tempo não estar em uso a pratica actual.* Acaso haverá algum outro meio pelo qual esse caixão possa distinguir-se entre todos os existentes no mesmo jazigo? Não consegui certificar-me. No cemiterio só o Manuel, coveiro muito antigo, informou que «*o caixão que contém os restos mortaes do visconde de Almeida Garrett está collocado á esquerda do jazigo, é pintado de preto e tem uma corôa de bronze.*» Mas é natural que a filha e o genro do poeta o tenham assignalado, de modo indubitavel e indiscutivel, para que por fallecimento d'elles não haja nem sombra de dúvida n'este gravissimo assumpto. E, em todo o caso, convém que próvem immediatamente, da maneira mais pública e solemne, e façam reconhecer e documentar pela auctoridade competente, qual é o caixão que encerra os mortaes restos do cantor glorioso. A perda d'esses despojos ou sómente a menor dúvida ácerca da sua authenticidade seria vergonha e deshonra. Por todos os motivos, e do fundo d'alma desejo que tal não succeda. E por minha parte fáço e farei quanto caiba em minhas fracas forças para evitál-o. Repito, porém, que

* Profissão, par do reino! As asneiras são de quem fez o bilhete.

** Aliás 56.

*** Ás seis horas e vinte e cinco minutos.

bre e despedir-se do poeta da saudade, alumiando-lhe com fulgentissimo brilho a porta entreaberta do sepulchro. Antes que ella se fechasse de todo, Antonio Feliciano de Castilho ergueu a voz auctorisada. Esperavam todos discurso digno do vivo e do morto; mas foram frustradas as esperanças. O orador declarou que 'não estava preparado'! E fallou de modo que Rodrigo Felner, afastando-se com ira, vibrou-lhe pungentissimo sarcasmo.

Antonio da Silva Tullio proferiu breves e sentidas phrases. Francisco Vieira da Silva, em nome das associações nascentes, prestou tambem o devido tributo á memoria do fallecido. Luiz Augusto Palmeirim recitou a bella poesia de Mendes Leal *Gloria e saudade*[1]. E depois d'estes, Rebello da Silva, que antes do enterro fôra a minha casa tomar apontamentos, cobriu os funebres despojos com as mais formosas flores da eloquencia[2].

é preciso não perder nem mais um momento: desde muito que se devia ter feito, com as mais solemnes formalidades, auto público de reconhecimento do caixão. Ha já incertezas até sobre o numero da rua do tumulo, por estar a taboleta de tal modo ferrugenta que não se póde ler! Por isso entendi dever dar no fim d'este volume a planta, em vista da qual facilmente se achará o jazigo. É o terceiro, na rua 7 (se é 7), indo do lado do nascente pela rua 19, e voltando á direita ao entrar n'aquella.

Se por fatal imprevidencia, em que não posso nem devo crer, houvesse difficuldade de justificar qual é o caixão verdadeiro, conviria proceder-se ao exame dos trajos, que provavelmente existirão ainda em estado de se apurar a verdade. Seja como for, os herdeiros necessitam praticar desde já qualquer acto, que os livre de responsabilidade futura. Lembrem-se de que ha morrer e viver, e que ninguem lhes perdoaria a perda das cinzas d'aquelle que determinou onde queria jazer, e que espera (ha perto de trinta annos!) o cumprimento da sua última vontade.

[1] *Canticos*, pag. 343, Lisboa, 1858.

[2] «Senhores. — A purpura do genio, ferida pelo braço do Eterno,

VI

A idéa final do seu discurso, bem como a do artigo de Mendes Leal, era minha e foi apoiada, como se vê, pelos

provou o nada das grandezas humanas. Disse-nos, como todas as realezas, que só Deus é grande.

«Eil-o prostrado, o gigante do seculo; e, na derradeira hora, espirito sublime, apertou ao peito a sua cruz, e soltou do mundo a grande alma!

«A fé precedeu-o, illuminando as sombras da eternidade; e, sem ostentação, fiel ás crenças intimas, a urna recebeu as cinzas, a immortalidade perpetuou o engenho!

«Doloroso espectaculo este, que nos reune aqui em volta do féretro de um grande poeta, tão grande nos cantos como na morte! Oh! não são fingidos os prantos que orvalham o tumulo. Não. As pompas do mundo, cortejo da fortuna, as illusões da vaidade expiram á beira da sepultura; e, de tudo quanto o mundo vale e quanto o mundo póde, resta hoje por epitaphio só uma data — a do luto nacional que inscrevemos. E basta!

«Não vêdes este sol esplendido, que se levanta sobre as nossas frontes, brilhante como o amor da patria na sua alma, e fulgido como a grande imagem da sua gloria? É o sol da posteridade; é o sol dos tumulos; é o sol que doura a fama de Camões em tres seculos de saudade inextinguivel!

«Facto unico! Empreza arrojada que só um commetteu com exito! Celebrando na lyra magica o auctor dos *Lusiadas*, a posteridade indecisa não sabe qual segou a maior palma — se o cantado, se o cantor!

«O vulto, que abriu este seculo, é já n'essas sombras estatua. Hontem homem, hoje saudade, ámanhã gloria, os raios da sua luz illuminam no sepulchro a era que de novo creou as nossas letras. *D. Branca, Camões, Adozinda, Frei Luiz de Sousa*, o poema moderno, a elegia d'alma, o drama tragico, rival da Thalia antiga, e o livro das *Viagens*, essa conversação espirituosa, tão viva, tão variada, tão profunda... como aquella que lhe souberam os privilegiados que no trato familiar da sua amena intimidade aprenderam a conhecer o homem sempre superior, cujo coração, mesmo não podendo com a vida, entre os véus da morte, alçando o espirito,

dois illustres escriptores; mas a patria, ou quem a representava, rejeitou-a sempre: não só recusou adoptar

lançava sobre todos os assumptos a claridade do genio, que Deus só dispensa aos seus eleitos... todo este complexo de obras, uma litteratura inteira, formam os élos d'essa admiravel cadeia, cuja extremidade vemos agora sumida na penumbra da campa semi-aberta.

«Que vos direi da vida d'este homem? Não é para aqui entrar na descripção d'ella. Soldado fiel, atravessou as tempestades, e morreu abraçado á sua bandeira. Foi um coração como, depois de Camões, não viu Portugal. Quanto elle sentia e chorava o passado! quanto amou o presente! quanto desejou o futuro! Todas as lagrimas de uma grande alma, todas as aspirações de um grande espirito, vivem n'essas paginas que já agora são eternas!

«E é por isso que n'este doloroso concurso todas as classes se reunem no mesmo pezar!

«Quem diria ha poucos mezes, colhendo a derradeira manifesção da sua lyra, as *Folhas caidas*, que ellas seriam verdadeiramente últimas flores desfolhadas e soltas do grande genio, flores tão frescas, tão viçosas como as dos primeiros dias da juventude? Quem supporia que taes flores formariam a grinalda derradeira do sepulchro? Deus perdoe áquelles que só tiraram d'ellas os espinhos do martyrio para lh'os cravar no coração; Deus perdoe a esses como elle lhes perdoou na hora extrema.

«E que importa? Eil-os juntos e inclinados diante de uma campa fria, os legisladores, os estadistas, os soldados endurecidos nas guerras, a gloria das armas, a gloria da toga, a gloria das letras, essa nobre geração, filha d'este seculo, de que eu sou voz, e cuja homenagem final prestâmos perante a sombra do mestre.

«Estas portas fecharam-se sobre o visconde de Almeida Garrett; a humanidade despiu aqui na cinza os véus da carne. Não é ao nobre, não é ao ministro d'estado, não é ao embaixador que se curvam respeitosas as frontes. Mais alta gloria nos avassalla em preito ao que foi. Em Camões tambem morreu o homem para brilhar o nome: com elle pereceram as paixões. No cantor do grande poeta o titulo acabou para principiar a gloria. Aqui jaz o visconde de Almeida Garrett: ali, aos raios d'esse astro glorioso, vive João Baptista de Almeida Garrett!

«N'estas occasiões o silencio e as lagrimas dizem tudo. Inclinemo-nos. A patria, que elle amou tanto, não desherdará o amor da

a filha de Garrett, mas nem sequer lhe deu o titulo que o pae amantissimo para ella pedira. E os ossos do can-

sua alma. Confiemos. Os seus ossos, como os do vate do Adamastor, não clamarão debalde por um monumento. Adopte a patria o que ficou d'elle, e a nação poderá dizer: — «Sou digna da he-«rança!» = *R. da S. (Imprensa e lei,* de Lisboa, 12 de dezembro de 1854.) — Veiu precedida a publicação por este artigo:

«11 de dezembro.

«O cadaver do sr. visconde de Almeida Garrett foi conduzido hoje ao cemiterio dos Prazeres, e ali ficou depositado no jazigo da familia do sr. D. Francisco do Rio de Menezes, cujo filho, o sr. D. Pedro de Brito do Rio, foi o testamenteiro do illustre finado.

«O que havia de mortal no homem, guarda-o o tumulo. Do seu espirito, puro, como Deus de onde emanára e para onde subíra, viverá a memoria na saudade dos seus contemporaneos, e ha de, nas suas obras, atravessar os seculos pela voz da posteridade.

«Ao pó da terra, ao nada das cousas humanas ha de sobreviver magestoso e potente esse padrão glorioso do seu nome, do seu paiz, e do seu seculo.

«Além das honras funebres, prestadas ao fallecido, e devidas á categoria dos logares que desempenhára na qualidade de alto funccionario do estado, os homens de todas as classes e jerarchias foram tributar junto do seu feretro a homenagem, condigna ao merito, que o elevára a occupar o primeiro logar entre os homens de letras na peninsula.

«Muitos dos amigos do fallecido, pares do reino, conselheiros d'estado, todo o corpo diplomatico, o ministerio, menos o presidente do conselho, que enviou para o representar alguns dos seus ajudantes de ordens, o sr. conde da Ponte governador civil, os redactores dos jornaes politicos e litterarios, alguns litteratos e poetas, entre os quaes se contavam o sr. Alexandre Herculano e Pereira da Cunha, as deputações das escolas, do conservatorio, da associação typographica, e dos actores do theatro portuguez, tal era o prestito que, a pé, e no maior recolhimento acompanhou até á última mansão os restos mortaes do eximio cantor do *Camões* e de *D. Branca.*

«O cadaver foi levado á mão.

«Junto da campa recitaram-se algumas orações breves e sentidas, como o acto demandava, inspiradas pelo assumpto, e pela saudade do prosador e do poeta, que lega á escola da geração nova,

tor de Camões clamam tambem ainda debalde por um monumento!

de que foi fundador, o encargo de não desmerecer das lições do mestre.

«Coube ao sr. Antonio Feliciano de Castilho ser o primeiro a orar. Do seu discurso pouco podémos ouvir. Ao sr. Tullio e ao sr. Vieira da Silva, que orou em nome da associação typographica, seguiu-se o nosso collega o sr. Rebello da Silva.

«Do seu improviso brilhante e pathetico damos um extracto, assim como transcrevemos uma poesia do sr. Amorim, e outra tambem do nosso collega o sr. Mendes Leal, a qual foi recitada pelo sr. Luiz Augusto Palmerim.

«Humilde, como é o nosso tributo, mas sincero e singelo, aqui o depositâmos, com a expressão do nosso anhelante desejo: Possa repousar no seio do Eterno aquelle, que morreu abraçado á Cruz da Redempção visitado pela graça divina! = *L. de V.*»

Luiz de Vasconcellos de Azevedo e Silva, moço de intelligencia, coração bom e affectuoso, que a terra cobre tambem desde muito.

Todos os jornaes do paiz commemoraram com excellentes artigos aquella perda nacional, saindo a maior parte d'elles tarjados de preto. Muitos lhe consagraram poesias, algumas dedicadas ao auctor d'estas *Memorias*. Citarei apenas, por ter sido de uma senhora, a transcripta no meu livro *Ephemeros*, Lisboa, 1866, pag. 403. A talentosa auctora d'esses versos, fallecida na flor da existencia, foi D. Maria Candida de Carvalho Coutinho, irmã do sr. conselheiro Mathias de Carvalho. Grande numero de periodicos hespanhoes, francezes, inglezes, allemães, italianos, brazileiros, etc., fallaram com o devido louvor do poeta, noticiando-lhe a morte.

Ricardo Guimarães, hoje visconde de Benalcanfôr, que assistiu aos funeraes, ainda os recordava, passados vinte e tantos annos, em uma das suas elegantes *Cartas lisbonenses:*

«... No mesmo dia, em que o leitor estiver lendo estas linhas, completa vinte e tres annos o passamento do grande poeta de *D. Branca* e de *Frei Luiz de Sousa*, do immortal visconde de Almeida Garrett, cujo nome, se é um brazão de gloria para a nação inteira, é ao mesmo tempo um titulo de ufania para a cidade do Porto, aonde nascêra e passára os mais bellos annos da sua verde mocidade. Como tenho gravado na memoria o aspecto melancholico, inconsolavel, dos mais intimos e leaes amigos de Garrett, quando

Nada pôde comparar-se ao effeito produzido por essa oração primorosa! Rebello da Silva (de quem conto es-

deram a nova fatal da morte do grande poeta que, como escreveu Rebello da Silva, não era um homem, era uma litteratura!

«Eu assisti ao seu enterro. O céu estava pardacento, nebuloso, mas sereno: era um verdadeiro dia de dezembro, em que as tintas sombrias d'este céu habitualmente azul communicavam uma tristeza grave ao saimento funebre, que seguia vagarosamente pela rua de Santa Izabel, aonde era a morada de Garrett, até ao cemiterio dos Prazeres.

«Rebello da Silva fez um discurso, admiravel de imaginação e de sensibilidade.

«O sol, até ali encoberto, mas que rompêra por entre um castello de nuvens cinzentas, quando o orador subia nos vôos da sua phantasia rica e ardente, dardejou ao mesmo tempo os seus raios luminosos sobre a campa que acabava de encerrar os restos do grande homem, dourando-a, e sobre a musa do panegyrista, cingindo-a de uma aureola deslumbrante, constellando-a de scintillações, accendendo uma immensa pinha de luz nas imagens, nas apostrophes, nos conceitos que jorravam da bôca do orador, coloridos, iriados, brilhantes, como uma catadupa a espadanar pelas rochas, na qual luzissem milhares de prismas.

«A memoria de Garrett era illuminada em cheio pela natureza e pela eloquencia n'aquelle momento, que nunca me ha de esquecer, com as reverberações dos fogos de uma dupla apotheose.

«O espirito divino do poeta alava-se, fazendo-lhe cortejo e servindo-lhe de phanaes os resplendores do astro do dia e os lampejos d'esse outro astro da terra, que se chama talento.

«Eu convivia então muito com Gomes de Amorim, Lopes de Mendonça e Palmeirim. Reuniamo-nos bastantes domingos em casa de Gomes de Amorim, nobilissimo coração, coração de oiro e de tão finos quilates como o seu talento de escriptor e de poeta. Lopes de Mendonça queria improvisar ás vezes uns guisados, mais ou menos phantasticos, que o nosso paladar, n'esse ponto rotineiro e conservador, se recusava a acceitar. O dono da casa, que se esmerava em ter uma cozinha sã e appetitosa, não era dos menos ardentes em protestar contra as incursões de Mendonça.

«Conversava-se muito e animadamente. Bulhão Pato, Gonçalves, Palmeirim, Felner, Biester, e outros animavam o jantar com as graças e os chistes da anecdota. Gomes de Amorim contava as coi-

crever um dia com maior largueza) era o unico homem dos da geração que succedia ao fallecido, capaz de levantar, se não com a mesma grandeza do mestre, com arrojo que lhe rastejava os vôos, o sceptro da eloquencia, caído das mãos desfallecidas do primeiro orador portuguez de todos os tempos.

sas mais comicas com a physionomia mais grave, e tinha deliciosos episodios das suas viagens longiquas pelo mais espesso das florestas da America, através dos sertões, e pelas margens do Amazonas. Em se fallando de Garrett, Gomes de Amorim tomava um aspecto, que infundia respeito e dó pela mistura de saudade, de pena, de affecto filial, de veneração sem limites que transluziam na face e na palavra do narrador. Então o silencio era geral, cortado a espaços por uma exclamação ruidosa de Gonçalves, por um áparte de Palmeirim ou de Bulhão Pato, todos calorosos enthusiastas de Garrett! E quem então o não seria? E quem não o é hoje, apesar do decorrer dos annos, e das inconstancias da moda litteraria? Como nos seria agradavel para nós, que somos de hoje, admirar nas letras vultos que emparelhassem com os dos mestres!» *(O Commercio do Porto,* de 16 de dezembro de 1877, no folhetim.)

Que o leitor indulgente me perdôe a transcripção da parte que me elogia tão exageradamente. Apesar de reconhecer que não mereço os encarecimentos do amavel escriptor, porque não hei de estimál-os e desvanecer-me com elles, sabendo que são filhos de boa e leal amisade? Repito, pois: que o leitor me perdôe, attendendo a que ha sempre mais quem diga mal do que quem diga bem de nós. E quanto á circumstancia, aliás impossivel de evitar, de fallar eu tanto e tão frequentemente de mim, na última parte d'estas *Memorias,* peço aos que me censurarem que leiam o tomo III do *Livre de Bord,* de Alphonse Karr (París, 1880), de pag. 122 a 124: «Prohibir ao escriptor de fallar de si proprio, seria exigir do viajante que só descrevesse a miude terras que nunca viu».

Salta aos olhos a impossibilidade de citar e mais ainda de transcrever aqui todos os artigos e versos que se escreveram por occasião do fallecimento de Garrett. Repito, que não houve no paiz nenhum jornal que deixasse de render á sua memoria o merecido preito. Depois, foram pouco a pouco rareando os admiradores!... Até que chegou um tempo em que a sua lembrança parecia viver quasi unica e exclusivamente no coração dos seus amigos! Felizmente, parece ir despertando o sentimento público!

Foi n'esta occasião, e não durante a agonia do poeta, como pensa Camillo Castello Branco (negando o facto), que Rodrigo da Fonseca Magalhães proferiu certo epigramma, que se tornou celebre. (Veja *Noites de insomnia*, por Camillo Castello Branco, Porto, 1874, n.º 3, pag. 61.) Sinto, pela memoria de Rodrigo, não podêr concordar com a opinião que tanto honra os sentimentos generosos de Camillo; mas a minha dura missão obriga-me, antes de tudo, a ser verdadeiro. Uma hora depois de proferida a phrase, vieram relatar-m'a, quasi ao mesmo tempo, e ainda muito offendidas, as testemunhas que a ouviram.

Era Rodrigo, como Castilho, como Rebello da Silva, e como outras muitas pessoas que tenho conhecido, embora de optimos corações, grande mestre em epigrammas; e quando estes lhe saíam *felizes*, para fallar ao estylo dos amadores, desfechava-os, fosse sobre quem fosse. Alguns não offendiam. Exemplo, o que se refere áquelle padre para quem Rodrigues Sampaio lhe pediu a commenda da Conceição.

— A commenda da Conceição! Que fez esse homem?

— Que fez?!

— Sim, que fez, para se lhe dar uma coisa d'essas?!

— Não fez nada.

— Não fez nada?! Pois ainda ha em Portugal um homem que não fez nada, sem ter uma commenda?! Lavre-se já o decreto!

No cemiterio, ouvindo Castilho, disse, voltando-se para os amigos mais proximos, que Garrett morrêra entre... dois substantivos femininos, que lhe davam calimburgos capazes de fazer rir em tal momento alguns dos circumstantes! Lopes de Mendonça repetiu o dito, qualificando-o de *espirituoso*, ao grupo immediato, composto de Felner, Rebello da Silva, Antonio de Oliveira Marreca, e outros. Marreca, homem de honrado e severo ca-

racter, e amigo do fallecido, voltou-se, indignado, e replicou a Mendonça:

— Isso não é espirito; é o cynismo da perversidade.

Garrett morreu entre duas irmãs de caridade, portuguezas, e dois amigos, um dos quaes lhe recebeu o último suspiro e as derradeiras palavras. Não estava lá mais ninguem, segundo mostrei. O epigramma é pois duplamente censuravel, por se fundar na mentira. A vaidade e a presumpção de ter graça fizeram sempre mal á reputação de muita gente boa.

VII

Eu não tive forças que me levassem á igreja nem ao cemiterio. Fechei-me em casa com a minha dor, escrevendo os versos — *Á morte de Garrett,* que no dia 12 se publicaram na *Imprensa e lei,* depois na primeira edição dos *Cantos matutinos* (1858), e que passaram mais tarde para os *Ephemeros* (1866). Á noite vieram os meus amigos, e muitos dos do poeta; e então fui informado de tudo que occorrêra, desde o começo dos officios até o encerramento do corpo. Alguns dos informadores sabiam quanto me interessavam as menores circumstancias, e depositavam-nas com religiosa fidelidade no meu coração, para que ali ficassem gravadas. Infelizmente, cobre tambem já hoje a terra a maioria d'esses homens, quasi todos illustres! Restam, comtudo, alguns, que poderão testemunhar se eu guardo bem a memoria dos que amei, e se os meus apontamentos são verdadeiros.

VIII

Somos chegados ao epilogo d'estas longas memorias. Já era tempo! Se o leitor se cansou na viagem, imagine

pela sua a minha fadiga. Consumi mais de trinta annos, percorrendo os cincoenta e seis incompletos que viveu o meu biographado; gastando por vezes mais de um no apuramento da verdade de certos factos; hesitando muito, antes de me resolver a referir outros; discutindo commigo mesmo se conviria ou não dizer tudo que digo, e calar o que deixo de dizer, não porque duvidasse da sinceridade das minhas intenções e da rectidão da minha consciencia, mas por temor de enganar-me; de exagerar ou de falsear o meu dever de biographo, dominado pela preoccupação de querer ser sempre e em tudo justo e verdadeiro!

E agora mesmo, ao tocar a desejada méta, não ouso olhar para traz sem desconfiança! Quem sabe se, persuadido de que prestei homenagem á justiça, deixo sob meus passos a iniquidade?! Se a minha rasão fraquejou, quando devia mostrar-se mais forte? Se a severidade dos julgamentos degenerou em maledicencia? Se, desejando ser juiz imparcial, fui instrumento do erro, impondo dobrada pena aos que haviam já longamente expiado as suas culpas?! Tremo de o pensar! Mas protesto solemnemente, perante Deus, que ha de julgar as minhas acções sem consultar os homens que vão julgar a minha obra, que errei involuntariamente. Comecei moço e chego velho ao fim d'estes estudos. Tinha vinte e cinco annos quando Garrett me encarregou d'elles; e acabo-os aos cincoenta e sete. N'esse largo periodo só a admiração e o affecto moveram a penna do discipulo agradecido. Que outro interêsse ou que ambição o inspirariam, n'uma terra onde não se lê, onde, por consequencia, nem sequer tem probabilidade de vender sufficiente numero de exemplares da sua obra, para cobrir-lhe as enormes despezas da publicidade?! N'um paiz em que o homem de letras é menosprezado, não raro até por alguns dos proprios collegas, quando estes se fazem ministros, que intuito levaria

um triste doente a desdenhar trabalhos menos violentos e de seguro proveito, votando-se de preferencia ao que lhe levou todas as forças do corpo e do espirito, se não o impellisse a vontade tenaz, a idéa fixa de querer honrar as cinzas de um morto amado?

Nem paga material, nem louvor de governos, porque estes parecem estar longe de comprehender o alcance de tão singular devoção (perdôe-se a immodestia): nenhum incentivo, nenhuma esperança de galardão animou o empenho, o esforço do obreiro obscuro. E, comtudo, a divida não era só d'elle para com o que foi seu mestre; era tambem da nação; era d'ella, principalmente. E foi como bom filho, que se preza de ser, embora humilissimo, que o auctor pretendeu — se não solvêl-a inteiramente, porque para isso lhe fallecem posses, — dar, por conta da parte que como portuguez lhe cabe na gloria do immortal poeta, esta pequenina parcella. Oxalá que ao menos lh'a acceitem como a primeira pedra, digna, pela intenção com que foi lavrada e não pelo fraco merito do lavor, de ser posta na base do monumento, que outros mais poderosos levantarão algum dia.

IX

Lancemos pela última vez a vista para o quadro da historia d'esse homem extraordinario, e recapitulemos, notando rapidamente a influencia que elle exerceu no espirito do seu paiz e do seu tempo.

Vimol-o nascer em 1799; beber, quasi com o leite, as primeiras idéas que deviam fazer germinar na sua alma o amor da patria e o sentimento da verdadeira poesia nacional. Seguimol-o aos Açores, onde o comêço da educação classica produziu, na evolução do seu espirito juvenil, o caso physiologico dado ás vezes com as creanças: suspensão de desenvolvimento. Assistimos ao primeiro

desabrochar do seu estro; acompanhámol-o a Coimbra, e ali observámos a lucta em que os estudos e as musas de Roma venciam e suffocavam as recordações da sua infancia, os contos das velhas creadas, e os dos parentes patriarchaes.

A revolução de 1820 revelou-nos o patriota; isto é, pozlhe em acção as impressões que recebêra no berço, quando lhe davam as primeiras noções do justo e do injusto. Mas a inspiração poetica raro denuncia ainda, n'um ou n'outro verso, o reformador futuro. Completa o curso de leis, e declara-se apostolo da revolução; mas... ordeiro! Já com distincto nome litterario, vae á ilha Terceira, commissionado por sociedades secretas, e ali desenvolve o gôsto pelo constitucionalismo.

De volta a Lisboa, conclue e representa o *Catão,* que o torna popular. D'ahi a pouco, alcança o primeiro triumpho oratorio, na defeza do seu poema o *Retrato de Venus*. Casa-se em seguida. E, derrubada a constituição, emigra, pela primeira vez. Regressa a Portugal; e o effeito das primeiras perseguições politicas o conduz de novo ao exilio. Na sociedade ingleza, que o captiva e encanta, desinvolve e aperfeiçôa o gôsto. A leitura dos grandes mestres europeus, desperta-lhe as memorias dos primeiros annos: como se o desvendassem, reconhece, com pasmo, que nas graças simples e ingenuas da desprezada poesia da sua terra, e da sua meninice, ha todas as galas, todas as bellezas, que por esse tempo tornavam applaudidas e admiradas as composições dos poetas da Allemanha, da Inglaterra e da França.

Despe a toga classica; e da sua pobre agua-furtada, do Havre, manda á patria, ausente e escrava, os novos codigos, que vinham regenerál-a da servil imitação de francezes e de italianos, pois que já nem sequer havia então quem fizesse lembrar romanos e gregos.

Proclamada a carta, regressa a Portugal, já celebre

poeta; funda, em Lisboa, o primeiro jornal politico moderno; inaugura as discussões decentes e polidas; a critica litteraria e artistica; e dá o exemplo da urbanidade e delicadeza nos costumes e trato jornalisticos. Expulsa de novo a liberdade, eil-o torna para o desterro. Emprega os quatro annos da terceira emigração no complemento da sua obra: imprime a *Adozinda;* alarga enormemente a esphera dos seus estudos; não se deixa corromper, como tantos outros; não se associa ás intrigas e despeitos, que desunem os seus compatriotas; e pune-se de um momento de colera, do qual nasceu a carta de Mucio Scevola, aniquilando a edição quasi toda. Põe gratuitamente a penna ao serviço da causa da liberdade e da rainha; préga a união dos emigrados; canta a victoria da Terceira; inspira, com os seus trabalhos, as sympathias dos estrangeiros; e concorre assim para que elles auxiliem os liberaes portuguezes. Após essa nova quadra de miseria e de fome, volta, sem auxilio, no porão de um transporte, para a ilha Terceira.

Considerado já então «o primeiro» o mais digno de comprehender e de executar o pensamento de D. Pedro e de Mousinho da Silveira, escreve, em S. Miguel, as leis da primeira dictadura; e, como simples soldado, desembarca no Mindello, e entra no Porto, de espingarda ao hombro, trazendo por unica bagagem, o *Romanceiro* na mochila. Assim regressava Camões da India, com os *Lusiadas*, salvo do naufragio na costa de Camboja.

Nos intervallos dos combates, começa o *Arco de Sant'Anna;* redige decretos gloriosos; rejeita desinteressadamente a missão ás ilhas, em que podia melhorar de fortuna. Mandado a Paris e Londres, com o seu ministro, sáe novamente da patria, por entre as balas inimigas; e fica desamparado em França, sem recursos, até quasi ao fim da lucta. Entra por fim em Lisboa; chicanam-se-lhe alguns tostões — o pão, que dourado se dava

a tantas nullidades! — Faz o assombroso projecto da reforma e organisação dos estudos; assanha com elle a inveja, a ponto de se ter sumido a portaria que o louvava; e, para se livrarem do seu odioso talento, que punha todos os outros no escuro, nomeiam-n'o, ou desterram-n'o, para Bruxellas, emquanto, na sua ausencia, se fica repartindo o bolo.

Viltado pelos proprios, quando estranhos o admiram e honram, demitte-se, ou demittem-n'o, ao cabo de dois annos de miserias e vergonhas. Reentra na capital portugueza, e cria novo jornal, com que ajuda, se bem que involuntariamente, a triumphar a revolução de setembro; adhere a esse movimento de idéas; eleito deputado ás côrtes constituintes, adquire, desde logo, tão grande reputação de orador, como já a tinha de poeta e de litterato. D'esse periodo em diante, torna-se prodigiosa a actividade intellectual, de que sempre o viramos até aqui dar admiraveis provas.

X

Parecerá superfluidade insistir-se ainda em demonstrar a enormidade dos seus serviços, e a influencia que elle exerceu no espirito do seu tempo: essa influencia por si mesma se manifesta em tudo. D'ella derivou a corrente fecunda que no segundo quartel d'este seculo transformou em campo uberrimo o arido pragal das letras portuguezas, e nos deixou o legado precioso do bom gôsto e das aspirações elevadas, que as gerações anteriores tinham corrompido. Desde o apparecimento do *Camões*, da *D. Branca* e da *Adozinda*, os poetas, dignos de tal nome, que havia em Portugal, fingindo desdenhar os novos modêlos, afastam-se notoriamente das regras pautadas, procuram um pouco mais a verdade e a natureza. O proprio Castilho, último dos classicos, acaba por

lhes prestar homenagem, na *Noite do Castello* e nos *Ciumes do Bardo*. A nova geração é romantica; os que teem talento, corrigem-se dos excessos da escola, e seguem o mestre; os outros, cáem no absurdo e morrem ignorados. Herculano, espirito superior, nasce para a litteratura, já depois de arvorado o pendão da reforma, e é o primeiro a prestar culto ao reformador.

Nos annos que se seguem á revolução de setembro, assignala-se profundamente a passagem do genio de Garrett atravez da sua epocha: trabalha infatigavelmente; com uma superioridade sem rival, exercita a sua actividade nos mais variados ramos do serviço público. Não se esquece nunca da sua missão especial; serve-se, para alargar a esphera das suas idéas, da amisade e do prestigio politico d'aquelles a quem se liga; liga-se talvez a elles com esse generoso designio. Cria o theatro moderno; emancipa e regenera os actores; funda o conservatorio; faz que se edifique um templo digno da arte dramatica; e promove a cultura d'esta, a ponto de produzir auctores, e actores de primeira ordem. Ao mesmo passo, toma parte em todas as questões graves de transformação social; entra em todas as discussões; dá vida ao direito politico e administrativo; alarga todas as franquias liberaes; faz tratados de commercio, leis eleitoraes, sustenta os verdadeiros principios democraticos, e prova que entende de tudo, que sabe tudo, que, pela poderosa intuição do seu immenso talento, preadivinha aquillo que não teve tempo de estudar. Os seus correligionarios, influenciados por elle, votam-lhe todas as medidas tendentes a levantar o nivel moral da nação; medidas que, d'ahi a pouco, são, infelizmente, algumas d'ellas, mutiladas ou mortas á nascença por governos pessoaes e retrogrados, que succedem ao que as decretára.

Deve confessar-se que a politica, favorecendo em parte a obra de Garrett, prejudicou-a fatalmente no todo. Ab-

sorveu-o demasiado; roubou-lhe o tempo e as faculdades, que deviam ter sido mais largamente applicadas á consolidação do seu pensamento; e, o que foi peior, creou-lhe adversarios apaixonados, que limitaram o alcance das suas idéas e annullaram os resultados que havia a esperar de muitas d'ellas. Todavia, com o renascimento das letras, a creação do conservatorio, e a restauração do theatro formára-se o gosto e educára-se o sentimento; poliu-se a linguagem, diffundiu-se o amor do estudo, e — triumpho incalculavel! — a mulher portugueza costumou-se á leitura.

Se este beneficio immenso não desceu desde logo das altas camadas sociaes até ás mais infimas, não accusem o poeta; queixem-se dos que em vida não deixaram que a sua acção fosse tão completa como podia e devia sêl-o; e que, morto elle, em vez de vulgarisarem por todos os modos e meios o seu nome e os seus escriptos, o condemnaram, por inveja e malevolencia, ao mais ingrato silencio e ostracismo [1]. Porque esses escriptos admiraveis são tanto para as classes elevadas como para o povo; ou são talvez mais ainda para o povo, pela simplicidade e clareza com que tratava os maiores assumptos. Conhecia a arte, e usou d'ella como mestre, certo de que nenhuma producção do espirito póde viver senão pela perfeição da fórma; porém não quiz nunca armar aos effeitos. Em tudo revelou o seu finissimo tacto, sabendo, como ninguem, interessar-nos, pelo dialogo inimitavel, pela belleza do estylo, e pelo caracter e viver dos personagens.

[1] Os que assim procediam, desdenhando os primorosos trabalhos de tão insigne engenho e de tão ardente liberal, consentiam que nas aulas do paiz se désse, como ainda succedia não ha muitos annos, a leitura da *Virgem da Polonia!* O auctor d'essa apologia do absolutismo, tinha sido em 1823 dos mais assanhados republicanos. Fez-se depois miguelista; e por isso, talvez, se adoptára nas escolas o seu livro.

Nada ha mais singelo, mais desataviado e menos feito com a intenção de fascinar do que a *Adozinda* e *Frei Luiz de Sousa*. Escrevendo os seus poemas no exilio, durante as miserias soffridas pela causa da liberdade, pintavanos grandes almas, como a de Camões e as dos seus heroes; como as de D. Sebastião e D. Aleixo de Menezes; de Affonso III, de Aben-Afan, e de D. Paio Peres Correia: almas fortes, superiores a todo o temor, nutridas de patriotismo, insaciaveis de gloria. Dir-se-ía que aspirava com essas creações a formar o coração dos seus compatriotas para as campanhas liberaes, do mesmo modo que Eschylo pretendêra retemperar com os seus dramas o caracter dos gregos do seu tempo para a guerra contra os persas.

Quando pegàmos em qualquer d'esses livros primorosos, que vimos fazer, não sei que vago encanto se apodera de nós, que, por muito que o conheçamos, custanos a largál-o sem o ter novamente relido. Sente-se e respira-se n'essas obras um tal víço e perfume de mocidade, tanta harmonia e graça, que parece remoçar-nos a sua leitura. Nas *Viagens na minha terra*, assistimos ao fazer da urdidura; vêmol-o pôr a teia e começar a tecêl-a, sem nos occultar os seus processos. Seguimol-o, contentes, para onde nos quer levar a sua phantasia. E tudo aquillo se nos afigura tão facil, tão natural, que qualquer poderia imitál-o. Ensaiemos, porém, e reconheceremos logo o engano. Esses livros, que excitam nobres e grandes sentimentos, o amor do bello e o amor da patria, são, com a epopeia de Camões, os mais seguros defensores da nossa nacionalidade.

XI

Tão grande na poesia, na litteratura em geral, como na eloquencia, em tudo se eleva no seu seculo acima dos

maiores da sua patria a estatura d'aquelle gigante. Como Demosthenes, não gostava de confiar ao acaso da inspiração a sorte dos seus discursos. Pensava-os, sempre que podia, para não arriscar a sua gloria em improvisos passageiros. Mas as circumstancias do tempo em que viveu, obrigaram-n'o a fallar mais vezes de improviso do que depois de ter madura e reflectidamente estudado os assumptos. Se acaso pensou, como orador, em tomar algum antigo por modêlo, recompôl-o com Cicero e Demosthenes, estudando-os assiduamente. Acha-se-lhe toda a sciencia, toda a amabilidade persuasiva, toda a erudição e todas as graças e ironias do romano, alliadas á gravidade, e por vezes á severa melancolia do atheniense.

Senhor de taes segredos, nem sempre lisonjeava os ouvidos do auditorio: quando queria ser fogoso e vehemente, á maneira dos tribunos, desdenhava a dicção florida, as phrases cadenciadas, com que n'outras occasiões exornava o discurso. Não é porém n'esses impetos de momento que deve procurar-se o mestre: pureza, claridade, elegancia, isto é: — linguagem vernacula, expressada de modo que todos a entendessem; enunciação dos mais sublimes pensamentos, por meio das palavras mais apropriadas; estylo variado, fluente, simples, deleitando pelo bom emprêgo e sobriedade das imagens, o numero e cadencia dos periodos, — taes eram as primeiras qualidades das suas orações, quando elle as meditava. Não receiava comtudo enfastiar, quando lhe convinha repisar os assumptos, e voltava frequentemente, como o grande orador romano, ao seu *sed*, ao seu *enim*, ao seu *autem*, etc., para fazer calar a opinião no ânimo dos ouvintes. Nunca tratava negocios de pouca monta com pompa de palavras, nem os de grande tomo em phrase vulgar e arrastada. Em taes casos, seguia o preceito de que não se deve abusar, nem mesmo do mais formoso estylo, porque a uniformidade cansa e aborrece.

Na poesia, de proposito usava ás vezes versos frouxos, para fazer realçar aquelles que primavam tambem pela belleza das idéas. Empregava o claro-escuro, como na pintura, evitando deixar tudo luminoso, para não tornar o quadro monotono. No intuito de fazer-se comprehender melhor, não desdenhava igualmente comparar as coisas pequenas com as grandes, a exemplo do mestre:

Parva enim magnis sæpe rectissimè conferunter [1].

Como Cicero, fallou de si, repetindo o que a admiração pública tinha já dito; porque tambem estava convencido de que as armas devem ceder o passo á toga, e os louros ás palmas da eloquencia. De 1842 a 1846 vimol-o, á maneira dos grandes oradores antigos, animado pelas nobres paixões e sentimentos que inspira o amor da patria, erguer a voz tremenda do accusador, e o espanto caminhar adiante da sua palavra, de cabeça erguida até aos céus, como de Hyppomodon escreveu Eschylo. Dir-se-ía ás vezes que havia n'elle a triplice incarnação de Bruto, de Cicero e de Cesar; e que o primeiro lhe dava a solemnidade da voz e do gesto, o segundo a correcção e elegancia da fórma, e o terceiro a vehemencia e o brilhantismo do estylo. Inspirava, com essa eloquencia assombrosa, terror profundo e salutar aos que abusavam do podêr e da fôrça. Crente na omnipotencia da liberdade, e amando como poucos a terra em que nasceu, antes queria morrer — e morreu — com as suas crenças, do que transigir com a tyrannia ou acceitar favores e beneficios d'ella. Foi na sua alma generosa que germinou, em 1838, a primeira idéa conciliadora, que devia, em 1851, acabar com os odios politicos. E o acto addicional á carta, redigido por elle, apesar de remedio palliativo, nasceu da mesma ordem de idéas.

[1] *Orator*, c. II, 14.

Se como ministro teve acção secundaria, vimos que não foi por sua culpa.

XII

De 1846 a 1851 diminue a sua actividade politica, para recomeçar com o mesmo ardor n'este último anno. No seu espirito não se nota nem sombra de decadencia. Se o corpo ia quebrando (facto talvez unico!) o genio parecia elevar-se, á medida que elle descia para o sepulchro! Absorvido por sentimentos que devoram a vida, dá as *Folhas caídas*, como para protestar a favor da espantosa vitalidade das suas faculdades poeticas. A mulher, esse bello defeito da natureza, segundo a expressão de Milton, no *Paradise lost* [1], foi o escôlho que poz em risco o baixel da sua gloria. Disse outro grande escriptor «que os genios mais portentosos estão como os homens ordinarios sujeitos ás mais ridiculas fraquezas [2].» Se é ridicula fraqueza subir ás maiores eminencias da paixão, para legar sublimes versos á posteridade, condemne-o quem quizer; não ouso eu fazêl-o, apesar de nunca ter approvado os seus desvios. Debruçado já na sepultura, traceja o bellissimo quadro de *Helena*, testemunho irrecusavel e assombroso de que os annos lhe rejuvenesciam as graças do engenho e que será eterna a duração das suas obras.

A maledicencia occupou-se muito d'elle — dos seus amores e das suas fraquezas: — os que lhe assoalhavam a vida intima, persuadiam-se que, rebaixando-o, se lhe approximavam! Achál-o em faltas iguaes ás suas, ou imputar-lh'as, quando realmente as não tivesse, parecia-

[1] «... fair defect of nature.»

[2] A. Herculano, *Opusculos*, tomo v, pag. 22. É claro que não o disse a proposito de Garrett; e menos ainda das *Folhas caídas*, pois sabemos a sua opinião a tal respeito.

lhes o melhor meio de galgar a distancia que os separava do egregio vate. Porque, triste é repetil-o, mas não póde encobrir-se — a sociedade em que elle viveu estava profundamente corrompida. Rodeava-o gente que fazia lembrar dos romanos de Tacito e de Suetonio. A podridão amontoava-se-lhe em torno, viciando-lhe o ar que respirava. Essa sociedade, já o tenho dito, formada depois do triumpho liberal, com elementos de toda a especie, decompozera-se rapidamente. Tendo padecido muito, a maioria dos que a dirigiam indemnisava-se largamente dos tempos de miseria, saciando-se de prazeres licitos e illicitos. A velhice precoce foi a consequencia natural d'essa avidez e soffreguidão de gôso. Mulheres e homens offereciam ao estudo do observador não eivado das mesmas doenças os mais extraordinarios contrastes: mixtos de crenças e scepticismo, de amor e de inconstancia, de indifferença e de patriotismo, de saber profundo e de ignorancia desdenhosa, de intelligencia e de insensatez, de virtude e de vicio. Garrett, que em tudo ía adiante do seu seculo, não o representou nem individualisou n'esses desregramentos opprobriosos. Se não póde isentar-se completamente de algumas das fragilidades dos seus contemporaneos, conservou-se pobre, entre os que enriqueciam; crente, no meio dos scepticos, que por irrisão lh'o chamavam a elle; virtuoso, ao lado dos devassos. A sua alma, cheia de fé em Deus e nos destinos da patria e da humanidade, passou através da desmoralisação da sua epocha, como alva pomba através de azinhal queimado: o revoar das companheiras cobriu-a de pó e cinzas; mas logo que se elevou acima do pasto consumido pelo fogo, bastou-lhe o vibrar das proprias azas para readquirir a nitidez primitiva.

N'outra nação, menos sujeita aos vicios e tendencias de servilismo, legado funesto dos governos absolutos e despoticos, elle teria completado tambem a transforma-

ção moral da sua terra. Faltaram-lhe auxiliares; e teve contra si a fatalidade do meio, que tira o livre arbitrio. Dos homens que obraram prodigios de valor pela liberdade, uns foram creados com o leite da servidão, e outros criam que bastava, por si só, a constituição de 26, ou a de 38, para fazer a ventura da nação. Muitos d'elles não tiveram consciencia de que os trabalhos do poeta eram o complemento da revolução social e politica; e essa ignorancia levou alguns a tolher-lhes o desenvolvimento, quando era opportuno auxiliál-os; e como a liberdade carece, para robustecer-se, de apoiar-se na litteratura, e esta n'aquella, as consequencias de similhante erro foram o enfraquecimento de uma e de outra. Porque, não se julgue que o excesso de liberdade, que temos tido, seja signal de fôrça; nem que o grande numero de... litteratos, que tambem temos, seja symptoma de robustez litteraria.

A inveja, a calúmnia e o odio, que em todos os tempos tem sido cortejo dos genios transcendentes, rugiram atraz d'elle até á sepultura: não tendo conseguido annullar de todo a acção exercida pelos seus escriptos, imaginaram que d'ali em diante afogariam tudo no silencio. Baldado empenho! O resplendor do sol não póde ser extincto por nevoeiros importunos. Os que limitaram em parte essa influencia, morreram; e o nome do poeta resurge das sombras da ingratidão, como o astro eterno das da noite, cada vez mais bello e radiante. A sua obra não representa só uma epocha, consubstancia uma nacionalidade. Podem succeder-se as escolas litterarias, avassallar-nos o obscurantismo, faltar-nos o discernimento nos periodos de decadencia que atravessarmos: mas emquanto não vier a morte moral e existir a lingua portugueza, cada vez que renascermos para a vida da intelligencia, teremos de recorrer a Garrett, para recuperar o gosto e a individualidade litteraria, do mesmo modo

que os navegantes recorrem á bussola para achar os paizes com o commercio dos quaes enriquecem a sua patria. Este foi o supremo serviço que elle nos fez: deixou-nos um manancial perpetuo de rejuvenescimento, porque ninguem o lê sem sentir-se retemperado no amor das letras e no da nacionalidade. Agora, verdadeiramente, é que principia a conhecer-se o immenso alcance d'esse genio de prodigio.

Terminemos as suas longas memorias.

Não aspirei com ellas a fazer um retrato correcto e acabado, como os de Sallustio; nem uma pintura de estylo pittoresco e imaginoso como as de Montaigne; mas confesso que tentei seguir de longe a maneira de Plutarcho, que nos seus immortaes quadros nos dá a conhecer os homens pela minuciosidade dos promenores, pintando caracteres em acção, em vez de retratos. D'este processo resulta saber-se que se Garrett, encobrindo-se mal com os seus editores, fallou muita vez do seu merito e do das suas obras, nenhum moderno teve tanto direito de o fazer como elle, que mirou talvez mais a ser grande do que a ser modesto, mais a ser util ao seu paiz do que a si proprio. Acaso se póde censurar o luctador que mostra ter a consciencia da sua fôrça? Todas as outras pequenezas do poeta, communs á humanidade, são largamente resgatadas pelos seus inimitaveis serviços, e pelas grandes e nobres qualidades, que tão miudamente descrevi, sem lhe encobrir as faltas. Tendo subido, impulsado pelo genio, á maior altura a que a fama póde elevar os homens, humilhava-se todavia, sempre que em público se referia a si, por ser essa a maneira unica de crescer ainda. Tendo bem servido o paiz e a soberana, adquirira o direito de lhes fallar com a isenção e liberdade com que o fazia. Pela última vez repito, que, apesar das mais crueis miserias, tribulações e trabalhos, quiz e soube ser independente, honrado e virtuoso.

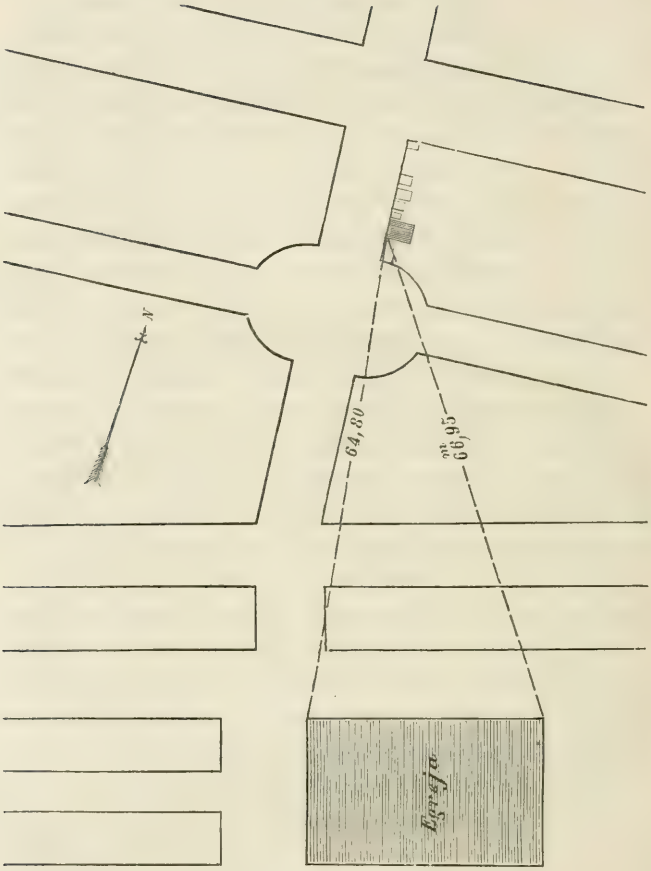
«Os individuos morrem; depois da morte vem a justiça, e começa a immortalidade das famas honradas. Eu não sou materialista religioso nem politico, espero salvar a minha alma em Jesus Christo, e o meu credito na lembrança dos portuguezes: n'essa esperança certa de resurreição adormeço tranquillo». Disse elle [1]. Vimos como essa vida de abnegação e sacrificios, digna de universal respeito, foi coroada na morte pelos mais sublimes exemplos. Ao apartar-se da terra, levava comsigo todas as crenças da infancia, que nenhum desengano, nenhuma perversão humana conseguíra roubar-lhe. O que era do mundo, perdeu-se no pó.

«Dir-se-ía — escreveu Walter Scott de Byron — que um astro esplendido fugíra do céu, no momento em que se lhe observavam com o telescopio as manchas que lhe obscureciam o brilho». Aquelle que desappareceu ha trinta annos do nosso horisonte era de tal grandeza e fulgor, que jamais se apagará o sulco luminoso deixado pela sua passagem. Os que não tiveram a fortuna de o ver de perto, em lucta com as sombras que pretendiam turvar-lhe a claridade, terão a de ser alumiados em todas as idades pela luz serena e pura com que Deus quiz perpetuar-lhe o rasto. E vendo-lhe o nome, que foi symbolo de calumnias, resuscitado na 'immortalidade das famas honradas', poderão escrever, na base do monumento que lhe deve a gratidão dos portuguezes:

GLORIA AO SECULO DE GARRETT!

FIM DO TOMO TERCEIRO E ÚLTIMO

[1] Garrett, *Obras*, tomo XXIII, pag. 112, Lisboa, 1871.



Planta (na escala de 1 : 1000) do logar onde está no cemiterio occidental o jazigo n.º 455, da familia Brito do Rio, dentro do qual se acha ainda hoje (agosto de 1884) o caixão que encerra os restos mortaes de João Baptista de Almeida Garrett.

INDICE

Dedicatoria V
Esclarecimentos VII

I

Reabertura do parlamento. — A proposta para presidencia annual reaccende a guerra. — Ao nosso auctor importam mais que tudo as fórmulas constitucionaes. — Inexactidão da acta. — Contra a validade das eleições do Alemtejo. — Rejeita, com outros, a nomeação para rever a lei eleitoral. — Padroados das ordens militares, nunca foram considerados leigos. — Magreza e gordura das leis. — Grande discurso contra o pedido de *bill de indemnidade*. — Verrinas e Verres. Apoia Silvestre Pinheiro. Pede que o advirtam, quando sair dos limites que se impõe. Direito de legislar. Boa pintura do estado da nossa sociedade politica. O poder executivo violou a constituição. Em que caso podia ser perdoado. Diz que approva algumas das reformas. O paiz está farto de banalidades e generalidades, e só quer melhoramentos materiaes. Suppõe nos ministros sómente o instincto da conservação. Caminha-se para o despotismo. Não contradisse o ministro, quando este negou ter ido ao Porto com proposito reaccionario. Absolutistas. Os partidos não morrem. Não o cega a ambição. Salvar o partido, e não a carta. Porque não propõe a accusação dos ministros. Absolutismo velho e novo. — Bello movimento oratorio sobre a liberdade que vae morrer. Proposta com que termina.. 1

II

Advertencias inuteis. — Emenda não admittida. — Triumpho para os seus principios. — Tem que aprender a lingua outra vez. — Ainda as leis das dictaduras. — O facto é o Pantheon. — Representar scenas, na camara. — Má vontade do presidente. — José Estevão prova que Garrett está na ordem. — Em 1835 ainda não tinha inquinado o pensamento nas miserias dos partidos. — Simas qualifica-o de abalisado jurisconsulto. — Symptomas de descontentamento popular. — Urbanidade com o governo. — Um «Ora, ora!» bem castigado. — Não quer que o seu nome fique marcado com o stygma de barbaro, de fomentador e mantenedor de odios e inimisades civis. — A politica não tinha aridez para Garrett. — Pedido de Silvestre Pinheiro. — Pequenina aventura. — Talvez a inconstancia seja doença e não defeito. — Reflexões repetidas. — Repentina paixão pela 'Outra Banda'. — Denunciam-n'o os *badauds*. — Dançarina V. — Requerimento do filho, nota. — Amores que dominaram a vida do poeta. — Sobre instrucção pública. — Diz que, não sendo grande coisa, se atreve a fazer quatro discursos, que durem quatro dias. — Absurdo, ácerca da escola de Sagres. — Não quer causar estorvos. — Additamento, para que os habilitados pelas escolas medico-cirurgica-

de Lisboa e Porto recebam o grau de bachareis. — Apoia a reacção religiosa, não no sentido retrogrado mas no de combater o materialismo. — Bello discurso contra a idéa de se dar a estrangeiros a direcção do ensino. — Como queria o conselho de instrucção pública. — Presidencia e maioria facciosas. — A minoria sáe da sala. — Louvavel prudencia de Avila. — Pés de lã para voltarem os frades. — Nicho das *deixas*. — A favor do povo da capital, e da gente saloia. — Contra o imposto. — Opinião sobre morgados. — A que o obriga a procuração de deputado. — Questão de ordem. — Como e quando o povo deve pagar. — Discurso prophetico. — Ora pelos estudiosos. — Subsidio dos deputados. — Conselho de estado. — Indemnisação ao contrato do tabaco. — Não quer ser do regimento de bonifrates. — Prisão de dois deputados. — Censura as violencias praticadas pela força armada. — Livraria do bispo do Porto. — Homenagem ao bibliothecario de Braga.—Combate de novo o orçamento do ministerio do reino.— Proposta admittida, sem elle saber. — Contribuições e contribuintes. — Não restitue os discursos.— Consequencias da prisão dos deputados. — Noticia dada por Bulhão Pato. — Joaquim Bento Pereira. — Carta de Garrett, no *Diario do governo*. — Outra, de Joaquim Bento. — Resposta do poeta. — Duello..... 27

III

Elogio historico do barão da Ribeira de Sabrosa. — *Memoria historica de Vieira de Castro.*—*Frei Luiz de Sousa.*— Primeira representação; pessoas que n'ella entraram, nota.— Juizo critico, de Rebello da Silva. — A advertencia. — A traducção allemã, e a mulher do traductor, nota.— Trabalhos do *Romanceiro*, em Campolide. — Prefacio. — Sempre a promessa de escrever *Vinte annos da historia de Portugal*. — Nota a essa promessa, nove annos depois. — Carta a D. Jeronyma Deville. — Tumulo de Adelaide. — Epitaphios. — Como nasceram as *Viagens na minha terra*. — Pedidos de Castilho, nota. — Elogio a si. — A obra que melhor o retrata. — Extractos demonstrativos. — Pintou-se no Carlos, e conheceu Joanninha. — Opiniões de Pato, de Ramalho Ortigão, e do auctor d'estes estudos. — Ainda os Hadley. — Descreve Carlos, nas *Viagens*, como se descreveu a si, no *Entre-acto*. — Frades. — Mude-se-lhe a côr dos olhos, e fica perfeito. — Pensamento de Chateaubriand. — Desculpa as volubilidades do seu heroe. — O coração predominou n'elle mais que a imaginação. — Foi o que o matou. — Carta a Gomes Monteiro. — Reabre-se a camara. — Começa a combater o governo na lei das misericordias e outras. — 'Coisa emendada pela emenda'. — 'Se isto é fallar!'— Pune Felix Magalhães de o aggredir.— Explicações attenciosas d'este.— Mais chicanas com a presidencia. — Começo do anno de 1844. — Substituição ao projecto de resposta ao discurso da corôa. — Accusação infundada. — Revolta de Torres Novas.— Scena de costumes parlamentares. — Appella para a nação e para os seus constituintes. — Suspensão de garantias, perseguições e visitas domiciliarias. — Derrota e fuga dos sublevados. — Prisões.— Garrett fica retido em casa do ministro do Brazil. — Assaltos á sua morada. — Violencias incriveis. —Violação das cartas, no correio, nota. — Carta de J. Estevão. — Novas advertencias salutares, não attendidas..... 65

IV

Sae o nosso auctor do esconderijo.— Entra na camara e reclama a palavra.— Associação para a reforma da carta. — Discurso violento. — Confronto dos minis-

tros com os de D. Miguel. — Ao duque da Terceira. — Vota contra tudo, propondo a accusação dos ministros. — Põe de vez em quando sua pedra no caminho historico. — Antes offender a camara que a carta. — Penitenciarias e pena de morte. Sophismas e remendos. A ver em que param as modas. 'É poesia'. A passarola. — Competencia da camara. — Renova a iniciativa da propriedade litteraria. — Explicações a Rodrigo. — Termo da legislatura. — *Carta aos auctores do opusculo ácerca da origem da lingua portugueza.* — Opinião sobre as differenças da lingua castelhana e da nossa. — Lopes de Mendonça, na quinta de Faustino da Gama, e o chinó de Garrett. — Recordação de 1832, a proposito da cabelleira. — Fallecimento de D. Maria Amalia de Almeida Garrett. — *Natal de Christo.* — Carta-pedidos, de Antonio Feliciano de Castilho. — Tomo I do *Arco de Sant'Anna.* — A banca e a cadeira do ministro do Brazil. — Dedicatoria. — Criticas. — Resposta de Garrett a uma d'ellas. — Protestos, no tomo II. — O coruscante, e a ode. — Carta de John Adamson, traductor do *Romanceiro.* — Seria o Bernal-Francez, Bernardo de Ventadorn? nota. — Quarta edição do *Catão.* — *Flores sem fructo.* — Outra vez as datas. — Quando lhe nasceram *'As minhas azas'*..... 99

V

Idéa de baile a beneficio dos emigrados. — Pedido de versos. — Intriga. — Carta de Garrett a Pedro Antonio Borges. — A Rossi-Caccia. — Enthusiasmo, pelos versos, que durou mais de trinta e tantos annos. — Jornal *A Illustração.* — *Metamorphose.* — *O inglez.* — *Ordem do Banho.* — *Bernal-Francez.* — *Esopo e o burro.* — *O castello de Dudley.* — *Album de um emigrado portuguez.* — *O brazileiro em Lisboa.* — Traducção hespanhola do *Bernal.* — Não era iberico. — *Os Figueiredos,* e *Guesto Ansures.* — *Memoria historica do conde de Avilez.* — *Da antiga poesia portugueza.* — *Mr. Sheridan Knowles,* nota. — Doença. — Volta á camara, e ora pelas classes pobres. — Más traducções das instituições francezas. — Grandes homens, feitos pelos ministros, ás costas da nação. — Projecto 'monstro de Horacio'. — A camara diz mais, rejeitando, do que elle fallando duas horas. — Dizeres da *biographia manuscripta.* — Preparativos eleitoraes. — Trecho de uma carta de José Passos a Garrett. — Garrett ao dr. Antonio Moniz Barreto Côrte Real. — Illusões, nota. — *Exposição de motivos e principios dos eleitores reunidos em Lisboa.* — Observação de Mousinho de Albuquerque. — Juizo de D. João de Azevedo ácerca de Garrett, no *Quadro politico, historico e biographico do parlamento de* 1842. — Mixto de verdade e mentira. — Septicismo e vaidade. — Anathema sobre o tomo I do *Arco.* — A Gomes Monteiro. — Silva Abreu a Garrett. — Fallecimento de Joaquim Antonio Garrett. — Herança, nota. — Tentativa de assassinato? Aviso anonymo. — Dito, em resposta, na *Revolução de setembro.* — Apesar de nova aggravação da doença, trabalha nas *Viagens,* na impressão começada da *Philippa de Vilhena, Tio Simplicio,* e *Fallar verdade a mentir.* — Nota, sobre esta ultima..... 127

VI

Começo do memoravel anno de 1846. — Eleito deputado, protesta na camara, que fôra o governo e a tropa e não o povo e a nação, que fizeram as eleições. — Elogio á ilha de S. Miguel. — Bello discurso ácerca das minorias e maiorias. Sophismas de invenção ministerial. A opposição não é obrigada a addir lega-

dos de erros. A ordem e a liberdade são divindades que colloca no mesmo altar. Vista retrospectiva. Triste condição do systema representativo. — É impossivel transcrever tudo. — Os adversarios taxaram este discurso de declamatorio. — Prognostico. — Repartição de contribuição directa. — Mais conselhos inuteis. — Extracto: Portugal, reino de milagre. Cria em si, era invencivel. Contaram-nos e varejaram-nos como mercancia, queimaram-se os livros da Sybilla. *Sem pão nem palavra.* — Não quizeram attendêl-o. — A nação escutava-o e meditava. — Revolução do Minho. — Anna Maria Esteves, dita 'Maria da Fonte', nota. — Mensagem, da opposição, á rainha. — É rejeitada. — A torrente fez-se rio. — Quéda do ministerio. — Procedimento da maioria. — O conde de Villa Real não consegue organisar gabinete, e é chamado o duque de Palmella. — Proclamação da rainha, assignada por Palmella e Terceira. — Encerramento das côrtes, pelo unico ministro existente. — Representação da minoria, em nome da nação. — Documentos da ex-maioria. — Nomes que assignam. — José Bernardo da Silva Cabral e o conde de Thomar. — Os novos ministros. — Nota, ácerca de Saldanha. — Garrett, pacificador. — Seus serviços. — Commissão eleitoral. — Relatorio. — Os dois methodos de eleição. Propõe o directo. — Publicação da lei eleitoral..... 152

VII

Chegada do auctor d'estes estudos a Lisboa.—Visitas no pateo do Pimenta.— Mousinho de Albuquerque e Palmella. — Interessante carta do padre Marcos.— Garrett nunca representou o papel de Mirabeau com o povo nem com a corôa.— Carta de Rodrigo, sobre a entrada no conselho d'estado. — Relações do poeta com Palmella. — Opinião sobre os poetas moços. — Carta de Palmella. — Justiça que se faz a este diplomata, nota. — Outra carta de Rodrigo. — O que tornou mais impopular o governo cabralista. — Regresso dos emigrados de Almeida. — Jantar, no theatro de D. Maria. — Discurso-brinde, de Garrett. — Saude, a Sá da Bandeira. — Espectaculo com que fechou o festim. — Reintegração no logar de chronista mór. — Carta de Carlos Bento da Silva. — Ainda o livro e as opiniões de Edgar Quinet. — *Camões e o Oriente.* — *As pêgas de Cintra.* — Graças do gavião, a certa pêga. — Reuniões a favor dos progressos e melhoramentos da imprensa. — *Neutralidade litteraria.* — 'Parecer', de Garrett, para que não haja distincção de côr politica em trabalhos de arte, de sciencia e de litteratura. — Segunda edição das *Viagens na minha terra.* — Carta á 'associação eleitoral'. — Idéas avançadas, na reforma que propõe a varios artigos. Educação do clero e manutenção do throno e da dynastia. — Outras reuniões politicas. — Carta a Silva Abreu. — Recomposição do gabinete. — Porque não se recommendaria a candidatura do poeta?..... 187

VIII

Chegada de Saldanha a Lisboa.—A historia escreve-se com documentos e não com boatos. — Nas revoluções, a acção é mais eloquente que a palavra. — Emboscada de 6 de outubro. — Hesitação de artilheria n.º 1 e de Joaquim Bento Pereira. — Patriotas á porta do castello de S. Jorge. — Ministro-capitão. — 'Á ultima hora', da *Revolução de setembro.*—Guerra civil.—Explicações proclamadas.— Documentos falsos. — Pretextos com que se invoca intervenção estrangeira. — A alliança miguelista. — D. Miguel, em Londres, nota. — Auxilio das potencias.—

Facto historico, ainda mal esclarecido. — D. Maria II, e os setembristas. — Estado da capital. — Fuga dos presos do Limoeiro. — Nota, historica. — Ministerio inglez parcial da junta do Porto. — Correspondencia do barão da Torre de Moncorvo. — Carta de Rodrigo a Garrett. — Opinião de Palmella ácerca do conde de Thomar. — O poeta não toma posição na lucta. — Porquê. — Carta do padre Marcos. — Outra, de Rodrigo. — Estylo. — *Inauguração da capella dos marquezes de Vianna.* — Allusão ao momento historico. — Depois da victoria. — Testemunho insuspeito. — Palavras do duque reinante de Saxe-Coburgo. — Periodo esteril na vida do nosso auctor. — Sua influencia nos gostos e na illustração do seu tempo. — Porque não foi mais decisiva nos costumes. — 'Astro sem luz'. — *O noivado no Dáfundo.* — *A sobrinha do marquez.* — Linda-a-Pastora. — Inscripção mysteriosa. — Carta de A. Herculano, a proposito de *D. Branca.* — Criticos. — Carta de D. Fr. Francisco de S. Luiz. — *Memoria da duqueza de Palmella.* — Ainda sobre a emboscada, nota 248

IX

A D. Helena Aranha. — Carta de Gomes Monteiro. — Resposta de Garrett, sobre a *Carta a Norton*, e ácerca do *Arco.* — *Memoria historica de Monsinho da Silveira.* — Outra carta de Gomes Monteiro, qualificando o poeta como 'principe' das letras portuguezas. — Resposta. — Porque não despegava de Lisboa. — Carta de A. Herculano, ao auctor. — Garrett na Ajuda. — Papel imposto pelo grande poeta ao grande historiador. — Bulhão Pato, e o seu livro *Sob os cyprestes.* — Passeios. — Rebello da Silva e Caldas Aulete. — O Portico, sob os arvoredos. — Ainda outra reminiscencia do jantar litterario. — Mudança para a rua do Salitre. — Jardim, e jardineira. — Pedido de flores a Gomes Monteiro. — Serões dos marquezes de Penalva. — A noite de leitura. — Garrett absorve todas as attenções nas salas. — Tomo II do *Arco de Sant'Anna.* — Retratos mal velados. — Profissão de fé, sobre mulheres. — Fallâmos grego, desde que o não sabemos. — *Necrologia de Francisco Krus.* — Carta, ácerca de Sá de Miranda e Bocage. — *Necrologia de D. Maria Midosi Mazarem.* — Fallecimento do duque de Palmella. — Commissão para se lhe erguer um monumento. — *Programma,* de Garrett. — Carta de Rodrigo. — Quéda do ministerio Saldanha, e nomeação de outro, presidido pelo conde de Thomar. — 'Lei das rôlhas'. — *Protesto dos sessenta.* — Os que faltariam hoje á chamada. — Vogal da commissão para o monumento a D. Pedro IV. — Plenipotenciario para tratar com a França a convenção litteraria. — Opiniões do *Annuario da Revista dos dois mundos.* — Grande official da Legião de Honra 248

X

Saldanha levanta o grito da regeneração, no Porto. — Carta da rainha, minutada por Garrett. — Marcha do vencedor. — Programma do novo governo. — Rapido bosquejo. — Garrett incumbido de dar as bases para a reforma da carta. — Consagração do seu pensamento. — Generosidade. — Extracto da *Memoria do barão da Ribeira de Sabrosa.* — Quatro homens, eram quatro partidos. — Acto addicional, remendo ou emplasto. — Quem o assignou. — Carta de Saldanha, nota. — Como morreram os odios politicos. — Vida nova da nação. — Honra e gloria aos regeneradores! — Porque me antecipei no juizo que fiz. — Os que rosnavam dos pagamentos em dia, nota. — Carta de Rodrigo. — Garrett faz os

decretos de reintegração do marechal, a pedido d'este. — Bello papel. — Festas que Lisboa fez a Saldanha, no theatro. — Reorganisação ministerial. — A reconciliação abrange os miguelistas. — Plenipotenciario para tratar com a santa sé. — Resumo da historia da questão do padroado. — D. José Maria da Silva Torres. — Allocução de Pio IX, e memoria, de Bartholomeu dos Martyres. — Jurisdicção ecclesiastica e bulla da cruzada. — Batalha de tres contra um. — Garrett quer demittir-se. — Carta a Bartholomeu dos Martyres. — Quando resignou o encargo. — Vogal da commissão para a reforma da academia. — Titulo de visconde de Almeida Garrett. — Membro da commissão da lei eleitoral. — Da reorganisação dos serviços. — Do conselho ultramarino. — Dos caminhos de ferro, nota. — 'Faz tudo' ou 'pau para toda a obra'. — Recomposição. — Noticia, da *Revolução de setembro*. — Carta a este jornal. — Receio dos *amigos*. — Explicações de Saldanha. — Ditas de Rodrigo. — Porque quiz o titulo. — As duas vidas. — Opposição da rainha. — Extracto de outra carta de Rodrigo. — Dito, de outra, a Garrett. — Residencia em Belem. — Ministro sem pasta, e sem proveito. — Idéa de crear um jornal..... 276

XI

Tomos II e III do *Romanceiro*. — Carta do poeta. — *Historia politica de los trovadores*, nota. — Primeiros apontamentos. — Redactores da *Regeneração*. — Porque se despedem. — A entrada de Rodrigo para o ministerio irrita muita gente. — Porque não vinga o projecto jornalistico de Garrett. — Lei sobre misericordias. — Ordem regular para as missões ultramarinas. — A mais pomposa das homenagens. — Quem a escreveria? — Deputado pela Beira. — Projecto de resposta ao discurso da corôa. — Pariato. — Continúa a exercer o logar de deputado. — Immerecida reputação de preguiçoso. — O que se devia entender por 'urgente'. — Discurso-historia do acto addicional. — Poder legal da camara para a reforma da carta. — A união dos partidos não é uma chimera. — Exordio da resposta de Rebello da Silva. — Membros da commissão central. — Já ministro, toma assento na camara dos pares. — Proposta de Mendes Leite. — Brilhante oração de Passos Manuel. — Outra, de Rodrigues Cordeiro. — Censo. — Fontes, reputado já então dos mais habeis parlamentares. — É approvado o acto addicional. — Extractos de duas cartas do bibliothecario de Braga. — Odio á letra redonda, n'este paiz de barbaros. — Carta de Garrett a Silva Abreu. — Resposta edificante. — Hoje podem carpir-se com rasão os homens de letras, porque já não ha Garretts que os desaffrontem..... 306

XII

Como se recompoz o ministerio. — Garrett nos conselhos da corôa. — Condições que lhe faltavam para conservar a pasta. — O poeta na secretaria. — Teria ficado melhor no reino ou na marinha. — Nos estrangeiros não havia emprêgo para os seus talentos. — Idéa de restaurar a ordem de S. Thiago. — Credito da magistratura portugueza. — Parecia-lhe melhor que tivessemos feitores commerciaes, em vez de consules. — O deputado *dandy*. — Baliado de Malta. — Falla com nobre altivez de si e dos seus pergaminhos, para corrigir a aggressão. — Os consules portuguezes. — Depois do serio o burlesco. — Noticia da ordem do Sepulchro. — Réplica do aggressor. — Bulhão Pato descreve a 'execução', nota. — Carta de Rodrigo. — Informações da côrte de Madrid. — Apontamento

de Garrett, ácerca da tentativa de revolucionar a ilha de Cuba. — Bem informado. — Como certos sujeitos fazem carreira. — As calças do poeta, em conselho de ministros. — A casaca de lemiste. — Quer fazer de um official de secretaria seu alfaiate. — Notas sobre encommendas de Londres e arranjos de sinetes. — Retrato um homem e não um deus. — Como elle achou o segredo de dar que fazer aos agentes diplomaticos. — Correspondencias dos ministros dos negocios estrangeiros com os seus empregados nas missões. — Grão-cruz da ordem da Rosa, do Brazil; Nichan Iftiar, da Turquia; grão-cruz de Leopoldo, da Belgica; dito da Estrella Polar, da Suecia; balio e grão-cruz de S. João de Jerusalem. — Queria metter tudo n'um sinete. — Armas, nota. — Trajo matinal. — Artigo, de Mendes Leal, que o assanhou sem rasão. — A leitura. — Pedido de resposta. — Como o auctor conciliou os desunidos. — 'Casa dantesca'. — Rebello da Silva e o seu casamento. — Garrett, ministro, não se dobrava a empenhos. — Alguns dos seus actos ministeriaes. — Sua saida do gabinete. — O decreto de demissão, nota..... 329

XIII

Casa sobre o arco, em Belem. — Minha ida ali, quando vim do Porto. — Fechámo-nos no seu quarto. — Leitura da *Carta dirigida ao sr. encarregado de negocios de França em Lisboa, pelo sr. visconde de Almeida Garrett ultimamente ministro dos negocios estrangeiros, em Portugal.* — O que é a convenção. — Como começaram as negociações. Porque quiz dar-lhe rapido andamento. Compulsa e faz compulsar os documentos pelos empregados superiores da secretaria. Não houve segredo nem reserva. Faziam-se as conferencias com o ministro francez, na repartição, assistindo o official maior. Não levou o negocio a conselho de ministros, porque nada tinha com a politica ou com a administração geral do paiz. Não admitte favores especiaes. Suspendem-se por isso as conferencias, para o delegado francez fazer aquella declaração ao seu governo. Recomeçam. Convoca o director da alfandega, que vem assistir ás discussões. Concluida a negociação, tiram-se cópias, sempre sem o menor sigillo. Não queria assignar como negociador. Porquê. Resolve assignar. O pleno podêr não é mais que formulario. Porque não foi á assignatura real e mandou os papeis a Rodrigo. Devolve-lh'os este sem assignatura. Considerações irrespondiveis. Hypocrisia pharisaica. Accusações absurdas. Porque deu a demissão. Mais reflexões que esmagam os inimigos. Porque escreveu esta carta. Conclusão. — A historia fará justiça a quem a tiver. — Mentiu, a respeito do paço, por dignidade e vergonha. — As côrtes dos reis. — Esclarecimentos. — Correspondencia de Jervis, para França, ácerca do tratado. — Voto do ministro de Napoleão, a favor de Garrett. — Jervis assignou depois a convenção, tal qual a fez o poeta. — A questão era sobre quem receberia a gran-cruz! — Ameaças ao agente portuguez em França, por não querer expor por escripto, ao governo da republica, os motivos da demissão do seu ministro. — Vergonhosas e inacreditaveis confissões de Jervis, sobre a convenção litteraria. — Falsidades provadas, nota. — Sudario de miserias. — Ponto em que parece ter rasão o successor de Garrett. — Porque não vulgarisei a carta d'este. — Carta a Bernardino Martins, e artigo para os jornaes. — Historia atroz de 3:000$000 réis. — Rompimento com Rodrigo. — Resposta a um critico, nota. — Ainda a idade do poeta. — Mais infamias e infames. — Tentativas de reconciliação. — Duas cartas de Rodrigo. — O dia do castigo..... 358

XIV

Volta á camara.— Sua posição ali.— Trabalhos no conselho ultramarino.— Não basta a patria aos que são reivindicados da escravidão. — Pezames á imperatriz. — Demitte-se de plenipotenciario das negociações com Roma. — Segunda edição da *Lyrica*. — Primeira e segunda das *Folhas caídas*. — Prefacios. — Malicia da lingua portugueza. — O soneto. — *Ultimos versos*. — Prologo. — Successo extraordinario do livro. — Accusações. — Só se vêem os erros d'elle e não os dos outros. — Porque não se lhe ha de perdoar? — Alexandre Herculano sentenceia as *Folhas caídas*. — Putiphares de má morte. — Carta de Garrett ao auctor. — Equivocos de Innocencio. — Parodias. — Cerberos de moral turva. — Lava-se n'uma nota a roupa mais suja. — Effeito dos versos nas salas. — Revolução nos habitos de Garrett. — Collete de floripondios. — *Ignoto deo* á cabeceira do enfermo. — Scena. — Devia ser perdoado, pelo muito que amou. — Tribunal secreto, depois da sua morte. — Exame das correspondencias. — A mala real do amor. — Restituição das missivas. — Porque e quando as li. — Juizo sobre essas cartas. — Garrett succumbiu ao poder invencivel da belleza intelligente. — *Ella* sacrificou ao meio em que vivia. — Peço em vão as cartas do poeta. — Queimaram-se?! — Paradoxos. — A memoria d'esse amor não se extingue. — Seriam as cartas realmente destruidas? nota. — Volta-se ás *Folhas caídas*. — O poeta transformava em flores tudo que tocava. — Realismo é isto. — Porque não fazia versos assim á mulher castamente amada. — Outras composições do mesmo livro. — Retoma-se a historia politica. — Falla sobre diversos assumptos. — Pede que se ensaiem as leis, como na Inglaterra. — Dissolução da sociedade dos actores do theatro de D. Maria. — Ribeiro de Sá, commissario regio, e o conselho dramatico. — Ida a Belem, em commissão conspiradora. — Passeios por defronte de certas janellas. — Renúncia que custou a obter. — Ribeiro de Sá, despeitado. — Deserções, e decadencia do theatro. — Entrada de D. Maria Adelaide para as Salesias. — Cartas de Garrett a sua filha. — Admiravel retrato do homem e do pae. — Curso de educação e de amor paterno. — Injustiça dos que o accusaram de reaccionario e de amigo dos frades 392

XV

Helena, derradeira palavra do escriptor. — Não houve outro maior no seu seculo. — Trechos que podem applicar-se-lhe. — Em quem deve pensar o auctor dramatico, quando escreve. — Spiridião Cássiáno di Mello i Mattôss. — Idéa de um continuador da obra do mestre. — Seus habitos e costumes, nos ultimos tempos de vida. — Comidas e bebidas. — Trabalho. — Caneta e penna das *Folhas caídas*, nota. — Descansava, olhando para os mostradores das lojas de modas. — Reuniões, em casa do auctor d'este estudo. — Folhetins. — Epiphanio e a passarola que esguichava lume por todos os buracos. — Leituras. — Prologo da *Prophecia*. — O actor Correia. — Os meus moveis e a escolha dos meus livros. — Rasão por que eu lhe fugia. — Tabernas celebres. — As 'Covas de Salamanca'. — Gallego fritador. — Enthusiasmo, em estylo biblico. — Leituras, para dormir. — Passeio, sem gravata. — Encontro. — Fallecimento da rainha D. Maria II. — Causas que actuaram no seu procedimento, como reinante. — Suas virtudes. — El-rei D. Pedro V. — Primeira regencia de el-rei D. Fernando. — Circumstancias que a tornaram auspiciosa. — Homens illustres. — Excerpto do *Funeral e a pomba*, de João de Lemos. — A paraphrase, nota. — 1854. — Companhia de colonisação para Mo-

çambique. — *Relatorio e projecto de lei sobre conventos de freiras, e Relatorio e bases para a reforma administrativa.* — Lacunas, nota. — Discurso sobre o estado da administração pública. — Faltas, nas suas últimas orações contra Rodrigo. — Medo de alguns ministros. — Jervis, que particularmente dizia mal d'elle, para França, elogia-o em público! — Falla de Rodrigo, contra Garrett. — Resposta do aggredido. — Ultimo discurso politico de importancia, em que pune cruelmente o ministro do reino. — Mais lacunas, nota. — Descripção do effeito d'esse discurso, por Bulhão Pato, nota. — Failou ainda algumas vezes, mas a sua carreira parlamentar estava terminada 426

XVI

Fim da vida pública e litteraria de Garrett. — Principia-se a instaurar o processo do seu julgamento. — Os dois escriptores que hombrearam com elle. — Não pretendo retratál-os. — Alguns traços das feições dos tres: Garrett — Castilho — Herculano. — Differenças entre elles. — Castilho não igualou os dois. — Porquê. — Equipara-se aos outros, por equidade. — Qual é realmente maior de todos. — Um critico diz de Herculano o que só póde dizer-se de Garrett. — Parallelo absurdo com Camões. — Cegueira. — Quem introduziu o romantismo, e reformou a litteratura portugueza. — Prova-se que não foi Alexandre. — Logar que pertence a este. — Seus trabalhos sobre os foraes; não o defendeu o critico das injustas accusações que então lhe fizeram, nota. — Hoje toda a admiração é para Herculano, e acintemente se esquece Garrett. — Longa nota, sobre as homenagens prestadas até hoje ao immortal poeta: Tentativa de subscripção para um monumento. — A mesma idéa, no Porto. — Opinião de Camillo Castello Branco. — Protesto do auctor. — Commissão para os bustos de Garrett e Epiphanio. — Faz-se o d'aquelle, sem chinó. — Noticia da assignatura do contrato. — Inauguração. — Erros de epigraphia. — Desapparece e reapparece o... busto. — Inscripção na casa onde falleceu o mestre. — Requerimento para a 'rua Garrett'. — A commissão da camara. — A imprensa. — Parecer. — Carta de *um lisboeta*. — Resposta, e adiamento da publicação d'ella. — Nomes postos por idiotas. — Como se acolhe a idéa, que não é nossa ou dos nossos. — Reluctancia do governador civil. — Papeis que escrevi, inutilmente. — Lojistas intelligentes. — *Chiadores*, que pedem Camões. — *Rira bien qui rira le dernier.* — Repuxa o enthusiasmo camoneano. — Homenagens aos ossos das freiras e dos sapateiros. — Nova commissão, depois da farça, que faz obra séria. — Momento da crise admirativa. — Victoria. — O edital. — Reforço, dois annos depois. — Imprensa-Chiado. — Unico escriptor que me applaude. — Resumo, das provas de respeito ao morto illustre. — Onde elle deve repousar. — Fim da nota. — Porque lembram os politicos Herculano, e esquecem Garrett. — O que será d'aqui a trezentos annos? — A injustiça dos contemporaneos dura apenas momentos, na contagem dos seculos. — O que vale a critica da sem-rasão. — Não é ella que decreta a immortalidade. — Applaudam, barbaros! — Carta, a Sousa Lobo 458

XVII

La literatura portuguesa en el siglo XIX, por D. Antonio Romero Ortiz. — Opiniões absurdas. — Pareceres de G. Veggozzi Ruscalla, Pereira da Silva, e Fernandes Pinheiro. — Segundo Ortiz, deviam ser queimadas as *Folhas caídas!* — Critica em Portugal. — Rasão, e falta d'ella. — Ainda Garrett e José Estevão. — Equivoco.

ácerca de classicos e romanticos. — Testemunhos numerosos que eu podia oppor a dois ou tres votos parciaes. — Limito-me ás opiniões de alguns portuguezes.— Desfilar solemne dos que depõem n'esta causa, em nome da verdade e da justiça. — José Maria Latino Coelho. — Camillo Castello Branco. — Manuel Joaquim Pinheiro Chagas.— Antonio da Silva Tullio.— Antonio Pedro Lopes de Mendonça. — José da Silva Mendes Leal. — I. F. Silveira da Motta. — Dr. Theophilo Braga. — Luiz Augusto Rebello da Silva. — Raymundo Antonio de Bulhão Pato. — Antonio Pereira da Cunha. — Antonio Feliciano de Castilho. — Confissão do processado. — Não bastará, para convencer de seu erro os que comparam Herculano a Camões? — Sobre a cabeça do último sobrevivente accumulou-se a admiração, que d'antes se repartia por tres. — Derradeiras reflexões ácerca dos trabalhos de Herculano e dos de Garrett. — Porque não será este tão universalmente conhecido como Camões. — A outro critico, a proposito do que chamou *sensiblerie* de Garrett, nota. — Identidade de sentimentos e intuitos entre o auctor de *Camões* e o dos *Lusiadas*. — O que coube a cada um. — Estrophe de Paulina de Flaugergues, a respeito de ambos. — Parallelo do nosso auctor com Ovidio e com Cicero. — Eschynes e Demosthenes. — O que foi João Baptista de Almeida Garrett em todos os ramos da litteratura.— Nota, sobre a oração funebre de Manuel Fernandes Thomás..... 498

XVIII

Retoma-se a historia do homem particular.— Rodrigo Xavier de Almeida Garrett, e seu irmão Thomás.— Correspondencias de familia.— A tourada. — Projectos intimos, que não vingaram.— Arrendamento de casas, na rua de Santa Izabel, e na da Junqueira. — Noticia d'esta última. —Vida simples do poeta, no campo ou nas praias. — Mudança, e aguas-furtadas da casa de Lisboa. — Na rua dos Fanqueiros e na pagadoria de marinha. — Almoço de inauguração. — *Prophecias do Bandarra*. — Pedido de uma comedia para se representar com o *Odio de raça*. — O 'joven' de Alexandre Herculano. — Scena com o algarvio. — Estylo. — Gabarolices comicas. — Creados. — Phrases, pela troca dos sapatos.— Therezinha.— Carta ao auctor.— Bilhete, ao mesmo.— Outro.— Na Junqueira.— Leituras e recitações. — A *Cabulogia*. — Pasmo do parodiado. — Diz ter escripto a comedia pedida. — As madrugadas. — Planos de futuro. — *Historia da restauração*. — Honra-me com o convite para seu collaborador. — Modêlo escolhido.— Parallelo com Lamartine. — Bases do trabalho. — Materiaes para a obra, e capitulos já redigidos. — Queimou-os ou furtaram-lh'os? — Foi sem dúvida vencido pela generosidade da sua bella alma. — O que escrevêra na *Memoria da duqueza de Palmella*..... 523

XIX

Porque falla o auctor dos seus vinte e sete annos.— Carta de Garrett, sobre este assumpto. — Outra, do mesmo, ao mesmo. — Braguez 2.º — Arvoredos hyperboreos, pintados pelo creado de Boreas.—Ainda a lhaneza e affabilidade do poeta.— 'Aquel'homem das pintas'. — O romantico do balandrau pardo. — Tumulo de Fielding. — Historia dos sapatos de baile. — Consequencias. — Molhadella funesta. — Recaída. — Cigarros e charutos. — Rapé e a 'caixa das execuções nota. — Quem ha de valer agora ás obras, de Santa Izabel! — *Eureka!* — Manuel José Gonçalves. — Outra vez a minha casa. — Interessantissima carta, de

Garrett, ácerca dos arranjos da sua última residencia. — Nova serie de apontamentos. — Luctas de Gonçalves com operarios e mestres. — Carta, em que o doente se dá por melhor, sem o estar. — Boa alma. — Outra carta, ao auctor. — Data errada, nota. — *O conde de Novion.* — Ignoro quando foi composto, nota. — Descripção do manuscripto, nota. — Auctorisação dos herdeiros, para se imprimir *Novion, Lucrecia,* e *Magriço,* nota.— Bellezas, e defeitos da comedia.— Representação: como foi recebida, e retirada da scena. — Sobre o modo por que Garrett compunha. — Reproducções ou *fac-similes.* — Caracter da sua letra. — Porque se falla ainda nas *Folhas caídas.* — Datas curiosas. — Ditas, que se contradizem. — Porquê. — Os sete peccados mortaes e os seus sete principaes namoros. — Confirma-se que o amor o impediu de ser padre. — As tres irmãs inglezas, das *Viagens na minha terra.* —Versos italianos. — Pensamentos. — Proteo amoroso. — Não póde haver unidade n'este trabalho. — Mais duas cartas, a Gonçalves, por causa das obras da casa. — Portador para a Junqueira. — Carta ao auctor. — Dita, a Gonçalves. — Evitavamos apparecer-lhe. — Explica-me, por escripto, que 'umas senhoras suas vizinhas' se encarregam de substituir Gonçalves, arranjando eu os livros e papeis. — Mostro a casa a uma das ditas senhoras. —Nova epistola, a Gonçalves, cheia de justas lamentações. — Coisas de linguagem, nota. — Recado, para mim, a proposito da pretalhada. — Meus negocios da marinha e da bulla. — Antonio Pereira Lima, e visconde de S. Januario, nota. — Como se accenderam os fogões. — Arrumação dos livros e papeis. — Classificações de Garrett, nota. — Discussões e estudos, sobre a maneira de collocar os moveis. — Jardim: Revejo um pinheiro, em bancos, nota. — A pitangueira. — Cocheira, cavallariça e palheiro. — Os machinhos. —Vertigem do auctor. — Última carta, escripta da Junqueira..... 552

XX

O traste X. — Solução do problema. — Noticia da casa onde falleceu Garrett. — Mobilia. — A cadeira abbacial, nota. — Livraria. — Estojo historico. — Diplomas, nota. — Armario, guarda-fato. — Usava condecorações, porque 'estava na berlinda'. — Malta e o Turco. — Seu gôsto e conhecimento das artes mobiliarias. — Compras de objectos antigos, que restaurava ou transformava. — Seus haveres. — Nunca converteu o valimento em 'legitimas consequencias'. — Conseguiu pôr casa elegante e confortavel, por saber governar-se. — Errada opinião que d'elle fazia muita gente. — Sagacidade de observação. — Aprendia, até quando ensinava. — Roes de despeza. — Devem-se cumprir todos os deveres, e não desprezar nenhum direito. — Por que me alonguei nos promenores. — El-rei D. Fernando e Garrett foram, em Portugal, os restauradores do gôsto mobiliario e ornamental. — A Inglaterra conserva armada a nau *Victoria,* que vale centos de contos, em memoria de Nelson; e Portugal não teve coração para dar vinte ou trinta, pela casa mobilada, em que falleceu Garrett. — Inutil citação de exemplos historicos. — O marinheiro e o poeta. — Porque escolheria a casa? — Ultimos retoques, nas arrumações. — Ninho feito, pêga morta. — Regresso. — Impressões. — Sua situação, ao recolher-se á cama. — Sae D. Maria Adelaide das Salesias. — Creados. — Familia. — João de Lemos, seu parente, nota. — Companhia. — Alcateia de ladrões e patifes. — D. Jeronyma Deville, e os seus 'rabos de palha'. — Como íamos caindo segunda vez no opprobrio de deixar morrer ao desamparo o maior dos nossos poetas. — Não tinha quem lhe désse um caldo. — Megéra. — Os amigos. — Ainda *ella.* — Cartas, que não se queimaram, nota. — Reforço-me com duas irmãs de caridade. — Pedido singular de dinheiro, nota. — Gostava de

novidades e de chocalhices. — Sobre a visita de Herculano. — Diminue a concorrencia dos que íam saber do seu estado. — 'Ah! mundo enganador!' — Ridicula questão theatral, em que me manda 'metter a viola no sacco'. — Anecdotas: Gáápi, gáátú! Prócoro. — Riso e pena 599

XXI

O dr. Barral. — Dr. Pulido. — Auscultação. — Sacerdocio medico. — Prognostico. — Quarta edição do *Camões*. — As novas notas: restauração da torre de Belem; limpeza da igreja dos Jeronymos; vandalos remendões; convento do Carmo; *Catherine d'Ataide*. — Estylo *mamelinho*. — Façam com que seus restos se traslademe para o templo de Belem. — Carta de empenho, escripta trinta e tres dias antes de fallecer? — Vesicatorios. — Esfriam-lhe e incham-lhe os pés. — Costella de S. Gonçalo. — Espectaculo unico e inolvidavel. — Não ouso affirmar se elle teria consciencia do seu estado. — Unica vez em que fallou na morte. — Como se lhe desafinavam os nervos. — 'Zoar na carvalheira'. — Discussões para distrahil-o, em que elle tomava parte. — *Ave, Cæsar*, de Mendes Leal. — *As minhas azas*. — Primeiro rebate da morte, e primeira confissão. — Vae peiorando. — O capellão das Salesias. — Segunda confissão. — Enthusiasmo e assombro do confessor, que se enternece e humilha ante o penitente. — *Passeio de sete mil leguas*, por Francisco Maria Bordallo. — Noticia da *Imprensa e lei*. — Funesto acaso. — Outra noticia, que não produz effeito. — Terceira, e última de que lhe dei conhecimento, igualmente inutil. — Posição em que estava, na cama. — Parecia-se agora com o retrato tirado oito annos antes. — Nunca lhe doe a cabeça, mas já não supporta o ruido dos trens. — Areia, na rua. — Ayres de Sá Nogueira, nota. — Longas horas de silencio. — Como ía morrer. — Os cypprestes vizinhos. — Barral avisa que nos preparemos. — A communhão. — Exemplo sublime. — Sente-se quasi bom. — Que esperaria ainda?! — Palavras suas. — Porque não me fallaria da filha?! — Pensava talvez n'um milagre. — Conferencia medica. — Mais noticias da *Imprensa e lei*. — O dia 9 de dezembro. — Meus presentimentos e terrores. — Chegada á presença do enfermo. — Penultimo dialogo. — Foge-lhe a vista. — Fôrça que o puxa. — Os versos de Gray. — Derradeira phrase. — *Consummatum est*. — Certidão de obito, nota 637

XXII

Velâmos o morto. — Testamento. — Disposição nulla. — A viuva entra na meação da herança. — Inventario, e autos, nota. — Administrador dos bens, nos Açores, nota. — Sobre a carta de legitimação. — Restituição de tres moedas. — Sae D. Maria Adelaide. — D. Pedro pede-me que fique. — Mudança do corpo. — Vou vêl-o ainda. — Palavras do padre Vieira. — Versos de Job. — Destruição do ninho. — Objectos que escôlho. — Ramo, das flores que elle amou. — Beca, e não fardas bordadas. — Dou-lhe o último adeus. — Artigo de Mendes Leal, nota. — Quando entro em minha casa. — Meu artigo, nota. — Em casa de D. Pedro do Rio. — Officios e funeral. — O tumulo de emprestimo, e a certidão da camara, nota. — Discursos. — Bellissimo trecho de eloquencia, de Rebello da Silva, nota. — A idéa final, desprezada pelo governo. — O enterro, por Luiz de Vasconcellos, nota. — Todos os jornaes portuguezes, e muitos estrangeiros fallaram do fallecido, nota. — Artigo de Ricardo Guimarães, hoje visconde de Benalcanfôr, nota. — Quem podia levantar o sceptro da eloquencia. — Homem que não fez

nada. — O 'cynismo da perversidade'. — Eu não fui ao cemiterio. — Chega-se ao epilogo d'estas *Memorias*. — Dúvidas, e protesto do auctor. — Com que intuito escreveria? — A divida não era só minha; era, principalmente, da nação. — Recapitulação. — Parecerá superfluidade insistir sobre a sua influencia. — O que elle fez. — A politica, favorecendo em parte a sua obra, prejudicou-a no todo. — Porque não teve maior acção. — Os seus escriptos são talvez mais ainda para o povo do que para as classes elevadas. — Nenhuma producção do espirito póde viver senão pela perfeição da fórma. — Com as suas creações formava o caracter dos liberaes. — A sua leitura, remoça-nos. — Pensava os melhores discursos. — Porque fallou mais vezes de improviso. — Imitava Cicero em tudo. — Triplice incarnação. — Não transigiu com a tyrannia. — No seu genio nunca houve decadencia. — Porque se occupou d'elle a maledicencia. — Ainda a sociedade em que viveu. — Conservou-se pobre, virtuoso e crente, no meio dos devassos. — Rasão porque a sua obra não operou tambem a transformação moral. — Os nevoeiros jámais apagam o sol. — Diligenciei seguir Plutarcho. — Aspirou mais a ser util ao paiz do que a si proprio. — 'Depois da morte vem a justiça'. — Palavras de Walter Scott. — Gloria ao seculo de Garrett! — Fim 665

Planta, do logar do jazigo 704

Nota dos *fac-similes* (depois do indice).

Reproducções autographicas (idem).

ERRATAS

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
4	13	[illegible]	este
38	10	sube	soube
65	4	mulher do traductor. —	mulher do traductor nota. —
78	5	duas	tres
86	28	da alma	d'alma
86	18	Raskzinski	Rackzinski
131	21	se publicaram	e se publicaram
190	35	tomára	tomou depois
193	29	e e por	e por
225	29	proscatinaram	procrastinaram
236	14	*Flores sem fructo*	*Folhas caídas*
263	23	alcaides mores,	alcaides-mores
281	12	da morte	de morte
310	12	foi fundar a *Reforma*	entrou para a *Reforma*
345	30	nova serie	outra serie
347	34	não tratam senão	quasi que não tratam senão
393	6	A a idade	A idade
443	24	mancebos	homens
453	29	Vem no tomo	Nem no tomo
489	33	ignorava a verdade	ignorava talvez a verdade
545	28	*Genus*	*genus*
550	4	importancia.	grande importancia.
619	1	oradores	escriptores
643	4	digno	merecedor
646	1	os secretos	nos secretos
»	2	e surprehendi	e o surprehendi
677	12	passado	supportado
698	12	De 1842	De 1841

FAC-SIMILES

1.º Plano da biographia de Garrett, como elle queria que a fizesse o auctor d'estas *Memorias*.—Veja-se tomo I, pag. 19, nota; e pag. 21, nota, a proposito das emendas do anno em que nasceu. Escripto em fevereiro ou março de 1852.

2.º Ultima carta que dirigiu a F. Gomes de Amorim, em 14 de outubro de 1854, cincoenta e seis dias antes de fallecer, ácerca das obras da casa.—Veja-se pag. 577 e 588, d'este volume.

3.º Primeiras quatro strophes de *O anjo caído*, peça V das *Folhas caídas*, primeiro borrão, de janeiro de 1846.—Vide pag. 577 e seguintes d'este volume.

4.º Primeiras quatro strophes de *Os cinco sentidos*, n.º XVI das *Folhas caídas*, copia correcta para a imprensa. A composição é de 16 de agosto de 1847.—Vide pag. 577 e seguintes d'este volume.

5.º Ultima pagina litteraria que escreveu. É da primeira scena da comedia *O conde de Novion*, e acaba na palavra «salvar». Meado de setembro de 1854.—Veja n'este volume de pag. 577 em diante.

C. Constitution
— Litterature:
ibus. — The
— Tran
Esq. under

5th. — Letter on
de 1841. — o
vin. Public
on 1847 Pa

6th. — ~~Commission~~
Regency
an Majt. fm

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Sabbado — 14.

Meu amo. — Creio q. vai em mto. mau momento esta carta, e q. o vai encontrar cheio com os complicados negocios da grande batalha de 2ª. — Mas não tenho remedio senão importuna-lo — e com cuidado. — Eis aqui o objecto. O Dr. empurra-me daqui, e q. q. eu vou p. Sta Isabel. Encreio q. o meu bom amo Gonsalves está doente. Não tenho novas d'elle, nem me responderam ás mts. ultimas cartas: está doente de certo: e Dr. q. q. não seja com de cuidado! Ignoro o estado das obras, e só sei q. informações avulsas q. estão adiantadas. Não

lei sem propor tomar
deliberação alguma, e
disso ficou a ser
favor. Diga-me se conhece
o coronel Gonçalves até
daqui. E se inteligente
afinal é, diga-me de
mim parte — (mas hoje
mesmo) que como os agen
tes vizinhos, eu tenho a
bondade de se interessar
por mim deste lhe aquela
tomarão a desagradável
e secante tarefa de
o substituir nos seus
impedimentos ordenando
o que falta fazer e dirigindo
a terminação das obras.
Eu não quero nem quero

auctorisar coisa alguma
que ~~ex~~ surpasse no mi-
nimo ponto a geral
e absoluta delegação
que tinha transmittido
ao nosso am.º — Mas
a estação adiantou, o
frio começou, e o D.º nisto
dizendo — é preciso
tomar um arbitrio.
Ha uma coisa porém
— senhores, não podem
fazer; e é só o nosso
Gonçalves — ou o meu
am.º podem fazer — é
o arranjo dos livros
e o das caixas de papelão
— cartões — pt. os papeis

Dito não pode incarregar-se q.ª não compulsar bem os q. são livros e papeis. — Nesta parte da procuração só o snr. Amorim pode substituir o snr. Gonsalez

Veja de arranjar isto q.ª chamd. — e sabe tudo dizem alguma coisa a esta parte interessa q. aqui está sem saber q. hade fazer disso. Ad.ª tenha paciencia — summa em appareceu outra carta do C. Alm.da Sarrett

Inf. 46

2

O anjo caído

1 Era um anjo de Deus
1 Que se perdeu pelos céus
2 E ~~[illegible]~~ terra a terra voou
2 - A sete é lhe cuidar
~~Em a sete é~~
3 Partia do ano trazia
2 Pôs-se pensos é cuidou
3 Voou com penas d'amor.

1 O anjo cahiu ~~[illegible]~~
1 E ao ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~
2 ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
3 ~~[illegible]~~ Cahiu pensativo
2 Por entre valles de dor
3 Sobre pensando e cuidando

4ª

1 ~~[illegible]~~ Vi-o, o anjo dos céus
1 Lá lá abandonado de Deus
2 Vi-o n'uma tristeza
2 Que o mundo chama alegria
3 ~~[illegible]~~ Vi-o a terra do pesar
2 Chorar em labios é cantar
3 E o lagrymar beber

1 Vinguem-nos, ó anjos
1 Em ou vos é conhecer
2 Em é jóia perfeita
2 Que nos dessem de saber
3 Em é n'uma esperança
2 Que fim vir inteiro
3 Lamento ai! Cantemos!

agosto 16
47

Os cinco sentidos.

---

ver

São bellas — bem o sei, essas estrellas;
Mil côres — divinaes teem esses flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti... a ti!

ouvir

Lyrios — sim, sim sera a voz que affina
Amorosa — na vivagem doce, umbrosa;
Terna; mas ou do rouxinol que trina
Não ouço a melodia;
Em sinto outra harmonia
Senão a ti... a ti!

Respira

cheira

Respira — n'aura é cheio as flores, gyra
Celeste — incenso de perfume agreste:
Sei, não sinto. Minha alma não aspira
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti... de ti!

---

gosto

Formosos — são os homens saborosos,
É um vinho — de nectar o racimo;
E eu tenho fome e sede.. sequioso,
Tamanho meu desejo,
Estão... mas é de beijos,
É só de ti... de ti!

palpar

Maria — deus a rosa lugidia
Do leito — o perfeito enguedado:
Mas q. aqui de ti, juro poderia
Sentir outras caricias
Tocar n'outras delicias
Senão a ti... a ti!

Fernand — Mais vous avez [illegible] et [illegible]

~~[illegible]~~

Joan

Mr. Gulot.

Christ

Vous ~~dites~~ êtes, en quelque chose
vous avez, j'ai, mais vous avez
le mais, mentir?

Joan

Quoi? Or, Sauvage? Comme un
[illegible] voleur. Pardon,
[illegible] je comprends je vous
[illegible] [illegible] de voleur. [illegible]

Minuit, cuidado que os outros
olhos não reparem, tenho medo
disso que sigam muito de perto
os voltados.

Coutinho

Entrou um bebe no seio cuja
de fumo tem que tem offerecer tanto
e que se quer mostrar. Ele
pri hung que me conforta. Dá pra
que theorem a tinta a certo ponto o
valor.

OBRAS DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM

VERSOS

Cantos matutinos – 3.ª edição – 1 vol., 8.º de 426 paginas.
Ephemeros – 1 vol., 8.º de 424 paginas.
A flor de marmore, poemeto, in 4.º de 30 paginas.
Hespanha-Murcia – folh. 8.º de 15 paginas.
Á glorificação de Calderon de la Barca – in-folio, 20 paginas.

PROMPTOS PARA ENTRAR NO PRÉLO

Derradeiros cantos – 1 vol., 8.º
A idéa velha, poema em dez cantos – 1 vol., 8.º

THEATRO

Ghigi – 2.ª edição – **A prohibição** – 1 vol., 8.º de 367 paginas.
Odio de raça (drama, descripções de viagens e costumes do Brazil) – 1 vol., 8.º de 365 paginas.
A abnegação – **A viuva** – 1 vol., 8.º de 334 paginas.
Figados de tigre – 1 vol., 8.º de 305 paginas.
Aleijões sociaes – **O casamento e a mortalha** – 1 vol., 8.º de 413 paginas
Os incognitos do mundo – **Os herdeiros do millionario** – 1 vol., 8.º de 340 paginas.
O Cedro Vermelho (drama, narrativas e descripções do Brazil) – 2 vols., 8.º de 257 e 298 paginas.

PROMPTOS PARA O PRÉLO

A independencia das mulheres – **Bom fructo mal sasonado** – **O baptisado** – 1 vol., 8.º
Historia de um enforcado – **As rosas de cera** – **O feriado no collegio** – 1 vol., 8.º
Dom Sancho II – **O caso estupendo** – 1 vol., 8.º

ROMANCES

Os selvagens (costumes do Brazil) – 1 vol., 8.º de 309 paginas.
O remorso vivo (continuação dos **Selvagens**) – 1 vol., 8.º de 317 paginas.
Fructos de vario sabor – 1 vol., 8.º de 348 paginas.
Muita parra e pouca uva – 1 vol., 8.º de 409 paginas.
O amor da patria (maritimo) – 1 vol., 8.º de 451 paginas.
As duas fiandeiras (costumes minhotos) – 1 vol., 8.º de 390 paginas.

ESCRIPTOS HUMORISTICOS

Diccionario de João Fernandes – 1 vol., 8.º de 320 paginas.

A CONCLUIR

Memorias e viagens – 8 vol., 8.º